

SERIE S.º - BRASILIANA
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS:

- | | |
|--|---|
| <p>1 -- Baptista Pereira: Figuras do Império e outros ensaios.</p> <p>2 -- Pandiá Calogeras: O Marquez de Barbacena.</p> <p>3 -- Alcides Gentil: As Idéas de Alberto Torres.</p> <p>4 -- Oliveira Vianna: Raça e Assimilação.</p> <p>5 -- Auguste de Saint-Hilaire: Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a São Paulo (1827) -- Trad. e pref. de Affonso de E. Taunay.</p> <p>6 -- Baptista Pereira: Vulvos e episódios do Brasil.</p> <p>7 -- Baptista Pereira: Dilectores de Ruy Barbosa.</p> <p>8 -- Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil.</p> <p>9 -- Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil.</p> <p>10 -- Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro.</p> <p>11 -- Luiz da Câmara Cascudo: O Conde d'Eu.</p> <p>12 -- Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe.</p> <p>13 -- Vicente Ilhéu Cardoso: A margem da Historia do Brasil.</p> <p>14 -- Pedro Colman: Historia da Civilização Brasileira.</p> <p>15 -- Pandiá Calogeras: Da Regeneração à queda de Itagua.</p> <p>16 -- Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.</p> <p>17 -- Alberto Torres: A Organização Nacional.</p> <p>18 -- Visconde de Taunay: Pedro II.</p> <p>19 -- Affonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).</p> <p>20 -- Alberto de Faria: Mauá.</p> <p>21 -- Baptista Pereira: Pelo Brasil Maior.</p> <p>22 -- E. Rouquette-Pinto: Ensaio de Anthropologia Brasileira.</p> <p>23 -- Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.</p> <p>24 -- Pandiá Calogeras: Problemas de Administração.</p> <p>25 -- Mario Marroquim: A lingua do Nordeste.</p> <p>26 -- Alberto Rangel: Rumos e perspectivas.</p> <p>27 -- Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.</p> | <p>28 -- General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaia.</p> <p>29 -- José de Castro: O Problema da alimentação no Brasil.</p> <p>30 -- Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central.</p> <p>31 -- Abréu Amaral: O Brasil na casa animal.</p> <p>32 -- C. de Mello-Lello: Visitantes do Primeiro Império.</p> <p>33 -- J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.</p> <p>34 -- Annyone Costa: Introdução á Archéologia Brasileira.</p> <p>35 -- A. J. de Sampaio: Phytogeographia do Brasil.</p> <p>36 -- Alfredo Ellis Junior: O Bondarismo Paulista e o Recuo de meridiano.</p> <p>37 -- J. F. de Almeida Prado: Primicias Possuidores do Brasil.</p> <p>38 -- Ruy Barbosa: Mocidade e Exílio.</p> <p>39 -- E. Rouquette-Pinto: Rondônia.</p> <p>40 -- Pedro Calmon: Espirito da Sociedade Colonial.</p> <p>41 -- José-María Heito: A intelligencia do Brasil.</p> <p>42 -- Pandiá Calogeras: Formação Historica do Brasil.</p> <p>43 -- A. Sabola Lima: Alberto Torres e sua obra.</p> <p>44 -- Estevão Pinto: Os Indigenas do Nordeste.</p> <p>45 -- Ruy de Magalhães: Expansão Geographica do Brasil Colonial.</p> <p>46 -- Renato Mendonça: A influencia africana no portuguez do Brasil.</p> <p>47 -- Manuel Bomfim: O Brasil.</p> <p>48 -- Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas bahianos.</p> <p>49 -- Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil.</p> <p>50 -- Mario Travençolo: Projecção Continental do Brasil.</p> <p>51 -- Octavio de Freitas: Doenças Africanas no Brasil.</p> <p>52 -- General Couto de Magalhães: O Selvagem.</p> <p>53 -- A. J. de Sampaio: Biogeographia Dynamica.</p> <p>54 -- Antonio Gontijo do Cernhalho: Calogeras.</p> <p>55 -- Hildebrando Accioly: O reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.</p> <p>56 -- Charles Expilly -- Mulheres e costumes do Brasil.</p> |
|--|---|

- 57 — Flausino Rodrigues Valle, Elementos do Folclore Musical Brasileiro.
- 58 — Auguste de Saint-Hilaire — Viagem á Provincia de Sta. Catharina (1820).
- 59 — Alfredo Ellis Junior — Os primeiros troncos Paulistas e o cruzamento euro-americano.
- 60 — Emilio Rivasseau — A vida dos Índios Guaycurús.
- 61 — Conde d'Eu — Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefácio e 10 cartas do Príncipe de Orleans commentadas por Max Fleuss).
- 62 — Agenor Augusto de Miranda — O Rio São Francisco (Edição illustrada).
- 63 — Raymundo Moraes — Na Planície Amazonica (4.ª edição).
- 64 — Gilberto Freyre — Sobrados e Mucambos — Decadência do Patriarchado Rural no Brasil (Edição Illustrada).
- 65 — João Dornas Filho — Silva Jardim.
- 66 — Primitivo Moseyr — A Instrução e o Imperio (Subsidios para a História da Educação no Brasil) — volume — 1823-1863.
- 67 — Pandiá Calogeras — Problemas do Governo — 2.ª edição.
- 68 — Auguste de Saint-Hilaire — Viagem ás nascentes do rio S. Francisco e pela provincia de Goyaz — Tomo — Tradução e notas de Claudio Ribeiro de Lessa.
- 69 — Prado Maia — Através da História Naval Brasileira.
- 70 — Affonso Arinos de Mello Franco — Conceito de Civilização Brasileira.
- 71 — Auguste de Saint-Hilaire — Segunda Viagem ao Interior do Brasil "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 72 — F. C. Hoehne — Botânica e Agricultura no Brasil no Seculo XIX (Pesquisas e contribuições).
- 73 — Lucia Miguel-Pereira — Machado de Assis (Estudo Critico-Biographico) — Edição Illustrada.



Estudos históricos
e políticos
(Res nostra...)

1949

Serie 5.^a

BRASILIANA

Vol. 74

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

PANDIÁ CALOGERAS

Estudos históricos e políticos (Res nostra...)

2.^a Edição



1936

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo

781
B. 833
v. 74

v. 65

No. put. : 200954
Crd. No. : 24258

6 - 1

Calogeras

Desvanece-me sobremancira a honra de prefaciar um trabalho do grande brasileiro, cujo nome encina estas linhas. Outros o fariam com maior autoridade. Mas ninguém, entre tantos que o conhecem e admiram, sente mais profundamente a gloriosa integração da sua obra com as mais altas finalidades nacionaes.

E foi por isto que não recusei, por um sentimento de insufficiencia, a honrosa tarefa de que ora me desempenho.

Porque Calogeras é um escriptor total e exclusivamente brasileiro. A sua formidavel cultura humanistica a meia duzia de idiomas estrangeiros que domina de um modo perfeito, a curiosidade infatigavel, que o traz ao par de todos os passos da sciencia e do pensamento, tudo isto — e mais um culto ardente do nosso passado e uma certeza de illuminado no nosso futuro — tudo isto elle o tem posto até hoje ao serviço constante, tenaz e absorvente do Brasil.

Não sei si outros já fizeram uma observação que bem caracteriza Calogeras, e que é o traço moral com que a historia começa a perpetuar-lhe o nome: Calogeras nunca tomou da penna senão para versar um assumpto brasileiro. Na sua extensa bibliographia, que vae desde o tratado, como o das Minas do Brasil, exhaustivo e inestimavel compendio do assumpto, até á admiravel Formação Historica do Brasil, nas suas innumerables monographias, conferencias e ensaios, em vão procuraria o leitor

uma nota que destoasse dessa orientação perpetua do seu espirito. E' o ultimo representante da estirpe que deu ás nossas letras Varnhagen, Rio-Branco, Eduardo Prado e Capistrano. Poderia reivindicar para o seu roteiro intellectual a mesma divisa que o segundo: *Unique patrie memor.*

Não falaria aqui do seu dynamismo constructor, da actividade infatigavel com que exerceu quasi todas as pastas ministeriaes da republica — a Agricultura, a Fazenda, a Guerra — se não me fosse mister accentuar um dos aspectos da sua formidavel personalidade: a neurose do trabalho. Cada uma dessas pastas foi para elle um posto de sacrificio e de labor e não de vaidade ou politicagem. A sua trodição inda está viva no pessoal das repartições que superintendeu. Levantava-se de madrugada, inspeccionava pessoalmente os trabalhos, multiplicava-se, parecia ter o dom da ubiquidade. Muitas vezes, nos arsenaes ou officinas, os operarios que concertavam ou installavam machinas, eram sorprendidos por um contramestre desconhecido, que lhes apressava, ensinava e pertilhava os trabalhos. A blusa ocasional não conseguiu dissimular aquelle extranho operario, cujo ascendente immediato feito de saber e experiencia, todos sentiam.

"E' o ministro!" — corria de bocca em bocca. E era realmente. O proprio ministro, não se contentando em mandar, viera ver, ensinar, executar, concluir.

Esses episodios do Calogeras politico penso que illustram e definem, mais que longas dissertações, o Calogeras escriptor. Uma infatigavel actividade, uma incessante febre de realização levam-no a escoldrinhar todos os pontos da nossa historia, e verificar todos os motores da nossa vida politica.

A "Politica Exterior do Imperio" é um liero fundamental da nossa historia. Na sua concisão quasi algebrica,

no seu espirito de synthese, ella abrange todas as diretrizes da nossa vida internacional com a mais rara segurança. Bastaria essa obra para collocar Calogeras na fileira dos nossos maiores historiadores.

Acaba Calogeras de prestar mais um grande serviço ás nossas letras historicas. Convidado pela Escola de Estudos Brasileiros, fundada recentemente com o objectivo de ministrar a professores e estudantes norte-americanos, em viagens de ferias, um curso em inglez sobre a historia do Brasil, desempenhou-se o nosso eminente patriota da ardua missão, dando-nos um trabalho — a Formação Historica do Brasil — que pode ser considerado definitivo. Nenhuma obra compendia com tanto rigor como essa todos os elementos que nos foram, nenhuma estuda com tanta percuciencia e methodo as diversas phases da nossa evolução. Obra indispensavel a todos, a sua necessidade é maior entre os professores e alumnos de historia do Brasil, pelo seu character, sob certos aspectos didacticos. Seria uma obra de acertada visão fazel-a adoptar pelos estabelecimentos de ensino.

Um grupo de amigos de Calogeras resolveu celebrar a Formação Historica do Brasil publicando e salvando do oblivio outros trabalhos seus, dispersos em jornaes e revistas. Todos elles revelam o mestre. Mas mais que o mestre o brasileiro.

Bem merecia essa consagração do pensador o homem. Calogeras é uma dessas creaturas eleitas, cuja formação moral só poderão aquilatar os que o conheceram de perto. Sob aquelle aspecto combativo, sob aquella exterioridade marcial esconde-se uma alma de arminha, um coração sensivel a todas as delicadezas. O seu culto da amizade tem aspectos de carinho difficéis de encontrar no egaismo contemporaneo. O seu desinteresse, a sua desambição são notorios. Exercen os mais altos postos da admi-

nistração, teve nas mãos poderes quasi dictatoriaes e vive em trabalhosa modestia. Nunca mediu esforços, nem almoedou sacrificios pela causa publica.

Contou-me Leopoldo de Bulhões um episodio que o pinta. O Barão do Rio-Branco, ao realizar-se a Quarta Conferencia Pan-Americana, em 1910, em Buenos Aires, pediu-lhe que lhe indicasse pessoa que, em poucos dias, fosse capaz de redigir em francez um historico sobre a nossa moeda. Bulhões não hesitou. Só havia um homem capaz de, assim, de improviso, realizar essa tarefa. Rio Branco que já o conhecia estreitissimamente, e que muito o admirava, nomeou-o Delegado á Conferencia

No tempo marcado appareceu a obra. E' La Politique Monetaire du Brésil, hoje classica, mesmo entre os tratadistas estrangeiros.

Bulhões acompanhou, abysmado, a elaboração do trabalho, os dias e noites de incessante escrever, o esforço ingente que foi necessario para dal-o prompto no prazo. Rio Branco e elle, uma vez impresso o livro, pensaram em retribui-lo, compensando toda a sorte de prejuizos d'elle provindos.

Calogeras tinha direito a um certo estipendio. Queriam majoral-o: Não se sentiam, porém, com coragem para abordar o assumpto. O proprio Calogeras tirou-os dessa difficuldade, declarando que em caso algum accitaria por elle qualquer retribuição. Era um serviço que queria prestar ao Brasil.

O grupo de seus amigos, que colligiu os trabalhos deste volume, pensa fazer outro tanto. Pensa e offirma que presta um grande serviço ao Brasil collocando ao alcance do publico alguns dos admiraveis trabalhos do notavel pensador a quem devemos uma noção tão alta, tão elevada e tão segura das suas gloriosas finalidades.

BAPTISTA PEREIRA

INDICE:

HISTORIA

| | |
|---|-----|
| 1 — Capistrano de Abreu | 13 |
| 2 — Tobias Monteiro — «Historia do Imperio» | 28 |
| 3 — Diario da Navegação de Pero Lopes de Souza 1530-1532 | 54 |
| 4 — Frei Vital | 78 |
| 5 — A Ordem de S. Bento e a Civilização | 102 |
| 6 — Padre Manoel da Nobrega | 130 |
| 7 — Pernambuco e o character nacional | 133 |
| 8 — Padre José Manoel de Madureira | 137 |
| 9 — A naturalidade de D. Antonio Philippe Camarão | 165 |
| 10 — Osorio (com um mappa) | 172 |

POLITICA EXTERIOR

| | |
|---|-----|
| 11 — Rio-Branco e a Politica Exterior | 203 |
| 12 — Domicio da Gama | 248 |
| 13 — A Liga das Nações | 251 |
| 14 — O Fascismo | 260 |
| 15 — Reorganização militar argentina | 308 |
| 16 — A questão dos Armamentos da America do Sul | 315 |
| 17 — O Brasil e a Sociedade das Nações | 337 |
| 18 — O Brasil e a Liga das Nações | 400 |
| 19 — Os tratados de 1827 e de 1828 | 415 |
| 20 — Oliveira Lima, diplomata | 420 |
| 21 — A questão romana | 428 |
| 22 — O Governo da Igreja | 432 |
| 23 — Diplomatas mineiros | 437 |

POLITICA INTERNA

- 24 — Revisão Constitucional 453
25 — Emendas religiosas 495

RELIGIAO, MORAL, EDUCACAO

- 26 — Maximas buddhistas 506
27 — Palavras de um velho 514
28 — O problema universitario brasileiro 519
29 — O senso da Vida 530
30 — A licção dos paizes divorcistas 538

ECONOMIA E FINANÇAS

- 31 — A illusão monetaria 552
32 — Projecto monetario 559
33 — Cooperação 564
34 — Transportes archaicos 578
35 — A Marca do Sul — (com um mappa) 593

CAPISTRANO DE ABREU

CONFERENCIA PRONUNCIADA NO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

Durante quarenta e tres annos, ligou-me a Capistrano de Abreu a mais perfeita amizade, sem uma nuvem, sem um desfallecimento, no mais elevado convivio de espiritos que se possa imaginar.

Sentimento profundo, complexo, no qual disputavam: primazia o affecto pelo homem de coração, o respeito pelo character immaculado, a illimitada admiração pelo sabio.

Delle não era possivel ser meio amigo, apenas.

Rude, em sua terrivel franqueza; hostil a todo pedantismo; irremediavelmente indignado contra toda futilidade vaidosa; detestava hypocrisia e hypocritas. Sincero admirador das mentalidades superiores, era destituido de toda inveja. Indulgente, quando explicavel a falta por um motivo mais alto, por amor á intelligencia ou á bondade perdoava deslizes de menor alcance. Intratavel em questões de honra, de lealdade e de affeição, não admittia attenuantes para o delinquente. Tal conjunto impunha grande apuro moral e elevação de nivel intellectual em quem com elle mantivesse relações.

Tinha horror á bajulação. Grande no espirito como era, não comprehendia que seu incomparavel saber, a serção de talento tão singular, pudesse ser alvo da geral admiração do paiz inteiro.

Uma vez, ao fazer seus setenta annos, amigos e admiradores de sua culminancia ethica e scientifica quizeram dedicar-lhe uma obra collectiva, testemunho de veneração e de affectuoso respeito. Planeava-se fazer-lhe uma homenagem analoga ás publicações jubilares que, em outros meios, se prestam aos Mestres sem par.

Transpirou a noticia por não sci que indiscreção. Enfurecen, ultrapassando todo limite, sua modestia aggressiva e vigilante. Pegou de sua mais acerada penna, e com ella feriu a seus aturdidos e bem intencionados offensores. Dizia elle: "Segundo sou informado trama-se para meu proximo anniversario uma patulêa, polyanthéa ou coisa peor e mais ridicula, se fôr possivel. Aos meus amigos previno que considero a tramaia como profundamente inamistosa. Não poderei manter relações com quem assim tenta desmoralisar-me".

E bravamente accrescentou e datou: "Custe o que custar. Rio, dia de Corpo de Deus, 1923".

Para atravessar todas essas defesas exteriores e chegar ao coração e á amizade de Capistrano, era pois necessario possuir muito tacto, muita persistencia, qualidades reaes de persuasão e de sinceridade, para convencer ao desconfiado tapuya transplantado para o meio civilisado, quão vivazes e fortes os sentimentos que inspirava.

Mas, então, que maravilhosa transformação!... e quão régiamente eram pagos os esforços!...

Desapparecia o desalinho no trajar. Não mais se via a confusão dos livros empilhados pelo chão, na mesa de trabalho, por todo o quarto. Aclarava-se e ampliava-se este. Todo o interesse ia concentrar-se na irradiação de luz mental que emanava da fronte larga desse benedictino das letras, artista e pensador.

E não mais cessava o encanto, tal a sciencia omni-modá, cuja vastidão nem sequer impressionava, tão na-

tural parecia nessa encyclopédia viva. E, successivamente, com proficiência egual, ao léo das idéas, abordava os mais desconhecidos assumptos: finanças, excavações na Palestina, problemas linguísticos, pontos obscuros de velhas chronicas, critica litteraria, as ultimas revistas estrangeiras.

CULTURA INVULGAR

Conhecia e trabalhava sobre textos hespanhóes, latinos, allemães, hollandezes, italianos, inglezes. Tudo, em sua memoria, catalogado e no devido logar, acudia ac mais leve aceno. Sobre qualquer ponto respondia precisa e minuciosamente, e sempre negando conhecer o caso.

Sua cultura resumia bibliothecas inteiras, a serviço da intelligencia mais aguda, mais informada e de maior equilibrio que tenha existido. Não tinha limites dogmaticos. Tanto lhe mereciam a socialisante "Nation" de Nova York ou o avançadissimo "Manchester Guardian" quanto as revistas mais conservadoras; egual peso a "Summa Theologica", de S. Thomaz de Aquino e o "Catecismo Positivista". De todos, uma só coisa exigia: idéas, e sinceridade nas convicções.

Sem partilha-los, comprehendia todos os dissidios. No exame que porventura instituísse, analysava-os intrinsecamente, explanando porque adoptava certo parecer e porque combatia outros, mas, ao ajuizar trabalho de que divergisse, buscava collocar-se no ponto de vista de quem o fizera.

Curioso seu modo de escrever e de falar. Supprimia todas as demasias, todas as inutilidades. Chegava a ser elliptico e a eliminar todas as phases intermediarias entre premissas e conclusões. De um critico amigo ouviu um dia que sua prosa era telegraphica. Só iniciados o pode-

riam plenamente apreciar, supprindo com os conhecimentos propios os élos omittidos. Pensador para élités; mestre para mestres.

Scintillante embora o estylo, cheio dos mais imprevisos achados, brocado recoberto de fulgurantes joias, nunca seria escriptor popular, pois a meliania lhe não alcançaria a comprehensão completa.

E era puro gôso esthetico e intellectual ouvil-o palear, quando encontrava interlocutores de igual quilate, e mais, quando surgiam divergencias de opinião. Erudição, reminiscencias, "humour", pilheria norlista, sentimento fundo da nacionalidade, até nas "boutades" e nas indignadas apostrophes, tudo vinha em borbotões faiscar na argumentação convencida e ardorosa do debate empenhado. Observações ineditas; approximações luminosas que nada permitiã prever, characteristics quasi femininas em sua esthesia, percepção aguda do detalhe, capacidade de pela palavra descrever as grandes syntheses, tudo brotava a flux nessas admiraveis discussões.

Assistente mudo e extasiado, era uma festa do espirito ter-se a ventura de presenciar justas dessa ordena, no correr de affectuosas e inspiradas conversas com outros benemeritos do pensamento nacional: Rio-Branco, amigo e admirador de Capistrano, que sem limites lhe retribuia os sentimentos; Joaquim Nabuco, na phase preliminar da missão de Roma, no preparo dos documentos brasileiros sobre o conflicto lндеiro com a Guyana Ingleza; Martin Francisco, amigo constante e inseparavel, com o qual vivia em desaccôrdo turrão e a quem tanto queria; Vieira Fazenda, cuja memoria acatada nesta casa desperta tanta saudade dorida.

Involuntariamente, acudiam ao espirito as descripções que traça a Iliada dos combates entre deuses.

O AMIGO

Quando amigo, a que extremos levava a dedicação!...

Aos que tiveram existência longa e affectos intensos, a vida traz a amargura das separações criadas pela morte. Duas dellas maguaram indizivelmente a Capistrano: Domicio da Gama e Mario de Alencar. Neste revivia José de Alencar, o primeiro amigo e o protector que encontrára no Rio, ao chegar do Ceará. Pouco depois, outros dois golpes o feriram fundo.

Doníngos Jaguaribe, affeição de meninice iniciada no Ceará, acabava de morrer. Communicou-me a triste nova em carta repassada de saudade e de desalento: "Escrevo-lhe do quarto aonde ás 11 horas da noite deixou de existir o bom Jaguaribe. Ao chegar, achei-o bem disposto, esteve alegre no anniversario, que reuniu toda a familia; dias depois começou a tossir; era a broucho-pneumonia que se manifestava. A ella succumbiu. As relações de nossas familias datam de quasi cem annos. Elles são de Icó, nós de Sobral; Maranguape nos reuniu... Uma vez disse-lhe: vamos escolher dentre seus livros um, vamos revel-o e emendal-o; será sua mensageri".

Volto de Santos acabrunhado e tropego. A morte do amigo o envelhecera de dez annos.

Nova tristeza o aguardava. Martin Francisco seguira para a Europa. Lá enfermára gravemente, e Capistrano estava preoccupado com a saúde do grande e digno descendente dos Andradas. Quiz o grande ironista voltar ao Brasil para aqui morrer.

Vivia a blaterar contra nossos erros. Dizia descrever de nossa terra. Só falava em fins de nossa raça. Não queria ser nem brasileiro nem paulista. Havia, em tempos idos, preconizado a separação de São Paulo.

É afinal de contas, pesar de todas essas attitudes, não era sinão um adoravel coração e uma alma de escól, profunda e requintadamente paulista e brasileiro, desse grande Brasil uno e forte que todos nós amamos, intelligencia de eterno e bondoso revoltado a bramir e praguejar contra quem lhe offendesse o ideal de belleza moral e de amor patrio.

Voltava Martin mortalmente ferido. Foi Capistrano dos primeiros a vel-o, e saiu desolado, prevendo o proximo desenlace e a perda do amigo querido. Poucos dias, a bem dizer, durou mais. Mas, eutheanasia antiga, misericordiosa e amoravel, harmoniosa e prompta, a morte lhe conferiu homenagens raras. Nenhum crepusculo. Quasi nullo soffrimento. Integridade plena da lucida mentalidade. Nenhum desses hediondos supplicios que deformam as linhas, e á dor moral accrescentam o horror da repulção physica; respeitou-lhe até a suavidade e energia viril da admiravel cabeça andradina.

Prevenido, Capistrano foi levado para junto do corpo, tão bello e sereno na majestade augusta do leito mortuario.

Naquelle momento, como que o pesar havia transmutado ao sobrevivente. Sentia-se velho e alquebrado, pela primeira vez, quiçá, esse nobre exemplar humano, que, dali a poucas semanas, moribundo tambem, confessaria aos amigos grupados em torno de si: "nunca pensei que eu pudesse morrer".

Para Capistrano, a amizade era uma religião, e, como toda religião, operante e communicativa.

Não lhe bastava ser amigo. Só querendo e presando a gente digna e boa, não descansava enquanto não reunisse e puzesse em contacto aquelles de seus afeiçoados que se não conheciam. Assim, por verdadeiro contagio, iri

alargando o âmbito das sympathias reciprocas que tinham como ponto de convergencia sua personalidade de apóstolo do affecto.

Qual de nós não citaria exemplos? Pessoalmente, devo-lhe o favor das amizades de Alonso Adjuto, Mario de Alencar, Alberto Rangel, Said-Ali, Eugenio de Castro, Jayne Coelho.

EM FAMILIA

Nada o entristecia mais do que ver indifferentes ou desavindos dois amigos seus. De certos rompimentos proprios nunca se consolou: do de Raul Pompeia por exemplo, cujo adoravel "Atheneu" elle ajudára a rever.

Costumava dizer, pilheriando, que por causa dos genros aturava os sogros. Mentira. Desses sogros, ou desses parentes em qualquer gráo, fazia amigos extremos. Que o diga Pires Brandão, a cujo sogro, o grande Ferreira Vianna, queria tão intimamente e com tanto apreço. Que o diga Arrojado Lisboa, cujo sogro, o conselheiro Silva Costa, lhe inspirára os mesmos sentimentos. Que o diga Paulo Prado, de cujo tio, Eduardo, fôra amigo, e cujo pae, o conselheiro Antonio Prado, lhe conquistára, já em tempos recentes, a affeição e o respeito. E tantos outros...

Quando a alguém se affeioava, adoptava-lhe a familia toda. Mulher, filhos, netos, passavam a dominar no seu coração. Em cada lar, sua presença era pedida, e suas visitas assignaladas como dias festivos. Todos o procuravam. Os mais idosos, em pé de egualdade. Os mais moços, com veneração e ansia de ouvi-lo. Até as crianças, a quem sabia agradar com ternura e carinho, o chamavam: vovô Capistrano.

A todos e a cada qual, falava a linguagem propria, aconselhava e dirigia. Tinha requintes de delicadeza e de sensibilidade, que lembravam os das almas mulheris. A essa afinidade emotiva talvez devesse o grande circulo de sympathias nobilissimas de senhoras de nossas meliores rodas, sentimentos e respeito que tanto honram a ellas quanto a quem soube merecer distincção tamanha. Difficilmente se poderá medir e descrever o poderoso influxo que na vida de Capistrano teve esse notavel e excepcional conjuncto de amizades femininas.

E com que esmero e infinito respeito procurava agradar-lhes nas longas palestras e no convivio, tão captivante e elevado. Conhecia-lhes a psychologia e as virtudes, e a estas servia com o tacto e o carinho, pôde-se dizer, de mãe desvelada.

A uma, cuja devoção e espirito religioso bem apreciava, não descansou enquanto lhe não deu um rosario authentico do Santo Sepulchro. A outra igualmente praticante, offerencia uma vez a admiravel traducção que sua filha, no seculo Honorina de Abreu, Madre Maria José de Jesus em religião, fizera da "Imitação de Christo".

"Minha alegria", chamava elle a terceira, já avó encanecida, espirito scintillante e sempre jovem, que ainda lhe rendia homenagens e o procurava animar em seus ultimos dias.

A uma patricia que partia para a Europa, saudosa do Brasil e com a nostalgia de Minas, entregava um livro que, de longe, ainda lhe pudesse falar da terra natal.

A par desses adoraveis traços de meiguice, franqueza contundente, palavras "à l'emporte-pièce". Não se julgue o cegasse a affeição. Sabia dizer os erros e as falhas, apontar fraquezas, corrigir defeitos. Na critica de actos ou de trabalhos, não permittia inferioridades intellectuaes

ou moraes. Salientava pontos a emendar, quando não os emendava elle proprio.

Si me pudesse ser perdoada uma locução familiar, diria que sua auctoridade se fazia sentir até nos "pitos" paternos que passava nos seus mais queridos companheiros, fosse homem ou fosse mulher.

ENGANOSA APPARENCIA

Mas isto só se dava na intimidade, cara a cara. Fosse alguém atrever-se a censurar ou fazer reservas sobre aquelles que lhe mereciam o affecto: vel-o iam erguer-se como um leão, defensor imperterrito do ausente, violento no revide, offensivo, até, pois não permittia que tocassem nos seus amigos.

Enganados pelo aspecto rebarbativo e hostil, pelo falar inimigo da lisonja, muitos o tinham por intratavel e misanthropo. El'c proprio desafiava tal impressão, porque se retrahia e só no recesso precioso e raro de sua amizade revelava o que era: alma luminosa de carinho e de intelligencia, sentimentalismo profundo e infinita doçura.

Sómente, eram relativamente poucos os que o conheciam bem.

Para a generalidade dos contradicções ininteressantes, tinha phrases de defesa contra a banalisação de sua intimidade. Convidado para fundador da Academia Brasileira, respondia: "a unica sociedade a que pertencço, isto mesmo sem ter sido consultado, é a sociedade humana, e della não tenho que me louvar". Attitudes de modestia incoercivel. Armadura de tímido e de sensível, que não barateia seus sentimentos.

Nesta velha casa, no nosso querido Instituto, de que era socio já antigo, não ha quem ignore o affecto e o zelo que lhe merecia.

Em outra esphera de acção, publica esta, suas manifestações de amor aos homens e á terra revelavam-se nos gestos de perdulario, em que a mancheias distribuía seu inexgottavel patrimonio de estudos, de descobertas e de geniaes intuições.

Nunca houve prodigalidade mais fabulosa que a dos thesouros mentaes de Capistrano. Esses, nem sequer, reservava aos afeiçoados. Bastava consultar e pedir: como no Evangelho, batia-se á porta e esta se abria. E eram livros proprios' emprestados; outros que ia buscar para transmittir ao postulante; trabalhos ineditos entregues sem reserva. Interessava-se pela obra iniciada. Pedia provas para as rever. Guiava pesquisas, e explanava com clareza ideal e sciencia superior os assumptos mais diversos. Seu nome nem sempre era citado: exigia mesmo que o occultassem. Mas quanta coisa sob apparente auctoria alheia não passou do desabrochar de sementes por elle lançadas em terra fecunda!

Incomparavel suscitador de energias, mudava em ouro de lei quanto seu talento privilegiado tocava. Promoveu indagações. Foi pae espirital de série immeusa de esforços mentaes de discipulos innumerados. Renovou methodos de analyse. Transplantou para nosso meio os processos criticos da ethnologia allemã. Criou valores. Impediu se desperdiçassem outros.

Repugnavam-lhe as estradas palmilhadas pela mediocridade ambiente. Só lhe apraziam, a elle investigador do desconhecido, as terras novas dos antigos roteiros dos descobridores. Seus livros, suas preoccupações, suas seãras de achados, tudo traduzia o horror á banalidade, proclamava o trabalho original e proprio.

OS TRABALHOS DE CAPISTRANO

Notabilíssima, a tarefa executada. No campo ethnologico inspirou os novos estudos que hoje se concentram no Museu Nacional, dos methodos de analyse aos resultados colhidos; amortalhou, piedoso, idioma, lendas, theogonia, folk-lore de uma trihu "pano" em via de desapparecimento o "caxinauá". A morte o levou em plena intensidade de novo esforço paralelo, quanto ao "bacaery".

Na geographia, presidiu á revolução de nossos processos de investigação. A pretexto de traduzir grandes livros alienaes como Wappaens e Sellin, divulgou uma sciencia inteiramente nova, e mais ampla e melhor do que a dos originaes. A litteratura geographica deixava de ser amontoado esteril de nomes e de numeros, para se ostentar escritorio riquissimo, manancial de formidavel actividade biologica e humana ligada ao quadro material da criação. Foi anthropogeographo, antes da propria invenção do nome. Todas as manifestações do espirito para is-o confluíam, bem como todas as fórmas de acção intensa, das finanças aos climas, da medicina e da hygiene ás estatisticas de producção, dos movimentos demographicos á conquista da terra, do menceio agricola ás especulações philosophicas e scientificas.

Antes de Capistrano, havia monographias historicas, chronicas mais ou menos interessantes, memorias e annaes sem grande nexo e com escassa critica, nem sempre objectiva, sem o devido aproveitamento do material existente.

Ao proprio Varnhagen, tão grande, entretanto, precursor em tanta coisa, não se pôde hoje negar parcialidade nas conclusões, insufficiente aparelho critico, difficuldades em averiguar suas fontes informantes, egoismo incomprehensivel no partilhar seu saber. E, no entanto, é merecidamente conhecido como o grande Varnhagen.

Com o Mestre, cuja memoria hoje procuramos honrar, apparecem virtudes novas, ou com mais relevo postas em destaque: o respeito ritual pelo documento; a facilidade de verificação das origens; o agrupamento philosophico dos successos; as correntes formadoras do determinismo economico e dos conceitos espirituaes; a analyse mais precisa dos factos; a ampliação do campo devassado; a pesquisa de depoimentos mais abundantes e mais seguros; o impessoalismo da psychologia; o apuro na preocupação de narrar e nunca de provar; a mais absoluta prohibidade no citar e no concluir; a redacção "sine ira ac studio".

Os "Capitulos de Historia Colonial" já são, e cada vez mais constituirão modelo de orientação honesta, de belleza litteraria e de critica constructora. E ha tantos outros, filhos do mesmo conceito superior!...

As soluções de tanto enigma historico de nosso paiz, o descobrimento e a divulgação de obras primas esquecidas ou insufficientemente aproveitadas, a coordenação de pesquisas e a convergencia dellas, obedeceram ao criterio novo do espirito sabedor e claro do grande morto, a seu poder de evocação de ambientes, á noção impessoal e altruista de auxiliar e suggerir collaborações irrestrictas, não reservando nunca para si, antes com todos partilhando as riquezas que havia colligido.

E ali fulguram "Materiaes e achegas para a historia e geographia do Brasil", "Frei Vicente do Salvador", a traducção do livro de Herbert Smith, as decifrações da auctoría das narrativas de Fernão Cardim, de Ambrosio Fernandes Brandão, de Antonil-Andreoni, e tantas e tantas mais, obras cujo longo enumerar não cabe nesta resumida e imperfeitissima revista. Farta, a lista das publicações sobre descobrimento e periodo colonial.

Feito o computo dos escriptos, e esta vac ser a tarefa da recém-fundada "Sociedade Capistrano de Alreu". se

verá quão vasto foi seu influxo e a injustiça de lenda que corre sobre escassez e dispersividade de sua produção litteraria.

Talvez o affectuoso reparo, homenagem, entretanto, á excepcional valia do auctor, se transforme em elogio máximo, por então se lhe revelarem a unidade de pensamento, o constante progredir, o alentado volume, a insuperada belleza e prodigiosa sciencia. E, contudo, taes a intelligencia e os conhecimentos do sabio, que, inda assim, nos lastimaremos não tivesse sido, para proveito geral, dez vezes maior o legado espirital.

Nada quiz ser sinão o que foi: um cérebro pensante, uma alma cheia de ternura. Nisso havia posto seu thesouro, ali demorava seu coração, no perfeito dizer do Sermão da Montanha.

Para que e por que desperdiçar energias e tempo em correr atraz de futeis e insignificantes vaidades ou glorio-las? Quão inutil, tambem... A seu modo, cumpria sua missão de servir a seus semelhantes, poderosamente e á sombra de invencivel modestia.

A ÚLTIMA MANIFESTAÇÃO

De ha muito, sabiam familia e amigos seu horror ás pompas e á ostentação. Exigira sempre enterro de ultima classe e, até, cova rasa. Pareceu mais estricta obediencia a seus sentimentos paternos juntar seus despojos mortaes aos do filho querido, Fernando, cujo fallecimento prematuro tanto o havia feito soffrer; por esse motivo, alterou-se neste ponto a perfeita conformidade com o que havia determinado. Mas, quanto á outra disposição, foi religiosamente cumprida, e em carro funebre de indigente seguiria o corpo para o Campo Santo.

Quando, milagre insondavel da affeição!... sem concerto, sem premeditação, sem sequer se ter nisto pen-

sado, a humilima cerimonia se transformou em apotheo-se ao amigo, ao sabio, ao justo, ao bom!...

Quinze dias estivera doente, e relativamente pouca gente havia sabido do combate travado com a pacificadora das luctas humanas. Inda assim, eram continuas as visitas. Não desenchia o porão pauperrimo onde se ia ficando, entre seus constantes amigos — homens e livros, esse gigante da intelligencia e da bondade.

Nunca o abandonaram as nobres e altas e puras dedicações femininas que em vida soubera conquistar. Alli, muitas vezes por dia, se encontravam os mais lidimos representantes do que o Brasil possui de melhor em todos os seus circulos. Não se divulgára a morte, nem por boletins nos jornaes, e, entretanto, algumas centenas de pessoas acotovelavam-se, em derradeira homenagem a esse homem que nada fôra na escala dos ficticios valores sociaes.

Pobre, simples professor, nunca disputára de poder ou influencia. Limitára-se a ser um bom e um desprendido. Mas pairava bem alto, serena irradiação intellectual a guiar discipulos nas pesquisas a bem do Brasil. Modelo de sacrificio, inspirador de novos sacrificios no culto do ideal: servir a terra natal. Centro de conforto e de sympathia para quantos elle tinha amado, e de quem recebera em troca amizade e veneração.

E, num movimento espontaneo de amor, todos os presentes ás pobres e mesquinhas exequias — grandes nomes nacionaes; humildes indios a que tinha servido e abrigado; respeitaveis senhoras por quem nutrira tanto affecto e que lh'o retribuiam com tanta sinceridade, sem limite de idade, das avós de cabelos brancos ás mocinhas que desabrochavam á vida, discipulos pranteando o Mestre; intimos rememorando as expansões de sua intimidade — todos, quizeram levar os restos queridos ao cemiterio

como uma demonstração última, singela e augusta, de immarcessível saudade.

E pelas ruas desfilou extranho prestito. Centenas de pessoas de todas as gerações, de ambos os sexos, unidas na mesma magua e no mesmo lucto e no mesmo respeito, olhos razos de lagrimas, foram carregando á mão, revezando-se, o esquife de pobre em que repousava o grande brasileiro.

De dôr e de tristeza o ambiente, é certo. Mas o alvo de tão tocante e exaltada manifestação de carinho, era um Triunphador.

Vencera o egoismo com seu exemplo de vida modesta e votada ao serviço do Brasil. Vencera a riqueza, fazendo mais do que ella. Vencera a ignorancia, alargando o ambito do pensamento humano.

Vencera a indifferença das massas, impondo-se "maestro di color che sanno".

Vencera a propria morte, pois sua memoria e o paradigma de sua actividade espirital inspirariam a discipulos e continuadores o coordenar de esforços, afim d. se lhe prolongar tempos a fóra o influxo na formação moral e mental da terra que elle tanto havia amado.

E, nessa atmosphera religiosa de saudade, de admiração, de magua e de affecto, partiu para o desconhecido a grande alma, bondosa e pura, abnegada e heroica de Capistrano de Abreu. •

Setembro de 1927.

TOBIAS MONTEIRO

«HISTORIA DO IMPERIO»

O AMBIENTE MORAL

Aos futuros estudiosos de phenomenos sociaes no Brasil, impressionará fundamente o surto intellectual notavel destes ultimos trinta annos.

Em todas as provincias do pensamento fez sentir seu influxo.

Vejam-se as sciencias biologicas. As faculdades medicas, os institutos especializados como Manguinhos ou Butantan, as investigações pessoases em laboratorios particulares, como o dos irmãos Osorio de Almeida, já representam no activo mundial uma parcella brasileira digna de menção.

O mesmo facto reproduz-se na conquista economica do meio. Transportes de todo genero, producções cada vez mais variadas, melhoramentos consideraveis em todos os ramos da actividade. significam um acervo de realizações materiaes de que a engenharia patricia se pode ufanar, tanto quanto o progresso no aproveitamento de recursos nossos.

No estudo e na applicação das letras juridicas, o paralelo a tentar entre 1890 e os dias de hoje é quasi irrealizavel, e relembra frondosa arvore a sair da exigua semente.

No jornalismo, basta abrir as collecções dos periodicos dos ultimos dias do Imperio e cotejal-as com as folhas

que hoje se publicam, para avultarem á primeira vista a melhoria de qualidade e a maior elevação das preocupações que agora se impõem á nossa imprensa — apuro mais alto e mais abundante produção.

Na literatura de ficção, mantem-se constante o valor, pois desde cedo, em nossa terra, se conseguiram altos niveis, e o perdurar dessa superioridade é prova eloquente da perennidade das fontes inspiradoras.

Indiscutível o progresso, pois, no elemento puramente intellectual do esforço pensante. Evidente, ainda, o rumo ascensional das cogitações relativas a interesses immediatos do homem ou do grupo social: hygiene, economia, tecnologia, produção ou mão d'obra.

Mas será possível dizer outro tanto do ponto de vista de para especulação mental, de sciencia intrinseca e de moral? Hesita-se em affirmal-o.

A formação da mentalidade, a criação de um ideal não é obra immediatamente possível. Por via de regra, uma geração elabora o ambiente no qual a seguinte encontra seu nteio propicio de evolução.

O fim da guerra do Paraguay, a crise do ventre livre, a renovação dos partidos, o exgotamento espontaneo do prestigio monarchico foram os propulsores dessa intensificação de actividade social e politica de que resultaram Abolição e Republica

A crise de trabalho de 1889, a febre especuladora do ensilhamento, o preconicio de normas de vida subalternamente utilitarias, criaram um ideal de gozo e aproveitamento egoista, ao influxo do qual ainda vivemos curvados. Enriquecer e gosar, tornaram-se a finalidade do viver. Ideal de *nouveau riche*. Si o nome é novo e data da grande guerra, o facto é velho como a sociedade, e correu sempre após as grandes commoções historicas.

Ainda uma vez, haverá nisto progresso real? queremos dizer, no que respeita ás noções fundamentaes da vida? Não será simples explosão de egoismo, de individualismo excessivo, de impiedoso *struggle for life*, de des-caso dos mais fracos, e da brutalidade primitiva transpos-ta para a arena contemporanea das luctas — o conflicto perenne na conquista das riquezas? Não será uma forma peculiar de ferocidade atavica a invocar pretensos direitos, e proclamar alvo ultimo o *vivre sa vie*, sem cogitar dos demais que se curvam ante uma serie da categorias de deveres? Não valerá por substituir a um ideal quali-tativo, uma lei social grosseiramente quantitativa, em que a medida adoptada é a dos recursos materiaes para se satisfazerem todos os appetites, os mais subalternos quasi sempre? . . .

Bem se comprehende, nessas condições, como o explodir de paixões inferiores baniu o cogitar sereno, altruista, de noções mais puras. O eu substituiu o amor ao proximo. Porque constranger-nos, limitar nossas aspirações, si possuímos meios para as satisfazer? Nosso semelhante só nos serve enquanto util. Para que, o velho credo de piedade e de amor? por que lenir dores que são alheias, ou enxugar lagrimas que não correm de nossos olhos?

Carpe horam no sentido de aproveitar doçuras da existencia, tal se tornou o lenima inspirador de toda actividade. E nos livros, na imprensa, nos debates parlamentares, tudo se subalternizou a uma simples questão de dinheiro e de gosto, cada qual, na concurrencia dos egoismos, procurando puxar para si o maior quinhão, sem respeito do alheio, sem dó pelo soffrimento do proximo, sem alçar a vista para mais alto do que o horizonte dos interesses.

REACÇÃO ESPIRITUALISTA

Tão profunda foi a queda nesse paul de desenfreado materialismo, que do proprio excesso proveiu a reacção espiritualista. Começou-se a comprehender que algo havia mais sério do que os prazeres de todo genero: que o homem é um ser social inseparavel do seu semelhante; que o proximo nos importa tanto quanto nossa propria personalidade e que a ordem divina de amal-o como a nós mesmos constituia a regra basilar da vida.

Adoptando para definir a religião o conceito de doutrina que unifica e solidarisa o sentir, o pensar e o agir, brotou confusamente a noção, e, aos poucos ganhando forças que cada vez mais se desenvolvem, impoz-se a evidencia de que a vida humana era mais do que uma serie de phenomenos biologicos e physico-chimicos.

O afrouxamento e a laxidão que, sob o imperio de uma norma de puro utilitarismo, iam minando as almas na observancia de seus deveres, foram cedendo passo á pregação das Palavras Eternas. E, neste momento, estamos assistindo a uma verdadeira resurreição da Fé, nos animos ha pouco tibios e desesperançados.

A cruzada permanente teve por principal adversario a inercia de massas amodorradas em comodismo de quilates mesquinhos. E' natural tenha larga estrada a percorrer antes de alcançar sua méta. Pouco importa aos que luctam nesse bom combate, basta-lhes meditar no *patiens quia acterna* da Igreja.

Primeiro degráo a vencer, é conseguir a sinceridade de toda vida psychica: agir de accordo absoluto com as convicções; pensar como inandam os sentimentos motores; sentir por amor ao proximo e ao Creador.

E, nessa accepção, é licito duvidar que o nivel moral de nossas manifestações de intelligencia se equipare com sua valia scientifica, pois nem sempre existe sinceridade nos conceitos emittidos; falta-lhes animo verdadeiramente religioso, no sentido que definimos.

Nada extranhavel, tal facto. Ainda estamos, em demasia, sob o influxo das propagandas, meramente egoistas. O dia da sinceridade absoluta virá, mas por enquanto só luziu para poucos espiritos privilegiados.

Mas virá. E então muito preconceito terá de desaparecer. A treva medieval não será mais do que uma lenda, creada pela incomprehensão dos que confundem progresso moral com progresso material, que olvidam a preeminencia necessaria do primeiro e se esquecem que a Edade-Media creou maravilhas de todo genero, enriquecendo nosso patrimonio artistico e nossos conhecimentos geraes, além de conservar para a posteridade o grande legado de noções vindas da civilisação greco-latina. Renascença e tempos modernos são filhos legitimos dessa época tão injustamente malsinada, com os accrescimos das investigações ampliadas dos dias que correm, mais bem apparelhados para taes estudos.

Comprender-se-á que, na evolução dos tempos, sciencias e esforços de que hoje tanto nos ufanamos e que contrapomos ás licções do passado, serão pelos vindouros egualmente acoimados de rudimentares.

MISSÃO DA HISTORIA

Missão da historia é, precisamente, restabelecer os planos perspectivos, ajuizar factos e apreciar homens de accordo com o momento em que surgiram. E é justamente, por isso, que, quando obra de leal e sincero amor á verdade, merece o bello nome de mestra da vida.

Mas, trabalho de homens, destes depende. Preparo intrínseco, espirito critico, influxo do meio e das doutrinas dominantes, modos divergentes de concepção do escopo, conceitos basilares, tudo, tudo varia. Consequencia forçada, portanto, é a instabilidade no valor da faina correspondente, e tambem a irregularidade quantitativa de taes pesquisas.

Nenhum exemplo nos interessa mais directamente do que o nosso proprio caso brasileiro.

Mencionemos de passagem os relatos do periodo colonial, muitos delles perdidos ou truucados, por mal nosso, como essas admiraveis narrativas de Pedro Taques. Gandavo, Gabriel Soares, frei Vicente do Salvador, Antonil, figuras de primeiro plano; mas tem numerosos companheiros mais modestos, e, juntos, permittiram-nos reconstituir o que foram os tres seculos de administração metropolitana em terras da America.

Na phase em que o governo lusitano teve por séde o Rio de Janeiro, os melhores elementos de estudo foram alienigenas, com Armitage á frente. Os portuguezes deixaram os actos officiaes que os archivos conservam, mas pouquissimo escreveram. Elementos valiosos de observação e de chronica as correspondencias privadas parece haverem desaparecido: pouquissimas sobreviveram, e em numero escassissimo puderam ser consultadas e aproveitadas.

Do primeiro imperio e das regencias, temos apenas apontamentos fragmentarios: actos do Executivo, paginas e documentos legislativos, jornaes e pamphletos, correspondencias diplomaticas. Mesmo de tudo isso, faltam paginas insubstituiveis, as actas do primeiro conselho de Estado que se perderam com os chamados papeis de São Christovam, sacrificados na tormentosa odysseá consecuti-va ao 7 de Abril. As proprias gestões diplomaticas origi-

naes ou minutas da correspondencia trocada estão quasi inéditas: tão raros os pesquisadores de archivos, por um lado; tão incompletos os mesmos archivos por outro. Só agora começou a indagação dos factos preliminares de nossa vida independente.

Para mostrar o mysterio em que jaziam taes papeis, seja-nos licito um depoimento pessoal. Nos manuscritos do Itamaraty só encontramos traços de investigação de um unico pesquisador, Rio Branco, e os documentos cifrados só vieram a ter sua decifração, exceptuada, claro está, a da época em que foram escriptos e recebidos, em data recente, por terem sido então reconstituídas as cifras.

Ha poucos annos teve inicio o trabalho de copia dos officios dos diplomatas estrangeiros a seus respectivos governos, depoimentos de primeira ordem para a historia daquelles tempos. Até hoje, só possui o Itamaraty alguns documentos dessa procedencia provenientes do Quai d'Orsay e do Record Office inglez. Mareschal, testemunha do maior valor para o periodo 1822-1830, só parcialmente está divulgado, e só temos no Rio uma copia completa, inteiramente inédita, feita ás expensas de Tobias Monteiro. O archivo privado da Familia Imperial brasileira ainda permanece desconhecido. Sómente agora o principe d. Pedro de Orléans-Bragança cuidou de catalogar suas inestimaveis riquezas e por emquanto, só Alberto Rangel, Miguel Calogeras e Tobias Monteiro tiveram occasião de compulsal-o de relance e de aproveitá-lo.

E a obra de centralisação, no Rio de Janeiro, da mole immensa de informes estrangeiros sobre o Brasil, a bem dizer ainda não foi tentada. Não temos copias das cartas e relatorios periodicos das diversas Ordens aqui estabelecidas a seus superiores em Lisboa ou em Roma. Nada sabemos, ou quasi nada, das correspondencias diplomaticas a não serem as francezas, de Malér, as inglezas de

Chamberlain e de sir Charles Stuart, e as austriacas de Mareschal. Que immensa tarefa, o preenchimento desses abysmos de ignorancia nossa?

OS INSTITUTOS DE PESQUIZAS

Bein se pode agora avaliar a benemerencia dos notaveis patricios nossos que, em 1838, fundaram o Instituto Historico do Rio. Foram elles os verdadeiros creadores dos estudos nacionaes, sob seu triplice aspecto ethnographico, geographico e annalista. Inutil citar nomes, tal a riqueza scientifica de sua veneranda "Revista Trimensal", em que tem collaborado o escol da mentalidade brasileira.

Fez ainda mais: colmeia de trabalhadores enxameou pelo paiz inteiro, e institutos, archivos e bibliothecas regionaes attestam por sua pujança e pelo brilho de suas contribuições o alto valor da matriz a que se filiam. Grandes nomes de significação nacional formaram-se e surgiram nas antigas provincias e nos Estados. Quem não conhece um Manoel Barata, provector na historia da bacia Amazônica; um Studart, chronista do Nordeste; José Hygino e Alfredo de Carvalho, em Pernambuco; Francisco Vicente Vianna, Bernardino de Souza, Theodoro Sampaio e Braz do Amaral, na Bahia; José Pedro Xavier da Veiga, em Minas; Toledo Piza, Orville Derby, W. Luis e Tournay, em S. Paulo; os padres Carlos Teschauer e Haffk-meyer no Rio Grande do Sul; Virgilio Corrêa, Estevam de Mendonça em Matto Grosso; Boiteux em Santa Catharina... e tantos outros.

A missão do Instituto, entretanto, não visa systematisar e crear um canon ou uma escola: estimula investigações, somma esforços, mas deixa inteira ás inspirações individuais escolha de methodos e modos de apreciar. Provoca a actividade das pesquisas: não as norteia.

Durante todo o segundo reinado, foi intensa a vida da egregia Companhia. Desde cedo, d. Pedro II lhe comprehendêra a importancia e sempre a prestigiou e amparou, influyendo para nella grupar uma aristocracia intellectual. A convivencia intima do Instituto e do Imperador attribuiu-lhe, por isso, na opinião de criticos politicos pouco esclarecidos, feição aulica que nunca teve.

Talvez, por isso, ao proclamar-se a Republica, atravessou o silencioso e fecundo laboratorio de estudos numa phase de hibernação, de recolhimento conservador; digna resposta a injustificadas censuras, mas lamentavel estagnação, do ponto de vista do culto prestado ás tradições e ás forças operantes em nosso paiz através dos quatro seculos e de nossa historia peculiar.

Não podia perdurar tal modorra. A dois membros do cenaculo, principalmente devemos a revivescencia do trabalho que lhe é proprio: Max Fleiuss e Rio-Branco. Citamol-os nessa ordem, pois a esforços do primeiro foi o immortal chanceller presidir a associação. E logo surgiram as consequencias: avultou novamente o velho grenio entre as nossas forças intellectuaes: no evolver social, renasceu a velha tradição de labor e de prestigio.

Tornou a exercer seu influxo animador e a seligir valores: basta cotejar o conglomerado e a balburdia de collaboradores do congresso de Historia de 1914, com o escol que hoje assegura o exito da vida mental da respeitada casa. Suscitou inqueritos. Revelou pesquisas e pesquisadores. Aceitou e integrou em seu seio contribuições scientificas, vindas de todos os quadrantes do horizonte intellectual, sempre valiosas. Nunca dogmatizou, nem firmou normas intangiveis, que ambos destoariam do eclectismo caracteristico de um grande numero de pensadores independentes.

Em paizes como o nosso, em que não ha escolas de critica historica, taes orientações communs, tal convergencia espontanea de methodos e de opiniões antes se afeiçoam e se manifestam em torno de culminancias do pensamento nacional, casos em que o prestigio do mestre crea e forma discipulos.

Raros, rarissimos os exemplos em nossa relativamente escassa produção desse genero. Talvez, um e unico, só se possa citar: Capistrano de Abreu. E, ainda assim, não é facto intencional. Decorre de sua incalculavel erudição, de seu senso agudo das realidades, de seu poder evocativo dos ambientes que se foram, de sua prodigiosa intuição. São predicados que se impõem por si, e com maioria de influxo por se acharem ligados a uma assombrosa universalidade de conhecimentos, a um genio prestativo que não sabe recusar conselhos e orientação a quem lhos pede, e que leva sua altruista collaboração a ponto de tomar iniciativas por todos ignoradas. Que o digam quantos com elle aprenderam o respeito ás fontes informadoras, a probidade scientifica mais severa, a analyse dos documentos, os modos de pesquisar e de coordenar informes, a subordinação dos assumptos, o carinhoso trato das opiniões divergentes. Para este revê e corrige provas. A outros fornece copias de manuscriptos essenciaes que mandou fazer para solver duvidas do consulente. A terceiro remette seu parecer e seus estudos proprios, imeditos, facultando-lhe usal-os como quizer. Não exagera quem disser que rara será a obra historica de valor, nestes ultimos trinta annos, em que não figure a collaboração estreita e preciosissima desse grande espirito generoso e sahedor. E nem sempre lhe citam o nome, nem elle o reclama. O velho conselho — *cache ta vie et répands ta pensée* — tem sido por elle seguido. Dahi serem innumeros seus discipulos: uns desvanecem-se de tanta honra;

outros ignoram que o são, mas seguem as lições do mestre que se impõe.

Não será de admirar que, no futuro, os historiadores o proclamem chefe de uma escola. E não será o menor serviço dessa nobre vida, entre tantas obras primas que creou, resuscitou ou commentou.

HISTORIA DO IMPERIO

Admiravelmente o comprehendeu Tobias Monteiro, ao offerecer ao *Mestre de nós todos*, um exemplar de sua notavel *Historia do Imperio*. O testemunho diz tudo, nem de mais, nem de menos. Deve ter agradado, pois a homenagem partiu de quem, como poucos, possui saber e consciencia critica e goza de justo renome de estylista e de pensador politico.

Do livro com que iniciou seu estudo do Brasil-Imperio só se tem dito bem. Amplamente merece taes louvores.

Para os estudiosos, é contribuição do mais subido teor pela massa que traz de informações novas e criteriosamente apuradas. Dá sensação de solidez e de tranquillidade. Ao contrario de tanto escrevinhador apressado e indifferente á exactidão do que allega, seu auctor tudo esmerilha, prova e comprova. Com elle não tem razão de ser a pergunta usual dos criticos de boa fé: como justifica sua opinião?... Póde-se divergir de suas interpretações, adoptar pontos de vista outros, classificar differentemente os factores dos phenomenos. Não surge, porém, possibilidade de duvida sobre a veracidade das affirmativas; a abundancia das demonstrações, a sinceridade do que transcreveu ou cita. E' Tobias Monteiro um dos trabalhadores intellectuaes mais respeitaveis pelo cuidado probo com que expõe suas doutrinas e seus achados.

Não é qualidade banal esta que salientamos. Entre tanto historiador *ad probandum*, de idéas preconcebidas e de mentalidade tendenciosa, o mérito apontado avulta. Quando elle diz ou affirma, tem-se certeza de que se esteja em factos ou em opiniões existentes e reaes, e não fantasiadas. Não é necessario verificar taes processos, como tantas vezes acontece com outros auctores. Póde-se negar as consequencias por elle deduzidas, mas isto é questão de opinião, de doutrina ou de visão pessoal; os alicerces materiaes em que elle se fundou, são sempre de primeira ordem e estão á vista, nem que se divirja do sentido em que foram aproveitados.

Não ha quem, dedicando-se a investigações do passado, ignore a valia moral, a superioridade desse modo de agir, a par da raridade com que tal predicado se encontra.

Dobrado valor decorre do facto de ser Tobias Monteiro um pesquisador, de não poupar esforços nem sacrificios para ir pessoalmente informar-se *in situ*, no Brasil e fóra d'elle, além de mandar extrahir nos archivos estrangeiros copias e resumos de quanto documento se relaciona ao assumpto versado.

Teve ainda, por seu vasto circulo de amizades e sympathias, accesso facil a collecções e a correspondencias que ninguem, sinão elle, compulsaria. Soube aproveitar com intelligencia e discreta prohibidade, esse formidavel repositório de informações. Si, por vezes, taes cartas se revelam banaes ou inferiores aos acontecimentos que narram, com frequencia contem argumentos, aspectos, notas e commentarios preciosos: os moveis reaes e subalternos, aquelles que os actores dos factos historicos não costumam trazer ao palco publico e preferem conservar na penumbra. Em um caso, especialmente, conseguiu subsidio de valor seni par: o archivo de Eu, onde se encontram quasi todos os

papeis officiaes e os particulares do ramo brasileiro da Casa de Bragança.

Tal methodo de investigar é susceptivel de fornecer inumeros detalhes da vida privada das personagens mais importantes, e por pouco que se tenha o pendor de interpretar os factos pelos actos de seus protagonistas, como se traça uma cordilheira por seus picos, é facil deslizar da grande historia para um complexo de biographias. Existem, aliás, muitos adeptos desse processo. O proprio Carlyle não está longe de preconisar o systema, no seu culto dos heróes.

A difficuldade, o escolho a evitar cuidadosamente reside, em não confundir o pittoresco com o essencial, a anecdota com o traço historico, o ephemero com o permanente. Outro empecilho a vencer é o limite a observar entre o que interessa ao individuo tão sómente e o que se relaciona com a vida e a evolução do grupo social ou politico.

A BIOGRAPHIA NA HISTORIA

No justo afan de divulgar as inumeras particularidades descobertas em suas interessantissimas pesquisas, Tobias Monteiro trouxe a publico larga copia de minucia, toques e retoques de quadro ou de miniatura, que ajudam a conhecer a feição total do retratado, e lhe pintam a individualidade psychica. Não ha negar o interesse biographico de taes microphotographias. Constituirão, entretanto, esclarecimento de alcance historico? Duvidoso é affirmal-o, pois não se vê bem que nexo as liga ao desenvolvimento do paiz ou do povo estudado.

O que interessa em d. João VI, por exemplo, não, são as fraquezas desse infeliz monarcha; ellas não têm ingresso no theatro dos factos publicos, por extranhas a estes. Não é o caso de um Henrique VIII da Inglaterra, que nas suas

multiplices aventuras uxórias, condemnadas pela Igreja, achou o pretexto para o schisma anglicano. Também não é o de Luiz XIV, com o qual os *legitimés de France* constituíam um problema político.

Já notaram esta particularidade varios criticos da *Historia do Imperio*. Mas embora nos pareça procedente o reparo, talvez possamos advogar as razões militantes em favor do accusado, si bem que este pelo alto valor de seu livro dispense perfeitamente a defesa.

Em primeiro logar, trata-se de um ponto de vista, da escolha de um methodo de investigar e de escrever: muitos o accitam e adoptam; com que auctoridade, poderíamos, os criticos, restringir nosso applauso só porque não são os nossos os processos preferidos pelo escriptor? Possuimos acaso algum criterio absoluto de aferição de verdade.

Em seguida, cumpre lembrar a genese dessa obra. Tanto quanto sabemos, o intuito inicial de Tobias Monteiro foi precisamente escrever a vida de d. Pedro II, e, por essa occasião, narrar o segundo reinado. Suas investigações preliminares conduziram-no a historiar todo o Imperio. E com razão. Senão, vejamos.

Abre-se, de facto, o reinado com a revolução maiorista, e seria impossivel deixar de descrever e de explanar os acontecimentos de 1840. Forçosamente, pois, o proemio da biographia do Imperador deveria constar do estudo das regencias. A seu turno, estas ficariam incompreensíveis sem a analyse da abdicação de d. Pedro I, de seu governo e da Independencia.

A *Elaboração da Independencia*, portanto, seria o portico da construcção levantada para rememorar o que foi o ultimo soberano do Brasil. Nada mais logico, e a estes sorites obedeceu a distribuição da materia pelos cinco volumes com que tenciona o auctor brincar as letras histo-

ricas, brinde valiosissimo e anciosamente esperado, em face dos bellos trabalhos com que iniciou a realisação de seu vasto plano.

Mas a directiva primordial agiu como coeﬃciente constante, affectando toda a actividade mental do historiador. Emprehendido sob o signo inspirador da biographia, não podia o estudo deixar de soffrer o influxo preponderante da cogitação primeira. Dahi o feitto mixto do livro, ora biographico, ora historio, mas sempre interessantissimo, repleto de erudição e de fina analyse, e com inacreditavel somma de material novo nem siquer suspeitado até hoje.

Insistamos nesse ponto, pois nenhuma injustiça maior se poderia commetter do que, a pretexto de predominio do elemento individual na exposiçào dos successos, querer insinuar ou suggerir que Tobias Monteiro se não occupou da Grande Historia, e só cuidou de aneddotas. Dentro em pouco, salientaremos o muito que fez, e evidenciou, na soluçào de alguns dos mais intrincados e desconhecidos problemas de nossos Annaes. Em alguns casos, renovou as idéas acceitas entre nós, e que, entretanto, provou serem erroneas e substituiu por outras.

BANIMENTO DA VIDA INTERNACIONAL

Outro reparo que se poderia fazer é o banimento da vida internacional do quadro desse livro. Confessamos não atinar com razão da exclusiva lançada contra esse aspecto de nossa actividade nas primeiras decadas do seculo XIX. Ella motivou passos decisivos para o surto da nova nação: a transferencia do governo da Europa para a America, a conquista da Guyana franceza, uma lenta mas constante invasão no valle platino, semente de difficuldades e de guerras que durariam decennios; gestões diplomaticas que firmaram orientações decisivas na politica ex-

terna do Brasil. Certo é que taes desenvolvimentos são posteriores á Independencia, mas o ponto de partida foi o imperialismo joanino a se sobrepôr aos rumos legitimistas de d. Carlota Joaquina e aos fructos da corrente emancipadora que sacudiu as colonias hispanicas a partir *del año diez*. Nem parece procedente allegar as divergencias profundas entre o independentismo hispano-americano e o luso-americano. O proprio contraste entre ambos e seus conseqüentios — calma no Brasil e effervescencias nas antigas possessões castelhanas; Imperio a prolongar tradições e a salientar similhanças de um lado, e Republicas tumultuarias a ostentarem violencias que, na Europa, se tomariam por filhas de jacobinismo, liberalismo e maçonaria, terror e espantallo odiado da Santa Alliança — esse mesmo contraste serviu ao Brasil em sua actividade internacional: campeão contra a revolução no Novo Mundo, dizia defender e se gabava de legitimismo temperado.

A ausencia desse elemento de mór-importancia na elaboração da Independencia crêa uma lacuna. Falta, por isto, certo equilibrio ao edificio admiravel da *Historia do Imperio*. E' evidente que virá nos volumes seguintes, com brilho e a segurança de saber e de dizer do livro inicial. Mas chegará um pouco fóra da hora, distanciado do periodo em que seu influxo começou a surgir. Taes notas marginaes, que não chegaram a ser restricções, não constituem absolutamente uma critica. Evidenciam apenas divergencias de methodos, de pontos de vista e de conceitos. Nem ha nada mais natural: pouca probabilidade psychologica existe de escreverem livros identicos, ou identicamente norteados, duas mentalidades vindas de pontos differentes do horizonte, com characteristics dissimilhanes. illogico seria discutir cada qual, com seu apparelho critico proprio, a obra feita pelo outro: levaria apenas á conclusão de que cada um tem individualidade autonoma. O

único critério a seguir é collocar-se no ponto de vista do auctor estudado e analysar como utilisou *suas* idéas, *suas* convicções, *seus* processos, na obra que produziu.

Si applicarmos a regra ao livro de Tobias Monteiro, manda a simples honestidade mental reconhecer que nos achamos deante de um trabalho digno de admiração, respeito e louvor.

As silhuetas que traça têm vida propria. Movem-se e agem naturalmente com seus defeitos e seus meritos. Vê-se e sente-se que não são grandes personagens dentro no protocollo, retratos convencionaes que o officialismo fabricou, com solennes e hieraticas roupagens de apparato, effigies mentirosas e adrede feitas para crear uma lenda favorecida. São pobres creaturas humanas com seus soffrimentos e suas falhas, vicios e quiçá crimes, a fingirem que guiam os acontecimentos que, poréni, os esmagam.

A infeliz existencia de um d. João VI com seu horror á hygiene, seu pavor incoercivel, seu abandono sentimental, sempre só e ameaçado pela mulher conspiradora e odienta, parece resaltar com maior tristeza no seu tregeito tragico e ridiculo.

Carlota Joaquina, mulher pelo sexo, e homem pelo temperamento, pelas qualidades de commando e pelos desvios moraes, surge da massa de novos informes collidos pelo auctor menos desabonada do que a pintaram detractores systematicos. Ha, em historia, dessas reputações boas ou más creadas unilateralmente, ou porque o accusado nunca pretendeu defender-se, ou porque a figura exaltada não permittiu fossem ouvidos os conceitos divergentes. Da infanta hespanhola, rainha de Portugal, se pode dizer que exemplifica tal tendencia. O que se diz della provém, quasi só, de uma litteratura de pamphletos em periodo agitadissimo e de paixões soltas. Até que ponto verdadeira será a noção corrente? Provavelmente, nem santa, nem

megera, mixto de *gitara*, cheia de paixões terríveis e de odios sempre vivazes, e de espirito dominador, capaz de dedicações e de sacrificios por homens e por ideaes, con tanto que os primeiros fossem partidarios seus, e os segundos os seus proprios. Curioso é que a Messalina que della querem fazer, e que talvez não fosse, seja a mesma auctora da carta de conselhos maternos ás suas filhas, uma rainha e outra infanta de Hespanha, tão repassada de ternura e de preocupação moral.

Indeleveis as aguas fortes dos Andradas, as quaes cada vez mais confirmam o conceito laconico e lapidar de Arnútage, despoticos no poder e facciosos na opposição. Nos detalhes hoje trazidos a lume, ha verdadeira revolução quanto ás phrases feitas sobre esses próceres. Ninguém foi mais desfigurado por imaginações constructoras de idolos do que os tres grandes santistas. Por falta de senso critico conseguiram fazer delles figuras monstruosas por sua excepcionalidade na sociedade humana, o velho *monstra vel prodigia* acode ao espirito ao se lerem os dithyrambos adoptados pela repetição sem analyse oem documentação. Do trabalho de Tobias Monteiro, saem mais humanos, não menores, mas restituídos a dimensões normaes, vivendo e sentindo como era natural no seu tempo. Não diminuíram seus vultos, merecem a mesma gratidão, o mesmo respeito; não caem dos pedestaes em que se ergueram suas estatuas. Mas são homens e não mais mythos, sacudidos por paixões, vibrantes de enthusiasmos patrioticos mas tambem movidos pelos resentimentos mais tenazes e impiedosos contra seus adversarios. Grande serviço historico; a lenda vem substituida pela realidade provada.

Si passarinos aos grandes problemas perquiridos, não se ostentam menos opulentas as pesquisas do auctor. Em

varios pontos, refez a historia geralmente acceita sem maior exame, e isto em trechos capitaes.

De relance, citemos as paginas sobre a transferencia para o Rio da séde da monarchia portuguesa, as hesitações de d. Pedro, antes de *fico*, seus vae vens entre lusitanismo e brasileirismo, o influxo de d. Leopoldina, o feitio e o papel dos Andradas, a primasia na Independencia.

Não nos podenos deter em todos esses pontos. Fôra necessario refazer o livro, em commentario, indicando as novas luzes que traz. Mas sempre notaremos algumas passagens. A vinda de D. João ao Brasil, por exemplo.

VINDA DE D. JOÃO AO BRASIL

Tem sido debatida a evasão de Lisbôa. Acto de reflectida politica, dizem uns, relembrando o trabalho de Biker, sobre os tratados de Portugal. Méro e rude despejo *manu militari*, de que Junot foi o meirinho, allegam outros.

Deixa Tobias Monteiro claramente explicado o caso. Idéa velha de alguns annos, desde as ameaças de 1806, sempre adiada pelo hesitar perpetuo e pelos temores alternativos do Principe-regente a cambalear apavorado entre França e Inglaterra, como bem sublinha o livro, ia afinal realisar-se. Não mais seguiria d. João, entretanto; siu seu filho e herdeiro d. Pedro, com o titulo de condestavel. Novo accesso de desconfiança e de terror annullou a resolução; havia corrido o boato de que certos conjurados aproveitariam tal ensejo para entregar aos Francezes o regente, ficando salvo o filho e portanto amparada a permanencia da monarchia sem o peso morto e as lerdices do pae. E foi correndo o tempo. Os preparativos continuavam para o embarque; o que se trouxe para o Rio bem

prova que nenhuma improvisação houve, e que, ao contrario, tudo fôra meditado e previsto, e já com o desconto do alcance da medida sobre a situação internacional de Portugal. Viagem definitiva para manter a independencia patria sem mais receios de Napoleão, si este viesse a triumphar de modo permanente. Viagem de ida a que se seguiria a de volta, si a Inglaterra vencesse o Córso.

Nada de evasão desabalada e imprevista, tudo estando organizado para executar o plano politico longamente e maduramente pensado. Mas, hesitação em dar os passos decisivos: não fosse d. João o infeliz medroso que era! esperto, entretanto, e que só sabia vencer pelo cansaço e pela dilatação. Como decidir-se, entre os dois papões: a França já em marcha para invadir Portugal, sem que o principe se reudesse á evidencia, e tentando propiciar e negociar e corromper para conseguir o retrocesso ou a paralyção do avanço das forças; a Grã-Bretanha, com o rude e intoleravel Strangford como ministro em Lisboa, e a esquadra de Sidney Smith no Tejo a lhe abonar as palavras, praguejando e ameaçando si desobedecessem ás imposições inglezas, mas promettendo tudo em caso da submissão lusa ao que exigia a politica insular!... Nesse conflicto, o que estava em jogo era a esquadra das quinás, egualmente cobizada por ambos os adversarios: pelo francez, para reconstituir sua força naval anniquilada por Nelson em Trafalgar e pela impossibilidade de recorrer aos neutros após a tomada dos navios dinamarquezes em Copenhague; pelo bretão, para impedir a manobra inimiga. E d. João queria conservá-la para o proprio reino. Não tolerou maiores laideios e adiamentos a impaciencia imperial. Junot, pouco propenso a delicadezas e cortezias, foi o executor das ordens de Paris, executor impetuoso, brutal e rapido. Já havia transposto a fronteira hispano-portugueza, e nada ainda se sabia em Lisboa, cheia de discussões e de proje-

ctos sobre o que se devia fazer — resistir? capitular? fugir? — Mas o general não perdia tempo, e acercava-se da capital com grande velocidade. Viu-se então a utilidade dos preparativos. Quanto se podia e devia trasladar para a America, estava a bordo. A 27 de Novembro de 1807, d. João embarcou e a esquadra zarçou na madrugada de 29. A's 7 horas da noite, o futuro duque de Abrantes entrava em Lisboa com pouco mais de um milheiro de soldados.

Vê-se que Tobias Monteiro, com motivos seguros, funde as duas correntes. Regifugio, si quizerem, mas regifugio premeditado e organizado, de consequencias sabidas Execução tumultuaria e pouco edificante, pelas dilacões de d. João, por suas invenciveis angustias de desconfiado, hesitante e cobarde.

AS ORIGENS DO FICO

Ainda outro ponto capital é tratado superiormente na *Historia do Imperio*: as alternativas de opinião e de conducta de d. Pedro quanto ás ordens de regresso a Lisboa expedidas pelas Côrtes e a desobediencia do *Fico*.

A principio, quiz embarcar. Nem só o havia pedido ao pae; como era esse o primitivo desejo de d. Leopoldina. Grávida, esta, receiava viagem á ultima hora e tudo fez para pelo menos adial-a. Conseguiu seu intento. Mas surgiam cada dia novas razões protelatorias, até que viessem os motivos de recusa, nos decretos do Congresso. A nova organização do Brasil submettia d. Pedro ás juntas provinciacas, e, entretanto, era elle regente do paiz e locotenente d'el-rei. As viagens pela Europa, acolytado de aios, eram humilhação cruel. E pouco a pouco amanhcia a perspectiva de independencia, mal definida ainda, mas já prenunciada nas manifestações das tres provincias centraes, Rio. S. Paulo e Minas.

Parece que, ainda nesse passo, d. Leopoldina revelou visão mais aguda e alongada do que seu esposo. De sua correspondência privada transparece quanto animava a causa americana, se preocupava com os revezamentos de esperança e de desânimo, e as indecisões do marido. Não é passível de dúvida que, no casal, foi a primeira a compreender e a favorecer a grande oportunidade histórica. Havia demasiada coincidência de energias propulsoras, por parte da população, como elemento activo, e do futuro par imperial, como elemento receptivo para que a hesitação provasse duradoura.

Analysando resumidamente este periodo, em estudos recentes, alludiramos a isto, que o livro de Tobias Monteiro tanto esclarece. E dessas conclusões identicas de pareceres independentes, ha outra illação a tirar: a permanencia dos factores psychicos e de suas manifestações nos dois Braganças que successivamente reinaram no Brasil, até a abdicção de Pedro I. O denominador commum parece ser a hesitação na escolha dos rumos. Mas ahí avultam os contrastes: enquanto d. João não cessava de duvidar e de tremer sem nada resolver, d. Pedro, adoptada uma directiva, lançava-se de corpo e alma nos encargos da execução.

Hesitou até o ultimo momento el-rei a sair de Lisboa: o desconhecido o apavorava. Hesitou e, quando pôde, reluctou e adiou sua salida do Brasil e volta a Portugal, desolado por deixar a terra acolhedora, unico pouso de tranquillidade e de affecto em sua mallograda existencia, e apavorado ainda pelo desconhecido da recepção e da vida no reino constitucional de Fernandez Thomaz e seus correligionarios de revolução do Porto.

Ao contrario, d. Pedro, si vacillou na escolha de sua conducta ante as iutimações das Côrtes, pouco demorou no periodo de incertezas. Resolveu adoptar o rumo de combate e nelle proseguir com energia sempre maior. Mais

tarde, cheio de desgostos pelas injustiças do povo que lhe devia a Independencia, e ante a angustia crescente que lhe inspirava a sorte de sua filha d. Maria II, rainha de Portugal, escolheu, após longas tergiversações, a tarefa restauradora no antigo reino, e atirou-se á empresa com decisão, firmeza e entusiasmo.

Brasileiro no primeiro caso, Portuguez no segundo, em ambos ostentou as mesmas qualidades de denodo, energia e capacidade realisadora, e as mesmas fraquezas transitórias e curtas, no escolher immediato das soluções finais.

OS ANDRADAS

Em todos esses capitulos Tobias Monteiro muito e muito innovou. Depois de seu livro, não é mais licito continuar nas simplificações inexactas dos factos que correm impressas. Mil e um elementos essenciaes, resurgiram, geralmente ignorados de quasi todos, mesmo de especialistas, Mas onde a divergencia das idéas correntes mais se accentua, é no apreciar o papel dos Andradas.

Phenomeno curioso que convem investigar, é essa deformação historica que lhes attribue o maior papel na Independencia. Nada, entretanto, é menos abonado.

Em meio da agitação dos espiritos por franquezas politicas mais amplas, tal que já em 1807 Lisboa receava a separação da America portugueza, o grande coordenador foi um grupo do Rio, com José Joaquim da Rocha á sua frente, no dizer de Mareschal, sempre cauteloso em affirmar, e bem informado por via de regra. O ponto de apoio seu e de seus companheiros, Léo, José Clemente, Januario e tantos outros, era o proprio principe-regente. Para uma sociedade como a do Brasil coevo, um chefe se tornava necessario: nenhum sobrepunha o loco-tenente d'el-rei. E em torno d'elle redobravam os esforços de conquista.

D. Pedro, a encabeçar a reacção contra as Côrtes em prol da emancipação política do paiz, trazia elementos de força sem par: auctoridade legal, herança presumptiva da monarchia, gradação mais alta do que a dos generaes portuguezes. Da acceitação ostensiva do encargo de dirigir a onda libertadora, decorria concentrar em torno de si a todos os brasileiros ansiosos por não retrocederem á phase colonial, desanimando a todos os partidarios da metropole, pois em todos elles era noção corrente a resposta de Madeira de Mello, na Bahia, a Vasconcellos Drumond — é negocio entre pae e filho. Seria de ante-mão victorioso o partido que o principe abraçasse na lucta imminente. Foi, portanto, o elemento decisivo, e, sem duvida, é o heróe do livro de Tobias Monteiro.

José Bonifacio, chamado ao Rio, veio encontrar o movimento emancipador já iniciado. Não foi seu creador. Sua valia, indisputavel, está em ter organizado e dado fei-tio mais concentrado e percuciente a esforços e boas vontades, algo chaoticas.

Porque se manifestou desde cêdo a tendencia a inverter os papeis e fazer de d. Pedro a ordenança do grande Paulista? Ainda é fructo da impopularidade e da desconfiança despertadas pelo soberano, desde a dissolução da Constituinte. Ficou sendo o Portuguez, o restaurador, o absolutista ou corcunda. E uma das manifestações do desamor e da ingratição foi diminuir-lhe a eminencia da acção e a primasia do papel. Consequencia logica, tendo nascido com o injustificado preconceito andradino passou a ter por origem S. Paulo. Após o livro que analysamos, não mais parece possivel sustentar similhante these, pois a evidencia é ampla, completa, plena, de que o berço da Independencia foi o Rio de Janeiro.

Aos adversarios do primeiro imperador, por opposição systematica, se deve a deturpação da verdade histori-

ca. Continuou no decurso das regencias, durante as quaes o já então duque de Bragança era injustamente apontado inspirar correntes de absolutismo restaurador, alieive contrario ao depoimento irrecusavel dos factos e da correspondencia imperial. No segundo reinado, foi uma forma de hostilidade latente contra a monarchia e contra o monarcha.

Em ultima analyse, pois, surge o phenomeno da dupla personalidade do primeiro Pedro; tido por Portuguez no Brasil, e por Brasileiro em Portugal, sempre suspeitado e olhado de esguelha por aquelles mesmos a quem servia com dedicacão e sacrificio.

No caso, o deferir a José Bonifacio seu logar proprio, o segundo, nada o diminue. Foi o cerebro organisador de uma decisão alheia, já tomada quando o Santista veiu assuntir a pasta do reino e dos estrangeiros, e durante dezoito mezes lhe imprimiu o cunho de sua vigorosa individualidade, justificando a fama de que viera precedido e a suggestão que de seu nome haviam feito a d. Pedro, ainda regente, os iniciadores da conjura do Rio.

Será interessante perscrutar o que queriam realmente as personagens principaes do drama, Imperador, ministros, governos e particularmente os Andradas.

A corrente popular, simplista e alheia a calculos de interesse ou de politica, queria a independencia com o rompimento de todos os liames com a antiga metropole. E seu poder era tal, e o respeito que inspirava tão grande, que sempre exerceu acção de presença, e determinou o feiço definitivo das negociações e das soluções.

As correntes politicas eram outras. Um as afinariam pelo diapasão do *man in the street*. Nos circulos mais elevados, porém, a tendencia dominante, embora occulta e apenas manifestada na obscuridade e nas lacunas dos textos, seria pela monarchia dual, pela união pessoal das duas

corôas. Parece ter sido inicialmente a opinião reconcida dos Andradas e do Imperador . Foi a que, pelo silencio, permittiu o tratado de reconhecimento de 29 de agosto de 1825. E só não triumphou porque o ambiente politico no Brasil, ao morrer d. João, em 1826, encerrava taes ameaças, que julgaram todos mais prudente não provocar resentimentos populares que poriam em perigo monarchia e monarchia. Assim se realisou a abdição do throno portuguez por el-rei d. Pedro IV, após a consulta expressa feita sobre esse ponto ao primeiro concelho de Estado, em que a questão longamente se debateu.

Isto, entretanto, nos levaria demasiado longe, tal a complexidade do caso, e já é tempo de encerrar estas notas marginaes, por demais extensas.

Com real pesar, separamo-nos deste excellente livro, probo e captivante, em que pullulam observações, informes e idéas. E maior ainda é nossa lastima, por termos dito tão perfunctoriamente e tão mal da notavel obra da qual pensamos tanto bem.

Agosto de 1927.

DIARIO DA NAVEGAÇÃO DE PERO LOPES DE SOUSA, 1530 - 1532

POR EUGENIO DE CASTRO, RIO, 1927

Embora o terremoto de Lisboa, em 1755, houvesse destruído innumeros documentos históricos de Portugal, os archivos desse paiz devem ainda conter thesouros desconhecidos, aptos a elucidarem as constantes lacunas do que se presume saber do seculo dos descobrimentos. Desde o Infante Navegador até o dominio hespanhol, quasi dois seculos ha em que tudo quanto se refere a viagens e conquistas está envolto em brumas e incertezas.

Quer pelo sigillo nacional de que falava Jayme Cortezão, quer por desaparecimento de papeis e relatos da época, ou ainda por estes não terem sido achados e divulgados; por qualquer desses motivos, pairam duvidas e interrogações provisoriamente insolúveis sobre navegações oceanicas.

Quanto ao Brasil, as hesitações começam com o "Esmeraldo de situ orbis" e a viagem nelle citada de Duarte Pacheco em 1498, e se estendem por perto de meio seculo. Quantas fallas e perguntas irrespondidas provocam, denotando os poucos elementos vindos á luz...

Dentre ellas, os feitos históricos e geographicos da armada de Martim Affonso de Souza, de 1530-1532, eram ponto obscuro e quasi incomprehensivel.

Nem de outra fórmula, podia ser João de Freitas, citado por Capistrano, considera o "Diario da navegação

de Pero Lopes de Sousa" como simples narração truncada do verdadeiro DIÁRIO que não chegou até nós. Capistrano, a seu turno, examinando a redacção, aponta nesse mesmo colíce vestígios de informações mais antigas, de roteiros outros em épocas varias do anno, trechos estes costurados juntos no memorial que Varnhagen descobriu. Assim também, nas palavras de frei Vicente do Salvador ha resquícios de esclarecimentos sobre essa mesma expedição, tirados de provavel chronica mais antiga, hoje perdida. Teria Pero Lopes feito duas, em vez de uma só travessia do Atlantico?

Lembrar taes factos, aponta para o rumo de entendimentos possiveis entre Brasil e Portugal, com o lito de se divulgar systematicamente quanto exista nos documentos conservados em nossa velha metropole, e relativos aos seculos XV, XVI e XVII. Não seria máo alargar o campo de pesquisas até Hespanha, onde, em Simancas especialmente, talvez se encontre muita cousa em massas de collecções etiquetadas sob epigraphes outras que não Brasil e Portugal, pois de 1580 a 1640, de justiça e de direito, figurariam os relatos luso-americanos sob o titulo geral de Hespanha.

Convém ainda ter no espirito a relatividade da noção de descobrimento, e, nos seculos citados, não julgal-a com a mentalidade de hoje.

O OCEANO PRESTIGIOSO

O mundo, na éra dos quatrocentos, representava um agglomerado de compartimentos estanques. Pouquissimos sabiam da existencia do Extremo-Oriente, não já em seus detalhes mas em blóco. Corriam a seu respeito as mais descabelladas lendas.

Das regiões equatoriaes e da zona torrida só se sabia que, nellas, a vida era impossivel pelas temperaturas insupportaveis ali reinantes. Dentro nos proprios paizes europeus, tão estreitos entretanto, cada valle, a bem dizer, lindava um povo, e as serranias divisorias avultavam quasi intransponiveis.

Nem se julgue exaggerado o conceito, cujas consequencias perduram. Que significam as fundas differenças dialectaes, ainda hoje dominantes, senão essa mesma particularisação primitiva, separações internas na população das mesmas unidades politicas? Não ostentam Italia, França, Allemanha, Bélgica, dezenas de divergencias dessa natureza? Não seguem o mesmo rumo os demais paizes desse continente? E o proprio Portugal, minuscuro como é, não repete o exemplo, na linguagem local, nos costumes e no vestuario?

O horizonte popular, sentimental e intellectual, era constricto ao ambito de angusto regionalismo. Só espiritos mais altos, sempre excepcionaes, elevavam-se a um relancear mais alongado.

Nos nossos dias, os povos, com outras facilidades de convivio e de intercambio, tanto se desconhecem. Ainda agora, nos mappas ha tanta lacuna.

Como estranhar, pois, o mesmo facto, em escala centuplicada, na Europa barbara e ignorante daquelles tempos remotos?

Assim se localisavam, tambem, os conhecimentos geographicos.

Dos problemas geraes cuidavam apenas homens de governo e sens conselheiros. E das condições peculiares de Portugal-decorriam difficuldades especiaes.

Paiz pequeno, pobre e parcamente povoado; dividido em bacias fluviaes asperas de transpôr, a ponto de ser mais facil descel-as até o littoral, beirar a costa até o ou-

tro rio em cujo valle se queria ficar, e subir este; vê-se o influxo da orla marítima e do proprio oceano na ligação interna dos trechos continentaes. Desde cedo, se utilisou essa grande via de comunicação, o que a fez pescadores e marujos a se afoutarem longe das praias. Parece logico vêr na vida marítima um grande traço unitivo do povo luso. Tal seu imperio, que, no feitio mental dos seculos XV e XVI, haveria em torno das viagens e das cousas de marinharia uma como que alma collectiva nacional. E' o que Camões tão claramente soube interpretar e traduzir.

MYSTICA DOS DESCOBRIMENTOS

Mas Portugal era minimo. Tinha rivaes mais poderosos e providos de recursos. Catalães, Mouros, corsarios dos dous littoraes da Mancha, barcos do Mediterraneo, sulcavam as ondas, movidos por interesses divergentes, por vezes em conflicto.

No Mediterraneo, Turcos e Barbarescos navegavam ao corso das "feluccas" e outras nações de Veneza e Genova, empenhadas no commercio asiatico das especiarias, través o Egypto e Byzancio.

No Atlantico era menor a intensidade da marinha mourisca: donos e conhecedores das terras da Africa, não tinham o incentivo de conquista, descoberta e dilatação da fé, a que obedeciam Hespanhóes e Portuguezes. E logo que d. Henrique se entregou, de corpo e alma, á energia enxameante de sua colmeia de Sagres, nem só cederia ao impulso duma já tradição nacional economica e politica, como desempenharia seu papel de soldado de Deus. Dos corsarios marroquinos, a influencia só começou a avultar após as investidas de Gama e de Cabral.

No mar, entretanto, não estavam sósinhas as quinas. Existiam concurrentes temíveis: Francezes, Catalães, e Inglezes. A todos, ellas venciam em conhecimentos nauticos, é certo. Basta lermos Bensande, Ravenstein, Luciano Pereira da Silva ou Antonio Barbosa, para disso nos certificarmos. Mas atraz da maruja e de seus chefes, Portugal só podia apresentar recursos minguados e energias globaes pouco desenvolvidas.

Para sua expansão se não vêr contrariada e cohibida, cumpria occultal-a. Dahi o sigillo nacional em que taes empresas se desenvolviam. O commentario de Jayme Cortezão sobre taes feições é concludente, e sua analyse da "Chronica da Conquista de Guiné" o evidencia. Roteiros truncados; amalgama de informes mal calcleados; imprecisões intencionaes; conclusões e apontamentos erroneos, contradictorios ou illogicos; a tudo se recorria para tornar inserviveis as divulgações que, de todo, se não houvera podido calar. Mas isso mesmo já era de mais, e o esforço todo visava impedir que qualquer cousa viesse a lume. Reviveram, até, velho costume dos Phenicios, ansiosos por conservarem o segredo das Cassitérides, donde hauriam estanho; sigillo bem guardado, só consideravam o que ficasse sepultado nas ondas atlanticas, e, por isso, punham inexoravelmente a pique com suas tripulações; os lerhos de outros povos, encontrados para Oéste, fóra das Columnas de Hercules. Assim tambem, os reis portuguezes ordenavam o afundamento dos barcos concurrentes, achados a navegarem nos limites postos pelas bullas pontificias como pertencentes ao exclusivo dominio lusitano.

Uma das provas da quasi sobrehumana solidariedade nacional em observar taes preceitos, máo grado inauditos sacrificios, quer pessoaes, quer collectivos, está nos resultados coihidos. Pouquissimos são portulanos, chronicas,

roteiros e cartas sobreviventes, quanto ao século XV e início do seguinte: época na qual, entretanto, se sente, nas entrelinhas dos documentos escapos á politica do silencio, o fervilhar da actividade marítima, e ainda se revelam vestígios de conhecimentos muito mais amplos do que o material escasso que indiscreções, calculadas ou inevitáveis, deixaram filtrar atravez das paredes do mysterio official.

Outro signal do prestigio da faina descobridora dá, indirectamente, João Lucio d'Azevedo em seu interessantissimo ensaio sobre "A India e o cyclo da pimenta". Ao citar o tributo de vidas masculinas pago pelas populações marítimas, encontra, por mais plausivel explicação do elevado numero de viúvas, o terrivel desgaste humano imposto pela excessiva audacia de nautas e de soldados das Indias.

Construcção fraca e mal equilibrada ante os impetos do oceano, o pequeno porte dos navios não permittia a lucta contra as furias das ondas e dos ventos; centro de gravidade e metacentro, altos em demasia, favoreciam a instabilidade, até o emborcamento dos cascos: nas aguas, do equador e dos tropicos o gusano apnava o costado com inimaginavel rapidez, desfazendo pranchões e cavernas. As hostilidades contra tribus e nações desconhecidas destruiam o elemento europeu: não era excepcional voltar a Lisboa um terço, apenas; da tropa e das tripulações iniciais. E apesar disso, não cessavam as navegações, sempre sob os rigores do sigillo e do serviço á grey, sem que pesasse qualquer consideração de piedade humana para enaltecer o sacrificio absoluto desses confessores da fé de novo genero.

Não admira, com taes preceitos de politica e de patriotismo, o relativamente pouco que se sabe da actividade navegadora de Portugal. E não é tarefa simples, pela

analyse do que sobreviveu, separar as alluviões successivas que representam a contribuição de cada viagem.

Com relativo exiço, tentou-o Jayme Cortezão na obra de Gil Eannes de Azurara. Em Duarte Pacheco, embora ainda visível, é menos apparente a serzidura dos diversos trechos que abrangem o littoral americano desde o Labrador, no Hemispherio Norte, até as alturas de Santa Catharina, no do Sul.

Acontece o mesmo no "Diario de Pero Lopes de Sousa", no qual se vê, e Capistrano o salientou, a estratificação de noticias vindas de observadores varios.

MYSTERIO INTENCIONAL

Na interpretação dos poucos documentos relativos ao descobrimento do Brasil, difficuldades numerosas escurecem o assumpto, e sómente se eliminam com admittir conhecimentos e pontos de referencia anteriores á viagem de Cabral. Não é só a lição dos mappas antigos, da ilha Brasil que em varios figurava. Ha mistér examinar mais de perto os depoimentos do "Esmeraldo", a carta de Estevam Fróes, o que os papeis archivados e os relatos de viagens e as mercês régias subentendem ou deixam suppôr.

Ademais, a noção de terras por achar, e de inventos de ilhas perdidas, é e sempre foi cousa muito relativa. Hoje mesmo assim é. Aos habitantes mais ou menos primitivos de regiões desconhecidas, nada significa dizer-lhes que os descobriu seu primeiro visitante. Em éras como os seculos XV e XVI, ainda mais; pois os novos achamentos geographicos seriam forçosamente limitados aos povos que os conquistavam, e não se espalhariam senão muito lentamente. A uma diffusão rapida se oppunham as poucas relações de intercambio de toda especie, a nor-

ma generalizada de mutismo, o receio de provocar concorrências.

Estas, no caso do commercio de especiarias, viriam de Genova e ainda mais de Veneza. As grandes casas commerciaes de Augsburgo e de Nuremberg, os Welser, os Fugger, interessadas nesses negocios, tambem procurariam informar-se e a Hespanha lhes não ficaria á retaguarda. Cada qual desses grupos mantinha em Lisboa representantes, quer ostensivos, quer occultos, cuja missão principal seria conhecer por todos os modos, licitos ou illicitos, o que as navegações portuguezas conseguissem desvendar. E os espiões alienigenas, se bem revele sua correspondencia, hoje parcialmente conhecida, quanta informação preciosa lograram obter, eram excepção rara motivada pelo ciúme commercial. Não se dava na mesma escala em outros paizes, menos interessados, do Norte da Europa.

Para estes, até a attribuição do descobrimento da America a Hespanhões poderia dar lugar a surpresas.

Na Escandinavia, o novo mundo já era conhecido desde o seculo X. Com os barcos de pesca islandezes e dinamarquezes tinham relações e contactos marujos lusitanos, e já começou a divulgação de taes factos. Os problemas do descobrimento do Labrador, das viagens de Côrte Real, o velho, estarão a caminho de solução, por ora apenas entrevista, si se confirmarem os indícios que estão surgindo em Copenhagen.

Grande luz traria isto a toda a série de indagações sobre o conhecimento pre-colombiano da America, por parte dos pilotos de d. João II. E seria ainda a confirmação decisiva e inilludivel da opinião, hoje dominante; quanto á politica dos reis portuguezes no tocante a Christovam Colombo e ao tratado de Tordesilhas, opinião que sustenta saber Portugal da existencia de terra firme, que

não Asia, nos sitios que o Genovez confundia com Cathay e Cypango.

O phenomeno não é privilegio de Portugal e do Brasil. Max Farrand, em seu livro sobre a formação historica dos Estados Unidos, lembra com razão a tradição, inda viva nos descendentes actuaes dos primeiros colonos de Terra-Nova, de que João Caboto, em 1497, partira da Inglaterra a descobrir terras, cuja existencia já couhecia pelos pescadores de Jersey.

Tudo isso mostra a relatividade do conceito de descobrimentos, e a necessidade de investigar, nos velhos repositórios de papeis, as fontes formadoras dos documentos vindos a lume.

MODOS DE INTERPRETAR

Era o caso tambem do "Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa".

Varnhagen, que o descobriu na Bibliotheca da Ajuda, não tinha os elementos precisos para o estudar a fundo. Moço de mais, ainda não adquirira a somma de conhecimentos que mais tarde revelou. Faltava-lhe igualmente base documental, pois os estudos americanos, a pesquisa de manuscriptos e livros e divulgação de suas riquezas, a bem dizer só nestes ultimos annos se iniciou. Já foi serviço immenso, e maior por partir de um joven de 23 annos apenas, trazer em 1839 ao acervo das letras historicas de nossa terra um thesouro como a primeira edição do "Diario".

Uma cousa, contudo, é achar; outra, saber interpretar e utilizar. E neste ponto, sempre fallhou o grande historiador. Nenhuma prova mais convincente do que as quatro edições, anteriores á actual de Eugenio de Castro,

nas quaes Porto-Seguro revela critica hesitante e mal firmada, com attribuições inexactas e deficiente analyse dos textos.

Nada mais natural, entretanto. Sem irreverencia á memoria do erudito patricio, é, como sempre, conveniente lembrar o eterno "ne sutor". A formação intellectual de seu espirito, baseada em forte preparo mathematico, versára sobre sciencias terrestres, digamos assim. Official de artilharia, curioso de problemas geographicos, nunca o mar o attraira. E o "Diario" é essencialmente um problema de navegação a solver, além das interrogações geographicas e historicas que encerra.

Nisto, a grande, a immensa superioridade do trabalho de Eugenio de Castro. Official de marinha, de vasta cultura e pratica em sua especialidade, possuindo ampla leitura de auctores que investigaram as incognitas dos seculos de descobrimento, o XV^o e o XVI^o, ninguem melhor do que elle poderia decifrar roteiros, portulanos e singraduras, apurar rumos, correntes oceanicas, e outros enigmas da navegação a vela. Ainda llic accrescia o merito do conhecimento pessoal e pratico da costa oriental sul americana, facilitando-lhe interpretações de nomenclatura e restituções topographicas e toponymicas.

Sempre corre riscos serios quem se aventura a proclamar definitivos os resultados quaesquer do esforço humano. Não tarda a surgir um audacioso feliz, a sovelar o balão e fazel-o descer. No caso presente, porém, parece difficil demolir o edificio intellectual que o auctor erigiu em suas conclusões, tal a segurança do apparelho critico em que se esteiou, tal a prudencia do criterio com que o soube applicar. Ha pontos obscuros ainda, não ha duvida, mas que não infirmam o arcabouço geral e a economia interna do trabalho.

Nenhum favor, dizer e proclamar a altíssima valia do livro. Por elle, é devida a gratidão nacional a um pugillo de benemeritos obreiros de primeira plana: Eugenio de Castro, que o creou; Capistrano, o Mestre, guia e orientador da "Série Eduardo Prado"; Paulo Prado, que o editou "para melhor se coahecer o Brasil".

Mas para encetar empresa tamanha, havia uma serie de preliminares a resolver primeiro.

O ELEMENTO DOCUMENTAL

Que vinha a ser o documento em questão, do qual tres copias existem, duas mais recentes e de menor fidedignidade, e a mais antiga, a melhor, a da Bibliotheca da Ajuda? Varnhagen reconhecia nesta, que com razão preferiu, o proprio original escripto por mão de Pero de Góes, futuro donatario da capitania de Campos dos Goytacazes, com annotações marginaes de Martin Affonso de Sousa. Erro, aliás, que destruíram os estudos de Capistrano e de Pedro de Azevedo. Hoje, é tida a preciosa narrativa por uma copia do original, perdido este como o foram as relações dos demais capitães da esquadra de Martin Affonso.

Mas outros problemas surgem ahí. Superpõem-se no "Diario" informações de mais de uma viagem. Allude-se a phenomenos locais que occorrem em epochas do anno que não coincidem com as datas em que os navegantes de 1530 por ahí passaram. Fusão de expedições várias? do proprio Pero Lopes, pois ha quem lhe attribua já ter singrado uma vez os mares brasílicos antes de seguir como capitão de bandeira do Capitão-irmão, como elle trata a seu mano primogénito? de outros pilotos? de quaes?

Pontos obscuros, que, na melhor hypothese, só poderão vir esclarecidos pelos archivos ibericos ou pelas cor-

respondencias diplomaticas dos embaixadores, ou dos espias outros residentes em Lisboa occidental. a seus respectivos chefes. Seja qual fôr a origem desse sumiço de papeis, as allusões do "Diário" apontam para a existencia delles. Desappareceram, ou por negligencia, ou por systematica destruição, ou no cataclismo de 1755; ou jazem perdidos na poeira de insôndaveis depositos, até que um benemerito os desperte do somno quatro vezes secular.

Várias referencias dão que pensar sobre a existencia de viagens anteriores a Cabral no hemispherio Sul; assim como João Vaz Côrte Real, o velho, bem poderia ser um dos descobridores pre-colombianos da America septentrional, na Terra dos Bacalhãos, por 1472-1474, em expedições dinamarquezas de pescaria.

Alludimos á conhecida passagem do "De Situ Orbis" sobre a costa americana, de 70.^o de latitude Norte a 28^o30' de latitude Sul, cousa que Duarte Pacheco não poderia ter realisado a sós na expedição unica de 1498.

Ainda nos lembramos de Estevam Fróes, a escrever a d. Manoel em 1514 detalhes de sua prisão em Porto-Rico, e citando que havia mais de vinte annos que as novas terras eram conhecidas pelos pilotos lusos, antes de 1492 e de Colombo, portanto.

E tambem nos acode ao espirito a citação capital de Jordão de Freitas, no processo debatido no tribunal de Bayonna a proposito da tomada da "La Pélerine", por auctoridades lusitanas; processo no qual, em 1532, uma das testemunhas affirmava que os Portuguezes "tinham as suas casas de morada avya quarenta annos e mais" em Pernambuco, por 1492, no minimo, portanto.

Taes interrogações, por agora, permanecem irrespondidas. E' possivel que pesquisas mais aturadas nol-as satisfaçam, entretanto. Com o material hoje disponivel, é

principalmente o aspecto geographico da questão que menos difficil se apresenta.

Para abordal-o com exito, exige-se preparo muito especial. Cumpre não esquecer o que é um portulano, um roteiro, um diário de navegação, e, acima de tudo, o que era nos seculos XV e XVI.

OS ELEMENTOS NAUTICOS

As embarcações eram pequenas; muito altas suas superstructuras: pouco estaveis quanto á sua parte immersa. Obedeciam mal ao panno e ao leme, tardas em suas evoluções. Por todos esses motivos, eram verdadeiro joguete dos elementos naturaes. A pressão do vento nas superficies expostas, obras mortas e velame, cooperando com a deficiente estabilidade do casco, era ameaça constante de emborcamento.

Ora, pouco maneyras, não manobravam com a rapidez precisa para reduzir ao minimo os perigos que tal construcção defeituosa apresentava. As resistencias mecanicas do areabouço, boas talvez a principio, em prazos breves diminuian nas aguas tropicaes, onde o gusano, mais celere do que nas regiões temperadas, atacava as madeiras immersas. Muito mais do que em nossos dias, portanto, se impunham precauções, cuidados e attenção continua quanto ás feições meteorologicas e aos factores oceanicos. Correntes marinhas; condições das ondas; prenuncios de mudança de tempo, de direcção ou de velocidade dos ventos; tudo exigia a mais aguçada vigilancia de todos os momentos. Não existiam então os aparelhos physicos e mecanicos que hoje facilitam taes observações.

O pórté das náos era incompativel com os esforços que hoje — por mais solidos, mais estaveis e mais ben construidos — supportam mesino os veleiros communs.

Em taes circumstancias, nos barcos daquella época tinha o ambiente physico influxo muitissimo mais importante, decisivo mesmo. E' essa a preocupação constante revelada nos roteiros; as surpresas do mar e do vento.

Orientações, derrotas, calculos nauticos, tudo obediencia á situação geographica dos pontos extremos da viagem, e ao aproveitamento maximo dos factores favoraveis de estação, de correntes aericas e do movimento das aguas, bem como á necessidade de fugir aos elementos contrarios.

Ora, uma difficuldade capital decorria da inexistencia de meios e de processos exactos para determinar o ponto no mar. Para as latitudes, ainda, havia methodos approximados e instrumentos grosseiros, que limitavam as imperfeições dos observadores. Mas para as longitudes, nada havia de equivalente. Isso impunha redobrado esforço para se guiarem os navegantes por indicações locais: natureza dos vegetaes fluctuantes e dos peixes encontrados; direcção do pescado quanto ao rumo seguido pelo barco; orientação do vôo dos passaros e natureza delles.

Os pilotos quatrocentistas e quinhentistas, que tão grandes feitos praticaram com tão formidavel escassez de recursos, conheciam, confusamente taes indícios, mas o elemento de systematisação começou a surgir muito mais tarde. Hoje, as marinhas mais importantes e adeantadas têm seus serviços hydrographicos que publicam cartas e instrucções nauticas admiraveis para todos os periodos do anno. As allenãs, norte-americanas, inglezas e francezas são verdadeiras obras-primas de sciencia de navegação. E só com taes auxiliares, graphicos e outros, se pôde estudar e interpretar os velhos portulanos daquelles tempos remotos, e só nelles se encontra a chave para solver os problemas incluso nas expressões laconicas dos livros de bordo.

Para situar seu estudo no ambiente do seculo XV e do immediato — com as difficuldades todas provenientes das más construcções navaes, dos meios deficientes de observação, da ignorancia geographica —, teve Eugenio de Castro de descrever e explicar os obices com que luctavam os navegantes de então. Era precisamente o que não haviam sabido utilizar os seus predecessores no exame do celebre Diario: o elemento de marinharia.

OS CRITICOS

Não estava Varnhagen a par desses elementos essenciaes, mas estreitamente especializados, e isso o levou a erros geographicos de localisação dos itinerarios seguidos.

Na nova edição do Diario de Pero Lopes, pela primeira vez, se evitou tal inconveniente. O commandante Eugenio de Castro, utilizando as cartas narinhas, as instrucções nauticas, e servido por sua pratica pessoal da navegação a vela e pelo conhecimento proprio do littoral brasileiro, pode technicamente refazer e traçar a derrota quinhenista, e, assim, dilucidar todo o texto da viagem de Martin Affonso de Sousa.

A excellent collectção de mappas do volume 2.º revela quanto se pôde conseguir — mesmo com os textos truncados, lacunosos e imperfeitos que nos chegaram ao conhecimento — quando as investigações se realisam com competencia, seriedade e senhoreio total dos problemas correlatos.

Desse ponto de vista, difficil será ultrapassar ou corrigir em ponto essencial, a obra que parece definitiva de reconstituição da celebre viagem. O quasi enigma que ella figurava, deixou de existir.

Certo, é esse um dos aspectos mais importantes do notável documento analysado: tel-o decifrado com alta probabilidade de perfeita identificação de itinerarios e de successos, já constitue valioso titulo de benemerencia ante estudiosos de cousas do Brasil. Mas, dessa approximação mais completa do que foi a derrota de Martin Affonso, resultou esclarecer-se mais de um ponto de longas controversias historicas.

Tal, o debate entre cosmographos e pilotos portuguezes e castelhanos.

E' veso quasi inarrraigavel falar na má fé das côrtes ibéricas ao discutirem a linha tordesilhana e nas conferencias de Badajoz. Já foi dito quanto a duvida se justificava, na ausencia de processos praticos e exactos para determinar coordenadas geographicas. Mas o Diario, posterior ao accôrdo de Saragoça, veiu ainda confirmar as hesitações. Não era só a questão da prioridade no descobrimento do chamado rio de Solis; não se limitava aos contornos do littoral sul-americano; eram as proprias localisações das terras nas novas viagens que davam a Lisboa, trechos que Madrid reputava seus. Bem se comprehendendo quanto, nesse conflicto de pareceres, devia titubear a resolução dos incumbidos de solver o problema.

Não á má fé, mas ao hesitar natural em quem tinha de decidir pleito tão grave e sem elementos probatorios de acerto, se devem attribuir avanços e recuos das duas monarchias, rivaes em territorio americano.

Tanto, que foi precisamente averiguar o linde pelo rio da Prata e quem primeiro o havia descoberto, o que levou d. João III a ordenar a missão de 1530, cuja actividade e signaes de posse portugueza poriam Castella ante factos consummados. Observações de tanta auctoridade, que a carta de Viegas, de 1534, nellas baseadas até hoje desperta sentimento de admiração e de respeito. E nesta, tanto

quanto nos mappas anteriores de Reinel (1516 ?) e de Diego Ribero (1529), de origem official hespanhola este ultimo, é vencedora a these lusitana.

Assim tambem, quanto aos fins politicos, internacionaes, da navegação ordenada por el-rey, nem só no tocante á disputa com Hespanha, como nos meios de contrariar o avanço francez no littoral do Brasil. Bem andou Eugenio de Castro insistindo nesses pontos, como o fizera para a parte geographica e as contribuições cosmographicas e scientificas.

O PROBLEMA PORTUGUEZ

A situação de Portugal não era facil. A India absorvia immensas energias em recursos financeiros, naves e homens, a ponto de comprometter toda a fazenda nacional. Foi além, pois para sustentar tal politica de magnificenciai, começaram os appellos ao credito, e os emprestimos devoraram a substancia do reino e arruinaram fundamentalmente o paiz, assim como os prestamistas. “Fumos da India”, diriam então, experimentados.

A America portugueza — e seria licito assim chamal-a, por 1530, em face das actividades castellanas e francezas, estas principalmente ? — nada produzia comparavel ás especiarias que o Extremo-Oriente fornecia. Ora, nos primeiros tempos do seculo XVI, ainda era lucrativo o commercio da pimenta, e não se justificaria sacrificar-o para desenvolver um paiz pobre como o Brasil, *mèra terra de papagaios e de pau-brasil*.

Por outro lado, abandonal-o seria impossivel. Posição flanqueadora que era da róta do cabo de Boa-Esperança, do caminho para o Oriente portanto, a Portugal interessava altamente conservar-a protegida,

Na partilha de Tordesilhas, o reino se julgava espoliado por um meridiano linceiro por demais trazido para Este, e as pretensões lusas já renunciavam a lucta pela colonia do Sacramento á margem do rio de Solis ou de Santa-Maria, descoberto por Portuguezes da armada de d. Nuno Manoel. A preocupação das minas do Pacifico povoava as imaginações, e d. João III, bem desejava ter accesso á região de Potosi, partindo do littoral atlantico, si pelo Prata se não pudesse chegar até lá.

A segurança da posse lusitana, ao longo da costa oriental americana, vinha ameaçada pelos corsarios e contrabandistas francezes. Subornar auctoridades navaes de França para se evitarem as "lettres de marque" de Francisco I, não iria muito longe; nem só não era el-rey peninsular tão rico, nem o governo do Valois mostraria escrupulos excessivos no respeito tributado á promessa de prohibir o curso. Em geral, a prohibição era ostensiva e a concessão das licenças se fazia clandestinamente.

Rivaes as duas soberanias da península, contudo laços de familia e interesses communs não permittiam degenerasse a competição em dissidio aberto.

O REGIMENTO PERDIDO

Como solver tanta exigencia contradictoria?

Verificar o linde, era o primeiro dever, mas fazel-o sem prejudicar o quinhão das quinas. De accôrdo com as navegações anteriores, dous grandes rios haviam sido descobertos, a Sul e a Norte: o rio de Santa-Maria ou de Solis, ao Meio-dia, por Portuguezes; um rio, o Mar Dulce de Pinzon, por Hespanhões, ao Norte, o rio Maranhão de Castella e de alguns pilotos lusos. Haveria conveniencia em identifical-o com o rio Maranhão dos de-

mais navegantes lusitanos, e confundir correntes diversas em um só caudal que seria o Amazonas.

Talvez por elles corresse o mesmo meridiano proximo ao da demarcação. A prioridade do descobrimento na banda sulina pela armada de d. Nuno Manoel, forneceria quiçá argumento para um recuo para Oéste que não prejudicaria a fronteira nas Molucas, já que estas, pelo acôrdo de Saragoça, em 1529, haviam ficado para Portugal, não mais segundo o convencionado em Tordesilhas, sim por acto de compra.

Assegurar a posse material da terra, seria outro. Neste intuito, seguiram-se as suggestões de Cristovam Jacques, plano que d. João III realisou por meio de donatarias, entregues a gente capaz de, por si, valorisar e defender suas concessões territoriaes contra o gentio revoltado e contra as aggressões estrangeiras.

O projecto era engenhoso, e, quando coincidiu re-cahir a escolha do donatario em pessoa de valor, surtiu resultados incontestaveis. Talvez não errem os que attribuem ter sido a obra feita na Madeira e no Brasil o modelo no qual se inspiraram os Inglezes nas colonias norte-americanas.

Dous grandes nomes ali avultam: Martin Affonso de Sousa, fundador, em seu trecho littoraneo e no planalto interior, das villas que marcariam o ponto de partida da conquista sertaneja, rumo do Potosi, na bem chamada "costa do ouro e prata"; Duarte Coelho Pereira, que, em sua capitania na zona central, do pau-brasil, firmou a repulsa do Francez invasor, no proprio meio onde este iniciára suas tentativas de dominio definitivo da terra brasilica.

Conhecer a configuração oriental do continente, ainda figuraria entre as preoccupações régias, e cumpria traçal-a em documentos officiaes.

No regimento perdido da missão de Martim Affonso, taes seriam os capitulos de mór destaque. E, com elles, inteira razão cabe a Eugenio de Castro, dizendo: "vinham, mensageiros da alma lusitana, crear o Brasil."

Até 1530, navegações diversas houvera. Christovam Jacques, mesmo, dera começo á systematica perseguição militar dos entropos. Mas tudo traduzia o esforço portuguez, politica portugueza, o ponto de vista portuguez. Com Martim Affonso começa a historia do Brasil, no quadro traçado pelos reis de Aviz, mas já com as características todas que se notam no decurso de sua existencia nacional.

AS SOLUÇÕES

A armada, reconhecida a costa sul-americana do cabo de S. Agostinho até Recife, logo se dividiu.

Diogo Leite, com duas caravelas segue para Norte e Noroeste, perlonga o littoral até as proximidades da foz do Amazonas, talvez mesmo a ultrapasse, e volta para Lisbôa.

Os navios restantes, sob o commando de Martim Affonso, mas tendo cada um certa independencia de movimentos, descem para Sul, e, parando em varios pontos da orla oceanica, navegam até o rio de Santa-Maria ou de Solis. Pero Lopes vae além, e chanta padrões no Estreito dos Carandins. Na viagem de volta, continua costeando o continente e levantando coordenadas, latitudes principalmente, e estimando singraduras.

Soldam-se desta fórma as duas series de levantamentos, do Amazonas ao vertice da embocadura do Prata, pouco acima da confluencia do Paraná com o Uruguay. Era a solução, de accôrdo com os meios da época, do problema da configuração oriental da America do Sul.

Nos dous extremos, haviam chegado a pontos do litoral, já fóra do meridiano de Tordesilhas, com diferença pequena no Amazonas, mas consideravelmente maior no Prata. Neste ultimo trecho, entretanto, poderia invocar-se a primitiva posse portugueza da armada de 1514, de d. Christobal de Haro e de d. Nuno Manoel. No Esteíror dos Carandins, navegava Pero Lopes por um canal e terras ainda não visitadas por Europeus. Não lhe inutilisavam a validade da posse o fortim e padrões de Caboto, na confluencia do Caracaraña, mais occidental.

Estavam, pois, sineadas duas balisas, a Norte e a Sul, para ulteriores expansões territoriaes de Portugal para Oéste. Ahi se continha em germe, todo o conflicto lindeiro luso-castelhano, que por tres seculos constituiu a vida do Brasil colonial, e mais um durou, depois da Independencia.

Restava a dominação effectiva do litoral. E nesta, varios problemas coexistiam. O afastamento dos corsarios francezes, contrabandistas de páu-brasil, seria um delles. O trato com os indigenas para lhes captar sympathia e colaboração, constituiria outro. O avanço para o sertão, rumo do meridiano fronteiriço e do Perú fulgente de prata e ouro, não poderia ser olvidado. Os meios praticos de governar a terra, gerir os interesses metropolitanos, na penuria de recursos do reino, valeriam por outra incognita. A todas deu solução d. João III., por intermedio de Martin Affonso de Sousa.

Christovam Jacques, enviado em 1527 a varrer do Atlantico Sul os lenhos dos armadores-piratas de Dieppe, de Honfleur e do Havre de Grâce, cumprira sua missão com exito, e crueldade normal nesses tempos de dureza e desprezo de piedade humana. O almirante da esquadra de 1530, auxiliado pelos seus capitães de náos e caravelas, não agiu por fóрма outra. Pez a pique ou apresou barcos

francezes. Destruiu os primeiros esboços de installações gallo-brasilicas no continente, substituindo-as por feitorias e fortins lusos. Passou pelas armas ou aprisionou inimigos, e aos poucos sobreviventes mandou captivos para Lisboa. Tal foi a semente e o modelo da guerra do pau-brasil, cujo termo, em 1615, simultaneamente no Maranhão e em Cabo-Frio, poz remate ultimo á definitiva expulsão das flores de liz das terras sul-americanas. até que, por acontecimentos politicos europeus, a Guyana lhes coubesse em partilha.

Essencial era o propiciamento do selvicola, sem cujo auxilio nada se poderia fazer com caracter permanente. Deu-lhe ainda inicio, e inicio feliz, o homem de confiança de d. João III, esboçando com os Tupiniquins e os Tabajaras uma alliança duradoura. Só se limitou a estes, porque os Francezes, seguindo politica indetica, captaram a amizade dos Tamoyos. Tupinambás e Pitiguares.

A mestiçagem fez o resto. A' medida que, na terra conquistada, se firmou o poderio do elemento invasor, e que os indios foram mingando em numero pelos "descimentos" deshumanos e pela inexplicavel e rapidissima evanescencia inseparavel do contacto do selvagem com o civilisado, o valor do factor autochtone foi desaparecendo tambem. Um seculo bastou para tal resultado.

Surgiu então o aproveitamento da terra, sem onus para uma metropole pobre, a se exaurir continuamente pela nefasta miragem dos "fumos da India". Cartas de doação e foraes de capitancias, foram a solução acertada, mais tarde tida por modelo por outros povos, e que Portugal iniciára na illha da Madeira. Dependia o exito da valia dos donatarios, é certo, mas o principio basilar era sadio e util. Fructificou, onde encontrou terra farta e obreiros dedicados.

Finalmente, a obsessão dos metaes preciosos e das pedrarias. E para esta, capital e incessante preocupação de Lisboa e de seus emissarios, foram estabelecidos os pontos de partida, e lançadas as directrizes fundamentaes do apparelho de conquista.

Potosi, centro de attracção da cobiça de riquezas, teria como exutorio natural de seus fabulosos haveres um porto do Atlantico, e não do Pacifico e do Isthmo como lh'o impuzeram os successos historicos. Essa era a opinião dos mais esclarecidos entre os espiritos dominantes da época. O rio de Solis, queriam alguns. Cananéa, suggeria o notave! Hernandárias. O littoral do Rio á fóz do Prata, no rio de Solis ou de Santa-Maria, alvitravam outros, menos precisos na especificação. "Costa do ouro e prata", foi appellidado com seguro criterio todo esse trecho continental. Nelle se marcaram, a partir da Laguna, e até Cabo-Frio, os quatro quinhões do Sul das capitánias entregues aos mais aptos organisadores, e mercedores da maior confiança, Martim Affonso e Pero Lopes. Desde logo, se investiu para Oéste á procura de metaes, prometendo Castelhanos estabelecidos na costa brasileira e sabedores do Perú, voltarem daquellas minas com-innumeros escravos e immensas cargas de prata.

E' certo ouvir-se ahí o primeiro som da toada uniforme, que embalou todo o periodo bisecular do bandeirismo sulino.

Nada, portanto, deixou por fazer Martim Affonso de Sousa, das incumbencias que se sabem, ou se inferem, de seu perdido regimento de viagem. A tudo deu soluçào de homem de Estado, de capitão experiente e animoso, e de politico sisudo e previdente. Foi, como perfeitamente pondera Eugenio de Castro, o fundador do berço de uma nacionalidade, no mais alto sentido da palavra.

Seu esforço e sua obra magnífica, inda hoje perduram na armadura de nossa Patria. Seus actos estavam prenhes do futuro. Plasmou um mundo.

CONCLUSÕES

Grande é o merito de quem soube, nesta quinta edição do Diario, tão nitidamente pôr em relevo a significação essencial de taes feitos.

Certamente, será grato ao coração e ao espirito alto do auctor se lhe diga, sem favor nem lisonja, que, a par de seus dotes pessoaes de saber e de estudo, de erudição e de poder intuitivo, se sente quanto lhe valeu o intimo e intelligente convivio com o maximo historiador nosso, Capistrano de Abreu, o Mestre genial a quem dedicou seu livro.

Pôde ufanar-se de ser um dos mais aproveitados discipulos dessa mentalidade de escól, desse cerebro de luz.

Tivemos alhures occasião de accentuar que o futuro reconheceria, nas lettras historicas patrias, uma corrente nova inspirada por essa intelligencia sem rival.

O livro que acabamos de analysar é o testemunho eloquente da existencia da escola, que, sem o saber, Capistrano fundou.

FREI VITAL

CONFERENCIA REALIZADA NO INSTITUTO HISTORICO A 6 DE JULHO DE 1928

EGREJA E REGALISMO

O conflicto religioso, que, de 1872 a 1875, sacudiu tão fundamente o Brasil inteiro e abalou em suas mesmas bases o Imperio, a chamada questão dos bispos, foi o mais grave erro politico commettido no segundo reinado.

Constituiu um dos cachopos nos quaes se despedaçou o regime monarchico, a par, sinão mesmo acima, da desafecção das grandes classes conservadoras da sociedade, os proprietarios e as forças armadas, presas ambas da intensa propaganda hostil ao advento de um terceiro periodo coroadado.

De remotas éras vinha a contenda entre o poder civil e a auctoridade religiosa. Nascera ainda antes da Reforma. O influxo régio na vida ecclesiastica era tal, que se considerava geralmente como a collaboração, tolerada embora irregular, do "bispo de fóra" *episcopus a foris* como em Nicéa dissera Constantino.

Na França, a Universidade e o Parlamento eram conselheiros theologicos do soberano, a invadirem incessantemente a competencia da Igreja. Na Hespanha, Philippe II discutia com o Papa sobre dogma e disciplina, como si elle proprio fóra administrador da vida espiritual do mundo. Do mesmo modo, em Portugal; tendo D. José e Pombal marcado o ponto culminante nessa politica de predomínio sobre a lei romana.

Em realidade, largas provincias de actividade havia onde os decretos pontifícios se executavam através os órgãos do governo civil. Um choque potencial pairava sempre como possível ameaça, portanto, entre as duas fontes de auctoridade, Revelação e criação humana. Duas sociedades perfectas, normalmente aptas a cooperarem, mas inconfundíveis.

Tendencia geral, invasora e avassalladora, o regalismo ou o gallicanismo em suas varias modalidades não cessava de se espraiar e de investir no sentido de obter a supremacia nas relações reciprocas. A Igreja, paciente porque eterna, via-se na contingencia de continuamente defender sua posição immutavel, como resultante da Revelação, e combater o assalto absorvente. Seu fito fôra sempre pacifico; deixando intangivel o dogma, accomodar as manifestações executivas ás condições peculiares de cada paiz, aos meliudres, mesmo, de alguns governos. Seu alvo era colaborar, sem attrictos: independente, e só respondendo a Deus na regencia das almas; respeitosa das justas exigencias temporaes, na parte em que ellas se podiam legitimamente formular.

O Brasil organisára-se nos mesmos moldes da antiga metropole, sob o influxo do terrivel regalismo pombalino. A Constituição de 1824, muito liberal para a época em que se fez, estabelecera simultaneamente o catholicismo como religião do Estado, e a tolerancia de outros crédos.

De 1827 a 1838, surgira serio dissidio sobre o celibato ecclesiastico e privilegios da Igreja, movido principalmente por sacerdotes desejosos de reformar costumes de certo clero incontinente. A' frente figurava Feijó, de vida purissima, e que, por sem duvida, não se incluia entre aquelles que o arcebispo-primaz D. Romualdo de Seixas espirituosamente chamava "os noivos".

Em conjuncto, entretanto, o assumpto fôra prudentemente solvido na mais perfeita orthodoxia, guiados, Governo e Parlamento, pelo grande espirito de Bernardo de Vasconcellos.

De modo geral, buscavam os gabinetes evitar dissentimentos com Roma; e, mesmo exercendo funcções, como ministros dos cultos, que só o regalismo dominante auctorisariam, faziam esforço sincero por fielmente observar canones e decisões pontificias.

De vez em quando, contudo, havia surpresas.

Nabuco de Araújo é um exemplo eloquente desse estado de espirito. De 1854 a 1857, dispendeu larga actividade com o fito de reformar mosteiros onde, disciplina, vida conventual e numero de monges divergiam as estipulações legais. Nesse intuito, até foi tão longe que tomou o alvitre de suspender os noviciados, em 1855, acto preliminar e preparatorio para a reforma geral dos regulares. Era, contudo, providencia occasional e essencialmente transitoria.

Sómente, obedecendo a influxos outros que os de Nabuco, e sem que lhes conheçamos precisamente o movel, olvidaram os governos subseqüentes, até 1889, de revogar a ordem si se não fizesse, como se não fez, a projectada reforma. E assim, de uma norma assecuratoria de progresso moral surgiu de facto uma medida equivalente a premeditada extincção dos cenobios, coisa em que o ministro auctor da suspensão nunca havia cogitado.

A isto se oppunham seu espirito sinceramente religioso e a nitida comprehensão que tinha dos deveres episcopaes; basta lembrar que foi elle quem, em 1857, expediu o decreto abolindo o recurso á Corôa nos casos de suspensão pelos bispos, agitado *ex informata conscientia*, passo capital que foi para restabelecer a ordem e a disciplina no clero secular.

Sorpresas analogas eram sempre possíveis, quando occorresse serem os ministros menos avisados e senhores do assumpto, e dahi surgirem attritos facilmente imaginaveis entre os dois poderes.

Um dos elementos de acção, talvez o preponderante, para o Estado intervir na administração ecclesiastica era a placitação das ordens emanadas da Santa Sé, bullas, breves ou outras: nenhuma seria valida e executoria no Brasil, sem o prévio *placet* imperial.

A Igreja, é evidente, não podia assentir, e nunca admittiu tal doutrina. Apenas tolerava a situação por amor á paz. Como concordaria ella com semelhante these de competencia cumulativa? Roma falava da altura sobre-humana de uma instituição divina, em pontos de dogma e de disciplina. Em taes cogitações de pura espiritualidade, a nenhuma força politica cabia a preeminencia sobre a Sé Apostolica. A unica coisa pratica e util á communhão seria a consulta ás auctoridades nacionaes sobre os meios mais opportunos e convenientes, conducentes a se cumprirem as regras religiosas e ethicas emanadas do Solio de Pedro; nunca o exame e a corrigenda dessas mesmas regras pelo Governo civil.

Para o Governo, porém, o ponto de vista era outro. Considerava o clero como classe especial de funcionarios publicos, pelas congruas, beneficios e privilegios instituidos pela Constituição e pelas leis em vigor. E, como tal, pretendia regel-o em toda a sua actividade, inclusive em seus deveres religiosos.

Difficuldades sem numero decorriam do choque dessas duas mentalidades oppostas. O dogma, por sua essencia, havia de ficar fóra do alcance da competencia do poder civil: mesmo ahí, entretanto, havia tentativas de intromissão governativa. A disciplina, de facto, offerecia occasiões em que essa se poderia justificar, e mesmo con-

viria se exercesse na actividade meramente execitoria. Mesmo ali, no entanto, pontos havia e ha defesos á collaboração temporal, pois se acham tão intimamente entrecidos com problemas dogmaticos, que só ao poder espirital cabe decidir e interpretar. E' nisto, principalmente, que um conflicto quasi permanente se ostentava entre as tendencias regalistas e o justo *non possumus* da Igreja.

O mau-estar reinante, produzido por essa eterna desintelligencia, estava a evidenciar a heterogeneidade dos dois factores que se queriam jungir em acção unica, dirigida pelo officialismo.

Após a proclamação da Republica, e dada a unica solução forçada e politica ao problema religioso em paiz no qual coexistem varios crêdos — a liberdade plena de consciencia, individual ou collectiva; o agnosticismo official animado de respeito profundo e de igual amparo para todos os dissidios — os males terriveis do regime anterior foram recapitulados na *Pastoral Collectiva do Episcopado Brasileiro*, a 19 de Março de 1890, na qual as novas directrizes eram acceptas pelos pastores da grey catholica.

Nesse notabilissimo documento, resumiam-se alguns soffrimentos principaes oriundos da subordinação almejada nos concelhos do governo.

“Não veremos mais ministros, que deviam occupar-se só dos negocios civis, ordenando ridiculamente aos Bispos o cumprimento dos canones do Concilio de Trento no provimento das parochias; prohibindo-lhes a salida da diocese, sem licença do governo, sob pena de ser declarada a Sé vacante e proceder o governo á nomeação de um successor; sujeitando á approvação do governo os compendios de theologia por que se ha de estudar nos seminarios; revogando disposições dos estatutos de certos

cabidos e ordenando-lhes pontual observancia do *Sagrado Concilio Tridentino*; declarando que, dado o caso de Sé vacante, a jurisdicção episcopal passe toda ao Vigário Capitular; e concedendo *por graça imperial* ao cabido metropolitano o direito de nomear um, depois de expirado o prazo do Concilio; isentando os capellães militares da visita dos Prelados e dando-lhes o direito de usar de solidéo e anel; prohibindo ás ordens regulares receberem noviços; auctorizando os superiores regulares a licenciarem os religiosos para residirem por 6 mezes fóra de seus conventos; approvando as resoluções capitulares dos frades Franciscanos; concedendo o uso de cinta e borla encarnadas aos conegos do Pará (1852), ficando daquella data em diante mudada a cor de que usavam; declarando que os Parochos não têm direito de exigir as velas da banquetta; fixando a quem compete a nomeação do porteiro da Maça nas Cathedraes!"...

Não admira haja sido lembrado o simile biblico, e se houvesse falado em captiveiro da Egreja.

Por esses motivos, além de outros, poude o Episcopado celebrar o acto de separação confissional decretado pelo Governo Provisorio, como uma providencia libertadora; pelo espirito de amor filial em que se inspirou, e pelo respeito grato com que se executou.

O CONFLICTO

Além do regalismo dominante, um factor historico existia no Brasil desde os tempos da Independencia, o qual cedo ou tarde havia de entrar em choque com o clero: a maçonaria.

Na America do Sul, ella havia desempenhado papel de primeira plana. Fóra a organisadora do movimento

independentista, desde 1810 nas antigas colonias hispanicas, desde 1821 no Brasil. Sua acção conhecida abrangia alvos de beneficencia, caridade, auxilio mutuo e liberdade.

Differia largamente das directrizes secretas das lojas européas, politicas e demolidoras em sua maioria, nas quaes um ideal, digamos de *carbonari*, se unia á preocupação conspiradora profissional e á propaganda anti-religiosa.

Precisamente por essa innocuidade, estavam filiados a taes officinas, e nellas occupavam altos graus, numerosos sacerdotes, dos mais eminentes que nossa terra tem possuido, obreiros da primeira hora do movimento libertador de 1822. Situação, portanto, inteiramente outra que a das congeneres associações no Velho Mundo, no qual desde a Revolução Franceza haviam sido ninhos de revoltados contra a tyrannia e, por vezes, de conspiradores contra o catholicismo e a religião em geral.

Condemnada a seita em varios tempos pelos Papas, com mais emphase o foi quando surgiu a Santa Alliança, após a queda de Napoleão, pois então recrudesecera, a pretexto de liberalismo, seu programma de demolição. No grande movimento geral de 1848, contra as monarchias mais ou menos absolutistas de facto; á base da insurreição liberal se achavam influxos maçonicos. Delle soffreu o Estado pontificio, rudemente atacado e posto em destaque como auctoridade a ser destruida. Mais asperas, portanto, se fizeram então as censuras ecclesiasticas contra a sociedade secreta.

No Brasil, porém, reinava inteira paz; eram centros liberalisantes, sem violencias; o proprio sentimento politico sotoposto á actividade philantropica generalisada.

Não podia, contudo, a fulminação Apostolica entrar em detalhes locais, quando o phenomeno abrangia o Mundo

inteiro, apenas com características modificadoras aqui e ali. O instituto em seu conjuncto era universal; seus fins extremos, perigosos e dissolventes. A condemnação, portanto, só podia ser geral. Os termos usados o foram com esse intuito, e a prudencia do Episcopado caberia applical-os conforme os casos occurrentes e com os temperamentos peculiares a cada especie. Aos bispos incumbiria, portanto, agir com doçura e tacto, se assim fosse myster, ou com o rigor da regra geral si a saude moral da nação o exigisse.

Ao ser votada e sancionada no Rio de Janeiro a lei do ventre-livre em 1871, do entusiasmo geral dos seus partidarios tinham partilhado as lojas. Em uma festividade do Grande-Oriente do Lavradio, a 3 de Março de 1872, o Padre Almeida Martins havia sido o orador official e seu discurso obedecera ás prescripções do ritual maçonico. A oração infeliz, por partir de um sacerdote, fôra publicada na imprensa sob sua assignatura. Apesar de exhortado pelo Bispo do Rio, D. Pedro Maria de Lacerda, o Padre recusou abjurar a seita.

Usando de sua auctoridade disciplinar, e para manter no seu clero a ordem e unidade prescriptas nos canones, D. Pedro Lacerda suspendeu o insubordinado de prégar e confessar.

Considerando-se offendidas pelo Bispo, as lojas se reuniram em Abril de 1872 e resolveram mover campanha renhida contra o Episcopado do Imperio, dest'arte declarada a guerra á Igreja para todas as forças conjunctas da maçonaria.

O caso grave era que tal conducta fôra aconselhada e proposta pelo proprio Presidente do Conselho de Ministros, o Visconde do Rio-Branco, Grão Mestre do Grande-Oriente do Lavradio. A iniciativa do ataque era, pois, indiscutivelmente do governo e da maçonaria.

De Norte a Sul explodiu a campanha. Folhetos, jornaes, conferencias, de tudo se lançou mão contra o catholicismo e em termos nos quaes disputavam primasia, inexactidão, grosseria, ignorancia e insulto. Vasou sobre o Brasil um chorrilho de improperios de calumnias e de despeitos.

Silenciaram os principes da Egreja. O prelado fluminense supportou todas as provações e acintes, a ponto de causar reparo sua impassibilidade ante as aggressões: soube-se depois haver elle obedecido aos conselhos do internuncio apostolico, D. Domenico Sanguigni. Nem por isso, serenou ou amainou a tempestade.

O BISPO DE OLINDA

Para a Sé então vacante de Olinda, havia sido apresentado um frade capuchinho cheio de virtudes e meritos, tão jovem, entretanto, que Pio IX hesitára em lhe conceder a instituição canonica, receoso de confiar á inexperiencia de seus vinte e seis annos de idade o meneio de diocese difficil, como era a da grande provincia nordesta. Cedeu, contudo, ante a insistencia do Governo brasileiro.

Antonio Gonçalves de Oliveira, no seculo, frei Vital Maria de Pernambuco, em religião, nascera em Pedras de Fogo, em 1844. Instantaneo em suas decisões tomadas após longo e silencioso meditar, a todos sorprehendia pela reserva de sua vida mental e pela subitaneidade de sua acção. "Homem de espanto", o chamava sua mãe. No collegio de Bemfica ouviu o appello superior; em 1860 recebeu a tonsura e em 1862 foi pedir admissão na Ordem dos Menores Capuchinhos em seu convento de Recife, lá recebendo o conselho de se dirigir a Paris. Ter-

minou em Issy seu curso de theologia; fez em Versailles seu noviciado; por motivo de saude, continuou seus estudos theologicos em Perpignan e recebeu o sacramento da Ordem em Toulouse, a 2 de Agosto de 1868. A 24 de Outubro, segundo lhe fôra ordenado, embarcava em Bordeaux para o Brasil, despachado professor de philosophia no seminario-maior de São Paulo .

Ahi foi achal-o em fins de Maio de 1871 o aviso do Ministro do Imperio, João Alfredo Corrêa de Oliveira, ainda seu parente afastado, communicando-lhe que o Imperador o escolhera para Bispo de Olinda, e que aguardava sua resposta para a apresentação de seu nome á Santa Sé. Esmagou-o moralmente a inesperada noticia. Tudo envidou para fugir ao terrivel encargo; recorreu a seus superiores, ao internuncio; implorou ao Papa. Nada valeu, e a 17 de Março de 1872 era sagrado na cathedra paulistana pelo Bispo do Rio, D. Pedro Maria de Lacerda, e a 20 de Maio desembarcava no Recife. A 24 era enthronizado.

Encontrava ambiente hostil. "Ultramontano", diziam os maçons, em plena guerra fomentada pelos Grandes Orientes do Rio. E logo abriram grosseira e crua lucha contra elle.

O novo Bispo, entretanto, o "homem de espanto", ia surprehender seus adversarios. Tinha reflexão e madureza muito além de seus annos. Era um crente, um bou, um meigo e um convencido. Pertencia a uma classe de criaturas, menos rara do que geralmente se suppõe tanto na vida religiosa como na civil, para as quaes uma convicção é muito mais do que uma attitude ethica ou mental: vale por um imperativo categorico, uma regra invariavel de vida e de acção, uma norma unica em que se confundem indissolhavelmente sentir, pensar e agir. E delle decorre sua existencia inteira.

Iniciou sua obra silenciosa e incessante, pela reforma de sua família ecclesiastica. Dois apenas, de seus sacerdotes, fugiram de abjurar a maçonaria que haviam abraçado. Menos feliz nas irmandades, invadidas por pedreiros-livres, ali encontrou os primeiros obices á missão purificadora que se havia imposto, de governar a Igreja de accôrdo com a lei edictada pelo Pae commum de todos os fiéis.

Puritanismo excessivo? Avaliação erronea das difficuldades? Imprevisão das agruras da lucta? Muito podem variar os conceitos, mas em um ponto não divergirão: a nobreza augusta do espectaculo desse conductor de almas, expondo-se a tudo, de preferencia a transigir em ponto repugnante á sua consciencia de padre catholico e de guia moral de seus filhos espirituaes.

Sotfrimento? Que importa!... Diria elle proprio um dia: "Hoje o sacerdote antes de tudo é um homem de sacrificio, deve a Deus fazer todo o sacrificio de seu corpo, o sacrificio de sua vida, acostumar-se a considerar o martyrio sem temor. Sómente por tal preço poderá cumprir sua missão, e defender, até o fim, os direitos da Igreja e da Verdade".

Após exhortações tocantes e insistentes aos rebeldes, D. Vital teve de suspender aos renitentes, e de ordenar aos parochos avisassem aos maçons membros de irmandades, para voltar ao seio da catholicidade; persistindo em seu erro, não poderiam permanecer nellas, sob pena de excommunição. Um desses sodalicios recusou-se a obedecer, e, a 5 de Janeiro de 1873, foi suspenso. Seguiram-se-lhe outros.

Um anno já durava a questão, e o paiz agitado começava a comprehender a gravidade do conflicto moral aberto, e a cogitar sobre a seriedade dos deveres religiosos que derivam da fé acceita.

O ataque, levado ao catholicismo por ordem dos Grandes Orientes do Rio, fôra movido no Pará, como nas demais provincias. O Bispo D. Antonio de Macedo Costa vira-se coagido a defender seu rebanho e agira em rumo paralelo ao do prelado olindense.

Estava iniciada uma guerra religiosa da maior gravidade.

A CRISE

A Igreja fôra aggedida, é certo, e não se movera enquanto o assalto se manifestára em terreno extranho ao dominio proprio della. Quando penetrou, porém, no recinto estritamente ecclesiastico, assumiram os dois pastores a defesa do deposito sagrado que lhes fôra entregue.

De imprudencia, acoiমান-n'os alguns. Difficil coisa ajuizar. Nessas questões de fôro intimo, de noção de responsabilidade, e mais, ainda, de responsabilidade perante Deus, quem pôde serenamente sentenciar?

D. Vital, como D. Macedo Costa, batiam-se pela pureza do dogma e pelos decretos de Roma, com absoluta sinceridade, boa fé sem mescla e energia sem fraquezas. Seria, entretanto, o interesse bem comprehendido da Igreja fazel-o de modo pelo qual o entenderam? Ali, ha margem para desencontro de opiniões, embora tal não exista para qualquer censura, tão evidente a convicção inabalavel e sobrehumana em que se fundava a attitude assumida. .

Um ponto, parece pacifico: agiram isolados. Nem o Arcebispo-Primaz, nem os demais Bispos se associaram a elles, sinão moralmente. Os mandamentos mais tarde publicados em suas respectivas dioceses pelos prelados da Bahia, Marianna e Diamantina, esclareceram apenas aos fieis o conflicto que havia surgido e os instruíram sobre

a conducta a seguir; evitavam de intervir na batalha, e protestavam sómente contra as violencias praticadas contra os privilegios ecclesiasticos.

O internuncio, D. Domenico Sanguigni, aconselhava moderação, talvez mesmo de modo um pouco chocante para espiritos orthodoxos; era a mentalidade do diplomata — *Surtout pas d'affaires.*

A Santa Sé approvaria a doutrina dos dois Bispos, a eterna doutrina de Roma, mas apontaria imprudencias ou intransigencias, inuteis ao tratarem dos casos concretos. Erros inculcados tão fundamente, por tão longos prazos, largamente disseminados e poderosos, não se arrancariam de chôfre, com um unico esforço isolado, dizia ella. Innegavelmente correcta e pura a norma religiosa seguida, accrescentava; mas a interpretação e o modo de agir talvez houvessem soffrido os effeitos de certa precipitação e tivessem podido ser evitados, ponderava ainda.

Não é problema facil, indagar porque a belligerancia foi preferida ao processo de maior paciencia e mais aturada longaninidade e amor ao proximo, no tocante aos transviados.

Accusar os prelados de movidos por sentimentos juvenis e impetuosos; de ansia de sacrificios pela fé, sem devidamente pesar os verdadeiros e eternos interesses desta no momento; ou do desejo de sobre si chamar a attenção publica; não resiste á analyse, tão evidentes a injustiça e a falta de bases.

Homens acima do vulgar, extraordinarios mesmo, gloria e ufania do Episcopado brasileiro, sabedores, prudentes, modestos, christãos do mais puro quilate, cheios do mais entranhado espirito de caridade e de amor ao proximo; toda a sua existencia protestaria contra semelhante aleive.

Desde a proclamação do Imperio, cinquenta annos antes, nunca havia surgido uma questão maçónica. Pedreiros-livres achavam-se por toda parte, no proprio seio do clero como entre os leigos, homens tementes a Deus e sinceramente devotos. Era evidente que os impetus combativos da associação, na Europa, não tinham transposto o Atlantico, ou, caso o houvessem feito, se haviam esgotado nos movimentos independentistas da America do Sul.

Na Europa, ao contrario, e especialmente nos paizes catholicos, maçonaria, sociedades secretas e outras, se achavam na base das revoluções e das perturbações politicas. Recente onda de liberalismo varrera a Santa-Aliança tanto em suas criações como em seus methodos. Tanto mais violenta e vingadora a reacção quanto mais dura fôra a oppressão no periodo de 1814 a 1848.

A Italia muito havia soffrido de ambos os impulsos em confronto: as invasões da Revolução franceza, a tyrannia austriaca, as revoltas nacionaes, a ultrapassarem as causas reais dos excessos aturados. A França, tambem, tinha atravessado estadios analogos de desorganisação administrativa e politica: a Revolução, a dictadura Napoleonica, o sentimento de inferioridade desalentada ante a victoria esmagadora dos Alliados, a Restauração, a quasi dictadura dos *ultras*, e a monarchia de Julho.

Nas classes conservadoras, amargo e intenso predominava o sentir contrario aos perturbadores da ordem; entre estes, apontavam ellas os maçons, cujos fins declarados, entre nobres tendencias liberaes, incluíam alguns que eram pro programma de subversão religiosa e de morte para os representantes da Igreja.

Populações cheias de fé, bem como as organizações essenciaes desta última, não podiam pactuar, com semelhante tarefa, sem saltarem a suas missões. Aos semina-

rios, principalmente, corria o dever de, dentro na caridade christã, apresentar taes doutrinas como perigosas e mortaes, e a seus sustentadores como inimigos activos da humanidade e de seu Criador. E nesse rumo era mysterio orientar o ensino a seus discipulos.

Dessa differença profunda de ambientes nas duas margens do Atlantico se resentiria fatalmente a formação dos espiritos: muito mais ardentes e combativos na Europa, em defesa propria, do que na America menos atacada por demasias sectarias.

Educados em seminarios francezes, ali tendo haurido os principios directores de sua acção, é possivel que os dois grandes prelados brasileiros trouxessem ao exame do problema maçonico no Imperio a predisposição européa mais suspicaz, além do que auctorisaria o conhecimento mais fundo da historia do Brasil. Analysariam o caso americano, á luz e ao influxo da lição franceza.

A taes cambiantes, provavelmente, se refeririam as reservas prudentes da Curia na correspondencia com D. Vital, reservas tão de molde com a regra invariavel de Roma, absoluta e inflexivel no dogma, mas essencialmente relativa e generosamente intelligente na applicação. Um facto, contudo, paira indiscutivel, na atmosphera da lucta que já ia aberta: a lealdade sem par dos bispos ante seu dever; o nobre destemor e a illimitada abnegação de sua conducta; sua obediencia perfeita e filial ao catholicismo.

E rigidamente, hieraticamente, mantiveram-se coherentes com suas convicções. Sabiam que se expunham a padecer, mas sua sorte pessoal lhes era indifferente; conheciam a virtude operante do sacrificio e o poder de irradiação e de exemplo do soffrimento livremente consentido a bem do Ideal.

O JULGAMENTO E A CONDEMNAÇÃO

As irmandades suspensas por D. Vital, embora elle expressamente significasse que agia do ponto de vista estrictamente religioso, e sem tocar nos liames de direito civil criados pelos respectivos compromissos, appellaram para a Corôa, a fim de que as interdições fossem revogadas ou annulladas. Essa chamou a si o caso para o estudar, e deferiu o exame ao Concelho de Estado.

Foi sua primeira providencia mandar ouvir o bispo sobre a accusação que lhe era movida de abuso de poder. D. Vital recusou responder, allegando apenas que, embora omitindo qualquer reparo sobre innumeradas inexactidões do recurso, se limitava a declarar que tal remedio era condemnado por varias disposições da Igreja.

Era, em sua maioria, o Concelho de Estado um reducto regalista. Herdára e mantinha a velha tradição portugueza sobre a preeminencia do poder civil. Na occurrencia, achou occasião asada para reafirmar a doutrina, e com tanto maior firmeza quanto a declinatoria episcopal lhe negava competencia para intervir no conflicto. Intimou o accusado a, dentro no prazo de quinze dias, annullar os interdictos.

Nova recusa do Bispo, fundando-se em que o Governo era incompetente para decidir em assumpto de exercicio das funcções espirituaes.

No Pará, com D. Macedo Costa, se reeditou a mesma série de factos e de ordens officiaes.

Iniciado o dissentimento, um só recurso restava, collario do erro primitivo da acceptação do recurso do Recife: processar o funcionario publico renitente em obedecer ás injunções do governo. João Alfredo, Miuistro

do Imperio, mandou prender o antistite e formar o processo perante o Supremo Tribunal.

Renovaria os mesmos gestos quanto ao Bispo do Pará, semanas mais tarde.

Do mesmo modo, ambos recusaram qualquer defesa. "*Jesus autem tacebat*" disse evangelicamente D. Vita. "Só me resta appellar para a justiça de Deus", respondeu D. Macedo Costa.

A 21 de Fevereiro de 1874 quanto ao primeiro, a 1.º de Julho seguinte quanto ao segundo, sentenças condemnatorias foram lavradas; impunha-se a pena de quatro annos de prisão com trabalho que o Imperador commutou para prisão simples.

Consummada a violencia, perfeito o attentado, vieram as consequencias, que se não haviam previsto, entretanto. Já era outra a feição do caso: não mais a paixão anti-religiosa, mas a realidade crua e dura passava a mostrar os factos como eram. E o erro praticado se patenteava fornidavel, quer em si, quer em sua repercussão illimitada.

Continuou insolvida a situação. Os bispós não haviam revogado seus interdictos. Os governadores das dioceses, por elles canonicamente nomeados, por enquanto lhes durasse o impedimento, seguiram inflexivelmente a mesma rota, solidarios com seus chefes espirituaes na obediencia estricta ás leis da Igreja. Tudo indicava irremovivel, essa opposição passiva á invasão do poder temporal na esphera do dogma e da disciplina. Poder civil, ordens governamentaes, desappareciam, inanes ante a resistencia inerme, mansa, pacifica, do *non possumus* da hierarchia catholica, haurindo força em uma fonte de energia de outro quilate que não o méro arbitrio humano. Força, violencia, recursos, paravam ante a convicção

de consciências, promptas a tudo, de preferencia a trahirem seu crédo.

Licção histórica uniforme de todas as perseguições. . .

Desde os primeiros passos do recurso á Corôa, a maçonaria, do segundo plano donde sempre movera as hostilidades, passára para o olvido geral, mau grado seus esforços e sua agitação contra a Igreja. Viera sublimado o conflicto. Ultrapassára os homens e assumira o aspecto solenne das grandes luctas entre doutrinas. Era o gallicanismo contra a Igreja Universal e o Primado de Pedro. Era o regalismo a querer sobrepujar o Verbo divino, através a palavra do Vigário de Christo.

As pobres e mesquinhas individualidades, pretextos apenas para choques religiosos e moraes de tão immenso alcance, ascendiam agora a categoria de symbolos, erguidas acima de si mesmas pela magnitude da causa que serviam.

Os estadistas do Imperio, em imponente maioria, eram regalistas. D. Pedro II o era sincera e fundamentalmente, por tradição de familia, por convicção pessoal, pelo exercicio do poder. Em seu espirito, a resistencia dos bispos figurava como triplice offensa: á soberania nacional, á majestade do Imperio e á dignidade eminente do Imperador.

Muito mais do que o visconde do Rio-Branco, foi elle o propugnador da acção do Concelho de Estado e da ingerencia injurídica do Supremo Tribunal. Chegou, ao que se affirmou na época, a fazer conhecida sua vontade aos magistrados dessa côrte de Justiça.

O Presidente do Concelho de Ministros, apesar de grão-mestre do Grande-Oriente do Lavradio e de ter aconselhado a campanha contra o Episcopado, ou se arrependera della, ou lhe não previra desde o inicio a formidável repercussão. Seu pendor natural de diplomata

levava-o de preferencia para negociações com Roma, afim de se pôr termo á inconvenientissima agitação, crescente no paiz.

E após todo esse luxo de descabida violencia, a pretexto de energia, a verdade simples e nua era esta: nada se havia conseguido, e a questão capital permanecia *res integra*, e o poder civil se achava desprestigiado e sem forças na opinião.

Principes da Igreja haviam sido accusados, condemnados e presos, e, no entanto, não havia lei definindo como crime a posição por elles assumida na defesa da fé; nem comminando pena de qualquer natureza. Nenhum acto delictuoso haviam praticado, limitando-se elles a affirmar, simples mas irrevogavelmente, suas convicções religiosas. Não era assumpto humano, e sim de adoração ao Todo-Poderoso.

E pela nobreza christã de sua conducta, ante o paiz e os catholicos do mundo inteiro, sobre os Bispos fulguravam o halo brilhante da gloria, do martyrio e da indomavel energia dos confessores da Fé: *Mgr. Vital a été l'une des plus pures gloires de l'Ordre des Frères Mineurs Capucins au dix-neuvième siècle*", diz seu biographo o padre Louis de Gonzague O. M. C.

Si os dois novos criminosos pudessem merecer censura por haverem possivelmente sido apressados em seu proceder, que sentença mereceriam o Imperador, o gabinete Rio-Branco e todo o apparatus governamental, que haviam acceito e acalentado tal conflicto, no qual nem a lei, nem o bem publico, nem o legitimo interesse politico se achava ao lado do poder civil?

Sinceridade havia, por certo, em ambos os grupos da contenda; boa-fé e enthusiasmo egualmente.

Soára a hora tragica na qual, da incomprehensão mutua de tantos adversarios bem intencionados, em um

dissídio religioso e político de tanta monta, resultariam males tão graves e de tão alongado alcance para o paiz. Era a velha controversia muitas vezes secular, de predominio na mesma esphera de actividade entre espiritualidade e governos temporaes, ávidos estes ultimos por construir a ordem sobre a subordinação da primeira, quando harmonia e paz só poderiam provir da discriminação do Evangelho, *quod Dei, Dco; quod Caesaris, Caesari*.

MISSÃO A ROMA

A principio, no ardor da lucta incipiente, só se havia recorrido aos órgãos governativos, segundo a velha orientação tão cara ao gallicanismo.

Cedo se evidenciou, comtudo, que, estando em causa a hierarchia catholica e suas leis, se não podia ignorar Roma. Tal verdade axiomática, si se não queria o schisma, foi acceita a contragosto e de máo humor. A missão enviada á Santa-Sé, em fins de 1873, obedeceu a esses sentimentos contradictorios.

Visava obter a intervenção pontificia para evitar que se ampliasse o conflicto. Mas tinha instrucções severas de não negociar sobre tal ponto, sim de impôr os pontos de vista e os conceitos e methodos do Imperio. Aspirava á paz, e apresentava feições de guerra, aueaçadoras e violentas. Negociaria em ultimo recurso, mas o processo criminal do Rio seguiria ininterrupto e sem dependencia da acção diplomatica.

Juxtaposição de contrarios!... Maravilha de incompatibilidades e de incoherencias!...

O emissario escolhido, o Barão de Penedo, jurista eminente e diplomata de merito real, na impossibilidade de seguir normas tão esdruxulas, tomou sobre si obede-

cer a seu roteiro em suas linhas geraes. Deliberou agir como pacificador, e não perder tempo no enterreirar discussões officiaes sobre pareceres dogmaticos e disciplinares, nos quaes Roma nunca toleraria opiniões e regras sinão as proprias. Preferiu apontar e iusistir na necessidade urgente de restituir ao Imperio a paz religiosa.

Coincidia tal escolha de processos com a inmutavel tendencia conciliatoria da Santa-Sé quanto aos meios de realisação, sempre dentro no dogma invariavel e superior a qualquer debate. Talvez mais accentuada agora essa aproximação de pensamentos, quanto á Curia se afigurava que o desentendimento se houvera podido evitar, com um pouco de prudencia e de calma.

Mas, si lhe coubesse intervir e aconselhar no sentido pacificador e paternal de Pae dos crentes e de Guarda do depósito da Fé, tal gesto só se poderia praticar na mente do Santo Padre, vindo-lhe ao encontro o Governo Imperial com uma norma de acção igualmente apaziguadora. Ora, nada estava mais distante do animo do Imperador e do Gabinete do que tal noção de concordia. Não procuravam a paz. Exigiam, sim, o triumpho regalista e o esmagamento da rebeldia episcopal contra as injuncções officiaes.

Penso, parece certo, nunca foi bem claro e explicito nesse ponto. Pio IX e o Cardeal Antonelli, seu Secretario de Estado, á similhaça de factos analogos occorridos na Europa, tomaram reservas e meias palavras como acquiescencia, e ficaram convencidos de que o processo no Rio seria abandonado ou resultaria innocuo. E, nessa persuasão, ordenou o Papa a seu Ministro fosse enviada a D. Vital uma carta na qual, estrictamente approvada a doutrina invariavel em: que se baseára, se fizessem restricções quanto aos meios de applicação usados, por lhe faltarem talvez certa prudencia e opportu-

nidade: os interdictos deveriam, pois, levantar-se, e indicações se suggeririam para evitar nas irmandades a entrada de pedreiros-livres.

Para Penedo, era o triumpho integral de sua missão. Mas, infelizmente, para elle, se baseára em um equívoco.

Apenas finda sua incumbencia voltára para Londres. Com sua retirada da Cidade Eterna havia coincido a chegada das extranhas noticias da prisão de D. Vital, e a indignação era intensa, geral e sincera na cõrte pontificia. Pio IX sentia-se revoltado pelo que chamava o insulto que lhe havia sido irrogado. Fazia sua propria a questão dos Bispos. Concordára em apaziguar a contenda, certo de encontrar a meio caminho a clemencia imperial.

Revogou sem defença a carta da censura a D. Vital, e protestou com a maior vehemencia e solennidade contra os soffrimentos de seus filhos do Brasil e a violação das sagradas immunidades ecclesiasticas.

A magua do Santo-Padre era partilhada sem restricções pelo clero do Brasil, em todas as suas categorias. D. Vital e D. Macedo Costa haviam agido a sós na questão maçõnica. Em compensação, a sentença condemnatoria e a prisão nas fortalezas do Rio levantaram inenarravel celeunia contra o escandalo e a perseguição, nas pessoas de dois prelados, intemeratos em sua vida e sua orthodoxia.

Das parochias sertanejas mais remotas aos paços episcopaes mais venerados, do arcebispo-primaz ao santo bispo mariannense D. Viçoso, estava feita a unanimidade dos sentimentos contra o Governo. Onde quer que se encontrasse um sacerdote, um monge, um missionario, uma voz clamaria para verberar e estigmatizar Im-

perador e Ministros, como inimigos da fé e achincalhadores da religião.

CONSEQUENCIAS

Para a quasi unanimidade dos brasileiros, a causa dos bispos passou a symbolisar a causa de Deus, do Papa e do Catholicismo. O soffrimento desses ungidos do Senhor havia desabrochado em flôres mysticas de afervoramento espiritual. Marcou época immorredoura no renascimento do culto e das crenças em nossa terra.

Não admira que muitos exclamassem: benedicto soffrimento... abençoado sacrificio...

De suas prisões em que os santos criminosos de direito commum se achavam encerrados, continuavam a ininterruptamente governar suas dioceses atravez seus substitutos canonicos. Os interdictos continuavam de pé, e, mau grado esforços e tentativas de suborno, o Governo não encontrava quem executasse os decretos officiaes. Poucas paginas mais bellas e nobres se depararão na nossa historia, de justa resistencia pacifica contra ordens temporaes violadoras da liberdade de consciencia e da superioridade espiritual das convicções.

Em suas invasões intoleraveis, o regalismo fôra vencido pela mansidão do Evangelho: *beati mites*.

Em todo o Imperio as dissensões cresciam e dilaceravam a sociedade. Nenhum caminho guaria fóra do tremedal, emquanto ficassem de pé as condemnações.

Uma unica solução existia: *revogal-as*. Foi a obra da amnistia de 17 de Setembro de 1875, pela qual capitulava o Governo imperial.

Nenhuma questão, tanto quanto esta, perturbou a consciencia nacional. Nenhuma, tão remotas consequen-

cias exerceu no enfraquecer a fidelidade monarchica e o apego á dynastia. Por ella, o clero se desaffeioçou á fórma das instituições e á pessoa dos imperantes, través a magua da classe sacerdotal. E a indifferença penetrou a massa dos parochiados.

A lição, a grande lição veio depois. Capistrano, o Mestre, nol-a contou em suas *Phases do Segundo Imperio*.

A 16 de Novembro de 1889, passava D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, pelo largo do Paço, rumo a Nictheroy por onde iria iniciar uma viagem pastoral. Vendo a praça atulhada de soldados, sorprehendeu-se e indagou do motivo desse desusado ajuntamento. Fôra preso o Imperador e com elle toda a Familia Imperial, detidos todos no Paço da Cidade, lhe responderam: "Isto mesmo fez elle aos bispos", murmurou.

Na *Pastoral Collectiva do Episcopado Brasileiro* sobre o novo regime entre o Estado e a Igreja, a Separação, o redactor do memoravel documento, o mesmo D. Antonio de Macedo Costa condemnado em 1874 e preso na ilha das Cobras, fez ouvir outra nota, soando a clangores de clarim em tarde de victoria: "O throno desapareceu!... E o Altar?... O Altar está em pé!...

Já D. Vital terminára, desde 1878, seu cyclo terreno.

Fosse vivo, e houvesse redigido a grande Declaração dos direitos da Igreja libertada pela Republica, e talvez sua grande alma de ternura lhe suggerisse uma palavra mais, de piedade e de perdão aos que erram de boa fé.

A ORDEM DE S. BENTO E A CIVILIZAÇÃO

(CONFERENCIA PRONUNCIADA NA AB-
BADIA DE S. BENTO EM SÃO PAULO)

QUÊDA DO IMPERIO ROMANO DO OCCIDENTE

Duma congêrie de tribus esparsas á margem do Ti-
bre, Roma conseguiu fazer um povo. Após uma phase
inicial a que presidiram mal conhecidos régulos, apre-
sentava-se um esboço de nação mais ou menos homoge-
neo. Nelle, tres camadas se superpunham: uma aristocra-
cia, proveniente das antigas estirpes dominadoras e das
auctoridades governativas mais altas; uma classe média,
a plebe, composta em sua maior parte de pequenos pro-
prietarios, quer ruraes, quer urbanos; um estrato inferior,
basilar, constituido por uma ralé de escravos e de gente
sem eira nem beira.

Nos primeiros tempos, taes infelizes não pesavam
nas cogitações do Estado. Duro e sem noção de piedade,
o pensamento politico romano nunca perdeu tempo em
cuidar do homem. O individuo não inspirava dó; sua
existencia, nenhum valor possuía.

O poder residia na aristocracia, soberana por muitos
seculos, até que os progressos numericos da plebe, sobre
a qual repousavam encargo e responsabilidade da execu-
ção dos designios publicos, levaram esta classe intermedia
a reclamar de modo mais activo e efficiente sua partici-
pação no governo. Não cabe aqui rememorar as luctas
entre patricios e plebeus, estes victoriosos incontestes a
final.

Nessa phase, o aspecto da nação era o de uma democracia rural, com serviço militar obrigatório e generalizado, reuniões periódicas por tribus ou centurias. A ingerencia continua nas deliberações publicas, o onus da guerra, as consequencias desta, faziam de cada *civis romanus* elemento activo, influente e padecente, dos successos collectivos.

Não durou largo prazo tal feição organica.

Condemnada á guerra para viver e se desenvolver, Roma viu estender-se o seu territorio. Das novas provincias, affluíam á capital latina os thesouros de todo genero, os tributos legaes e as rapinagens normaes de toda a administração metropolitana a sugar a terra conquistada, do proconsul ou do legado ao ultimo legionario, sem contar as influencias senatoriaes e outras que se exerciam na séde do poder e que se deviam propiciar.

A chegada e a circulação de taes riquezas revolucionaram a economia nacional: transformaram-se os habitos do camponio rude e sobrio, que era o alicerce da Republica; a usura desenvolveu-se; generaes felizes, funcionarios de volta de suas missões de governo, fornecedores e banqueiros das expedições, accumulando recursos em proporções que, inda hoje, impressionam por seu vulto, inai quebrando o nivel da mediocridade geral e da singeleza do primitivo viver da população do Lacio.

Começou a ostentar-se o contraste de fortunas. Empréstimos e dividas movimentaram a propriedade rural. Terras livres foram vendidas aos novos ricos, e seus antigos donos engrossaram as fileiras da mescla de vadios, escravos, e profissionaes de mistéres mais ou menos inconfessaveis. A vagabundagem cresceu. A nova plebe assim formada, tão diversa da primitiva, vinha favorecida pela distribuição normal das contribuições em generos, de

trigo especialmente, pela *annona* imposta aos países dominados. Crescia a Suburra.

O elemento viril, sadio, energico, que era o pequeno lavrador italico, vinha sendo expulso insensivelmente do theatro politico. O personalismo dos chefes, o predominio dos detentores de maiores recursos, o triumpho da opulencia, iam caracterisando o novo periodo.

No primeiro seculo antes da nossa éra, embora se não tornasse publico o mal, já estava senhor da situação. A intuição popular, bem o comprehendêra, chamando aos assassinos de Julio Cesar, Bruto e Cassio, os ultimos Romanos. Sem alcance, aliás, o appellido: vencedores que fossem, continuaria a mesma a seriação dos factos, talvez retardada um pouco, com a simples mudança dos nomes dos governantes. Os factores economicos, impulsores dos phenomenos, tinham demasiado poder para que lhes lograssem modificar o curso as intervenções individuaes.

E essa recém-nada camada popular, a nova plebe do *ponem et circenses*, via crescer ameazadoramente seu vulto. Roma tornava-se o emporio de escravos vindos de todos os pontos cardeaes: chegaram a sobrepujar os livres. No tempo de Claudio, de 41 a 54 de nossa éra, em 120 milhões de habitantes que contava a população do Imperio, a metade era de escravos, diz Gibbon. Pelas libertações e com o correr dos tempos, iam se infiltrando nos niveis mais altos, e conseguiam occupar posições e cargos, d'antes reservados aos melhores entre os grandes servidores da patria.

A revolta de Spartacus havia provocado do genio austero do Romano da Republica, em 73-71 antes de Christo, a affirmação de seu poderio e de sua superioridade na cruel e inexpiavel repressão da guerra dos escravos. Já agora, a passagem gradual e quasi insensível do escravo ao liberto, e do liberto ao gremio dos cida-

dãos de pleno direito, acarretava uma noção de fraqueza, uma mentalidade de derrota e de sujeição, ao primitivo espirito activo da gente latina.

Todos esses povos conquistados e trazidos ao jugo do vencedor, na Cloaca Maxima da escravatura da cidade tiberina, importavam consigo suas religiões e suas crenças, confundidas todas na mesma indiferença e no mesmo desprestígio. Deuses forasteiros, a força de Roma os havia vencido!... E esta última, em sua vida de alheamento espiritualista, sómente preocupada com prazeres e exigências praticas de seu afan de gosar, nem conservára, nem reverenciára suas antigas crenças proprias, nem adoptára superstições extranhas. Como que se dissolvia qualquer esforço, nas tentativas feitas por experimentar a todas. Tanto era o vacuo das almas, sem doutrina que lhes mitigasse o incutavel desamparo...

Culto Isiaco, culto solar de Mithra, *suovetaurilia*, a tudo se recorreu na indigencia de remedios moraes, e nada se firmou. Perecêra a fé. A moralidade havia fugido. Nada mais arido, mais doloroso ao coração, do que ler as *Satiras* do século I.º antes de nossa éra, e as do immediato. Sob a forma admiravel, por vezes sarcástica, da poesia de Horacio, de Juvenal e de Persio, vem descrito o horror repugnante das chagas e da sanie. Que dizer de Ovidio, então?...

O mesmo infortunio dominava em todo o Mediterraneo. O silencio campeava na Europa, na Asia e na Africa, pondera Draper, o silencio do desespero sem fim... Roma, friamente impiedosa para com o soffrimento humano, nada fazia para o minorar. Si, por calculo politico, chegava por vezes raras a ser misericordiosa para ostentar sua pujança, nunca se alçou até a benevolencia...

Não havia consolo para os infelizes e humildes. Direitos, venturas, prazeres e gosos, puramente materiais, só para quem os pudesse pagar. Ambiente de zgonia, de martyrios e de degradação. A dôr, a irreprimivel miseria humana, o desalento e o nihilismo moral, constituian lei universal da vida...

O CHRISTIANISMO

Eis quando, no Oriente, surge doutrina nova, de redempção pelo amor. Peccado; arrependimento; perdão; provações neste mundo, e justiça e misericordia em outro, no qual as almas se julgam e recebem seu premio de recompensas ou de castigos; resignação heroica; purificação da vida; amor ao proximo, no amor ao Todo-Poderoso; taes, as licções e as promessas da Boa-Nova, que se baseava no ensino do Filho de Deus, attestado por seus discipu'os que o haviam seguido até o Calvario, visto resuscitar no terceiro dia após sua morte, e transfigurar no Thabor.

Que exaltação dos espiritos e dos corações nessas innumeraveis massas de soffredores, de escravos martyrisados como alimárias, de pobres fustigados pela fome e pelas injustiças, nas familias perseguidas pela sorte!... Que subline anhelos, e supremo consolo, o dogma da resurreição!... Que alento sem par, e que infinitos horizontes de luz, nessa esperança de reunião vindoura dos entes antados que a morte separára!... Que divina e majestosa força de amor e de revivescencia das energias e de finalidade humana, em similhante ensino, capaz de fazer estremecer de anseio e de fé e de jubilo corações despedaçados pela magua!... Na existencia, sombria e triste, que viatico consolador mais alto e valioso do que o das oito bemaventuranças!...

A sobrehumana lição de meiguice, de perdão, de paciência heroica e de resignação; o exemplo das vidas guiadas pela dedicação a Deus e ao próximo; a solidariedade fraterna dos christãos; logo se divulgaram e iniciaram sua conquista das almas.

Nenhuma revolução humana existe que se compare a esta que o Christianismo realizou. Do passado, só restaria o que se coadunasse com o Verbo Novo e Eterno. Bem fôra dito pelo Divino Mestre: *non veni pacem mittere, sed gladium.*

E a rapidez com que se expandiu é attestada pelos factos. A tragedia do Golgotha era velha de trinta e poucos annos apenas, e já Roma refervia de convertidos. Na primeira perseguição, a de Nero, numerosas victimas foram immoladas, *ingens multitudo* diz o *Kirchen Lexicon*, sem que o numero dos fiéis diminuísse sensivelmente ou affrouxasse o proselytismo.

MONACHISMO PRIMITIVO F. S. BENTO

Sempre foi tendencia humana, innata nos espiritos mais altos, servir a seu ideal pelo mysticismo e pelo ascetismo; isto é, pelo esforço por unir em vida a propria alma á Divindade, e pela purificação do sentimento e pela mortificação do peccado mediante a renuncia e a abnegação.

Não é creação christã: a India teve seus ascetas brahmanicos e buddhistas; nos Judeus se viram os essenios, como producto proprio, e, sob o influxo grego, os therapeutas alexandrinos. Desde cedo, entretanto, agiram nos neo-convertidos as velhas doutrinas de pureza individual e de expiação, sem que, contudo, dêssem logar a se formar uma classe especial, pois taes alvos se conseguiram no ambiente costumeiro domestico da vida normal.

E' preciso remontar aos meados do seculo III.^o, para encontrar, no Egypto, os primordios do monachismo christão.

Santo Antão, o eremita, pôde ser tido por seu fundador. Aspirações pessoaes profundas, perseguições dos imperadores pagãos, impelliram, atraz d'elle, numerosos profugos aos desertos do mar Vermelho, da Nitria e de Scete; cerca de 5.000, conta Palladius. Embora constituindo vastas habitações monasticas, o ideal seguido era individualista, eremitico, sem regra comunim nem auctoridade centralisada. Tal a situação em principios do seculo IV.^o, a qual, travéz S. Athanasio principalmente, muito influuiu nas primeiras tentativas feitas na Europa.

Foi quando surgiu S. Pacomio, no quartel inicial do seculo. Este foi o grande organisador da vida collectiva dos monges, cenobitas reunidos em cenobios segundo o etymo hellenico. Instituiu regra, extinguindo a anarchia eremitica, dando alvos e observancias communs a todos os que lhe seguiam o rumo; orações entremeavam com trabalhos manuaes; os monasterios constituiam como que colonias religiosas agricolas ou industriaes. Em começo do seculo VI.^o, orçavam por sete milheiros os filhos do grande fundador.

Uns dous decennios após Pacomio, vieram o creador e o remodelador do monachismo grêgo na Asia-Menor, Eustathio de Sebastes e S. Basilio, ambos mais adstrictos ao modelo cenobitico do que ao eremitismo.

Taes, as orientações dominantes do decurso do seculo V.^o e no inicio do seguinte. A ascese antonina, ainda possivel ou toleravel com sacrificio inaudito no clima egypcio, provava mortal nos paizes mais rudes da Europa. Teria de modificar-se ou de desaparecer, sob pena de ser uma forma organisada de suicidio, com grande offensa

ao temor de Deus que exige a vida para o amar e o servir.

Nesse ponto crucial das direcções da vida monástica, appareceu São Bento, por 480 provavelmente.

Havia crescido o Christianismo. Já não era o perseguido. Gosava de liberdade, e, mesmo, attingira, atravez soffrimentos infindos, ao ponto de constituir religião official.

Além das promessas divinas, factores naturaes propagavam sua diffusão. Não valia apenas como todo poderosa semente do Evangelho a germinar, crescer e florir. Não eram sómente o consolo e a fé a fructificarem e enxugarem os prantos de dôr. Para o advento triumphal da Palavra de Vida, concorriam tambem as luctas humanas.

No exercito já se manifestava a luz da redempção, enfraquecendo as cruzeas contra as christandades. Nelle, egualmente, minguára o antigo espirito romano, altivo e duro, por se generalisar o emprego de tropas auxiliares estrangeiras, pelo proprio ingresso dos chamados barbaros nas mesmas legiões.

O fluxo invasor de Germanos e de Scandiravos, e, mais tarde, o de hordas turanianas, já se esboçava; o facto de se acharem dos dous lados do *limes romanus* elementos raciaes identicos não era de molde a favorecer a capacidade de resistencia do Imperio.

A fronteira mais ameaçada era a do Danubio, com o ponto sensivel e fraco da Dacia, a Hungria de hoje, mais exposta aos golpes. Augusto o previra em seu testamento, no qual recomendára nunca fosse transposto esse caudal. Trajano, no entanto, desprezou o aviso prophetic, e conquistou a nova provincia que tão fatal provou aos destinos de Roma.

Posta de lado a perseguição terrível movida aos christãos, Deocleciano foi um grande chefe de Estado, e bem havia sentido a ameaça vinda do Danubio. Por isto, em vez da Italia, elegêra para sua residencia Nicomedia, na Bythinia, junto ao Bosphoro, donde mais fácil se tornava acudir á defesa dos limites mais perigosos. Pouco depois, Constantino tornou definitiva a transferencia da capital para Byzancio, ainda mais proximo da zona por onde a tempestade se avizinharia. Outras razões pessoaes, pouco recommendaveis, o moveriam tambem, mas o motivo essencial e decisivo foi esse, a necessidade de prover á repulsa dos barbaros.

Nas tribus invasoras, o paganismo imperava. Mais tarde, quando se converteram, exceptuados os Francos, todas abraçaram a heresia de Ario.

Roma, pois, abandonada pelo governo imperial, via avultar moral, social e politicamente a figura de seu bispo, o successor de Pedro, o vigario de Christo Livre da pressão official, que tanto prejudicou o influxo religioso do patriarcha de Constantinopla, tinha a vantagem de ser a suprema auctoridade visivel da antiga capital do mundo.

Arbitro entre as egrejas esparsas, que, todas, a elle recorriam como instancia superior, ponde o papa, então, assumir suas funcções de pae espiritual, de guia das populações espesinhadas e sem chefe. Seu poder moral, sem par no orbe da época, vem attestado pelo respeito dos proprios inimigos, que desprezando imperadores do Oriente, se curvavam ante um S. Leão Magno, um Gelasio ou um Synmaco.

Já não havia, na Italia e na Europa occidental, sinão reinos barbaros, Francos, Godos, Lombardos e Vandalos, dos Clodions e Merovens, dos Odoacres e Theodoricos, dos Alboinos e Gensericos A Dacia estava em poder dos

Hunos de Attila e de seus successores, os Gepidas. E tantos e tantos mais...

Estava morto o Imperio Romano do Occidente.
Surgiu nesse periodo, Bento, o predestinado.

A REGRA

Não lhe retracemos a biographia, da qual o pouco que se sabe provém dos *Dialogos* de S. Gregorio Magno. Examinemos antes sua influencia, a projecção de seu pensamento. E aqui, talvez não exagere quem disser que abriu novos horizontes, quasi revolucionarios.

Os modelos que encontrava eram eremiticos. Em S. Antão, eremita, se inspirava S. Martinho de Tours; no mesmo espirito estavam traçadas as instrucções de João Cassiano para os abbades de Lérins e para sua propria casa de Marselha. E taes foram os maiores inspiradores de S. Bento. Este até, antes dos cenobios que fundou, passou como anachoreta no Sacro Speco tres annos de sua vida. O monachismo celtico da Irlanda, tão intenso ali que auctorizou a que a chamassen ilha dos Santos, levado tambem ao paiz de Galles, proclama o rumo antonino, de S. Patricio e de S. Columbano. S. Jeronymo pensava do mesmo modo. S. Agostinho o preconisa e a elle allude no *De civitate Dei* e no *De opere monachorum*. Naquelle respondia ás accusações pagãs de que Roma pagava com sua desgraça o abandono de suas antigas e veneraveis divindades, cabendo aos christãos tal acto de ingratição. A regra de S. Basilio, a de Macario, a de Cesario de Arles, eram conhecidas, e de uso corrente. Textos, todos, familiares ao Patriarcha.

Com todos elles rompeu. E tal foi o fructo de sua experiencia e de sua ousada iniciativa, que, dentro em

prazo breve, modelou a inteira vida monastica da Europa, e, até a criação de Cluny, dominou inalterado na róta christã dos cenobios. Nas proprias fundações irlandezas, substituiu as praticas de Columbano. Taes reformas, aliás visando interpretações da regra, não a feriam no amago. E' preciso chegar ao seculo XIII.º, com a instituição das quatro grandes Ordens mendicantes, para se deparar com conceitos novos na obra cenobitica. Por sete seculos, portanto, se manteve unica.

Que era, em sua essencia, o codigo estabelecido por S. Bento?

Nas suas proprias palavras — una escola para o serviço de Deus, *opus Dei* —, mediante um complexo de providencias que casavam a oração, o trabalho e o descanso, do ponto de vista contemplativo e tambem pratico, pela observancia de um ascetismo mitigado, capaz de manter a dignidade dos costumes e um começo de vida monastica. *Nihil asperum, nihil grave nos constituros, speramus*, dizia o Santo. *Minima inchoationis regula*, explicava em conclusão. Abnegada e rigorosa, sem duvida, mas sem excessos de austeridade.

Rehabilitava o trabalho manual, dantes considerado tarefa servil.

Soldados de Christo, dirigidos por uma regra e por um abba; vida commun dentro nos limites do monasterio, oração commun, refeições e dormitorio communis; ausencias limitadas e indesejaveis; taes eram as characteristics.

Para isto, tres votos: o de obediencia, o de boa conducta individual e o de estabilidade. E, como a regra firmava o dever de pobreza e de castidade, vinham comprehendidas taes obrigações na de obediencia. Assim, de tres se elevavam a cinco, em realidade, os compromissos assumidos.

Esse voto de estabilidade foi, de facto, característico das intenções do Fundador. O monasterio teria de constituir uma só familia, tendo por pae o abbade. Como manter tal feiçào, si aos monges fosse licito e normal entrar e sair de uma para outra das casas? Excepcionalmente, seria toleravel. Nunca como faculdade permanente, porém, por destruir a noção de parentesco espirital, de familia religiosa que o Santo quizera imprimir á sua obra.

Não pensára elle, com effeito, fundar uma Ordem com missão definida propria, sujeita a uma direcção unica, instituto no qual o mosteiro figuraria pouso provisório por onde passassem e transitassem monjes vindos de outro e em caminho de terceiro. Para conservar e fortalecer o sentimento de união, de familia, manter o cenobita em seu cenobio era um dever. Taes a origem e explicação e a razão de ser do voto *de stabilitate*.

E' certamente um dos característicos benedictinos, não constituírem uma Ordem centralizada propriamente dita, como são as demais, sim um grupamento de familias religiosas, com um pensamento commum — *opus Dei* — e sob a orientação de seus respectivos abbades. Com o enxamear de novas casas, obedecendo a variantes minimas na observancia da regra inicial, ainda se accentuou tal feição, que o surto das congregações e a recente creação do abbade-primaz não alteraram na essencia. A chamada Ordem benedictina foi e continua a ser uma vasta confederação de abbasias autonomas.

Methodo para cumprir tal programma, a regra minuciosamente estipulava a distribuição do tempo e os detalhes de toda a actividade collectiva. Nenhuma emulação mais podia surgir nas praticas asceticas. A voz do abbade decidia todas as questões. A seu turno, o proprio abbade tinha de observar e obedecer á regra. Na phrase do car-

deal Gasquet, o fim é o desenvolvimento da santidade christã. Dom Tosti declara: á perfeição do individuo, queria S. Bento unir a perfeição social da familia cenobitica. E' puro collectivismo, opposto ao individualismo eremitico.

Interrompiam suas orações para trabalhar e descansar, sempre de modo que a occupação pratica tivesse alvo de caridade e de contemplação. Contemplação que não era a de S. Antão e seus successores, sim a do modelo benedictino que Dom Butler resume fundado principalmente em S. Gregorio Magno: a um monge benedictino, para ser um contemplativo segundo a noção de São Gregorio, cumpre pois, enquanto pratica as obras de vida activa que lhe são prescriptas, guardar bem vivos o amor e o anelo persistente da vida contemplativa e de seus respectivos deveres, e, em periodos que se revesam regularmente, esforçar-se por voltar á contemplação.

Ainda Dom Gasquet cita as palavras de S. Beda o veneravel falando dos monges de Cantorbery no seculo VII.º: oram, vivem a vida da Igreja, na contemplação e no trabalho.

A mesma largueza de interpretação não imperava quanto á assistencia permanente do monge em seu convento. Esta permanencia era essencialmente o pensamento do fundador. Certas excepções admittiaui-se, ou melhor, não constituíam infracções da regra certas praticas, taes como evangelisar os pagãos, ou sahirem religiosos a fundarem novas casas, ou obedecerem a ordens que os investiam de funcções episcopaes. Em épochas mais recentes, certo latitudinarismo prevaleceu, e foi devidamente auctorisado que benedictinos assumissem encargos parochiaes.

Egual série de difficuldades surgiu quando á noção do trabalho imposto pela regra, no correr dos tempos.

Inicialmente, o conceito era simples: abrangia a faina agrícola e a leitura pia. As consequências foram infinitas, a ponto de se revestirem de formas nunca previstas no século VI.^o, taes os mistéres eruditos. Vel-o-emos, no desenrolar dos acontecimentos.

RUMOS PRIMITIVOS

Com tal código de actividade, abriam-se logo immenso campo de acção.

A evangelisação se lhes deparou immediatamente como labor santo, a florir em martyrios e triumphos. A Italia conservava largas populações pagãs, semi-pagãs e herejes, e ali o proprio Patriarcha deu o exemplo do pregar missionario.

O antigo Imperio Romano do Occidente, em sua queda, se fraccionára em innumerados e instaveis reinos barbaros dos quaes só o dos Francos era orthodoxo. Dos demais, os que não eram idolatras seguiam o Arianismo. Na Gallia, com os Burgundios, Godos, Celtas e Alamanos; na Hespanha, com os Wisigodos e Suevos; na Africa, com os Vandalos; na Germania, com os Frisões e Saxões; na Inglaterra, com os Jutos, Anglios, Saxões e Celtas; na Italia, com os Godos e Lombardos; na Scandinavia, com os precursores dos Normandos; por toda parte, o missionario benedictino balisava sua conquista espiritual progressiva pelos mosteiros que erguia, pela destruição dos idolos, dos altares e dos logares sagrados ás divindades germanicas.

Já universalizada a regra benedictina, a esta religião pertenciam todos os portadores da Boa-Nova em terras de infieis.

S. Agostinho, prior de S. André no Monte Caetio, chefiou a missão na Inglaterra, em Kent, Essex, Northumbria. S. Wilfrido evangelizou na ilha de Wight e no Sussex. Mas a maior parte da Grã-Bretanha foi conquistada para o Christianismo pelos monges de Iona, dirigidos por S. Columbano, entre outros, antes deste e seus companheiros aceitarem o código de Monte Cassino.

Na Frisia, os semeadores da Palavra Divina foram S. Wilfrido, S. Willibrord e seus auxiliares. Wulfram, Willehad e Liudger. S. Bonifacio ahi começou sua imensa empresa e ahi, por fim, foi martyrisado, após ter merecido o título de Apostolo da Germania por seu esforço victorioso junto aos Bavaros, Thuringios e Franconios. Numerosos irmãos o acompanhavam. São Perminius, S. Sturmius, S. Willibald ahi espalharan o grão e colheram largas messes espirituaes.

S. Ansgarius foi saudado como o Apostolo da Suecia.

Bosius foi o Apostolo dos Wendas, sendo bispo de Merseburg, S. Adolpho, martyr, prégou aos Borussios.

Lembrando que cessou a missão benedictina junto aos pagãos pelo anno 1.000 de nossa éra, Dom Butler nota com razão que na linguagem corrente os títulos de Apostolos, dos Inglezes, da Hollanda, dos Germanos, dos Suecos, dos Wendas e dos Prussianos recahiram em membros da Ordem.

Dentro nos cenobios, sempre segundo a mesma indiscutivel auctoridade, o tempo era minudentemente distribuido. Variava um pouco nas diversas épochas do anno, mas em média se poderia representar pela forma approximada seguinte: *Opus Dei*, 3½ horas; *Studium orationis*, ½ hora; leitura, 4 horas; trabalho, 6½ horas; somno, 8½ horas; e refeição, 1 hora.

Vê-se que cerca de dez horas se destinavam ao trabalho e á leitura.

Ambas as categorias de actividade soffreram largas modificações no correr do tempo.

Segundo o primitivo espirito benedictino, o trabalho se exercia nas cozinhas dos mosteiros e das hospedarias para viajantes, na cultura dos campos, no saneamento dos pantanos, na construcção de estradas, na derrubada de florestas. Onde uma abbadia se fundava, ficava assim creado um modelo para as circumvizinhanças. As terras valorisavam-se e maior bem-estar reinava em todas as classes, principalmente nas mais humildes. Quem reflectir no estado da Italia, após as invasões barbaricas, reconhecerá que nenhum serviço prático maior poderia ser prestado ás populações sobreviventes. E igualmente, merece repetido o louvor para toda a Europa occidental e mesmo para a Germania e as florestas paludosas no rumo do Oder e da Vistula. Nesse saneamento territorial, os mestres foram os benedictinos.

Com o tempo e o augmento da gente, escassearam as terras. Acontecimentos históricos destruíram conventos: Monte Cassino, por exemplo, conquistado pelos Lombardos, viu seus religiosos expulsos para Roma. Manifestou-se tendencia para niuguar o trabalho manual, a ponto de, em certas reformas internas, se levar especialmente em conta a volta á tradição primeira do cultivo e do melhoramento do sólo. E não foi facil achar succedaneos a taes occupações, que, tão bem quanto essas, preenchessem o ideal cenobítico.

Uma das novas soluções encontradas foi o labor intellectual em algumas de suas modalidades. S. Bento, ordenando a leitura, nunca pensára em outra cousa sinão na edificação moral. Dom Tosti, em sua *Storia della Badia di Monte Cassino*, o prova lembrando quão parca a bibliotheca conventual: "*Vi era nel monastero una libreria donde i monaci toglievano i codici e ne facevano pu-*

blica e privata lettura dopo la refezione della sera. E nel tempo della quaresima correva obbligo di leggere tutti i codici: lo che, se mostra la pochezza li questi, tuttavia ne chiarisce che poneva alcuna opera nello studio dei libri e nel copiarli per moltiplicarne gli esemplari". Constituir uma congregação de doutos era pensamento alheio ao Patriarcha, si bem já existisse em Lérins um exemplo de fortes estudos monaciaes, e fossem extensas e profundas as leituras do Fundador. Seu fim era outro: a sanctificação da vida do individuo no ambiente familiar do mosteiro.

SEMENTE DE INTELLECTUALISMO

Nesse preceito da leitura demorava uma semente de intellectualismo, que se expandiu, e desabrochou e floriu, de modo independente dos intuitos do Santo. A honra e o merito do primeiro gesto de colleccionar codices e manuscriptos não coube a S. Bento, sim a Cassiodoro e a S. Columbano. Este, na celebre abbadia de Bebbio que fundou, recolheu numerosos escriptos, que, hoje, fazem a glória das bibliothecas Vaticana, Ambrosiana e de Turim. Aquelle, em seu monasterio de Vivarium, visou especialmente preparar um asylo para as *humaniores litterae*, em uma éra de barbarie e de destruição, como adverte Dudden em sua biographia de S. Gregorio Magno. Ahi tambem, mais a João Cassiano do que a Bento deve Cassiodoro sua orientação.

A migração de Monte Cassino para o Latrão, em Roma, foi elemento decisivo nessa mudança de rumo do trabalho. Já S. Gregorio insistia com o abbae sobre o deverem os monges apurar os estudos sacros. Psalmos, classicos latinos, figuravam na base da instrucção minis-

trada nos conventos, quer a futuros cenobitas, quer aos próprios membros da Ordem. Alcançaram alto nível de erudição, muitos delles: citemos Bonifacio e Beda o veneravel, entre outros. Tão longe foram nesse afan, que mais tarde os cistercienses censurariam aos regrantes de Cluny a leitura habitual de auctores pagãos.

O grande cardeal Newman, em sua *Mission of S. Benedict*, aponta o character especial d'essa cultura, nos seculos que chama benedictinos, do VI.º ao XI.º, de S. Gregorio a S. Anselmo, entre a Patristica já em declinio e a Scholastica ainda por nascer. Era o estudo piedoso das Escripturas Sagradas, o commentario dos Padres da Egreja, a investigação concatenada dos *Acta Martyrum*, o exame das vidas dos Padres do Deserto, a transcripção laboriosa e paciente dos manuscriptos de todo genero e dos classicos latinos.

Dom Butler, guia incomparavel na historia benedictina, cita como typo do erudito da Ordem a S. Beda o veneravel. Mommsen fazia-lhe o mesmo acalorado elogio, confirmando seu titulo de *verax historicus*.

Assim, menos de dous seculos após as fundações de Subiaco e de Monte Cassino, já vicejava o intellectualismo na actividade fecunda da Ordem, conservadora do pensamento antigo da Grecia e de Roma, e traço de união mental dos povos da bacia oriental do Mediterraneo com a cerebração nascente e confusa das novas unidades que surgiam da fusão germanico-romana.

Houve, mesmo entre os reformadores da regra, quem censurasse taes preoccupações como desvios do roteiro fundamental do Mestre. Não parece procedente a increpação, e hoje é quasi ponto pacifico convir ao benedictino qualquer tarefa, mental ou manual, comtanto que seja compativel com a vida em communum e o cumprimento perfeito o *opus Dei*. Difficil é achar generos de occupa-

ção que realmente sejam um esforço e não dissolvam a existencia da familia religiosa. Essa noção, muito especial e precisa, do trabalho, caracteriza o espirito da Ordem.

S. Bento, já vimos, adoptára como solução a agricultura, e assim foi feito até o seculo VIII.º. Masahi, já uma outra modificação occorrêra nas abbasdias, e a grande maioria de seus habitantes, em contrario do que se dêra no seculo VI.º, se compunha de sacerdotes, para os quaes o amanho da terra não era incumbencia costumeira.

Succedaneos foram então a transcripção dos codices e dos manuscritos, a illuminura dos pergaminhos e todas essas fainas compatíveis com o viver monastico, laborioso, difficil, exigente e pacificador, a par de precioso para a obra do mundo, no dizer tão profundamente verdadeiro de Butler.

A invenção da imprensa matou o mistér dos copistas. Nada se descobriu, depois, que tivesse o alcance e a generalidade da missão primitiva.

Procurou-se elemento substitutivo no ensino, e realmente ahi se encontra vasto campo de acção, accôrde com a psychologia peculiar á congregação. Outro meio, bastante mais restricto, foram as hospedarias em nucleos de peregrinação. Só em casos excepcionaes, de especialisação intensa como foi a casa de S. Amaro, como são hoje Solesmes e mais alguns outros centros investigadores, podem os estudos eruditos hombrear com os demais encargos, em busca da equivalencia moderna da antiga labuta agricola.

Aqui, como em toda parte, nem só a regra tem de ser cumprida, como se torna indispensavel tratar-se de verdadeiro trabalho, productivo, util á humanidade. E' o apostolado pela sciencia, que lhes indicou Leão XIII, tal

a Comissão pontifícia *Emendandae Kulgatae*, creada por Pio X.

TENDENCIAS REFORMISTAS

Melhor se comprehende o desenvolvimento dos principios iniciais da regra, ampliações logicas e solidarias, nunca restricções ou contradictas; melhor se avalia a filiação das disposições vigentes ás exigencias de Monte Cassino, seguindo as alterações trazidas pelos reformadores.

Guiemo-nos sempre pelo *Benedictine Monachism*, nas cinco divisões que institue na respectiva historia.

A primeira foi a phase de criação e de expansão. Durou tres seculos, até dominar a regra a universalidade dos conventos. Tem como grandes nomes, além do Fundador, os grandes propagandistas, os dous primeiros papas Gregorios, os apóstolos da Europa central, Beda o veneravel. Terminou com a reforma tentada por S. Bento de Aniane, em 817.

Iniciou-se então o segundo periodo, que é dominado pela notavel acção dos grandes abbades de Cluny, inferiores apenas ao summo pontifice, na significação hierarchica da Igreja. Foi, porém, um desvio da pura simplicidade das idéas de S. Bento, affirma Dom Gasquet E tem razão: Cluny, como S. Bento de Aniane, visava centralisar o governo, sob a forma de uma abbadia capital e casas subordinadas, a negação mesma da familia benedictina no mosteiro autonomo do Patriarcha.

Butler o diz expressamente — não eram mais monges negros, sim outra Ordem organizada, vivendo segundo a antiga regra — O trabalho manual declinou, e desapareceu, incrementando-se a presença dos cenobitas na igreja, com expansão notavel na duração e no esplendor

dos officios. Teve larga diffusão, e os monasterios cluniacenses multiplicaram-se.

Era destruir o equilibrio sabiamente organizado por S. Bento, supprimindo o trabalho em favor da celebração quasi unica dos exercicios religiosos, pondera Dom Berlière. Tão excessivos foram ritualismo e complicações de Cluny, que uma reacção, de intuitos puritanos, se impoz, chefiada pelo grande S. Bernardo, o maior espirito do seculo XIII.º, talvez.

O movimento cisterciense restaurou a observancia literal da regra, reſugando as mitigações de Cluny. Talvez ultrapassasse um pouco o roteiro de Monte Cassino e tendesse para praticas de austeridade demasiada, mais proxima do monachismo egypcio. O trabalho foi restaurado com rigor tanto em Citeaux como nas abbasdias que lhe seguiram a reforma; mas, pouco a pouco, a decadencia se fez sentir. Camakdulenses, vallombresianos, sylvestrinos e olivetanos orientaram-se desse modo. O quarto concilio do Latrão (1215) poz fim a essa centralisação excessiva e instituiu as reuniões triennaes dos abades e priores conventuaes de cada provincia, com quatro abades incumbidos da presidencia capitular, mas com prohibição expressa de qualquer auctoridade superior em qualquer delles.

Abriu-se então nova phase, a terceira, que vae até o concilio de Constança, em 1418. Da legislação conciliaria lateranense, e dos capitulos provinciaes então creados, sahiu o systema de congregações ainda vigentes. Nessa quadra historica se deram os abusos maiores. O feudalismo invadiu as abbasdias. A moral pratica da "commenda" ahi attingiu seu maximo viço, com os peores resultados para a vida monastica.

Perdourou quasi dous seculos esta provação, a mais dura e rude que tenham experimentado os cenobios, pois

o nível destes, em consequência desses dous males terríveis — feudalismo e *commenda* — tinha decaído de modo indizível.

Impunha-se restaurar a vida religiosa nas Ordens. Foi a missão do concílio de Constança (1414-1418), que inaugurou o renascimento, a quarta época de Butler Reforma de Bursfeld (1420), na Allemanha do Norte; reforma de Melk, na Germania do Sul; de S. Gall, na Suissa; a congregação de Monte Cassino, ou de S. Justina, na Italia (1421); a de Valladolid, na Hespanha; foram os instrumentos realizardores do pensamento conciliar. Não conseguiram, do primeiro esforço, ultimar o saneamento moral reclamado pela situação. 1.500 abadias de monges negros, 750 de cistercienses, existiam então, além de casas menores, priorados e cellas.

Mas a reforma protestante, destruindo numerosos institutos; as guerras de religião e a de Trinta annos; a propaganda e o grande empenho de correção intrínseca das Ordens, aos gritos de *emendanda ecclesia*; foram outros tantos incitamentos à depuração de costumes e de methodos.

O admiravel concílio Tridentino, em sua duplice obra dogmatica e disciplinar, realisou as amputações necessarias, eliminou tudo quanto era decíduo e caduco. Foi remédio energico e decisivo para a restauração do regime monastico, na plenitude de sua pureza primitiva e de sua pristina vitalidade.

Para as casas benedictinas, firmou o principio das congregações. Do seculo XVII.^o data a grande, luminosa, abençoada e benemerita congregação de S. Amaro, cuja obra social ainda teremos de encarecer. Mas o resumo do esforço dos mosteiros reformados foi principalmente de larga melhoria moral — piedade e gosto do ceremonial, — diz Edmund Bishop das abadias norte-germanicas,

citando como excepção unica a de S. Blasius, na Floresta Negra, onde o trabalho mantinha logar de honra. O ensino começava a predominar em muitas abbas, como obediencia á obrigatoriedade da norma laboriosa.

A revolução franceza poz termo a essa subdivisão historica.

A quinta e ultima abrange todo o seculo passado e prolonga-se até hoje. Reconstrucção, revivescencia, crescimento e esforço consolidador, a caracterisam, no rumo da volta aos intuitos do Fundador, com as modificações materiaes na execução impostas pelos tempos mudados. Com as tormentas revolucionarias, com o philosophismo de José II da Austria, com as secularisações napoleonicas, com as revoluções de Hespanha e de Italia, haviam desaparecido numerosos cenobios: trinta, apenas, se poderiam citar, existentes nos primeiros annos do seculo XIX.º.

HOJE

Nova seiva alimentou as congregações. Os beneditinos inglezes, expulsos de suas casas de França, reconstituíram-se em sua própria terra natal. Na Baviera, do mesmo modo. Solesmes, em França, surgiu ao impulso superior de Dom Guéranger. Beuron, na Alemanha, attestou o zelo dos irmãos Wolter. Nos Estados-Unidos, duas congregações florescem. Reabriram-se abbas hespanholas, das suppressas em 1830. Define a este movimento a expressão de Dom Gilberto Dolan, em 1885: *Succisa, virescit.*

Multiplicaram-se as casas. De 30, em 1800, passaram a 156, em 1910, e a 180, em 1925. Nestas duas ultimas datas, os religiosos cresceram em numero de 6.457 a 8.176. Como evolução geral, são indiscutíveis a alta purificação progressiva do instituto desde o seculo

XIII.º até Trento, e a intensificação cada vez mais viva da volta ao ideal beneditino, guardada a proporção decorrente das épocas, entre a *primæva observantia* e as possibilidades de hoje.

Não esmoreceram as grandes forças impulsoras da actividade dos monges negros.

No apostolado em dias contemporaneos, como olvidar a missão de Downside junto aos galés australianos; a missão de Nova-Nursia junto aos indígenas da Australia occidental; as missões norte-americanas junto aos índios desse continente; os cistercienses na Africa do Sul; os sylvestrinos em Ceylão; a congregação ottiliense da Baviera, missionarios que já têm um vicariato na Africa Central? E já não são poucos os martyres que lhes condecoram de pupura sanguinea a obra de fé, de paz, de amor a Deus e ao proximo.

Nas obras parochiaes e missionarias, em 1925, quasi um milhão e meio eram as ovelhas dos rebanhos de que se haviam constituído pastores. Na mesma data, tinham 20.000 alumnos em suas escolas.

Sua participação no evoluir social era ainda mais formidavel. Haviam civilisado parte da Inglaterra, a maior porção da Germania septentrional e iniciada a conquista religiosa da Scandinavia e dos paizes slavos. Suas abbasias ensinavam pelo exemplo a economia possivel na época: saneamento, estradas, pontes, derrubadas de matas impenetraveis, dessecamento de paúes.

Cada mosteiro ensinava rudimentos litterarios. Ao grande esforço carolingio presidiu Alcuino, e, até S. Ignacio, o beneditino representava o que de mais alto havia na educação das pequenas minorias letradas.

Inspiravam governos e influíam na orientação de Roma. S. Bernardo foi, talvez, o maior politico de seu tempo.

Pelos copistas, vulgarisaram as obras primas da civilização greco-romana. Por suas relações no Oriente, obtiveram e traduziram obras, perdidas no Occidente, dos pensadores gregos, alexandrinos e orientaes que os Arabes tinham logrado salvar da destruição. De sua contribuição propria para o acervo de escriptos religiosos, qualquer palavra é inutil, tão notorio é o facto.

Nas artes, quer na architectura, na qual Viollet-le-Duc lhes tece o mais alto louvor, quer na pintura, na qual a illuminura dos textos enche de luz e de belleza os pergaminhos monachaes, sua posição é insigne. Na musica, crearam o canto gregoriano.

Por seus estudos, renovaram sciencias e erudição. Na historia do pensamento humano, nada se conhece, como esforço colectivo, que se approxime da mole immensa das investigações da benemerita congregação de S. Ananro, nos seculos XVII.º e XVIII.º.

Os tão falados trabalhos da Encyclopedia esmaecem e minguaem ante os 200 volumes *in-folio* e outros de menor tomo, da actividade intellectual maurista. E nisso se acha apenas parte da tarefa encetada, pois a Bibliotheca Nacional de Paris ainda conserva centenas de volumes de collecções manuscriptas quasi inéditas até hoje, apesar das largas pesquisas e publicações feitas desse acervo pelas sociedades sabias francezas. Assim, ha 800 volumes de documentos para a historia provincial de França; 236, para a historia genealogica; 31 para as Cruzadas; 90, sobre antiguidade benedictina; 7, sobre os concilios de Gallia, e outros e outros mais, cujo citar alongaria por demais a presente enumeração.

Rememorar os nomes dos Mabillon, dos Ruinart, dos Martène, dos Montfaucon, dos Sabatier, é lembrar culminancias intellectuaes das mais salientes de todos os tempos e de todos os paizes. E, principalmente, porque

são puros productos da formação benedictina. Seus livros, por elles redigidos, não lhes mencionam os nomes, nem a auctoria, sim apenas *labore et studio monachorum S. Benedicti Congregationis S. Mauri*. Foram pautados sobre pesquisas e collecções de textos realisadas por outros membros da Ordem, os quaes permanecem anonymos. A tarefa de os escrever obedeceu á regra, como applicação da obrigatoriedade do trabalho nos intervallos deixados pelo *opus Dei*. Poucos monumentos litterarios de origem humana ostentarão a altura dominadora da obra não terminada dos mauristas.

Reviveu a tradição na brilhante abbadia de Solesmes, desde a lei franceza de 1903, sobre as congregações, expulsa de sua patria e refugiada na ilha ingleza de Wight. Ali, brilhou Dom Guéranger, *instrumentum a divina providentia* como o denominou Pio IX. Do n Pothier restaurou o canto gregoriano, e no mesmo mosteiro creou cursos technicos de musica sacra. Beuron, na Allemannia, dedicou-se igualmente ao canto-chão, e iniciou um estylo proprio de pintura. Maredsous, na Belgica, tem escola para rapazes, onde se ensina arte decorativa religiosa.

Como as areias do mar, infinitos foram e continuam a ser os serviços de amor ao proximo e de amor e culto a Deus, prestados pelos benemeritos filhos de Bento, abençoados como o nome do mesmo Patriarcha.

Deu-lhes a Igreja militante o devido destaque: 62 papas, dos quaes 25 canonisados; mais de 200 cardeaes, 250 patriarchas, 1.600 arcebispos, 46.000 bispos e 7 doutores da Igreja. Quasi cincoenta mil são santos benedictinos, membros gloriosos da Igreja triumphante.

E continua a sequencia immortal da sua santa faina. A mais alta das tarefas eruditas lhe está entregue: a revisão da Biblia editada por S. Jeronymo, para a qual Pio X, em 1914, creou a Commissão Pontificia *Vulgatæ*

Bibliorum versioni emendandae. Nella figuram apenas monges negros. Já Leão XIII animára igualmente a restauração das investigações e dos methodos mauristas.

CONCLUSÃO

Esse, o rumo novo para o qual se encaminha a noção moderna do trabalho imposto pela regra ás famílias de S. Bento.

Missão sublime que prolongará e dará cumprimento á promessa divina que, em Monte Cassino, por 517, o Patriarcha ouviu do Anjo: *Ordo tuus usque in finem mundi stabit.*

Pharol em meio das tempestades da Média Edade, no tumulto dos barbaros invasores, o convento ostentava oasis de paz e de bondade. Refugio da intelligencia, propagador dos conhecimentos salvos do naufragio do mundo gréco-latino, o cenobio guiava para o sossego e a ordem as atormentadas existencias dos contemporaneos. Ensinava-lhes a lição do Christo moderador e meigo, esparzia caridade e espirito fraterno, dava exemplo de melhor aproveitamento dos dons divinos, quer na vida interior, quer nos aspectos materiaes. Sem mudar de essencia, apenas desenvolvendo as potencialidades da semente de intellectualismo da regra de Monte Cassino. mantido intacto o venerando *opus Dei*, qual a estrella junto a Belém, conduziu o pensamento humano para os páramos mais altos da pesquisa religiosa e historica.

Como nutrir duvidas sobre a eternidade de tal tarefa? Como capitular ante o scepticismo, e julgar exgottada a capacidade de acção dos gloriosos monges? Como pensar não mais lhes caberem incumbencias de mór responsabilidade e valia no solver os problemas mais

arduos da mente humana, alumada pelos reflexos do Alto?

Energias de toda sorte perpetuamente renascidas, velam, oram e trabalham os mosteiros, no campo da Fé, do Amor a Deus e aos homens, das indagações sobre origens e finalidades.

Nem só no firmamento do espiritualismo, como no sereno ambiente das mais exigentes aspirações da consciencia culta, brilha, luz no ceu, a orientação dos filhos do predestinado Bento.

E sua obra continuará, eterna como a divina promessa, como era no principio, hoje e sempre, pelos seculos a fóra.

PADRE MANOEL DA NOBREGA

A iniciativa de Villena de Moraes, unanimemente perfillhada pelo Instituto Historico Brasileiro, de pagar ao padre Manoel da Nobrega pequena parte da divida insolvavel de nossa gratidão pelo que fez na fundação do Brasil, chega em hora opportuna. Ha evidente renascimento de estudos historicos nossos, e um dos primeiros ensinamentos da "mestra da vida" é certamente o culto dos que bem serviram ao paiz.

Aos jesuitas, em seu conjuncto, o unico monumento a erigir-lhes, digno delles e de sua obra, é o proprio Brasil, qual elles o idearam e procuraram realisar com os meios e a mentalidade do tempo. Si, em commemoração unica, lhes quisessemos symbolisar a acção, como o genio artistico de Bernardelli fez quanto ao "Descobrimento" — conjugando Cabral, frei Henrique de Coimbra e Pedro Vaz de Caminha —, tres figuras por certo se destacariam, tres apostolos de roupeta, qual maior em sua vida e suas obras: Nobrega, Anchieta e Antonio Vieira.

Eguaes na grandeza e na abnegação, seduziram intelligencias e corações por aspectos diversos de sua actividade.

Antonio Vieira, por sua admiravel prosa, conquistou os esthetas da palavra. Em seus livros recentes sobre elle — biographia e correspondencia — João Lucio d'Azevedo fal-o reviver nos altos e baixos de sua carreira. na larga tolerancia de seu espirito, nos acertos e nos erros de sua róta politica. Prégador, litterato, missionario, diplomata e homem de Estado, tudo foi e sua existencia é

inseparável do Brasil que ajudou a libertar da invasão holandesa, vencida finalmente pelo concurso da celebre Companhia de Commercio, que o jesuíta fundára para fins outros.

Anchieta e Nobrega perduram na memória nacional por títulos diversos: um domina as almas, o outro se impõe ao respeito dos realizadores. Repetimos o que allures já temos escripto.

“Anchieta, meigo, sonhador e apóstolo, admirável psychologo e estylista, revelou-se o corajoso evangelizador das selvas, poderoso e irresistivel pela mansidão e pela bondade... Nobrega, o grande Nobrega, com as mesmas virtudes heroicas de sacrificio e de amor ao proximo, surgiu o organisador e o politico.

Delle o plano, delle o methodo de chamar os selvícolas ao gremio da civilisação e da fé. As famosas reduções, nas quacs se conseguiu o quasi milagre de, domando feras, fazer homens dos indios divagantes pelas brenhas, provaram o conhecimento das almas e a valia pedagogica dos processos seguidos. Não quizeram lançar de chôfre, de um para outro extremo, as crianças grandes, ignorantes e fetichistas, que são os selvagens, sinão os educaram aos poucos, elevaram-lhes o nivel moral até a consciencia da dignidade humana e dos deveres para com Deus...

Pouco conhecido, entretanto, insufficientemente admirado seu genio de conductor de homens para Deus, Nobrega, homem de Estado e creador de uma civilisação “sui generis”, não tem sido estudado com a devida minucia. Nelle, contudo, se incarnou a alma da missão incipiente em terras americanas”.

As suas cartas, salvas do olvido e da destruição por Valle Cabral e Capistrano, são escassas para dar a silhueta completa do grande organisador. Cada vez mais se

faz sentir a necessidade da publicação integral da correspondencia com Roma, conservada no *Gesú*. No museu britannico, tambem, ha elementos informativos preciosos.

Uma edição systematica de todos esses preciosos documentos commentados á luz do ambiente dos fins do seculo XVI, permittiria reconstruir a epopéa fulgente de amor ao proximo e de immolação cruenta das primeiras levas que Ignacio enviou ao Mundo Novo pertencente a Portugal.

Ella se elevaria para o Alto como uma prece, ou a chanua pura do sacrificio ao qual ellés propios se ofereceram como victimas voluntarias.

Junho de 1928.

PERNAMBUCO E O CARACTER NACIONAL

Não fosse a escassez de dados oriundos de observação seria e aturada, a tornar impossível iniciar desde já obra de tal vulto, e interessante fôra tentar o esboço, por assim dizer geographico, dos elementos psychicos com que cada zona contribue para formar a feição geral da alma de nossa terra.

Tem-se procurado delinear taes affluentes, partindo das raças formadoras. Conviria, entretanto, ir mais fundo e sondar os factores regionaes, pois no tempo e no espaço, do Amazonas ao Extremo Sul, variações essenciaes houve nessas mesmas parcellas ethnicas.

As capitánias receberam affluxos diversos: os povoadores militares de S. Pedro do Sul eram outros que os colonos da Bahia ou os devassadores do Nordeste; as tribus dos pampas platinos apresentavam aspectos que as diferenciavam dos Canoeiros paraguayos ou das que erravam pela Hylaea central; o negro talvez fosse o menos variavel dos reagentes nesse cadinho de fusão racial, e, não obstante, ainda nelle avultavam disparidades fundamentaes, na propria Africa, seu berço originario.

As mentalidades evoluíam tambem, a do seculo XVI, diversa da dos seguintes. As occupações costumeiras, igualmente: a cultura, sedentaria; o pastoreiro, seminomade; a mineração, errante até fixar-se na lavra, enquanto perdurasse ahi o ouro ou a gemma, para se reencetar então, após o exgotamento da jazida, novo cyclo de pesquisa e de vaguear.

Finalmente, as entradas de immigrants. Portuguezes, affluxo normal, de vulto variavel. Hespanhóes, tam-

bem, e Italianos em grande maioria, no littoral e no sertão, da Bahia para o Sul. Allemães e Suissos, mais raros e esparsos, na mesma zona. Slavos, do Paraná para o Rio Grande. Japonezes, na orla atlantica de S. Paulo e ao longo das vias-ferreas que unem Santos a Corumbá.

Vê-se que uma região existe, menos salpintada de sangues heterogeneos, mais proxima á brasilidade inicial do seculo XIX: Espirito-Santo, Minas, Goyaz, Bahia, Pernambuco, o Nordéste, a Amazonia de povoamento escasso.

Compreende-se, dest'arte, a impressão corrente a falar em tendencias particularistas: no arrojo gaúcho; na capacidade de trabalho e no espirito emprehendedor dos habitantes de Sta. Catharina a S. Paulo; no genio laborante, poupado, meditativo e conservador do mineiro e do goyano; na potencia de esforço do bahiano; na energia indomavel do Nordestino, a lutar contra o ambiente adusto e cruel. Cambiantes peculiares, a sobre-sahirem no fundo comunum de nacionalismo exaltado e de incompressivel altivez.

Nas capitánias mais antigas que haviam logrado manter-se á tona no sossôbro geral das doações de d. João III; nas sédes successivas do governo geral, e nas Geræes em que a população prolongava a de S. Paulo; um traço especial se notava, caracteristico e forte; o predominio da noção de estirpe. Com seus direitos, é certo; mas principalmente com todos os seus deveres e onus. Eram chefes e directores taes homens, mas assumiam suas responsabilidades, com todos os sacrificios decorrentes, e cumpriam-lhes as consequencias.

Nesse sentimento, Pernambuco tivera primasia e destaque, tanto e tão constante que imprimiu até hoje cunho seu a toda a vida regional, e exerceu influencia onde quer que pernambucanos interviessem. Uma nota de elegân-

cia, de fidalguia, de superioridade, evidencia-se inseparável da collaboração desse Estado em todos os negocios nacionaes.

Assim foi desde o primeiro dia da occupação da terra por seu donatario, Duarte Coelho. Havia trazido de Portugal vizinhos e parentes; transplantando, a bem dizer, com seus habitantes um pedaço do chão metropolitano, para as praias e sertões americanos. Gente escolhida. Nível moral alto, austero e duramente mantido. Estirpes authenticas.

Temiam ao governo de Duarte Coelho as multidões irrequietas e sem freio das demais donatarias. Receavam a rispidez dos processos com que se mantinha a ordem e se fazia respeitar a moral. Ebrios, adeptos da vida solta, indisciplinados, eram irremissivelmente punidos e desterrados. Dos chronistas se deduz que um nucleo sadio e policiado ali se achava solidamente radicado e rigorosamente contido.

Desde os primeiros annos, surgem os nomes historicos: Albuquerque, Cavalcantis, Paes Barretos, Barros, Duartes Pereiras, Coelhos, Castello Branco e outros.

A canna de assucar, seu cultivo e o preparo de seus productos, condensou a população em torno dos senhores de engenho, como em derredor da torre albarrã se agrupavam os séquitos do castellão. E os senhores de engenho nunca faltaram a seu dever.

Seus nomes fulgem no avassalamento do Nordéste, a par dos missionarios jesuitas. A Amazonia é conquista sua. Fundam cidades. Guíam a repulsa do Hollandez, com o auxilio dos indios e dos negros. Na valentia de Poty, é todo o heroismo dos apóstolos de roupeta que se glorifica e que justifica a catechese. Na victoriosa e nobre collaboração de Henrique Dias e de seus soldados de côr, é o generoso coração da raça africana que palpita e

avulta; pois falou mais alto a solidariedade patriótica do antigo escravo e do colono, do que a lembrança da escravidão e de seus horrores.

A altivez inspira a guerra dos mascates. Dá o ponto de partida de Bernardo Vieira de Mello. E' a alma de revolução de 1817. Vibra na de 1824. Estimula e ampara a Nunes Machado na, aliás injustificavel, revolta praieira.

Na Côrte, Joaquim Nabuco salienta o grupo dominador, pelo espirito liberal e pela elegancia dos ademanes, dos leões do Norte. Superiores nas discussões, na serenidade com que assumiam responsabilidades, no desprezimento de posições e de vantagens, no destemor e na cortezia com que enfrentavam situações inimigas.

Conductores de massas, e só conduzidos quando a isso annuiam, por identidade de alvos e de metodos.

Na Republica, igualmente, a mesma linha de apuro mental e de convicções tranquillamente affirmadas e obedecidas, o mesmo culto da Lei atravez quaesquer agruras.

Barbosa Lima luctando contra a revolta de 1893-94, corresponde a Rosa e Silva mantendo illesas as prerogativas do Congresso repellindo affrontas que espiritos menos ponderados tentavam irrogar ao Legislativo.

Teem ambos, como naturaes continuadores, os governos locais a combaterem, até ás ultimas, revoltas apoiadas por elementos estranhos. Erroneos embora, por vezes, os intuitos que attribuiam ao governo central, inda assim, nobre e digno o movel inspirador dos chefes estadoaes: a repulsa de tentativas que julgavam ameaçar a autonomia de sua terra.

Penhor de segurança nacional. Força em reserva, ethica e intellectual.

Como no passado, muitas vezes secular, nella póde o Brasil se apoiar tranquillo para enfrentar o futuro.

Setembro de 1928.

PADRE JOSÉ MANOEL DE MADUREIRA

I

O CHRISTÃO

Terminou a missão terrena de um dos melhores filhos de Santo Ignacio.

Tal a carmelita meiga que prometteu continuar, no céu, o bem que no mundo espargia, vae agora, ante o Throno Unico, orar o Padre Madureira por seus filhos espirituaes a quem prodigalisou, sem contar, os thesouros de sua nobre alma.

Porque isto precisa ser dito: conscientemente antecipou sua morte, sacrificando a seu ideal todas as magnificas energias que nelle estuavam. A seu amor ao proximo, a seu espirito de caridade sem fim, offereceu a propria vida, em radiosa oblação ao Senhor de Misericordia, de Doçura e de Bondade.

Viveu fazendo o bem, nos mais amplos campos de acção: os da fé, da intelligencia e do esforço social. E em todos elles avultou, pois em todos se dedicava como elle sabia fazer: dando-se de corpo e alma á tarefa empreendida; cumprindo seu dever como seu coração lhe inspirava, fazendo infinitamente mais do que devia.

Tal feitto espiritual explica sua vida e esclarece sua constante proeminencia.

De Itú, foi escolhido para se aperfeiçoar em Roma. Na Universidade Gregoriana, de estudante aproveitado, mereceu ascender ás graves responsabilidades da cathe-

dra capital de philosophia. Entre seus alumnos, ali, contou o reinante geral da Companhia de Jesus, o Padre Ledóchowsky, e o actual nuncio no Brasil, D. Aloysio Masella. De tal modo se houve, que durante tres annos permaneceu no quadro docente, sempre humilde e proficiente.

Póde ser dito que a magua, que hoje opprime a christandade brasileira, estende seu lucto e se faz sentir na ordem toda e na Igreja Universal.

Em 1899, voltou á America, para, em nossa patria, se dedicar ás casas de educação da Companhia. Nesses estabelecimentos, occupou todos os cargos; nelles dispendeu sua actividade inexgottavel illuminada pelo santo amor a Deus, e, por este, a seus simillhantes.

Conseguia, ainda, achar tempo para exercer seu ministerio apostolico, em vasta escala. Consagrou todos os seus instantes disponiveis á missãõ interior: retiros fechados de Friburgo, de que foi um dos principaes mantenedores, sinão o maior; correspondencia assidua e minudente com desgarrados, que queria chamar novamente ao aprisco; direcção de consciencias de innumerõs fieis. Transbordar illimitado de caridade christã.

Para achar o tempo material indispensavel a encargos tantos e tamanhos, cerceava ao extremo seu parco repouso. Da obrigação da leitura do breviario, conseguira fazer um exercicio mortificante da ascese, de aperfeiçoamento moral, á noite roubando, de seu tão ninguado somno, os momentos para o ler e meditar, deslembrado do que pedia a natureza.

Não julgava bastante esse infinito derramar de bondade e de affecto, por sobre quantos se acercavam delle. Quiz tentar ainda mais, na dadiva de todo o seu ser ao Creador e a suas creaturas.

Pertencia a uma das mais admiráveis congregações, cujo ministério das almas, por seu sacrificio irrestricto e seu insuperado altruismo, mais havia attrahido coleras, calumnias e invejas.

Abençoado soffrimento purificador, graças ao qual ella poudo manter-se o que sempre foi, militante e intemerata, contra a heresia, contra a impiedade, a serviço da maior gloria de Deus.

Perseguida, vilipendiada, martyrisada, a todos os golpes respondia redobrando de amor ao proximo. Expulsa e saqueada, recommençava sua tarefa evangelisadora, de conforto, de consolo, de exaltação da fé, de amparo aos que soffrem. Intimamente permeada do espirito de meiguice e de sacrificio, a seus mesmos perseguidores acudia com suas preces e suas obras de misericordia.

E, entretanto, sobre ella pesava a grande calumnia da Historia.

Esses, pelo odio deformante; aquelles, por ignorancia; outros, ainda, pela opinião gregária dos que não investigam por si, e aceitam pareceres feitos sem critica, ankylosados pela inercia mental; a todos esses animos transviados cumpria fraternalmente esclarecer.

Encetou, então, seu grande livro sobre "A liberdade dos indios. A Companhia de Jesus. Sua pedagogia e seus resultados".

Onde achou tempo para essa obra monumental? Nas restricções ainda mais violentas de seus pobres minutos de descanso.

A' elaboração desse trabalho, essencial para elucidar a historia de nossa terra deu os ultimos alentões de sua força já quebrantada pelas exigencias do sacerdote e do educador. Foi escripta com o sangue de suas veias; inspirada pelos ardores inexcediveis de seu coração aman-

tissino; filha de seu amor a Deus e a seus semelhantes. Emfim, "ad majorem Dei gloriam!..."

Não podia o corpo, tão maltratado por essa vontade superior, docil na obediencia mas ferrea no cumprimento do que tinha por seu dever; não podia o corpo amoldar-se a tão imperiosos reclamos!... De 1921 a 1922 se sitúa o inicio do notavel ensaio: de 1925 é a primeira ameaça séria, o primeiro aviso inilludível de que as forças humanas eram contingentes; e de que o proprio organismo invejavel do grande Jesuita não possuia resistencia bastante para acompanhar o surto, em que a caridade christã arrebatava a mentalidade poderosa do Padre Madureira.

Não ouviu este o dorido protesto. Continuou, redobrando de esforço, offerecendo seu sacrificio ao ideal que mirava: ser util, servir, auxiliar, conduzir a porto de salvamento a todos os homens de boa fé. Dahi, se foi accentuando cada vez mais a arhythmia: o animo apostolico a se alcandorar de mais em mais; a miseravel "guenille humaine" a reclamar piedade e sossobrar nos prodromos do deliquio final.

Desde meados de 1927, cresceram os progressos do mal; no sentimento generoso e puro, não conseguia amainar a santa febre da immolação e do dom completo de si mesmo a bem dos homens; e, de passo em passo, o corpo, exausto e cambaleante, tropeçava em quedas cada vez mais graves.

Mas a vontade, superior a todas as fraquezas, não capitulava. De crises cardiacas agudissimas, levantava-se o pregador para dirigir os retiros fechados de Friburgo. Contra as supplicas de seus medicos, que não ousavam dar ordens a essa alma de apostolo, dirigia as meditações e distribuia conselhos aos retirantes, por horas a fio.

Dava sua vida, singelamente e sem o sentir, tão simples no precioso donativo, quanto immensa era sua affeição por seus filhos em Christo.

E ao sair dessas fainas herculeas, o athleta da fé e da bondade exclamava, sincero: "que bem me fazem estes retiros! . . . parece que me restituem a saude! . . ."

Ante esse condemnado á morte, as fronteiras se curvavam, e nos olhos marejavam lagrimas; vencidos, todos, pela fulgida aurora de santidade que nimbava o martyr, a extinguir-se, sciente e feliz, no cuidar da salvação de seus irmãos! . . .

Até os ultimos dias, preocupava-se com o livro que brindára ao Brasil, para lhe narrar a epopéa heroica dos Jesuitas em terras nossas.

Ainda lograria o Mestre ver impresso o primeiro volume de sua reivindicação de justiça e de verdade pela benemerencia da Companhia de Jesus. Não poude resistir, contudo, até se completarem as poucas semanas que nos separam da publicação do seguado volume e ultimo.

Terrivel provação lhe estava reservada. Elle, que fôra o grande Padre Madureira, o trabalhador energico e incansavel, via-se inutilizado, incapaz de servir ao proximo, forçado á inacção. Que tormento moral em sua vida interior, ansiosa por se dedicar sem treguas. . . . Dentro em breve, não lhe permittiria a fraqueza celebrar a Santa Missa. Mais uma grande dôr a offerecer em resgate! E, dahi por diante, ainda maior se tornou seu exemplo de resignação serena ante os decretos da Providencia. . .

Nesse altissimo christão, tão intima e cordialmente conformado com a Vontade Divina, prompto a comparecer perante o Supremo Juiz, havia irreprimivel receio de se não achar sufficientemente preparado para soffrer as angustias da agonia, de fraquear nos momentos finaes do exodo para outra vida. E a todos, humildemente, solici-

tava orassem por elle, afim de que tivesse a coragem necessaria.

Apiedou-se de seu servo, tão bom e tão puro, a Ineffavel Bondade. Não teve agonia. Um gesto, um espasmo, um minuto de quasi imperceptivel agitação... e estava chegado o termo de sua existencia no mundo.

Cessára de pulsar o nobre coração do adoravel Jesuita. Aquietára para sempre sua alma formosa na paz augusta do Senhor.

Setembro de 1928.

II

O HISTORIADOR

Quando Capistrano de Abreu, o maximo entre os mestres nossos, proclamava, na sinceridade de sua convicção, ser atrevimento escrever-se a historia do Brasil sem, préviamente, estar divulgada a dos Jesuitas, em seu espirito pairavam principalmente os seculos do periodo colonial.

O indio, acima de tudo. Sua conquista pacifica pela catechese, na qual os filhos de Santo Ignacio levavam a primasia, no esforço e no martyrio. O devassamento da terra pelas missões; a colheita de observações sobre homens, raças, actividades, recursos de toda especie, resultados obtidos, acontecimentos administrativos e politicos, factos economicos. A protecção de catecumenos e de aldeados contra a ferocidade preadora e sanguinaria do colono sanhudo e despido de escrupulos. A liberdade do autoclitome contra a ganancia cruel do invasor.

Por essa abençoada tarefa, gloriosa e quasi anonyma, incessante e admiravel, experimentava elle o mais completo enthusiasmo, e a seus immortaes obreiros chamava, do iustimo d'alma, insignes heróes.

Não pousava a grande intelligencia do Mestre com egual demora na faina educadora da Companhia, no ambiente dos colonos portuguezes e de seus descendentes. Talvez, por ver em tal manifestação méro capitulo do trabalho geral da Ordem, pelo mundo civilisado afóra.

Com razão, aliás, o faria. Mas essa mesma empreza generalisada é, pelo muudo afóra tambem, tão pouco conhecida de facto; tanta injustiça se lhe assaca; tanta deformação moral e intellectual se lhe empresta, sem base plausivel; que, passar por ella silenciosamente, no Brasil, equivaleria a lacuna inexcusavel no estudo das cousas nossas.

Assim aconteceu, entretanto. Uns, por terem taes phenomenos por sabidos, e sem titulo para merecerem analyse especial. Outros, vendo nelles simples assumpto para libellos pombalinos. Terceiros, para apologias nem sempre do melhor quilate, embora, na intenção, sempre optimas. Alguns, ainda, por lamentavel predominio mental de estreito determinismo historico, a enxergar sómente interesses e relações pecuniarias, em vez de ligar aos imponderaveis motores da vida, as *vivendi causae*.

Rectificar enganos de boa fé; expôr a inanidade das calumnias; demonstrar os erros de facto; explorar na realidade o que era, e é, o ensino, no conceito de Loyola; narrar o que se fez em nossa terra neste sentido; constitua, portanto, dever tão imperioso quanto necessario. Tão necessario e imperioso, quanto desvendar os annaes das obras missionarias da chamada do selvagem á civilisação e á fé, e de sua defesa contra os escravisadores.

Assim comprehendido, o escopo alargava seu ambito. Não era apenas o caso brasileiro que se punha em fóco: toda a pratica da pedagogia jesuítica occupava o palco. O *Ratio Studiorum* tinha de ser analysado e justificado por menor. Transcendia dos limites nacionaes o campo a observar, para avultar mÿssão universal.

Iniciativa formidavel, que naturalmente **desacoroçoaria** ânimos de tempera *commum*, e só accessivel a espiritos altissimos.

Obra que só um Jesuita poderia emprehender. Especializada a bibliotheca sobre a Companhia, seus ideaes e seus methodos, não se encontra colligida e methodisada em institutos leigos; das proprias casas professoras, nem todas a possuem; o adito a ellas é facultado a poucos individuos, desde que não pertençam ao grenio. Tudo isso limita o numero de estudiosos ás intelligencias de escól, e, destas, a quasi totalidade seria de adeptos do Fundador.

E' o que torna-tão faltho e fragil o ataque. Na ausencia dessa immensa litteratura peculiar, os criticos vão inspirar-se nos pamphletos, nos apaixonados debates politicos, nas publicações de interesses contrariados ou feridos. Blateram, não julgam. Investem, não analysam. Gritam, não convencem. Caluniam, não provam.

Restabelecer um ambiente de critica scientifica é, em casos taes, tarefa quasi superior ao engenho humano. Tanto mais meritorio o esforço, quando tentado na carencia de todo o arsenal documentario que só em raros estabelecimentos se pôde reunir para as investigações.

Isso, para os homens leaes e sinceros. Dos demais, cegos voluntarios por paixão ou preconceito, como Michelet e outros, nem cogitemos.

E é por isso que tanto valor attribuimos a testemunhos insuspeitos de dissidentes confissionaes, como Boeltmer e Monod, ou Southey, quanto ao Brasil, em livros

dignos da maior notoriedade, nos quaes é rendido o devido preço á benemerencia dos Jesuitas. Nelles é evidente o empenho por julgarem com isenção. Ha erros, por vezes; injustiças quiçá. Como poderiam elles evital-as? Não possuíam o thesouro de informes de estudos, de relatorios, de estatisticas, de pamphletos e de controversias, que sómente as casas de Santo Ignacio guardavam; innumeros dentre esses, papeis ainda inéditos, notas para uso interno da congregação.

Para o provar, basta ler as dez paginas de bibliographia sobre o assumpto, que o livro do Padre Madureira compulsou. Toda a longa discussão *pro e contra* os descendentes espirituaes de lúigo, desde a fundação, no periodo de quatro seculos portanto, ali está representada sem contar innumeros auctores, que em notas se encontram ao pé de cada pagina da valiosa obra.

Por isso mesmo, sempre cresce em nós a meditada convicção que só um Jesuita pôde escrever sobre a Companhia o livro justo, real e completo que ainda está por ser feito. Os archivos de Roma são os unicos que podem imparcialmente revelar os factos, as normas e os alvos da actividade desses religiosos. Só após sua divulgação se conseguirá julgar a róta seguida, nem só do ponto de vista material, como do dos intuitos, das métras e da direcção de intenção, com que foram postos em pratica.

Dado esse depoimento insuspeito, a Ordem logrará ser apreciada com justiça e base real. Para a louvar ou a condemnar, é cousa differente. Mas com base, pois actualmemente é esta a grande fallia, a quasi inexistencia de conhecimentos fundamentados sobre ella, o recurso a publicações muitas vezes desauthorisadas. E é precisamente o que está a reclamar com insistencia e anseio se inicie a vulgarisação dos elementos historicos archivados em Roma.

Obra urgente, essencial e indispensavel para a historia do mundo inteiro. Para Portugal e Brasil, então, exigencia vital para se conhecer nossa propria evolução.

O livro que estamos estudando não visa tão alto, sem duvida. Não seria humanamente possivel realisar-o no decurso de uma só vida. Exigirá innumeras collaborações. Mas esse foi o alvo norteador: fundar nos factos a narração; rectificar com fatos as interpretações; com elles corrigir as fantasias de uma exegese insufficiente, quando não do preconceito. E não ha como esconder o brilho dado ao desempenho de tarefa tão alta.

Hoje, é uma grande voz que divulga pensamento de auctoridade inexcedivel. Obra individual, fala pela collectividade, do alto de sua tradição quatro vezes secular, esteiada na sua immutavel norma, nos depoimentos coevos, na inalteravel doçura, no espirito de justiça e de sacrificio, característicos dos "insignes heróes" de que nos traçou o perfil o grande Capistrano.

Convém, entretanto, para justamente avaliar tal esforço, bem comprehender o programma seguido, as circumstancias em que surgiu, o fim collimado.

Os Jesuitas foram sempre, já o dissemos alhures, os grandes calumniados da Historia. Ainda recentemente, em obra de evidente boa fé, mas de critica insufficiente, a par dos maiores testemunhos de louvor e de gratidão se mantinham e se sublinhavam restricções ou mesmo censuras, sem apoio na realidade, entretanto. O ensaio de Boehmer-Monod tivera grande influxo entre estudiosos de nossa terra, prolongando e ampliando injustiças e erros.

Era o Padre Madureira membro da Liga Pedagogica do Ensino Secundario no Brasil, e o unico Jesuita que della fazia parte. A benemerita Instituição havia deliberado concorrer por todos os meios á celebração do Centenario de nossa Independencia. Entre os de mór impor-

tância figuraria dizer a obra brasileira da Companhia de Jesus. Quem, sinão o Jesuíta, falaria com a auctoridade indispensavel de sua "extremosa mãe"? Brasileiro, Jesuíta e educador, essa tambem teria de ser a directiva no desempenho dado á missão que lhe foi confiada.

Para a Independencia, os dous seculos e meio de luctas pela liberdade dos Indios haviam sido o preludio, esforço que cobre de bençãos e de glorias a longa e cruenta campanha de martyrio dos missionarios de Santo Ignacio.

A opinião dominante em nossa terra é a que Joaquim Nabuco resume, e Madureira lembrou: "O catholicismo no Brasil foi por muito tempo, no periodo da formação, a Sociedade de Jesus, — e não só o catholicismo: o descobrimento, a exploração, a posse dos territorios na época da apropriação do Novo Mundo... É de todo duvidoso que existisse a unidade brasileira, sem a unidade da Companhia; a probabilidade é que não haveria Brasil, si, em vida de Loyola, Portugal não tivesse sido feito Provincia da Companhia".

Bello e opportuno momento para reivindicar a nítida fama de sua familia religiosa, para rebater clamorosamente erros, proferidos "por lhe não conhecerem as Constituições, porque foi ella sempre alvo da conspiração de uma historia falsaria e das mais degradantes calumnias."!...

Finalmente, a obra incomparavel de educação e de instrução, na qual sempre esteve na vanguarda das demais congregações.

Assim foi iniciado o trabalho.

As paginas que escreve revivem a lucta do missionario contra o colono, avido de conquistar escravatura para suas terras. Os horrores dos assaltos ás reduções pelas bandeiras de resgate, são mais uma vez narrados. Coinci-

dindo, as do Guayrá, com o domínio hespanhol em Portugal, no periodo de 1580 a 1640, os Jesuitas e seus protegidos se viam praticamente abandonados pelos reis castelhanos.

Já procurámos, no estudo dos primordios da *Politica Exterior do Imperio*, explicar a genese dessa capitulação pelo silencio do governo de Madrid. Expõe Madureira os martyrios e as perseguições da missão do Guayrá. Elemento novo trouxe Affonso de Taunay, em sua *Historia das Bandeiras* (3.º vol.), esclarecendo a calculada inercia das auctoridades paraguayas.

Os paulistas buscavam escravos, mão d'obra barata, mesmo á custa de violencias e de rapinas. Na metropole, desde Philippe II, reinava certa indifferença na contenda lindeira; todas as terras, no regime da monarchia dual, união de duas corôas sobre uma só cabeça, pertenciam ao mesmo soberano, e não conviuita a este aggravar os sentimentos inamistosos dos subditos portuguezes, na colonia como na peninsula; por isso, fechavam-se os olhos a quaesquer desmandos. Mas, ponto agora melhor investigado, o interesse do colono hespanhol coincidia com o triumpho conquistador das bandeiras: os Indios evadidos das reduções refluíam para o Paraguay, e ali eram escravizados por *encomenderos* e outros proprietarios castelhanos, que assim, do desastre da obra jesuitica, auferiam vantagens; Indios já mansos, conhecedores de officios, alguns, cahiam-lhes nas mãos.

Victimas unicas e lamentaveis, os Indios aprisionados por preadores das duas nacionalidades ibericas.

Eterna honra da Ordem, os padres nunca abandonaram seus reduzidos. Nessas luctas, inumeros perderam a vida. Haviam creado um typo peculiar de existencia collectiva, adaptado á mentalidade selvagem, e que os chamados "civilizados" anniquilaram.

Nos Sete Povos do Paraguay, a indiferença das duas cortes peninsulares; no Maranhão e no Pará, o odio pom-balino, levaram ao mesmo fim: a ruina do esforço da Companhia. Em todos esses casos, esta sustentou, até a propria morte, a causa divina do amor ao proximo, do apoio á civilisação, da dedicação *in finem* ao ideal christão.

A maior aggrenção científica brasileira, em assumptos dessa natureza, o Instituto Historico do Rio de Janeiro, em dous Congressos solennes, o nacional de 1914, e o internacional da America de 1922, reconheceu e proclamou a benemerencia desses insuperaveis servos de Deus, apontando-os como elementos formadores primaciaes de nossa existencia politica, em si e em convivio com as demais nações.

O livro do Padre Madureira é o commentario documentado de tal parecer, hoje quasi unanime entre os historiadores de nossa Patria.

Mas divulga tambem outro aspecto, pouco versado, o da cooperação, no labor educativo de nosso povo. Quasi nada se sabia sobre semelhante assumpto.

Para melhor dilucidal-o, começou expondo e explicando o codigo de regras de que Santo Ignacio e Claudio Acquaviva foram os principaes compiladores: mixto de experiencia de outros collegios, da Universidade de Paris, das Ordens sábias, com o fructo de sua propria pratica nas casas da Companhia.

Não admira tal appello ás lições de precursores; só por obediencia, de sua hoste militante contra a heresia Loyola fez o grande paradigma do ensino secundario, a partir de 1540, e o *Ratio Studiorum*, em sua forma definitiva só se divulgou em 1599, no generalato de Acquaviva.

Esta parte do livro é uma revelação para a quasi totalidade de seus leitores leigos, e talvez para muitos dos religiosos. Permite destruir juizos erroneos e, em lugar de primitivas criticas, proclamar acertos e louvores aos processos pedagogicos adoptados. Nesse ensaio, de tanta valia, em que se hesita na escolha do trecho mais meritorio, talvez á lucida exposiçãõ do que seja o ensino no conceito da Companhia, caiba a palma de sobreexcellencia.

Mas seria o estudo philosophico, pratico e psychologico dos methodos adoptados, e dos resultados collido, no mundo inteiro, pelos filhos do immortal Guipuzcoano.

Convinha especialisar o caso, e dizer o que tal roteiro havia sido no Brasil. E, pela primeira vez, se soube agora concatenadamente a missãõ e as victorias dos mestres do *Ratio*, e nossa terra, desde os tempos coloniaes até hoje, máõ grado o sombrio eclipse de 1759 até 1841, oitenta e dous annos de vigencia dos ideaes herdados de Pombal, em Portugal e no Imperio.

Por excessiva humildade, procurou o Padre Madureira desculpar-se de imaginarios senões em seu admiravel relato, allegando não ser escriptor nem historiador, pois o pouco que havia publicado sobre a Ordem do Brasil lhe não grangearia taes titulos, dizia elle. Tocante modestia, mas de todo infundado receio.

Seu alto espirito, que as *humaniores litterae* haviam polido e facetado, creou o instrumento de pesquisa e de trabalho. Nos Annaes de sua congregaçãõ achou a materia prima. E em seu immenso amor a Deus, ao torrãõ natal, ao proximo e á Ordem, estava o impulso interior que o moveria a seu benemerito esforço.

Mais uma vez se verificaria o profundo conceito de Horacio: *Cui lecta potenter erit res, nec facundia descret*

hanc, nec lucidus ordo. E sahju o cumprimento do nobre tentamen, digno do alvo e do operario.

Obra de amor e de sciencia, inseparaveis em quaiquer commettimento realmente grande, justificou. cluma feita ainda, o admiravel *Ad majorem Dei gloriam.*

Outubro de 1928.

III

O LIVRO

Notava Draper em um de seus livros o erro capital das exegeses medievas, que só a Renascença começou a corrigir: o estabelecer um mesmo nivel unico para as obras originaes e para seus analysts, *auctores vel commentatores*, quando ao verdadeiro homem de estudo, desapaixonado e honesto, se impunha trabalhar com material de primeira mão, na forma primitiva dada a lume por quem o havia escripto.

A esse mesmo anachronismo mental devemos attribuir, em parte, a deformação systematica e tendenciosa de tudo quanto se tem publicado para combater a Companhia de Jesus.

Restabelecer a verdade é dever de justiça humana, em primeira linha. Exigem-no ainda os foros de esclarecida que proclama possuir a critica scientifica. Reclamam-no as mais altas regras moraes. E, no caso nosso, vale isto por elementar dever de gratidão.

Disse-o de modo iniludivel e preciso o maior historiador nosso, o mais completo e arguto, cuja visão do passado alcança os mais remotos limites da intuição, **CAPISTRANO DE ABREU**: *Os sobrehumanos trabalhos desses insigues heródes enchem de tal modo as paginas de*

nossa historia colonial que é atrevimento escrever-se a historia do Brasil antes de estar escripta a historia dos Jesuitas”.

Não o foi ainda esta ultima, e, por isso, muito ha de provisório e de condicional nos ensaios que correm sobre os fastos de nossa terra. Apesar do novo surto que estão tomando as investigações historicas, a obra feita, escassa e falha, é por demais fragmentaria.

Um livro, um grande livro, está por ser escripto — “OS JESUITAS NO BRASIL.” — Delle apenas se rascunharam algumas linhas.

Temos as obras classicas sobre nossa fronteira paraguaya, de CHARLEVOIX e de DUTOIT (DEL TECHO). Existem correspondencias como as de ANTONIO VIELLA. Possuimos capitulos locais das chronicas rio-grandenses do Padre CARLOS TESCHAUER. Do Padre RAFAEL GALANTI conhecemos certos pontos de vista da Companhia. Os *Annaes da Bibliotheca do Rio de Janeiro* divulgaram algumas *Chartas Quadrimensaes*. Capistrano e Valle Cabral trouxeram seu valioso contingente das *Cartas de Nobrega* e do primeiro temos tambem as *Achegas* e o proemio da nova edição de FERNÃO CARDIM, bem como a divulgação commentada da visitação do Santo Officio na Bahia, em 1591-93. Um ou outro documento mais, e a obra incompletissima, quasi rudimentar, de um que outro escriptor de Memorias para assembléas scientificas. Todos elles, em gráo maior ou menor, leigos ou religiosos, resentem-se de falta de documentação original: commentam ou tratam de questões geraes.

Nem vae a miuima censura nessa observação generica, sim méro euunciado de um facto. Enquanto o *Gesú* de Roma não ordenar a publicação systematica de todo seu archivo americano, resultará lacunosa e desconnexa qualquer exposição.

Começaram os trabalhos preparatórios do Congresso de História, que, sob os auspícios do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, se deverá reunir em 1931. Seria ocasião propícia, para, desde já, de accordo com o governo federal, se iniciarem negociações para promover a impressão desse repositório sem igual de dados sobre o Brasil colonial e completal-os com providencias analogas quanto ás demais ordens religiosas que, na provincia brasileira, tão nobremente exerceram sua benemerita actividade.

A necessidade é tal, que, de todos os lados, espontaneamente, convergem esforços para revelar o que foi a vida espiritual nossa nos tres primeiros seculos após o descobrimento.

O modo por que o fazem, varia. Pamphletarios, alguns: apologistas, outros; pesquisadores de boa fé, terceiros; acham-se todos em situação difficil. Unilateraes, os dous primeiros, raramente possuirão a relatividade mental precisa para julgarem as convicções alheias, ou mesmo suas paixões. A' procura do equilibrio, os ultimos lutam com falta de elementos imparciaes e justos para firmarem seus estudos.

Dahi o alvoroço com que se acolhem os livros de boa fé, nos quaes o problema se investiga intrinsecamente, segundo o proprio animo dos actores dos factos historicos, unico modo de julgar com equidade os acontecimentos humanos, pelo menos quanto aos intuitos directores.

Para os espiritos mais altos, para as almas fundamentalmente rectas e sinceras, taes trabalhos trazem a pacificação dos conflictos e conciliam as contendidas de pareceres antagonicos. O eterno — "*audi alteram partem*".

Por extranha conjugação de causas, a Ordem fundada por S. Ignacio nunca foi julgada com animo isento de prevenções. Admirada e exaltada por uns; denegrida e calumniada por outros; nesse vortice de juizos contradicto-

rios se evidencia o plano superior em que paira na historia do pensamento humano. Não inspira taes odios a mediocridade, nem provoca tanto endeusamento a banalidade. Desafiou os raios e enalteceu os louvores e elevadissima situação que, desde os primeiros annos de sua existencia, logrou a Companhia conquistar no gremio catholico.

Em resumido ensaio, já velho de quinze annos, procurámos compendiar os motivos de tanta controversia, á luz da obra valiosa de BOEHMER, traduzida e revista por MONOD.

Do historiador não se pôde exigir tarefa sobrehumana. Historia, juizos, conceitos, condemnações, elogios, traduzem sempre as convicções do escriptor leal. O mais que se pôde pedir é justiça nas apreciações, e redução ao minimo das idéas preconcebidas. Essa, a forma superior da honestidade no pensar e escrever.

Desse ponto de vista, e tendo sempre presente que os citados auctores eram dissidentes, acatholicos convencidos e praticantes, não é favor declarar que seu livro principalmente após a collaboração de Monod, representa admiravel esforço de imparcialidade, tanto mais merecedor de enconios quanto, em almas formadas pela Reforma, é natural a antinomia com os grandes luctadores orthodoxos que combateram e limitaram o expandir das variações protestantes: na primeira fila, os Jesuitas.

Não nos lembra publicação alguma, fóra dos círculos religiosos, que tanta justiça procure fazer á Companhia, e mais defenda esta contra as calumnias de que foi victima. E estas ultimas pullularam, partidas ou inspiradas, muitas dellas, de congregações catholicas, hostis pela rivalidade de preeminencias e de serviços. Nos escriptores leigos, então, se encontra de tudo; a ponto de alguns e dos maiores, geniaes mesmo, fazerem de suas prevenções, de seu rancor e de suas invectivas pura manifestação de

uma querela pessoal ou de odio privado. Será exaggero dizel-o do grande MICHELET?

E' precisamente esse predominio de correntes apaixonadas e sem caridade que torna tão difficil estudar com verdade e espirito sereno a obra da Sociedade de Jesus, e de lhe escrever o influxo na vida social.

O grande e inegavel merito de Boehmer reside em ter procurado eliminar o terrivel coefficiente de erro que é a paixão. Seu ensaio sobre os Jesuitas traduz o mais nobre escopo de ser justo. A traducção franceza de Monod, corrigindo ou melhor focalizando casos especiaes, depurou mais o trabalho originario, e lhe deu o cunho de isenção inda mais alta. Nos seus traços geraes, esta superioridade lhes deve ser reconhecida.

Claro, em detalhes e em trechos importantes mesmo, pode ter havido, e houve realmente, erros de apreciação.

Conclusões tendenciosas? Reflexo do conflicto de credos? Informações insufficientes? Critica menos esclarecida? Obvio que as interpretações podem variar. Mas é tão delicado julgar intenções, e tão frequente divergir de pareceres por se modificar o angulo de visão conforme o ponto de vista acceto, que, por systema, adoptamos a hypothese mais leniente.

No caso particular dos mencionados historiadores, o tom sereno e superior da estructura geral do livro inclina, por homogeneidade ethica e intellectual, a ter por boa a explicação mais benevoia: a *insufficiencia de informação*. Não admira assim aconteça, tão peculiar tal genero de litteratura, e tão parco em trabalhos divulgadores da larga actividade dos filhos de Iñigo de Loyola. Quasi, só os conhecem eruditos.

Critica insufficiente, portanto, replicarão com acerto.

Sim, mas falha moral e scientifica menor do que a systematica deformação dos factos, ou a permanente refracção devida á paixão injusta.

Dahi, o grande valor das obras que visam restituir a pureza dos *phenomenos*, de modo a tornar seu conhecimento accessivel a um publico mais vasto do que o estreito cenaculo dos especialistas.

Enquanto se não faz e divulga o livro essencial — a exposição singela, clara e provada de toda a acção da Ordem no Brasil —, taes monographias parcellares trarão a grande vantagem de dissipar equivocos, restabelecer a perspectiva real na visão dos factos, banir invençionices, esmagar calumnias e soffrear appetites.

Tarefa immensa e benemerita, o *vitam impendere vero*, tanto para os illudidos sinceros, como para os tendenciosos vesgos.

O que ha de terrivel na verdade, diz ROMAN ROLAND, é que ella apparece quando procurada com afincio e consciencia.

Que desmoronamento para os accusadores sem fé!... Mas que allivio para os que padecem apenas de informação deficiente!...

Tal a impressão que em nosso espirito deixou o optimo ensaio que o illustre ex-Reitor do Collegio Anchieta acaba de escrever sobre o influxo da Sociedade nos mais graves problemas nacionaes.

Si precisasse a Companhia exhibir titulos de nobreza espiritual, bastaria citar as ementas das sete partes em que a obra se divide.

Que é a *liberdade dos Indios*, para a historia governativa de nossa terra, si não o exaltar das virtudes heroicas desses missionarios de roupeta, cujos martyres bali-sam, uma por uma, as conquistas feitas no sertão da colonia? Acompanhar as entradas; chamar ao gremio da fé

as creanças grandes que são os selvícolas; incutir-lhes costumes mais brandos; ensinar-lhes a piedade humana e a obediência; defendel-os contra os predadores portuguezes ou castelhanos; salvar-os da escravidão homicida do branco; dar a vida em holocausto a todos esses deveres que o serviço de Deus lhes impunha; tudo isso e muito mais ainda era a tarefa diária, gloriosa e quasi anonyma, dos filhos espirituaes do Navarro immortal.

Onde a sanha, a cobiça, a rapacidade do europeu lhes deixavam livres as mãos, triumpharam. O tão inexactamente chamado *Imperio jesuítico do Paraguay*, as Missões do Paraná, Matto-Grosso, os Sete Povos do Paraguay, são a prova clara desse espirito de caridade e de organização. Na *lucta cruenta pela conquista das fronteiras* ou pelo descimento de escravos vermelhos, o lábaro da civilização e do amor ao proximo sempre esteve, e nunca vacillou, nas mãos dos Jesuitas, antitheses dos conquistadores, animados simplesmente por exigencias politicas economicas, a reproduzirem invasões de barbaros em suas razzias deshumanas.

E' preciso ler a chronica das reduções e confrontal-a com a narrativa dos feitos das bandeiras, para se tirarem as conclusões historicas. A visita ás ruínas imponentes da região missioneira rio-grandense, obumbra o espirito, pela prova que ostenta do quanto os Jesuitas haviam conseguido de seus reduzidos. Lá surgiu imprensa, antes de ser fundada nas proprias capitães da colonia.

Victimados, sem conta, pelo indigena que procuravam civilisar, não era esta a ameaça mais temivel. Era antes o branco, o colono, ávido e brutal, incapaz de comprehender e respeitar o ideal inspirador dos catechistas.

A *lucta* duas vezes secular pela defesa da liberdade dos autochtones é a honra eterna da Companhia. Nella experimentou seus extremos de fraternidade humana, sua

capacidade de soffrer e de se immolar por seus protegidos. Heroísmo sem limites, tal a unica expressão que lhes pôde caracterisar a actividade. Nem ha nomes a citar, tantos e tão cultos são elles, desde Nóbrega e Anchieta, até aos padres do Ceará e do Maranhão e Vieira.

O que foi, no mundo inteiro, a nova milicia de Christo, deve ser lido no livro dos protestantes, desviados da catholicidade; pois seus elogios são insuspeitos, e seus proprios ataques sublinham a valia do adversario que os levava de vencida. Como olvidar Sonthey?

Mas o Padre Madureira soube resumir na segunda parte de seu livro, *novum militantis Ecclesiae subsidium*, o alto prestimo dos esforços dos Jesuitas em seus varios ministerios para com os fieis e nas missões junto aos infieis, a collaboração prestada a Roma e ao Papa. Affirma apenas um facto quem diz que, graças a elles, estacionou e recuou a Reforma desintegradora.

As cinco divisões seguintes lidam com a obra pedagogica da Sociedade de Jesus, estudada em seu inicio e em seu Codigo, *Ratio Studiorum*; em seus resultados antes do breve suppressivo de Clemente XIV; em seus resultados após o restabelecimento da Ordem por Pio VII; no caso especial do Brasil-colônia; e, depois, no Brasil independente.

Tarefa immensa, nobremente emprehendida, e largamente explanada. O operario mostrou-se digno da obra.

Para nós são as paginas mais interessantes e mais fructuosas, por versarem questão quasi desconhecida, quando não deformada através de auctores mal seguros do assumpto, ou tendenciosamente prevenidos.

Tal foi o caso nosso. Por leitura directa, não conheciamos o *Ratio*, e d'elle falámos segundo lição alheia, sympathica sem duvida, mas deficiente. Pela primeira vez, nas paginas do presente livro deparou-se-nos o texto

original. Confirmou-se a admiração que já nutriamos por esse notabilíssimo compendio pedagógico. Mas, também, e felizmente para a sinceridade de nosso parecer, esclareceram-se pontos obscuros e, como consequencia, nos convencemos da improcedencia de duas restricções que haviamos accedido sem maior exame.

Refere-se a primeira á decadencia do ensino em fins do seculo XVII e no seguinte. Diz respeito a segunda á censura de matar as iniciativas intellectuaes.

Deante desses mais recentes estudos, parece claro que a perda do monopolio docente no periodo alludido não é fructo de abastardamento da escola jesuitica, mas decorre do progresso das instituições congeneres, imitando o modelo do *Ratio*, iniciando emprehendimentos e roteiros novos.

Diminuiu a distancia entre os dous paradigmas, até anaullar-se, não que a Companhia houvesse baixado em valia, mas porque seus concurrentes tinham vencido o fosso divisorio e alcançado o nivel das regras de Santo Ignacio e de Acquaviva.

Quanto ao estiolar de iniciativas mentaes, basta meditar no *Ratio* para se ficar convencido de que este codigo as deseja e que methodisa os processos para se revelarem. O mais que, em consciencia, se poderia dizer, seria certo arrefecimento no fervor com que se observavam as regras da Ordem. Mas o mal proviria dos homens, não do Instituto, nem da creação originaria.

E a prova indiscutivel se encontra, nem só no exame imparcial do codigo pedagogico de 1599, como no impetuoso e avassallador renascimento que se seguiu á crise, após o breve de 1773, de Clemente XIV, e uotadamente após o restabelecimento da Ordem pela bulla de Pio VII, em 1814, a *Sollicitudo omnium*.

A Alcysio Fortis e seus grandes successores no generalato cabe o merito dessa palingenese. E como a obtiveram? Voltando e atendo-se estrictamente ao espirito e á lettra das grandes normas do Santo Fundador, interpretadas segundo o animo que as dictára e se desenvolveu nos governos subseqüentes da Sociedade, até ao de Mucio Vitelleschi, o *Anjo da Paz*.

E' seguramente a mais solida armadura forjada até hoje para conquistar os corações. Para tal, como *norma*, "*ensinar para educar, e educar para levar as almas a Deus*". Como *processo*, "*tudo para o alumno, e o alumno para Deus*". Porque cumpre attentar em que, como nenhum outro instituto, o *Ratio* não separa a instrucção da educação, ou antes cuida só da primeira para obter a segunda, que leva o homem a seus fins, proximos e ultimos.

Nesse escopo immenso, no qual um mundo se encerra e forma conjuncto, reciprocamente encadeado o trabalho do menino ao mestre e do mestre ao alumno, a directriz seguida é a mais fundamente psychologica que se tem concebido. Constitue a propria base de todo o processo: preparar os professores para comprehenderem os alumnos de per si, afim de lhes proporcionarem o pábulo intellectual que cada um póde aceitar.

E' certo, a cathedra não foi alvo originario de Santo Ignacio. Quando forçado a encarar tal missão, fel-o com a resolução, a capacidade realisadora e o poder de organização que em gráo tão subido possuia. Tambem, não foram inteiramente originaes e proprias as rôtas adoptadas: pediu-as á Universidade de Paris, que tanto admirava; observou a experiencia de outros nucleos de estudos, as ordens sabias, certos collegios allemães e neerlandezes, as ponderações dos collegios da propria Companhia. Tirou o melhor de tudo quanto preexistia.

Nisso consistiu seu grande merito, e ainda maior, o conceito de não isolar a instrução como fim em si, mas de constituir o binario *instrução-educação*, meio unico de viver a vida completa do corpo e da alma. Completou o *Ratio*, bem como todas as normas de Ignacio que o precederam, o modo de cumprir tal lei pedagogica, tendo sempre em vista a salvação das almas. Neste ponto, Acquaviva seguiu, apenas, a orientação inicial.

Regras eternas. Desvios ou crises, períodos de estagnação ou phases de fervor menos intenso, tudo, tudo desapareceu desde que, vigorosa e energicamente, o restabelecimento da Ordem levou de novo a applicar o espirito primitivo que inspirara Ignacio. Laynez e Acquaviva. Não era, portanto, o *Ratio* o responsavel por qualquer declínio, sim os homens que, menos ardentemente, o observavam.

A analyse feita no presente livro o deixa claro.

Mais do que isso, em quantos pontos foi tal compendio escolar verdadeiro precursor de normas erradamente supostas modernas?

O estudo psychologico systematico do alumno; o desenvolvimento do ensino do vernaculo; o preparo do professor; a distribuição das materias; os cuidados hygienicos; a disciplina militar e o emprego do tempo; a superioridade eugénica dos exercicios livres e dos jogos sobre a rythmica excessiva e contrafeita dos movimentos artificiaes; a finalidade social; a lucta contra o caução cerebral; a seriação das pesquisas; todos esses assumptos, que os pedagogistas modernos com tanta razão encarecem, encontram suas origens, pelo menos em germe, na codificação jesuitica.

Dahi, seu immenso e fulgurante triumpho, até meados do seculo XVIII, e sua resurreição após a bulla de Pio VII e a vigorosa iniciativa dos Fortis, Roothaan e

outros geraes de igual superioridade mental e ethica, purificando o ambiente pela volta systematica e inflexivel ás origens, ao espirito inspirador da regra do seculo XVI.

Uno, simples e logico, tal não pôde deixar de ser o roteiro da Sociedade de Jesus.

Porque não seguil-o á risca em paizes como o Brasil?

Surge ali o grave problema da liberdade religiosa, que a Igreja não preconisa, mas tolera.

Essa mesma tolerancia, entretanto, impõe deveres ao Estado, organisino temporal e não espiritual, salvo no ponto do *non est potestas nisi a Deo*.

Agnosticismo, como o comprehendemos, não é hostilidade. E' antes a confissão simples e honesta da incompetencia do Estado, creação humana, para solver problemas moraes e religiosos. Quando inuito, e já é largo esforço, lhe cabe expôr os principios geraes que animam as philosophias altruisticas, e decorrem do fundo commum das confissões, os deveres impostos pelo bem da communhão, com o fito de, no plano humano, constituir a religião da Patria.

Insufficientissimo, é claro, para a sêde espiritual que só o ensino religioso pôde estancar. Mas, ante o facto das dissidencias confissionaes, que o Estado leigo tem de acceitar, qual o papel da auctoridade meramente pratica e essencialmente inapta a escolher, sinão abster-se e deixar que, por si propria, triumphe a Verdade Eterna?

Abstenção que não é combate, e deve ser collaboração sineera, empenhada, ardente, pois só a inspiração do Além dá significação á vida e a completa.

Como obtel-a? Favorecendo com carinho apurado o consorcio na propria escola, da parte material que é a instrucção dada pelo Estado, com a educação incumbida ao sacerdote.

Em nosso modo de pensar, a laicidade é o reconhecimento leal da missão inferior do poder temporal, sem competência para ascender á região mais alta da espiritualidade, e para escolher uma fórmula entre várias.

Do ponto de vista governativo, o rumo a seguir não coincide com a solução da Igreja. São esferas concêntricas, sem ponto de contacto. A história toda nos ensina quanto a pureza do dogma e da disciplina ecclesiastica soffreu e se amesquinhou com o concurso, em qualquer gráo, da tutela official.

Esta, em governos agnósticos, deve limitar-se ao respeito a todas as convicções sinceras, e a envidar esforços cordiaes por permittir e favorecer todas as manifestações dos credos. *Veritas praevalabit.*

Repetindo phrases nossas, não agir em nome de uma ironia superior, mas inspirar-se na funda convicção de que, da neutralidade leiga, deve sair mais puro, radiante e forte o animo verdadeiramente religioso.

Variam os aspectos dos phenomenos conforme o ponto de vista adoptado. Claro parecerem diversas as soluções, conforme se considera o ensino do alto aspecto integral da vida com sua natural ansiedade pelas Causas Principaes — e esse o *facies* religioso —, ou do dever do poder temporal, incompetente em taes assumptos superiores á sua missão pratica, e obrigado por isso a não ter preferencias confissionaes.

Basta sejam diversas; não são forçosamente oppositas e hostis as conclusões. Permittem cooperações estreitas, que dão aso a se incrementarem ensino e pratica das normas da Igreja, unicas, a nosso ver, que preenchem os vacuos da méra instrução intellectual, e contemplan a noção integral da Vida.

Ao traçar estas linhas, acudimos ao appello do illustre auctor do presente livro, por mais lhe houvessemos

exposto nossa falta de preparo em assumptos de tão alta indagação.

A obediencia, entretanto, fornecia occasião de corrigirmos, de publico, erros involuntarios de apreciação, dados a lume em nosso ensaio sobre *Os Jesuítas e o ensino*, e que a probidade intellectual nos mandava confessar. Obedecemos, portanto.

Será nossa contribuição minima embora, no investigar os problemas essenciaes da collaboração pedagogica necessaria entre Igreja e Estado.

Tentando fazel-o no sentido da norma sublime da Sociedade de Jesus, para a maior gloria de Deus, prestamos a homenagem da nossa admiração aos filhos espirituaes de Loyola e ao animo apostolico que inspirou as nobres paginas que se vão ler.

Moveu-nos ainda a maxima altissima, sob cujo influxo collocámos toda a nossa actividade: *Servir*.

Janeiro de 1927.

A NATURALIDADE DE D. ANTONIO PHILIPPE CAMARÃO

Amigo sr. Conde de Affonso Celso:

Com alguma demora, imposta por *affazeres inadiáveis*, venho responder a sua carta pela qual soube da incumbencia que me foi commettida pelo Instituto Historico, de dizer sobre a situação da qual decorre a divergencia de pareceres sobre saber si Antonio Philippe Camarão, Poty, era pernambucano ou norte rio-grandense.

Confesso lisamente não comprehender bem a questão, que, a meus olhos, resulta de verdadeiro anachronismo logico.

O que importa, o que constitue essencialmente o elemento historico da vida e da actuação de Poty, é coisa alheia em absoluto ao ponto do territorio patrio em que occasionalmente nasceu. Resume-se em dois aspectos capitaes.

E', o primeiro, a admiravel justificação que revela da efficiente, nobre e altissima catechese, principalmente jesuitica, que, de um barbaro, logrou fazer uma creatura temente a Deus, capaz de comprehender e de se sacrificar por ideaes, como Patria e Religião. Exemplo notavel, que não foi unico, e esplende no thesouro de benemerencias da Companhia de Jesus, em primeira fila na lista das missões catholicas do Brasil.

Consta, o segundo, de poderoso auxilio trazido pelo chefe petiguar á expulsão dos hollaudezes, manobrando contra elles e guiando nos combates sua celebre companhia de emboscada.

Natã disso, é bem de vêr, tem qualquer relação com o lugar de nascimento do nobre selvícola.

Cuidar desse ponto, irrelevante mesmo na biographia do heróe, é applicar idéas de hoje a uma época em que não existiam, pelo menos com seu conceito hodierno.

Em nossos dias, as creações politicas e administrativas orientaram esforços para tres centros de actividade: o Municipio, a Provincia ou Estado, a Patria Grande. Dahi o sentimento como que tripartido que experimentamos e que na integração dessas tres forças attractivas, nos ligam indissolvelmente ao torrão natal.

Nos tempos coloniaes, o norte era outro, e mais accentuadamente antes do seculo XVIII, pois só meitada a éra seiscentista se revelam os primordios de um impulso aggremiador local, differente, na origem e nos alvos, da subordinação á metropole e a El-Rey. Até então, pois, apenas bruxóleia imperceptivel, quasi, a noção capitaniaal de solidariedade. Os auxilios de uma para outra dessas circumscripções tinham de ser provocados por agentes do governo portuguez, e nem sempre se prestavam de boa mente.

A irradiação partia inicialmente de Lisboa, e não de qualquer ponto central da colonia Insitana na America. Assim foi, embora attenuada, e mesmo desaparecida nas capitancias do Sul, a feição sentimental da massa popular do Brasil, ainda em vespéras da Independencia.

Serviço inexcédido do Imperio, foi alterar taes linhas de attracção, deslocando seu polo do Tejo para o Rio de Janeiro.

No caso da guerra de expulsão dos batavos, o que dominava, além dos soffrimentos regionaes, era o horror ao hereje, a revolta contra o avassalador de territorios lusitanos do Nordeste. Taes os intuitos dos *soldados da liberdade divina*.

Quando venceram, e Illes começou uma differenciação moral, surgiu, confusa ainda, a noção de quasi haviam ficado victoriosos sem auxilio metropolitano, era porque valiam os portuguezes da Europa. E o transcorrer do tempo confirmou-os nesse conceito.

Mais tenue, é claro, em cerebros formados pelos habitos sociaes dos selvícolas. Nestes, não havia sinão o ambito dos terrenos de caça ou pesca, e a idéa de patria, ou de dependencia de longinqua auctoridade, era fructo de educação catholica. Não havia lugar, em tal psychologia primitiva, para a estratificação de relações de amplitude crescente, quando, na realidade, nem os proprios colonos portuguezes as possuíam bem nitidas. A distincção entre Provincias ou Estados, já representa phase social mais elevada, extranha ao mecanismo simplista do indio seiscentista, mesmo catechizado. Não n'os moveria tal contraste no sentido moderno das accepções: guerreavam, os mais evoluídos, como subditos d'El-Rey, pouco importando de que região.

Para que distinguir origens? Que significação emprestar a qualquer dellas? Esse, o anachronismo logico; essa, a nihilidade historica do factor — lugar do nascimento.

Si investigarmos a questão do ponto de vista puramente biographico, não parece facil derruir a these pernambucana,

Toda a divergencia gyra em torno de se saber si houve um só Potyguacú, ou si foram dois de igual nome.

Homonymias são frequentes até em nossos dias, e podem prestar-se a confusões. As difficuldades crescem, quando se trata de individualidade vivendo em periodos muito proximos e insufficientemente conhecidos. A propria duração da vida de cada qual não seria argumento decisivo: si se tratasse de um só Potyguacú, teria vivido 68

annos, coisa perfeitamente possível; si forem duas as personagens, uma teria vivido 47 annos, até 1648, e da outra só se teriam noticias até 1614, tendo ella nessa data 34 annos. Entre ambas haveria, talvez, 21 annos de differença, quanto a seu nascimento.

Comprehende-se, portanto, a paulatina fusão de duas personalidades em uma só, e o equívoco commettido em 1759, pelo jesuita padre José de Moraes, ao registrar seu maior exame tal versão como pacífica, em sua *Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão*, olvidado de tudo quanto, antes delles, haviam notado numerosos escriptores. O senador Candido Mendes de Almeida, ao publicar esse codice, inedito até 1860, foi quem avivou, sinão creou, a controversia.

Realmente; pelo depoimento escripto e conferido dos coevos, se possuem dados que se não ajustam a um só individuo.

Simão de Vasconcellos, escrevendo em 1663, estabelece a distincção: havendo falado em um antigo Potyguacú, entre caciques catechisados, ressalva logo em seguida — “Não falo aqui doutro Potyguacú, maior que todos estes, assombro que foi dos hollandezes em nossos tempos nas guerras do Brasil”.

Esse antigo Potyguacú, norte rio-grandense com duvida possível, já em 1598 era conhecido dos portuguezes como figura de destaque, chefe de tribu, pae de numerosos filhos, polygamo que, ao converter-se, só conservou uma de suas mulheres como sua legitima esposa, e fez a Jornada do Maranhão em 1614.

Do novo Potyguacú, a quem d. Philipe IV de Hespanha, em 1633, ennobreceu e deu o *dom*, se sabe pelo *Valeroso Lucideno* de frei Manoel Calado que foi baptisado muito novo e, ao morrer em 1648, no mesmo anno da impressão do livro, deixou um filho menor. Não se

conciliam taes factos com o que se sabe do homonymo mais velho; este, polygamo, possuia prole numerosa, tendo afastado de si todas as mulheres menos uma; aquelle, christão desde a quasi meninice, não podendo portanto ser sinão monogamo, o que elimina a idéa de qualquer repudio.

Ha mais, entretanto. O proprio d. Antonio Philippe Camarão depoz no processo do padre Manoel de Moraes, traidor e apostata, preso nos carcerees da Inquisição. Camarão depoz na freguezia da Varzea, perante o vigario, em 23 de maio de 1647. Ali affirmou ter 46 annos, o que fixa seu nascimento em 1601.

Não podia, pois, ser o mesmo Potyguacú tigo, que já em 1598 se notabilisára, e cujo nascimento se conjectura em derredor de 1580.

Verdade é que o padre dr. Manoel Gonçalves Soares de Amorim nega valia a esse depoimento.

Primeiro, deixa pairar duvida sobre a authenticidade do informe; responde-se victoriosamente, recordando que se trata de um processo existente na Torre do Tombo.

Segundo, allega que não se pôde, de um selvagem nascido nas tabas, sem outro calendario que o sol e a lua, e que só se approximou dos civilisados depois de homem feito e já notavel, exigir precisão mathematica quanto á data de seu nascimento. O argumento valeria, si se tratasse do antigo Potyguacú. Torna-se, ao contrario, contraproducente, e fere fundo a these norte rio-grandense, pois se ajusta perfeitamente, *a contrario sensu*, a d. Antonio Philippe Camarão, recolhido e educado desde os 12 annos de idade pelos jesuitas, e por tal forma instruido, que lia e escrevia portuguez e tupy, e traduzia os classicos latinos. E disso existem provas em documentos coevos. Note-se, demais, que as qualificações da testemunha não foram impugnadas no processo.

Assim, recáe-se nas asseverações do padre José de Moraes, em sua *Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão*, de 1759, mais de um seculo após os acontecimentos. E tal preferencia se dá contra os relatos authenticos dos contemporaneos de Camarão, o principal interessado. Não parece extreme de censura tal processo critico.

E, por essa assimilação forçada de dois homonymos, se chega á perfeição de abandonar os dados fornecidos pelos principaes actores da guerra hollandeza, amigos e companheiros do grande petiguar, para lhes sobrepôr uma noticia sem base solida, publicada cento e onze annos após a morte do heróe.

Todos os coetaneos, a uma, asseveram tratar-se de um pernambucano. E os informantes são os nomes maximos da lucta contra os neerlandezes.

E' frei Manoel Calado, escrevendo, em 1648, seu *Valeroso Lucideno*, amigo e companheiro do indio illustre. E' João Fernandes Vieira, correspondendo-se com Camarão para lhe pedir o auxilio. E' frei Raphael de Jesus redigindo seu *Castrioto Lusitano*, mediante informações de testemunhas presenciaes e com a revisão do proprio Fernandes Vieira. E' o heroico negro Henrique Dias, de quem se citam duas cartas, de 1645 e de abril de 1646. E' o inimigo Matheus van den Broek, que, em 1651, relata os dizeres de Antonio Telles da Silva, governador-geral do Brasil, em uma carta ao governo hollandez do Recife.

Parece julgada a causa pelo simples cotejo dos orgãos informantes; os actores principaes da lucta de expulsão dos invasores, unisonos em designar Camarão como pernambucano; o padre José de Moraes sósinho, cento e onze annos decorridos da morte do valente cabo de guerra, em maio (talvez a 9) de 1648.

Consequencia desse divergir de pareceres, mais uma prova se colhe da dualidade das personagens homonymas — norte rio-grandense o antigo Potyguaçú, pernambuco e mais moderno, figura primacial da reconquista do Nordeste.

Finalmente, a contestação se firma em ser petiguar a tribo chefiada por d. Antonio Philippe, e ser o Rio Grande do Norte a séde notoria de tal ramo indígena. Ainda, combatem a comprehensão de "Pernambuco", tomado como a antiga capitania de Duarte Coelho, para lhe ampliar o ambito ás terras annexas.

Ambas, allegações com escasso fundamento, e que Pereira da Costa annullou, provando: 1.º que a tribo original enxameou do Rio Grande do Norte, pela Parahyba, até a Sul dos limites pernambucanos na zona do rio Capibaribe-mirim, hoje Goyana, e isto pelos fins do seculo XVI; 2.º que, na hypothese extrema de ser o termo usado após a restauração de Pernambuco, a quem se incorporaram ulteriormente Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, só depois de 1654 seria possivel a extensão significativa do vocabulo, e nunca ao tempo da vida de nosso heróe, defluída de 1601 a 1648.

Por todos esses motivos, e salvo mellhor juizo adhiro inteiramente aos pareceres concordantes de Pereira da Costa, Capistrano de Abreu, Studart, Oliveira Lima, Theotônio Freire e Alfredo de Carvalho, affirmando a existencia de dois Potyguaçús, e a naturalidade pernambucana do chefe famoso da guerra hollaudeza.

Petropolis, maio-1929.

OSORIO!

(CONFERENCIA PRONUNCIADA NO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO)

A 4 de Outubro de 1879, faz hoje precisamente meio seculo, morria no Rio de Janeiro um dos idolos das multidões nacionaes.

Em sua casa senhoril da rua do Riachuelo, numero 117, que a evolução dos bairros da Capital permittiu sobrasse na sordida miseria de lobrega casa de comodos, cessou a faina mortal de Manoel Luiz Osorio, Tenente-General do Exercito brasileiro, Grande do Imperio, Barão, Visconde e Marquez do Herval, Grã-Cruz de todas as Ordens, Senador e Ministro da Guerra.

E em torno de seus restos embalsamados, no Arsenal de Guerra, no Asylo dos Invalidos da Patria e na Cruz dos Militares, desfilava a população toda da velha Côrte, acabrunhada e saudosa, ao morto prestando respeitosa e compungida homenagem, egual somente ao delirio com que o heróe fôra recebido em 1877, quando, eleito e escolhido para o Senado, a 28 de Abril desembarcára no Rio.

Tão grande, tão avassallador seu prestigio sobre as massas, que titulos e honrarias mal se lhe adaptavam, a elle que a todas essas mesquinhezas sociaes se mostrava sobranceiro e superior...

SEU PRESTÍGIO NO EXERCÍTO

No exercito, quando apparecia na frente da batalha, possante cavalleiro de attitudes cquilibradas, elegante e agil a ponto de não deixar transparecer esforço nem energia, não se lembravam os titulos. "Ahi vem o General", diziam os soldados; "nosso Osorio", repetiam seus commandados de toda graduação, como si para elles não existisse outro chefe.

A nota dominante era de immensa admiração, illimitado affecto, dedicação sem rival, obediencia indiscutida. Nelle se reviam os mais celebres batalhadores, os campeões mais audazes. Bem sabiam que os mais sublimados se lhe sotopunham; a nenhum guerrilheiro, inferior.

Era um conductor de guerreiros, um chefe de tropas de choque, companheiro e modelo. Sua visão tactica no combate só encontrava parellia na decisão e na inaudita coragem com que commandava e ia á frente dos executores de suas ordens fulmineas.

Dentro em breve, se tornou personagem de lenda. Quando, em Avalu, mal ferido no rosto por balazio que lhe deformou o semblante e por todo o resto da vida o fez soffrer, a impressão da tropa, que tanto lhe queria, offercia um mixto de dôr e de surpresa: Osorio fôra ferido... elle, o invulneravel, que as balas respeitavam e que ignorava todos os perigos!... Então, era inexacto o dizer que, junto aos fogos de bivaque, as praças repetiam: ao voltar do entrevêro, cahiam-lhe das dôbras do poncho as balas que não haviam ousado molestal-o?!...

E, ainda ali, para não provocar o dorido desalento de seus batalhões, fez seu carro, vazio de passageiro mas escoltado de piquete e precedido de batedores, acompanhou

as phalanges que Floriano e Cunha Junior guiavam para o Triunpho.

Elle, entretanto, rosto banhado em sangue, ainda montado, tivera a energia de occultar o terrível golpe nas voltas do pala, e passando a galope na frente da peleja, animar a seus soldados, gritando-lhes "Carreguem, camaradas!... acabem com esse resto"!... E, estoicamente, foi tratar-se em sua barraca...

OSORIO E CAXIAS

Evidenciou-se o maior tactico da guerra do Paraguay, onde tantos houve de fulgente fama, assim como Caxias se revelou o grande estrategista da campanha.

Este symbolisava o elemento patricio do Exercito. Nelle se resumiam os dias difficeis da fundação do Imperio, e dos embates tragicos a beira da Unidade nacional. Era elle o soldado do Brasil uno e imperial. Sempre victorioso, concentrava em si o esforço indefesso e sem tréguas das gerações todas da Independencia, do Primeiro Reinado, das Regencias, e do cyclo de d. Pedro II. Heroico, como o demonstrou, notadamente em Itororó, generoso e vidente, amando a tropa, e della comprehendido e admirado, não lhe era tão intimamente ligado quanto o gaúcho de Conceição do Arroio, para com o qual o Exercito sentia affinidades mais fundas.

Ambos, idólos de seus soldados. Mas Osorio, plebeu e vindo da fileira, mais proximo estava da mentalidade e da psychologia da gente armada, essencialmente egualitária, democrata e *frondense*. Enquanto o Duque da Victoria se manifestava mais distante e condescendente, com um matiz de superioridade de origem e de formação technica, no Marquez do Herval povoavam á consciencia

e ao coração os mesmos sentimentos, anhelos e idéas, que inspiravam a vida e a alma das populações guerreiras do Brasil.

Tornou-se o remodelador e o chefe do partido liberal do Rio Grande do Sul; era mesmo ouvido, no Rio, pelos maiores desse agrupamento partidário. E, entretanto, não era um homem de Estado: as posições políticas, para as quaes não sentia pendor, e antes manifestava com insistencia antipathia e dissidio, vieram-lhe como consequencia da immensa popularidade e do entusiastico prestigio grangeados pelo soldado.

ALMA LIBERAL DE OSÓRIO

Além do que, a differença-o de Caxias, desde cedo revelou, como seus comprouvicianos, sympathias republicanas, a que não obedeceu por estar convicto de que era p̄rematura qualquer realisação nesse rumo, sem que perigasse a unidade conquistada e mantida pela monarchia. Nisso, ainda, bem traduziu Osório a experiencia de sua longa vida em contacto com os povos do Rio da Prata.

A seu grande coração, aberto a todas as dedicações e ao mais completo altruismo, repugnaria tambem dissentir e separar-se daquelles com que havia cooperado durante decennios, a bem do Imperio e da Unidade. E por isto resistiu a todos os appellos, que o queriam alliciar para chefe de uma cruzada contra as instituições de 1822.

Brasileiro acima de tudo, nos negocios provincias adoptaria as normas mais amplas e mais liberaes compatíveis com a solidariedade de todas as regiões de nossa terra. Quando chamado ao Senado e aos concelhos do partido ou ás fainas governativas, inspirou sua acção nos mesmos principios, e, nessas tarefas para elle tão novas, trouxe

o contingente de seus ideaes, de seu conhecimento dos homens, de sua convicção de que a pratica mais importava do que a abstracção theorica, de sua energia e de seu impolluto descaço por tudo quanto fosse alheio ao serviço publico, de seu desprendimento pelo interesse proprio, de sua illimitada devoção ao bem commun. Ao do Exército, em primeira linha.

Bem comprehensivel, similhante orientação.

Osorio compendiava em si a experiencia pratica, vivida, de toda a evolução militar do Brasil, desde a éra colonial.

GUERRA DA CISPLATINA

Assentára praça em 1823, contra a vontade propria, e por obediencia a seu pae, o Coronel Manoel Luiz da Silva Borges. A 1.º de Maio, alistou-se na cavallaria da Legião de S. Paulo, em Montevideo, faltando dez dias para completar seus quinze annos, e tendo obtido do General Lecór, Visconde da Laguna, a devida dispensa de idade, pois o limite era precisamente de quinze annos.

Desde então começou a *pelcar*. E logo se revelaram os dotes militares e as virtudes civicas e os meritos privados, que ostentaria durante toda sua existencia, quer nos campos de batalha, quer na vida civil.

Em Sarandy, a 12 de Outubro de 1825, recebeu o baptismo de fogo. Do esquadrão a que pertencia, só escaparam nove praças e o alferes Osorio. Aiuda achou meio, nessa retirada, de salvar as vidas do Coronel Bento Manoel Ribeiro e de seu irmão José, formando uma guerrilha para impedir que os perseguidores atacassem seu chefe, paralyzado pela queda do cavallo em que montava. Corre que, em agradecimento, Bento Manoel disséra após o combate: "Vem salvo o Alferes Osorio? Si ali vem,

hei de deixar-lhe a minha lança quando eu morrer, porque elle a levará onde eu a levo".

O official a quem tal elogio era endereçado, e partindo de tal chefe, pouco mais teria do que dezeseite annos!...

Assistiu á batalha do Passo do Rosario e ainda, no proseguimento da campanha, a pequenos recontros sem importancia maior, em todos patentecendo seu valor militar. De tal modo se houve, que até seus adversarios uruguayos começaram a lhe ter sympathia e respeito. Inicialram-se, desde essa hora, a popularidade e a admiração que, nas Republicas platinas, sempre sustentaram a Osorio, mesmo quando ali mais forte ia a propaganda contra o Imperio.

A FRONTEIRA

Fiuda a guerra, pelo tratado de 1828, teve o corpo de Osorio a cidade do Rio-Pardo por parada: sua missão era a policia militar da fronteira.

Esta funcção, mal comprehendida entre nós, tem o mais alto alcance historico, politico e profissional em todos os paizes. E' facto notorio, tanto hoje como em tempos remotos, e em todos os continentes, que em torno das regiões tidas por civilizadas se forma um como que debrum de desordens, uma orla de disturbios e de vida fóra da lei, para onde refluem e onde imperam todas as violencias e crimes, todos os elementos que se não sujeitam á disciplina e ao viver legal. Assim foi por toda parte e em todas as épochas.

Essa foi a historia de todas as civilizações: firmadas e estabelecidas nas zonas centraes pacificadas; em avanço e luctas na periphèria dessas, em busca de novos territorios a conquistar. Ao contrario de certos phenomenos

physicos o centro está calmo, enquanto as bordas se manifestam incandescentes.

Tal é o resumo da historia das expansões territoriaes, mesmo sem levar em conta o impulso avassallador das raças préadoras, a certo ponto a se confundir com a noção de verdades superiores, presunidos apanagios dos invasores.

Sem remontarmos ao grande laboratorio social que foram as migrações asiaticas e as da bacia do Mediterraneo, não teria sido este o escorço dos annaes da *Debatable Land* entre Físcossia e Inglaterra? da posse progressiva da Russia pelos vizinhos tanto de Éste como de Oeste? da occupação das Americas pelos Inglezes e pelos Iberos?

Em nossos dias mesmo, não será essa a narração ininterrupta da pacificação do proprio territorio nosso, nas zonas quasi desertas, ou pelo menos, abandonadas, de Matto-Grosso, do sertão do Rio-Doce, do S. Francisco em seu curso médio, de Goyaz e dos Estados Nordestinos?

O combate perpetuo não é sinão o progresso da ordem sobre a anarchia, da lei sobre as paixões primitivas desenfreadas. E' a civilisação em marcha.

Nelle se encontra o meio proprio para formar soldados, crear a noção de solidariedade e destemor, intensificar o amor á terra natal e ás garantias de tranquillidade que offerece.

OS FARRAPOS

A fronteira rio-grandense quasi começava no Rio-Paro. D'ali á linha discriminadora das soberanias, fixada em 1828, campeava immensa vastidão êrma de gente, povoada de gados mais ou menos alçados, na qual, á lei da natureza, pullulavam e se multiplicavam as manadas bovinas, as tropilhas de cavallos bravios. Vazia de povo

ou quasi, d. Fructuoso Rivera a pudéra occupar sem lucta em 1828. Retrocedendo elle para o Quarahym e o Arapchy, em seguida á paz desse anno, volvêra a interminada região de planos e de coxilhas a ser um mundo abandonado, á mercê das energias e dos arbitrios de quem quer possuísse coragem physica e armas para accometter ou defender-se. Reino exclusivo da força, da prepotencia e da ausencia de escrupulos.

Nesse mediterraneo e na repressão das incursões devastadoras, formaram-se innumerados e destenidos guerrilheiros, entre outros Osorio, já então tenente. A differença entre elle e seus companheiros ou imitadores, além de seus meritos intrinsecos, está em que, enquanto elles ficavam na guerrilha, Osorio se elevou até á noção de guerra.

Nos intervallos de suas expedições fronteiriças, filiou-se em Rio-Pardo ao partido liberal constitucionalista, cujos paradigmas eram o Senador Vergueiro e Evaristo da Veiga.

Mais do que comprehensivel, natural, portanto, é que ao rebentar a sedição liberal e autonomista de 1835, no Rio Grande do Sul, a ella se filiasse, de corpo e alma, tanto mais quanto Bento Manoel, seu antigo chefe, figurava entre seus adherentes.

Quando Araujo Ribeiro foi nomeado pelo Governo Imperial para presidir a Provincia e encontrou em Bento Manoel o apoio material de que precisava para se manter, Osorio, que já julgava finda a explosão liberal pela substituição das autoridades reaccionarias, ficou com seu antigo commandante ao lado da legalidade, e nunca mais a esta abandonou, nem mesmo quando aquelle fez defeccção, unindo-se por prazo curto aos revolucionarios, já então republicanos.

Soffreu perseguições das auctoridades ultra-legalistas, pois não sabia o que era odio partidario: sempre fôra generoso e justo, não poupando a culpados, de qualquer campo fossem estes.

Ao chegar ao Rio-Grande, em 1842, o grande soldado do Imperio que foi Caxias, já Osorio era Major e recebera a condecoração do Cruzeiro. Dentro em pouco, foi distinguido pelo Commandante-em-chefe, que o propoz para Tenente-Coronel; nessa occasião já havia obtido a cruz de Aviz. Foi quando, em 30 de Setembro de 1844, d. Fructuoso Rivera, sempre bífrente, alliado aos *farrapos* e fingindo-se amigo do Governo Imperial, escreveu ao Barão propondo-se a mediar entre os combatentes para assegurar a pacificação. Na mesma occasião em que se offerencia para tal serviço, havia fornecido 600 pôtros para a remonta dos rebeldes, e seu intuito era apenas e tão somente obter uma tregua, que reforçasse aos revolucionarios.

Ora, tal genero de cooperação não mereceria ser acatada pelo esculpulo Caxias; ao mesmo tempo, queria este pacificar a Provincia e proteger aos insurrectos. Não queria receber a d. Fructuoso, tendo, porém, que scientifical-o de que os rebeldes deviam recorrer directamente ao Governo Central. Para missão tão importante e espinhosa, escolheu a Osorio.

Seguiu este para a entrevista em meados de Outubro. Junto ao caudilho uruguayo, encontrou o Major Antonio Vicente da Fontoura, ministro da Republica do Piratinim, emissario desta que fôra saber da resposta do Barão.

Quiz o enviado legalista aproveitar este ensejo unico de desmascarar a hypocrisia e a duplicidade do improvisado mediador, e abrir os olhos aos rio-grandenses em lucta contra o Imperio.

A's mal disfarçadas investidas de Rivera contra Caxias, respondeu que este não podia acreditar na sinceridade das propostas de quem, a um tempo, fingia condemnar a revolta e a esta fornecia meios para a prolongar.

Emudeceu o astuto, mas vaidoso, pretendente eterno ao governo de Montevidéo, e sahiu para recobrar a perdida compostura. Durante sua ausencia, Osorio explicou a situação verdadeira a Fontoura, a attitude benevola dos imperiaes para com os republicanos; apontou para os desejos communs de se fazer a paz; acima de tudo, fello reflectir sobre a ameaça que já se delineava por parte de Buenos-Ayres e de d. Juan Manuel Ortiz de Rosas. Convenceu ao representante gaúcho.

A PAZ DE CAXIAS

Dentro em pouco, entabularam-se as negociações directas de paz no quartel general de Caxias, indo como emissarios da revolta vencida Fontoura e o padre Francisco das Chagas Martins d'Avila e Sousa. Paírando sobre todas as manifestações a favor do mutuo entendimento, o perigo que pesava sobre o Brasil havia reconciliado todos esses bons e leaes patriotas.

Não ficou, das luctas encerradas, nem resquicio de mal querer ou de desconfianças. Todos, juntos no mesmo ideal, caminharão rumo da defesa e do engrandecimento moral da Patria.

A amizade nascida entre os dois grandes cabos de guerra, tão differentes nas origens, quanto eguaes na sublimidade dos alvos e na nobreza de suas existencias, só se extinguiria com a morte, pesar das intrigas e dos incançaveis esforços estrenuos de quantos tentaram separal-os.

A gratidão da Província pacificada elegeu a Caxias para o Senado, e a Osorio para a Assembléa local.

Absorviam a este os trabalhos da fronteira e do regimento de cavallaria, o 2.º, de que era Tenente-Coronel. Regimento admiravel de luzimento, valor e patriotismo, para o qual o chefe era um idolo e modelo. Tropa de escól, entre todas. Como distincção suprema. coube-lhe escoltar Sua Magestade d. Pedro II, em sua visita ao Rio Grandé em 1845-46.

SENTINELLA DA PAZ

A' legislatura provincial não compareceu, tão prementes eram os cuidados de suas responsabilidades militares. Mas iam muito acima destas ultimas os prestímos do official. De sua habilidade em convencer aos revoltados, ficára a fama de finura e geito. Ora, por 1847, corriam boatos alarmantes sobre os intuitos dos povos platinos quanto ao Imperio, e era mistér desvendar a verdade.

Para commissão dessa ordem, demandavam-se tacto e coragem, pois se tratava de sondar a opinião inimiga no proprio territorio onde ella imperava. Mais uma vez, a escolha recahiu sobre Osorio.

Tão bem se desempenhou della, que, ao voltar e após a entrega de seu relato, recebeu novo encargo semelhante: seguir para a Republica do Uruguay e averiguar si verdadeiros eram os boatos (que attribuiam) ao General Antonio Netto o premeditar uma invasão no Rio-Grande para o separar do Brazil sob a forma republicana, a tudo precedendo o assassinio do General David Canabarro.

Poude prestar a séus camaradas suspeitados o serviço de desvendar as intrigas de seus gratuitos accusadores.

Após a crise política de 1848, convidado para deputado geral no anno seguinte, recusou, julgando-se incompetente, como dizia. Preocupavam-no, ademais, as agitações lindieiras. As perseguições dos *blancos* aos vizinhos rio-grandenses não cessavam.

Em 1819, o Cabildo de Montevidéo havia dado a brasileiros os excellentes campos de criação entre o Quarahim e o Arapehy, a título de pagamento dos gastos em que o Brasil incorrêra para pacificar a Cisplatina, com as tropas commandadas por Lecór, Barão e depois Visconde de Laguna.

INQUIETAÇÃO DA FRONTEIRA

Ao assumir Oribe a presidência uruguaya, começou a política expoliadora: reformou a lei sobre marcas de gado, afim de facilitar os prejuizos dos estancieiros rio-grandenses installados naquella zona; mandou que estes se recolhessem a pontos fortificados, ou emigrassem da Republica no prazo de oito dias, sob pena de degolla; não permittiu aos emigrados voltarem a buscar seus haveres. Quasi duzentas estancias foram por esta fórma abandonadas. Calculavam-se em \$14.000 rezes, cerca de 17.000 cavallos e 49 escravos, as perdas havidas. Não se contavam os prejuizos e as offensas pessoases, que iam até o assassinio.

O Governo Imperial protestava diplomaticamente e vivia sob a pressão das justas queixas rio-grandenses. Não ousava adiantar-se de mais, entretanto, solicitado que estava por tendencias oppostas: seu dever de garantia á Independencia da antiga Cisplatina; sua obrigação de proteger aos brasileiros; a ameaça, sempre pendente, oriunda de Buenos-Ayres e de Rozas.

Além disso, os rio-grandenses, desesperados com as perseguições, já começavam a mover-se, a tirar vinganças e cobrar suas perdas por suas próprias mãos, em incursões pelo Uruguay a dentro. De mais em mais se tornava insustentável a situação na fronteira. Esse era, aliás, o sentir geral da Província, a qual, mais tarde, com a missão do General Netto ao Rio, em 1864, chegou a ameaçar de secessão da região sulina o próprio Governo Imperial, caso continuasse a fugir a seu dever de proteger a vida e os haveres de seus compatriotas.

Sobre Osorio recaiu ainda a missão de manter a neutralidade do Brasil, tarefa tanto mais difícil quanto comprehendia e compartilhava a indignação de toda a Província contra o procedimento uruguayo.

Cumpriu ordens, entretanto, e impediu a coesão dos indignados estancieiros fronteiriços, ou, o que tanto valia, fez sossobrem as tentativas invasoras de retaliação. Pacificou a divisa deste modo, e, não obstante mais tarde, nas discussões prévias ao *ultimatum* de Saraiva, em 1864, tal serviço lhe era negado pela caudilhagem *blanca*, dominadora da nobre Republica confinante... De facto, comtudo, elle puzêra fim á *Califórnia do Chico Pedro*, assim chamada do nome do Barão de Jaculy, que a encabeçava.

Ia, porém, mudar o aspecto das cousas. Cada vez mais tensas, as relações com o Uruguay, e, portanto, com Buenos-Ayres que ali punha e dispunha, estavam prestes ao rompimento. Já, no Rio, se dêra o estremecimento diplomatico, sendo entregues ao plenipotenciario argentino, o General Tomás Guido, os passaportes que solicitára. Na villa de Uruguayana, gente de Corrientes e de Entre-Rios cruzára o rio lindeiro e invadira o povoado brasileiro aos gritos de "Morra o Brasil!... Viva Rozas!..."

Apesar das explicações pedidas a d. Manuel Oribe, e por elle negadas, pelo diplomata que representava o Imperio em Montevideo, ainda se protelou a declaração de guerra: não estavamos promptos para ella; para tal, impuntam-se preparos preliminares em terra e no mar.

PRODROMOS DA GUERRA DE ROZAS

Concentrou-se o nosso Exército ao longo da fronteira. Mas, por essa data, já se sentia o governador de Entre Rios, d. Justo José Urquiza, bastante poderoso para lutar contra Buenos-Ayres; tanto mais, quanto sabia poder contar com Corrientes, cujo chefe, d. Benjamin Virasoro, era hostil a Rozas, e com os *colorados* uruguayos.

D'ahi o tratado entre elles, a Republica Oriental e Entre-Rios celebrado a 29 de Maio de 1851.

O Brasil, naturalmente, fazia com todos elles causa commum. Para acertar todos os detalhes do plano conjuncto, recebeu Osorio a incumbencia de seguir para Entre-Rios, e agir de accordo com instrucções datadas de 15 de Junho. Partiu a 5 de Julho e levou quinze dias em sua missão.

Ao voltar, já tomou por si iniciativas referentes á campanha. De accôrdo com Caxias, tornou a procurar Urquiza, levando novos e mais minudentes detalhes. A 4 de Setembro de 1851, Caxias invadia o Uruguay.

Não relembramos aqui o que foi essa curta e gloriosa peleja, finda com a capitulação de Oribe, em Montevideo, a 11 de Outubro. Ia iniciar-se a segunda phase: a derrota de Rozas.

Rompeu a offensiva com o forçamento do Passo de Tonclero pela esquadra imperial, levando forças das tres armas: Osorio commandava a cavallaria expedicionaria. A

22 de Dezembro, então, pôde o Exército encetar a passagem do Paraná, ultimando-a em 8 de Janeiro de 1852.

A 3 de Fevereiro, em Monte-Caseros, aniquilava-se a força de Rozas e findava sua dictadura com sua fuga para a Inglaterra.

Osorio fôra o primeiro brasileiro a pisar em territorio inimigo, e, em Caseros, seu regimento, com seu chefe á frente, fôra o primeiro a carregar sobre as tropas federaes. Valeu-lhe o brilhante feito ser promovido a Coronel Commandante de seu querido 2.º; dias depois, era agraciado com a dignitaria do Cruzeiro e a Medallia de Distincção. Cada vez mais se estreitavam suas affectuosas relações com o então Conde de Caxias.

ATTRITOS COM O URUGUAY

O Uruguay, contudo, pouco após a campanha se convulsionou de novo; já em Agosto de 1853 estavam de sobre aviso o 2.º regimento e seu chefe para manterem a neutralidade na fronteira de Bagé. Continuou a agitação na Republica Oriental, e, em Maio do anno seguinte, a Divisão de Observação, a que pertencia Osorio e tinha por commandante o Brigadeiro Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, já cruzada a fronteira, se approximava de Montevideo e ali penetrou, pacificamente, a 3 do mesmo mez, a chamado das auctoridades uruguayas.

Por tal fórma se houve ali, que adquiriu prestigio superior ao do ministro José Maria do Amaral e do commandante da Divisão. Ambos começaram a hostilisa-lo, sendo que um ponto de censura era a fórma pela qual o Coronel desrespeitava a disciplina quanto ao porte do uniforme. Havia exaggero na accusação, embora nella existisse certo fundo de verdade; por nulla fosse a valia da

censura, convém não olvidal-a: mais tarde resurgiria entre os esforços tentados por certa camarilha, infensa a Osorio, para o separar de seu velho amigo Caxias.

Tantos foram os empenhos do diplomata e do Brigadeiro, que o Governo julgou prudente ceder, e removeu o official superior, culpado de ter renome e auréola. Mandou-o, sósinho, a commandar a fronteira de S. Borja, com a missão de observar Corrientes e o Paraguay.

Deu a este novo encargo o melhor desempenho, desde 1857, informando para o Rio a intensidade do labor paraguayo no fortalecimento de Humaytá, além de esclarecer as relações reciprocas entre essa Republica, a provincia de Corrientes e o Brasil.

Ainda dispondo de tempo, estudou varios problemas de alto interesse, como fossem o deslinde do problema da fronteira fluvial do Peperyguaassú Santo Antonio, o descobrimento dos desconhecidos heruaes nativos de que a fama corria na antiga comarca de S. Borja, a criação de escolas primarias, e outros.

Crescendo em prestigio, não o poupavam seus adversarios politicos. De todas as queixas e accusações triumphou, com o méro divulgar, simples e desapaixonado, da exposição documentada de seis actos. Reconheceu-o o Governo Central, graduando-o em Brigadeiro. Mais ainda, tanto repercutiu no animo de d. Pedro II o achado do herual entre os rios Cebollaty e Pindahy, que, querendo honrar a Osorio após os combates de Passo da Patria, se lembrou de virtudes do heróe, fóra do ambito militar, e lhe escolheu, para o baronato com grandeza então conferido, o titulo de Herval, que lhe rememorava as benemerencias do commando da fronteira de S. Borja.

De dia para dia, avultava o problema da vigilancia do linde, com as eternas agitações entre *blancos* e *colorados*, no Uruguay, e entre as facções argentinas e provinciaes,

desde a separação de Buenos-Ayres da Confederação. Na redistribuição da força militar de 1856, foi ordenada a ida para S. Borja do 2.º regimento, o regimento de Osorio, voltando ao *commando* de seu antigo chefe.

Cada vez mais impunha-se á admiração do paiz o nome de Osorio. Deram-lhe o *commando* da 1.ª brigada de cavallaria do Corpo de Exercito de Observação.

DISCIPLINA DE OSORIO

Angelo Muniz da Silva Ferraz, o futuro Barão de Uruguayana, presidia a Provincia do Rio-Grande do Sul, e era largamente combatido por elementos que Osorio-havia protegido. Com o intuito de fortalecer Ferraz, o Tenente-General Barão de Porto-Alegre fez escrever e circular entre officiaes uma *Declaração de apoio* ao Presidente. Osorio negou sua assignatura, dizendo, com evidente razão, que si um militar podia approvar feitos de seus superiores, tambem teria o direito de os censurar ou de se lhes oppôr; d'ahi viriam a indisciplína e a morte do Exercito.

Foi motivo bastante para esfriarem as relações com o Presidente da Provincia, durando algum tempo o desaccôrdo entre elles.

Uma das primeiras consequencias foi a retirada, não pedida, de Osorio do Rio-Grande, a pretexto de inspecionar a cavallaria do Norte. Rio e Pernambuco. Tão patente o partidarismo inspirador da medida, que, ao chegar-á Côrte em obediencia á ordem superior, do proprio Imperador ouviu louvor por não ter subscripto o protesto militar, e promessa de limitar a inspecção ao 1.º regimento, podendo logo voltar para o Sul. Além disso, obteve, sem a solicitar, a effectivação de seu posto de Brigadeiro.

Assim voltou a Jaguarão, com todas as provas publicas de merecido prestigio.

A 2 de Março de 1861, Caxias organisava o ministerio e entregava a Osorio a fronteira de Jaguarão; no animo do Marechal só pesava a consideração professional do valor do nomeado; conhecia-o, sabia de sua lealdade de soldado, e pouco se lhe dava fosse elle liberto ou conservador.

Avizinhavam-se dias de lucto. Em 1863, os *colorados* uruguayos, em desespero de causa, haviam-se insurgido contra o governo *blanco*. As perseguições contra os estancieiros rio-grandenses, estabelecidos nos dous lados da linha divisoria, ainda tinham recrudescido, a ponto de incumbirem ao General Antonio Netto, em 1864, de ir á Côrte solicitar providencias repressivas de tal escandalo, em nome de 40.000 brasileiros perseguidos pelos odios e vinganças dos adversários do Imperio naquella Republica.

O mais grave era que, nas dobras dessa missão, ia velada a ameaça de que as victimas, si se tivessem de vingar pelas proprias mãos, talvez renovassem a guerra civil dos *farrapos*.

GUERRA COM O URUGUAY

Taes factos impunham ao Governo enviar um emissorio ao Sul. Essa, a genesis da missão Saraiva a Montevideo. Nessas condições, melindrosissima era a tarefa que se desdobrava para o Corpo do Exercito de Observação. Do Chuy ao Quarahim era de guerra o ambiente, quer da tropa, quer das populações civis prestes a pegarem em armas.

Sabe-se a evolução das negociações, e como se viu Saraiva coagido a ordenar represalias brasileiras contra os desmandos *blancos*. Romperam as operações em 7 de Setembro de 1864, estando a esquadra imperial sob o commando de Tamandaré. A 12 de Outubro iniciava a invasão por Jaguarão o Brigadeiro José Luiz Menna Barreto; a 25 de Novembro, mobilisava-se, rumo do Uruguay, o Exército brasileiro, ao mando do Marechal João Propício. A' frente ia a 1.^a divisão, guiada por Osorio, que a 1.^o de Dezembro penetrava em territorio hostil pelas Ilhas de S. Luiz.

João Propício de Menna Barreto e Osorio não eram correligionarios nem amigos; havia, além disso, entre ambos, officiaes exaltados que procuravam exacerbar os dissídios. D'ahi, a celebre Ordem do Dia n.^o 17, após a victoria de Paysandú, documento no qual se insinuava que Osorio ficára, por escolha propria, á retaguarda das forças, quando, entretanto, ali permanecêra por ordem do Commandante-em-chefe.

Seguiram as tropas para Montevidéo. A 19 de Janeiro de 1865, Venancio Flôres e seus *colorados* eram reconhecidos belligerantes pelo Brasil. Pouco após, pela fronteira de Jaguarão, era o Rio-Grande invadido pela força *blanca* de d. Basilio Muñoz: menos de duas semanas depois, voltava apressada e atropeladamente para o Uruguay, tendo-se limitado a saqueios, roubos e offensas pessoais.

Em Montevidéo, o sitio não logrou exito, sendo então bloqueado seu porto pela esquadra. Nesse meio-tempo, adoeceu João Propício, e passou o commando a Osorio.

Iam transformar-se as circumstancias. Assumindo a Presidencia interina da Republica o Vice-Presidente do Senado, d. Tomás Villalba, a 15 de Fevereiro, logo ini-

ciou negociações de paz, e esta se assignou finalmente a 20 do mesmo mez, em Villa da União. O General Venancio Flôres, então, occupou a Presidencia, e logo se solveram amistosamente todas as questões pendentes com o Brasil.

GUERRA COM O PARAGUAY. PHASE INICIAL.

Abria-se agora perspectiva mais grave e sombria: o Paraguay movêra hostilidades contra nós. Não era esse o intuito inicial de Lopez, cujo alvo final seria alargar seus dominios proprios, annexando Corrientes, Entre-Rios, Uruguay, de modo a constituir um Estado Atlantico, do qual se faria corôar imperador. Mas os acontecimentos fizeram derivar a méta, e, a pretexto de invasão do Uruguay, declarar a guerra ao Imperio.

A principio, contava o Dictador com os *blancos* uruguayanos e connivências certas em Corrientes e Entre-Rios, talvez com o auxilio de d. Justo José de Urquiza.

Desde logo, foi victima dos imprevistos que surgem sempre, mesmo nos mais cuidadosamente elaborados planos, politicos ou militares.

Perdêra o Uruguay, com o triumpho dos *colorados* de Flôres. Querendo invadir o Rio-Grande do Sul para bater as forças imperiaes, solicitou da Argentina licença para que o Exercito paraguayo atravessasse Corrientes. Mitre, Presidente da Republica, além de amigo de Flôres, nenhuma confiança tinha em Lopez. Quando mesmo não alimentasse no Imperio e seus pro-homens a fé que sempre nelles manifestou, seu dever de neutro impunha a recusa. Quanto mais, iniciando se a campanha de Corrientes, acto claro de guerra, logo que o Dictador verificou que lhe havia sido negada a permissão, em 9 de Fevereiro de 1865.

O proprio Lopez, portanto, atirava a Argentina nos braços da Duplice Alliança, Brasil-Uruguay. Deste modo, Urquiza nada podia valer-lhe, sem passar por traidor. Assim se tornou fatal assignar-se o Tratado de 1.º de Maio de 1865, constituindo a Triplice Alliança, que levou a guerra ao Paraguay.

Ao régulo desse paiz, restava apenas sua superioridade inicial de forças. Ahi, mesmo, veio favorecer aos Allia-dos a estrategia infeliz do adversario commum. Desperdiçou energias e consumiu tropas em expedições mal orientadas e mal commandadas.

Matto-Grosso invadido, não passava de objectivo geographico. O fraccionamento das columnas invasoras, de Corrientes até Uruguayana, facilitou aniquilal-as em detalle. Affirmam, com fundamento, que ao se recolher, batido, á fronteira paraguaya, estava praticamente destruido o primeiro Exercito dictatorial.

Ao contrario, o commando interior de Ogorio, dentro em breve tornado effectivo, restabeleceu disciplina, ordem e efficiencia nas forças da campanha do Uruguay. Suas conferencias, em Buenos-Ayres, com Tamandaré, Flôres, Mitre e nosso ministro Francisco Octaviano, fixaram o plano das operações. Humaytá teria de ser vencida, sendo o rio Paraná o caminho de acesso do ataque; para desviar a attenção do inimigo, se simulariam reconhecimentos e marchas de tropas para Este, como si a travessia do caudal se fosse fazer na região de Candelaria ou Itapúa, e tambem para Oeste, em S. Cosme; Concordia figuraria como ponto de concentração das forças e inicio das operações conjunctas.

Vital, portanto, era o dominio do rio Paraná. A' esquadra caberia mantel-o. Esse foi, pois, o facto capital da phase primeira: o combate de Riachuelo, a 11 de Junho de 1865, em que Barroso bateu o Commandante Meza e

destruiu a força naval paraguaya. Completou-se a limpeza do rio, quanto á presença de obstaculos militares, nas passagens de Mercedes e de Cuevas em 18 de Junho e 12 de Agosto do mesmo anno. Já podia, desde então, desenvolver-se o plano de invadir o territorio inimigo.

Yatay, á margem direita do rio Uruguay, onde a columna Duarte foi aniquilada pela vanguarda aliada dirigida por Flôres, e o dominio do caudal pela esquadilha improvisada pelo alferes Floriano Peixoto, e mais tarde pelos navios do Commandante Barbosa de Lomba, haviam sellado o destino da columna Estigarribia, que se havia destacado das forças invasoras, e penetrára no Rio-Grande por S. Borja, e, finalmente, se achava encurralada em Uruguayana pela cavallaria do General David Canabarro. A capitulação desses cinco mil e tantos paraguayos, a 18 de Setembro de 1865, aos Exercitos unidos dos tres Alliados, em presença do Imperador, de Mitre e de Flôres, libertou a offensiva conjuncta, nem só pelo enfraquecimento do adversario, como reforçando os elementos que iam rechassar da Argentina os corpos do Dictador que a talavam.

Assim começou o recalque, para a Republica interior, das expedições que havia lançado contra os elementos da Triplice Alliança. Assim, tambem, desanimaram, de vez, as machinações *blancas* do Uruguay, e dos partidarios subrepticios de Lopez, em Corrientes e Entre-Rios. Estes ultimos tinham provocado a insurreição das tropas *entrianas* reunidas em Basualdo, inutilizando a collaboração de Urquiza, cujo papel de vanguardeiro se não pode realisar.

Sobre esse caudilho, corriam noticias, possivelmente justificadas, de ter com o Paraguay entendimentos esquivos. A Osorio, em grande parte, se deve o mallogro de taes conluios.

Era elle amigo do governador de Entre-Rios, e cria em seus brios e pundonor; já nas reuniões de Buenos-Ayres, para elles havia appellado com o fito de forçar d. Justo a se definir em favor da Alliança e commandar as tropas avançadas. Após o desbandar de Basualdo, conhecendo o fraco de Urquiza pelo ouro, e veudo que se não podia confiar nos elementos locais, tanto que, em Toledo, se déra segunda sublevação, resolveu paralyzar possiveis adversarios, privando-os de seu principal factor de valia, a mobilidade de sua cavallaria. Comprou então de Urquiza 30.000 cavallos para a remonta de tropa brasileira, onde os animaes eram por demais escassos. Ficava, Entre-Rios, deste modo, inteiramente, desarmada em favor da plena efficiencia das forças montadas do Imperio.

Já agora, era Osorio Marechal de campo.

INVASÃO DO PARAGUAY

Sem grandes empecilhos, foram as forças levadas até a fronteira paraguaya, a Sul do rio Paraná. Em fins de 1865, defrontavam-se, ao longo da corrente, os dous grupos em lucta, na região fortificada que Humaytá commandava, e que, por dous annos, deteria o avanço dos Exercitos e da Esquadra, desde Passo da Patria até o envolvimento progressivo e o assalto victorioso da fortaleza, em Agosto de 1868. Admiravel obra de engenharia militar, na qual, a pedido do Paraguay, haviam collaborado officiaes brasileiros.

Não cabe aqui detalhar as operações da campanha. Já o fez, além de outros, o fallecido Coronel Octaviano Pereira de Sousa, no trabalho publicado no volume 156 da *Revista do Instituto Historico*; dentro em breve, com maior precisão e technica, virá exposto em livro do General

Tasso Fragoso, enfeixando e desenvolvendo suas bellas conferencias da Escola do Estado-Maior, pronunciadas nestes dous ultimos annos.

Talvez, entretanto, não seja inoportuno rever aqui um juizo corrente sobre Osorio, juizo que o descreve como tactico admiravel, mas fraco estrategista. Neste ponto, certo, Caxias lhe foi superior, sendo mesmo o maior nome a citar na historia militar de nosso continente, na difficil sciencia e arte de levar as tropas á batalha victoriosa. Seria injusto, porém, negar a Osorio o sentido da manobra. Mais acertado, fôra apontal-o como exímio manobreiro tactico, e disso superabundam as provas.

Visão do combate, de seu constante equilibrio instavel, de seus pontos fracos e dos meios de accorrer ás deficiencias; noção das ordens a dar, dos desbordamentos a realisar, dos exemplos a infundir; percepção instantanea das providencias precisas para restabelecer com energia situações comprometidas; todos esses difficeis predicados do guerreiro innato, elle os possuia em gráo brilhante.

A manobra do Passo da Patria é uma prova. O inimigo ignorava como decidir si o ponto de passagem escolhido no Paraná seria Itapúa, ou Itati, ou mesmo Itapirú, fortemente batido pela artilharia de Villagran Cabrita, collocada na ilha que lhe tomou o nome. Finalmente foi sorprendido pelo movimento desbordante da Ponta da Confluencia, no qual Osorio, seguido de seus ajudantes de ordem e de seu piquete, 12 cavallarianos ao todo, desceu o primeiro no territorio hostile, em 16 de Abril de 1866; só depois foi reforçado pela infantaria do 2.º de Voluntarios commandado pelo Major Decodoro da Fonseca. A 18 de Abril, o forte de Itapirú, já em ruinas, foi evacuado pelo inimigo, e ahi se estabeleceu Mitre, em seu quartel-general.

Por taes feitos, de que Osorio fôra o heróe, recebeu o baronato com grandeza, com o titulo de Herval.

Na surpresa de 2 de Maio, em Tuyuty, foi a chegada do Marechal que pôz em fuga os atacantes. A 24 do mesmo mez, na grande batalha do mesmo nome, na qual o adversario teve 13.000 baixas e os Alliados cerca de 3.000, Osorio foi ainda o salvador da situação. Recebeu a Grã-Cruz de Christo, como reconhecimento de seu denodo.

Começou então a gravè crise dos Alliados, pela falta de unidade de vistas no commando, e a exiguidade dos meios de se mobilisarem. Osorio, desgostoso e doente, teve de se recolher ao Rio-Grande: foi substituido por Polydoro.

No theatro das operações, após o ataque feliz a Curuzú, em 3 de Setembro de 1866, sobreveiu, a 22 do mesmo mez, o desastre da repulsa da investida contra Curupaity, realisado contra o parecer do commando brasileiro, e que mallogrou por insufficiente preparo de artilharia.

Tal acontecimento tornou difficéis as relações entre Mitre e Flôres, e tambem, parece, entre o Presidente argentino e os generaes do Imperio.

No Rio-de-Janeiro, causou sensação nunca egualada, e motivou a 10 de Outubro a nomeação do Marquez de Caxias para o commando do Exercito brasileiro. A 18 do mesmo mez, Osorio era nomeado Commandante-das-armas do Rio Grande, e, a 20, Commandante do 3.º Exercito, que elle teria de levantar nessa Provincia. O Barão ainda estava doente, mas acudiu ao appello de Caxias, que o chamava, e que, desde 18 de Dezembro, assumira a direcção das operações em Tuyuty.

Mão grado difficuldades e obices creados por elementos officiaes em Porto-Alegre, empechhos estes que só foram levantados quando o dr. Homem de Mello, o

futuro Barão do mesmo nome, assumiu a Presidência da Província, em Janeiro de 1867; máo grado todo esse accrescimento de complicações a aplainar, Osorio, a 25 de Março, acabava de cruzar o rio Uruguay, á frente de cerca de 4.300 homens, e a 17 de Julho, com o effectivo de 5.500, approximadamente, desembarcou em Itapirú e se incorporou ao Exercito de que foi fazer a vanguarda.

Começou então uma série de operações estratégicas, ordenadas pelo Marquez. A marcha de flanco de Tuyuty a Tuyu-Cuê, uma dellas, iniciava a série de movimentos envolventes do polygono fortificado de Humaytá. No fim do anno, o plano estava realisado: em Julho e Agosto de 1867, Espinillo estava tornado; em Setembro, venceu-se em S. Solano; em Outubro, cahiram Paré-Cuê e Potrero-Obella; em Novembro, Tayi, Nhembucú e Villa do Pilar; enquanto a Oeste, a Esquadra bloqueava a costa do rio Paraguay, apesar das tentativas de abordagem soffridas por parte de chatas armadas dos adversarios.

Approximava-se a quéda de Humaytá. Não ficavam inactivos os seus defensores, entretanto: em Novembro, comboios brasileiros eram atacados no Estero-Rojas ou Umbú, e sahiram victoriosos da refrega; a 3 desse mez, Lopez novamente atacou Tuyuty, sendo ainda nosso o triumpho, graças ao valor do Visconde de Porto-Alegre, que por esse feito foi elevado a Conde do mesmo titulo.

Pela segunda vez, Mitre, retirando-se para Buenos-Ayres, entregou a Caxias o commando-em-chefe dos Aliados, a partir de 1.º de Janeiro de 1868. Intensificaram-se os movimentos. A 19 de Fevereiro, Humaytá foi transposta pela Esquadra mandada por Delfim Carlos de Carvalho, feito por isso Barão da Passagem. Estabelecimiento e Laureles são tomados.

Apertava-se o cerco da fortaleza. O Chaco estava sendo militarmente occupado por nós. O rio, já desim-

pedido, permitiria aos vasos de guerra, subir até Assumpção. Curupaity fôra desoccupado pelos paraguayos, e nossas tropas ali se achavam desde 22 de Março. Finalmente, de 25 de Julho a 5 de Agosto, Humaytá foi progressiva e definitivamente conquistada, e passou a constituir a nova base de operações do vencedor. Em todos esses successos Osorio havia collaborado.

Lopez havia fugido, e estava se fortificando em S. Fernando e Villeta. Por ordem de Caxias, o Corpo Expedicionario do Chaco ia abrindo picada, cujo alvo era permittir a marcha estratégica contornando Villeta e indo desembocar à margem direita do caudal, em frente a S. Antonio. Alera disso, cumpria attender em que as posições paraguayas podiam ainda ameaçar o nosso Exercito, na situação delicada em que se achava, empenhado na marcha flanqueadora do Chaco e na base de Humaytá, guarnecida com effectivos diminutos. D'ahi, os esforços applicados com exito na expedição do Tebicuary. Mas Lopez preferiu recuar, e organizar a forte posição defensiva de Pekiciry. A investida alliada, portanto, devia ser envolvente pelo Chaco, S. Antonio e Itororó.

Assim se fez. Na ponte de Itororó, a 6 de Dezembro de 1868, a victoria foi conquistada pelo denodo pessoal do immortal Caxias, que, aos 65 annos de idade, se pôz à frente da tropa e atravessou o riacho onde já deus generaes haviam tombado. Não parou a offensiva. Pekiciry tinha de ser torneado pela retaguarda, para rematar a conquista do reducto de Lomas Valentinas: o caminho para o triumpho passava por Avahy. A 11 de Dezembro, eram batidas nesse ponto as forças inimigas, e ali foi Osorio gravemente ferido, o que o levou a voltar para o Rio-Grande, afim de se tratar. Villeta caiu logo em seguida. A 19 do mesmo mez, iniciaram-se os movimentos contra

Lomas. Duraram os combates até 27, quando se venceram as últimas resistências.

Não parou Caxias. Embarcou contingentes a bordo da Esquadra, e a 1.º de Janeiro de 1869, sobre Assumpção tremulava a bandeira nacional.

CAMPANHA DA CORDILHEIRA

Lopez tudo havia abandonado, e ia prolongar a resistência no interior do Paraguay. O Marquez, seriamente doente, pediu demissão do commando, para o qual foi nomeado o Conde d'Eu, em 22 de Março de 1869. Em 16 de Abril, assumia o commando.

Ao seguir para a guerra, logo invocou o auxilio de Osorio, que, com a ferida do rosto ainda aberta e sua perna doente ainda em chagas, não hesitou em voltar ao Paraguay: já em Pirajú, a 6 de Junho tomava conta do 1.º Corpo do Exercito.

Esteve presente ás operações, embora quebrantado por suas feridas, e ainda em Peribebuy, a 12 de Agosto, deu mostras de seu excepcional valor. Mas eram por demais cruciantes seus soffrimentos. Não podia montar a cavallo. Inda assim, attendendo a um appello do Principe, voltou de Assumpção onde fóra tratar-se. Assistiu ás manobras que provocaram a tomada de Caraguaty.

Nisso, falleceu em Pelotas, a 4 de Novembro, a Viscondessa de Herval. No theatro da lucta, não o soube logo o Tenente-General seu esposo: ia tão combatido em suas energias vitaes, que a 22 reiterou o pedido já feito a 10 de Novembro, para se retirar para o Rio-Grande. Com a maior magua, e só premido pela evidencia do alquebramento do grande guerreiro, assentiu o Conde d'Eu em lhe conceder, reluctantemente, a indispensavel

licença. Já de volta em Montevidéo, em 14 de Dezembro, soube do terrível golpe que lhe havia arrebatado a amantíssima e digna companheira de toda a sua existencia.

O Imperador, que lhe queria muito, mandou do Rio o Conselheiro Pertence, grande operador, para cuidar da saúde do heróe. Por decreto de Janeiro de 1870, era este elevado ao marquezado do Herval.

ACTIVIDADE POLITICA DE OSORIO

Logo, comtudo, o empolgaram as fainas politicas. Era elle, na Provincia, o chefe do partido liberal, e este não lhe dava treguas, nem por um momento.

Todas as distincções imaginaveis se tributavam ao grande soldado. Com a morte do Dictador em Cerro-Corá, findára a 1.º de Março a luctuosa guerra do Paraguay.

A grande fraternidade dos campos de batalha ia se dissolvendo nas brumas do passado. De pé, ficavam as divergencias partidarias, as rivalidades de corrilhos e de grupos, as feridas de amor proprio e as mesquinhas que-relas de estados-maiores.

Um dos pretextos inventados referia-se ao descaso de Osorio pelas Ordenanças e regulamentos relativos ao porte do uniforme. Era tradição velha do Exercito o rigor na observancia de taes preceitos; delle se originou a rigidez hieratica caracteristica dos celebres *gravatas de couro*.

Não é preciso ser muito velho, para recordar uma das venerandas figuras do tempo, imbuidas de tal doutrina, o Marquez da Gavea. A essa corrente pertencia tambem seu amigo e parente Caxias. Osorio, ao contrario, mostrava-se muito mais latitudinario na obediencia prestada a semelhante religião de formalismo.

Para ter-se uma idéa do contraste, basta ir ao salão de honra do Quartel General da Praça da Republica. Ali defrontam-se duas télas, documentos materiaes da divergencia, apesar dos convencionalismos picturaes: Caixias, na batalha, modelo de rigor e respeito á farda regulamentar; Osorio, a pé, de lança na mão, junto a seu cavallo de guerra, de poncho, fóra de uniforme, portanto.

Tão longe iam taes intrigas partidarias e nugas da vida intima dos officiaes, que, de Osorio, rival em destemor de Bayard e de Michel Ney, *le brave des braves*, ousavam boquejar, a medo, que nos combates usava o poncho para passar despercebido e se tornar menos exposto ao fogo.

Tal vileza se murmurava de quem, á ponta de lança e nas cargas, se havia constituido, por sua bravura fantastica, o idolo de todos os commandados, estrangeiros e brasileiros. E, entre estes, se contavam, innumerados, os representantes das velhas dynastias militares que, desde a Independencia, eram a honra e a gloria do Brasil, os Camaras, os Mennas, os Fonsecaas, os Ribeiros, e tantos e tantos outros!...

Si não fóra a probidade historica tal punhado de lodo se não deveria erguer do paúl da inveja e da miseria humana onde se escondia!...

Assim como acontecêra com as distincções, as condecorações, os titulos e postos, taes salpicos não ficaram na historia e na lenda. A tudo isso, superava a figura nobre, serena e immaculada do Grande Soldado.

Naturalmente, um dia terá a historia de ajuizar taes calumnias, para lhes remontar ás origens e fulminar seus impatrioticos auctores!

No proprio Senado, a intriga soez e partidaria não quiz lançar contra elle o austero e purissimo Duque de Caxias? Não se viu este, modelo em tudo, forçado a quasi desculpar-se do proprio heroismo em Itororó?

A MORTE

Felizmente, o tempo acalmou paixões e rivalidades, e permite unir no mesmo prèito de veneração, respeito e immorredouro reconhecimento os dous grandes vultos de Caxias e de Osorio, tão grandes ambos, e por motivos analogos, que continuam, mortos, a ser o paradigma de todos os verdadeiros soldados *sans peur et sans reproche*.

Nove annos, apenas, sobreviveu á guerra o Marquez do Herval. Continuou a servir o paiz, não mais nos entrevêros, sim na paz, olhos sempre voltados para o Exercito e a Patria. Foi Senador. Foi Ministro. Foi chefe do partido. Todas essas fainas, por mais dignamente que as exercesse, estavam aquem da epopeia de que fôra protagonista durante cincoenta e seis annos, voando, centauro indomavel, nos campos da morte, na gloria da sua assombrosa coragem, de armas em punho, no fumo do tiroteio e entre os estilhaços das bombas.

Tornou-se um dos nomes da nacionalidade, a quem servira desde os albores da Independencia.

Ainda hoje nos inspira, e nos aponta o duro e austero e inexcedivel caminho do Sacrificio sem limites, e do Dever sem macula do interesse.

Outubro de 1929.

RIO BRANCO E A POLITICA EXTERIOR

Nenhum dos homens de Estado brasileiros possuiu no ambiente nacional, por prazo tão largo, influxo dominador, sereno e indiscutido, que se houvesse aproximado do que exerceu o segundo Rio Branco.

Certo, antes d'elle, haviam culminado no conceito publico numerosos patricios nossos, alguns dos quaes dignos do mais alto destaque no scenario das mais cultas e exigentes nações.

Os homens da Independencia, os da Regencia, Honorio Hermeto, Eusebio, Uruguay, o Visconde do Rio Branco, Caxias, Cotegipe, Saraiva, Affonso Celso — para só falar nos que se foram — baviam experimentado a sorte varia da fortuna politica, e, por longos serviços prestados, merecido a estima, a veneração, o reconhecimento da Patria.

Era, entretanto, um sentimento menos intimo; una gratidão menos espontanea e mais meditada; phenomeno psychico mais cerebral do que profundamente affectivo. E de duração menos prolongada, apesar da permanencia das altas situações officiaes a que tinham chegado esses brasileiros illustres.

Eram vultos que se tinham formado e distinguido em porfiadas luctas. Em torno dellas, nas batalhas parlamentares, nas refregas eleitoraes, nas consultas á vontade do paiz, um estado-maior se havia congregado, uma familia partidaria, no sentido latino da velha palavra, uma clientela que exalçava seu chefe. Constituíam a "gente" desse ou daquelle prócer, lembrando a *gens romana*.

Ennastravam de louros as grandes individualidades que serviam, entoando lóas ás suas virtudes e a seus meritos. E a Historia lhes consagrou a justiça da acção.

Nada semelhante, porem, é o caso do Barão do Rio Branco. Não lhe faltara, é certo, nos primeiros annos de sua vida publica, esse contacto com o elemento popular, nem o exemplo, ou o conselho, dos responsaveis pelas mais graves deliberações de nossa existencia nacional. Antes estivera nas melhores condições para ir exercitando suas excepçoes qualidades de observador e de homem de acção.

Frequentavam a casa paterna os primeiros entre os brasileiros da época. Alli reinava atmosphera da mais alta intellectualidade. A presença da futura Viscondessa do Rio Branco não permittia descambarem discussões e divergencias para a violenciã do vozerio de praça publica. Nesses salões, que não eram excepçoes durante o Segundo Reinado, aprendiam-se a cortezia, o respeito ás opiniões alheias; as maneiras de apurado tom, que o Barão conservou até o ultimo momento, nelle constitulam segunda natureza e tanto prendiam a quem com elle tratava.

Superioridade elementar em meios outros que o nosso, meios nos quaes se exige a polidez como condição essencial do convivio.

Da Republica, em França, se pôde dizer que *elle a tué les salons*, e assim extinguiu um dos mais poderosos factores da cultura nesse grande paiz.

No Brasil a observação forasteira tem sua contra-prova.

Regimen em que pompeiam os *parvenus*, paraíso dos "arrivistas", o paradoxo igualitario não tolera preeminencias. Toda superioridade deve começar por se fazer

perdoar. E por não comprehenderem, ou não poderem attingir o grau de elevação traduzido no apuro dos costumes, preferem negar-lhe a valia.

Concepção simplista e democraticamente niveladora... para baixo.

Em debate cortez, estudavam-se e solviam-se os problemas mais altos da politica brasileira, nas conferencias, em que tamanho destaque tinha a figura imponente do Conselheiro Paranhos. Boa escola para quem quizesse penetrar no sentido intimo do que seja servir a Patria, sacrificar tudo ao interesse colectivo, collocar o Brasil acima de quaesquer controversias subalternas, agir só para attender ás necessidades presentes, mas, ainda mais, em vista do futuro que á nossa terra descortinava o grande espirito desses homens de escól.

Dessas licções se lembraria mais tarde o attento e filial discipulo.

Já velho, occupando no governo posição sem par, dirigindo a politica internacional do Brasil, inspirando, por vezes, a do Continente, havia de comprometter a propria fortuna, e com sua fazenda custearia serviços publicos, insufficientemente dotados, para que não soffresse o interesse nacional.

Predisposição hereditaria; ambiente, moral e intellectual, em que se desenvolvia a licção de patriotismo e de sciencia de governo — o ponto de vista do estadista, em summa — iam permittir amadurecessem e se disciplinassem as qualidades innatas do futuro Chancellor.

Chamado a collaborar na obra de Paranhos, a Missão do Prata, a Camara dos Deputados iam por á prova o valor do jovem diplomata e do homem publico.

Problemas, qual mais grave, amontoavam-se ante o Chefe da Missão de 1869-71, e, depois, ante o Presidente do Conselho do Gabinete 7 de Março.

A complicadissima situação no Rio da Prata, consecutiva á guerra da Triplice Alliança, alvo de apaixonados debates nas Camaras brasileiras, a entorpecerem a acção prudente e energica do negociador. As immensas difficuldades internacionaes decorrentes do conflicto com o Paraguay. A liquidação do passivo da lucta. As crises soffridas na economia nacional. A abolição gradativa do captiveiro pela libertação do ventre. A controversia pelo predominio, em regimen unitario, entre a Igreja e o Estado.

Periodo notavel de nossa Historia, no qual os maiores talentos, as mais brilhantes individualidades pelezaram na arena. Eclusão intellectual, que daria novo impulso á corrente liberal e fundaria o gremio republicano, ao qual o futuro reservava a victoria.

Na Assembléa Legislativa, na imprensa, nas conferencias politicas, nenhum auxiliar mais intelligente, perspicaz e estrenuo teve o Visconde do Rio Branco do que seu filho. Alargavam-se para este os horizontes partidarios, alcançando já a visão superior dos factos, acima dos partidos, quando entrou, definitivamente, para a carreira consular.

E' geralmente exacto o aphorisma de que, si o character se forma na multidão, a solidão apura a intelligencia.

Experimentou-lhe a verdade o novo Consul em Liverpool.

No torvelinho das occupações politicas, não lhe sobraria, no Rio, tempo para adquirir, assimilar, consolidar e infundir vida ao farto manancial de informações, novas ou renovadas, que trouxe á luz do dia, nesses formidaveis repositorios de sciencia historica, geographica, politica, economica, em que se baseou a defesa nossa nas discussões de Washington e de Berna; além dos subsidios

ministrados a outros investigadores, sempre com o mesmo fito — a divulgação do que é, do que pôde ser o Brasil —, *ubique patriae memor*.

Nos meios estrangeiros, augmentou seu cabedal de conhecimentos, aprimorou sua visão, julgou os factos com serenidade maior, adoptou por metro valores novos. Em seu espirito, retrocedeu o partido; cresceu o Brasil.

Quando, indicado naturalmente pela notoriedade de seu saber especial das questões lindieiras, succedeu a Aguiar de Andrade para defender nosso direito ás Missões juncto ao Presidente Cleveland, e, mais tarde, vencedor em 1895, teve de arcar com a nova responsabilidade de luctar contra a França pela conservação da Guyana Brasileira, no espirito publico estava quasi obliterada a lembrança da primeira phase da vida do Barão do Rio Branco.

Permanecia em pleno fulgor a corôa immarcescível dos dous grandes triumphos junto aos Arbitros das seculares controversias de fronteiras.

* * *

Seis lustros, quasi, durou sua ausencia, com raras e rapidas voltas ao Brasil.

Chamado a gerir a pasta do Exterior, desse conjuncto de antecedentes resultava para o novo Ministro uma situação difficil, quer quanto ao aspecto da faina diplomatica, tão diversa do que havia sido durante o regimen imperial, quer quanto á sua propria personalidade, em suas linhas essenciaes, no trato com a opinião, com seus subordinados e com o elemento intellectual do paiz.

Em paginas de grande e pungente belleza, poetas têm caracterisado o tormento daquelles que, por ascenderem

a esferas defesas ao commum dos homens, perdem o direito de sentir, de viver, de repousar como os demais; isolados em sua grandeza, em meio da turba que os cerca.

Victorias e triumphos ha que envolvem e suppliciam dest'arte a seus heróes, obrigando-os a ter o extraordinario, o supra-humano como norma corrente da existencia.

Ao vencedor dos dous laudos arbitraes, não permitiria o publico brasileiro ter instantes de desfalecimento, phases de fraqueza humana. Em uma época de epopéas em edição minúscula, mal se comprehenderia que o grande conquistador da acquiescencia do proprio adversario á conservação do nosso territorio, outr'ora contestado a Sul e a Norte; mal se comprehenderia vivesse a vida mediocre dos funcionarios simplesmente assiduos, correctos no desempenho de deveres profissionaes, intelligentes e atilados, mesmo, no destrinçar casos mais complicados. Uma aureola circumdava o triumphador. Como occultá-la, e fazer aceitar ao publico, critico impiedoso, a penumbra do viver quotidiano?

A simplicidade de costumes, a modestia invencivel, os habitos de trabalho, o retiro no gabinete escondido em um recanto das matas de Petropolis, e, principalmente, o fluido cordial que emanava do eminente brasileiro e lhe grangeava, em todos os niveis sociais, dedicações e sympathias, salvaram-no dessa difficuldade.

Chegava Rio Branco á Capital da Republica como em uma cidade extranha.

Dos amigos de mocidade, dos companheiros de luctas, dos guias de sua actividade, ficara separado pelo luctuoso perpassar do tempo. Não decorrem trinta annos, senti povoar de tumulos a existencia e o coração dos sobreviventes. Os que haviam confraternisado nas campanhas do Ministerio de 7 de Março, tinham desaparecido

quasi todos. A mudança de regímen político alheara dos factos contemporaneos as grandes figuras dominadoras dos embates partidarios do Imperio.

Era esta situação uma força e uma dôr.

Dôr, do vacuo feito pela morte em torno de si. Ermo desolado e aspero dos cimos inatingidos. Impossibilidade de restabelecer, com amigos seguros, o affectuoso, intimo commercio de épochas idas.

Força, de dominar sem contraste, de ser chefe, de não ter em derredor sinão auxiliares, collaboradores á sua feição, executores intelligentes de um pensamento superior, e não outros dirigentes, depositarios de poder, ou de influxo igual ao seu. Sim, força. Mas responsabilidade accrescida, tambem. Della nunca desertam os fortes.

Na Secretaria de Estado se encontravam serios obstaculos a uma boa gestão dos negocios.

Herdeira e continuadora fiel das grandes tradições diplomaticas da Monarchia, não lhe havia a Republica liberalisado meios de agir.

Pessoal insufficiente, inferior em numero ao que fôra cincoenta annos atrás, obrigado a multiplicar esforços para não deixar periclitar interesses nacionaes elevadissimos, ante o crescimento normal das relações com os outros povos. Mas o desempenho quantitativo da tarefa soffreria fatalmente na qualidade e na minucia da obra effectuada. Confusão de misteres, aos demais. *Deficit* qualitativo, portanto, pois a resistencia humana tem limites.

Arquivo e bibliotheca conservados com cuidado, não tinham, entretanto, o desenvolvimento preciso. Mais exactamente, viviam em estado de hibernação, de vida latente, em vez de serem fonte perenne de esforços collaboradores na faina immensa que se desdobraria, e mais avultará

para o futuro, ante o Ministerio das Relações Exteriores. Sobrava boa vontade, mas escasseavam outros elementos.

Ficara, igualmente, por demais centralizada a orientação dos negocios na pessoa do Director Geral.

Durante o Imperio, o grupo de conselheiros autorizados em assumptos internacionaes não era pequeno. No Conselho de Estado encontravam-se os auctores da politica seguida, encanecidos nesse labor, conhecedores de todas as negociações, os guardas dos rumos inicialmente traçados, modificadores prudentes das mesmas normas.

A deliberação politica sobre as occorências supervenientes, sobre as iniciativas a tomar, os problemas a solver, tinha nessa assembléa seus especialistas e seus homens de Estado. A continuidade e elevação progressiva da politica internacional do Brasil, alli encontravam seus grandes elementos de acção. Pensamento e practica reunidos. Execução assegurada.

A Republica havia destruido, impensadamente, esse instrumento de valor inapreciavel. Ainda hoje, suas Consultas nos guiam. Quão melhor, entretanto, fôra sua acção, mais viva e energica, si se houvera conservado a instituição.

Todas as suas funções desaparecidas foram concentrar-se nas mãos do Director Geral do Ministerio.

Por maior valia a sua, era sempre uma opinião unica, individual, com o coefficiente de erro pessoal, ao envés da norma deliberada collectivamente, com a consequente correcção do erro pessoal, pelo consenso de pareceres de homens como D. Pedro II, Uruguay, o Visconde do Rio Branco, Cotegipe, Saraiva e tantos outros.

Ao gerir as Relações Exteriores um Ministro capaz, com idéas proprias, seguindo rumo de antemão assentado, era facil prever discordancia de orientações entre chefes

e seus subordinados immediatos. Já o facto se dêra com o Conselheiro Carlos Augusto de Carvalho. Renovou-se em 1903.

Os narradores da chronica intima do Itamaraty talvez um dia forneçam detalhes de uma divergencia, não de pessoas — que estas eram, de longa data, affectuosamente ligadas — mas de processo, de conceitos, de descortino politico, de visão das cousas americanas.

De ha muito, era o benemerito Visconde do Cabo Frio representante da tradição do velho Ministerio de Extrangeiros, com todo o largo prestigio decorrente do alto valor desse funcionario, de sua diuturna practica, durante meio seculo, quasi, no menciao dos negocios internacionaes; Egeria verdadeira, e Ministro de facto durante a fugaz estada dos numerosos transcuentes que atravessaram as salas do antigo Palacete da Gloria, e, depois, as do Itamaraty.

Tinham, uma após outra, esvaccido essas sombras, e o venerando Joaquim Thomás do Amaral permanecera, levemente sarcastico, perspicaz, sem illusões e profundamente dedicado ao serviço do Ministerio.

A um desses itinerantes, que, ao empossar-se, declarára ao illustre Director Geral ter por programma instituir novas regras para a politica internacional do Brasil, e fazer *tabula rasa* das erroneas directrizes anteriores, respondia sorridente e superiormente ironico o Visconde: "Perfeitamente, Excellencia. Por onde começaremos a renovação?" — e deixava-o entregue a seus recursos proprios, sem poder deslindar as questões. Dias depois, solicitado seu concurso, trazia-lhe as soluções, traçadas, como cortez e perversamente fazia sentir, "na tradição invariavel do Ministerio de Extrangeiros".

Essa a força, esse o ponto vulneravel do eminente homem publico. Absorvente, por indole, por methodo de

trabalho e por sua situação única e excepcional, conservador da doutrina herdada; zelava até seus pontos discutíveis e os exalçava ao mesmo nível da lição inatacável.

Mudára o cenário político. Meio seculo havia transcorrido sobre as relações do Brasil com as demais nações. Interdependências novas haviam sido creadas. Factores tinham evoluído, outros surgido. Mas Cabo Frio não variára, e seu grande espirito, respeitavel entre quantos mais o foram, regia a orchestra da diplomacia segundo o mesmo canon immutavel.

Nessa atmospheria havia morrinha de estufa. Cumpria e urgia trazer ao ambiente mais luz e ares menos respirados.

Rio Branco abriu essa janella para o mundo moderno, afim de restabelecer a nitidez da visão politica.

Nunca lhe faltou o auxilio dedicado e leal do velho diplomata. Sempre lhe esteve ao lado a amizade segura e inquebrantavel do emerito Visconde. Talvez fosse menos constante a approvação do antigo Conselheiro perpetuo do Ministério aos rasgos do novo Chanceller, que abria rumos novos á vida internacional da nossa terra.

Dous homens, amigos e profundamente respeitosos um do outro, cada qual sinceramente empenhado em tributar a seu companheiro as homenagens justificadas por um acervo de immensos serviços. Dous systemas, dous conceitos divergentes: o passado de um lado; o futuro, filho de nossa Historia, do outro.

E a divergencia nos processos tinha por epilogo a conciliação dos dous altos representantes de methodos diversos em um ideal commum de grandeza para nossa Patria.

A situação política era outro motivo de apprehensões fundadas.

Na ordem interna, após as energicas e patrioticas presidencias de Prudente de Moraes e de Campos Salles, havia melhorado o ambiente. A pacificação do Brasil era um facto. A reorganisação financeira estava cicatrizando feridas vindas do Ensilhamento das guerras-civis. Mas a repercussão moral desse octennio de desastres, de 1890 a 1897, havia echoado dentro e fóra do paiz. Finanças avariadas, esse phenomeno de nossa economia interior diminuia-nos o prestigio nas possiveis negociações com o estrangeiro, quer financeiras, quer politicas.

A desordem reinante, ameaçando bens e vida de nacionaes e forasteiros, violando principios elementares de civilisação e de cultura, augmentára a desconfiança para com uma nação onde o direito era uma ficção, uma burla e respeito ás noções essenciaes garantidoras da existencia collectiva.

E assim, nossos males internos novamente precipitavam-nos, no conceito dos demais governos, nos niveis inferiores da *comitas gentium*, donde a Monarchia nos havia tirado, ia para mais de meio seculo.

Ao proclamar-se a Republica, já estava feito o deslinde territorial nosso com Uruguay, Perú, Venezuela, Bolivia e Paraguay. Acabava de ser celebrado, em Buenos-Ayres, em 7 de Setembro de 1889, o Tratado com a Argentina submettendo ao Presidente dos Estados Unidos a controversia sobre as Missões. Com a França reabrira-se, no anno anterior, a troca de vistas sobre o Contestado guyanense. Com a Inglaterra arrastava-se, morosa e confusa, a discussão sobre os Campos de Pirara.

Mantinhamos integro o ponto de vista herdado da diplomacia portugueza: o *uti possidetis*, como titulo primordial de dominio, em falta do direito convencional;

o reconhecimento da soberania do Estado sobre as terras por elle occupadas, e até onde se estende a effectiva occupação.

Deante da nossa argumentação surgiam outros pontos de vista.

Titulos unilaterais, como as *Cédulas Reales* invocadas pelas nações confrontantes de origem espanhola, cujas divisas proprias constavam da *Recopilación de Indias*; habil como acto do soberano unico, o Rei de Espanha, para traçar limites administrativos entre suas provincias ultramarinas; invalida, porém; para discriminar territorios com outra soberania fronteiriça, Portugal, adstricta a creações legaes differentes.

Obscuros debates historicos e geographicos travavam-se com a França e a Inglaterra.

Nos primeiros momentos após a quéda do Imperio, chegavam ao Governo Provisorio, vindos das legações, informes de difficuldades não pequenas no reconhecimento da nova forma politica pelas nações amigas. Opposição de algumas; receio de animar propagandas equalitarias ou de provocar o surto de sentimentos antidynasticos; impossibilidade de avaliar se houvera adhesão popular ao movimento de 15 de Novembro; todos esses motivos, allegados aos nossos representantes pelas Chancellarias estrangeiras, faziam prever negociações laboriosas para admittir a nova Republica a tratar officialmente com os demais Governos.

Essas circumstancias, talvez exaggeradamente apreciadas pela Dictadura, levaram esta á assignatura do tratado de Montevidéo, para a solução consensual do Contestado argentino-brasileiro. Esperava, assim, provocar a solidariedade sul-americana no reconhecimento das novas instituições, a estas grangeado, dest'arte, o largo apoio moral do Continente inteiro.

Foi um erro. O tratado em nada influiu na formação desse ambiente, que se estabeleceu espontaneamente. Erro diplomático como provou o laudo de Grover Cleveland. Mas, principalmente, erro político, porque, não lhe podendo dar assentimento o Congresso Nacional, a conselho do próprio negociador, ficou um factor deletério no meio internacional: a impressão de que se iniciava nas nossas relações exteriores um periodo de hesitações, de fluctuação nos rumos seguidos, de incertezas no pactuar.

Coincidira a rejeição com a serie de difficuldades internas, já citadas. O descalabro financeiro evidente, as luctas pelo preenchimento da primeira presidencia constitucional; grave embate entre o espirito exclusivamente civil, que aspirava a collocar Prudente de Moraes na curul suprema, e o espirito politico, que, reconhecendo em Deodoro o grande factor decisivo na proclamação da Republica, não podia permittir se negassem taes serviços e, por isso, o elegeu para a primeira magistratura legal do paiz. Rancores de natureza varia, que culminariam com o 3 de Novembro. Prodromos da derrubada de situações estaduaes, consecutivas á restauração da legalidade em 23 de Novembro de 1891.

O Brasil, vindo da paz do Imperio para a agitação irrefreavel de certos paizes desgovernados, baixara de nivel como valor internacional.

Começavam as guerras civis. Das deposições dos governadores aos combates contra o federalismo, no Sul, e à revolta da esquadra, mais três annos haviam decorrido, de sangue e de lucto. Mais se atufava no descredito o nosso paiz. Processos postos em pratica; doutrinas invocadas; tudo justificava o descaso com que era tratado pelas potencias estrangeiras. Dias sombrios, esses.

Na opinião da assembléa dos povos, já não eramos o modelo-sul-americano. Confundiam-nos com os go-

vernos mais barbarizados pela epidemia revolucionaria em estado agudo. E nesse desconceito se baseavam as menos cortezes tentativas de discussão, e, mesmo, actos de positivo desrespeito á nossa soberania.

A' experiencia e ao saber do Conselheiro Carlos Augusto de Carvalho coube iniciar, e quasi pôr termo á liquidação desse terrivel legado de um quinquennio de catastrophes. Embora mais uns tres annos houvesse de grandes complicações, muitas dellas internacionaes, de sua passagem pelo Ministerio das Relações Exteriores data o começo da convalescença para o Brasil da precaria situação em que se encontrára perante os demais governos.

Quão tímido, entretanto, era o escopo: apenas o desejo de não ser tido como nação anarchisada, sim como entidade digna de figurar entre aquellas com as quaes é licito tratar, sem receios de eternas discussões ou voltas para traz.

Resteas de luz nesse longo processo de reabilitação nacional, brilham as duas victorias de Washington e de Berna, em 1895 e 1900. E como nada mais do que o successo provoca novos successos, começaram a surgir appellos ao nosso Governo, bem pouco importantes a principio, para intervir com sua auctoridade moral em assumptos continentaes.

Sobre o Brasil já pairava, majestoso, symbolo de triumpho, o nome de Rio Branco. Continuava em Berlim, afastado da Patria, sobre a qual novos obstaculos se accumulavam, impedindo a reparação dos desastres soffridos.

Durante todo o quatriennio Campos Salles, pode-se dizer, dominou o problema da fronteira boliviana nas cogitações do Itamaraty.

Nuvens espessas carregavam o horizonte internacional nessa região. Erguia-se, allí, a ameaça, possivelmente temerosa, de embaraços serios, pela existencia, no coração da America, de um syndicato anglo-americano, cujos interesses não seriam desamparados pelos Estados Unidos: o *Bolivian-Syndicate*. A este a Bolívia concedera poderes equivalentes, quasi, á cessão da propria soberania, e em uma zona litigiosa entre as duas nações.

Em hora de inspiração patriótica, exigiu o Presidente Rodrigues Alves a collaboração em seu governo do egregio *Ministro do Brasil juncto ao Imperio Allemão*.

Constrangido a acceitar, desde logo se lhe evidenciou, como a todos os espiritos imparciaes, que o problema internacional brasileiro era essencialmente, e acima de quaesquer considerações outras, politico.

Cumpria restituir á nossa terra sua posição primitiva no concerto americano; fazer desaparecer a prevenção oriunda das desordens de sua politica interna; torná-la factor indispensavel da paz do Continente; screnar o ambiente ameaçador já formado, e que já tinha feito correr sangue nas nascentes do Juruá e nos affluentes do Madeira; fechar seu perimetro divisorio; reconquistar o prestigio combalido por dez annos de anarchia sempre renascente, de desmoronamento financeiro, de fluctuação nos rumos seguidos.

Por esse preço tão somente, podiamos agir efficazmente, com serenidade e valia, em prol da paz sul-americana, em favor do desenvolvimento progressivo proprio e do alheio.

Pesar todos os seus esforços por fugir ao honroso chamado de Rodrigues Alves, assumiu Rio-Branco, em 3 de Dezembro de 1902, a gestão de sua pasta.

A vastidão do empreendimento era de natureza que inspirava hesitação aos mais afoitos. Maior responsabili-

dade ainda para quem vinha precedido da fama das victorias que tivera, não lhe sendo licito, sem decahir, ficar apenas no mesmo nivel dos antecessores mais aquinhoados pelo successo.

Ao novo Ministro só se admittiria distanciar a quantos o haviam precedido.

Ora, a opinião publica o recebera com grande sympathia, mas, sem se pronunciar, guardava attitude expectante sobre o que se imaginava serem seus planos de governo. Duplice escolho.

Reflectiam ainda que, nos longos annos passados na Europa e na America havia Rio Branco especializado seus conhecimentos, origem de grandes triumphos em pleitos especialissimos. Teria egualmente preparado o espirito para solver problemas governamentaes, pendencias diplomaticas, debates internacionaes?

E o receio não formulado, talvez confusamente sentido apenas, era que a technicidade quanto ao material de trabalho e aos processos mentaes houvesse prejudicado, ou, pelo menos, feito recuar para plano inferior essas qualidades primordiaes de visão de conjuncto, imprescindivel nas funcções de mando supremo.

Para saber governar, ou commandar, é, de facto, indispensavel que a minucia, o pendor analytico, o espirito de detalhe se hajam transformado em uma vasta capacidade synthetica. Cumpre se manifeste a faculdade de estabelecer a perspectiva integral, a restituição dos planos peculiares a cada grupo de cogitações, em seu logar proprio.

Como em um vasto problema, para cujo formular venha affectado cada grupo de phenomenos de coefficiente proprio, representativo de seu influxo especifico no conjuncto dos factos; assim tambem, no cerebro de um chefe, digno do nome, deveu desapparecer predilecções, estudos preferenciaes dessa ou daquella particularidade do assum-

pto global, para ser adoptado somente o valor relativo de cada parcella, e, integrando-as, resolver-se o caso do ponto de vista complexivo. Acto de vontade, no qual é mister olvidar feições restrictas, pôr de lado processos melhores para casos solteiros, e somente reflectir na somma dos aspectos manifestados, considerando-os como uma unidade logica.

Nem sempre é accetavel o resultado melhor para cada fracção do assumpto inquirido: é, antes, a solução mais conveniente a essa mesma indagação, em seu ambito inteiro. E muita vez acontece que, por incompativel a simultaneidade de elementos *optima* no deslinde de cada subdivisão, o alvitre final não traduz a somma das melhores decisões particulares.

E' esse sacrificio de valores relativos que se pôde pedir a um chefe, que este espontaneamente effectua, e que o espirito unilateral, particularista do tecnico nem sempre pôde resolver-se a fazer.

O primeiro é o ponto de vista, o angulo de visão do especialista. O segundo, infinitamente mais raro, o do homem de Estado.

E esse era o temor — sentido, mais do que expresso; fluctuante no inconsciente mais do que delineado com silhueta precisa na alma nacional — que se traduzia no gesto de reserva, profundamente *sympathica*, é certo, mas ainda assim de reserva, ao assumir Rio Branco a direcção das Relações Exteriores.

Viria a ser um estadista o integrador do territorio patrio, dentro em breve o conquistador pacifico de uma nova provincia na alta bacia do Acre, do Purús e do Juruá? Essa a indagação não formulada do publico brasileiro.

Permittiam-lhe as condições especiaes em que ia tomar conta de seu Ministerio agir com plena independencia de coração, sem que o pudessem accusar de menospreço ou de ingratição.

Nenhum liame o prendia aos agrupamentos partidarios do paiz. Pensava elle que o que estava feito, feito estava. Cumpria melhorá-lo e progredir, nunca retroceder a formas politicas definitivamente abolidas. Na mais sincera e nobre significação do termo, era um *rallié*.

Fervorosamente dedicado á Patria, não lhe aprazia, entretanto, celebrar os ritos de seu culto nas innumeradas egrejinhas, inonopolisadoras cada una do sentimento patriotico.

Era mais vasta e mais alta sua concepção do dever para com o Brasil.

Havia um escolho nessa posição marginal, ou antes acima dos grupos mais ou menos intolerantes que se revesavam na direcção das cousas publicas. Era parecer confundi-los todos no mesmo desprezo commum e assim ligá-los todos contra a acção que intentava desenvolver.

Fôra erro grave e que não corresponderia aos sentimentos intimos do novo Ministro.

Era firme convicção sua que as relações exteriores de um paiz escapam, por lhes serem superiores, ás agitações partidarias, nas proprias nações onde existem partidos organizados e duradouros.

Mais ainda lhes ficariam a cavalleiro, em se tratando de uma Republica Presidencial, dotada de uma Constituição adeantadissima em seu conjuncto, na qual vinham solvidos debates mantidos por decennios no Brasil-Imperio, regime novo no qual segundo a observação profunda de Alcorta, parece difficil, quiçá impossivel, fundarem-se aggremações politicas permanentes.

A esse regimen devemos, talvez, a ephemera duração dos partidos, mallogradas todas as tentativas nesse sentido. A elle, ainda, são attribueis o predominio de certas personalidades, em falta da regencia de idéas; a feição pessoal das luctas, com seu sequito de ferocidade, que as paixões humanas provocam, mais do qué as divergencias de pensamento.

Capellas a se multiplicarem indefinidamente, em vez da Cathedral unica. O pullular de schismas, em vez da unica e solenne Religião da Patria.

Taes construcções ruiriam, mais dias menos dias. Mas a politica internacional do paiz, reflexo de suas necessidades permanentes e de seus deveres para com o complexo dos povos, continuaria activa. Não podia, pois, ser privilegio, em seus grandes rumos geraes, de organizações frageis e caducas. Era dever pairasse acima de todas, expressão da vontade do Brasil, e não da de qualquer dos grupos oriundos de tal dispersão fragmentaria.

Era, portanto, sincero e entranhado seu esforço por attrahir para sua orientação diplomatica collaboradores de todos os feitios mentaes, nas Camaras e fóra dellas. Empenhado em fazer uma politica exterior nacional, lo-graria seu intento pela coadjuvação constante de todos os brasileiros, irmanados no mesmo ideal que animava ao chefe eminente da Chancellaria.

Nem sempre foi comprehendido, principalmente nos primeiros tempos de governo. Despertou, mesmo, fundas luctas. Em algumas, talvez mais provocasse o choque a pessoa do Ministro do que a obra criticada. São paginas voltadas, entretanto. Pouco a pouco, serenou o ambiente, no qual, por fim, inteiramente purificado, nenhum laivo de duvida sobrou, deixando siquer resquicios de suspeitas sobre os moveis orientadores da accão do Itamaraty.

Não foi sem custo, cumpre accrescentar.

Valeu-lhe esse estranho poder de seducção a que era impossível resistir, e que do mais indifferente fazia, após alguns instantes de palestra com o scintillante *causcur*, um admirador, não raro um amigo.

Tinha viajado muito e sabia observar. Sua memoria era poderosa, inexgottavel a veia de leve humorismo, pincturesca sua narrativa. Movidó por crenças arraigadas, possuia o dom de fazer proselytos. A cada um, falava a lingua adequada. Convencia, pela profundeza e sinceridade das proprias convicções. Nenhuma liga de considerações pessoaes, subalternas, minguava o quilate do metal precioso de sua dedicação ao Brasil. Pelo exemplo, conquistava dedicações.

Aos que penetravam mais longe em sua intimidade, impressionavam a feição carinhosa de seu trato, a meiguice real, intrinseca desse colosso de voz por vezes rugidora, a ingenuidade de expressões e de certas phases psychicas, que um amigo seguro e leal, Assis Brasil, com felicidade approximou da graça infantil.

Mais difficil, entretanto, era merecer-lhe a confiança completa, essa situação em que as almas se revelam desnudas e em que conversar é pensar em voz alta.

A Rio Branco chocava frequentemente a loquacidade incontida de certos interlocutores. Em alguns, mesmo de valor, notava a excessiva garrulice. O brasileiro havia desaprendido de ouvir e calar, dizia elle, e, não raro, ao exito do dito agudo sacrificava interesses de maior monta.

Por isso, podiam-se contar nos dedos das mãos ambas, e talvez fosse exaggerado o computo, aquelles que tinham a honra de conhecer o pensamento completo do grande Chanceller.

Fosse qual fosse, porém, o grau de relações que o ligavam ao Ministro, o ouvinte seduzido, deslumbrado e respeitoso, tornava-se collaborador. Chamma sempre acce-

sa de amor á Patria, o ardor communicativo do Barão em servir o Brasil ateava incendios semelhantes em quem delle se acercava.

Contagio do grande ideal de sacrificio sem limites á Terra Natal.

Um dos mais bellos exemplos desse facto, foi o nobre auxilio da quasi unanimidade da imprensa á acção fecunda da nossa diplomacia.

Salvo um ou outro eclipse, sem alcance e que Rio Branco era o primeiro a relevar, essa coadjuvação ininterrupta attenuou e facilitou a soluçào em periodos difficeis de nossa vida internacional, em momentos agudos de negociações espinhosas. Campanhas houve em que foi inexcedivel o brilho desse trabalho jornalístico. Talvez nenhuma sobrepuje em fulgor a que teve por objecto o Tratado de Petropolis.

Velho homem de imprensa, o Ministro nunca pudera desfazer-se dos antigos habitos. Collaborava também, quando lhe sobrava tempo ou julgava opportuno á discussào diplomatica em andamento, em varios periodicos da Capital. Por vezes, enviava as tiras redigidas por elle proprio, com aquella sua letra caracteristica, clara, em pé, arredondada nas extremidades, muito ligada. Outras, por volta da meia-noite, entrava portas a dentro das redacções, e na mesa de um reporter, honrado com tal escolha, escrevia uma local que julgava dever divulgar, ou corrigia provas de algum artigo de maior importancia. Ainda hoje, conservam-se carinhosamente esses autographos.

Em seu afan de congregar todos os brasileiros em torno da obra internacional que dirigia, appellava para todas as dedicações, inflamava aos timidos, reanimava aos desfallecidos, incutia novo ardor nos mais pugnazes, a todos communicava seu proprio calor.

Nada servia de pretexto para lhe recusar auxilio á actividade. Crente nas normas que adoptára, comprehendia e admittia todos os dissídios intellectuaes. Esforçava-se por dissipá-los. Raro não alcançava fazer partilhar seu ponto de vista. Nenhum influxo taes divergencias exerciam nas relações com o dissidente ao qual continuava a tributar o mesmo respeito, as mesmas attentões. Opposição de idéas não era pretexto para retaliar; valeria por um incitamento a novas investigações.

Falta de uniformidade houve entre os negociadores brasileiros no modo de considerar o tratado com a Bolivia, fixando a nova fronteira pelo Acre. "O plenipotenciario vencido", como se intitidou o eminente Ruy Barbosa, foi o escolhido para missão mais alta ainda: a Conferencia de Haya.

Quem trabalhasse com Rio Branco tinha de sujeitar-se a uma verdadeira e intima collaboração. Ao receber a contribuição de seu ajudante, fosse qual fosse sua categoria, era o primeiro movimento seu molhar a penna para corrigir o memorial, mesmo antes de o ter lido. Em compensação, e para ser justo se diga que elle era o primeiro a aceitar o exame e, eventualmente, a modificação de suas opiniões e pareceres.

Tornou-se extraordinario como conductor de homens.

Não eram tanto ordens e notas que precisava prodigalizar: seu pensamento commum a todos, conseguira pairar sobre a hierarchia inteira, ser por esta interpretado e posto em practica.

Polarisavam-se para um alvo commum todos os esforços, tornados solidarios. A obediencia já não era acto de méra disciplina; era enthusiasmo, comprehensão intelligente. E essa é a verdadeira medida do valor de um chefe.

Curiosa forma de trabalhar a sua, a que exigia de seus assistentes. De cada vez, uma questão apenas. Não se subdividia a atenção por varios problemas a um tempo. Mas, relativamente ao caso em estudo, multiplicavam-se as providencias, rebuscavam-se as fontes informadoras, avisavam-se todos os elementos concurrentes á solução, previam-se as objecções, mesmo as que menos probabilidades offereciam de ser levantadas.

Quando vierem a publico, o que certamente se dará em época opportuna, os documentos contemporaneos do Ministerio das Relações Exteriores, talvez se considerem modelares as linhas em que foram tratadas as questões da Conferencia de Haya, de accordo com o nosso embaixador nessa augusta Assembléa; as negociações relativas ao Acre; os incidentes do Pacifico em que puderam exercer-se, serenos e conciliantes, os bons officios do Brasil.

Notas, poucas; mas essas, precisas e exhaustivas. Correspondencia telegraphica extensa, para a providencia immediata, segundo um rythmo igual á rapidez das cambiantes diplomaticas, nos momentos de crise.

* * *

Com esse methodo de trabalho e no meio que, a largos traços, procuramos caracterisar, ia o novo Ministro iniciar sua gestão e realisar as idéas de que vinha animado. Convém examiná-las summariamente.

Era imprescindivel rehabilitar-nos perante o mundo.

As duas presidencias de Prudente de Moraes e Campos Salles muito haviam feito nesse sentido, quanto á ordem interna e á vida financeira. Cumpria obter resultados analogos no domínio internacional. Para isto, voltar á tradição do Imperio.

Quanto ao Continente Sul-Americano: relações cada vez mais estreitas com as nações confrontantes; dissipar desconfianças; em todas, auxiliar o desenvolvimento, a ascensão gradual a níveis mais altos; comprehender que o progresso de cada qual é vantajoso a todas e agir de conformidade com essa norma, envidando esforços por accelerar a evolução; repellir toda idéa de tutela ou de hegemonia, instituindo uma politica de verdadeira confraternisação; guardar neutralidade nas contendas locais; aplinar desintelligencias. Em toda parte, em summa, levar a palavra de paz, em condições de se fazer ouvida e acatada; mostrar que o perigo, caso viesse a existir, não podia ser sinão externo a todas, commum portanto, e não de um paiz americano a outro.

Quanto aos Estados-Unidos: manter a nossa velha regra, a mais íntima collaboração entre os dous governos; a doutrina de Monroe, parte integrante da politica exterior brasileira.

Quanto ás nações européas, a filiação historica impunha uma rota de cordialidade agradecida; de desejada collaboração no progresso commum; de respeito aos tratados e a tendencias que vinham desde Utrecht, manifestadas na correspondencia do plenipotenciario portuguez, D. Luis da Cunha, no tocante á exclusiva posse da bacia do Amazonas por Portugal e Hespanha, e, hoje, com o transcorrer dos seculos, alargadas de modo que abrangessem o territorio inteiro da America, onde só poderiam permanecer nações herdeiras das duas corôas peninsulares. As mesmas colonias guyanenses não poderiam ampliar-se.

A sinceridade de nossa orientação sul-americana tinha por si oitenta annos de Historia. Nunca intervieramos em negocios extranhos, sinão por solicitação dos interessados, confessada por seus proprios annalistas, ou por provocação directa.

Mas o que podia comprehender-se em tempos perturbados, que tinham como typos representativos os Rosas, Uribe, Facundo Quiroga, López, deixava de ser aceitavel após a rapida floração que havia transformado em grandes e poderosos Estados, de grande cultura e requintada civilisação, as republiquetas tumultuarias de outr'ora. Novo penhor do respeito ás liberdades alheias que caracterisaria nossas relações com as entidades politicas confrontantes.

Um paiz como o Brasil, entretanto, não pôde arriscar-se a ver sua palavra apaziguadora violentamente supprimida pela força brutal. Ha graus no adeantamento continental. A geographia e o passado impõem-nos precauções, que não são ameaças.

Por outro lado, Rio-Branco havia assistido na Europa á creação do imperio colonial de varios povos.

A França conquistará a Indo-China e o Tonquim: irradiára do littoral do Atlantico e do Mediterraneo para constituir seu dominio africano, cyclo talvez encerrado, hoje, com o protectorado marroquino, mau grado as interrogações postas no recente accôrdo franco-hespanhol.

A Italia, lograda em Tunis, repellida na Abyssinia, contentára-se com a Erythrée e ia preparando a campanha da Tripolitania e da Cyrenaica.

A Inglaterra assenhoreára-se do Egypto, das republicas sul-africanas.

A Allemanha, batida no Golfo Persico, vinha conquistando economicamente a Asia Menor e seu *hinterland*, pela sua preponderancia em Stribul, pela rēde ferroviaria de que a Bagdad seria o eixo; na Africa, hospede chegado tarde — *sero venientibus*... — contentára-se de trechos desprezados por outras nações.

As proprias possessões portuguezas no continente negro eram alvo de tratado de partilha entre a cobiça germanica e a anglo-saxonica.

No Extremo Oriente, o Japão, pelo tratado de Shimonoseki, entrára na mesma senda imperialista, prolongada mais tarde na guerra com a Russia.

Esta, sem treguas, caminhára para Leste até enfrentar com o Imperio do Sol Nascente e ser vencida por elle.

Na China, as concessões européas alargavam-se, iniciando uma era de anexações futuras. Reinos tributarios iam sendo absorvidos por viziuhos mais poderosos.

Na America, havia surgido tendencia igual. Os Estados Unidos, premidos pelo problema politico do Pacifico, pela defesa de sua duplice testada oceanica, pela necessidade vital de dominarem as vias de acesso ao Istmo, tinham aproveitado sua lucta contra a Hespanha, conquistando-lhe as colonias, e solvido a questão de Panamá, reconhecendo a independencia da Republica desse nome, com cessão de soberania na zona do canal entre os dous mares.

Em nossa propria Patria, expedições como as do Antapá e a de Trindade eram indicio visivel do conceito alienigeno de que çramos terra partilhavel. A campanha européa, em favor ou contra a constituição de uma provincia allemã no Brasil meridional, não era de molde que attenuasse a impressão de ameaça que pairava no ar.

E não faltavam theoristas que, a pretexto de colonisação exterior, endeusassem a projecção da nacionalidade além de suas fronteiras naturaes e formulassem o processo a seguir: a infiltração economica, as industrias monopolizadas, a preponderancia commercial, as relações de dependencia politica até a anexação como formula final.

Certo, para impedir taes implantações européas em territorio americano fôra justificado invocar o auxilio da

doutrina de Monroe, em seu aspecto activo. Mas, em vez dessa tutela, mais digno seria e mais viril reagir com as forças ingénitas do paiz.

De facto, não merece viver, aspirar foros de unidade politica soberana no concerto das nações, aquella que, para figurar nos mappas, recorre á protecção de outra, em vez de defender sua liberdade e proteger sua independencia com a totalidade de seus recursos.

Soberania implica o animo de lhe sacrificar existencia, conforto e interesses para a manter.

Para isso, para garantir a autonomia nacional, para dar á sua palavra e á sua gestão pacifica nos negocios continentaes e outros, o peso e a serenidade de quem não póde ser reduzido a silencio por ameaças alheias, era necessario, e ainda o é, que o Brasil estivesse aparelhado nesses dous outros ramos administrativos que, com o das Relações Exteriores, enfeixam o problema da defesa nacional no Ministerio da Guerra e no da Marinha.

A essa orientação de paz, mas de paz assegurada pela consciencia da força, caso necessario, afim de não temer perturbações; a esse dever da conservação nacional quiseram criticos superficiaes, quando não voluntariamente mal intencionados, attribuir tendencias imperialistas, aggressivas, de conquista militar!...

Olvidados de que o Brasil — com 8 ½ milhões de kilometros quadrados de superficie e 25 milhões, apenas, de habitantes — não precisa de terras, sim de homens. E esses, só a tranquillidade, o viver seguro, a calma do progresso pacifico, os attrae.

Ainda para apparentarem visos de argumentos em favor de tão futil increpação, architectaram theorias de incompatibilidades pessoaes ou regionaes, fazendo de Rio

Branco, esse modelo de bom senso equilibrado, de cerebro consciente e avisado, o elemento perturbador da paz continental. . .

Era deslocar a questão.

Necessario é, por vezes, que os governos saibam sacrificar seu desejo de popularidade, arrostar o sentimento egoísta do povo, afim de não assumirem perante a Historia responsabilidades infinitamente mais graves. Horas ha em que o problema é posto entre a cortesia a clientelas e o dever para com a Nação. O paiz hesita, não raro, mas, voltadas a calma e a reflexão, applaude o chefe de Estado conscio de sua missão de resguardar o futuro nacional.

Por essa forma se apresenta a questão do preparo militar de um povo.

Seja como fôr, á custa de quaesquer esforços e pro-vações, a existencia como Nação deve ser assegurada nas condições impostas pelos factores geographicos e pelas considerações historicas.

Não é licito, do facto de dada situação de armamentos, tirar induções politicas. Taes questões tratam-se intrinsecamente, de accordo com as necessidades de cada entidade politica e com suas possibilidades. E, por isso, a resposta a modificações no valor militar de um paiz, só pôde ser militar também por parte dos outros gremios interessados. Não se comprehende, portanto, a pretexto do exercicio do direito de defesa de cada qual, do modo por que a entende e practica, que se venha afirmar estas ou aquellas intenções hostis, aggressões contra esse ou aquelle adversario.

Sem paradoxo, pode-se afirmar que é frequentissimo o caso da preparação bellica ser um instrumento de paz. Operação de seguro internacional contra o inopina-

do, tão frequente na lição dos tempos, quando a parada e o revide aos golpes se não podem improvisar, e exigem longo preparo anterior.

Não o provou o Brasil até 1889? Sua preponderancia material no Continente era indiscutida. Nunca, entretanto, premiu ou ameaçou.

Não. O ponto de vista era outro. Sabia Rio Branco que fala com auctoridade, com verbo sereno, principalmente quando tem de proferir palavras pacificadoras, contrarias quasi sempre aos extremos de exaltados, sómente aquelle cuja imparcialidade é insuspeita pelo desinteresse pessoal absoluto, pela energia com que poderia agir em vez de aconselhar.

A força de que o Brasil havia de dispôr não se voltaria contra contendores predeterminados. Valeria contra quaesquer, porém, como meio de repelli: aggressões alheias.

"É indispensavel que, antes de meio seculo, pelo menos quatro ou cinco das maiores nações da America Latina, por nobre emulação, cheguem, em recursos defensivos, como a nossa grande irinã do Norte, a competir com os mais poderosos Estados do mundo".

Nada mais claro do que essas palavras do egregio Chanceller na sessão de abertura do Terceiro Congresso Scientifico Latino-Americano, em 1905, no Rio.

Era o alvo fortalecer o Continente contra ameaças que fossem communs. O fundamento essencial, de que pouco se quer falar, mas em que cumpre meditar sempre, da *entente* entre a Argentina, o Brasil e o Chile.

A ninguem ameaçava. "Aos países da Europa, a que sempre nos ligaram e hão de ligar tantos laços moraes e tantos interesses economicos, só desejamos continuar a offerecer as mesmas garantias que lhes tem dado até hoje o nosso constante amor á ordem e ao progresso", expli-

cava elle mais tarde encerrando a Terceira Conferencia Pan-Americana, em 1906.

E é comprehensivel o empenho de cordialidade continental das Americas, quando se vê que nellas fermenta, imprecisa ainda, a noção de um nobre dever a cumprir no desdobrar dos acontecimentos mundiaes, e, na isenção historica e geographica de contingencias que a herança dos seculos impôz á Europa, encontra bases para normas mais depuradas no viver collectivo, ideaes mais altos de um altruismo menos mesclado de interesses subalternos, ficções mais fecundas de solidariedade humana. Não é esse o substracto basilar das tentativas de codificação de um Direito Internacional Americano?

Pondere-se, ainda, que se não entra a pactuar sem trazer cada qual seu quinhão de elementos dynamicos, que permittam sustentar a directriz commum. Como celebrar accôrdos mais detalhados, traçar rotas mais definidas, accetar incumbencias collectivas mais graves, sem estarem igualmente amparados os novos rumos entre todas as partes contractantes, dispondo todas de meios equivalentes, de energia e de previsão, para assegurarem o êxito a seus fins de orientação conjuncta?

Esse factor indispensavel nas trocas de vistas, eventuaes, vinha, por assim dizer, imposto ao Brasil pela sustentação da doutrina de Monroe, parte integrante e capital de nossa politica externa, não sómente para uso e beneficio nosso, mas de que tinhamos tambem, como temos, de acarretar a parte que nos toca de co-responsabilidade.

Rio Branco, que pensava como idealista e da mesma sorte inspirava sua acção, era um espirito eminentemente practico em se tratando de executar. No convivio em paises extrangeiros, perdera, si é que algum dia a tivera, essa deficiencia mental, tão nossa, que consiste na illusão graphica.

Não lhe parecia solvido um problema por ter sido objecto de um regulamento, de uma lei, de um tratado. Levava até a minúcia a preocupação pelo desempenho da responsabilidade assumida.

Partidário de uma politica de realizações, procedeu quanto ás forças armadas como fazia com as demais questões que houvesse de superintender. "Os Serhores começam onde a missão de meu Ministerio se interrompe", costumava elle repetir aos numerosos officiaes que, respeitosos, o cercavam sempre, certos de nelle encontrarem um amigo e um discernidor de merito. Era-lhe impossivel desinteressar-se de órgãos da economia nacional que, por ventura, teria de utilizar. E por isso instava sempre para que nosso edificio militar se não limitasse a uma simples fachada, atrás da qual nada existisse.

A essa obra de previsão, de amor á independencia nacional, de garantia ás soberanias continentaes na phase de expansão imperialista que o mundo atravessa, a esse alto empenho de puro americanismo quizeram apodar como tendencia retrograda de militarismo nosso, ou visos de imperialismo brasileiro!...

Não pensava, contudo, o chefe de nossa diplomacia que o segredo do triumpho estivesse na força. Melhor do que elle, ninguém agiu no sentido do conceito que Guilherme II acaba de tão bem resumir em seu recente discurso de Koenigsberg: "Não basta o exito militar para fundar o porvir e o destino de uma nação. Tudo depende da força moral que possua".

Essa exactamente, era a norma seguida no Itamaraty.

O alvo, nas negociações, não era tanto chegar a soluções conformes aos tratados e ás modificações trazidas pelo tempo aos problemas em estudo. Esse fôra um angulo de visão mais estreito, o do especialista.

O que se collimava era fundar uma verdadeira cooperação de povos americanos, fazer do conjuncto de seus respectivos territorios o Continente da Paz. Obra de estadista.

Nella se inspirou Rio Branco. Nunca se apartou desse grande escopo. Por elle pautou seus actos todos, desde o momento em que, constrangido, veio collaborar no governo do Conselheiro Rodrigues Alves.

E começou então a notabilissima série de grandes actos internacionaes de que o Brasil se ufana com tanto motivo.

* * *

O mais urgente era o caso do Acre, para onde já marchavam forças regulares bolivianas afim de submeterem, no então chamado *Territorio de Colonias*, as populações, brasileiras em sua quasi totalidade, rebelladas contra a Bolivia e contra o syndicato arrendatario.

Para assegurar a fronteira, evitarem choques sangrentos, impedir em violencias contra compatriotas da zona limitrophe, tropas brasileiras haviam sido mobilizadas tambem e occupavam militarmente o territorio litigioso.

Preciso é reler as paginas admiraveis da Exposição de 27 de Dezembro de 1903 em que o Ministro justificou perante o Presidente da Republica o Tratado de Petropolis, de 17 de Novembro do mesmo anno, para avaliar as difficuldades vencidas, os altos fins pacificos inspiradores e triumphantes na decisão final, sem resentimento nem humilhações, sem deslise para qualquer das Altas Partes Contractantes, com honra para ambas, que sahiram da contenda mais ligadas ainda do que antes da controversia.

A energia, a calma, o golpe de vista superior do homem de Estado haviam conseguido impôr a paz, por algum tempo seriamente ameaçada, entre duas, quiçá três nações continentaes.

O grande acto inicial do Chanceller fôra de mestre consuminado. Solvia uma questão incandescente. Novamente grangeava relações amistosas com uma potencia vizinha, a que tantos interesses communs nos ligavam. Estava reconquistado o nivel primeiro do Brasil na assembléa dos povos americanos.

Seguiu-se então o complexo de negociações, que, em seis annos, de 1903 a 1909, delimitaram nossa Patria nas zonas onde a fronteira ainda permanecia indecisa.

Graças aos esforços do grande Ministro, á sua tenacidade, ao seu profundo conhecimento da tradição diplomatica nos assumptos lindeiros, desde o Imperio, ficava fechado o perimetro de nossa terra. E do primeiro ao ultimo dos actos relativos a essa obra immensa, mantivera una e invariavel nossa orientação: o *uti possidetis*, na falta ou na invalidez do direito convencional; a negociação directa para dirimir litigios, e, em ultimo recurso, o arbitramento.

Rio Branco mostrara-se digno de seus maiores, igual aos mais eminentes. A elle devemos ter tido em dezeseite annos, de 1892 a 1909, solvidos todos os problemas da linha divisoria, que vinham debatidos, a hem dizer, desde as bullas de Alexandre VI e o Tratado de Tordesillas, em 1494. Quatro seculos de obstaculos accumulados, de complicações historicas, de duvidas geographicas, de debates juridicos tornavam-se uma pagina voltada da historia, graças ao labor titanico do brasileiro excelso.

Não bastava, entretanto, delimitar o Brasil para assegurar sua politica sempre pacifica, embora esse fosse o methodo mais prompto e mais seguro para remover da arena das contendias a causa mais frequente dellas: os conflictos de fronteiras.

Era mister locar a linha separadora, e esse foi um dos grandes e mais vivos empenhos da Chancellaria.

Trabalho moroso, exigindo cuidados especiaes, meticolosas confrontações entre documentos *graphicos*, textos *escriptos*, mappas geodésicos, *protocollos* de fixação de pontos, essa tarefa ainda *vae* em meio. A toda ella prestava Rio Branco o mais *escrupuloso* esforço de analyse e de verificação. Sem receio de contestação séria, póde assegurar-se que, si questões graves, motivando tensão nas relações internacionaes, incidentes *lindeiros*, foram evitados em grande numero, para o futuro, deve-se o grande serviço á *minucia* do exame pessoal feito pelo proprio Ministro, nos poucos instantes que *lhe* sobravam de suas multiplices occupações.

Outras divergencias, *entretanto*, poderiam surgir com *países vizinhos* e *cumpria* resolvê-las *pacificamente*.

Aggressores, nunca o seriamos. Era seguro garante, mantido por nossa *inquebrantavel* lealdade, o art. 88 da Constituição Federal, vedando por completo a *expansão conquistadora*. Mas para *discordancias* outras? Esse o perigo, essa a possibilidade *potencial* de luctas, o germen de *fundos dissidios*.

Superiormente *ideada*, a solução foi a politica dos *tratados de arbitramento geral systematisada* pelo Barão do Rio Branco.

A não serem a *Convenção* com o Chile, que é de 18 de Maio de 1899, embora *trocadas* as ratificações apenas em 1906, pelo Barão, que foi quem *realisou* essa *formalidade definitiva*; e o *Tratado* com a Argentina, de 7 de Setembro de 1905, todos os demais, e são vinte e nove, *effectuaram-se* de 1909 a 1911.

A *aproximação* dessas *datas* mostra que, cessando o motivo que nos *impedia* de celebrar *accôrdos* geraes desse genero pela *delimitação completa* do paiz, desde logo foi iniciada e *systematisada* a politica de *remoção* de *conflictos* pelo recurso ao *juizo insuspeito* de terceiros.

Basta citar os trinta e um países com que celebrámos pactos dessa natureza — Argentina, Austria, Bolivia, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, China, Dinamarca, Republica Dominicana, Estados Unidos, Equador, França, Grecia, Grã-Bretanha, Haiti, Espanha, Honduras, Italia, Mexico, Nicaragua, Noruega, Paraguay, Portugal, Panamá, Perú, Russia, Salvador, Suecia, Uruguay e Venezuela —, para se verificar que ficaram firmadas regras dirimentes de controversias oriundas da contiguidade territorial; do desenvolvimento da população pela corrente immigratoria; de reclamações causadas pelo entrelaçamento de relações economicas do Brasil com as principaes potencias. Da extensão do principio arbitral e do espirito de solidariedade americana resultam, ainda, alguns desses actos.

Já não era pouco. Quiz, e conseguiu ir além a acção previdente do Chanceller brasileiro, reprimindo, ou, pelo menos, attenuando o influxo predominante de certos factores, que, no decurso de nossa Historia, haviam trazido momentos de sérias difficuldades na politica externa.

Entre esses, avultava a cogitação das communicações fluviaes.

A linha de accesso mais prompto para Matto-Grosso era o Prata e o Paraguay, directriz que participa dos inconvenientes oriundos de regras vigentes e admittidas por nós em materia de rios contiguos e de rios successivos, e ainda dos empecilhos estrategicos de uma linha de communicações dominada por margens, onde se poderiam congregiar elementos bellicos adversos.

O Amazonas e alguns de seus affluentes, typos de rios successivos, alguns, e outros, typos de rios contiguos, repetiam na região septentrional, em sentido inverso do caso do Prata, o mesmo problema juridico.

A Sul, eramos os ribeirinhos de montante sujeitos ao predomínio geographico e politico do desaguadouro em paiz estrangeiro.

A Norte, senhores do exutorio, premiamos as communicações dos ribeirinhos superiores.

A essas exigencias, simultaneas e contradictorias, obedeceu sempre a orientação brasileira. Sustentava esta que "quando um rio atravessa o territorio de dous ou mais Estados, a liberdade de navegação ou de transitio para o ribeirinho superior depende de previo accôrdo com o ribeirinho inferior, accôrdo que contenha a clausula de reciprocidade".

Era a affirmação de que, para se conceder o livre trafego fluvial, cabia ás soberanias a que pertence o rio o direito absoluto e exclusivo de regular a navegação, em convenções especiaes.

E assim foi feito por nossos Governos, dos actos de 1866 e 1867, abrindo á franca utilisção determinados caudaes, alguns mesmos interiores, até aos tratados de navegação em que se estipularam as condições do uso reciproco dos correntes, nos trechos pertencentes aos respectivos Estados contractantes.

Toda a experiencia historica do Brasil ali estava, entretanto, para provar os attritos que surgiam nesse ponto, mesmo da vigencia do direito convencional, além de graves inconvenientes que poderiam sobrevir em circumstancias especiaes.

Melhor, mais prudente, era evitar de pôr á prova a efficacia dos tratados, nesse delicadissimo assumpto, e recorrer a meios outros de accesso ás differentes zonas do paiz.

Nessa conformidade, a ninguem é extranho quanto a Chancellaria do Itamaraty, influuiu poderosa, ininterrupta e uniformemente, no plano de melhorar as linhas de tran-

sito internas do paiz. O desenvolvimento da rêde ferroviaria em busca da margem esquerda do Uruguay, da baranca brasileira do Paraná á da cidade de Corumbá, no Paraguay, attesta esse empenho.

Esta ultima, a Estrada de Ferro Noroeste, para nós vale pela solução practica do problema do Prata, nos casos exclusivamente brasileiros. Reproduz, com variantes poucas, o antigo roteiro das monções bandeirantes, o "caminho dos rios", que permittiu outr'ora a conquista de Matto Grosso e hoje assegura sua incorporação ao Brasil. Ainda possui a vantagem de remover da t'ela dos debates motivos de possiveis divergencias internacionaes, de gravidade evidente. Obra de paz, portanto.

Tinha Rio Branco a intuição profunda de que o Brasil precisa estar presente em todas as capitães americanas, em posição de destaque e tendo voz activa em todas as questões referentes á America. Mas precisa estar effectivamente presente, e ter voz de auctoridade bastante para se fazer ouvida, afim de cooperar no ideal commum ao Continente.

Para esta larga empresa de convergencia de povos em torno dos communs destinos da America e de uma collectiva missão pacifica, as condições historicas indicam Washington como centro em que se encontram os mais poderosos elementos de acção.

O Brasil que fez sua, desde que foi proclamada, a doutrina de Monroe, e a incorporou, vae para um seculo, no numero dos principios operantes de sua politica externa; o Brasil, pois, está evidentemente indicado, e em situação excepcional, para desempenhar ou auxiliar a nobre tarefa, conjugados seus esforços aos da grande Republica do Norte.

Cada vez mais deveriam accentuar-se essas concordanças de acção.

Decahir, nesse empreendimento superior, valeria por desertar de uma incumbencia de civilisação. Ausencia ou fuga, equivalentes perante a moral politica, seria a confissão de incapacidade de comprehender o rumo para o qual nos impelle a evolução ascensional, na phase em que para o mundo inteiro se delinea, eubora imprecisamente ainda, a noção de um dever americano a cumprir nas relações humanas. Negar-se a obrigações tão altas, não é sómente passivel de censura e admirada critica: é negar o possivel advento de hypotheses politicas plausiveis no scenario mundial, com o collaborador nosso. E' o suicidio moral de uma nação que, voluntariamente, amputa suas mais generosas aspirações para o bem geral. E' fugir a encetar o caminho que leva ás culminancias onde só se estabelecem, estavelmente, as potencias de primeira plana.

A essa grande norma, de generoso accôrdo de vistas em prol da paz do mundo, entre nossa Patria e os Estados Unidos, dizia Joaquim Nabuco que dedicaria todas as energias de seu cerebro, todos os impulsos de seu coração. Esta seria a paixão da sua idade madura, como a abolição o fôra de sua mocidade.

Esse tambem o sentimento profundo do seu chefe no Itamaraty.

Falando no Rio, em 1905, perante o Congresso Scientifico Latino-Americano, endereçava essas palavras ao Continente inteiro: "Mesmo quando o Brasil, vivendo sob outro regimen que o actual, era, na phrase do illustre General Mitre, uma verdadeira "democracia coroada", e a differença de forma de governo podia fazer crer em differenças de ideal politico, mesmo então não foram menos amistosos os nossos sentimentos para com as Republicas limitrophes, e nunca nos deixámos dominar de espirito aggressivo, de expansão e de conquista, que mui injustamente se nos tem querido attribuir. Hoje, como naquelle

tempo, a Nação Brasileira só ambiciona engrandecer-se pelas obras fecundas da paz, com seus próprios elementos, e dentro das fronteiras em que se fala a língua dos seus maiores; e quer vir a ser forte entre vizinhos grandes e fortes, por honra de todos nós e por segurança do nosso continente, que talvez outros possam vir a julgar menos bem occupado”.

Para realizar esse nobilíssimo programma de concórdia e de surto progressivo continental, era mister intensificar os laços de intimo commercio, de reciproca confiança entre os povos americanos, afim de, em ambiente de generosa emulação, cooperarem todos para o engrandecimento dessa fracção do planeta, na paz e na ascensão para ideaes mais altos.

Não fôra esta uma directriz acceita ou determinada á ultima hora pela pressão dos acontecimentos.

Já o Imperio o comprehendera e nesse rumo agira em suas relações internacionaes. A historia das varias tentativas de assembléas americanas bem o prova, nas declarações officiaes do nosso governo, subordinado sempre ao duplice escopo dos fins pacificos da reunião para com todas as nações e da exequibilidade dos alvos inspiradores.

Blaine ia fazer entrar em phase nova esses esforços; de exigua origem talvez, de possibilidades illimitadas em bem da paz, como admiravelmente salientou no discurso inaugural da Primeira Conferencia Pan-Americana, em Washington, de 1889 a 1890.

O momento, pouco favoravel, em que fôra convocada, não permittiria delinear seguramente esse aparelho de approximação politica. A par da inexperiencia propria e da hesitação inicial de toda creação nova, havia demasiada desigualdade no estado de espirito das nações presentes. Reinava intensa duvida sobre os fins reaes da empresa, mal esclarecidos pela propaganda anterior e pelas gestões

diplomaticas dos Estados Unidos. Resentimentos fundos existiam entre as Republicas do Pacifico. A proclamação da Republica Brasileira viera lançar novo elemento de fluctuação nos trabalhos da assembléa, que se queria fazer amphyctiónica.

E a conferencia de Washington, após seis mezes de longo labor desconnexo, havia de se dissolver sem resultados apreciaveis. Dous germens ficavam, entretanto, nucleares de organisações que se desdobrariam por forma practica: o *Bureau* das Republicas Americanas, a commissão dos estudos da estrada de ferro intercontinental.

A segunda Conferencia, em Mexico, durou três meses e manifestou-se esteril, tal o ambiente em que tentou trabalhar. Fortaleceu-se um pouco a acção do *Bureau*. Proclamou-se a adhesão aos principios firmados em Haya, em 1899, quanto á solução pacifica dos conflictos. José Hygino, nosso representante, que ali morreu, teve a iniciativa de propor a codificação do direito internacional.

A Terceira Conferencia, no Rio de Janeiro, pôde sem favor ser apresentada como o inicio de uma acção conjuncta das duas Americas. Trinta e seis dias apenas durou, de 23 de Julho a 27 de Agosto de 1906. Mas seu programma, cuidadosamente elaborado, teve execução. Pouca oratoria nos debates. Grande esforço nas commissões, que levavam ao plenario o resultado dos accordos obtidos. E o pensamento pacifico, normalizador de situações juridicas de um ponto de vista colectivo, desdobrou-se em uma série de grandes convenções e de resoluções, algumas já hoje incorporadas em nossas leis: taes a que regula as patentes de invenção, desenhos, modelos industriaes, marcas de fabrica e commercio; a que firma regras concernentes á Estrada de Ferro Pan-Americana; a que crêa commissão americana de juriconsultos para a codificação do direito internacional publico e do privado; e a

que fixa as condições dos cidadãos naturalizados que renovem a residência em seu paiz de origem.

Entravam as conferencias em sua phase operante, com a orientação practica, segura e serena, amiga de realisações, das grandes mentalidades do Chanceller brasileiro e de Joaquim Nabuco.

Algumas das resoluções eram de alcance colectivo immenso, tal a que se refere á codificação das regras jurídicas internacionaes. Trabalho de grande folego, em que se empenham esforços mentaes consideraveis, occupou Rio Branco até sua morte, continúa em andamento, e ainda exigirá larga messe de estudos e de acerto de opiniões. Que progresso, entretanto, quando, de um polo a outro, a America possuir uma regra unica, commum para reger os actos e os factos internacionaes!

A Conferencia de Buenos-Aires, quarta da série, proseguiu na mesma orientação. Um dos seus melhores serviços foi a remodelação do *Bureau* em linhas mais amplias, constituindo a *União Pan-Americana*.

Dessa forma especial de encarar os problemas internacionaes, com preponderancia do ponto de vista continental, deu provas o Brasil, mais uma vez, sob a inspiração de Rio Branco, no Tratado de 1909 com o Uruguay, sobre o condominio das aguas da Lagôa-Mirim e do Rio Jaguarão.

O que foi esse pensamento politico nas relações com todos os povos do planeta, di-lo altivamente Ruy Barbosa, cujas admiraveis iniciativas na Haya reflectiam a directriz internacional brasileira, consonando estreitamente com as convicções e as normas de agir do Itamaraty.

Por toda parte, na America e fóra della, o mesmo ideal de paz, de respeito a todos os direitos, de remoção de quantas causas pudessem crear ou avivar divergencias, de sincero acatamento á independencia de paizes fracos, de animação ao progresso em todos elles, de mediação

amistosa por dissipar prevenções injustificadas e attritos, pos vezes graves, entre nações amigas.

Resumiu taes normas o Ministro das Relações Exteriores, falando em nome do Governo Brasileiro, ao encerrar a Conferencia do Rio de Janeiro.

“O bem que a todos nós fez a actual Conferencia Internacional do Rio de Janeiro penso que é consideravel. Um dos distinctos membros desta assembléa, em vossa presença, no Ministerio das Relações Exteriores, e falando em vosso nome, disse hontem que ides daqui sahir mais americanos do que viestes. Tão grande é o nosso anelo de que esse seja o sentimento geral, que nos atrevemos a interpretar a phrase do nosso hospede illustre como exprimindo a vossa convicção definitiva de que o patriotismo brasileiro nada tem de aggressivo, e de que, mais ainda por actos do que por palavras, fieis ás tradições de nossa politica exterior, trabalharemos sempre por estreitar as nossas boas relações com as nações do nosso Continente e, particularmente, com as que nos são mais vizinhas. A opinião popular transvia-se muitas vezes. Não raro, um vento de insanía despertando instinctos barbaros, açoita e abala os povos, mesmo os mais cultos e cordatos. O dever do estadista e de todos os homens de verdadeiro senso politico é combater as propagandas de odios e de rivalidades internacionaes.

Nem população densa, nem dureza de vida material podem tornar o Brasil suspeito aos povos que occupam este nosso Continente da America.

A's Republicas limitrophes, a todas as Nações Americanas, só desejamos paz, iniciativas intelligentes e trabalhos fecundos, para que, prosperando e engrandecendo-se, nos sirvam de exemplo e estimulo a nossa actividade pacifica, como a nossa grande e gloriosa irmã do Norte, promotora dessas uteis conferencias. Aos paizes

da Europa, a que sempre nos ligaram e hão de ligar tantos laços moraes e tantos interesses economicos, só desejamos continuar a offerecer as mesmas garantias, que lhes tem dado até hoje o nosso constante amor á ordem e ao progresso.

Levareis, Srs. Delegados, aos vossos governos e á vossa Patria estas declarações que são a expressão sincera do sentimento do Governo e do Povo brasileiro.

Possam ellas servir para apagar desconfianças mal nascidas e resentimentos infundados, si ainda os ha, e tragam-nos em troca o bafejo sempre crescente da amizade de todos os povos americanos, amizade que cultivamos com carinho e nunca cessaremos de cultivar."

Nenhum commentario dessa nobre orientação vale o exemplo da inflexivel firmeza com que Rio Branco sempre a observou.

A serviço della se achava ainda, quando, em seu gabinete de trabalho, no Itamaraty, a morte o veio ferir.

No modesto quarto de estudante pobre, onde exhalou o derradeiro alento, cercavam-no livros, mappas, os mesmos instrumentos de estudo que lhe haviam permittido pelejar, pelo Brasil e pela America, o bom combate do progresso, da confraternidade continental, do esforço commum por attingir espheras mais altas de justiça e de bondade nas relações entre os homens e entre as nações.

A' cabeceira do leito mortuario, nossa Patria não estava só, a deplorar o desaparecimento do Filho inclyto. Do mundo inteiro, da America especialmente, vinham eguaes testemunhos de dôr e de gratidão pela obra e pelas directrizes da acção do Estadista extincto.

Havia chegado o momento do descanso.

Em sua idade madura, realisára seu sonho de mocidade: engrandecer o Brasil.

Em toda a sua existencia, havia espargido a mancheias pelo mundo seus ideaes de força e belleza para sua terra natal, de amor entre os povos, de gravitação collectiva para a luz, para a intelligencia, para o bem.

Erguera um monumento indestructivel, porque seus alicerces haviam descido abaixo da crosta accessivel ás revoluções superficiaes e transitorias, e assentavam no rochedo da propria substructura do paiz.

Perduraria, porque, em suas linhas essenciaes e em suas tendencias reveladas, encarnára o genio de uma raça e concretizara o sentir nacional.

Estava sua obra assegurada de viver, porque, em todos os niveis da sociedade brasileira, o exemplo insigne havia suscitado o entusiasmo e a dedicação dos discipulos, a energia dos continuadores.

A um povo por longo tempo torturado pela mediania de cogitações obscuras, pelo rastejar dos processos, pela subalternidade dos moveis, rasgára largas perspectivas no azul, mostrando um grande dever a cumprir para consigo e para com seus semelhantes, e ensinára a suprema belleza do labor e do sacrificio pelo progresso humano. A esse povo renovára o ideal e restituira uma alma.

Dera-lhe consciencia de seu valor e de sua responsabilidade.

Certo !... Poderá variar, em seus detalhes, a execução de seus projectos, o proseguimento de seus planos. Pouco importa ao conjuncto. Divergencias de minguido valor não alterarão essencialmente a trajetoria seguida. Permanecerá a mesma a equação que a define.

Como a chamma de longinquo pouso — vacillante ás vezes, occulta, mesmo, pela treva tempestuosa ou pelas

voltas do caminho, — vence afinal o negror inimigo e dirige os passos do viajante até a beira do fogo hospitaleiro, assim o pensamento egregio de Rio-Branco, na caligem das horas difíceis, como no brilho radioso dos dias desanuviados, guiará, seculos em fóra, os destinos do Brasil.

Chegára o accaso dessa grande vida.

Revedo a estrada percorrida, á inquieta interrogação eterna dos espiritos desprendidos e de tempera superior — si estaria cumprido o dever, todo o dever —, daria resposta um povo inteiro, mergulhado na dôr. Não essa puerillamentação que se limita a planger, mas a dôr mascula que busca honrar seus grandes mortos, seguindo-lhes os ensinamentos.

Finda estava sua tarefa. Podia repousar o immortal obreiro.

E serenamente adormeceu.

(Caeté, Março de 1913).

DOMICIO DA GAMA

RIO BRANCO E DOMICIO DA GAMA

Correspondente da "Gazeta de Noticias" em Paris, passou Domicio da Gama a auxiliar Rio Branco no Commissariado da Emigração, na Europa. Inicio banal, de que brotaria a cooperação desses dois servidores do Brasil. Em Washington, primeiro, e depois em Berna, se estreitou e tornou intimo esse trabalho em commun, a ponto de unir completamente o esforço do chefe á contribuição do discipulo e amigo.

Quem conhece a vida do Itamaraty, sabe que, de todos os seus companheiros, ninguem mais do que Domicio, o "Sr. Gama", como o chamava, merecia a confiança do immortal barão.

Acompanhou-o quando veio gerir nossas relações exteriores. O quarto de estudante pobre em que morava, no ministerio, rivalisava em modestia com a sala em que, na desordem dos livros e dos documentos, passava o ministro sua laboriosa existencia. Eguamente assiduo e dedicado ao serviço, trabalhava sem cessar ao lado do grande inspirador de nossa politica externa.

O tratado de Petropolis, no qual o Perú havia sem exito querido intervir, creára nessa Republica ambiente de desconfiança, que se revelou claro no protesto de Hernán Velarde, em 1904. Embora Rio Branco explicasse que nada havia, no convenio, que pudesse, de longe siquer, affectar interesses peruanos, permanecera certo mal-estar que urgia remover, a bem da cordialidade das

relações entre os dois países. Para tal missão de alta responsabilidade e confiança, escolheu seu collaborador, amigo e depositario de pensamento politico na vida internacional. E, em 1906, o enviou para Lima.

De como se houve, diz bem alto sua escolha ulterior para preencher um dos postos mais difficeis da carreira, a legação de Buenos Aires, pedra de toque de nossos diplomatas desde o tempo do Imperio.

Dobradamente difficil o encargo, pois haviam decorrido longos mezes de tensão nas relações entre a Argentina e o Brasil, culminando com o desagradavel episodio do celebre telegramma n. 9. O tacto de Domicio, a boa fê evidente da gestão brasileira, a auctoridade do diplomata em demonstral-a practicamente, serenaram os animos. Quando surgiram os pequenos incidentes da Quarta Conferencia Pan-Americana, em 1910, já o prestigio de ministro se tinha affirmado bastante, para que, auxiliando Murtinho e outros chefes de missão, entre os quaes devemos citar o ministro chileno Cruchaga, recentemente embaixador no Rio, pudesse terminar a Assembléa, seus trabalhos em atmospheria de cordialidade e de paz.

A OBRA DO DIPLOMATA

Rio Branco, Joaquim Murtinho e Domicio, nesse momento delicado, haviam servido dignamente ao Brasil e á America, em sua aspiração common de concordia.

Pouco antes fallecera em Washington Joaquim, Nabuco, o esforçado lidador da idéa pan-americana do Brasil. Espontaneamente, para Domicio convergiram as indicações de quantos queriam vêr continuados os esforços de antigo "leader" abolicionista e eminente diplomata. Nomeado, este acto de Rio Branco bem significava a estima nutrida pelo seu collaborador.

Qual a actuação do novo embaixador, revelam-n'o alguns factos significativos. Si a mediação sul-americana, em Niagara-Falls, confiada aos representantes da Argentina, do Chile e do Brasil, para resolver o conflicto entre o Mexico e os Estados Unidos, conseguiu o exito sabido, em grande parte o deve ao prestigio e á direcção, quasi insensível de tão delicada, do diplomata brasileiro. Nem só sua gestão intelligente, e sua clara visão politica, lhe haviam grangeado tal auctoridade, como sua diligente cooperação americana na phase anterior á Grande Guerra, e no decurso della, lhe tiuham conferido destaque singular no corpo diplomatico do continente, em Washington.

Escolhido pelo presidente Rodrigues Alves para chefiar o Itamaraty, duplice era a homenagem: consagração do valor proprio do nomeado, e da escola que se inspirava em Rio Branco, e que via agora o discipulo mais directo succeder ao grande ministro. Curto governo de nove mezes em phase de interinidade, na qual não podia tomar grandes iniciativas. Bem mostrou, todavia, a doutrina que seguia, em sua collaboração estreita com as negociações do tratado de paz, na competencia e dignidade com que sustentou os interesses brasileiros, apoiando o trabalho do chefe da nossa delegação em Paris.

Embaixador na Inglaterra, continuou a mesma rota de labor, de patriotismo e de abnegação. Só quem conhece os meios officiaes londrinos, pôde apreciar o prestigio que cercava esse diplomata calmo, sisudo, inimigo da ostentação e attento a quanto interessasse ao Brasil.

Esquecidos tantos serviços, posto em disponibilidade, foram amargurados seus ultimos dias. Merecia mais do que a ingratitude dos homens.

Sua perda é um empobrecimento mental e moral para o paiz.

A LIGA DAS NAÇÕES

AS CONTROVERSIAS SOBRE A UTILIDADE DA LIGA

Orgão prematuro e deficiente, criado sob o influxo do anseio por um estado social superior ao vigente, a Liga, por seu patente desequilíbrio entre as realidades actuaes e o ideal que a inspirou, justifica todos os desencontros de pareceres sobre sua efficacia e sua conveniencia.

Para os convencidos da perfectibilidade ininterrupta dos povos, é um passo no sentido de uma federção mundial, celebrando suas assembléas verdadeiras amphictyonias, nas quaes se delibereem ramos communs, providencias para o bem geral, repressões de desvios. Mas, ahí, a Liga, super-Estado em perspectiva, é deficiente: falta-lhe o aparelho coercitivo para a sancção obrigatoria das decisões.

Nos que duvidam da uniformidade desse progresso ascencional collectivo, ou, mais exactamente, nos que acreditam que tal progresso não abole aspirações particularistas nem differenças essenciaes entre as nações. origem profunda de todos os conflictos, domina a impressão de que foi cedo de mais, para organizar um instituto central regedor, antes de aplainadas as heterogeneidades.

Ainda o accusam, e com apparencias de razão, de buscar consolidar e tornar definitivas as classificações presentes, isto é: manter supremacias que o progresso economico e a elevação moral tendem a derruir, no senti-

do da verdadeira egualdade entre os paizes. Mais para deante, quando equilibradas as forças, desapareceriam as chocantes disparidades que, neste momento, dão visão de justiça á existencia de um pequeno grupo de chamadas grandes potencias a dirigirem, e quererem permanentemente dirigir, um conjuncto dez vezes maior de grupos nacionaes, cuja evolução progressiva ninguem razoavelmente pôde prevêr nem limitar, e que, dentro em breve, egualarão ou ultrapassarão os actuaes occupantes da primeira linha.

Para os primeiros, governar é essencialmente um problema juridico, o "suum cuique".

Para os outros, egualmente imbuidos do generoso, e até certo ponto verdadeiro, enibora nos dias que passam um tanto utopico, "si vis pacem, para pacem", para esses, governar é essencialmente tarefa politica, isto é: applicar as regras ethicas e juridicas, ás contingencias dominadoras dos factos, com o coefferiente corrector supremo das possibiildades practicas.

Em ambos os casos, será a Liga elemento que substitua com vantagem para a America os principios em que esta se baseava, anteriormente, para manter a paz? A duvida é licita.

UM DIREITO INTERNACIONAL PUBLICO AMERICANO

Não somos dos que pensam que tanto se singularisou o Novo Mundo, que haja constituido ou esteja em vias de formação um direito internacional publico peculiar a este Continente.

E' certo, entretanto, que no nosso modo de encarar os factos internacionaes, quanto a sua solução, diverge

fundamente dos classicos conceitos europeus. D'ahi, usarmos dos mesmos institutos juridicos com criterio mais lato, mais liberal. Não é uma criação nova, a nossa: sim uma applicação mais intensa. Variação quantitativa, e não qualitativa.

Para tal, concorrem numerosos factores. Não pesa sobre nós uma tradição multiseccular. A amplidão dos horizontes e a escassez de gente tornam menos asperas as competições territoriaes. Não nos opprime, com a mesma crueldade, o mortal "struggle for life" das civilizações superpovoadas. Mais facilmente transigimos, e mais facilmente accitamos soluções juridicas, do que recorremos a deslindes de força.

O REPUDIO DAS SOLUÇÕES DE FORÇA E O PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO

Por isso mesmo, com mais interesse procuramos resguardar nossos paizes da contaminação do animo bellicoso da Europa. A doutrina de Monroe foi o primeiro protesto contra elle.

Paraphraseando uma observação exacta sobre o progresso social, synonymo de passagem do regime de autoridade para o de livre contracto, quasi poderíamos dizer que o progresso internacional americano visa banir as soluções de força, e tomar por norma a cooperação.

A esse programma, está o Brasil ligado, vae para mais de um seculo, pelas declarações do Primeiro Imperio, redigidas pelo grande ministro dos Estrangeiros, que foi Carvalho e Mello, visconde de Cachoeira.

E sempre observou e manteve tal doutrina com uma constancia e por uma forma, que bem caracterizam o que se pôde chamar a interpretação brasileira della.

Desde 1823, conceituou-a o Brasil como tarefa de colaboração, e para isto propoz aos Estados Unidos uma aliança. Feita, como se achava, a emancipação continental, foi então recusada, por falta de objectivo practico e immediato.

Com o correr dos tempos, accentuou-se esse ponto de vista nosso. Nesse rumo, agiu na America toda, protestando contra violações hespanholas no Pacifico, associando-se á repulsa de tentativas recolonisadoras, cooperando na eliminação de tyrannias, repellindo quaesquer conquistas territoriaes. Uma unica excepção, que o senso politico da nação condemnou ulteriormente: o reconhecimento da monarchia de Maximiliano, no Mexico.

A NOSSA INTERPRETAÇÃO DA DOCTRINA DE MONROE

Para o Brasil, sempre foi a doutrina de Monroe considerada por sua face positiva, não a de protecção norte-americana, sim a de acção collectiva contra tentados empreendimentos estrangeiros. Nisso, a differença essencial do pensamento dos Estados Unidos, que a consideram unilateralmente, como expressão da conveniencia de sua politica exterior.

Ahi, chegou, mesmo, aos excessos lamentaveis das gestões de Olney, entre outros, e, em grão menor, ás extranhas declarações de Hughes, na commemoração do Centenario, em 1922. De passagem se note, que encheu de surpresa aos estudiosos do assumpto o applauso então levado pelo Itamaraty ao secretario de Estado americano: tão diversa é a uniforme interpretação brasileira, do ideal de "big stick policy", então advogado.

Certo é que se deve distinguir, e que nos Estados Unidos se não collocam na mesma linha as potencias americanas. Melhor, mesmo, para o regular funcionamento dos preceitos, fóra reagruparem-se certos paizes minusculos da Centro-America em uma unidade federal mais vasta, e que leve acima de conflictos, quasi municipaes, baptisados de guerras, o escopo de sua politica. Mas, em homenagem, mesmo, á egualdade juridica das nações é imprescindivel que nos Estados Unidos progrida o conceito formado do Monroismo, e, de axioma de sua politica externa, passe a ser principio regulador continental. Implica tal progresso, contudo, a collaboração de "todas" as republicas americanas na manutenção permanente da regra, e constitue a face positiva da tarefa, qual sempre a comprehendeu e praticou o Brasil.

Que é realisação que está em marcha, bem o prova a litteratura diplomatica americana recente. Dado tal passo, essa, a base da politica exterior, não só nossa, como de todo o Continente.

Nem se pense que se trata de uma inutilidade ou de miéro jogo de palavras. Atraz de taes reflexões, se encontra a realidade ameaçadora dos factos.

Será preciso alludir, para a Sul-America, ao pangermanismo, ainda não extincto, e a suas theorias de "projecção da nacionalidade além das fronteiras?" ou, para o Continente todo, ás pretenções do fascismo, no terreno internacional, com o grupamento militar de seus adeptos ultramarinos, a organização representativa eleitoral dos italianos emigrados, e outros que taes? ou, para o Pacifico, á inmigração japoneza?

A senha da America é — collaboração —, e não conquista.

Tal o objectivo moderno do Monroismo, como o era ha um seculo, sob outra face.

OS EMINENTES SERVIÇOS DA LIGA

Em taes condições, si a Liga das Nações fosse um substitutivo da doutrina de Monroe, deveríamos resolutamente abandonal-a. Mas, longe de ser exclusiva, a Liga admite accôrdos particulares, e foi precisamente esta doutrina o caso que visou, com a iniciativa e concurso de varias delegações americanas. Não se contradizem os systemas. Sommam-se.

Nada nos aconselha, portanto, desistir de figurar nessa Assembléa de povos.

Os factos desagradaveis occorridos em que as pretensões nacionaes desrespeitaram a auctoridade e a competencia da Liga, não valem por argumento contrario decisivo. Nenhuma obra humana nasceu perfeita. A méta é multiplicar os já numerosos exemplos, em que as decisões foram acatadas, e, assim, pela constancia das provas de obediencia, criar e ampliar o ambito de prestigio e de supremacia moral da nova Instituição.

Dest'arte, com o correr dos tempos, cada vez mais difficil, moralmente, se tornará violar-lhe as sentenças e os conselhos. Aos poucos, se formará o ambiente, no qual será possivel aperfeiçoar o aparelho, dotando-o do elemento, que lhe falta, hoje, para a sancção coercitiva de seus dictames.

Desde já, entretanto, prestará, como já presta, serviços eminentes; comparaveis, mas superiores, aos dos órgãos engendrados para attender a necessidades collectivas das nações: as Uniões diversas, postaes, de protecção á propriedade industrial, de registo de marcas, de navegação, de estradas de ferro, de repressão do trafico de mulheres, de abolição da escravidão e tantas outras.

Superiores, repetimos, aos congressos, cuja obra, forçadamente apressada e superficial por seu caracter episodico, não pôde ter o quilate da investigação permanente, continua, da analyse systematica instituida pela Liga.

Difficuldades, situações delicadas, receios de attritos, não são motivos dignos que se invoquem. Quem julga possuir uma parcella da Verdade, bemfazeja aos homens, tem de confessal-a e prégal-a, através quaesquer agruras, sob pena de, no caso de obedecer á sua só commodidade, cahir estigmatisado sob o labéo do mais ignobil egoismo.

O VERDADEIRO MOVEI DA VIDA

O movei da vida, sua razão de ser e seu sentido, não residem no conforto e na conveniencia, sim na altura moral do evangelho realizado de Bem e de Paz. Ninguém abdica da honra e da responsabilidade de ser chefe e guia de seus semelhantes. A tal missão acompanham sempre sofrimento e sacrificio. Que importa, si do holocausto sae a humanidade mais bella e melhor? E', e será sempre, esse, o "white man's burden".

Refocar-se no seu bem-estar egoista, quando ao lado penam miserias e tormentos, é tão vil, que a ninguém occorre invocar tal escusa de abstenção. Os Estados Unidos, que em sua maioria combatem a Liga, e que innumeradas vezes têm evidenciado seu espirito generoso e christão, menos do que todos. Seu motivo é julgar que, isolando-se e agindo episodicamente, melhores serviços podem prestar em cada caso.

E nisto está o fundamento, logico e comprehensivel, das duas unicas attitudes possiveis ante a Liga: a repulsa,

pura e simples, e è a innegavel força que dá auctoridade aos Lodge, Borah, e outros espiritos eminentes; a adhesão sincera, collaboradora, para melhorar e aperfeiçoar o Instituto, fiando mais na acção continua, de todo momento, e na collaboraçào de todos os povos, do que na intervençào por crises, nas phases de aperto ou de cataclismo, sujeita a actividade a todos os precalços da improvisaçào e da urgencia.

PosiçõeS intermedias, ninguem as entende, deixou-o bern evidente, nestas mesmas columnas, o claro espirito do presidente Epitacio Pessõa.

DONDE PROVÉM A DIVERGENCIA ?

Donde provém a divergencia ? de duas graves falhas no feitio mental e politico da grande Republica do Norte.

E' o primeiro, de tudo fazer plataforma eleitoral, na mesma politica interna. Ora, as relaçõeS exteriores não podem, nem devem ser obra de partido, sinão encargo nacional de todos elles.

E' o segundo, que, nas massas populares, as que decidem pelo voto, o mundo começa e acaba nos Estados Unidos. Difficilmente se encontrará paiz em que mais se ignore o universo, fóra delle. Claro, não nos referimos ao escol nem aos especialistas, e sómente ao homem médio, o "man in the street". Para seduzir a este, e obter-lhe o suffragio, é mister falar-lhe a lingua, afagar-lhe o sentimento estreitamente nacional, agitar-lhe ante os olhos os interesses subalternos, mais facilmente comprehendidos e partilhados.

E' situação, entretanto, que o progresso corrigirá.
Já está a caminho, não grado emphaticas denegações.

E a patria de Wilson lhe honrará a criação.

Taes são os votos sinceros e profundos de todos os
amigos da grande Irmã do Norte, e da humanidade.

Março de 1925.

O FASCISMO

OS PROBLEMAS

Artigo recente da "Foreign Affairs" chama a atenção dos paizes occidentaes para os factores trazidos ao memento dos negocios internacionaes pelo advento triumphal do fascismo na politica interna da Italia.

Sabe-se o alto valor moral e technico desse periodico. São seus mantenedores, trezentos dos membros do Conselho de negocios estrangeiros nos Estados Unidos. Não n'a inspira interesse partidario. É objectiva, impessoal, e redigida por altos espiritos de competentes.

É de facto opportuno o aviso. Não exaggera quem diz aclar-se, neste aspecto da actividade da Consulta, seria e grave interrogação para o desenvolvimento das relações pacificas mundiaes do grande reino mediterraneo.

Para os paizes de immigração, mais avulta o problema, pelas crescentes interdependencias oriundas do grande affluxo de italianos.

Quanto ao Brasil, a experiencia tem demonstrado que os melhores collaboradores de nosso progresso vêm da Europa: italianos, portuguezes, allemães, em primeira linha; hespanhóes e slavos, logo depois.

Dos primeiros podemos dizer que já não constituem estrangeiros, para nós, taes a rapidez de assimilação e o concurso que nos trazem.

As admiraveis qualidades de labor, de poupança de esforço por se elevarem, realisaram em sua patria originaria o surto maravilhoso consequente á unificação de

1870, e de um manto de retalhos de ducados, principados e reinos quasi insignificantes, fizeram a grande potencia que, hoje, a casa de Saboia rege.

MILAGRE LATINO

Si, em politica, se pôde falar de um milagre latino, é esse, certamente, a creação da Italia moderna, forte materialmente, irradiante de intelligência e de vida, com a fronte coroada de antigos louros, que soube e sabe mais uma vez tornar virentes. Compare-se a situação, já não digamos de hoje, mas das vespéras da Grande Guerra, com a dos dias anteriores á acção combinada de Cavour, de Mazzini e da casa de Saboia para sómente citar os nomes de mais destaque, e apreciar-se-á o caminho andado e a capacidade realisadora immanente naquelle povo admiravel.

Essas mesmas virtudes civicas e sociaes, aqui tem exercido com a mesma intensidade influxo egual. Devemos-lhes, nas zonas onde se implantaram, uma acção despertadora das energias proprias do elemento nacional, um tonus intensificador da vida local, uma como que revivescencia de fermentos a redobrem o vulto e a força viva das manifestações da sua actividade de todo genero. Com sua collaboração, ampliou-se o horizonte nacional, e subiu de nivel nossa existencia collectiva.

Concorrem ainda, e poderosamente, para melhorar a constituição ethnica de nosso povo.

O TRABALHADOR NO BRASIL

Pelos factores determinantes de nossa formação historica, a primeira tarefa que se impoz ao principeregente d. João, recém-immigrado, mesmo sem que este

a discernisse, foi a abolição da escravidão e de seus corolarios. Não erra quem fixa 1808 para data inicial da campanha por sustar a vinda dos contingentes africanos e por branquear a pigmentação média dos habitantes do Brasil.

Os imigrantes europeus foram elemento predominante desse processo de mescla racial, do qual derivamos. Pelo maior volume da corrente vinda da Italia, a esta cabe, e, provavelmente, caberá primasia no phenomeno. Faze duplice tem a cooperação: substituir, até eliminar, o trabalhador negro ou mestiço pelo branco; cruzar este ultimo e os mestiços em gráo vario de dosagem de sangue, mas principalmente com os de mais evoluída aryanisação (adoptemos por amor á brevidade o termo *inexacto e improprio*).

De anno para anno, por esta forma, se accentua o alvejamento, e, hoje em dia, podemos assegurar que dentro em prazo curto, pelo augmento do factor caucasico e pela inexistencia de immigrações pretas, a população do Brasil será branca em sua esmagadora maioria. O problema negro terá desaparecido como até agora tem sido solvido: por absorpção. Delle não decorrerão as graves incognitas, existentes em paizes outros, e, racialmente, não restarão perturbações maiores do que as vigentes na Europa, oriundas das características negroides de algumas de suas primitivas raças prehistoricas.

Neste grande processo ethnico, repetimos, os europeus têm papel principal, e, entre elles, os filhos da península.

ELEVAÇÃO DO NIVEL DO IMMIGRANTE

A seu turno, estes sentem e reconhecem a evolução para niveis mais altos que decorre de sua vinda á America. Cessou para elles a situação de angustia economica em que

viviam. Elevou-se immensamente seu padrão de existência. Socialmente, pela instrução, pelo conforto, pelo horizonte mais largo que dominam, cresceu-lhes o valor humano. Tornaram-se excellentes brasileiros, collaboradores conscientes, entusiasticos e preciosos, da ascensão progressiva da nova patria.

O poder assimilador da terra conquistou-os. Sempre affectuosamente lembrados de sua origem, estão hoje de preferencia ligados a seu novo "home". Talvez em nenhum estrangeiro, nem mesmo no portuguez, se dê tão rapida a integração na terra adoptiva.

A segunda geração, essa, exaggera a nota e chega ao jacobinismo. Não ha cidadão mais ardente, leal e patriota do que o italo-brasileiro, que allia ao amor pelo novo torrão, o saudoso affecto e a gratidão real á origem peninsular, cujas solidas e antigas virtudes e qualidades procura firmar e desenvolver na jovem America. Sem sombra de nostalgia, antes com a energia alerta e sadia de uma força psychica, cultua o passado mas está indissolivelmente ligado ao presente. Basta examinar o irrepressivel crescimento das relações de todo genero entre os dous paizes, para o provar de modo irretorquível.

E' o que explica o duplice sentimento com que os factos politicos recentes foram recebidos: satisfação e orgulho por tudo quanto engrandece a longinqua terra avoenga; mas satisfação que salienta a um tempo a afinidade racial e o alheamento nacional. E' a alegria pela felicidade de outrem, ou o compartilhar de dores do parente afastado; mas inflexivelmente mantida a separação das economias de cada grupo.

Dahi, a agitação meramente epidermica produzida pela victoria fascista. Ao contrario do que se dá na bacia do Mediterraneo, reboante até hoje das grandes

recordações latinas, o desejado *mare nostrum* de sonhadores excessivos a relembrem a thalassocracia itálica sucessora de Cartiago e a augusta paz romana, nos meios americanos não encontra écho a velha tradição.

FRACA REPERCUSSÃO NA AMERICA

Fasces, hictores, saudação de braço estendido e mão espalmada, suggerem e commovem litterariamente, como reconstituição de um periodo sepultado que se intente exhumar. Póde ser, o que ignoramos, realidade viva na Europa. Aquém-Atlantico, a emoção é outra: a de uma visita a sanctuarios desertos; o anachronismo agudo de tentar restituir a Leptis Magna, por exemplo, o bulicio e a vida dos tempos de Septimio Severo.

Arte o muro veneravel de Orange, das arenas de Arles, do Colosseum inegalavel, representa-se a tragedia antiga; mas irreprimivel é a sensação de que o tempo não regrediu, e que o passado, piedosamente evocado, embora, e sumptuosamente reconstituído, passado fica.

Em momentos fugidios, *Prometheu agrilhado*, *Electra*, as *Troyanas*, revivem a existencia artificial dos palcos. Não voltam, porém, as épochas de *Eschylo*, de *Sophocles* e de *Euripides*.

A tradição, por certo, é força formidavel, de conservação e de progresso, a um tempo. Mas cumpre distinguir entre o que, nella, é permanente e vale, por assim dizer, pelos imperativos subconscientes do grupo historico, e o elemento caduco, variavel com o tempo e as phases sociaes.

Nívelar os dous conceitos, leva a situações em que só o equívoco impera.

Imitar méros gestos dos primórdios da éra christã não emprestará força nem capacidade realisadora aos descendentes de Roma. Quando muito, o traço pittoresco agrada ao senso esthetico de alguns eruditos, ou inspirará o clangor das formulas ôcas, tão do gosto de multidões sentimentaes e saturadas de antigas visões de grandeza. Isto, entretanto, será sempre vazio e innocuo. Discutível, mesmo, nos dias que correm, à luz das novas investigações historicas, tal imperialismo systematico e originario: mais do que intencional, talvez se possa considerar-o consequencia da defesa propria e do chamamento de povos outros, esmagados por tyrannias locais.

OS FACTORES REAES

Questões de tempo e espaço, em que a superioridade das legiões, a rêde da viação romana, o admiravel senso de organização, e, para a época, a excellente administração provincial do Imperio, militavam em favor dos vencedores da Hellade portentosa. Inda assim encontraram Partias e Germanos, cuja vontade, a serviço do meio hostil aos forasteiros, logrou repellir aos invasores.

Nos dias actuaes, porém, em que os recursos nacionaes não differem senão quantitativamente, e os accórdos entre povos fortalecem os menos fortes, uma orientação systematicamente conquistadora levaria em direitura ao desastre o paiz que a quizesse seguir.

Não é essa por outro lado, a característica essencial da psyche romana. A organização, o espirito claro e fecundo, a tolerancia, a actividade intellectual e o pendor administrativo preciso e justo, a subtileza do engenho politico, são os elementos da irradiação, de pura auréola espiritual, que sagraram eterna a cidade das sete col-

linas. Esse, o predomínio ethico e de intelligencia que, combinado com o ideal hellenico de belleza, faz com que se ufanem todos os povos occidentaes de lhe ter obedecido á luminosa projecção.

Particularisando o caso brasileiro, não somos, través a mentalidade franceza, herdeiros tambem da cultura greco-latina ?

Agitar accessorios theatraes dos fastos consulares, só servirá para impressionar massas e imaginações. As multidões são conduzidas por sonoridades e por ficções, com que chefes privilegiados e suggestionadores sabem dominar e ferir a emotividade collectiva.

Não nos illudamos, entretanto. Tal scenographia não passa de fachada, atraz da qual se trava a acção verdadeira. Mas qual será esta ?

AS ORIGENS

Quatro grupos de phenomenos lhe servem de base. Uns, vindos de tempos remotos quasi contemporaneos da *Roma quadrata*. Outros, mais recentes.

Enumeremo-los, antes de lhes estudarmos o influxo.

E' o primeiro a pobreza da Italia, como producções e riquezas mineraes, deficiencia que torna dependente do estrangeiro o manter sua população, rapidamente crescente. Era a *res frumentaria* a preocupação capital do antigo Lacio e, depois, do Imperio; tributos pagos em trigo, conquistas das terras cerealíferas, a *annona*, os cargos repartidores da mesma, traduzem a difficuldade permanente da alimentação das populações. Hoje, não mais possivel tal politica de illimitado imperialismo, o aspecto da questão mudou: é o anseio por possuir colónias, que sustentem a metropole e lhe absorvam os excessos de gente.

O segundo é a interrupção havida no grande movimento nacional do *risorgimento*, parada pela qual se não pôde integrar a unificação italiana, mantido desde 1870 o grave problema do *irredentismo*, essencialmente justo em sua origem.

Constituiu o terceiro a ameaçadora situação dos espíritos após os tratados consecutivos á paz de Versalhes, feridos e maguados os sentimentos da península pelas desilusões soffridas, e por obscura e confusa noção de que fôra victima de grandes injustiças, desconsiderações e ingratidões.

Finalmente, no ultimo factor encontramos o reflexo da crise geral vigente na Europa e alhures, decorrente da fallencia parlamentarista e do perigo bolchevista.

Examinemos agora como agiram taes parcelas, quer isoladas, quer em conjuncto.

ACÇÃO DESSES ELEMENTOS

Vem de longe o impulso inicial.

Quando, após a guerra de 1870, foi elaborado o tratado de Frankfort, Bismarck, vencido pelo grande estado-maior prussiano, incluiu a clausula annexando a Alsacia-Lorena, estipulação que repugnava á sua clarividente intelligencia de estadista de escól.

Essa, a causa de todos os males subsequentes.

Espirito practico, acima de tudo, por ella conformou sua acção. Vendo a rapidez assombrosa com que a França convalescia de seus desastres, antecipando pagamentos da indemnisação de cinco bilhões, comprehendeu o desassociego dos meios militares germanicos. Não podia impedir as consequencias da malavisada annexação, o forte desenvolvimento do animo *revanchard*; mas estava em suas mãos

aniquilar o paiz tão cedo resurgido: dahi, a projectada guerra de esmagamento francez em 1875, a qual só se não levou a cabo pela intervenção pessoal da rainha Victoria e do tsar Alexandre II. Inglaterra e Russia, arrependidas de sua attitude abstencionista na guerra franco-allema, e comprehendendo o erro então commettido, estavam accordes em que uma França forte e prestigiosa era elemento essencial para o equilibrio europeu.

Falha a tentativa premeditada, recorreu o chanceller de ferro a outro processo: afastar do continente para regiões mais longinquas a actividade politica da grande vencida. Suggestiu, afagou, animou, prometteu auxiliar a expansão colonial, que novamente se desenliava.

Com isso, colhia numerosas vantagens: lisonjeava o espirito de *panache* de uma nação briosa, ainda humilhada pela derrota; canalisava actividades bellicas para pontos distantes do Rheno; collaborador incontestavel de reaes aspirações gaulezas, lançava o paiz no cipoal das aventuras coloniales e das rivalidades dos demais pretendentes a territorios africanos ou asiaticos; entre todos os governos colonisadores, semeava assim germens de sizania com a França. Prestando homenagem a esta e a seu valor, desviava-lhe os olhos da fronteira hypersensivel de 1871; enfraquecia-lhe, em páramos remotos e empresas aleatorias, os recursos em homens e em capitães; suscitava-lhe, na propria Europa, adversarios terriveis.

O exito da expansão franceza, a cujo renascimento presidiu indirectamente o grande *junker*, talvez não estivesse nem na sua previsão, nem menos nos seus desejos. Pouco o incommodaria, contudo, pois só em fins de sua longa carreira começou a comprehender o alcance formidavel da era que se abria, e dos impulsos que havia favoreado.

TUNIS

E assim se deu, em 1881, a occupação de Tunis.

Sabia perfeitamente o velho couraceiro branco a grita indignada e a hostilidade intransigente que tal facto ia provocar, na Italia, a viver a tradição romana das guerras punicas, da Africa latina, precisamente nesse ponto onde maiores haviam sido suas victorias e suas glorias.

Esta era, entretanto, uma de suas melhores peças no xadrez internacional: incompatibilisava duas nações do mesmo sangue, nas quaes a lembrança da campanha unificadora poderia crear liames mais fortes: matava no nascedouro aproximações possiveis, e de uma amiga fazia odiento adversario; isolava a França cada vez mais.

Era este seu modo de servir a civilização; ou melhor, de tornar a Allemanha arbitro da hora, senhora tambem da paz ou da guerra no Velho Mundo.

Houve mais, contudo. O protectorado francez em Tunis lançou a Italia nos braços da Germania, inimiga da Terceira Republica, e fez-a adherir á alliança austro-allema existente desde outubro de 1879. O tratado do Bardo é de maio de 1881; a adhesão italiana e a formação da Triplice-Alliança, de maio de 1882.

Por esse tempo, para acirrar conflictos entre a França e Italia, grandemente contribuia a actividade indiscreta e mal orientada do episcopado francez, a exceder-se em invectivas. Já em janeiro de 1874, o duque Decazes fôra obrigado a pedir excusas á Allemanha pela intemperança de linguagem com que certos bispos se referiam ao Kulturkampf. Quanto ao novo reino mediterraneo, os ataques eram constantes, no sentido de provocar a França a restabelecer o poder temporal da Santa-Sé.

FUNDAÇÃO DA TRIPLICE

Tunis e a campanha religiosa cooperaram decisivamente para a fundação da Triplice.

Embora essencialmente defensivo e realmente pacífico em seus intuitos geraes, cada potencia signataria desse pacto tinha sua interpretação peculiar. Para a Allemanha, era consolidar as conquistas de 1866 e de 1870, impedindo-se formasse qualquer grupamento politico que pudesse pôr em perigo os fructos da victoria allemã. Para a Austria, era arma contra o slavismo, quer o da Russia, o da propria monarchia dual ou dos Balkans. Para a Italia, constituia revide aos assaltos do ultramontanismo francez, e á conquista do littoral africano.

Não acudiu desde logo, ou então se julgou adiavel ante a premencia da investida gauleza, a funda antinomia existente entre a *aliança com a Austria* e o irrepresivel sentimento nacional pelas terras escravizadas do fundo do Adriatico e do Trentino, captivas dos antigos e detestados senhores de Vienna.

E' um dos maiores titulos de glória e de respeito da diplomacia republicana franceza ter conseguido, a poder de habilidade, largueza de espirito e visão politica, modificar a situação por fórma tal, que a intimidade dos dous paizes chegou a despertar fundas suspeitas nos outros membros da Triplice, principalmente na Ballplatz.

Data a reacção, da presidencia Grévy e do ministerio Jules Ferry, ambos partidarios convencidos da pacificação dos espiritos. Data, ainda mais, do grande papa Leão XIII, o qual mantendo integra a grande herança tradicional da Sé Apostolica, ordenou ao clero francez cessasse suas aggressões contra o governo estabelecido. Fez-se obedecer.

Na paz interna, livre de ameaças a soberanias estrangeiras, poude a França republicana iniciar sua obra de aproximação.

Em livro recente, Jules Cambom salienta quanto valeram para esse fim os diplomatas enviados a Roma. Canille Barrère, entre outros, foi o grande obreiro dessa reconstrução do prestigio de sua patria na Cidade Eterna.

Foi recompensada sua operosidade indefessa. Após alguns annos, já sabia o Quai d'Orsay que a Consulta não mais considerava principio basilar de sua politica externa o odio e a desconfiança contra tudo quanto viesse de Paris. O tratado commercial de 1898, o de amizade de 1900, a visita do presidente Loubet a Roma, as affirmações officiaes da impossibilidade de serem inimigas e contrapostas as duas nações, são etapas successivas dessa róta apaziguadora.

Ante o "flirt", mesmo, que se estabeleceu entre os dous povos, observações reservadas iam de Vienna a Berlim, e, nesta cidade, echoavam no Reichstag, sobre os exaggeros de tal intunidade. O principe de Bulow, então chanceller, sahü-se da difficuldade com um dito de espirito: "um marido bem educado não deve formalisar-se, si sua mulher dá um *tour de valse* com um convidado".

E' que sabia do feitio especial da diplomacia italiana, de seu pronunciado pendor pelas *combinazioni* elegantes, de seu desejo de relativa autonomia dentro no quadro pacifico e defensivo da Alliança. Sabia tambem que, si a Italia tinha cordialidade e confiança nas suas relações com a Wilhelmstrasse, não era inteiramente similar a situação para com a monarchia de Francisco José.

O que não impediu, aliás, que, sendo a Austria, em Algeiras, o *brillant second* do imperio allemão, a Italia, sem faltar a seus deveres de alliada, poude prestar á

Europa o relevante serviço de discretamente atenuar asperzas, contornar dificuldades e facilitar o accôrdo final, mesmo quando tivesse de contrariar vistas de Berlim.

Relembrar taes factos é mostrar que, na Triplice, as posições dos signatarios tinham características proprias. Berlim predominava, attendendo por vezes ás suggestões de Vienna. Por amor á collaboração austriaca, a Allemanha mais de uma feita pôz Roma em cheque; ou, por deliberação de ambos os Imperios, a Italia não era ouvida. Compensação natural, assumia esta uma posição mais livre, menos agrilhoada dentro no pacto, que ella interpretava mais liberalmente.

FORÇAS DISSOCIADORAS DA TRIPLICE

Não era cousa excepcional na Alliança tomarem-se iniciativas da mais alta importancia, sem que fosse ouvido o alliado latino. Assim procedera Aetrental, em 1908, ao annexar a Bosnia e a Herzegovina. Assim procederia ainda Berchtold, em 1914, ao lançar o ultimatum á Servia.

Emquanto toda a manobra, os detalhes da operação, se discutiam e fixavam entre as duas monarchias germanicas, a Italia era cautelosamente posta á margem, na ignorancia inteira dos successos.

Duas razões capitaes motivavam tal modo de agir. Não havia confiança na acquiescencia de Roma, pois já ella se havia opposto a uma aggressão á falsa fé contra Belgrado, pouco tempo antes, em 1913. Além disso, ante um acto dessa natureza, que, possivel ou mesmo provavelmente, desencadearia a guerra por toda a Europa, devia prever-se algum pedido de compensação para o reino peninsular. Sabedora dos reclamos irredentistas, preferiria a Austria não agitar a questão. Da victoria final, ninguem

duvidava, ainda que, pelo jogo dos accôrdos e das alianças, tivesse de se generalisar o conflicto. Convicção geral era de que, mesmo neste caso, bastavam, para vencer, as forças dos dous imperios.

Que se não tratava de um *casus foederis*, era opinião unanime na Europa: não houvera ataque a nenhuma das potencias triplicistas; nos factos a se desenrolarem, a Italia não fôra ouvida.

O alvitre a adoptar era a neutralidade, repetiam os elementos liberaes, socialistas á frente; accrescentando estes que, na occurrencia, estavam em jogo interesses mesquinhos de organizações capitalistas, ás quaes o pensamento social mais adeantado não podia auxiliar.

Não foram tão promptas a se decidirem as rodas governativas, quer as que occupavam o poder, quer as que já o tinham exercido. Todas ellas representavam uma geração que, em diplomacia, havia terçado suas primeiras armas sob Depretis e, principalmente, sob Francesco Crispi. Com raras excepções, para ellas era ponto de fé ter a França e a Inglaterra como adversarios com os quaes só occasionalmente, e com programmas limitados, se podia collaborar politicamente.

SYMPATHIAS FRANCO-BRITANNICAS

As sympathias por esses dous paizes só haviam nascido com a geração seguinte, que não tinha presenciado a phase de conflictos e agastamentos odientos de 75 a 95.

Era sobre aquella camada de estadistas, cheios de idéas preconcebidas e peremptas, que, em 1914, pesavam as responsabilidades do governo.

Ao marquez de San Giuliano, tímido e fraco, cabia a direcção da politica externa, na qual embora fosse clara

sua visão dos factos, nunca soube com energia assumir rumos definidos, nem se livrar inteiramente de axiomas e de normas que datavam da éra de Crispi.

Fosse qual fosse a orientação ulterior, a desconsideração feita á Italia, na conjunctura gravissima do ultimatum sérvio, melhor fôra não ter sido tolerada. Rôta a Triplice nesse momento, nada teria impedido tratar mais tarde, logo em seguida mesmo, com os antigos alliados; mas de cabeça alta, e sem a diminuição de, por um instante sequer, pairar a duvida de que não ouvir o reino significava sua posição de vassallagem, ou menospreço de seu parecer.

Mais clara, tambem, houvera ficado sua attitude internacional, pois mais tarde se accusou a Italia, com a maior injustiça embora, de ter accito os factos, e, em seguida, á mercê de suas conveniencias ter passado de um para outro campo. O romper da Alliança em Julho de 1914, sem alterar a essencia dos sentimentos da monarchia saboyarda para com os Imperios Centraes, teria conferido á primeira prestigio maior e auctoridade accrescida em sua acção ulterior.

San Giuliano não era homem para taes rasgos. Levava-o sua indole a temporisar. Hesitou. A seu espirito esclarecido e arguto era patente que se abria época nova remodeladora na historia da Europa, talvez na do mundo. Queria, pois, manter livres seus movimentos e não ter a mão forçada por acontecimentos em que não interviera.

Ameaçava desencadear-se uma tempestade, á qual, por prevê-la, já a Italia se havia opposto pouco tempo antes. Desta vez, após Serajevo, fôra evitado o véto da peninsula, pondo esta em face do facto consummado do ultimatum. Nem legal, nem moralmente, cabia á Consulta a menor solidariedade na decisão tomada. Mais do que isso, Estado soberano e nunca vassallo, nada o obrigava a seguir passivamente o golpe austro-germanico no taboleiro balkanico.

Era-lhe inteiramente livre a escolha da política a adoptar. Fê-lo, inspirando-se no que o presidente do conselho Salandra definiria mais tarde *il sacro egoismo*, dando nome pomposo á mola real preponderante da política internacional de todos os tempos e de todos os povos.

Começou a sondar as potencias triplicistas. Os alvos de Roma eram, desde sempre, dar fim ao *risorgimento* pelo resgate das terras irredentas; a tal necessidade accrescera mais recentemente a questão do superpovoamento nacional, isto é, a aquisição de colonias.

Mal succedida a primeira tentativa na Abyssinia; tarde chegada na *curée* das terras partilháveis africanas, onde Tripolitania e Cyrenaica pouco promettiam; com perspectivas limitadas si é que existiam, no Dodecaneso; só se lhe ampliariam os horizontes, em se redistribuindo territórios da Asia e do Continente Negro, já apossados por outros paizes europeus. Como fazê-lo? devia ser a base das perguntas a esses governos. Iniciou logo gestões, em Berlim e em Vienna.

Cedo verificou que, nesta última cidade, se não queria sequer admittir a hypothese de cessão territorial qualquer, e que a Allentanha não exerceria a menor pressão sobre sua alliada em favor da Italia. Não quiz esta dar a partida por perdida, entretanto, e esperou que o tempo e as necessidades impostas pela lucta imminente modificassem a situação, attenuando intransigencias. Decidiu-se, então, pela neutralidade.

Convinha detalhar o facto, pois Giolitti, Salandra e seus amigos foram accusados de terem adherido ao neutralismo, á espera de uma solução que lhes permitisse fortalecer a Triplice, contra o sentimento nacional dominante.

Parece infundada a censura. O alvo era realisar o ideal do paiz nos limites com a Austria e na aquisição de colonias. Tanto poderiam fazê-lo com um, como com outro

grupo dos belligerantes em perspectiva. Si fosse de accôrdo com os Imperios Centraes, o Trentino e mais alguns districtos seriam de boa mente cedidos, e os territorios coloniaes novos sahiriam dos despojos tomados aos Alliados occidentaes. Na hypothese opposta, as terras irredentas seriam conquistadas á Austria, e a expansão na Asia e na Africa teria logar á custa da Allemanha. Preferiam a solução, ao lado da Triplice, prolongamento da politica tradicional e vigente. Militavam varios motivos para tal, mas o mais ponderoso era a convicção de que nada resistiria ás forças allemãs.

Para conservar a Italia, contudo, liberdade de manobra, devia ganhar tempo, não romper com paiz algum, e preparar-se para intervir com elementos preponderantes quando, mutuamente exgottados os adversarios, pudesse então formular suas condições, as condições de quem seria no momento o unico possuidor de força decisiva para fixar a victoria. Neutralidade armada, portanto. Nesse ponto se firmou a conducta official da Consulta.

Tudo se fez opportunamente. Declarou-se a neutralidade. A França, em tempo util, soube que não precisaria defender a fronteira alpina, tanto que, no Marne, figuraram corpos de exercito cuja função normal seria conter a Italia, caso fosse inimiga. Desde 25 de Julho de 1914, estavam avisados tambem os governos da Triplice do ponto de vista de sua alliada, neutra por força das proprias circunstancias.

HESITAÇÕES DA ITALIA

Assim passaram as primeiras semanas da guerra sem que cessassem os esforços junto aos Imperios, no sentido de se chegar á cessão das terras italianas em poder da Austria.

Ahi sobreveiu o grande abalo da batalha de Joffre. Foi surpresa sem igual para os mais sinceros triplicistas verificarem que a *ruée* germanica fóra contida, vencida e obrigada a estacionar e recuar. Houve subita e funda mudança de valores. Desappareceu a noção da invencibilidade do grande estado-maior prussiano.

Concomitantemente, vinham chegando informações das duas cidades imperiaes de que era definitiva a recusa de discussão e de entendimento sobre devolução á Italia de qualquer trecho austriaco. Póde-se fixar como periodo crítico dessa desillusão para o reino, a segunda metade de Setembro. De facto, desde o dia 16 começam as iniciativas e trocas de vistas entre ministro e embaixadores alliados para se realisarem com outro agrupamento internacional as tradicionaes métas politicas de Roma. Nunca, entretanto, permittiu a hesitação official fossem os "pour-parlers" além de simples formulação de projectos.

Houve duas phases no modo de entender a cooperação: a de San Giuliano e a de seu successor, o barão Sydney Sonnino.

Pensava o primeiro, com acerto, que o adversario principal da Italia era Vienna. Queria que fosse ao extremo a lucta contra a monarchia dual. Alvitrava que, com a Servia, se fixassem os termos da partilha dos territorios do fundo do Adriatico e de suas costas Orientaes. Achava de alta vantagem uma garantia mutua entre vencedores, valida por prazo razoavel. Quanto á epocha da intervenção, pensava deveria coincidir com a da Rumania. Na razão a invocar para agir, encontrava elle agora a difficuldade decorrente de sua attitude hesitante de Julho de 1914. De vigencia curta foi essa orientação, um mez apenas, pois subitamente morria o ministro, a 16 de Outubro, e nesse prazo não conseguira elle vencer sua dubiedade sobre o partido a tomar.

Sonnino, seu successor, tinha outra tempera e outro conceito do caminho a seguir. Era um luctador, e queria realizar suas idéas.

Triplícista convencido, de um lado, não tinha confiança em alianças duradouras com outros paizes. França, principalmente, só podia ser episodio transitório, na sua cooperação com Italia. Para o novo ministro, o ideal seria negociar uma neutralidade compensada.

Si chegasse a accôrdo com a Triplice, a remuneração consistiria no Trentino e em mais alguns districtos, por parte dos governos centraes, e, após a prevista victoria, territorios anglo-francezes; com suas forças intactas, e sem combate, o reino assumiria posição mais forte no mundo, e nelle pesaria decisivamente.

Si a situação o obrigasse a tratar sómente com os Alliados occidentaes, os mesmos resultados se conseguiriam, apenas com ligeiras variantes: as terras austriacas seriam conquistadas, e os territorios coloniaes proviriam do acervo allemão. Talvez, também, houvesse vantagem em estabelecer pactos de neutralidade bilateraes, com ambos os sistemas belligerantes. Várias modalidades se podiam imaginar.

Em qualquer das hypotheses, mesmo que se houvesse de assumir compromissos de intervenção armada, conviria reduzir ao minimo o esforço combatente italiano, deixando ao reino forças que, na paz, pudessem por seu vulto influir nas deliberações finais. Si o accôrdo se tivesse de firmar com Londres e Paris, agir de modo a que não impossibilitasse mais tarde a formação de uma nova Triplice central.

As contradicções de taes attitudes eram obvias, mas não impediam que Sonnino prosseguisse nas tentativas, tanto mais quanto as pretensões do Adriatico, limitadas

em um caso, no de tratar com Vienna, cresciam desmedidamente no outro, e constituíam ameaça intolerável para a Servia, e os Slavos do Sul da Austria.

A ITALIA, AO LADO DA ENTENTE

O fim de 1914 e o início do anno seguinte passaram-se em ensaios de accôrdo com os antigos socios da Triplice. Naufragaram todos, ante a obstinação e a falta de visão politica de Francisco José e de seus auxiliares. O velho odio á Italia poude mais do que o sacrificio judicioso a bem da victoria commum. Fevereiro e os primeiros dias de Março de 1915 marcaram o sossobro de qualquer plano dessa natureza.

Voltou-se, então, Sonnino para Oeste. Apesar de muito discutirem, sempre houve convergencia de opiniões, que se concretisaram no Pacto de Londres, de 26 de Abril desse anno. Já aqui o aspecto da questão mudára: o avanço italiano no Adriatico abrangia Zara e Sebenico, deixando Spalato á Servia, e partilhando a meio as ilhas dalmatas.

Quando, em Maio, se divulgou o pacto, que se combinára manter secretissimo, o effeito foi desastroso nos meios slavos dos Balkans e da Austria do Sul: era um imperialismo italiano a substituir o austriaco, diziam elles. O sentimento intimo do diplomata italiano ahí se revelava. Para elle, a Servia, mais do que Vienna, era o inimigo, pois atraz della enxergava a Russia a caminhar para os Balkans e os Estreitos, enquanto dos Habsburgos e da monarchia dual pensava como Beaconsfield no Congresso de Berlim, em 1879: si a Austria não existisse, devera ser inventada. Parece procedente essa observação do professor G. Salvenuni sobre a "Diplomacia italiana durante a guerra".

Faceis de avaliar, as difficuldades trazidas á Entente por tal orientação: arrefeceu o esforço servio, e amorteceram-se as sympathias slavas. Mas Sonnino nunca variou desse ponto de vista. Resistiu a todas as iniciativas para chegar a entendimento com os infelizes servios. Ajuda nos ultimos dias da guerra, subsidiava agitações em favor dos Habsburgos e contra Belgrado, afim de se reconstituir o velho Imperio.

FALLENCIA DOS PLANOS DE SONNINO

Destino ironico deste estadista, de tanto valor por outros titulos, foi ver desmentidos pelos acontecimentos todos os seus projectos, todas as suas previsões, todos os seus alvitres.

Prevía guerra curta, na qual a intervenção italiana, subitanea e fulminante, lhe permittiria ser a unica potencia ainda poderosa e capaz de dictar as soluções, quando as demais já estivessem exhaustas. Prevía a manança da Austria. Não queria auxilio aliado excessivo, para não perder a supremacia propria. A cooperação com a Entente não devia ser intima de mais, de modo a que se não prolongasse além das guerras; tanto assim, que officiosamente fazia sentir ser méro "allié provisoire".

Confrontem-se os resultados com taes premissas: guerra de quatro annos; sacrificios inauditos em homens e recursos, além de toda previsão, deixando o paiz exaurido; Austria, a bem dizer riscada do mappa; colaboração franco-ingleza, após Caporetto, e até a reconstituição das forças nacionaes.

Apesar de tudo, dos factos que o desmentiam, das novas correntes politicas, a seguirem alvos novos, do divorcio crescente entre programma inicial e sorpresas

da guerra; apesar de tudo, crispava-se Sonnino em seu primitivo conceito, e se atinha ao Pacto de Londres, já caduco pelo trágico perpassar dos tempos.

Quando os Estados Unidos entraram na lucta, e os pontos de vista de Woodrow Wilson se tornaram conhecidos, alentando os povos que se haviam sacrificado pela independência própria e pela liberdade do Mundo, e Slavos dos Balkans e da Austria cobraram novo ânimo, revelon-se o alysmo, que separava as duas mentalidades, a idealista do Norte-Americano, a méramente imperialista do diplomata.

Era o momento preciso de trocar idéas com as grandes victimas balkanicas, e attender aos convites tão urgentes, patheticos e conciliatorios de Paschitch. Recusou mais uma vez, sem prever que, agarrado ao documento de Londres, seguiria para a Conferencia da Paz apenas como representante de uma situação politica e de uma solução que os factos novos não mais comportavam.

O peor era que, por todos os modos, o povo da peninsula fôra mantido em erro, sem se lhe explicarem as grandes alterações sobrevindas. As esperanças, ao nível dos enthusiasmos "chauffés à blanc" não assentavam, nem podiam assentar, em base practica plausivel de accôrdos admissiveis, tanto os acontecimentos haviam variado e evoluido ! . . .

DESILLUSÕES DA ITALIA EM VERSALHES

Uma immensa desillusão se preparava.

Não teve Sonnino a ductilidade de espirito, a "souplesse" de acção, a agudeza de visão politica, necessarias para comprehender a mudança de scenario. Apresentou-se em Paris como um espectro, 1915 já morto e esquecido,

a querer dar regras ao tumultuar da vida em 1919... Não havia despedido as avitas antipathias contra França e Inglaterra, então suas alliadas, embora provisórias como salientava. De Woodrow Wilson, por suas manifestações liberaes e favoraveis aos povos opprimidos, belgas e slavos entre outros, considerava-se inimigo.

Foi quando a Entente lhe deu o troco da sua insistentemente proclamada "alliança provisoria". Mantinham por inteiro seus compromissos de 1915 em Londres, mas incumbiam a Sonnino de convencer o presidente yankee da oportunidade e da justiça das estipulações, já velhas de quatro annos, quatro annos de guerra sem par, estipulações peremptas para força esmagadora dos destinos. E, quanto a entendimentos novos, estariam promptos sempre a estudal-òs com espirito de equidade e de amizade para com todos os povos alliados.

Era o mallogro forçado do pacto londrino.

Difficil é descrever o oceano de amargura em que se abysmou a Italia, após os tratados de paz. Ferida em seu amor-proprio e em suas aspirações; convencida de ter sido ludibriada e menosprezada; revoltada pela certeza em que estava de ter sido injustamente attendida, olvidados os immensos sacrificios a que havia consentido; foi contra seus homens publicos que se voltaram suas iras vingadoras, tanto quanto contra os demais governos participantes da Conferencia.

Tinha razão, em parte: houvera graves erros commettidos na apreciação dos acontecimentos, e nem sempre a Nação fôra exactamente informada da desproporção, sempre existente, entre desejos e possibilidades. Nesses grandes movimentos sentimentaes, não ha nem pôde normalmente haver justiça absoluta.

Como esperar que, em um conicio de tantos povos, todas as aspirações de qualquer delles possam lograr

satisfação inteira? Isso, entretanto, é razão, calma, reflexão... e nada de tal fôra humano ou logico pensar se aciasse no grande desmoronamento do intenso anseio nacional pela redempção das terras captivas e pela expansão colonial...

Menos ainda, em se tratando de povo ativo, de alma imaginativa e exaltada, com a sensação candente, certa ou errada pouco importa, de ser victima de injustiça e de menospreço.

E passou, por toda a península, formidavel e duradouro fremito de coeira sagrada, prenuncio de revoluções politicas e sociaes em nissão justiceira.

DESPREZO DOS COMBATENTES CONTRA OS EMBUSQUE'S

O profundo desassocego resultante dos resentimentos italianos no theatro internacional ja poderosamente influir em um meio no qual lavravam-se intensas perturbações oriundas de causas outras.

Conquistada pelo *risorgimento*, a unidade fôra o triumpho de uma minoria pensante, na qual visão de homens de Estado e energia de patriotas integralistas haviam vencido as tendencias separatistas e dispersivas que, desde a quêda do Imperio Romano, tinham retalhado a península em uma pulverisação de soberanias minúsculas.

Finda a campanha, os germens de individualismo excessivo invadiriam outro terreno.

Intangivel a obra de 1870, na disputa partidaria do governo se manifestaria a vitalidade combativa dos politicos. E, entre a multiplicidade de grupos que então surgiram, se estabeleceu verdadeiro páreo de *surenchère*.

Naturalmente, a reacção dos elementos conservadores manteria o equilibrio; não tanto, comtudo, que lograsse impedir a progressiva preponderancia das soluções socialistas, de programmas negativistas, de internacionalismo inquietador.

Nisto explodiu a guerra.

Como ao sopro do vendaval ruem comoros de areia inconsistente, arrasaram-se as construcções mentaes sem base na realidade humana. Sentiu-se, por toda a Europa, o irresistivel e dominador poder da tradição, da noção de patria; ser moral a unir, no presente, o passado e o futuro; conjuncto de glorias, de soffrimentos, de realisações e de esperanças; ideal sempre vivo a symbolisar a familia, as crenças, o lar, a raça, suas victorias e seus anseios.

E num silencio sem gestos theatraes, acto de contricção viril, mais augusto e eloquente em sua simplicidade do que as mais alcandoradas phrases, foram socialistas de todos os paizes em lucta occupar na fileira os logares designados. Esvaira-se o sonho. Restava, cruento e superior, o dever nacional. Ao appello da Patria, ninguém faltou.

O terrivel cadinho, que foi a longa batalha de quatro annos, apurou essas qualidades masculas. A solidariedade intima que o combate gera entre os soldados; o alvo commum pelo qual pelejavam; a méta superior que os alentava a soffrer e morrer; tudo agiu com indescriptivel auctoridade para consolidar a mentalidade nova, forjando no sacrificio e no heroismo as velhas nações, que surgiriam renovadas da provação sem par.

Do ponto de vista patriotico, a frente em fogo era uma forja de refino, depuradora da alma nacional. Exigindo a dadiva integral de todas as vidas, a subordinação do individuo a um novel supra-humano, o desprendi-

mento total e o altruismo absoluto, era um seminário de martyres em exaltado e puríssimo ambiente de fé. Sentiam e sabiam esses homens que eram os actores reaes do drama, nessa desmedida epopéa.

A acção purificadora, porém, não se estendia ao resto do paiz. Era de ver o desprezo com que, nas linhas de batalha, se acolhiam visitantes a procurarem, com o minimo de riscos, breves minutos de innocua emoção guerreira; ou repercutiam as empoladas tiradas daquelles que haviam permanecido á retaguarda, a salvo, e, ao perigo ingente, ás feridas e aos mortos, distribuam suas louva-minhas de rhetorica balôsa ou discerniam ridiculas corôas de troyos.

Combatentes na lama e no sangue em atmospheria de morte, exigiam mais respeito por parte dos *embusqués*; e, no animo simplista da tropa, eram taes quantos se achavam no interior, longe das ameaças e dos perigos. Consideravam offensivas as piéguices e as phrases feitas dos distribuidores de epithetos e de recompensas, pontificando, ao abrigo, sobre os heroismos dos que baqueavam no campo da lucta.

Bourreurs de crâne, rude e energicamente qualificou-os a eloquencia espontanea e indignada das trincheiras, em França.

E assim nasceu, se desenvolveu e crystallizou a funda hostilidade entre os que se batiam e os que, prudentemente, se haviam acoutado em serviços tranquilllos, ou em funcções burocraticas ou politicas do interior, fujões e despreziveis como eram considerados.

A DESMOBILISAÇÃO

Toda desmobilisação acarreta immensas difficuldades, technicas e economicas. Imagine-se, após o armistício, ao voltarem os exercitos, a mortificação experimentada !...

Esses homens, convencidos de que os nimbava a cada qual um halo de gloria, ainda ouviam louvores e preitos de admiração. Mas, em realidade, esbarravam com toda a situação economica e politica creada pela guerra, e que sua volta vinha desorganisar... Os heróes viravam intrusos e indesejaveis...

Augmentaram odios e accusações contra os politicos e advogados do Parlamento, que, aproveitando a situação, tinham lucrado com a guerra e alcançado posições e proventos, e deixavam abandonados e na miseria aos vencedores, sacrificados mas reaes, da lucta.

Ainda si houvessem conseguido para o paiz o premio de seus inauditos sacrificios, apresentariam certa attenuante ou consolo para a desillusão dos soldados. Mas, era o que se via: os ideaes internacionaes da Italia malbaratados e vencidos, quando não chasqueados; as terras não redimidias, no fundo do Adriatico; o paiz, ainda não integralisado, ferido em suas aspirações raciaes...

Na fogueira já accesa, novo combustivel se juntava. Havia mais.

A Italia, insufficientemente aproveitada do ponto de vista agricola, e pobre em carvão mineral, exigia vultosas importações para manter a alimentação normal de seus habitantes. A guerra, impondo larga utilização das frotas para transportes bellicos, forçosamente restringiria a vehiculação de hulha e de meios de subsistencia, em maior escala trazidos por navios estrangeiros, quer neutros, quer belligerantes. Os torpedeamentos reduziam ainda as disponibilidades em tonelagem mercante aproveitavel.

O conjuncto de taes factores produzia, na peninsula, verdadeira crise de sub-alimentação. Talvez, dos paizes alliados, tenha sido o reino mediterraneo o que mais gravemente soffreu de restricções dessa natureza, apesar da simplicidade de vida e da notoria sobriedade de seus

filhos. Dahi, consequencias numerosas que reflectiam na economia de cada lar, empobrecendo-o e minguando-lhe a resistencia vital. Faceis de conceber, os soffrimentos physicos e moraes decorrentes de tal situação, soffrimentos que se prolongaram muito além do armistício.

A essas familias depauperadas, a desmobilisação fez voltar seus chefes ausentes, e acostumados a passadio menos restricto; pois, como era natural, todos os sacrificios se accumulavam sobre a população não combatente, para manter assegurado o estalão de vida mais alto do soldado. Cessou esta orientação, quando suspensas as hostilidades. Voltava, portanto, o homem da frente, já amargurado e desilludido por outros motivos, para uma casa em que a privação era a regra.

A CRISE MORAL

Em todas as grandes commoções politicas ou sociaes, diz-nos a historia de todos os povos e de todos os paizes, baixa o nivel moral dos costumes.

Ante as ceifas sombrias que a guerra exige na flôr da população, nas camadas mais jovens e cheias de esperanças, apodera-se de todos uma ansia de viver, de gosar, de aproveitar intensamente o pouco de vida que lhes resta antes de tombarem nos prelios.

A nação inteira como que repete o "*morituri te salutant*" dos gladiadores antigos, e, como elles, vive sem freio. Não é méro desvario de sentidos. Nelle ha um fundo de generoso esquecimento de si-proprio por parte do elemento feminino, que não ousa negar-se, nem regatear seu proprio sacrificio, áquelles que, amanhã, talvez sejam immolados *pro aris et focis*.

Caracterisa a guerra moderna o não mais ser feita por profissionaes: a sociedade inteira se mobilisa, uns nas fileiras, outros nos serviços de retaguarda compatíveis com idade e forças dos que ficam; as mulheres vão, nos campos, nas cidades, e nas fabricas, preencher os vacuos deixados pelos homens validos em armas.

Dahi, para o sexo feminino, novos habitos de liberdade, novas frequentações, que lhe alteram profundamente a mentalidade. Masculinisa-se nos costumes, nas relações sexuaes, na intensidade e na grosseria da concurrencia economica. Quanta vez, a esposa ou filha, que se deixou guardando a casa, se transformaria para peor?

Nesse meio voltava o pae, o marido, o irmão, o filho ou o noivo. Quanto desespero, por vezes, a accrescer ás demais amarguras?...

Nem siquer lhe eram sempre asseguradas as boas-vindas.

O operario que tornava, para a mulher que o havia substituído em sua faina costumeira, significava o emprego perdido, a volta á pristina subordinação familiar, o abandono dos costumes novos a que se havia afeito. Para innumeradas *déracinées* creadas pela guerra, foi este periodo um dos mais duros de sua existencia. Não é de admirar que muitas, definitivamente, se desclassificassem.

Em vez de festivo, o regresso representava inaguas e desillusões e desesperos.

Vencedores desgraçados, ao voltarem do campo da victoria só encontravam ingratições, esquecimentos e dôr...

OS RESPONSÁVEIS

Porque? Quaes os responsaveis por tão immerecido castigo, após as promessas rutilantes de 1915?

Olhavam em torno de si. Nas relações internacionaes, a Italia ludibriada e mal defendida, diziam elles. Na vida interna, o governo não soubera attenuar a crise terrivel da guerra e da paz, proclamavam ainda.

Politicos e Parlamantos, egualmente fulminados de ataxia, nada faziam nem impediam. Nas' assembléas, debates e resoluções gyravam em torno de mesquinhos interesses pessoases ou partidarios. Dos problemas nacionaes, ninguem cuidava.

Era esse, accrescentava a opinião generalisada, mal ingenito das turbas deliberantes.

A Polonia antiga, em grande parte victima do *liberum veto*, havia desaparecido. Na Hespanha, a instabilidade do poder legislativo e dos partidos, fábrica continua de revoluções e de motins militares, tinha eliminado a noção de governo e de firmeza dos rumos politicos. Na Alemanha, incapazes de pensarem politicamente, partidos e Reichstag deixavam o antigo Imperio naufragar na bancarrota, nas desordens e nos erros injustificaveis em que se basearia a occupação franco-belga da Ruhr, e ante o sossobro as Camaras se agitavam, paralyzada qualquer acção operante. Na França, o esforço de Poincaré, na presidencia do Conselho, mal conseguia equilibrar-se ante o embate das facções e dos grupos pessoases; dentro em breve, a renovação do Poder Legislativo daria logar ao triumpho dos extremistas da esquerda republicana, abrindo a éra dos gabinetes-phantasmas, que se organisavam apenas para serem immediatamente derubados, mantida sómente certa unidade nos rumos da politica externa pelo prestigio individual e pela influencia de raros homens de Estado, quasi inamoviveis em suas pastas, no caleidoscopio parlamentar das mutações ministeriaes.

A Inglaterra, excepção unica, mantinha a apparencia, mas méra apparencia, de um governo de gabinete. Ali mesmo, com o advento dos trabalhistas e dos partidarios do entendimento com a Russia, rude golpe fôra vibrado nos partidos tradicionaes da Grã-Bretanha.

Desde cedo,* entretanto, fôra comprehendida a falla do systema, a instabilidade das assembléas deliberantes. Para obviar ao grave senão de um governo de multidões mais ou menos numerosas, havia sido adoptado, nas leis não escriptas do apparelho politico, um methodo peculiar.

Dous partidos já seculares a se revesarem por cyclos. Determinantes do momento da mutação, as livres manifestações eleitoraes de uma opinião publica esclarecida e activa. Dentro em cada periodo, a dictadura do primeiro ministro, systematicamente apoiado por maiorias submissas, nas quaes a ethica partidaria e parlamentar não tolerava discrepancias, que, entre *gentlemen*, seriam inadmissiveis. Dictaduras succesivas e alternadas, rotativas, pois, conforme os pronunciamentos evidentes e não coactos dos eleitores.

A precariedade do artificio teria de se evidenciar nos grandes conflictos politicos, moraes, internacionaes, em que a Inglaterra viu periclitar seu systema de governo parlamentar, quebrados os velhos moldes partidarios: no *home-rule*; na lucta entre os regimes fiscaes, de liberdade e de protecção; na socialisação de certos encargos e iniciativas.

Nas Americas, espectaculo analogo se lhes deparava. Os mais sérios problemas externos, a propria assignatura dos Estados Unidos. no tratado de Versalhes, pacto de competições partidarias internas. Uma paz separada, solução manca de uma tarefa de character colectivo, á qual Woodrow Wilson tinha apposto seu sello em nome da grande Republica.

Nos demais paizes, Executivos preponderantes de modo esmagador, a demonstrarem a exacta observação de Bluntschli sobre constituirem o poder primário por excellencia. Nelles, a actividade das Camaras não passava de méra agitação verbal, de maior ou menor insignificancia.

A Italia inteira, cançada e aspirando á regularisação e á efficiencia de seu governo, via prolongar-se a esteril anarchia de suas instituições legislativas. Aos seus problemas essenciaes, directamente ligados á sua existencia de grande potencia, ás suas mesmas necessidades internas da vida diaria, respondia o Parlamento com a nihilidade de sua acção, a futilidade das disputas pessoas, o escandalo de mesquinhos conflictos partidarios.

Já as organizações anteriores á guerra não entendiam as massas profundas da população. Não comprehendiam a renovação mental e sentimental trazida pela grande prova cruenta. Socialistas de matizes varios ainda pensavam no plano internacional, quando a terrivel lucta havia consolidado alvos puramente nacionaes. Ainda propugnavam alguns chefes retardatarios soluções desintegradoras, ao passo que seus antigos soldados haviam pelejado e morrido pelo ideal da concentração das energias nacionaes, italianas, em torno da mesma Italia. E assim se revelou o extranho espectáculo de tropas que renegavam seus commandantes, porque estes não tinham entendido, e mesmo trahiam, aos impulsos motores vitaes dos interesses collectivos superiores da nacionalidade resurgida.

Emquanto taes chefes, com rhetorica óca e bracejamentos no vacuo, em ambiente em que não mais encontravam écho nem correspondencia, brandiam conceitos peremptos e formulas já antiquadas, os portadores dos conceitos novos, apóstolos de uma verdade outra, bapti-

sada por quatro annos de guerra e de experiencia dos males causados pelas passadas directivas; homens novos na politica italiana, cheios de fé, de ardor e de enthusiasmo, organisavam pelo reino inteiro os elementos de combate com que contavam vencer, no ataque formidavel que se ia levar aos processos avehantados, já sem valor.

No Sul da Italia, a repercussão foi menor. A agitação manifestou-se principalmente da Apulia para Norte.

Os conservadores temiam triumphos illimitados do socialismo, quaes os exigiam os representantes parlamentares do partido; por isso viam sem antipathia a corrente nova que proclamava a necessidade de combater todas as forças desintegradoras do paiz, e de fortalecer a tradição, as conquistas dos maiores, e de solver favoravelmente as grandes questões das terras icredentas e do patrimonio colonial.

Os socialistas tentaram reagir. Defrontaram largas tropas de seus antigos adeptos, inteiramente transformadas pela guérra, com o culto do ideal italiano e do fortalecimento dos valores proprios do paiz. Entibiaram.

De um a outro extremo da peninsula, ao appello de chefes infatigaveis, magnetisadores das massas, organisadores peritos, sabendo falar aos sentimentos profundos das turbas, formaram-se as legiões dos combatentes pela renovação da Italia.

Fundiram-se em um unico e gigantesco grito de assalto, os brados de miseria, de angustia, de desespero e de revolta de um povo que se julgava ludibriado e expoliado. Encontrou cabeças dirigentes, audazes, conhecedoras das aspirações collectivas, destemidas e enthusias-tas.

O fascismo, nascente e já victorioso, não foi motim nem rebeldia. Foi uma revolução, sabida do soffrimento e dos anseios nacionaes de desilludidos, movida por innu-

meras vítimas da política partidária da Itália antes e durante a lucta. Agiram em meio da neutralidade sympathica, sinão da propria cumplicidade, do paiz inteiro.

Era a solução nacional forçada, pelo momento, do problema de governo, ante um parlamentarismo desprestigiado, sem forças, exgottado, incapaz e morto.

Tinha de vencer.

E, em phase propicia, se iniciou a marcha sobre Roma.

O FASCISMO TRIUMPHANTE

Uma revolução vencedora sempre julga que sua victoria encerra o cyclo de desordens. Logico, pois, o espirito violentamente conservador do revolucionario *arrivé*. A energia excessiva com que reprime movimentos analogos ao seu proprio, além de natural, é prova de sinceridade: portador e realisador de uma formula de salvação, não admite, a bem da mesma ordem, se modifique o tratamento instituido.

Foi o caso do fascismo triumphante. Sua dureza para com os oppositores ou os discolos surpreendeu, mas era coherente. Ainda, em communicação recente á imprensa do Rio, seu chefe a proclamou e exaltou.

Surgiram na execução, porém, difficuldades sérias, oriundas da multiplicidade de fontes formadoras dessa cruzada politica. Não se tratava de uma corrente simples. Era a confluencia de tendencias e de actos vindos de pontos diversos do horizonte, e apenas ligados por alguns conceitos communs. No mais, contradicções e divergencias sobrepujavam e se combatiam.

Nada mais complexo do que ser guia de grupo eventualmente coheso por alguns pontos de vista geraes, mas

fundamentalmente scindido por convicções essenciaes divergentes.

A verdade do velho dito, que nota serem os chefes, como taes, forçados a seguir seus commandados, não era de molde a facilitar a direcção de exercito tão pintalgado de noções oppostas.

A ductilidade politica com que Mussolini se tem havido á frente da massa heterogenea de seu sequito, explica e justifica o facto de ter elle avultado como cabeça unico na phase preliminar, em que surgiu e se formou a legião dos Camisas Pretas.

Emquanto preciso, foi méro suggestionador e conductor de multidões. Vencedor, tornou-se homem de governo, a par das necessidades sociaes e politicas. Foi e é chefe nos dous periodos successivos: na refrega e na lucta; na victoria e na organisação do paiz.

O processo não nos sorri. Não parece existir, na historia do mundo, revolução pela violencia que se não houvera podido poupar a bem do progresso da humanidade. O impulso inicial é não. Prolifera, pois o principio de força e de explosão é immanente nelle. Assim como, no dogma, o dissidio illimitado imposto pelos protestantes em revolta resultou no pullular de seitas até a pulverisação das interpretações individuaes; assim, na regencia dos homens, o tumulto e a rebeldia se estendem e se abaixam, dos mais graduados aos comparsas mais insignificantes. Começam pelos elementos mais altos; terminam no soviet e na anarchia.

Feito o movimento, entretanto, não nos cabe sinão examina-lo como phenomeno historico, indagando origens, tentando perscrutar seu evoluir.

Desse ponto de vista, repetimos, o fascismo foi producto de feitio peculiar á Italia quasi toda, com todas as suas orientações contradictorias, e suas exigencias dispaes.

Dar a esse complexo multiforme e chaótico uma directriz unica, sem accidentes na curva de seu desenvolvimento, lóra tarefa mais que humana. Fatal, a intercur-rencia de crises e de oscillações em rumos varios. Essa foi, e continúa a ser a historia do fascismo até hoje.

Um grupo existe, talvez a maioria, no qual as aspira-ções são razoaveis e nada têm de excessivo ou exag-gerado. São o elemento de governo, conservador e estavel, sobre o qual forçosamente têm de se apoiar o programma e o engrandecimento do paiz. Constitue a maioria gover-namental em toda parte. Infelizmente, como massa, é mais inerte, menos operante do que as duas alas combatentes e extremistas em sentidos oppostos.

Uma, a direita, exaggerava e ainda continúa a ac-centuar seu conservatorismo. Visa homens mais do que idéas. Quer a repressão energica de tudo quanto, de longe, pareça capitular ante Moscou, a Terceira Internacional, o bolchevismo, o proprio socialismo. Tem seu nucleo princi-pal nas praças industriaes do Norte da Italia.

A outra, a esquerda, era a transformação do ele-mento socialista que havia recuado dos exaggeros liberta-rios e internacionaes anteriores á guerra, mas ainda con-servava ardentes os protestos contra desigualdades sociaes, soffrimentos não mercedos, ingratidões patentes. Eram os desilludidos e os amargurados, cujo ideal simplista se tra-duzia sem rebuços: os despojos aos vencedores. A vi-ctoria, a ser aproveitada por estes ultimos, e, de preferen-cia, pelos combatentes vanguardeiros.

MUSSOLINI DUCE

Entre essas inspirações heterogeneas, hostis mesmo, tinha de se exercer a acção rectora.

Valeu-se esta da mesma inimizade e desconfiança, reinantes entre os grupos extremos. Situado em ponto médio, conservador que não excluía a marcha para a frente, Mussolini beneficiava e ainda beneficia, além de seu grande prestigio pessoal, do facto de constituir a solução que menos dividia e enfraquecia o partido em seu conjuncto.

Para os partidarios da exploração systematica do triumpho, elle impede o advento ao poder da fracção mais moderada, a que, para os *puros*, se compõe de verdadeiros traidores do ideal fascista.

Para estes ultimos, vale o Duce por antemural que se oppõe ao predominio dos méros aproveitadores de situações, como consideram aos esquerdistas da *nuance* Farinacci.

Entre os dous escolhos, navega e se dirige o barco governativo. E' evidente, entretanto, que o chefe supremo tomou por Norte, com grande habilidade e tacto, a méta conservadora e progressista, a *middle way*, em que se corporificam neste momento os interesses permanentes da nação.

Agindo, pela força dos acontecimentos, como arbitro da hora, pode realisar medidas, de muito promettidas e nunca levadas a termo por seus predecessores.

Agradou aos operarios, decretando e pondo em pratica o dia de oito horas. Agradou aos conservadores, reorganizando as finanças, saneando-as e iniciando éra nova de *superavit* orçamentario. Tranquillisou os capitães. Disciplinou a administração publica, restabelecendo a ordem e a seriedade ondê reinavam anarchia e facilidades culposas.

Para isso, seus melhores collaboradores foram antigos chefes de serviços, conservados apesar de suas opiniões

políticas. Obra de homem de Estado, que se eleva acima dos dissídios secundários de pareceres.

O artigo da *Foreign Affairs*, já citado páginas atrás, diz, com acerto, dever levar-se a crédito de Mussolini o desejo sincero de applicar a força do fascismo ao restabelecimento do principio da ordem e da auctoridade. Violou a lei para melhor servi-la, diriam paraphraseando antigo conceito das monarchias de direito divino. Além de seu prestigio individual, allegava traduzir o sentimento da maioria da Italia.

Por esta convicção, as classes conservadoras o auxiliaram de modo decisivo, e até época recente os principaes vultos dos antigos partidos não lhe crearam embaraços. Mais do que isso, sustentaram-no poderosamente em varias occasiões, e até nas urnas.

OS ANTIGOS PARTIDOS

Já em 1924, conscio de ter prestado serviços reaes, o governo quiz consultar o paiz para terminar a crise revolucionaria pelo pronunciamento eleitoral da Nação. Sempre a historica lição: a desordem, ansiosa por voltar á normalidade da lei; a velha *maitresse*, a sonhar com a regularidade do casamento.

Foi contraria a resposta. Os grandes industriaes do Norte e do Centro não perdoaram o terem sido por demais attendidos os reclamos socialistas. Os novos grupos, o socialista e o popular, provaram adversarios de valor, embora inicialmente houvessem sido menospresados. Só a Italia do Sul, mais dominada pela machina eleitoral dos antigos *leaders* tradicionaes — Salandra, de Nicola, Orlando e outros —, deu franco apoio á nova ordem politica. O Norte repelliu-a. No Centro, os fascistas, quasi

equilibrados com os adversos, venceram por margem estreita. Tirados taes contingentes alheios, era claro que a Italia, em seu conjuncto, havia condemnado a nova formula, apesar de tudo quanto esta fizera, para dar ganho de causa a seus partidarios.

Foi quando se deu o assassinato do deputado socialista Matteoti. Immediata, a repercussão no ambiente politico. Os antigos chefes derrubados após a tomada de Roma afastaram-se desde logo. No Parlamento, a parede abstencionista formou-se. Os conservadores, na massa popular, accentuaram sua repulsa dos processos de criminosa violencia da ala esquerda dos exaltados. O eleitorado rural, fundamente religioso e sempre muito hostil ás Camisas Pretas, mantinha sua posição inconciliavel, pela perseguição que os *ras* exerciam contra o cléro.

Viu-se, portanto, Mussolini constringido a contramarchar. Para não perder o poder, elle, um conservador esclarecido, teve de buscar auxilio nos extremistas que só comprehendiam uma senha: o partido a explorar a victoria. Evoluiu, um tanto, nesse rumo, mas sempre atento em aproveitar occasiões de restabelecer sua orientação propria, a pacificação dos espiritos e a tranquillidade geral.

Assim começou o progressivo abandono da apparencia legal com que, nos primeiros tempos, havia tentado mascarar os factos de 1922. Por um methodo que lembra, em sentido inverso, a conquista jacobina da França revolucionaria em 1789-1793, cuidou de eliminar pela intimidacão, pela violencia, por medidas excepcionaes, concentrando em suas mãos força e repressão, quantos discordassem do credo fascista.

Mantinha-se intacto seu prestigio pessoal. Augmentou-o, agindo de modo a conquistar novas forças conservadoras. Propiciou o exercito, que lhe não era sympathico.

Angariou apoio no meio industrial, pelos syndicatos fascistas, aos quaes protegeu officialmente e onde compulsoriamente uniu patrões e empregados, todos subordinados ao ministro das Associações a que sua vontade inspirava: assim, com a ameaça de grève, forçava a obediencia patronal; com o capitular desta, dava ao operario a impressão de que era protegido contra exploradores. Aos demais syndicatos tranquillamente supprimiu, quer os socialistas, quer os catholicos. A's populações ruraes prometteu extinguir os ultimos restos de banditismo, e seduziu com a accentuação de sua politica de sympathia e de auxilio ao clero. De facto, no exterior frisou cada vez mais quanto o governo italiano procurava roborar a acção do Vaticano; no interior, melhorou vantagens e honras tributadas á hierarchia ecclesiastica.

Foi além. A pretexto de conter excessos opposicionistas nas cidades menores, creou e nomeou os *podestás*, resurreição medieval sympathica ás tradições historicas das massas populares. Restringiu dest'arte liberdades locais, é certo; mas supprimia os *ras*, cuja tyrannia era detestada. A medida foi bem recebida por esse motivo. Não notavam, porém, que era o fortalecimento do Duce, ao qual comprometiam os abusos, as extorsões e vinganças de taes régulos da ala esquerda do partido.

Cessaram disturbios, bem como perseguições ao clero e o desrespeito á legislação commum em prol de minorias ávidas e audazes. Quando se sentiu bastante forte, alijou ao proprio Farinacci, chefe dos extremistas, a pretexto dos ataques por estes movidos contra o secretario de Estado da Santa-Sé, o cardeal Gasparri.

Ainda ha poucas semanas, em Assisi, o *Sacro Convento*, tornado leigo e confiscado pelo Estado desde 1870, e no qual estabelecera um orphanato para filhos de professores primarios, foi retrocedido aos filhos do *Poverello*.

Ali, ha pouco, cousa que se não vira ha mais de meio seculo, o rei de Italia foi recebido com o antigo ceremonial catholico soberano, abolido desde a brêcha aberta na Porta Pia.

GOVERNO PESSOAL

Pouco a pouco, portanto, conseguiu Mussolini fazer triumphar seu conceito pessoal de governo interno do paiz, conservador e pacifico.

Só o fez, comtudo, construindo progressivamente a dictadura. Com razão diz a *Foreign Affairs*: "*After a first period of effort to bring the Fascist Government within the constitutional orbit, and a second period of progressive tendency toward a dictatorship, Fascism has reached its logical term: the fate of Italy hangs on one man!...*"

Nenhum favor é salientar que, na administração interna do reino e na politica propriamente nacional, os resultados foram notaveis. O valor de Mussolini consistiu em sustentar, por vezes com real esforço, os auxiliares que soubêra escolher entre os melhores elementos dos partidos supplantados pelo fascismo. Rocco, Federzoni, di Stefani, são os grandes nomes a citar neste sentido: foram os technicos que realisaram a visão do homem de Estado que os chefiava.

PERIGOS

A tendencia, entretanto, ia além. O fascismo era e é uma phase nova na comprehensão do problema geral de governo, em todo o mundo, querem seus adeptos. Não admittem, como pensam muitos, menos obcecados pelo espirito regionalista, seja apenas a solução italiana da

fallencia do parlamentarismo, e o capítulo final das reivindicações integralistas das terras irredimidas.

No conceito generalizador abrangiam também a actividade internacional e nella preconisavam os mesmos processos simplistas, de violencia e de suppressão de critica. D'ahi conflictos sempre renascentes, pois os demais paizes não tolerariam jámais tal dictadura exotica a querer immiscuir-se nos problemas politicos de cada qual. Tanto mais grave a intervenção, quanto precisamente nas relações exteriores havia concordancia de rumos entre as duas orientações em conflicto no seio do partido: ambas exigiam a maxima energia no modo de tratar as outras potencias, energia que só visava sobrepôr interesses italianos a quaesquer outras considerações. As forças que se contrapunham e se combatiam no theatro da actividade interna do reino, e assim permittiam tomar para base de roteiro director o equilibrio entre os contendores, essas mesmas forças sommavam-se perante o estrangeiro, o que dava impulso dobrado e intensidade accrescida ás reclamações diplomaticas italianas. Grave complicação, no memento pacifico dos negocios entre nações egualmente susceptiveis.

Nesse capítulo, mais ainda do que na politica interior, assume feição capital o perfil psychico do chefe.

Certo, é preciso dar devido desconto aos excessos de linguagem impostos pelo ambiente especial do fascismo. Explica esta ultima exigencia o feitio extranho de certos discursos aggressivos, ameaças veladas, programmas expansionistas prenes de conflictos potencias, annuncios de imperialismos não definidos e imprecisos. O bastante para preoccupar ao mundo inteiro, e instituir uma atmosfera de constrangimento geral.

No fundo, os factos apresentavam aspecto muito mais simples e tranquillizador. Não perdia seus direitos a ob-

servancia, constante na diplomacia romana, do considerar realista dos problemas.

Quaes eram elles, em essencia? O irredentismo, a superpopulação.

Implicavam como soluções: annexar os territorios do fundo do Adriatico até Trieste a principio, até Fiume em seguida; adquirir novos trechos á margem do Mediterraneo; intensificar a politica emigratoria; organizar a marinha mercante visando desenvolver exportações para mercados novos; activar a producção industrial do reino e limitar importações de materias primas, principalmente as de combustivel, pelo aproveitamento de quedas d'agua e das energias locais.

Lembra justamente a revista americana ter-se Mussolini servido do estylo bombastico, e ameaçador em discursos e programmas, para uso interno e fins partidarios. De facto, nas negociações diplomaticas seguiu os processos normaes da chancellaria, com a collaboração intima de um alto funcionario da Consulta, Contarini, a cuja habilidade e sã visão politica muito deve o governo. Ambos, estreitamente ligados e solidarios, bem serviram a Italia.

A questão de Fiume tinha a particularidade de estar em contradicção com as necessidades de expansão economica do paiz. Si o conflicto territorial, mais de amor-próprio do que de interesse fundamental, deixasse após si rancores e hostilidades com a Yugo-Slavia, a penetração commercial da Italia atravez os Balkans estaria ameaçada, pois as communicações, precarias e inseguras, atravessariam uma Servia inimiga e maguada. Foi o grande merito da Consulta ter agido de modo a evitar semelhante situação, e, vencido o problema annexionista, haver celebrado accôrdo politico com Belgrado.

No caso do Dodecaneso, licito é duvidar do acerto dessa incorporação de populações alógenas, mercado de importancia minima, archipelago cuja significação só pôde ser militar, como conjuncto de pontos de apoio a forças navaes no Mediterraneo Oriental e no Egeu. Centro, talvez, de futuras discordias, á proximidade do canal de Suez, em caso de attrito entre a politica britannica e a sonhada hegemonia italiana nesse mar. Motivo innegavel, ainda, de acirramento das antipathias reciprocas com a Grecia, que, ella tambem, vê nessas ilhas terras a redimir para o hellenismo.

Em regra geral, entretanto, a acção diplomatica se realisou em condições mais ou menos normaes. Foi, até, alvo de criticas por parte dos extremistas da esquerda. Conseguiram estes provocar acções pouco brilhantes para o prestigio do reino, somente para ostentarem poder e força que ninguem negava, á custa de operações contra populações desarmadas. Referimo-nos ao bombardeamento de Corfú. Mussolini, para manter unida a frente fascista, teve de acceder e agir, mas parece duvidoso ser delle proprio a iniciativa do lamentavel incidente.

Duas tendencias coexistiam em conflicto: o julgar receita universal os processos usados na lucta partidaria interna; o querer seguir, com mais energia mas sempre com ponderação, a rôta tradicional do ministerio de estrangeiros. Esta ultima, parece ter sido a norma Mussolini-Contarini.

Permanecerá ainda hoje, que se afastou da Consulta o segundo termo do binario? Só o futuro esclarecerá esse ponto, mas avulta cada vez mais para a orientação vindoura o feitio moral e politico do conductor dessa campanha.

INCOGNITAS A SOLVER

Ahí surgem incognitas que obrigam a reflectir.

Já não são somente o perigo inunante, a insegurança e a falta de estabilidade de um regime que se baseia no elemento fallivel que é uma unica existencia humana. São as proprias características dessa existencia que, variaveis, contêm implicitas as mais graves e assustadoras possibilidades.

Até dias recentes, dentro na lucta interna de tendencias, no mesmo seio do partido, o espirito conservador de seu *leader* era motivo de tranquillidade para todos. Factos de hontem abalam hoje tal confiança, e dão a impressão penosa de que o attingiu certa vertigem das alturas, e de que não possui inteiro *contrôle* de seus nervos.

O primeiro phenomeno transparece em um artigo que O JORNAL, do Rio de Janeiro, publicou a 26 de julho ultimo (1926).

"Acompanham-me meus legionarios"; "não quero discordias"; "fiz com que fosse approved (o Código do Trabalho), não obstante o trabalho de sapa"; "annunciar-me que certos grupos industriaes e financeiros andam intrigando para contrariar minhas deliberações. Pois bem, cruzarei espadas com elles. Enquanto me restar um sopro de vida, serei a expressão visivel e forte do Fascismo, serei a sua lei e os seus dictames"; "não supporto rivaes nem partilharei a responsabilidade ou o credito com pessoa alguma. Também não supporto meias responsabilidades nem meias honorarias. Sou a expressão viva de todos os principios pregados pelo Fascismo".

Taes palavras são textualmente transcriptas dessas declarações do Duce. E ainda omittimos outras tantas, egualmente significativas.

Não escreveu Bonaparte por fórmula diversa ao Directorio, em vespéras de Leoben e de Campo-Formio.

“Dejá Napoléon perçait sous Bonaparte”.

Verdade é que, dictador Mussolini, mais se aproxima sua situação da do Primeiro Consul, com poderes accrescidos.

Idealista convicto como é, resolvido a manter a casa de Saboia no throno italiano, sua sinceridade merece respeito. Deve-se, portanto, crer que, no seu parecer, o expurgo moral que iniciou nas fileiras de seu séquito representa o termo da evolução a que o partido se submetteu.

Não impede que, pelas formulas adoptadas, e na maior boa fé, pôde repetir que resume elle o proprio Estado.

Quem não enxerga o perigo dessa substituição da Nação por um homem? Que garantias de estabilidade de regime offerece tal processo de absorpção, quando se dêr uma transferencia qualquer de governo?

Mesmo na vigencia da presente situação, que conflictos potenciaes se acham em germen nessa coexistencia de poderes desiguaes, o régio méramente nominal, o do Duce, operante e omnímodo?

O segundo facto está ligado ao ultimo attentado, felizmente falho, de que foi victima. Dirigindo-se ao povo que o aclamava, annunciou a necessidade imprescindivel do restabelecimento da pena de morte para os crimes politicos visando o assassinato de membros do governo. Que outro lembrasse e defendesse a medida, comprehende-se ainda. Que o fizesse o proprio interessado tira á suggestão o cunho essencial de serenidade que deve caracterisar o verdadeiro homem do Estado.

Pena será que se verifiquem taes impressões. Todo o mundo deseja que á frente da actividade italiana esteja

uma personalidade forte. Todos, entretanto, aspiram a que á energia, estejam aliadas calma, visão politica, julgamento impessoal das occurencias, banidas a impulsividade nervosa e as deliberações puramente emotivas.

IMPORTANCIA DO FASCISMO PARA O BRASIL

A prevalecerem estas, a politica internacional se transformaria em uma mina de acção differida, susceptivel de explodir ao primeiro gesto inconsiderado de quem não tenha plena posse de si-mesmo.

Seria lamentavel tal acontecesse. Principalmente para as relações italo-americanas.

O mesmo problema por motivos oppostos, tem importancia vital para o reino mediterraneo e para as tres Americas: o povoamento.

Em excesso na peninsula, procura acertadamente seu exutorio nos paizes novos, de possibilidades maiores e vida mais farta. Insufficiente no continente occidental, exige affluxo das lévas de energia, de trabalho e de qualidades sociaes que a Italia nos manda.

Necessidades complementares, pois nellas está a base duradoura de uma politica de collaboração.

Agir de modo a perturbar tal ambiente, fôra o erro mais grave que se poderia commetter. Assim aconteceria si o fascismo se lembrasse de empregar em paizes estrangeiros os processos em vigor na mãe-patria. Ou ainda, si, com o vão intuito de manter viva e cohesa a nacionalidade em solo alheio, contra as leis naturaes de absorpção da terra acolhedora, cuidasse de nesta exercer actos de soberania.

Para ser fecunda, a cooperação deve ser espontanea, voluntaria e cordial. Nunca imposta.

Claro, em estudo como este, feito de boa fé, com animo de união de interesses e de sympathias reciprocas, fóra obra de máo gosto e contraproducente insistir na inanidade de tal orientação imperialista, e na facilidade elementar de a combater e vencer. Serviria apenas para envenenar as cousas e perturbar uma atmosphera de real accôrdo.

E' sempre opportuno, contudo, lembrar que o problema não é isolado, e sim interessa ao conjuncto de Estados soberanos que praticam a politica immigratoria, desde os Estados Unidos até o cabo Horn, quanto ás Americas, o que explica nesse particular a solidariedade de seus pontos de vista e de seus rumos governamentaes.

Mas é cousa a ser constantemente posta em fóco nas cogitações dos chefes de Estado e nos gabinetes ministeriaes.

Já passou a época das rivalidades e guerras inter-americanas do seculo XVIII e mesmo a dos conflictos do seculo XIX. Nosso cuidado não é o da extensão territorial; é de gente para povoar nossos êrmos immensos. Quanto aos demais povos, nossa directriz commum é manter a paz com todos.

Uma róta politica internacional que visasse intervir em casa alheia com actos de soberania mais ou menos vé-lados, forjaria a união de todos os paizes, em repulsa solidaria contra a ameaça collectiva e generalisada. Para todos, a liberdade e a independencia conquistadas pelos maiores excluem gestões extranhas. Constituem palladio sagrado e intangivel.

Todos, ainda, saberiam defendel-o sem medir sacrificios.

(Setembro-Outubro de 1926)

REORGANISAÇÃO MILITAR ARGENTINA

AS FUNÇÕES DO EXERCITO NO ORGANISMO NACIONAL

Os artigos interessantíssimos e patrióticos, que o coronel Ramón Molina publicou recentemente na "Nación", e mereceram traduzidos nas columnas do O JORNAL, pedem commentario que evite o desgarrar da opinião de nosso paiz.

Reina, mesmo nos mais altos meios responsaveis, extranho desconhecimento da missão, dos sentimentos e das funções proprias do Exercito no organismo nacional e no scenario continental. Não é, pois, de se admirar que na massa popular, impulsiva e ineducada, se formem correntes, sentidas apenas e não racionadas, tendentes a ver em toda ampliação no poder defensivo de paiz limítrophe intuitos occultos, planos tenebrosos, ameaças veladas e todo o cortejo dos factores que perturbam as relações internacionaes.

Exactamente para combater esses ruins fermentos de desharmonia, é que convém e urge fazer-se ouvir a razão fria e calma afin de focalisar o problema, restabelecer a precisa perspectiva dos factos e derribar os moinhos de vento que o nervosismo patrioteiro arvora em columnas de ataque.

Salvo o caso de guerra civil, em que as aggressões partem do proprio nacional, é a fronteira a zona vulneravel, essa, mesmo, condicionada pelas feições geographicas da região. Nada mais logico e elementar do que prever

a defesa das mesmas. Em que se revela, nessa obra previsoramente, o mais tenue indício de intenções aggressivas?

Si, por acaso, o exame das rês de viação, as localizações dos corpos, a ordem de batalha, esboçam planos de iniciativas de operações, obedece o programma tão somente á necessidade tecnica de solver de accôrdo com os preceitos bellicos, exigencias de natureza militar, conforme a doutrina de guerra de cada paiz. E' coisa essencialmente professional, inteiramente alheia ás resoluções politicas que dictam a paz ou a lucta.

Tão inintelligente seria pensar por fôrma outra, quanto responsabilisar o Código Penal pelos crimes que visa punir ou o bisturi pelo abcesso a que tem de desbridar.

Exercito e marinha são meios de execução da politica exterior, consoante as directivas formuladas pelos governos, sob o influxo dos sentimentos e das conveniencias de cada nação.

Organisar a defesa, portanto, é tarefa de ordem militar, necessidade intrínseca de todo paiz. Não se realisa "contra" A ou B, sim a "favor" da propria patria, sem cogitar dos adversarios. Como, entretanto, se não combatem sombras e nem organizações similares estrangeiras, é naturalissimo formularem-se hypotheses.

Para a Argentina, ha possibilidade de investidas terrestres pela fronteira do Chile, da Bolivia, do Paraguay, do Brasil e do Uruguay. Outros tantos casos a investigar portanto, sem que tal demoustre existir animo hostil correlato. Tanto menos, quanto por essas fronteiras, pôde partir aggressão de inimigo outro que não o paiz vizinho. Uma campanha chilena na Bolivia poderia levar a invadir a Argentina pelo linde septentrional. Um exercito paraguayo, vencedor do Brasil, poderia entrar na grande Republica do Prata quer pela divisa de nossa terra, quer

pela uruguaia. Forças de desembarque de outros continentes, tendo obtido êxito decisivo, conseguiriam marchar sobre Buenos Aires, quer atravessando os Andes, quer baseando-se no Brasil ou no Estado Oriental.

A defesa das fronteiras considera esses casos todos, e nada implica ou demonstra tal trabalho tecnico contra o respectivo confrontante. Determinar hostilidades, é assumpto politico, ao qual só presta auxilio a força armada, após a resolução politica dos dirigentes.

VERDADES ELEMENTARES QUE CUMPRE REPETIR

Cumpre repetir tres verdades elementares para aquietar susceptibilidades e coegas de exaggerados, para os quaes a compra de uma metralhadora ou de um canhão symbolisa, doctamente, um proposito inamistoso por parte do adquirente das armas.

Si a situação sul-americana fosse a da Europa, com os conflictos hereditarios, já seculares, em torno de determinadas zonas — o linde pelo Rheno; o discrimine racial e religioso dos Balkans; a caixa de maribondos dos frechos irredentos entre Baviera, Austria e Italia; e tantos outros que taes — ainda se comprehenderia a precavida suspeita.

O septennatò militar e as leis complementares ampliativas visavam a preponderancia da Alemanha imperial e eram ameaça a todos os vizinhos. A lei do serviço de tres annos, em França, foi o revide gaulez. Mas, para não multiplicar exemplos, ahí são desavenças seculares, permanentes, que desfecham em crises e, enquanto não surge a lucta, exigem paz armada e vigilancia ininterrupta de sentinellas.

Mas, em nosso continente, o caso é outro. Si a historia ibérica, desde seus mais remotos tempos, traduz e reflecte o dissidio entre Portugal e Hespanha, já na America do Sul se nota o progressivo arrefecimento dos germens de discordia herdados das antigas metropoles por seus descendentes transatlanticos.

Por felicidade nossa, não é phrase vazia a observação de Saenz Peña: não temos interesses em conflictos.

Produções? Complementam-se, e não são concurrencias.

Terras? Temol-as, todos nós, em demasia, a ponto de constituir um dos mais arduos problemas governativos o como utilisal-as em prazo curto.

Homens? Temol-os, todos nós, em numero insufficiente, o que de todos os nossos paizes faz terras de immigração. A propria origem commum da maioria dos immigrants, latinos do Mediterraneo, augmenta os factores de união.

Instituições? São variantes de um typo republicano commum.

Onde achar, pois, elementos, em contenda, a não ser na mente escaudada de loucos?

Repetimos: o — tudo nos une, nada nos separa — não foi, nem é gentileza elegante de hospede eminente e culto. É o "substractum" de uma grande verdade social e politica, a base de acção publica de um homem de Estado. É o conceito pelo qual se inspiram os melhores espiritos de toda a America do Sul.

Nenhuma sombra de razão, portanto; tem os novidadeiros e os maledicentes profissionaes, que os ha no theatro diplomatico tanto quanto nos cafés e bars do interior, onde, entre dois chopps ou duas partidas de gamão, gravemente discutem o boticario e o chefe politico local e solvem questões transcendentés do equilibrio internacional.

A "AMERICA PARA OS AMERICANOS DO NORTE, DO CENTRO E DO SUL"

Os paizes de maior peso da America do Sul conhecem suas responsabilidades continentaes, e teem seu Norte invariavel na politica dos accôrdos, do arbitramente para os casos litigiosos, da paz honrosa e digna.

Não teem por provocações medidas exigidas pelos interesses intrinsecos da defesa de cada patria, nem n'os surpreendem, antes consideram logicas as ampliações que taes medidas vão tomando, em intima correspondencia com o desenvolvimento progressivo de cada nação. É todo homem de raciocinio calmo, com maioria de razão os homens de Estado merecedores de tal titulo, recebe, com espirito absolutamente equanime, a realização de programmas governamentais que tendem a fortalecer as Republicas sul-americanas

Porque não ir além, dizendo nosso pensamento inteiro?

Vae crystallizando em nosso continente o sentimento, ainda obscuro e confuso, de affinidades reciprocas maiores do que os liames que nos prendem á Europa. Talvez concorram para isso a maior vastidão da escala dos phenomenos, o povoamento mais esparso, e a ausencia de interesses em choque. Tradição menos longa e menos intensa tambem.

Vem roborada essa consciencia collectiva em formação, por um erro psychologico corrente na Europa: o fahirismo, pelo qual cada nação do Velho Continente não leva sua visão para além das fronteiras nacionaes, ou, quando muito, europeas. Os demais gremios humanos dissolvem-se, para ellas, no impreciso e vago de sociedades

mais ou menos primitivas. Nisto se revela, um pouco, nas metropoles de raça ou de espirito de que procedemos, o feitio mental corrente dos paes, que, por mais que cresçam os filhos, nelles não sabem ver sinão as crianças cuja puericia embalaram.

Mas, e ahí começa o divorcio, enquanto paes tratam á prole com amor, entre nações, as mais velhas, sem motivo muita vez, não teem pelos rehenos o respeito e a consideração que deviam nutrir. Os hodiernos imperialismos europeus são uma interrogação para a Sul-America como para todos os demais recantos do mundo, que as velhas civilisações occidentaes reputam semi-Barbaros.

Em contraposição, deve a America manter e fortalecer o sentimento de solidariedade continental. Sua força e sua segurança residem na somma das forças e dos elementos de defesa de cada um dos Estados componentes. Deve ir mais longe, e adoptar como sua a interpretação brasileira do Monroismo, interpretação pela qual todas as Republicas se devem unir, moral e materialmente, para assegurarem o patrimonio commum legado por nossos maiores, realisando dest'arte, em base inexpugnavel, o lenna da "America para os Americanos todos, do Norte, do Centro e do Sul".

Desse ponto de vista, os progressos na capacidade de manter inviolados territorios e liberdades de cada unidade nacional do Novo Mundo, valem por factores beneficos e de fraternidade americana para os demais Estados.

Eis porque, na analyse da reorganisação militar argentina feita pelo coronel Molina, applaudimos o esforço intelligente por garantir á sua nobre patria os meios de acção precisos para se defender. Pelo mesmo motivo bate-

mos palma ás medidas analogas adoptadas em outros paises de nosso hemispherio.

Não favorecem, nem incitam a luctas entre irmãos americanos.

Concorrem em fortalecer a America inteira contra expansões inconsideradas e ambições incontidas.

A QUESTÃO DOS ARMAMENTOS NA AMERICA DO SUL

INQUERITO DO «O JORNAL»

Divulgando ainda os resultados do grande inquerito que abrimos sobre a oportunidade do momento para um novo exame do problema da limitação dos armamentos sul-americanos, publicamos a seguir as declarações que nos fez o sr. J. P. Calogeras, ex-ministro da Agricultura, da Fazenda e da Guerra e delegado do Brasil á Conferencia de Versalhes.

E' OPPORTUNO O MOMENTO PARA UM NOVO EXAME DO PROBLEMA DOS ARMAMENTOS SUL-AMERICANOS?

“Serenamente respondemos — NÃO. E com esse monosyllabo ficariam prejudicadas as demais interrogações.

Cremos, entretanto, não corresponder assim aos intuitos do inquerito do O JORNAL.

Este, naturalmente, visa o exame e o debate da questão, e uma simples negativa não o permite. Mais ainda: no ambiente dominante de investigação superficial dos assumptos, com phrases feitas da mais banal *sensiblerie* edulcoradas por pseudo-theorias humanitarias, sem critica nem analyse a fundo dos factores reaes e politicos

dos acontecimentos, em tal meio de rebanho panurgiano, convem explicar os motivos basilares das opiniões discordantes.

Não se trata de these a discutir em sociedade litteraria de collegio de meninos. São ponderações de homens do governo, decisões de estadistas, visões de politica internacional, conhecimento pleno dos rumos e dos interesses permanentes de cada paiz, que estão em jogo. Não é tarefa para rhetorica infantil nem concurso ao premio de hom-moço. Não se pôde tolerar seja o assumpto abordado apenas com assomos de philanthropia primaria, na ignorancia dos factos, sem bases reaes, como si se tratasse do Reino de Utopia de sir Thomas Moore, ou de um paiz de sonho.

Não. Impõe-se um indagar severo de causas e de resultados, um balanço de energias e de interesses a serviço de ideacs ou de exigencias vitacs dos povos. Missão de homens, que saibam e comprehendam o sentido d'Annunziano da medulla dos leões; nunca os devaneios choramingas de lyricos em férias, ou os optimismos beatos de espiritos simplistas.

Comecemos por perguntar: onde começa o armamento? onde tem fim o desarmamento? qual a linha divisoria? quaes as characteristics differenciaes?

ONDE COMEÇA O ARMAMENTO

Os Estados-Unidos têm cerca de duzentos mil homens em armas para suas inmensas orlas littoraneas e seus 120 milhões de habitantes. Estão desarmados? A Allenzanha tem cerca de outro tanto nos seus effectivos para população metade menor. Está armada?

Não ha fórmula possível em que se consiga fazer entrar todos os elementos definidores das forças precisas para a defesa nacional. Como os medicos a repetirem que ha doentes e não doenças, pôde-se affirmar que cada paiz apresenta um caso especial e que entre todos esses casos especiaes não existe denominador communi.

Além disso, quem diz defesa, preparação militar, armamentos, subentende a existencia de ameaças. Quaes são ellas na America do Sul?

A hypocrisia reinante, e principalmente a ignorancia generalisada, que confunde o perigo com o simples enunciado d'elle, silencia no caso. Falar em guerra, falar em conflicto de interesses, parece-lhes desencadear uma ordem de mobilisação. Dahí o emmudecimento prudente e conselheiral. Politica de avestruz que se julga occulta, porque esconde a cabeça sob a asa.

Não será mais viril encarar as situações, analysal-as e dar-lhes remedio, para, prevendo, prover? Tanto mais se impõe quanto, no geral das occurrencias é de phantasmas que se corre, de avantesmas que nasce o pavor. Nesse incomprehensivel *noli me tangere* diplomatico, mudez e aparvalhada abstenção de qualquer exame geram inhibição e morte de iniciativas beneficis, cream o perigo, instituem regimen de surpresas e de improvisações desassissadas. Politica de eunuchos, que não enxergam nem comprehendem a vida. Acertadamente diz o povo que a assombração sabe a quem apparece.

Vejamos as possiveis causas de dissidio. Começemos pelas fundamentaes, pelas intrinsecas, as que derivam dos territorios e das populações.

AS POSSIVEIS CAUSAS DE DISSIDIO

As questões de limites mais graves estão hoje resolvidas. Nós temos nosso perimetro lindeiro fechado; salvo detalhes de execução, em pontos nos quaes ignoramos quem venham a ser nossos confrontantes, pois ha debates sobre certos trechos reclamados contradictoriamente por soberanias diversas, nossa fronteira está fixada. O Uruguay está no mesmo caso. A Argentina, de ha muito liquidou pacificamente em juizo arbitral a mais grave de suas controversias, a da Cordilheira; o problema do Chaco não parece constituir ameaça á paz. Nas republicas do mar Caribeo, e do Pacifico, todo o esforço se exerce no sentido de soluções consensuaes e, em todo caso, parece não poder o debate assumir feição de interesse generalizado.

Não assim, a velha disputa entre Chile, Perú e Bolivia. A execução do tratado de Ancón é um enigma que pesa sobre toda a America do Sul, e pôde levar a graves consequencias em que tenham de se envolver outros paizes, além dos interessados directos. Este é, realmente, o *punctum dolens* de nosso continente.

Complica-se com um problema de povoamento. Brasil, Argentina, e demais paizes, salvo o Chile, têm gente escassa para os territorios que occupam. Largos seculos poderão decorrer antes de nelles surgir o actual problema japonês da super-população. Para o Chile, acontecimentos politicos e posições geographicas se combinam para difficultar o caso. Claro, vastas extensões ainda existem onde a expansão humana se poderá realizar. Mas os espaços angustos deixados pelos contrafortes andinos; o feitio seccional dos valles perpendiculares ao Pacifico;

os largos trechos inutilizados pelas serranias inproveitáveis, conferem a esse paiz características unicas, que constroem o surto humano. Para essa republica, parece, portanto, surgirá mais cedo do que para as outras, a ansia das terras novas indispensaveis para a sua gente em excesso.

A isso, talvez, não seja extranha a campanha de 1879, e póde o determinismo economico fazer de Tacna e Arica simples "amorce" de ampliações mais dilatadas. Tambem por essa razão, liquidar de vez e harmonicamente as consequencias do tratado de Ancón é necessidade vital de *toda* a America. Enquanto não decidido, pesa como permanente mal-estar sobre todos nós e constitue interrogação ameaçadora, ponto obscuro do nosso horizonte internacional. Atado um incendio, quem lhe poderá limitar o ambito? Como assegurar sua significação puramente local? Como prever e impedir consensualmente as repercussões nos paizes limitrophes?

Não ha erro maior do que o velho: quando um não quer, dois não brigam. Exemplo eloquente foi a ultima guerra. Portugal nella entrou por força dos tratados com a Inglaterra. Aos Estados Unidos, bem contra a vontade, arrastaram actos do governo allemão. No Brasil, foi vencida, pelo sentimento de pundonor nacional, nossa firme vontade de continuarmos neutros. E verificámos então, praticamente, que a defesa se não improvisa.

OS ELEMENTOS IMPONDERAVEIS

Ainda ha outros elementos, imponderaveis sentimentaes, que perturbam as acções e reacções humanas: os legados metropolitanos. Vae para oito seculos dura o conflicto entre Lusitania e Castella, transmittido a suas colo-

nias por hereditariedade. A sementeira de desconfianças, de antipathias, de suspeitas e de juizos temerarios, proliferou por si, sentimentalmente e sem raciocinio. Sómente nos tempos modernos, um grupo de pensadores politicos, felizmente crescente e em rapido progredir, comprehendeu o absurdo e a immoralidade de tal situação. Ainda explicavel no theatro mesquinho e acanhado da Ibéria, de interesses grandes, em contenda, em áreas minusculas, perdem sua razão de ser no palco americano. Nossos problemas essenciaes são homens, povoamento, não terras. Ali a condensação de gente e os dissidios da vizinhança e dos atropelos da falta de espaço. Aqui, as interminas planicies e as florestas ainda virgens, êrnas umas e outras.

Mas, por ora, a força dominante é da massa popular, não a da élite que cresce e medita. Os que sentem e não reflectem formam a maioria do povo; e a missão a que se entregam os melhores espiritos ponderados e calmos consiste precisamente em corrigir o erro generalizado. Innegavel é o exito, lento mas seguro, de sua benemerita campanha nos dois lados da fronteira. Ainda está longe da méta; caminha, entretanto, para ella.

Nesse ponto, egualmente, reside grande perigo. Ao acicate de provocações calculadas ou de explosões irresistiveis de falsa susceptibilidade nacional, podem praticar-se actos infelizes, que criem difficuldades reaes, talvez mesmo insuperaveis. Até hoje, têm os governos afastado taes passos resvaladiços. Poder-o-á fazer sempre? Ha constante tendencia de explorar a sensibilidade nacional, já, por sua natureza, melindrosa e excitavel. Nenhum maior serviço pôde a imprensa prestar do que falar a voz do bom senso e da razão, e mostrar a insensatez e o absurdo de taes convites á desordem.

Tão sómente a inconsciencia e a ignorancia podem fazer côro com os fautores de crises armadas. Quem viu os

horrores da guerra, e lhe sentiu a hedionda crueldade, nunca, de animo tranquilo, a poderá encarar como solução normal. Menos a deshonra, tudo é preferível a ella, e não ha homem de Estado, não ha pensador político que não accete o peor accôrdo ao melhor dos arranjos trazidos pelos encontros bellicos.

A POLITICA DOS GOVERNOS

A guerra, solução politica dos impasses diplomaticos, é obra de governos. Estes, por suas responsabilidades e por saberem o cyclone que ella é, são por via de regra pacificos e fertes em recursos que as evitem. Não abdiquem de seu direito e dever de governar, para os deixar cabir em mãos da rua berradora e cega. É indigno de governar quem não tem energia e competencia bastantes para realmente dirigir. Repetimos, guerra e paz são problemas politicos que não cabem na esphera de acção de classes armadas e de seus armamentos, méros executores que todos elles são e devem ser das decisões do poder publico.

Encaremos agora outro aspecto das occasões possiveis de lucha e completemos o relançar do horizonte alludindo a factores extra-continentaes.

Já tivemos ensejo de examinar esse ponto ao estudarmos, em 1926, os intuitos da reorganização militar argentina. Hoje ainda pensamos do mesmo modo e só nos cabe transcrever o que então dissemos.

“Os paizes de maior peso na America do Sul conhecem suas responsabilidades continentaes, e têm seu norte invariavel na politica dos accôrds, dos arbitramentos para os casos litigiosos, da paz honrosa e digna.

Não têm por provocações medulas exigidas pelos interesses intrinsecos da defesa de cada patria, nem n'os sor-

prehendem, antes consideram logicas, as ampliações que taes medidas vão tomando em intima correspondencia com o desenvolvimento progressivo de cada nação. E todo homem de raciocinio calmo, com maioria de razão os homens de Estado merecedores de tal titulo, recebe com espirito absolutamente equanime a realisação de programas governamentais que tendem a fortalecer as Republicas sul-americanas.

Porque não ir além, dizendo nosso pensamento inteiro?

Vae crystallizando em nosso continente o sentimento, ainda obscuro e confuso de affinidades reciprocas maiores do que os liames que nos prendem á Europa. Talvez concorram para isso a maior vastidão da escala dos phenomenos, o povoamento mais esparso, e a ausencia de interesses em choque. Tradição menos longa e menos intensa, tambem.

EUROPA E AMERICA

Vem roborada essa consciencia collectiva em formação, por um erro psychologico corrente na Europa: o fakirismo, pelo qual cada nação do Velho Continente não leva sua visão para além das fronteiras nacionaes, ou, quando muito, europeas. Os demais gremios humanos dissolvem-se, para ellas, no impreciso e vago de sociedades mais ou menos primitivas. Nisto se revela um pouco, nas metropoles de raça ou de espirito de que procedemos, o feitio mental corrente dos paes, que, por mais que cresçam os filhos, nelles não sabem ver sinão as crianças, cuja puericia embalarani.

Mas, e ali começa o divorcio, enquanto paes tratam á prole com amor, entre nações as mais velhas, sem motivos

muita vez, não têm pelos rebentos o respeito e a consideração que deviam nutrir. Os hodiernos imperialismos europeus são uma interrogação para a Sul-América, como para todos os demais recantos do mundo que as velhas civilizações occidentaes reputam semi-barbaros.

Em contraposição, deve a América manter e fortalecer o sentimento de solidariedade continental. Sua força e sua segurança residem na somma das forças e dos elementos de defesa de cada um dos Estados componentes. Deve ir mais longe, e adoptar como sua a interpretação brasileira do Mouroismo, interpretação pela qual todas as Republicas se devem unir, moral e materialmente, para assegurarem o patrimonio commum legado por nossos maiores, realisando dest'arte, em base inexpugnavel, o lema da "América para os americanos todos, do Norte, do Centro e do Sul. . ."

Desse ponto de vista, os progressos na capacidade de manter inviolados territorios e liberdades de cada uidade nacional do Novo Mundo, valem por factores beneficos e de fraternidade americana para os demais Estados.

Eis porque, na analyse da reorganisação militar argentina feita pelo coronel Molina, applaudimos o esforço intelligente por garantir á sua nobre patria os meios de acção precisos para se defender. Pelo mesmo motivo, batemos palmas ás medidas analogas adoptadas em outros paizes de nosso hemispherio.

Não favorecem, nem incitam a luctas entre irmãos americanos.

Concorrem em fortalecer a America inteira contra expansões inconsideradas e ambições incontidas."

Não ha exaggero em taes pensamentos, nem são allucinações filhas da visão apavorada dos factos e de irrealisaveis perspectivas.

A POLITICA DE RIO BRANCO

Pertencemos a um grupo de discípulos do maior homem de Estado do Brasil, no terreno internacional: Rio Branco. E são deste immortal patricio, falando ao continente inteiro, as palavras seguintes, proferidas no Congresso Latino-Americano, no Rio, em 1905: "Mesmo quando o Brasil, vivendo sob outro regimen que o actual, era, na phrase do illustre general Mitre, uma verdadeira "democracia coroada", e a differença de forma de governo podia fazer crer em differenças de ideal politico, mesmo então não foram menos amistosos os nossos sentimentos para com as Republicas limitrophes, e nunca nos deixamos dominar de espirito aggressivo, de expansão e de conquista, que muí injustamente se nos tem querido attribuir. Hoje, como naquelle tempo, a Nação Brasileira só ambiciona engrandecer-se pelas obras fecundas da paz, com seus proprios elementos, e dentro das fronteiras em que se fala a lingua de seus maiores: *e quer vir a ser forte entre vizinhos grandes e fortes, por honra de todos nós e por segurança do nosso continente, que talvez outros possam vir a julgar menos bem occupado.*"

E' litteralmente inatacavel a profunda sabedoria dessa visão de estadista. A ella nos filiamos convencida e meditamente, e com um grave elemento comprobatorio a mais: a experiencia pessoal collida no governo, em periodo critico de nossa historia, durante a Grande Guerra, phase na qual, nas duas pastas que então superintendemos, pudemos verificar praticamente a escrupulosa exactidão de taes

conceitos, ao termos de agir para contrabalançar seus efeitos.

Não mudou a situação do mundo por forma tal que extinguisse taes imperialismos. A doutrina das terras partilháveis da projecção das nacionalidades para além das fronteiras, ainda perdura. Menos apparente e ostensiva do que em 1914, talvez, mas com a mesma seducção e a mesma força operante. Será este o momento de nos enfraquecermos?

Recear que os armamentos gerem militarismo no interior ou bellicosidades nas relações exteriores, revela singular mentalidade. Abdicação do poder em ambos os casos, pois é incomprehensível em paiz policiado que um instrumento de realisação das funcções directoras, qual a força armada, possa agir arbitrariamente ou fuja da obediência á disciplina e aos desígnios do governo nacional. Si tal se dá, é porque este é fraco ou desconhece seus deveres. A elle, pois, cabe emendar-se e assumir seu verdadeiro papel, exigindo e impondo a ordem, o methodo, a cooperação de esforços.

Nada têm com isto armamentos e classes armadas. Tão intelligente seria pensar por forma outra, já escrevemos algures, quanto responsabilisar o Código Penal pelos crimes que visa punir, ou o histori, pelo abcesso a que tem de desbridar.

A ELEVAÇÃO DO NIVEL DOS ESTADISTAS

A tarefa é outra: a elevação do nivel dos homens publicos, em sua competencia e sua capacidade de agir. A maioria politica e administrativa dos governos, em summa. E desta ainda estamos distantes.

Taes as razões que nos levam a negar a oportunidade de tratar de desarmamentos, assumpto no qual os accórdos

são actualmente impossíveis; discussão, portanto, que a bem da propria harmonia internacional convém evitar, pois nos desune em vez de nos congregar.

Si, então, passarmos ao exame concreto de nossa situação militar, em "todos" os países sul-americanos, desperta sorriso de commiseração o *tolle* que se faz contra o aparelhamento tecnico e material do exercito e da armada. Não fosse a profunda ignorancia reinante, no Brasil pelo menos, sobre taes assumptos, e ninguém que se prezasse faltaria ao respeito devido a si-proprío e á nação, demorando em tal conceito.

Para quantos entendem desse tanto de conhecimentos profissionaes e de nossas directivas internacionaes, e levando em conta os coefficients peculiares ao nosso continente, é verdade elementar e banal que nenhum de nossos países possui, em terra ou no mar, elementos nucleares bastantes para a organização de campanhas, na triste eventualidade de um conflicto armado.

E não ha ambito de acção politica e social onde menos se possa improvisar, e onde a improvisação se ostente mais desastrosa.

Podemos citar exemplos do Brasil. O descaso, a imprevidencia, a má vontade por incomprehensão do problema militar, levaram-nos aos sacrificios da campanha Cisplatina, e do Paraguay, ás lamentaveis averiguações de 1914-1918, ás proprias deficiencias das operações de policia interna que foram nossas luctas intestinas.

Quererão enthronisar tal desordem e cegueira politica em methodo de governo?

Mais logico, mais leal para com a Nação, muito mais economicamente, seria então dissolver a força armada. E' possível e fácil realisar-o, respeitando direitos adquiridos e affectando edificios e aparelhamentos a fins outros,

Haverá, na presente situação do mundo, quem se abalance a tanto?

Não nos parece, e por isso só vemos um rumo intelligente e pratico: governar e organisar. Um alvo: sermos resoluta e conscientemente pacíficos. Um meio: sermos calmos e fortes.

A QUESTÃO DEVERA' SER ESTUDADA POR MEIO DE ENTENDIMENTOS REGIONAES, OU SERA' PREFERIVEL DEBATEL-A NUMA REUNIÃO EM QUE ESTEJAM REPRESENTADOS TODOS OS ESTADOS DO CONTINENTE, CONFORME A THESE SUSTENTADA PELO GOVERNO ARGENTINO, POR OCCASIÃO DA CONFERENCIA DE SANTIAGO?

"Ponhamos de lado a questão de oportunidade, decisiva e eliminatória para nós, e admittamos firmadas as opiniões no ponto de se tratar do assumpto, tendo-se apenas de escolher o methodo: accórdos regionaes, ou reunião conjuncta.

Não se vê bem como fundamentar um congresso sul-americano de limitação. O problema varia de aspectu com as regiões.

Tomemos uossa situação com Venezuela, Colombia e Equador.

As duas primeiras Republicas não nos pôdem fazer mal, nem nós a ellas (admittido por amor á discussão que qualquer de nós tres o quizesse). A selva, as savanas e as serras que nos separant são de natureza a impedir operações, salvo por um preço que nenhum alvo justificaria.

Por mar, temos alguns navios de combate, e ellas nenhum. Em ambos os elementos, a equivalencia ou arruinaria quem connosco tratasse, ou nos poderia tirar o pouco que possuimos como nucleo de esquadra. A solução seria, pois, manter o "statu-quo" que a ninguém offende nem ameaça, talvez mesmo permittir certos augmentos navaes que são reclamados por necessidades intrinsecas de nossa marinha para os fins geraes de nossa politica.

Do Equador, nem sabemos si ficaremos limitrop'ics. Quaesquer contactos, neste caso, seriam navaes, a não ser que tropas dessa Republica atravessassem a zona de pernio pertencente a uma terceira potencia e nos viessem atacar, ou então que nós fizessemos o mesmo. Renevar-se-iam as ponderações feitas quanto a Venezuela e Colombia.

Mas a ausencia absoluta de sombras de pretextos para dissidios connosco, resumiria o interesse de uma politica limitadora uniforme, unicamente aos tres paizes de origem castelhana, e para quaesquer divergencias entre elles: pontos de vistas regionaes, portanto.

Abre-se aqui uma excepção digna de nota, relativa aos tres paizes envolvidos na guerra do Pacifico de 1879-83, Chile, Perú e Bolivia. De facto, desde essa data, persiste entre elles uma situação de paz armada, que só terminará quando definitivamente e aprazimento mutuo for dada a solução consensual ao problema territorial correspondente. Mal se comprehende, mesmo, que o Chile tivesse a iniciativa de propôr, e lograsse ver aceita sua suggestão, de limitar armamentos no programma pan-americano de Santiago. Erro foi, nosso e de outros paizes do continente, assentirmos em que se inscrevesse tal these, verdadeira bomba retardada. Não era obvio, para os conteeedores do assumpto, que se apresentaria logo, em relação a essa nobre Republica, vencedora das outras duas, a facil excepção do

quis tulerit Gracchos? a pecha natural de querer consolidar em proveito proprio a situação adquirida? o intuito real de dar por finaes, disposições transitorias, de solução adiada pelo tratado de Aucón?

IMPREVIDENCIA CENSURAVEL

Mas o erro maior e a imprevidencia mais censuravel partiram de nós outros,, Argentina e Brasil, que sabiamos o estado dos espiritos no Pacifico, que conheciamos os justos melindres de todo o continente e que não fizemos reservas e mesmo opposição ao surgir de uma proposta que encerrava em seu bojo o fracasso da Conferencia nesse capitulo especial.

Como querer, então, que a iniciativa chilena tivesse a annuencia peruana? e como olvidar que, nas reuniões internacionaes, não ha maiorias victoriosas, sinão unanimidades consentidoras?

E, agora, após tudo quanto se deu com o arbitramento norte-americano, e os desagradaveis incidentes no processo preliminar de organização da consulta plebiscitaria nos territorios occupados, como acreditar na viabilidade immediata de entendimentos e accórdos geraes, sem solver em primeiro logar o caso especial dos antigos adversarios, ainda não reconciliados de todo?

Relativamente mais facil é a posição dos povos restantes, Argentina, Paraguay, Uruguay e Brasil. Nenhum choque ou opposição de interesses os separa. A divergencia do Chaco tem importancia menor do que as de Missões ou da Cordilheira, e ambas o arbitramento dirimiu, por honra da mentalidade politica e continental dos interessados.

A serem convenientes, o que contestamos, são não viaveis entre elles uma troca de vistas e um assentimento reciproco sobre a defesa territorial.

Mas, em resumo, o que avulta é a impossibilidade de directriz unanime entre as nações, nesse melindroso assumpto. E a resposta apresenta-se não como uma escolha possível de methodos de agir, mas como a impraticabilidade de uma reunião geral de todos os Estados, que devesse solver o problema do desarmamento. Não será fazer perigar um principio bom — sob outra fórma, é certo, a da cooperação pacifica sul-americana —, provocando encontros de opiniões, conflictos de interesses? E'o entre individuos, como entre paizes, são os sentimentos e pensamentos communs; não os que disjungem e desaggregam. E esse foi o grave erro do programma de Santiago.

Note-se que não fizemos entrar em linha outro elemento capital de divergencias, o Mexico e os Estados Unidos, não por infenses á idéa theorica, mas pelos attritos dos interesses e pela indeterminação de formulas solvedoras. Tambem a America Central teria palavras a proferir bem como as soberanias insulares do mar Caribeo.

A CONFERENCIA DE SANTIAGO

A infeliz inclusão do thema na agenda da 5.^a Conferencia Pan-americana valia pela prévia certeza do insuccesso, tal o erro de psychologia nella revelado.

Maior tornou o desacerto um passo impolitico, contrario á verdadeira tradição nossa, hostile em vez de amistososo para com nossas irmãs continentaes, violador dos sentimentos e dos interesses do nosso paiz, em má hora deliberado pelo governo brasileiro: a conferencia preliminar dos representantes do chamado A. B. C.

Este é outro desvio da nossa rôta tradicional que devemos resolutamente condemnar e pôr de lado. Nunca se teria dado em vida de Rio Branco.

Em política internacional, acto inútil é acto perigoso: não solve problema algum, e, por suas declarações, pôde ser invocado em circumstancias outras, que não haviam sido previstas.

Entre Argentina, Brasil e Chile, ha dois pactos bilateraes, prevendo com a maior amplitude as soluções a proferir por arbitramento. Porque substituir, em dada emergencia, a discussão entre *dois* contractantes por outra, na qual, sendo *tres*, quasi sempre se dará o grupamento de *dois contra um*, isto é, sempre haverá uma parte vencida, pois serão rarissimos os casos de coincidirem os interesses dos tres em uma decisão unica?

Mesmo inoperante, na hypothese de divergencia, não será sublinhar desaccórdos, muito mais do que approximar governos?

Já prevendo taes difficuldades, e apesar da insistencia do Perú em intervir no debate, o Barão havia delicadamente afastado o pedido de intervir esse paiz na negociação do tratado de Petropolis celebrado com a Bolivia. Na propria essencia dos entendimentos entre *tres*, está o germen de discordias futuras.

O ERRO DO A. B. C.

O mesmo tratado ainda não ratificado do A. B. C. é prova disso: ainda pende de approvações legislativas. No Pacífico, foi tido como prova de preferencia pelo Chile, e isto nos alheiou sympathias. Eramos tidos, até então, como campeões dos pequenos Estados. Passou esse papel generoso e nobre a ser desempenhado pela Argentina, que, habilmente e intelligentemente, ponde inutilisar e tornar inoperante a tentativa ternaria.

O Brasil tornou-se alvo de geraes suspeitas por substituir sua tradicional politica de egualdade entre as nações,

por outra de criação de categorias e de agrupamentos superiores. Nada mais rude e mais offensivo dos justos melindres sul-americanos. A iniciativa da conferencia preliminar do A. B. C. antes da reunião do Pan-americano foi apontada como reincidencia infeliz e lamentavel da mesma mentalidade, e despertou, em gráo mais alto e mais perigoso, a mesma justificada repulsa.

Virão a lume um dia os documentos officiaes, e verificar-se-á que não ha exaggero em dizer que, desde Rio Branco, está vacante no Brasil a pasta das Relações Exteriores. Não que houvesse faltado aos dignissimos brasileiros que transitaram pelo Itamaraty patriotismo, intelligencia ou capacidade de acção. Mas uns eram mais politicos internos, candidatos a outras situações; outros estariam deslocados do ponto de vista de sua competencia especial; e com isso soffreu a efficiencia dos serviços desse Ministerio ao qual Rio Branco dá o formidavel prestigio da propria personalidade dominadora.

É, portanto, um edificio a reconstruir. Tarefa ingrata e longa, mas necessaria e urgente. Oxalá a realizem!...

Mas, inda uma vez, tudo aponta para entendimentos regionaes, si reconhecidos uteis, e nada aconselha nova experiencia de character geral. Para taes pactos de paiz a paiz, bastam os orgãos normaes de acção: as chancelarias. Nova razão, pois, para condemnar o processo generalizador.

Sempre na mesma orientação, não ha difficuldade em responder ao terceiro quesito.

HAVERA' CONVENIENCIA EM DIVIDIR-SE O PROBLEMA PARA O EFEITO DE SEREM PROCURADAS, SEPARADAMENTE, AS FORMULAS DE LIMITAÇÃO OU REDUCÇÃO DOS ARMAMEN-

TOS NAVAES, TERRESTRES OU AEREOS? OU SERA' MAIS VANTAJOSO ESTUDAR-SE A QUESTÃO EM CONJUNTO, VISANDO DAR-LHE UMA SOLUÇÃO GLOBAL?

A solução será dada, em accôrdo regional, caso haja conveniencia em celebrar este. Correlação forçada entre os varios termos do problema, não ha. Cada grupo de paizes contractantes apresenta modalidades proprias. Brasil e Colombia, por exemplo, poderiam tratar da defesa terrestre e aerea, pois são limitrophes, mas têm interesse menor do ponto de vista de guerra naval. Chile e Venezuela, ao contrario, só pelejariam no mar. Mesmo nos casos em que ha possibilidade de recontros em terra, no ar e nas aguas, Brasil e Perú, por exemplo, não ha regra generica a estabelecer, sim soluções de especie.

Carece de alcance pratico, portanto, o encarar em conjunto, ou então parcelladamente, o latio tecnico da realisação da guerra. Normas de caracter geral, bastam as existentes, embora pouco respeitadas na guerra de 1914-18, oriundas das Conferencias de Haya.

Menos comprehensivel, para nós brasileiros, é a quarta e ultima pergunta.

NÃO SERIA CONVENIENTE NEGOCIAR-SE, AO MESMO TEMPO QUE A LIMITAÇÃO DOS ARMAMENTOS, UM TRATADO AMPLO E COMPULSORIO DO ARBITRAMENTO, PARA TODAS AS QUESTÕES QUE SE SUSCITAREM ENTRE AS TRES PRINCIPAES NAÇÕES SUL-AMERICANAS?

Posto de lado o ponto da limitação, pelos motivos já expendidos, nenhuma duvida ha quanto á superioridade

technica e politica dos tratados de arbitramento geral, O proprio termo *compulsorio* nada tem que espante: assignado um pacto dessa natureza, por acto de volição dos interessados, a obrigatoriedade resultaria do consenso das partes contractantes, *nunca* de imposição extrinseca, e regularia as relações entre estas. Disciplina consciente e consentida, portanto.

Fazer d'isto objecto de um tratado triplice incidiria nos erros que já apontámos: em primeiro lugar, falando em *nações mais importantes*, quando a tradição brasileira, reside essencialmente na egualdade internacional dos povos; em segundo lugar, firmando obrigações entre *tres* paizes.

Mas o inconveniente maior estaria no largo retrocesso que isso representaria.

Com effeito, possuímos muito mais e melhor do que isto, já incorporado em nossa legislação em virtude de actos internacionaes, devidamente ratificados: a série de nossos tratados de arbitramento geral, dos quaes o primeiro foi celebrado com a Argentina, em 7 de setembro de 1905.

E', aliás, mais um serviço entre os mais eminentes que Rio Branco nos prestou.

Em materia de arbitramento, costuma-se no vizinho paiz chamar doutrina argentina a que figura no texto de nosso tratado com ella; era a que o Senado dessa Republica approvou como emenda ao seu primeiro tratado com a Italia, e na discussão ficou claramente explicado que tal formula excluia do arbitramento as questões que entendessem com os interesses vitaes e a honra do paiz.

E' bom observar que o governo brasileiro, até certos annos atrás, tinha por norma resalvar nesses tratados os casos relativos á honra e aos interesse vitaes do paiz. Assim procedia pelo motivo ponderoso de que, tendo uma série de pendencias sobre limites resolver com as nações

confrontantes, taes soluções talvez fossem mais faceis e convenientes por meio de negociações directas do que por um arbitramento forçado. E, assim, o demonstrou a pratica.

Uma vez fechada a linha linceira, feitos os tratados de limites mediante os quaes taes linhas ficaram perfeitamente definidas, de então para cá o Brasil tem adoptado, e mesmo em alguns casos tomou a iniciativa de propôr que nos textos dessas convenções se mencione a formula mais ampla, illimitada, isto é: o recurso a juizo arbitral em todos os casos litigiosos entre o nosso paiz e as demais nações com as quaes tenhamos pactuado.

Claro, em taes redacções, resultados do consenso, o que figura definitivamente é o que os *dois* contractantes accitam e não a vontade de um só.

Dessa fórma, temos a vantagem de firmar o principio do arbitramento amplo, de firmal-o entre *dois* governos e não *tres*, e com a demonstração plena de que *todas* as nações merecem para nós egual direito, egual carinho e respeito.

Os mesmos principios temos, actualmente, com dois tratados bilateraes, com Chile e Argentina, e sem possibilidade de nelles encontrar a eiva de se lles attribuir qualquer superioridade internacional sobre nossas irmãs continentaes.

Porque perder taes vantagens quando esta egualdade é basilar em nossa tradição diplomatica?

São trinta e um os actos desse genero assignados por nós, sendo que só vinte e seis estão em vigor por falta de formalidades a preencher nos vestantes cinco.

Não procede, pois, a interrogação ultima do questionario do O JORNAL.

Resutuamos, pois:

1.º) é inoportuno, impraticavel e cheio de possíveis complicações internacionaes o tratar do problema geral dos armamentos sul-americanos;

2.º) só começará a possibilidade de tal debate, quando liquidadas consensualmente as questões resultantes do tratado de Ancón;

3.º) o problema, então, terá de assumir outra feição que não a do desarmamento, sim o de preparar a cooperação prudente e eficiente de toda a America para a sustentação do monroismo como o Brasil sempre o comprehendu, isto é, a solidariedade em todos os terrenos de todas as soberanias americanas, no sentido de garantir o patrimonio territorial e moral legado por nossos maiores”.

Agosto de 1928.

O BRASIL E A SOCIEDADE DAS NAÇÕES

I

O OBJECTIVO GENEROSO DA LIGA

Quiz o pensamento generoso de Woodrow Wilson fosse a Conferencia da Paz mais do que a liquidação do espolio e das ruínas da Grande Guerra.

Intentou organizar o mundo pacifico, eliminando ou, pelo menos, reduzindo as causas de recurso irremissivel ás armas. Ideou a vasta construcção harmonica, homogenea e solidaria da Sociedade das Nações.

Auctoria delle? Desenvolvimento do schema do general Smuts? Pouco importa ao caso. Do presidente dos Estados Unidos eram a força, a energia, a perseverança e a auctoridade moral, capazes de levar a cabo a tarefa, com o prestigio da riqueza e da massa de um povo de mais de cem milhões de almas, cuja entrada no prêlio havia rôto, em favor dos Alliados, o equilibrio das forças.

Auctoridade moral ainda engrandecida pelo nobre espirito de justiça para com todos os combatentes com que se haviam de portar os representantes americanos, sempre a advogarem soluções liberaes, conscios de que o dever de negociadores sinceros, após a lucta, está em preparar dias longos de tranquillidade estavel. Não cogitaram nunca de vantagens proprias, e sim apenas dos meios de tornar cada vez mais difficil a volta das jornadas tetricas de 1914 a 1918.

Para esse chefe de Estado e para os que leal e desinteressadamente lhe acompanhavam a esteira, mais impor-

tante ainda do que solver os problemas intrinsecos da peleja fúda, era fixar normas de tolerancia relativa e de justiça, anelo de quantos haviam sabido as agonias atrozes das sangueiras e torturas em que mais de dez milhões de vidas se tinham despedaçado.

Largo portico para um futuro menos sombrio e ameaçador, foi o tentamen das amphycionias mundiaes, o Covenant da Liga. Defeituoso que fosse, ainda assim viria a ser o unico grande acto constructor decorrente da catastrophe. O proprio Wilson o disséra: os Estados Unidos não haviam entrado na lucta para vencer um povo, e sim para dar victoria a uma causa, a da paz. Que povo, cioso de fraternidade humana e do bem-estar geral, se resignaria a não collaborar em missão tão alta?

AS NEGOCIAÇÕES DE 1919

Desde logo se evidenciou que, na obra da Conferencia, o ponto capital, o que verdadeiramente interessaria ao mundo, teria de ser o debate organisador do novo instituto.

Para hem avaliar as transformações do rumo diplomatico seguido pelo Brasil, é opportuno, a largos traços embora, descrever o que foram as negociações de 1919, em Paris.

Si, em tempos calmos e normaes, é difficil a cada paiz conhecer e apreciar com justiça os moveis dos demais, no theatro internacional, sóbe de ponto a difficuldade em se tratando dos velhos povos em relação a esses "parvenus" da historia que são as antigas colonias emancipadas, mais ou menos desconhecidas.

Os proprios Estados Unidos, hoje dominantes, constituem objecto de permanente enigma para os europeus, a commetterem continuos enganos, innocuos por tão inge-

nuos. Temem-n'os, agora, por sua força e seus recursos. Mas o sentimento preponderante é o de mal disfarçada inveja, sobre um fundo de desconhecimento quasi completo.

Quanto ás demais nações, o mesmo véo de indiferença e de ignorancia, mais espesso talvez, as envolve todas, e as transforma aos olhos dos habitantes do Velho Continente em vagas entidades geographicas sem importancia. O antigo "hic sunt icones", das cartas hypotheticas das regiões inexploradas, no seculo dos descobrimentos.

A isto, accrescen surdo e inconfessado malquerer aos rebentos que ousaram separar-se dos troncos ancestraes, e o desdém pela falta de respeito dos "petits-garçons" que aspiram a emparelhar com os paes e sentar-se, com eguaes direitos, á mesa das deliberações.

Accentua-se a clivagem moral pelo facto de falarem linguagens politicas diversas, uns a invocarem poderio e força e conflictos de interesses, enquanto os mais novos se inspiram em um ideal juridico de tolerancia e de mutuo consenso.

Os tratados oriundos da Conferencia da Paz não foram sinão a traducção graphica desse divorcio de alvos e de tendencias normativas. Essa, a causa essencial das falhas, das contradicções, dos absurdos e das monstruosidades desses documentos internacionaes, em que o mesmo texto, a um tempo, diz num ponto — age —, e, logo adiante — abstém-te.

Mais fundos apresentavam-se taes dissidios essenciaes, logo após o armisticio, obnubilados os melhores espiritos pela natural e tão comprehensivel psychose da guerra, o corpo e a mente ainda quentes dos sacrificios inauditos e do sangue a jorrar das feridas abertas.

OUTRO ELEMENTO DE PERTURBAÇÃO

Outro elemento, o mais grave talvez, vinha complicar as negociações.

O secular conflicto dos interesses francezes e dos inglezes, que, durante o quadriennio sangrento, tanto havia entorpecido as operações e impedido o pleno rendimento do esforço militar aliado, tinha-se revelado em todos os theatros da lucta. Não era tal facto de molde a estreitar a collaboração dos dois paizes, no exame concreto dos problemas de todo genero, que a Conferencia tinha por missão solver.

Novo detalhe, de importancia transcendente, augmentava a amargura franceza. Enquanto esta nação, pelo armistício, impuzera apenas medidas militares que annullavam a possibilidade de uma reacção, e, portanto, nada predisponham sobre as justas reivindicações a formular ulteriormente, a Grã-Bretanha alcançára desde logo obter o essencial de seus alvos de guerra: a destruição do imperio colonial germanico, o antiquilamento das esquadras allemãs, o silencio sobre a liberdade dos mares. Ao abandonar esse trecho capital de seus "quatorze pontos", Wilson consagrara a incontrastada hegemonia das frotas britannicas. O mais, que na Conferencia se teria de negociar, eram detalhes ante a magnitude da victoria ingleza no elaborar com os imperios centraes, vencidos e esmagados, os accôrdos de novembro de 1918.

Em tal ambiente, iam os americanos, os do Norte e os do Sul, tentar exercer uma acção moderadora, de aproximação e realidade practica. Claro, auctoridade para tal só a possuíam os Estados Unidos; mas sabiam estes que eram apoiados tambem pela opinião desapaixorada das

repúblicas sul-americanas e pelos votos e conselhos de seus delegados em Paris.

Desde logo, a comissão especial incumbida de estudar e organizar a Sociedade das Nações se delineava como a mais importante da assembleia; embora, nos meios franco-ingleses, com raras excepções, fosse tido tal aparelho como devaneio idealista do professor que era o presidente norte-americano. Não ousavam dizê-lo claramente, mas por todas as manifestações se evidenciava a ironia sceptica com que o generoso plano era recebido.

Em todas as phrases se achavam palavras de applauso. Nos actos e nas expansões íntimas, só se revelava desdenhosa descrença pela proposta utopia. Ante a convencida insistencia de apóstolo de seu patrono, continuavam polidamente a tratar do caso, mas confiavam que, no "chapitre des accidents", como dizia o czar Alexandre no Congresso de Vienna, fosse archivada a importuna lembrança.

Não conheciam a tempera de Wilson. E, enquanto assim occurria, o lemma — Liga das Nações — andava á flor dos labios; a mentalidade correlata, porém, não existia nas intelligencias, nem o sentimento no coração.

O AMBIENTE EM QUE SE INICIARAM OS TRABALHOS

Pouco admira que, em condições taes, a atmosfera inicial dos trabalhos estivesse carregada de electricidade. Era a guerra continuando sob outra fórma. Esnagar sem dó a Alemanha e seus alliados; consolidar permanentemente a situação de força creada pela lucta; crear um corpo deliberrante e executivo das cinco grandes potencias, que julgariam os demais casos; ás outras nações se reservava o direito de applaudir.

Como se vê, era a negação do pensamento do Covenant, que se baseava na egualdade das nações soberanas, respeitada, como era obvio, a hierarchia dos interesses na occasião, pela maior ou menor intervenção no conflicto material.

Antes da chegada do presidente dos Estados Unidos, tal era a corrente dominante. Determinava-se, sem ouvil-os, o modo pelo qual os interessados se fariam representar, os órgãos de julgamento e de decisão, tudo de fórma a constituir um tribunal unico das cinco grandes potencias, perante as quaes as restantes compareceriam como solicitadoras.

Os jornaes francezes, que, por intermedio da "Maison de la Presse", recebiam a senha do Quai d'Orsay, divulgavam ser este o rumo adoptado. A' bocca pequena, attribuiam o extranho plano ora á politica britannica, pouco respeitadora dos direitos dos mais fracos, ora aos proprios "bureaux" do ministerio de estrangeiros, a enxergarem apenas o ponto de vista francez. Dessa exclusão de povos, ditos secundarios, não se achava extreme o mesmo texto americano, em sua primeira phase.

Fosse a origem qual fosse, certo é que o ponto de vista teve de ser alterado sob a pressão do "tolle" que suscitou. O governo norte-americano, movido por ponderações vindas de todos os lados, inclusive do Rio de Janeiro e da delegação em Paris, agiu em sentido mais liberal, e venceu o primitivo proposito de "régenter" o modo de compôr a Conferencia. Que foi uma victoria dos protestantes, nenhuma duvida póde haver: bastava ler as folhas do dia 14 de janeiro, atacando o Brasil por ter sido elevado o numero de seus delegados. Curioso era que, tratando-se de paiz alliado, a censura politica consentisse em taes investidas.

A COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES

Não parava ali o animo hostil á collaboração de outras nações, por parte das grandes potencias européas. No regulamento apresentado á Conferencia, em sessão inaugural de 18 de Janeiro, e tido por acceto sem discussão, se havia estipulado que as potencias com interesses limitados só figurariam nas sessões em que se debatessem assumptos de seu interesse. Era a exclusão, nas commissões, de todos os povos menos os chamados grandes.

Como era natural, a impressão foi penosa. De todas as delegações partiam censuras ao modo despotico pelo qual Clémenceau presidira aos trabalhos. A nova sessão só teria logar a 25, de sorte que restava uma semana de prazo para tentar conciliar as tendencias.

Todas as missões agiram nesse sentido, a do Brasil, incompleta, embora, como as demais; seu esforço foi amparado pela acção discreta do Itamaraty, em Washington e em Londres. Grecia, Portugal, Belgica, Servia, multiplicaram gestões concordantes para serem modificados os conceitos da composição das commissões. Houve entendimentos connosco para uma acção commum.

Dahi resultou que, no programma da segunda sessão, já figuravam as commissões como devendo ser mixtas. Teriam quinze membros, em geral, sendo dez para as potencias de interesses predominantes, e cinco para as outras, que eram dezanove. Em várias, entretanto, já vinha predefinida a escolha.

Era obvio o intento de manter os resultados da guerra, a crystallisação das feições do momento e evitar o surto de novos grupos nacionaes capazes de se tornarem grandes potencias, segundo o criterio corrente.

Tal a revolta, que na propria sessão publica explodiram os protestos. Iniciou-os a Belgica, a que se uniram muitos outros delegados. Nós, tambem, tivemos de resalvar nossa posição. De facto, dos assumptos sujeitos ao estudo de algumas de taes commissões — Liga das Nações, portos e vias de comunicação, reparação de prejuizos — havia em nossa Constituição e nossas leis internas disposições taxativas, que seriam attingidas por qualquer medida proposta pelos órgãos preparadores e accета pela Conferencia. Dahi, não podermos dar mandato a terceiros para deliberarem em nosso nome, e reclamarmos representação directa nesses comités.

Belgica, Servia, Grecia, Portugal, China, Canadá e outros paizes entoaram a mesma nota. Clémenceau, infelicissimo, em sua resposta, se limitou a dizer que, no fundo, só contavam as cinco grandes potencias. Poz a votos o que elle proprio havia deliberado. Na assembléa, em que vinte e quatro votos estavam presentes, só meia duzia o sustentaram. Feita a contraprova, a abstenção foi geral.

Em nota volante tomada na occasião, lembramo-nos ter salientado parecer certa nossa victoria, pois o grande francez, intelligentissimo como era, não podia deixar de sentir que violentava o pensamento quasi unanime das delegações.

O BLOCO AMERICANO SOB A DIRECÇÃO DO BRASIL

A nova sessão devia ter logar na segunda-feira, 27 de Janeiro. Não seria plenaria, e sim entre as missões dos povos de influxo menor na guerra. Era patente a necessidade de trocar vistas com os demais delegados, e de deliberar uma acção conjuncta. Tomou a iniciativa de uma

conferencia preliminar entre latino-americanos o então ministro uruguayo em Pariz, e actual ministro das Relações Exteriores de seu paiz, o dr. Juan Carlos Blanco.

A's 11 da manhã do dia 27, estavamos reunidos os delegados do Uruguay, do Perú, da Bolivia, do Equador, de Cuba e do Brasil. Quando nos separámos, o entendimento era completo, e formavamos um grupo cuja acção teria de ser expressa por quem escreve estas linhas e seguindo a seguinte orientação geral.

Não reconheciamos grandes ou pequenas potencias: postos de lado os *interesses*, que, esses, sim, eram deseguaes, todas as nações soberanas tinham equal direito e equal categoria.

Consequencia dessas duas premissas — soberania equal, interesses deseguaes — pleiteariamos nossa representação em commissões que nos dissessem respeito, e de accôrdo com o que julgassemos ser o vulto de taes interesses.

Agiriamos como um bloco, sob a direcção do Brasil, salvo em se tratando de divergencias internas entre conveniencias de nosso grupo, ou de instruções especiaes.

Nossos representantes nas commissões nos representariam a todos. Procurariamos ter um delegado na comissão da Sociedade das Nações (Brasil), outro na legislação portuaria (Uruguay) e um terceiro na da legislação do trabalho (Cuba).

Cuidariamos de nos ligar a outras delegações para conseguir a victoria de nossa combinação. Contava esta com seis votos, e, possivelmente, mais dois: os de Haiti e da China.

Procurámos, então, os brasileiros, conversar com os representantes de Portugal e da Servia. Os primeiros assumiram compromissos connosco, mas foi impossivel achar o delegado servio.

Ismael Montez, o antigo presidente da Bolivia, e o ministro uruguayo falariam aos plenipotenciarios da China. O ministro de Cuba se entenderia com o de Haiti. Todos nós conversariamos com gregos, belgas e rumenos.

A base era que, das vinte vagas a preencher, tres seriam nossas.

A Conferencia reunia sob a presidencia de Jules Cambon, o antigo embaixador francez em Berlim, dezasete nações de interesses limitados.

O delegado brasileiro pediu logo a palavra e após devidas cortesias ao eminente diplomata e homem de Estado que presidia a assembléa, lembrou que antes do voto era imprescindivel firmar e precisar certas noções.

PONDERAÇÕES DO DELEGADO BRASILEIRO

Ante reclamações numerosas de varios paizes havia ficado estatuido que se votaria *si et in quantum*, provisoriamente, em cinco delegados para cada commissão, até que em definitiva fosse deliberado sobre o alargamento das mesmas.

Alludia-se á maior rapidez de trabalho em agrupamentos restrictos, que a experiencia propria, collida em conferencias internacionaes, levava o representante do Brasil a conclusão algo differente. O essencial era chegar-se ao assentimento unanime, pois não se tratava de uma reunião parlamentar onde a maioria dicta a lei. Assembléa diplomatica de nações soberanas, nenhuma poderia ser constrangida a assignar textos de direito convencional, a que não tivesse dado plena e consciente approvação. Dahi, a necessidade de se obteneru préviamente os accôrdos precisos.

Pelo methodo adoptado, as divergencias viriam á tona nas sessões plenarias, á luz crua demais da publicidade. Ahi, o decôro, o respeito humano, o amor-próprio, tudo conspiraria em dar aos dissídios, de detalhe por vezes, mais vulto e mais importancia do que devêram ter. A Conferencia seria a exposição clara, não de convergencias de vistas, mas de discordancias. Facil era prever a exploração surgida de tal situação. Além do que, toda delegação, agindo por mandato e com instrucções, ambos tomados publicos, difficilmente poderia sem desdouro voltar atraz de palavras assim proferidas e de attitudes dest'arte assumidas.

Nas commissões, ao contrario, sem apparatus, sem divulgações inopportunas, em palestras mais do que em discursos, transacções e accommodações se manifestariam mais simples. Obtinha-se, ainda, a immensa vantagem de se elaborarem projectos, já garantidos pelo apoio breve da Conferencia inteira.

A fixação feita anteriormente, para a qual não haviam sido os interessados nem ouvidos, nem consultados, não era objecto intangivel. Na propria Conferencia, isso mesmo adeantára o presidente do Conselho francez.

Acceder, portanto, ás ponderações feitas, valeria por agir com espirito de concordia. E já que se falava em Liga das Nações, na qual a base insubstituivel é a egualdade internacional dellas, seria mostrar que se comprehendia o dever primordial de não ter a palavra, sómente, nos labios, mas sim o sentimento no coração.

Tal allocução, evidenciou-se desde logo, traduzia o pensamento da Assembléa inteira. Cambon salientou essa concordancia de opiniões, e tomou o encargo de transmittir as observações ao Conselho director. Ponderou, entretanto, que, como o proprio delegado do Brasil recontecêra, o

caminho a seguir desde logo era eleger os cinco membros para cada comissão. Para tal, suspendia a sessão.

Realmente, o discurso do delegado brasileiro reflectia o sentir geral. Logo após ter sido proferido, procuraram o seu auctor e lhe manifestaram sua adhesão todas as delegações.

O CRITERIO DA ELEIÇÃO

Começou-se logo a trocar impressões sobre a chapa a eleger. Dois povos, evidentemente, primavam sobre todos pelos sacrificios soffridos, a Belgica e a Servia. Figurariam em todas as comissões, corrigindo assim o acto despotico que os havia excluido de logar de destaque na direcção dos trabalhos. A discussão abria-se pois para as vagas restantes.

Facilitava o entendimento a situação especial da America Latina. Não tinhamos, os habitantes deste Continente, soffrido directamente os horrores da lucta, as violações de direitos patentes na Europa. Não nos assistia, portanto, auctoridade moral para tomar parte no julgamento dos responsaveis pelo desencadear da guerra e pelas atrocidades resultantes della. Não nos cabia, era claro, figurar na comissão correspondente.

O "LEADER" SUL-AMERICANO

Nas negociações, logo se evidenciou que o Brasil falava em nome de toda a America latina, mais Haiti e China, o que nos fazia representar oito votos, num conjuncto de dezasete nações. Deu-nos singular relevo o facto. Raras reservas se fizeram á gestão nossa, e cediam todas ante a duplice consideração de que agiamos em nome de um continente inteiro, com espirito de solidariedade internacional, e

fraternidade sul-americana. Em realidade, já nos inspirávamos, por acto de desprendimento e *effacement*, no ideal da Sociedade das Nações. Belgas e gregos, após a conferencia, felicitaram ao Brasil declarando que havíamos praticamente dado uma lição publica e um exemplo do que devia ser a Liga. Era um modelo, acrescentavam, que, cedo ou tarde, as chamadas grandes potencias teriam de seguir.

Triumphou integralmente nosso ponto de vista. Foram eleitos nossos candidatos, e mais alguns pelos quaes nos interessavamos tambem, taes como Portugal, Grecia, Rumania e China.

Mais que tudo, todavia, avultou o effeito moral conquistado serenamente. Confirmou-se, deste modo, a posição de nosso paiz; *leader* sul-americano, na occasião, e realisador, desde logo, de um ideal internacional superior. Claras, inequivocas, as mostras de respeito que nos cercaram.

HOMENAGEM A' BELGICA

Continuaram, na mesma Conferencia, as provas de reciproca cordialidade. Ainda ao Brasil coube inicial-as, salientando que do voto recente dimanava alta lição: o logar de destaque dado á Belgica. Era mister salientar a homenagem excepcional a essa nobre nação. Sabiamos apenas, e ainda!... de um preito que ia revolucionar os lineamentos politicos da construcção do mundo. Si tal coisa se tornára exequivel, si podiamos, todos nós, discutir pacificamente os novos ideaes e as novas soluções practicas, fôra porque um nobre povo, pequeno no territorio, grande de coração, não hesitára em sacrificar-se e em tornar-se victima expiatoria e dar-se em holocausto voluntario. Era isso o que significava o preito á Belgica, essa a admiração que

se lhe tributava. Após a lucta, della se podia repetir, paraphraseando o dito de Jeanne d'Arc quanto a seu pendão: "elle a été à la peine; elle est maintenant à l'honneur".

Hymans, ministro de estrangeiros belga, e Vander-velde, seu delegado tambem, commovidamente agradeceram. Cambon, com applauso nosso, estendeu a saudação a outros servidores da justiça e da liberdade, merecedores da gratidão da humanidade, portanto, a Servia e a Rumania.

Nessa atmosphera de entendimento e mutua bõa vontade, se levantou a sessão, ficando seu presidente de conferenciar com as grandes potencias sobre o anhelado geral da Assembléa, quanto ao alargamento das commissões.

Inpugna-se cada vez mais a necessidade de affirmação de força consciénte e serena, que se abstinha porque queria, mas sem permittir menospreço. A propaganda e os protestos haviam valido. Já entravam nas commissões potencias outras do que as immediatamente "envolvidas na guerra. Já se começava a sentir que outros elementos existiam, além dos cinco paizes *leaders*, e que elles tinham de ser respeitadas, sob pena de aniquillar-se o esforço commum collimado pela Conferencia.

A direcção do Brasil na Assembléa dos povos de interesses limitados produzira resultados. Todas as delegações o procuravam, conversavam connosco para o trabalho collectivo. A intervenção relativa á Belgica fôra salientada, como resposta aos "coups de boutoir" de Clémenceau. O desinteresse com que, americanos do sul, reconheceramos a predominancia dos agravos dos paizes talados pelo cycione bellico, e apesar de nos pertencer a maioria, lhes haviamos dado superioridade de representação nas commissões, fôra por elles proprios notado. Mais tarde, em reunião de 3 de Março, a Servia o fazia publico, alludindo ao nosso desprendimento, á superioridade de

nossa visão política e á nossa galanteria. Valia, no conceito geral, tal exemplo, por uma demonstração de que "avant la lettre" praticávamos a solidariedade internacional e antecipávamos sobre a Sociedade das Nações.

Solução intermedia, quanto a commissões, crearam-se mais tres em que se deveriam estudar as reclamações; nellas entravam representantes de potencias outras que as "big five". Na de reparações, alvo dos protestos, facilitou-se a defesa dos interesses particulares. Não era o que se havia pedido, mas constituia prova de bôa vontade e o fínite até onde podia chegar o bureau da Conferencia, sem confissão plena e franca, sempre desagradavel ao amor-proprio, do erro inicial. Aos novos órgãos preparatorios, iria caber o estudo dos assumptos referentes á economia e ás finanças derivadas da guerra, bem como o direito privado e o marítimo.

As indicações feitas pela Conferencia das potencias de interesses particulares foram homologadas pelo bureau e pela Conferencia plenaria.

O TRIUMPHO MORAL DO BRASIL

Assim, quando se completou a *Delegação do Brasil*, a 28 de janeiro, já estava resolvido o caso da organização do trabalho, e no nosso paiz cabia entrar na commissão de maior responsabilidade, a que tinha de crear a Sociedade das Nações.

Para o conseguir, havia bastado desfazer equívocos, apontar para os inconvenientes decorrentes do primitivo rumo auctoritario firmado pelo bureau. Todas as delegações concorreram para isso, menos a franceza, a ingleza, a italiana e a japoneza. Perante estas ultimas quatro, foram os *Estados Unidos* o porta-voz de todas as potencias

de interesses limitados. Venceram estas com seu apoio, pela preponderancia moral da Republica Norte-Americana e pela justiça intrinseca evidente de sua causa.

No caso especial do Brasil, militavam a isenção de sua attitude, o espirito de solidariedade internacional manifestado por seus delegados, e o ter sido interprete dos sentimentos geraes das nações excluidas, a princípio, de qualquer collaboração activa e publica.

Sua entrada para a comissão da Liga fôra consequência natural dos factos. Por escolha expressa de seus pares latino americanos, dirigira sua acção conjuncta, e o desempenho do mandato firmára seus creditos. Nenhuma idéa de hegemonia, de superioridade, o havia guiado, sinão a leal dedicação ao encargo commettido. Sua eleição representava um triumpho moral, cuja auréola iria ainda mais prestigiar o alto valor do delegado naturalmente indicado para o representar nesse comité, o chefe da missão e futuro presidente da Republica, Epitacio Pessoa.

II

A ACTUAÇÃO DO BRASIL NA OBRA PREPARATORIA

Não é mister lembrar por mude a actuação do Brasil na obra preparatoria da nova construcção. Foi constante e activamente orientada pela convicção de que o instituto, para ser proficuo, se deveria caracterisar pelo espirito de solidariedade e de perfeita egualdade entre os povos.

Nun dos pontos essenciaes, a natureza e composição do concelho, foi decisivo o modo pelo qual encarámos o problema.

Os diplomatas europeus, ainda não familiarizados com a idéa de absoluta egualdade das soberanias (e mesmo hoje assim procedem), queriam fazer da Liga um instrumento de politica continental. Wilson, sem ir até ali, não contemplava a participação normal de outras nações; neste character, tendia a completar o conselho com individualidades de valor notorio, mas convidadas pelo proprio bureau.

A esforços do Brasil, nasceu e venceu o conceito de constituir o órgão director com representantes nacionaes das duas categorias de potencias.

Lord Cecil, um dos melhores espiritos da Assembléa, entretanto, advogava formar-se o nucleo dirigente com sete membros, as cinco chamadas grandes potencias e dois representantes das demais.

Evidente a mentalidade inspiradora: consolidar os predomínios fixados pela lucta recémfinda. Foi a logica politica de nosso delegado que logrou vencer resistencias e mostrar a necessidade imprescindível, de, nas soluções novas, introduzir os conceitos novos que presidiam a idéa fundamental da Sociedade das Nações. Não era uma questão numerica, essa que se apresentava sob o aspecto de elevar de dois a quatro os membros do conselho, além dos enviados dos grupos nacionaes mais immediatamente envolvidos na guerra. Eram duas mentalidades divergentes que se defrontavam, a tradicional, do predomínio da força; a liberal, que instituia no direito a base de dirimir dissídios.

Tal norma de agir, desde 1919 até 1922, foi sempre observada por nós. Teve o Brasil, no conselho, varios de nossos mais distinctos patriotas. Agiram, sem falha, com esse empenho constante.

Ao mesmo tempo, no trato com os outros governos, procuravam pôr em practica preceitos de sympathia e de comprehensão dos sentimentos e dos interesses peculiares a cada paiz.

A tal feitio intellectual, superior ao méro ponto de vista nacional, sem o contradizer entretanto, costuma-se chamar mentalidade européa dos diplomatas. Denominação erronea. Exceptuados os verdadeiros homens de Estado do Velho Mundo, nos quaes o valor proprio permite dominar os problemas, coordenar e disciplinar interesses particularistas em vista de altas conveniências collectivas, a característica da actividade de taes agentes europeus é a transposição do "esprit de clocher" para o plano internacional. Herança, natural e comprehensível, de seculos de conflictos por soluções estreitamente regionaes.

A LICÇÃO PRACTICA DE RIO BRANCO

Separados pelo Atlantico, os Estados Unidos guardam imparcialidade tanto maior, quanto só ultimamente se tem envolvido na politica mundial. Da isenção mais alta de seu procedimento, quando bem informados (o que nem sempre acontece), dão testemunho suas gestões na Europa dos dias consecutivos á guerra, na China e na propria America.

Esse, tambem, o rumo que deve nortear a acção do Brasil. Foi, aliás, a permanente licção practica, a dimanar da visão superior de Rio Branco, e por este invariavelmente mantida. Com maior ou menor coherencia, dependendo do preparo desigual e da auctoridade relativa de seus successores, essa a róta geral observada por nossa actividade externa.

Tal mentalidade, porém, longe de européa, só se pôde appellidar de mundial.

Desse ponto de vista, pôdem ser criticadas taes ou taes outras decisões, em que nossos delegados no conselho da Sociedade das Nações tenham tomado parte activa. Assim, no caso da Silesia. Mas, em geral, não pôde figurar como censura o ter agido o Brasil nessa Assembléa de povos, movido por egoismo ou ideal particular. Sempre foi guía a solidariedade entre grupos humanos, a bem da paz e das conveniências collectivas. Como resultado, cresceu a confiança em nosso paiz no ambiente internacional. Cada vez mais digno se ia mostrando do respeito publico. Collaborava activamente na obra geral de approximação entre povos e de paz dos espiritos, alvo precípua do novo Instituto. Em nosso Continente, eram patentes e ininterruptas as mostras de estima das nossas irmãs latinas. O Chile, em 1921, chegou a suggerir tornar-se definitivo o logar que occupavamos no conselho, por eleição periodica ou prorogação do mandato.

As proprias reconduções constantes, si bem que muito honrosas, violavam, em favor nosso, o principio rotativo dos cargos não permanentes. Nenhuma prova mais desvanecedora do conceito em que eramos tidos. Mantidos no concelho por periodos consecutivos, ainda lográmos distincções como um posto de alta valia internacional, o de juiz na Suprema Côrte, e a prestigiosa indicação de um compatriota nosso para consultor juridico da Sociedade.

UM ECLIPSE NA TRADIÇÃO BRASILEIRA

Approximava-se a época de reunir-se a Quinta Conferencia Pan-Americana, em Santiago, em 1923.

Annos antes, por extranho eclipse na tradição constante do Brasil, tanto no Imperio como na Republica, tra-

dição de respeito á egualdade dos governos continentaes e de igual estima por todos, havia sido commettido o erro de seligir entre elles, para classificar-los em grandes e pequenos, e para attribuir inexplicaveis preponderancias aos primeiros. Política (do A. B. C.) infeliz e cheia de germens de discórdia; allieia por completo á practica; pre-conisada e seguida por quasi um século; de approximação identica de todas as rimãs continentaes; politica que nos valeu desgostos e momentos difficeis; e nos desprestigiou Norma que ainda posterior, si reuovada, crear attrictos seriqs.

A ella se voltou. Veiu esse mesmo malavisado conceito influir em todo o trabalho preparatorio da Conferencia de Santiago, e em condições taes que quasi nos levou ao rompimento, com vizinhos nossos:

A lamentavel orientação adoptada pelo Itamaraty não pôde ser corrigida pelo real valor da delegação que enviamos ao Chile. Corre até, que si acontecimentos mais graves se não deram, a intervenção pessoal do chefe do Estado.

Alas ficava assim, na Conferencia, entronisada a dualidade de rumos: o do governo, traduzido pela delegação e o do portador da pasta do exterior, com órgãos confidentiaes de informação e de trabalho. Duas series de despachos para o Rio; duas rotas de acção e desordens; anarchias; incapacidade de decidir; enfraquecimento da autoridade brasileira no convivio das nações americanas, taes as consequencias deploraveis da inexistencia, á frente do ministerio, de quem continuasse a tradição de Rio Branco. O ponto agudissimo a que chegou a tensão, ainda não foi revelado ao paiz. Em algumas comissões technicas, houve quem falasse em traição.

O mais extranho foi que, pouco depois, os responsaveis pelo mallogro de nossa tradição nacional de lealdade

affectuosa, os que haviam solapado, por despachos confidentiaes ao ministro, o influxo sereno e genuinamente brasileiro, animado do mais puro espirito de solidariedade americana, do chefe da delegação e de seus dignos auxiliares, esses mesmos responsaveis eram indicados para postos de maior destaque, nos Estados Unidos e na Europa; enquanto dois dos melhores obreiros do esforço pacificador, os que haviam evitado por sua prudencia se agravassent os conflictos imminentes, nossos embaixadores em Washington e em Buenos Ayres, eram postos em disponibilidade.

ACÇÃO CONTRADICTORIA

Explicar a acção contradictoria do presidente da Republica, faça-a quem puder. Lisamente, confessamos achala incomprehensivel.

Obvio, que tal instabilidade de propositos enfraqueceria nosso prestigio continental. Nosso papel em Santiago havia verdadeiramente inquietado a todas as Republicas irmaãs. Agente de discordia, o Brasil!... que sempre pregára e praticára uma politica de cordura, de aproximação e de fraternidade!...

De Rio Branco aos dias de hoje, a curva do declinio de nossa influencia descêra da situação moral privilegiada de ha quinze annos, á progressiva ausencia de irradiação fraterna em todos os paizes vizinhos, ao alheamento dos problemas continentaes, e até á nossa attitude não ponderada, contrária ao sentir nacional, na assembléa pan-americana.

Não aduira, pois, entrassem nossas irmaãs latinas a duvidar da segurança dos rumos internacionaes de nossa terra e se separassem moralmente de nós em momentos decisivos.

Por outro lado, incidentes ligados ás recentes perturbações da ordem publica não eram de molde a delir a impressão penosa deixada pelas occurrencias muito mais sérias de Buenos Ayres e Santiago, nem a nos augmentar a auréola.

E' dizer que não podiamos estar certos do apoio sul-americano, sinão em condições muito especiaes.

Mais precisamente, poderiamos esperar das nações de nosso Continente uma attitude de expectativa sympathica, de boa vontade theorica. Isso, emquanto claros se não tornassem choques de opiniões ou de tendencias, a prejudicarem interesses collectivos do Novo Mundo. Evidenciava-se, portanto, dobrado erro, agir como se fez no Chile, *contra o rumo diplomatico tradicional de nossa patria.*

A honrosa suggestão chilena de 1921, para que fosse o Brasil membro permanente do concelho da Liga, por parte da America do Sul, teria de ser, é natural, levada por nós na mais alta consideração. Deu, certamente, logar a sondagens prudentes e reservadas nos meios europeus. Após certo tempo, desde fins de 1922, se sabia ser inoportuno aventar-se a idéa.

Das proprias approvações e promessas de apoio recebidas, era licito indagar até que ponto eram sinceras, e si não valiam apenas por compromissos sem alcance, tomados exactamente por ser notorio nos circulos internacionaes existirem opposições apparentemente irreductiveis. Queria cada qual, talvez, ficar na posição commoda de amigo, cuja boa vontade nada conseguira pela hostilidade de terceiros.

De facto só o voto unanime das nações tornaria efectiva tal mudança no numero e na composição do "bureau". Uma voz que se mostrasse adversa, ficava annullada a proposta.

A MENTALIDADE AINDA DOMINANTE

Não pôde convir á Europa, por emquanto e com a mentalidade ali vigente ainda, alterar o que está feito. Já foi grande victoria sobre si mesmo assentir em que, de nove logares, quatro fossem attribuidos a potencias que não as directoras da guerra. E só logrou vencer o principio altruista, porque dois continentes, as duas Americas, se batiam por elle, e que os Estados Unidos, responsaveis pela criação do Instituto novo, não podiam ser directamente contrariados, na situação peculiar em que a Europa se achava para com elles.

A ulterior ampliação a seis do numero de logares não permanentes, foi ainda caminho andado. Mas, concessão que foi, tornava mais difficeis novas annuencias, que enfraquecessem o predominio do grupo europeu.

Essencialmente, domina ainda hoje a mentalidade de guerra. Não se desvaneceu a psychose que ella creou. Ora, acceitar o Reich e mais outros paizes amigos da França, não alteraria as proporções, pensava esta ultima, a defender as candidaturas da Polonia e da Hespanha, e é méra justiça salientar quão respeitavel a situação da grande potencia occidental, victima principal da tragedia de 1914-1918.

Para a Inglaterra, menos aniquilada pela crise tremenda, e mais liberal, dar ingresso ao antigo Imperio valia por obra de apaziguamento. Admittil-o, porém, com o fito de manter forças equilibradas, era prolongar um feitio mental e politico de combate, justamente o que precisava ser eliminado. "Para pacem", dizia a Grã-Bretanha. E si accedeu por fim aos appellos francezes, foi por sincero apêgo ao antigo espirito da "entente", e ao reconhecimento das circumstancias indubitavelmente exce-

pcionaes da Republica. Isso mesmo, só o faria violando o sentir proprio, resignando-se; mas sem convicção, e menos entusiasmo. Era a lealdade á França, a inspiradora: não, a conveniencia britannica, nem a opinião do "man in the street".

Pelo mesmo motivo, longos mezes resitiu e recusou ás solicitações ampliadoras. Dos ultimos mezes, data o accôrdo a que chegaram Chamberlain e Briand.

Em 1922 e 23, o ponto de vista era ligeiramente diverso. Impossivel tratar desde logo de acolher a Alemanha, embora se cuidasse ininterruptamente de preparar o advento desta solução, que se imporia cedo ou tarde. Por enquanto, não conviria fortalecer no conecelho o bloco latino, eventualmente capaz de se oppôr aos rumos conciliadores da diplomacia insular.

Ademais, outras nações, ou por inspiração propria, ou aconselhadas por terceiras a cujos interesses estavam ligadas (e citaram-se o Japão, bem como a Suecia, amiga de Berlin), manifestavam seu desaccôrdo com o plano ampliador.

Em geral, attribuiam todos á Grã-Bretanha opposição e hostilidade á idéa. Sem razão, contudo, pois era ella apenas uma, entre as potencias antagonicas ao proposito. Não admira, portanto, que ao nosso eminente embaixador em Londres, Domicio da Gama, respondesse um dia alto funcionario do Foreign Office, ao dizer-lhe nosso patricio que todos apontavam para o governo inglez como centro da repulsa á eventual pretensão brasileira: "we are accustomed to such accusations, but there are others besides ourselves".

Era, pois, sabidissimo não ser viavel, por enquanto, a suggestão chilena.

PLEITEAR DIREITOS, NÃO MENDIGAR
FAVORES

Não está nos hábitos de nossa terra, de sua diplomacia, apparecer como solicitante a mendigar posições ou favores. Muitas vezes, temos reclamado, ou pleiteado causas, mas sempre daquellas a que julgamos ter direito estricto.

Em assumpto como este, não se trata nem se pode tratar sinão de acto consensual. E as causas das opiniões e dos votos são inteira e absolutamente impessoaes. Mais ainda, pela propria natureza do caso, deve ser resolução unanime de todos os interessados. A tarefa, portanto, apresenta-se como questão de confiança a merecer e conquistar, nunca como trincheira a expugnar por violencia.

A simples polidez e a dignidade mais elementar desaconselhariam taes processos de, á força, impôr a presença de *seja quem fôr*, em um meio onde, por motivos quaesquer, ella não é desejada. A consequencia só pôde ser o mal-estar geral ou o desprestigio: mal-estar para quem se sente tolerado, e não accito; desprestigio, para quem vê recusada sua aspiração, por inopportuna ou inconveniente.

Ora, o Brasil, a entrar para o concelho, nutre tão somente um desejo: levar para ali a norma de concordia, de tolerancia, de respeito e de justiça, que tem pautado sua directriz internacional. Só deve procurar solução de cordura, e nunca decisão oriunda de prélio aberto.

Deveria, contudo, comprehender que taes propositos, francamente expendidos como têm sido e devem ser, tendem, com o correr do tempo e o progresso das idéas de justiça internacional, a transferir, ás nações menos partidarias do recurso ás armas e mais imbuidas de ideal juridico, a preeminencia na orientação do mundo. E' este

o nobre anhelos nosso. Virá incomparavelmente fortalecido no dia, de cujo advento temos convicção profunda, em que os Estados Unidos occuparem seu olgar vago no concelho.

Mas será esta tendencia a sabor dos impulsos videntes na Europa, inda por demais saturada de soluções de força e de combinações de interesses? Que paiz, que grande potencia veria com bons olhos passar para outra o predomínio moral na evolução do mundo!?

Por isso mesmo, desfecho dessa natureza só provirá da elevação progressiva da visão politica de carla nação. Deve ser obra do tempo, do exemplo, da continuidade de serviços altruistas prestados á comunhão dos povos, da inteira superioridade dos conceitos trazidos por esses mesmos grupos adhesos ao Direito, mais do que á Força. Será obra futura do aperfeiçoamento da mentalidade européa, auxiliada pela collaboração franca e leal dos paizes americanos.

Evidenciar-se-á, então, a grande verdade christã: o poder illimitado da meiguice, da bondade, da paciencia e do espirito de justiça. Com taes elementos, vencerá o ponto de vista dos pacíficos. Nunca, com o extremar paixões, promover conflictos de vaidades e forçar portas de assembléas, que, por desconfiadas e duvidosas, as mantêm cerradas.

O TRAGICO MALENTENDIDO DA HORA PRESENTE

Inistir nas regras ethicas características de nossa vida internacional, irá pouco a pouco abrindo os olhos a todos os homens publicos leaes e sinceros. Comprenderão nessa hora, que si, não o Brasil apenas, mas

os paizes americanos todos, aspiram a collaborar com elles na Sociedade das gentes, não os move impulso subalterno de posição ou de mando, e que, sim, se inspiram no puro desejo de assumir sua parte de responsabilidade em guiar nossa especie em busca de um ideal mais alto, mais justo, mais compadecido do soffrimento humano.

Não é missão de lucta. Constitue méta de persuasão, de convencimento e de exemplo.

E' esse o tragico malentendido da hora presente. E é o que não comprehenderam os responsaveis por nossa politica exterior.

As resistencias encontradas despertaram novos brios e deram origem a esforços multiplicados por grangear victoria á preferença nossa. Desde que se não dê preferencia ao methodo opposto, de vir das demais nações o reconhecimento da valia dos meritos proprios, é defensavel tambem tal ponto de vista, e em seu favor se podem alinhar argumentos dignos e de peso. Em todo caso, foi o caminho preferido pelo governo, que agiu como candidato a desenvolver sua cabala.

A's estações diplomaticas se enviaram instrucções para redobrar de intensidade em suas negociações, por angariar compromissos, derruir opposições, explanar intuitos, obter apoios e sustentadores, aplainar obstaculos. Providencia intelligente e acertada, quando discreta, perdia tal character quando annunciada a rufos de caixa e com espectaculosas divulgações telegraphicas. Com taes encenações, já não estavamos querendo persuadir aos membros da Assembléa da inteira procedencia de nossas opiniões: a seus olhos, tomavamos o aspecto de matamours — quero porque quero —, e de indelicados, forçando por penetrar em recintos vedados.

ATTITUDE POUCO SAGAZ

Attitude pouco sagaz, por outro lado. Sabiamos, tanto que o applicámos nós proprios, que a unanimidade das resoluções era essencial, em congressos dessa natureza, para tornar operantes as decisões. Sabiamos, igualmente, que certos empecilhos se manifestavam irremovíveis.

Que importava, no caso, a convicção nossa da plena justiça da causa? Era a convicção alheia que tínhamos de conquistar, e nunca o lograríamos com gestos menos medidos. Ante personalidades menos informadas, corriamos o risco, facto que se deu, de passar por instrumentos complacentes da politica secreta de terceiros.

Emquanto na penumbra das conversas de chancellarias, na meia luz dos "pourparlers", nenhum mal, antes muito bem, poderia advir de taes gestões officiosas: esclarecer a situação. E tanto isso se deu, que o Itamaraty pôde obter provas numerosas de sympathias, mas também teve de capacitar-se da inoportunidade absoluta de qualquer proposta calcada na criação immediata de um logar permanente para a America do Sul.

Não era descaso nem méra ignorancia da situação geral. Dominava a preocupação premente, a mais grave de todas no momento actual, de encerrar o periodo de guerra que, na Europa, sob fórmulas varias, se prolongava desde 1914. Hontem, nos campos de batalha. Hoje, no scenario internacional e economico. E só inadmissível myopia enxergaria nisto simples interesse europeu, embora transcendente. O mundo inteiro, para convalescer, anseia por esse restabelecimento de normalidade nas relações pacíficas,

Após peripecias e luctas, foi aos poucos amainando a primitiva combatividade, e 1924 viu raiar os primeiros lampejos de soluções de accôrdo. O plano Dawes, a Conferência de Londres, prenunciavam dias menos tempestuosos. Com elles coincidiram os primeiros passos do Reich, após 1919, no sentido de solicitar admissão na Sociedade das Nações, elemento essencial para que esta pudesse realmente servir a causa do saneamento internacional.

Nunca mais cessaram as trocas de vistas. Inglaterra e França, principalmente a primeira, multiplicaram esforços para remover quaesquer obices. A grande República latina não recuou ante sacrificios inauditos, tão convencida estava da imprescindibilidade de um entendimento, a bem da paz.

A QUESTÃO DA UNANIMIDADE DAS DECISÕES

Hypnotisadas pelo theatro europeu, todavia, esqueceram a S. D. N. no que tem de vital em sua constituição: a impossibilidade de delegações de soberania, a unanimidade das decisões.

No generoso empenho de praticar grande gesto de solidariedade, assumiram compromissos "ultra-vires", promettendo o ingresso do antigo Imperio na Liga e no concelho. Nem percamos tempo em notar ser este o sentir de todos os associados. Não impede tal unanimidade que só a Liga, em seu conjuncto, tinha voz decisiva na deliberação: não um grupo de nações, por mais importantes fossem.

Na ansia de evitar debates sobre espinhosas questões, que dividiam os antigos grupos belligerantes, não tocarão no problema incandescente da reorganisação do

concelho. Puderam os allemães, com inteira sinceridade, afirmar que nenhuma communicação sobre esse ponto lhes fôra feita em Locarno, e allegaram ter a palavra da França, dada por Herriot, de que nenhuma condição se lhes exigia.

Ora existiam longas negociações anteriores, relativas ao alargamento do "bureau". A Polonia, não tendo conseguido em Locarno o reconhecimento germanico da fronteira entre os dois paizes, e apenas uma promessa de juizo arbitral, accetára como succedaneo um logar permanente no "comité" director, e isto lhe fôra prometido por Chamberlain e Briand, sem prévia audiéncia de Berlim.

A' Hespanha e ao Brasil havia sido assegurado, que, realisada a entrada do Reich no concelho, sua categoria de membros desse gremio, de electiva, passaria a permanente. Nada disso se disséra ao gabinete allemão, e este declarava, mais tarde, saber apenas sobre o caso os boatos e noticias vagas, que haviam sido publicadas na imprensa. Evidente, o erro commettido. O proprio Chamberlain, em sessão de 17 de março ultimo, o confessou perante a Assembléa, quanto ao silencio observado em Locarno sobre o assumpto capital do logar promettido à Polonia: "Une regrettable faute a été commise de part et d'autre, en oubliant de mentionner un point qui était de capitale importance".

A falta de clareza, o amor ao equívoco, o receio da luz e da franqueza, revelados no decurso das negociações de outubro de 1925, permitiriam que sem possibilidade de contestação, o representante brasileiro em Genebra sentenciasse, na mesma sessão de 17 de março: "C'est à l'oeuvre de Locarno de se plier aux cadres de la Société des Nations et non pas à la Société des Nations à se subordonner à la construction politique de Locarno".

Jules Sauterwein, no "Matin" de 18, commentava: "Chacun se demanda á ce moment si le délégué brésilien n'avait pas touché lá au fond du problème". E na correspondencia de Ludovic Naudeau, de 20 do mesmo mez, á "Illustration", ainda mais vibrante é a nota. "Un silence poignant accueillit ce manifeste; car le délégué brésilien venait d'aviver la perplexité qui hante ici plus d'une conscience. En effet, les "locarnistes", dans leurs effusions d'octobre de 1925, ont en réalité tiré sur la Société des Nations un chèque que cette institution, si elle s'en rapportait á son statut mondial, n'était nullement obligée de payer et même qu'elle ne pouvait pas payersans déroger á sa propre loi".

A RESPONSABILIDADE PELOS ACONTECIMENTOS POSTERIORES

Mas, si ali se revela a nervosidade dos negociadores, afflictos por obterem o assentimento allemão nas discussões de 1925, não diminue a responsabilidade de allemães, polonezes, hespanhóes e brasileiros nos acontecimentos ulteriores.

Como commetteu o Reich, indaga pertinentemente Naudeau, a'imperdoavel falta de previsão de não esclarecer o ponto da candidatura poloneza, de que tanto se falava, e que sustentavam a França e a propria Inglaterra, a contagosto embora? Amor ao equívoco, e recurso aos enigmas da surpresa?

Como desculpar ao Brasil, cujas relações com essas mesmas potencias eram de absoluta intimidade; e, no dia seguinte a Locarno, onde em seu nome se havia pactuado, sem mandato nem consulta, via crear-se inquietadora

zona de silencio em torno da "vexata questio" do conselho? Tanto mais inquietadora, quanto nos jornaes iam sendo divulgadas noticias tendenciosas de que a entrada da Alemanha se faria sósinha, depois de tanta promessa em sentido opposto?

A explanação publicada no "Diario Official" de 27 de março ultimo, sobre a inercia do ministerio do exterior, é que não vendo na convocação do Instituto para 5 de março motivo que levasse a alterar a resposta dada á Alemanha "tres mezes depois da Assembléa da Sociedade haver approvado o Protocollo de Genebra, isto é, antes da modificação feita na politica europeá com o abandono daquelle Protocollo e a assignatura dos Pactos de Locarno, que, aliás, longe de contrariar, aconselhavam o alargamento do Concelho, o Governo Federal limitou-se a aguardar como lhe cumpria, a abertura dos trabalhos".

A confissão tem o precioso merito de ser franca. Encerra, contudo, a mais tremenda prova do erro de officio de nossa chancellaria.

Pois que? Reconhecia a "modificação feita na politica europeá" e não cuidava de saber si, apesar da mudança, se mantinham as anteriores conversas (conversas, e não compromissos formaes, "ne varietur"), quando tão profundas alterações se desenhavam na vida internacional? E não eram symptomas claros e eloquentes o silencio das duas nações que dirigiam as negociações, e as divulgações quasi officiosas dos jornaes inspirados pela Alemanha e pela Suecia? E a inclusão unica, no programma da sessão de março, da admissão do Reich na Sociedade sem allusão á promettida modificação de categoria de outros logares?

Abster-se de agir, em taes circumstancias, poderá merecer todos os epithetos, menos o de diplomacia avisada.

A DECLARAÇÃO DE 22 DE FEVEREIRO

Houve mais, entretanto: a estranha declaração de 22 de fevereiro, em que o nosso governo annunciava a candidatura official do Brasil.

Emquanto *méramente* officiosa, na phase de negociações mais ou menos adeantadas, uma aspiração de tal ordem guarda os característicos de acontecimento eventual. A qualquer momento, por factos supervenientes, por modificações de ambientes ou de conveniências, por necessidades politicas mais prementes, é licito recuar, desistir, adiar, sem desdouro, e antes como prova de ponderação, prudente ou generosa.

Tornar publico e official um programma dessa natureza, porem, faz crystallisar em forma definitiva o que era simples possibilidade. Só admite duas soluções: sim, ou não.

Teria o Brasil, nessa occasião, a garantia do triumpho de seu anhelos? E si não possuía tal segurança, com que auctoridade moral se abalançava o Itanaraty a lançar nosso paiz na aventura de uma recusa, pelo menos desagradavel?

Cumpra não esquecer que, desde a declaração official, perdia nossa diplomacia a liberdade de manobra, para empregarmos a expressiva locução militar.

Seria acaso manifestação de mentalidade municipal, com o pueril e ridiculo intento de pôr as nações da Liga ante um facto consummado, e contar com a repugnancia natural de gente delicada em desgostar a um amigo?

Não formulariamos a esdruxula hypothese, tão despropositada parece, si não por dever, de methodo e de logica, de inquirir das possiveis causas do extranho annuncio. Si tal pensamento existiu, revelaria singular olvi-

do da historia diplomatica do mundo inteiro, inclusive da propria Sociedade das Nações. Não acreditamos tal ponto de vista de mão cabalista sertanejo pudesse passar pela mente de ninguem. Já o Brasil está na altura de exigir, para sua politica interna, visão nacional; e para os negocios estrangeiros, visão internacional.

Dest'arte, caminhou-se para um impasse.

Fosse qual fosse a solução, soffreria a Sociedade. Vencedores os locarnistas, ficava o precedente de um grupo de nações a deliberar e assumir compromissos por todas, e desapareceria a egualdade das soberanias. Vencedores os que divergiam desse modo de agir, e que censuravam soluções que os affectavam, sem que ouvidos fossem nem consultados, e gravemente ferida se manifestava a generosa iniciativa pacificadora, essencial para o restabelecimento moral e politico da Europa e do mundo.

Alternativa ingrata e cruel.

A ORIENTAÇÃO FRANCO-INGLEZA

Tarefa condemnada ao fracasso, desde o inicio. A orientação franco-ingleza era directamente opposta ao espirito da Liga: não era uma acção conjuncta e harmonica de todas as nações, sinão um nucleo (de grande valor, é certo) que se sobrepunha ás demais. As negociações todas para se ampliar o concelho continuavam a evidenciar a mesma inspiração de descaso por tudo quanto não fosse Europa, interesse europeu, equilibrios locais. A propria confissão de erro proclamada por Chamberlain e Briand, só se referia a um ponto olvidado nos conciliabulos preliminares de Locarno, e não ao caso

essencial e grave, causa real do mallogro, o ambiente particularista a querer supplantar a noção universal. Considere-se que estava em jogo uma questão geral, pela qual todos se manifestavam ansiosos e favoráveis. Em vez de procurarem solvel-a no mesmo espirito, estavam se servindo della como de trampolim para combinar interesses muito menos altos. Era a ausencia do credo, humano e amplo, creador da Sociedade das Nações.

Por seu lado, o Brasil, após o erro da celebre declaração, não podia mais agir sinão em rumo unico, "Roma locuta". Das gestões dos demais membros do concelho, se deduzia a tenue valia dos compromissos anteriores, ante os factos novos. Perdido ficava o contracto entre as duas espheras de acção, e o proprio facto da dualidade mostrava a clivagem no bloco da Liga.

Parece tambem, pelo que tem vindo á tona da publicidade, não ter sido das mais felizes a invocação de nossos titulos.

No discurso do embaixador brasileiro, a 17 de março, ha uma confusa explicação, discutivel aliás, sobre o allegar-se falar o Brasil em nome da America do Sul.

Si tal se deu, foi imprudencia e falsa noção das cousas. Mas em noticias officiosas, aqui, e em discursos de responsaveis, a mesma allusão se repete. Cumpre firmemente combatel-a.

A REPRESENTAÇÃO DE UMA NAÇÃO POR OUTRA

Só em casos excepçionaes, restrictos, com mandato preciso e limitado, pôde uma nação representar e assumir compromissos por outra. Episodio, pois; e não facto permanente. De modo amplo e geral, constante e in-

plícito, nunca deveríamos collocar-nos na posição de campeões auctorisados do Continente.

Dizia recentemente a imprensa huenayrense, a interpretar o sentir *commum* do governo argentino e de seu povo, que ha certas delegações de soberania e de defesa de interesses que se não podem admittir como regimen normal, nem por tacita annuencia. E' isto a evidencia mesmia: o bom senso pratico, a par da exactidão technica. Que seria da soberania, com tal mandato implícito?

Que condominio será esse, auctorizando qualquer de nossas Republicas a falar, agir e decidir por outras? Não ha soberania *commum* sul-americana em mãos de varios condominos. Existe, e é da essencia do instituto, uma soberania precisa e applicada a um territorio limitado. Interesse *commum*? Sim, mas que não affecta por egual a todos, nem é comprehendido do mesmo modo em todos os paizes. Dahi, para o representar e traduzir, a *imprescindivel* necessidade do mandato definido.

Fóra disso, permanece a ameaça constante e intrinseca da exauctoração. Foi o que se deu em Genebra, com as iniciativas latino-americanas junto ao nosso digno embaixador.

Titulos propios, tinhamos e temos. A America do Sul precisa representação condigna e irremovivel, no concelho. Pelos factos historicos, a partir de 1914, e sem a mais remota pretensão a superioridades e a predomínios, foi o Brasil o unico paiz sul-americano a intervir activamente nos acontecimentos de 1917-1918, e, depois, da fundação da Sociedade das Nações. "Prius in tempore", portanto. Teria desmerecido depois? Não consta, nem parece, taes os serviços prestados, a valia proclamada de sua collaboração, o sentimento sempre revelado e posto em prova de sua solidariedade internacional.

Seu posto no concelho, sem significar auctoridade continental generalisada propria, vale pela presença da America do Sul por um dos seus grupos nacionaes mais qualificados.

Com tal divergencia de mentalidades e de rumos, não podiam entender-se em Genebra anglo-francezes e demais nações.

III

O IDEALISMO AMERICANO

Que augurar do futuro?

Não vaticinemos: prophetas e prophcias não estão em voga. Examinemos os factos, só os factos, sem paixão.

Está seriamente aggravada a situação geral, e por isso mesmo, dobradamente, para agir, se impõem calma, sangue-frio e comprehensão.

Não ha negar que a opinião dominante nos é contraria.

Para ella, impedimos a pacificação moral da Europa, por emperramento egoista de vaidade nacional, "une vaine politique de prestige", na phrase de Naudeau.

Alguns estudiosos, em varios paizes, conhecedores menos superficiaes de nações estrangeiras, julgaram-nos melhor. Sabem o idealismo profundo immanente na alma americana, mesmo nos povos, como o yankee, de espirito mais positivo e pratico; nos proprios momentos em que mais aspera se torna a lucta por divergencias de idéas, o movel propulsor intimo, deste lado do Atlantico, tem uma base mais de consciencia, do que de conveniencia.

Para não multiplicar exemplos, citemos apenas a Grande Guerra e suas consequencias. Foram exclusiva-

mente moraes as causas da intervenção do nosso Continente no magno conflicto, sem a menor eiva de odio ou de animadversão nos Imperios centraes. Foram dessa ordem os motivos, desde os Estados Unidos que se tornaram o factor decisivo da victoria alliada, ao Brasil que só nos ultimos dias da lucta ia intervir em gráo infinitamente mais modesto, com sua esquadra, e ás demais Republicas, a romperem relações com os belligerantes germanicos.

O mesmo, o movel precipuo dos fundadores americanos da Sociedade das Nações, e de seus codificadores. Identico, ainda, o rumo seguido por todos elles na elaboração do tratado de Versallies, e no interpretar ou na "mise-en-marche" dos apparelhos ideados para tornarem exequiveis, na medida do possivel, as estipulações de 1919.

Parte em todos esses acontecimentos, maior ou menor conforme o caso, tornámos nós tambem; e nunca nos afastámos da directriz liberal, que defendemos desde a Haya até hoje.

Pouco importam taes antecedentes, entretanto, para opiniões extremas, formadas sob impressão de momento, do desaponto de aspirações justissimas, mal expressas e mal solvidas embora, a significarem germens dissolventes da Liga. Convenhamos, tambem, lealmente, que certas attitudes nossas se apresentavam mal, e de molde a deixar suppôr que se tratava de caso pessoal, quando, ao contrario, era uma grande these de solidariedade internacional a que defendiamos, e ainda hoje sustentamos.

Com tanto maior auctoridade moral, quanto desde as Conferencias de Haya, era essa a rota nossa. Desde o nascimento da Sociedade das Nações, por ella nos haviamos batido: na organisação da commissão elaboradora; na organisação do concelho; nos projectos ampliadores.

O SUPER-ORGANISMO DE LOCARNO

Nos factos de março, no ambiente europeu, com a mentalidade vigente a dimanar de interesses europeus, perdeu-se o ponto de vista mundial. Em Locarno foi esquecida a Liga, e sua propria existencia subordinada a um super-organismo director, embora o problema a solver fosse caracteristicamente geral, e não houvesse desacôrdo sobre a receita a adoptar.

Ao ser apontado o erro de visão, em vez de rectificá-lo, preferiram atacar o diagnostico e o medico que o havia formulado.

Comprehensivel, a amargura decorrente d'ahi. Mas, impossivel de occultar a falta de sangue-frio e de apreciação exacta, então revelada, pelos signatarios dos pactos de 1925. O que não impediu se levantasse o "tolle" contra o Brasil, em atmospheria de tão aguda tensão.

Não se conhecem, em nossa terra, em geral, as manifestações havidas contra nossa attitude, na Europa e nos Estados Unidos. Nossa imprensa, ou não foi informada, ou não divulgou as noticias recebidas. Convêm lê-las nos extractos telegraphicos, valiosos por partirem de agencias mais ou menos officiosas, do que publicavam as folhas de maior peso dos paizes representados em Genebra, e também nas da America do Norte. "La Nacion", de Buenos-Ayres, tradicionalmente amiga nossa, incluiu taes despachos em numeros de março e de abril ultimos.

Raras vezes dissentindo, resumem-se: o Brasil por vaidade nacional e incomprehensivel orgulho, fez fracassar o restabelecimento da paz real, que se ia esboçando na Europa.

A NOSSA ATTITUDE EM GENEBRA

Do que se passou em Genebra, após o veto brasileiro; das palavras então proferidas de censura; de opiniões excessivas tanto mais graves quanto partiam de altos responsáveis na politica internacional de varias potencias; uma impressão d'imana: a perda geral da calma; o sangue-frio a evanescer. Excepções? Sim, talvez duas: a Inglaterra e a Allentanha.

No primeiro momento, só faltou convidar-nos a deixar a Assembléa. Houve, até, quem indirectamente o fizesse: o representante da Albania.

E' de lamentar, mesmo, que se excedessem tanto, no fundo, os conceitos emittidos, embora a fórma permanecesse sempre polida. "Paralyse humiliante", disse Briand, palavra que a imprensa franceza logo qualificou de forte, como prenuncio das sancções futuras. E as folhas officiosas salientaram, a esse respeito, quão pouco as Americanas haviam sido favoraveis á Liga: Estados Unidos a rechassarem o tratado de Versalhes que a creou; Argentina, ausente; Chile, a repellir sua intervenção no conflicto do Pacifico; Brasil, a promover o fracasso de Genebra.

Perante uniformidade tanta na condemnação, não ficaria commodo permanecermos na Sociedade das Nações. A solução mais simples, e que só de nós depende, é retirarmo-nos, nas condições previstas pelo proprio Covenant. E', comtudo, preciso salientar e evidenciar que se não trata de movimento de máo humor, nem de despeito. Para ser util, a cooperação de povos soberanos exige respeito mutuo, espirito de justiça, comprehensão

recíproca. Ausentes taes predicacões, ou qualquer delles, o trabalho conjuncto só pôde provocar pretextos de divergências.

A RESPOSTA DO ITAMARATY

Egualmente necessario e vital, todavia, é reflectir e reflectir maduramente.

Nenhum mal maior pôde advir do que a desintegração em perspectiva.

Na resposta que o Itamaraty, em 1.º de dezembro de 1924, deu á consulta allemã sobre o ingresso do Reich, ha uma phrase de profunda exactidão e de verdade superior: "Qualquer nação, grande ou pequena, ausente dos conselhos de Genebra, faz falta".

Que dizer de instituto que quer e deve ser mundial onde não têm assento Estados Unidos, Mexico, Equador, Argentina, Brasil, e outros povos americanos? No qual não figure a Hespanha? Das nações européas, neutras na Grande Guerra, a de maior irradiação, a mãe espirital de cem milhões de homens? E, de um continente inteiro, do nosso, vazios os logares de varias de suas unidades mais significativas?

Insistamos nesse ponto, como um convite á reflexão.

Reproduz-se com cem annos de intervallo, o angustioso problema a que deu solução liberal e vidente o genio politico de George Canning, em 1822-1825. Em suas communicacões aos Communs, ufanava-se o grande estadista inglez de, com ella, ter chamado um novo mundo á existencia para servir de contrapeso ao antigo.

E tratava-se apenas da America quasi ignota e rude do primeiro quartel do seculo XIX. Quão differentes o aspecto actual e as perspectivas.

Duzentos milhões de habitantes, já agora; provavelmente mais de quinhentos, antes do fim do século, tal a rapidez do crescimento, quer do endogeno, pela natalidade, quer do exogeno, pela immigração. Recebe e assimila em seu seio farto e pacificador os elementos de maior iniciativa do Velho Continente; os melhores, tanto que vencem o quasi invencível apêgo ao solo e o horror ás mudanças de populações sedentárias e enraizadas no torrão natal. Paizes novos de possibilidades infindáveis, sem lastro de competições de odios ou de interesses; vastas áreas livres a povoar; "struggle for life" attenuado, no qual ha lugar para todos, e a crise é de braços e não de recursos; estalão da vida mais elevado; promessas, a se realisarem sem conta, de illimitados progressos individuais; o ambiente, na phrase de Rio Branco, das "co-meias onde sobra o mei".

A IDÉA DA COLLABORAÇÃO MUTUA DA AMERICA

Cousa mais valiosa e significativa para o futuro do mundo; trecho da Terra no qual vingou a semente lançada por Bolivar, o Libertador, com seu Congresso de Panamá, e se está formando uma consciencia continental collectiva.

Desde 1889, retomada por Blaine e pelos Estados Unidos, fructifica a idéa de collaboração mutua das Republicas, sem distincção de origem racial: Washington, Mexico, Rio de Janeiro, Buenos-Ayres e Santiago, em trinta e sete annos, balisam o surto e o realisar de um corpo de regras communs, numia atmospherá de paz, de

respeito recíproco e de absoluta igualdade política. Isso, é claro, não abole a geographia, nem os factos humanos, nem os valores economicos, nem os recursos materiaes.

De facto, e por fôrma inilludível, o paciente, constante, victorioso trabalho da formiga, de, cada dia, trazer um contingente á constituição de um recanto do planeta, que possa, extreme de toda ironia, appellidar-se o Continente da Paz.

Pólo de attracção, que, ininterruptamente, age com cordura, e pacifica os irrequiètos descendentes de nações, nas quaes, nas antigas metropoles, ainda perduram as agruras das contendidas, eliminadas pela transposição do Atlantico. Mas, e é o elemento novo e benefico, pólo de attracção destinado, sem possibilidade de duvidas, a reagir sobre as velhas e veneraveis civilisações européas, evidenciando-lhes a superioridade dos processos de evolução afastadores de luctas.

A crise de março ultimo já é um consecario de taes preceitos, no choque das duas mentalidades oppostas.

Nesse sentido, são procedentes, por inteiro, as notas, variaveis na intensidade de sua expressão, de Auguste Gauvain, nos "Débats", do "Daily Chronicle" e do "Times", em dias recentes, declarando benefica á propria Sociedade das Nações a attitude do Brasil, e responsabilizando as gestões secretas da França e da Inglaterra pelo mallogro de Genebra.

O triste occaso de março, quem sabe? pôde vir a ser uma aurora de dias novos.

Por mais extranho sôe o dito em ouvidos europeus, é convicção assentada no animo americano serem, as novas nações, collaboradoras, e não séquito, dos povos mais antigos. Anteveem, mesmo, o dia em que serão guias, a par dos troncos raciaes de que descendem.

AS ENERGIAS QUE O TEMPO ROBUSTECE

Tão profundo e arraigado sentir demonstra sua confiança no futuro, e a certeza de que o tempo trabalha pelas energias novas, a surgirem para Oeste do Atlantico. Não querem ellas, no entanto, que taes progressos beneficiem apenas a si proprias. Anseiam por diffundil-os pelos demais habitantes do globo. Acima de tudo, querem e estão firmemente resolvidas a manter por todos os meios suas personalidades nacionaes; mas desejariam ser uteis, também, ás annosas arvores ancestraes de que esgalharam.

O irresistivel poder assimilador dos céos e dos horizontes novos leva, por toda a America, os filhos de inmigrantes a pôr de lado e, mesmo, escarnecer da patria originaria. D'ahi os appellidos pittorescos com que denominam essas ultimas: gallegos, marretas, pés de chumbo, dirá o brasileiro, filho de portuguez, dos patricios de seus paes. Causa equivalente se dará com italianos, hespanhóes e outros. E o phenomeno será o mesmo, do Canadá, cujo filho declara ser canadense e não inglez, aos Estados Unidos e ás Republicas hispano-americanas.

Tal feitto moral constitue um elo entre os continentes. Maior affinidade, por certo, sentem entre si do que com a Europa, e o pan-americanismo a fortalece todos os dias. Revela, esse traço, o erro de psychologia que commetteriam os politicos europeus, si quizessem contar com o particularismo nacional para dividir a America. Divergentes entre si que fossem, ainda assim esses povos se sentiriam mais proximos, do que com a outra margem do Oceano.

E' força de união a aproveitar, nunca elemento dispersivo a favorecer.

São estas, entretanto, faces da alma americana que a Europa não conhece, acostumada, como geralmente está, a não enxergar além dos horizontes de seus próprios Estados. E é por isso que, por vezes, causam certo mal-estar e despertam sorrisos expressões como as de que se serviu, poucos dias faz, o "Journal de Genève" lamentando que o Brasil, cuja importância ia crescendo com a sua cooperação no concelho, a quizesse perder, delle se afastando. Como si altura ou valor pessoal de um individuo crescesse, por estar trepado sobre um pedestal.

A PARALYSIA HUMILHANTE

Para nós, da America, somos o que realmente valemos, intrinsicamente; nossa collaboração augmenta apenas responsabilidades e o destaque da critica que nossos actos possam despertar. Falar em promoções, por se tornar permanente uma posição d'antes temporaria, é positivamente errar quanto á mentalidade dos povos desta parte do mundo. Si um ou outro de nossos homens publicos usa do termo, fal-o por conveniencia de expressão synthetica, nunca como synonymo de poder qualquer grupoamento internacional attribuir-nos valia mais do que esta: a que decorre de nossa soberania, egual á de qualquer outra nação.

Desse ponto de vista, foram infelizes as palavras proferidas em Genebra, sob o acicute de paixões mortificadas. Não é humilhante a paralyisia que dimana do uso de um direito menospresado, e que se affirma. Não é politica de vão prestigio, a que não aceita subordinações de soberanias.

O que revelam taes descabidas, é a incomprehensão da alma alheia, de povos estrangeiros, e apreciação uni-

lateral do problema, do angulo de visão dos interesses em jogo, das forças materiaes para os defender. Não é um ponto de vista de paz.

Mais do que tudo, demonstra grande falta de previsão, por deficiencia de analyse dos factos em presença.

A GRANDE FORÇA DA POLITICA EXTERNA DA INGLATERRA

A grande força da politica externa da Inglaterra está no alongado alcance de suas vistas, na coherencia de seus rumos, na sua capacidade de aprender pela experiencia.

Vejam-se, em sua historia naval, as bases de que hoje dispõe, e cuja aquisição começou desde as luctas tradicionaes com os Estados-Geraes Neerlandezes.

Em suas relações orientaes, continua hoje a linha-gem dos Stratford Canning, dos Robert Hart, dos Cromer, da Companhia das Indias. A invasão da Belgica, em 1914, provocou instantaneamente o mesmo gesto, que situação analoga creára para iniciar-se a guerra contra a França da Revolução e de Napoleão, até Waterloo. A Independencia dos Estados Unidos foi lição aproveitada: nunca mais se separou colonia ingleza. A medida que se tornavam maiores, ia a metropole, intelligente e liberal, alargando o ambito de suas franquias, até a soberania real, sinão de nome, que caracteriza os "dominions". Admittiu-lhes o direito de tratar como entidades internacionaes, em Versailles. Ao Canadá concedeu direito de fazer tratados directos, e está prestes a aceitar a presença em Washington de um representante diplomatico canadense. Prepara-se para a India uma evolução analoga.

Já existe na Nova-Zelandia e na Australia e na Africa do Sul, hontem ainda o theatro de sangrentas luctas autonomistas.

Com essa generosa politica, cheia de sabedoria e de previsão liberal, o facto caracteristico do esphacelo quasi completo do antigo poder colonial britannico desviou para um largo instituto no qual, mercê de opportunas concessões, pompeia a imponente e severa fachada do "British Empire". Parecem tenues os laços que prendem as partes da construcção, mas têm de facto resistido a tensões fortissimas, porque foram forjados com a gratidão das antigas possessões emancipadas, com a unidade da raça, e com os alvos brilhantes e augustos da missão imperial do conjuncto dos anglo-saxões, menos os Estados Unidos.

Na realidade, a nobre previsão ingleza canalizou pacificamente forças de desintegração em um complexo federal do mais alto valor, e somnou energias que, por forma outra, se combateriam. Ponto de partida, foi a admissão da maioridade politica das antigas colonias. Em territorio inglez, dest'arte se constituiu sob aspecto limitado uma Sociedade de Nações eguaes, com as Conferencias Imperiaes para concelho.

Grande acerto politico.

Mas, contradicção curiosa, o exemplo de sabedoria que deu para smas difficuldades internas, porque não o preconisa tambem para os problemas internacionaes ?

A SOCIEDADE DAS NAÇÕES SÓ PARA A EUROPA

Não offerece o exame da politica externa franceza a mesma unidade de rôtas e de sequencia de decisões, principalmente no mar e na America.

Por falta de previsão, decalhiu o seu poder naval, no seculo XVIII. Pela mesma causa, e de defesa insufficiente, abandonou o Canadá e vendeu a Luisiania.

Ainda hontem, noticiavam os jornaes o extranho projecto, a filiar-se á mesma ausencia de visão do futuro, e que o gabinete Briand nobremente repelliu logo, de saldar a divida norte-americana com a alienação das Antilhas francezas, como si a Republica tivesse terras e cidadãos a vender.

Outra falha analoga, entretanto, divuigou-se após a sessão de março, em Genebra. Membros do gabinete deram curso á opinião de que haveria vantagem em restringir a Sociedade das Nações ao horizonte méramente europeu; outros politicos falaram em abolir a regra salvadora da unanimidade das decisões. Como se manteria uma soberania nacional qualquer, si forçada a obedecer ás injunções de outras? Como evitar a criação do superestado, que seria o grupo em maioria? Não valeria pela dissolução immediata e automatica da Liga? Haverá prudencia em taes orientações?

Como para salientar a divergencia da visão, foi immediata a repulsa ingleza a taes phantasias.

OS PERIGOS DOS CONSELHOS DEMOLIDORES

Muito ao contrario, só vemos perigos innumeros em taes conselhos demolidores. Nada está mais longe de nossos intuitos do que parecer, por uma argumentação terrorista, estar a serviço desta ou daquella pretensão. Move-uos convicção profunda, que queremos expender.

Estados Unidos, Mexico, Equador, Costa-Rica, Argentina, Brasil, ausentes da Assembléa, e entretanto aproximados entre si na União Pan-Americana, repre-

sentam grupamentos políticos que se podem contrapor. O ponto de vista europeu, que ora domina o concelho, é de molde a acelerar dissentimentos continentaes, e é um mal inenarravel. Quando se intensifiquem divergencias, e cheguem a constituir dois systemas políticos, Europa e America, destruindo a obra genial e pacifica de fraternidade de Canning, quem pôde affirmar se mantenhão parallelas os rumos, e não venham a chocar-se?

Não faltarão motivos, mesmo contra a vontade dos dirigentes mais conciliadores.

A questão dos novos mandatos, que a Allemanha pedirá: os enigmas do Pacifico; as reivindicações egualitarias raciaes; os anseios de independencia, quer absoluta, quer relativa sob a forma de "dominions", de actuaes possessões subordinadas a metropoles; taes são algumas interrogações de amanhã, neste seculo XX, que, parece, terá de solver tanta incognita politica no sentido da democracia mundial e das perequações sociaes.

E ao aggregado europeu não pôde passar despercebido que as normas pan-americanas agem, independentes da vontade humana, como fermento, como elemento dissociador dos conceitos mais antigos. Nem só pela verdade e pelo respeito humano e politico immanentes que encerram. Mas tambem, pela propria evolução intrinseca da Inglaterra.

Nessa Sociedade das Nações em escala reduzida que é o Imperio Britannico, sobe de dia para dia a significação das antigas colonias, e augmenta o influxo do ponto de vista dellas na róta geral do Foreign Office. Nova-Zelandia, Australia, Canadá, nos problemas do Pacifico, estão muito mais proximas dos Estados Unidos do que de Londres. Assim tambem a Africa do Sul, quanto aos conflictos raciaes. A India volta os olhos para Washington, de um

lado, e para os agitadores russos e mongóes, por outro, mais do que para o ministerio inglez das Indias.

Quando se dê a infelicidade de collidirem as tendencias internacionaes dos dois systemas, para que lado penderá a Inglaterra? Para o da Europa continental, com seus povos principaes a se hostilisarem, e a ameaça bolchevista? ou para o complexo pan-americano, em rumo do qual evoluem conveniências, ideaes e pontos de vista de quasi todos os "dominions"?

Ora tal conflicto, previsivel já, convém a todo custo evitar, a bem da paz geral do mundo.

A MISSÃO DO NOVO CONTINENTE

Essa, precisamente, a missão do Novo Continente na Sociedade das Nações. Por isto mesmo, nenhum erro politico maior pôde commetter a Europa, nenhuma falta mais grave de previsão, do que provocar, facilitar, ou, por inercia ou descaso, consentir na desaparição de taes esforços collaboradores.

E ainda pelas mesmas razões de elevadissima ethica universal, nada deve, nem pôde a America, ou qualquer de suas Republicas, fazer por tornar mais facil ou mais proximo o advento de tão perigoso dissidio. Ha sentimentos humanos, impulsos de amor filial e de solidariedade, que nos ordenam servir aos berços de que provimos, mesmo quando erroneamente inspirados estes, talvez mesmo principalmente porque mal inspirados.

A America quer servir a Sociedade das Nações, em pé de perfeita egualdade com os paizes dirigentes, não por interesse proprio do Novo Mundo, mas por bem da propria Europa.

Mas, então, talvez inquiram, como justificar a secessão do Brasil? Para melhor servir a causa que defendemos: a criação permanente e o funcionamento integral de uma Sociedade das Nações, baseada na inteira egualdade internacional de todas as soberanias representadas nella.

Nas paginas anteriores se viu que não julgamos o mais acertado o modo pelo qual se conduziram as negociações. Nada vale lamental-o: cumpre remediar, ante a situação resultante das gestões havidas.

Deante da candidatura official nossa a um posto definitivo, e das manifestações de março em Genebra e allures, não pôde o Brasil, sem diminuir-se, accetar meias-medidas intermédias.

As condições de exito de sua collaboração residem na auctoridade moral com que fala e na serenidade com que age. Ora, tal accitação quebrantaria de modo irremediavel a primeira; e deixaria por toda a Assembléa residuos apaixonados que comprometteriam a segunda. Situação de facto que se não coaduna com a missão moral que nos impuzemos, e temos seguido vae para um seculo.

O Brasil deve retirar-se. * Deve fazel-o, contudo, no maior espirito de cordura, sem dar a impressão de sentimento, que não pôde nem deve nutrir, de amargura ou de amor-proprio ferido.

Sabemos, os americanos, que de nós virão as soluções internacionaes vindouras em bem da paz do mundo. A consciencia desta força immanente nos dá tolerancia e calma para esperar que o ambiente mude, e que nosso auxilio, recusado hoje, amanhã nos seja pedido. E, quando se realisar a solicitação, a ella teremos de attender, não como victoria nossa, mas como triumpho da causa da paz e do bom senso, que temos a profunda convicção de servir, a bem da especie humana.

Nosso papel será aguardar, com intensa *sympathia* social, á margem dos acontecimentos, o progresso ethico que, temos certeza, fará evoluir para melhor e mais alto os conceitos vigentes. Quando a maioria dos povos tiver alcançado o nivel que, nós da America, já occupamos em nossas relações entre grupos nacionaes, nesse dia pedirão nossa conjuvação. Prestal-a-emos immediatamente, sem rancor, sem magoa, sem pensamento recondito; com o só intuito, sincero e partido do coração, de servir a humanidade inteira. Até lá, sejamos como cumpre, uma força em reserva.

Para as nações americanas, "il tempo é galantuomo".

IV

O ACCÓRDO POSSIVEL

Reconhecemos, e muito nos pesa, que essa resolução representa para a Liga, na melhor *hypothese*, uma crise e uma delonga no caminhar para seus beneficos alvos. Não nos é dado remediar ao mal, porém, oriundo da directriz seguida pelas chamadas grandes potencias.

Destas, sim, e exclusivamente, depende o restabelecimento da normalidade na vida do Instituto.

O mais que poderíamos fazer é examinar em que rumos um accôrdo seria possível, no curto prazo que nos separa do fim de nosso mandato.

Um unico existe, ao qual o Brasil daria sua adhesão plena, irrestricta e cordial: a suggestão argentina de abolir a permanencia dos cargos do concelho, tornando-os electivos todos e permitindo as reeleições. Confirmamos nesse ponto as declarações officiaes. Quantos pensam no assumpto, em nosso paiz, manifestam-se favoraveis a tal solução.

Emanado de um collegio eleitoral, no qual cada membro tem um voto, o concelho teria por base a egualdade das soberanias. Deseguaes os interesses, os maiores, os mais entrelaçados na vida politica e economica de outros povos, veriam assegurada sua representação permanente. Isso manteria nos cargos as chamadas grandes potencias; mantel-as-ia, porém, como traducção do privilegio inherente aos interesses communs a todas as nações e á irradiação de cada qual destas. Nunca seria corollario de qualquer principio classificador de categorias soberanas.

A esse modo de solver o problema, consideramos o mais logico, o mais justo, o unico republicano. Para sua adopção, cooperaremos sempre, e com enthusiasmo.

Não foi essa, contudo, a base na qual o caso se apresentou até hoje. Tivemos, pois, de examinal-o do ponto de vista da permanencia e de temporariedade dos cargos. Ora, posto dessa fórma, não pôde negar-se que foi um serviço á Sociedade das Nações a crise de março: abriu-lhe os olhos e deu-lhe a escolha.

DILEMMA INEVITAVEL

Ou será uma liga de povos soberanos, com direitos politicos eguaes e igualmente representados; ou se transformará em um pacto regional alargado, abrangendo parte da Europa e o Japão, sómente.

No primeiro caso, o mundo inteiro nelle terá ingresso successivo, e um alto instrumento de pacificação e de progresso estará creado e em funcções, sob auspicios liberaes e altruistas. No segundo, ainda será um bem, apenas um bem restricto aos signatarios do pacto; parte da Europa e o Japão lucrarão directamente; os paizes restantes, indi-

rectamente. Mas terá morrido a nobilissima tentativa, que por sete annos se manteve, de applicar a todo o orbe regras de direito, em vez do appello á força.

Que propoz, que queria o Brasil? Uma representação equitativa da America no concelho, sendo permanente um dos mandatos, caso no qual apresentava sua candidatura. Havia nisto exigencia demasiada?

A principio, a idéa não foi totalmente repellida; chegou a ser aceita por varios paizes, depois; até que, ante impugnações allemãs, foi posta de lado pela Inglaterra e pela França, sem aviso ao interessado, que protestou contra o processo "cavalier" empregado. Voltaremos a esse ponto, mas desde já salientemos o caminho andado; já não é possível hoje, sem abalar a construcção toda, usar de tal diplomacia "de turc á more", em relação aos membros menos poderosos da Liga. Provocou o exame total da questão. Que resultou do inquerito da commissão especial?

Aconselhou o alargamento da representação americana, no concelho, a tres membros. Era o que o Brasil pedira. Aconselhou a possibilidade da reeleição de um desses mandatarios, acenando entendimentos confidenciaes para a assegurar. Sob fôrma butra, e menos digna, era a permanencia pedida por nós.

A ELECTIVIDADE DE "TODOS" OS MANDATOS

Sob a Restauração, em França, a antiga nobreza, os gloriosos "parvenus" ennobrecidos da éra napoleonica e a burguezia enriquecida, viviam a disputar-se sobre classificações sociaes, distincções e precedencias. Estudando ironicamente tal feitiço mental da eterna vaidade humana, Paul-Louis Courier ponderava que seria sempre assim: si de victoria em victoria, a onda niveladora reduzisse a nobreza

real ao mero symbolo de um raninho verde, em torno desse "brin de persil" se travariam batalhas tão renhidas quanto as antigas.

Não se applica o conceito á situação proposta pela commissão especial? Toda a divergencia está em que, dos membros permanentes, uns o seriam de direito, e outros de facto, pelas reeleições. Não será mais nobre apagar taes differenciações esdruxulas? Tanto mais, quanto os primeiros se esteiam apenas no "quia nominor leo", enquanto os segundos invocam a razão de ser, o alicerce fundamental da Sociedade, as soberanias eguaes.

Repetimos, nossa doutrina é a argentina: a electividade de "todos" os mandatos ao concelho. Enquanto não triumphar, entretanto, contentamô-nos com a perfeita egualdade dos mandatos permanentes.

OUTRAS APPROXIMAÇÕES

Mas convém ainda apontar approximações outras.

Já dissemos que o nobre anseio anglo-francez por pacificar moralmente a Europa levou essas duas potencias a consentirem em crescentes sacrificios, até que olvidassent a propria essencia da Liga. Em tal facto, convenhamos que existe um generoso impulso. Não sabemos si o mesmo se poderia affirmar da outra parte contractante.

Ninguem, mais do que nós, admira a Alemanha. Valor intellectual; idealismo; intuição artistica superior; capacidade realisadora; noções de organização, innatas e amadurecidas pela reflexão e pelo uso; taes factores, em nosso espirito, collocam a velha Germania. "Germania mater", dizia Victor Hugo, na primeira linha de nossa estima. Com taes sentimentos, nenhuma offensa ha em

repetir o que seus filhos dizem de si-propios: "exceptis excipiendis", o allemão não é povo politico.

De Versalhes sahiu profundamente ulcerado. Com razão, revoltou-se contra o attribuir, á nação toda, responsabilidades que, quando muito, seriam de uma infima minoria, e contra o apresental-a como unica causadora de factos e de males, de infinita complexidade, nos quaes tantos paizes haviam cooperado. Das sancções praticas, que foram coagidos a subscrever (como si a coacção não eliminasse o consentimento), algumas houve de que se pode dizer sem exaggero: sí, antes de 1914, havia "uma" Alsacia-Lorena, várias nasceram no tratado de paz, por toda a Europa.

Uma dellas, foi a fronteira germano-poloneza, o corredor para a cidade independente de Danzig e a constituição desta.

O ERRO POLITICO DA ALLEMANHA

Antes da guerra, a politica colonial interna allemã, de prussificação intensiva da Polonia, tinha creado, além da rivalidade racial, odio economico e politico entre os dois paizes. Hoje a delimitação arbitraria e violenta do linde silesiano, os attritos continuos entre as duas raças, figurando a slava muita vez como oppressora, exaltaram essa mesma hostilidade. Não póde Berlim, pois, ver Varsovia com bons olhos.

Por isso, é méra justiça salientar a persistencia uniforme e digna com que o Reich, por todas as formas e em todas as occasiões, tem protestado contra as sentenças que forçadamente subscreveu.

A isenção com que formulamos tal louvor, talvez nos dê auctoridade moral para dissentir dos modos praticos pelos quaes tem procurado obter a necessaria revisão.

Estivemos na Alemanha livre e na zona occupada, em 1923. D'ali trouxeram a funda impressão do caracter official da resistencia passiva, do "sabotage" da execução do tratado. Não justificamos excessos dos alliados. Queremos significar, apenas, o erro politico da Alemanha, justamente anciosa por modificar sancções moraes e sancções materiaes, por meios inadequados: provocar a desharmonia interna de seus antigos adversarios; tornar impossivel o funcionamento dos organismos previstos para dar equilibrio ao Acto de Versalhes.

Acto de força, queriam e querem alteral-o por forma egual. Instabilidade ameaçadora, pois terceira phase do processo fica assim prenunciada, á espera de quarta, de quinta, sem que appareça motivo para interromper-se a serie.

O CRITERIO ALLEMÃO NO CASO DA REORGANIZAÇÃO DO CONCELHO

Para dar permanencia a conclusões dessa natureza, cumpre se esteiem no consentimento mutuo. Agir lealmente, e, provado assim o absurdo de certas estipulações, promover e obter as imprescindiveis alteraçõs. Nenhum governo, nenhum povo, intelligente e clarividente, se excusaria ás modificações. No largo periodo agitado de 1919 a 1924, desde que se recorreu a esse processo de sinceridade, se chegou finalmente á Conferencia de Londres e ao plano Dawes. E a "détente" data d'ahi.

Apesar da eloquencia do exemplo, do que se conseguiu de tal modo nesse particular, não quiz o Reich estender a mesma norma de acção de outros problemas. Um delles, foi o da reorganização do concelho da Liga.

Na propria correspondencia official com o Brasil, sobre esse assumpto, se vê como perduram antigas usanças. Pede a opinião, e, eventualmente, o apoio nosso para entrar na Sociedade e no Concelho. Está virtualmente certo de nossa funda e sincera sympathia. Acontece que, por erros na directriz anglo-franceza (em nosso parecer), somos forçados a fazer restricções que communicamos lealmente ao governo germanico. Na resposta, e em relação a acto de nossa exclusiva competencia de nação soberana, declara a Wilhelmstrasse que "não pôde tolerar" nosso ponto de vista. Resalvada a possibilidade de um erro de traducção, que teria convindo apurar, admira que tal nota se não tenha modificado a pedido nosso pois, como está redigida, não deveria figurar no archivo do Itamaraty.

UM RASTILHO DE EXPLOSAO

Deu-se cousa parecida em Locarno. Berlin não approvava a fronteira com a Polonia, e admittia apenas um arbitramento. D'ahi, a candidatura desta ultima a um lugar permanente no concelho. Inglaterra e França prometteram-n'o, sem falar ao outro interessado. Sabiam, entretanto, que recusaria. Tudo isto se falava e se dizia á bocca pequena; mas officialmente, nada transpirava, precisamente para não surgirem novas difficuldades, quando outras já tinham sido aplainadas. A Allemanha silenciava, tambem, pois estava com a partida ganha: recebida sem condições, passava a impôr as suas.

Claro, um rastilho de explosão. Que importava, entretanto? Ou divisão dos antigos alliados, ou impossibilidade de cumprirem a palavra dada aos polonezes, o Reich entraria mais forte no concelho.

Não parecia acertado o passo, talvez. A se fazer passar por victima de delongas, era de facto a exigencia germanica o movel de tudo. Ingressaria na Sociedade com mentalidade de lucta, em vez de a considerar como um recinto de paz. Poderia ter sido mais habil, si fosse franca.

Dos povos que aspiravam a um posto definitivo no concelho, Hespanha e Brasil representavam elementos de conciliação e de justiça. A inclusão permanente da Polonia, ao contrario, dadas as suas más relações com o seu visinho e adversario occidental, só podia ser recebida como acto politico de equilibrio de forças, medida de guerra, portanto. Isso mesmo devêra ter sido salientado, o que, por certo, simplificaria exames e soluções. Preferiram, todos, manter silencio, e pela calada foi augmentando a pressão da caldeira internacional, até á explosão de março.

A ATTITUDE DO BRASIL

Longe está de ser provado que o Brasil foi causa efficiente e unica da crise. Sabemos todos, brasileiros e allemães e todos os demais povos, que nenhum laivo existe de malevolencia reciproca entre nossa patria e o Reich. Ao contrario. Mesmo que, entre nós, se estabelecesse accôrdo em Genebra, já se sabia das divergencias mais graves no scio da "Petite Entente", quanto á renuncia antecipada da Tcheco-Slovaquia a seu lugar no concelho. E talvez fosse melhor suspender o debate, antes de virem estas a lume.

Nesse ponto, igualmente, houve progresso feito na sessão da Liga. Verificado está que a Polonia se julga devidamente garantida com um lugar temporario, e que, nesses termos, a solução é admittida sem esforço pela potencia que, d'antes, impugnava o mandato, si permanente.

Restam, portanto além da Allemanha, e estariam de pé si não fossem os factos recentes, as duas outras candidaturas, Hespanha e Brasil, que são unanimemente consideradas como collaboradores de primeira ordem, isentos de paixão e sempre a serviço dos ideaes da paz, de ordem e de justiça que devem inspirar o Instituto.

Admittida e aconselhada a ampliação do "comité" director; conciliada a divergencia, com a distribuição de um mandato electivo á Polonia; parece menos atravancado o acesso á solução final.

Depende, entretanto, como dissemos, de nova conquista sobre si mesma na mentalidade vigente na Europa, no sentido da plena acceitação e da pratica do conceito essencial: a egualdade das soberanias, a abolição de quaesquer características differenciaes.

O ALVO A ATTINGIR

Não encerremos este ensaio, sem insistir em algumas observações.

O alvo a attingir, a paz, não pôde ser peculiar a uns ou a outros. É geral. Toda particularisação é, pois, um erro.

Da situação presente, uma das soluções, a mais provavel, é sahirnos da Liga. De manifestações recentes, parece vir á tona um espirito de mesquinhez, que nenhum governo, nenhum homem publico sabedor, pôde alentiar. Além da diminuição que nos traria, si existisse, seria factor preparatorio de iniciativas a fragmentarem o mundo em estilhas de systemas politicos e juridicos, sem alcance collectivo, da mais alta inconveniencia para as grandes regras pacificadoras geraes, que, todos, nos esforçamos

por ver estabelecidas e respeitadas. Tal poderia considerar-se, entre outras, a tentativa de se crear uma côrte restricta americana.

Um seculo ha que nosso Continente tem por norte o conceito de Mouroe. Nem todos o interpretam por igual: regra de politica norte-americana, diz Washington: norma activa para o Continente inteiro solidario, dizemos nós, Mas todos assentem no principio: cessaram as conquistas européas no Mundo Novo.

Preparados por Bolivar, a consciencia e o grupamento dos interesses e dos preceitos communs a toda a America, vae para quarenta annos estão em progressiva formação. Outro ponto, em que o accôrdo é pacifico e completo.

Não perturbemos a evolução constructora. Antes a intensifiquemos por todos os modos.

OS ANHELOS DA AMERICA

Tudo isso, entretanto, é um complexo continental. E vivemos em planeta mais vasto, no qual nos não queremos isolar. Trabalhemos, pois, pela generalisação dos institutos juridicos que regem os grandes factos humanos, privados ou collectivos, sociaes ou politicos.

Nosso anheilo *commun* deriva dos entendimentos a que já chegámos no Novo Hemispherio; desejamos, no orbe todo, como já conseguimos em grande parte entre nossas Republicas, ver substituido á força, o livre consenso; á decisão das armas, a dos tribunaes. E dahi, nos cerebros que pensam, e não méramente se agitam; nos corações que sentem profundamente, com amor, e não são simples joguete de paixões momentaneas; o raciocinado e querido

apoio altruista á constituição do Estados-Unidos da Terra. A Sociedade das Nações é um dos lineamentos primeiros do templo.

Organ prematuro e deficiente, já o denominámos algures. Todos os dias, o tempo corrige e melhora taes senões; até que, pela pratica ininterrupta da noção de solidariedade, possamos entoar o "pean" da victoria sobre o particularismo aggressivo. Quando? Sómente Deus o sabe. Mas o porvir está em marcha.

Erro, equal ao entorpecer, entrar ou destruir semelhante róta politica, só encontramos um: o fixar-se na neutralidade da Europa a conyecção inexacta de que nós, povos da America, queremos collaborar com ella em pé de equaldade, para nos alçarmos a nivel mais alto, que não reconhecemos, aliás.

A OBRA DO PAN-AMERICANISMO

Estudando-nos a fundo, verificarão, mais uma vez, nosso grande idealismo inspirador. Não por interesse proprio procuramos e defendemos a Sociedade das Nações: o ideal, que tem de propugnar, nós já vamos realisando aos poucos com o pan-americanismo. Sim, por interesse della, das fontes de que surgimos, das colmeias das quaes enxameámos: o bem que já possuímos, e do qual cada dia mais intensamente gozamos, anhelamos vel-o estendido ás nossas antigas patrias originarias.

E é a esse impulso generoso e fraterno, vindo da profundeza de nossa consciencia de unidade racial, alimentado pelo amor filial por nossos maiores, que já egualámos e, mesmo, em certos pontos, ultrapassámos; é por tal conjuncto idealista que, servindo a Sociedade das

Nações, nella propugnamos a inteira absoluta egualdade das soberanias nacionaes, sem distincções de qualquer ordem.

Não é uma senda de vaidade e de predomínios. E' um immenso anseio de fraternidade internacional e de solidariedade humana.

(Junho de 1926).

O BRASIL E A LIGA DAS NAÇÕES

INQUERITO DO «O JORNAL»

Proseguindo no inquerito que abriu a actual situação do Brasil em face da Liga das Nações, O JORNAL publica, linhas abaixo, a resposta que lhe concedeu o sr. Pandiá Calogeras, ex-ministro da Agricultura, da Fazenda e da Guerra. Antigo parlamentar, o sr. Calogeras, no Congresso Nacional, se mostrou um estudioso das nossas questões diplomaticas, tendo o ensejo de collaborar na obra de Rio Branco.

Publicista, está publicando uma obra de grande tonio sobre a politica exterior do Brasil nos tempos do Imperio.

Conhecedor da politica internacional brasileira, o sr. Calogeras, como delegado do nosso paiz ao Congresso de Versalhes, assignou o Tratado de Paz e acompanhou de perto o nascimento e a formação da Liga das Nações.

As declarações por s. ex. feitas a O JORNAL são as seguintes:



Haverá razões a induzir o Brasil a tomar alguma iniciativa no sentido de revogar o aviso prévio de seu governo dirigido ao Secretario Geral da Sociedade das Nações, antes de expotar-se o prazo de dois annos prescriptos pela parte final do artigo primeiro do Pacto, para tornar effectiva a retirada de nosso paiz daquelle Instituto? pergunta O JORNAL.

Interrogação mais fácil de fazer, do que de responder.

Não basta haver consenso quasi geral no lamentar o *pas de clerc* do Itamaraty nesse assumpto no quadriennio ultimo, levando-nos á posição esquerda em que nos achamos hoje. Por maiores o erro de visão e a inhabilidade diplomatica, criaram uma situação, e é em face desta que se devem tomar resoluções.

O problema de nossa presença na S. D. N. já o estudámos em ensaio publicado em 1926, e nada, por ora, veio demover-nos dos conceitos então emitidos. Antes parece lhe trazerem nova força os debates recentes na America do Sul e na Europa, acerca da reunião da Conferencia de Havana.

Não ha remedio, para nos explicarmos, sinão extractar trechos escriptos sob a impressão do nosso veto em Genebra em março de 1926.

"Reproduz-se, com cem annos de intervallo, o angustioso problema a que deu solução liberal e vidente o genio politico de George Canning em 1822-1825. Em suas communicações aos Commons, ufanava-se o grande estadista inglez de, com ella, ter chamado um novo mundo á existencia para servir de contrapeso ao antigo".

"E tratava-se apenas da America quasi ignota e rude do primeiro quartel do seculo XIX. Quão differentes o aspecto actual e as perspectivas."

"Duzentos milhões de habitantes, já agora; provavelmente mais de quinhentos, antes do fim do seculo, tal a rapidez do crescimento, quer do endogeno, pela natalidade, quer do exogeno, pela immigração. Recibe e assimila em seu seio farto e pacificador os elementos de maior iniciativa do Velho Continente; os melhores, tanto que vencem o quasi invencível apego ao solo e o horror ás mudanças de populações sedentárias e enraizadas no

torrão natal. Paizes novos, de possibilidades infindaveis, sem lastro de competições de odios ou de interesses; vastas áreas livres de povoar; "struggle for life" attenuado no qual ha lugar para todos, e a crise é de braços e não de recursos; estalão da vida mais elevado; promessas, a se realizarem sem conta, de illimitados progressos individuais; o ambiente, na phrase de Rio Branco, das colmeias onde sobra o mel."

"Cousa mais valiosa e significativa para o futuro do mundo: trecho da Terra no qual vingou a semente lançada por Bolivar, o Libertador, com seu Congresso de Panamá, e se está formando uma consciencia continental collectiva."

"Desde 1889, retomada por Blaine e pelos Estados Unidos, fructifica a idéa de collaboração mutua das Republicas, sem distincção de origem racial: Washington. Mexico, Rio de Janeiro, Buenos Ayres e Santiago, em trinta e sete annos, balisam o surto e o realizar um corpo de regras communs, numa atmosphera de paz, de respeito reciproco e de absoluta egualdade politica. Isso, é claro, não abole a geographia, nem os factos humanos, nem os valores economicos, nem os recursos materiaes."

"De facto, e por fórma iniludível, o paciente, constante e victorioso trabalho da formiga, de, cada dia, trazer um contingente á constituição de um recanto do planeta, que possa, extreme de toda a ironia, appellidar-se o Continente da Paz."

"Pólo de attracção, que, ininterruptamente, age com cordura, e pacifica os irrequietos descendentes de nações, nas quaes, nas antigas metropoles, ainda perduram as agruras das contendidas, eliminadas pela transposição do Atlantico. Mas, e é o elemento novo e benéfico, pólo de attracção destinado, sem possibilidade de duvidas, a reagir sobre as velhas e veneraveis civilisações européas, eviden-

ciando-lhes a superioridade dos processos de evolução afastadores de luctas."

"A crise de março ultimo já é um conseqüentio de taes preceitos, no choque das duas mentalidades oppostas."

"Nesse sentido, são procedentes, por inteiro, às notas, variaveis na intensidade de sua expressão, de Auguste Gauvain, no "Débats", do "Daily Chronicle" e do "Times", em dias recentes, declarando benefica á propria Sociedade das Nações a attitude do Brasil, e responsabilizando as gestões secretas da França e da Inglaterra pelo mallogro de Genebra".

"O triste occaso de março, quem sabe? pôde vir a ser uma aurora de dias novos".

"Por mais extranho sôe o dito em ouvidos europeus, é convicção assentada no animo americano serem, as novas nações, collaboradoras, e não séquito, dos povos mais antigos. Anteveem, mesmo, o dia em que serão guias, a par dos troncos raciaes de que descendem."

"Tão profundo e arraigado sentir demonstra sua confiança no futuro, e a certeza de que o tempo trabalha pelas energias novas, a surgirem para Oeste do Atlantico. Não querem ellas, no entanto, que taes progressos beneficiem apenas a si proprias. Anseiam por diffundil-os pelos demais habitantes do globo. Acima de tudo, querem e estão firmemente resolvidas a manter por todos os meios suas personalidades nacionaes; mas desejariam ser uteis, também, ás annosas arvores ancestraes de que esgalharam."

"O irresistivel poder assimilador dos céos e dos horizontes novos leva, por toda a America, os filhos de immigrants a pôr de lado e, mesmo, a escarnecer da patria originaria. D'ahi os appellidos pittorescos com que denominam essas ultimas: gallegos, marretas, pés de chumbo, dirá o brasileiro, filho de portuguez, dos patricios de seus paes. Cousa equivalente se dará com italianos, hespanhóes

e outros. E o phenomeno será o mesmo, do Canadá, cujo filho declara ser canadense e não inglez, nos Estados Unidos e ás Republicas hispano-americanas."

"Tal feitiço moral constitue um élo entre os continentes. Maior afinidade, por certo, sentem entre si do que com a Europa, e o pan-americanismo a fortalece todos os dias. Revela esse traço, o erro de psychologia que commetteriam os politicos europeus, si quizessem contar com o particularismo nacional para dividir a America. Divergentes entre si que fossem ainda assim esses povos se sentiriam mais proximos, do que com a outra margem do Oceano".

"E' força de união a aproveitar, nunca elemento dispersivo a favorecer."

"São estas, entretanto, faces da alma americana que a Europa não conhece, acostumada, como geralmente está, a não enxergar além dos horizontes de seus proprios Estados. E é por isso que, por vezes, causam certo máo-estar e despertam sorrisos expressões como as de que se serviu, poucos dias faz, o "Journal de Genève", lamentando que o Brasil, cuja importancia ia crescendo com a sua cooperação no concelho, a quizesse perder, delle se afastando. Como si altura ou valor pessoal de um individuo crescesse, por estar trepado sobre um pedestal."

Aqui, entravamos na analyse do pensamento de alguns politicos europeus querendo limitar á Europa, tão sómente, o ambito da S. D. N., e accrescentavamos:

"Muito ao contrario, só vemos perigos immensos em taes conselhos demolidores. Nada está mais longe de nossos intuitos do que parecer, por uma argumentação terrorista, estar a serviço desta ou daquella pretensão. Move-nos convicção profunda, que queremos expender."

“Estados Unidos, Mexico, Equador, Costa-Rica, Argentina, Brasil, ausentes da Assembléa, e entretanto approximados entre si na União Pan-americana, representam grupamentos politicos que se podem contrapôr. O ponto de vista europeu, que ora domina o concelho, é de molde a accelerar dissentimentos continentaes, e é um mal inenarravel. Quando se intensifiquem divergencias, e cheguem a constituir dois systemas politicos, Europa e America, destruindo a obra genial e pacifica de fraternidade de Canning, quem pôde affirmar se mantenham parallellos os rumos, e não venham a chocar-se?”

“Não faltarão motivos, mesmo contra a vontade dos dirigentes mais conciliadores.”

“A questão dos novos mandatos, que a Allemanha pedirá; os enigmas do Pacifico; as reivindicações egualitarias raciaes; os anseios de independencia, quer absoluta quer relativa sob a fórmula de “dominions”, de actuaes possessões subordinadas a metropoles; taes são algumas interrogações de amanhã, neste seculo XX, que, parece, terá de solver tanta incognita politica no sentido da democracia mundial e das perequações sociaes.

“E no aggregado europeu não pôde passar despercebido que as normas pan-americanas agem, independentes da vontade humana, como fermento, como elemento dissociador dos conceitos mais antigos. Nem só pela verdade e pelo respeito humano e politico immanentes que éncerram. Mas tambem, pela propria evolução intrinseca da Inglaterra.”

“Nessa Sociedade das Nações em escala reduzida que é o Imperio britannico, sobe de dia para dia a significação das antigas colonias, e augmenta o influxo do ponto de vista dellas na róta geral do Foreign Office. Nova-Zelandia, Australia, Canadá, nos problemas do Pacifico, estão muito mais proximas dos Estados Unidos do que

de Londres. Assim tambem a Africa do Sul, quanto aos conflictos raciaes. A India volta os olhos para Washington, de um lado, e para os agitadores russos e mongóes, por outro, muito mais do que para o ministerio inglez das Indias."

"Quando se dê a infelicidade de collidirem as tendencias internacionaes dos dois systemas, para que lado penderá a Inglaterra? Para o da Europa continental, com seus povos principaes a se hostilisarem, e a ameaça bolchevista? ou para o complexo pan-americano, em rumo do qual evoluem conveniencias, ideaes e pontos de vista de quasi todos os "dominions"?"

"Ora tal conflicto, previsivel já, convém a todo custo evitar, a bem da paz geral do mundo."

"Essa, precisamente, a missão do Novo Continente na Sociedade das Nações. Por isto mesmo, nenhum erro politico maior pôde commetter a Europa, nenhuma falta mais grave de previsão, do que provocar, facilitar ou, por inercia ou descaso, consentir na 'desaparição de taes esforços collaboradores."

"É ainda pelas mesmas razões, de elevadissima ethica universal, nada deve, nem pôde a America, ou qualquer de suas Republicas, fazer por tornar mais facil ou mais proximo o advento de tão perigoso dissidio. Ha sentimentos humanos, impulsos de amor filial e de solidariedade, que nos orçenam servir aos berços de que provimos, mesmo quando erroneamente inspirados estes, talvez mesmo principalmente porque mal inspirados."

"A America quer servir a Sociedade das Nações, em pé de perfeita egualdade côm os paizes dirigentes, não por interesse proprio do Novo Mundo, mas por bem da propria Europa."

"Mas então, talvez inquiram, como justificar a seccesão do Brasil? Para melhor servir a causa que defen-

demos: a criação permanente e o funcionamento integral de uma Sociedade das Nações, baseada na inteira igualdade internacional de todas as soberanias representadas nella.”

“Nas paginas anteriores se viu que não julgamos o mais acertado o modo pelo qual se conduziram as negociações. Nada vale lamental-o: cumpre remediar, ante a situação resultante das gestões havidas.”

“Deante da candidatura official nossa a um posto definitivo, e das manifestações de março em Genebra e alhures, não pôde o Brasil, sem diminuir-se, accetar meias-medidas intermédias.”

“As condições de exito de sua collaboração resident na auctoridade moral com que fala e na serenidade com que age. Ora, tal accitação quebrantaria de modo irremediavel a primeira; e deixaria por toda a Assembléa residuos apaixonados que comprometteriam a segunda. Situação de facto que se não coaduna com a missão moral que nos impuzemos, e temos seguido vae para um seculo.”

“O Brasil deve retirar-se. Deve fazel-o comtudo, no maior espirito de cordura, sem dar a impressão de sentimento, que não pôde nem deve nutrir, de amargura ou de amor-proprio ferido.”

“Sabemos, os americanos, que de nós virão as soluções internacionaes vindouras em bem da paz no mundo. A consciencia desta força immanente nos dá tolerancia e calma para esperar que o ambiente mude, e que nosso auxilio, recusado hoje, amanhã nos seja pedido. E, quando se realisar a sollicitação, a ella teremos de attender, não como victoria nossa, mas como triumpho da causa da paz e do bom senso, que temos a profunda convicção de servir, a bem da especie humana.”

“Nosso papel será aguardar, com intensa sympathy social, á margem dos acontecimentos, o progresso ethico

que, temos certeza, fará evoltir para melhor e mais alto os conceitos vigentes. Quando a maioria dos povos tiver alcançado o nivel que, nós da America, já occupamos em nossas relações entre grupos nacionaes, nesse dia pedirão nossa coadjuvação. Prestal-a-emos immediatamente, sem rancor, sem magoa, sem pensamento recondito; com o só intuito, sincero e partido do coração, de servir a humanidade inteira. Até lá, sejamos, como cumpre, uma força em reserva”.

“Para as nações americanas, *“il tempo é galantuomo”*.”

“Reconhecemos, e muito nos pesa, que essa resolução representa para a Liga, na melhor hypothese, uma crise e uma delonga no caminhar para seus beneficos alvos. Não nos é dado remediar ao mal, porém, oriundo da directriz seguida pelas chamadas grandes potencias”.

“Destas, sim, e exclusivamente, depende o restabelecimento da normalidade na vida do Instituto”.

“O mais que poderíamos fazer é examinar em que rumos um accordo seria possível, no curto prazo que nos separa do fim de nosso mandato”

“Um unico existe, ao qual o Brasil daria sua adhesão plena, irrestricta e cordial: a suggestão argentina de abolir a permanencia dos cargos do concelho, tornando-os electivos todos e permitindo as reeleições. Confirmamos nesse ponto as declarações officiaes. Quantos pensam no assumpto, em nosso paiz, manifestam-se favoraveis a tal solução.”

“Emanado de um collegio eleitoral, no qual cada membro tem um voto, o concelho teria por base a egualdade das soberanias. Deseguaes os interesses, os maiores, os mais entrelaçados na vida politica e economica de outros povos, veriam assegurada sua representação permanente. Isso manteria nos cargos as chamadas grandes potencias; mantel-as-ia, porém, como tradueção do privilegio inhe-

rente aos interesses communs a todas as nações e á irradiação de cada qual destas. Nunca seria corollario de qualquer principio classificador de categorias soberanas”.

“A esse modo de solver o problema, consideramos o mais logico, o mais justo, o unico republicano. Para sua adopção, cooperaremos sempre, e com enthusiasmo”.

“Não foi essa, comtudo, a base na qual o caso se apresentou até hoje. Tivemos, pois, de examinal-o do ponto de vista da permanencia e da temporariedade dos cargos. Ora, posto dessa fórma, não pôde negar-se que foi um serviço á Sociedade das Nações a crise de março: abriulhe os olhos e deu-lhe a escolha.”

“Ou será uma liga de povos soberanos, com direitos politicos eguaes e igualmente representados; ou se transformará em um pacto regional alargado, abrangendo parte da Europa e o Japão, sómente”.

“No primeiro caso, o mundo inteiro nelle terá ingresso successivo, e um alto instrumento de pacificação e de progresso estará creado e em funções, sob auspicios liberaes e altruistas. No segundo, ainda será um bem, apenas um bem restricto aos signatarios do pacto; parte da Europa e o Japão lucrarão directamente. Mas terá morrido a nobilissima tentativa, que por sete annos se manteve, de applicar a *todo o orbe* regras de direito, em vez do appello á força”.

“Que propoz, que queria o Brasil? Uma representação equitativa da America no concelho, sendo permanente um dos mandatos, caso no qual apresentava sua candidatura. Havia nisto exigencia demasiada?”

“A principio, a idéa não foi totalmente repellida; chegou a ser acceita por varios paizes, depois; até que, ante impugnações allemãs, foi posta de lado pela Inglaterra

e pela França, sem aviso ao interessado, que protestou contra o processo "cavalier" empregado. Voltaremos a esse ponto, mas desde já salientemos o caminho andado; já não é possível hoje, sem abalar a construção toda, usar de tal diplomacia "de turc à more", em relação aos membros menos poderosos da Liga. Provocou o exame total da questão. Que resultou do inquerito da comissão especial?"

"Aconselhou o alargamento da representação americana, no conselho, a tres membros. Era o que o Brasil pedira. Aconselhou a possibilidade da reeleição de um desses mandatarios, aceitando entendimentos confidenciaes para a assegurar. Sob fôrma outra, e menos digna, era a permanencia pedida por nós".

"Sob a Restauração, em França, a antiga nobreza, os gloriosos "parvenus" ennobrecidos da éra napoleonica e a burguezia enriquecida, viviam a disputar-se sobre classificações sociaes, distincções e precedencias. Estudando ironicamente tal feittio mental da eterna vaidade humana, Paul-Louis Courier ponderava que seria sempre assim; si de victoria em victoria, a onda niveladora reduzisse a nobreza real ao méro symbolo de um raminho verde, em torno desse "brin de persil" se travariam batalhas tão renhidas quanto as antigas".

"Não se applica o conceito á situação proposta pela comissão especial? Toda a divergencia está em que, dos membros permanentes, uns o seriam de direito, e outros de facto, pelas reeleições. Não será mais nobre apagar taes differenciações esdruxulas? Tanto mais, quanto os primeiros se esteiam apenas no "quia nominor ieo", enquanto os segundos invocam a razão de ser, o alicerce fundamental da Sociedade, as soberanias eguaes?"

“Repetimos, nossa doutrina é a argentina: a electividade de “todos” os mandatos ao concelho. Enquanto não triumphar, entretanto, contentamo-nos com a perfeita egualdade dos mandatos permanentes.”

.

Passava a tentar uma discriminação de responsabilidades, e a examinar os meios de solver o impasse, ponderando então:

“Depende, entretanto, como dissemos, de nova conquista sobre si mesma na mentalidade vigente na Europa, no sentido da plena acceitação e da pratica do conceito essencial: a egualdade das soberanias, a abolição de quaesquer características differenciaes”.

“Não encerraremos este ensaio, sem insistir em algumas observações”.

“O alvo a attingir, a paz, não póde ser peculiar a uns ou a outros. E’ geral. Toda particularisação é, pois, um erro”.

“Da situação presente, uma das soluções, a mais provavel, é sahirnos da Liga. De manifestações recentes, parece vir á tona um espirito de mesquinhez, que nenhum governo, nenhum homem publico sabedor, póde alentar. Além da diminuição que nos traria, si existisse, seria factor preparatorio de iniciativas a fragmentarem o mundo em estilhas de systemas politicos e juridicos, sem alcance colectivo, da mais alta inconveniencia para as grandes regras pacificadoras geraes, que, todos, nos esforçamos por ver estabelecidas e respeitadas. Tal poderia considerar-se, entre outras, a tentativa de se crear uma côrte restricta americana”.

“Um seculo ha que nosso continente tem por norte o conceito de Monroe. Nem todos o interpretam por equal:

regra de politica norte-americana, diz Washington: norma activa para o Continente inteiro solidario, dizemos nós. Mas todos assentam no principio; cessaram as conquistas europeas no Mundo Novo."

"Preparados por Bolivar, a consciencia e o grupamento dos interesses e dos preceitos communs a toda a America, vae para quarenta annos estão em progressiva formação. Outro ponto, em que o accôrdo é pacifico e completo".

"Não perturbemos a evolução constructora. Antes a intensifiquemos por todos os modos".

"Tudo isso, entretanto, é um complexo continental. E vivemos em planeta mais vasto, no qual nos não queremos isolar. Trabalhemos, pois, pela generalisação dos institutos juridicos que regem os grandes factos humanos, privados ou collectivos, sociaes ou politicos."

"Nosso anhelo commum deriva dos entendimentos a que já chegámos no Novo Hemispherio; desejamos, no orbe todo, como já conseguimos em grande parte entre nossas Republicas, ver substituido á força, o livre consenso; á decisão das armas, a dos tribunaes. E, d'ahi, nos cerebros que pensam, e não méraente se agitam; nos corações que sentem profundamente, com amor, e não são simples joguetes de paixões momentaneas; o raciocinado e querido apoio altruista á constituição dos Estados-Unidos da Terra. A Sociedade das Nações é um dos lineamentos primeiros do templo".

"Organ prematuro e deficiente, já o denominámos algures. Todos os dias, o tempo corrige e melhora taes senões; até que, pela pratica ininterrupta da noção de solidariedade, possamos entoar o "pean" da victoria sobre o particularismo aggressivo. Quando? Sómente Deus o sabe. Mas o porvir está em marcha."

“Erro, equal ao entorpecer, enterrar ou destruir semelhante róta política, só encontramos um: o fixar-se na mentalidade da Europa a convicção inexacta de que nós, povos da America, queremos collaborar com ella em pé de egualdade, para nos alçarmos a nivel mais alto, que não reconhecemos, aliás.”

“Estudando-nos a fundo, verificarão, mais uma vez, nosso grande idealismo inspirador. Não por interesse proprio procuramos e defendemos a Sociedade das Nações: o ideal, que elle tem de propugnar, nós já vamos realisando aos poucos com o pan-americanismo. Sim, por interesse della, das fontes de que surgimos, das colmeias das quaes enxameamos: o bem que já possuímos, e do qual cada dia mais intensamente gosaremos, anhelamos vel-o estendido ás nossas antigas patrias originarias.”

“E é a esse impulso generoso e fraterno, vindo da profundeza de nossa consciencia de unidade racial, alimentado pelo amor filial por nossos maiores, que já egualamos e, mesmo, em certos pontos ultrapassamos; é por tal conjuncto idealista que, servindo a Sociedade das Nações, nella propugnamos a inteira, absoluta egualdade das soberanias nacionaes, sem distincções de qualquer ordem”:

“ Não é uma senda de vaidade e de predomínios. É um immenso anseio de fraternidade internacional e de solidariedade humana.”

Nesses escriptos, vem implicita a resposta ao inquerito do O JORNAL.

Dos actos, menos acertados, de 1925 e 26, resultou uma situação. Quem a creou, internacionalmente, não foi o presidente A ou o ministro B: foi o Brasil. E nossa sahida foi logica, partindo do illogismo que a provocou. Não tínhamos outra róta a seguir e só a delicadeza innata do sr.

Mello Franco, nosso embaixador em Genebra, impediu estardalhaço maior como aqui no Rio se parecia desejar.

Já agora, que se diria de "démarches" nossas, pedindo nossa volta ou dando o dito por não dito? Que auctoridade moral teria um paiz, que, em cousas tão graves, revelaria avanços e recuos igualmente injustificados? O que nos importa, é o peso de nossa intervenção, a valia de nossa voz, nossa influencia politica, serena e alta, nos concelhos das demais nações. Não moveria tal anseio qualquer iniciativa de nossa parte para reoccuparmos o lugar de que abrimos mão.

Sabimos com uma bandeira. Só com ella devemos voltar. Não nos deixemos hypnotisar por prazos e limites. Antes continuar fóra da Sociedade das Nações, do que reintegrar em seu gremio, diminuidos. Não deveramos ter saído, mas já que o erro foi commettido, não agravá-lo com uma contra marcha sem significação outra do que o preechimento de vagas e de candidaturas pessoais.

De fóra, como estamos, continuemos a collaborar com sympathia profunda na obra collectiva. Mas só assumamos a corresponsabilidade de sua direcção, quando se estabelecer definitivamente o principio republicano que nos foi lábaro durante toda nossa actividade no seio da Liga.

Quedemo-nos, pois, onde estamos. Nosso motto deveria ser o de Asquith nos dias immediatos á declaração de guerra da Allemanha á França: *Wait and see*. Não é attitude de indifferença ou de descaso. Significa concentraçãõ de esforços, accumulõ de recursos, observação. Precõisa abstenção momentanea para evitar saídas falsas e intervenções inopportunas ou um rumo erroneo.

Até o momento final do prazo do artigo primeiro do Pacto, muita agua correrá por baixo das pontes.

OS TRATADOS DE 1827 E DE 1828

Após Ituzaingó, Alvear, ponderado e pratico, havia comprehendido que conviria marchar sobre o Rio Grande para obter uma paz honrosa.

Sabia elle, como sabiam os politicos platinos, não grado os berros do patriotismo arruaceiro de Buenos Ayres, que as forças do Imperio permaneciam intactas, e que não convinha transformar o sentimento publico no Brasil.

Neste, a guerra era geralmente impopular, e feita com reluctancia; mas, si porventura se tornasse ella ponto de honra, ferida insanavel do pundonor nacional, já então mudaria o scenario e todos os recursos do paiz se voltariam contra o adversario do Prata.

Lucta desigual, em que, segundo a formula napoleonica, *la victoire va toujours aux gros bataillons*, isto é, aos povos capazes do maior esforço.

Não seria logico enfrentar tal situação; principalmente quando as Provincias Unidas se debatiam na agonia do bloqueio mantido pela esquadra brasileira, e no rapido approximar da anarchia trazida pelo desespero.

Todos concordavam em que a paz com o Imperio era questão de vida e de morte. Apesar do Passo do Rosario, o governo de D. Bernardino Rivadavia tomou a iniciativa de pedir a paz, receioso embora de que D. Pedro I não quizesse receber o emissario platino D. Manuel José Garcia, admiravelmente escolhido embora, respeitado e querido no Rio de Janeiro, onde por longos annos residira e grangeara largo circulo de anúzades e

de estima. Robert Gordon, ministro inglez no Imperio. o auxiliaria com todas as forças.

Garcia aportou á Guanabara em 7 de Maio de 1827, sendo amistosamente recebido. Cahiú em plena effervescencia bellica; impopular a guerra não obstante, as Camaras prestavam todo o seu concurso para se sustentar a lucta. Difficuldades politicas, administrativas e financeiras existiam, mas deixavam sem mossá a organisação da vida nacional. O contraste era tal entre a situação brasileira e o esphacelo imminente das Provincias Unidas, que Garcia resolveu concluir a paz a todo transe. Que sua visão dos factos não era exaggerada, provam a collaboração de Gordon no Rio, e a approvação discreta de lord Ponsomby, em Buenos Aires, e, entretanto, sabiam ambos que a capitulação completa, a entrega da Cisplatina ao Brasil, contrariava a orientação diplomática ingleza no estuario platino. E essa foi, comtudo, a summa do tratado de paz de 24 de Maio de 1827.

O erro do emissario não foi, como se disse no *tolle* pharisaico contra esse convenio que os politicos de então ergueram ante a nobre repulsa unanime dos argentinos, ter excedido ou contrariado as instrucções que levára. Estas, ligadas ás conversas e previsões não escriptas entre governo e plenipotenciario, exigiam a paz a todo custo; auctorisariam ir até onde foi D. Manuel Garcia.

O erro foi terem os elementos officiaes, Rivadavia tanto quanto seus ministros e o diplomata, descrido ou duvidado das energias immanentes do povo da Republica, julgando-o incapaz ou exaurido de forças a ponto de tolerar a diminuição moral que lhe impunha o tratado de 1827.

Quando os dirigentes perceberam a seriedade da indignação popular contra o acto em que, de facto, todos

elles eram solidarios com Garcia, procuraram um bôde emissario, que foi o plenipotenciario, ameaçado até de morte.

D. Bernardino Rivadavia só achou a renuncia á presidencia para solver seu caso pessoal. Finalmente, o accôrdo foi repellido pelo Congresso, sem exame nem discussão.

Bom foi que assim acontecesse. Ia se formando ambiente menos excessivo. Em Buenos Aires se comprehendia já que a Banda Oriental não podia mais manter-se unida politicamente á margem direita do caudal. No Rio de Janeiro, máo grado a falta de enthusiasmo pela guerra do sul, os poderes publicos acompanhariam a rôta do Imperador, herdeiro da tradiçãõ diplomática de D. João VI. Tradiçãõ inbuída de preconceitos europeus de conquista sobre castelhanos; extranha, contudo, ao verdadeiro interesse do Imperio, para o qual desde então se evidenciava a necessidade política dos dous amortecedores de choque que eram Uruguay e Paraguay. A paz de 1827 fôra recebida com indiscutivel satisfacçãõ por todo o paiz, não tanto pela definitiva acquisiçãõ da Cisplatina, como principalmente porque era a paz, a cessaçãõ do corso e do recrutamento, o restabelecimento do trabalho e da producçãõ em condições de calma e de progresso.

Com esforço, haviam as energias officiaes, acompanhadas de longe, de bem longe, pela cooperaçãõ nacional, conseguido intensificar os sacrificios, a contragosto consentidos pela opiniãõ. A paz havia agido como, numa tropa cansada, age um inesperado repouso: a mola, subitamente distendida, não voltaria á sua primitiva tensãõ.

Mais difficilmente se obteriam agora os recursos e os homens para se reencetarem os combates na campanha fronteiriça da Cisplatina.

Naturalmente os espiritos se mostrariam mais propensos a exigencias menos duras.

O proprio Imperador já se manifestára favoravel a fazer da antiga provincia um Estado Independente, escrevia o ministro inglez, no Rio, Gordon, a seu chefe Canning, em Fevereiro de 1828, e disso deu conhecimento a seu collega nas Provincias Unidas.

O mesmo sentimento animava aos novos dirigentes platinos chefiados por D. Manuel Dorrego.

Coincidia com tudo isto a transferencia para o Brasil de lord Ponsonby, ministro em Buenos Aires. Assim ia continuar como elemento mediador no Rio, prolongando as gestões nesse mesmo rumo de Roberto Gordon, o diplomata britannico que melhor conhecia, e com mais imparcialidade, a situação verdadeira dos animos nos dous paizes. Ao despedir-se de Dorrego e de Garcia, na cidade porteña, affirmou que, na base da Independencia Uruguaya assumiria o compromisso de tornar uma realidade a concordia entre as duas nações.

Consequencia disto foi a nova missão dos generaes D. Juan Ramon Balcarce e D. Tomás Guido, perante o governo brasileiro, ambos ministros na presidencia de Dorrego.

A 9 de Agosto de 1828 foram recebidos pelo Imperador. A 27 de Agosto estava assignada a nova convenção. Nenhuma prova mais eloquente da consonancia dos pareceres e dos interesses, do que a rapidez da negociação.

Canning, em sua intuição genial de estadista, a tinha divisado e servido como a melhor para a America do Sul. Era a solução britannica. Mas era tambem a

solução do Uruguay, da Argentina e do Brasil. Mais de um século de paz, a consciente acceitação dos factos o attesta de modo indiscutível.

(Agosto de 1928).

OLIVEIRA LIMA, DIPLOMATA

A estreita sociedade, muito particularisada, constituída pelo mundo diplomatico, é um microcosmo onde ha de tudo, desde os bachareis em roupa de que mófa a maledicencia popular, até os que cooperant no fazer-se a Historia. Não é excepcional alli se encontrarem estudiosos narradores dos modos e dos agentes pelos quaes ella se faz.

Podem ser mesmo formulado o pezar de que tão pouco escrevam *Memorias*, tantos homens de valor, espectadores ou collaboradores de acontecimentos da maior importancia, e sobre os quaes escasseiam, no publico ledor, informações precisas e auctorizadas.

Quanto lucrariam nossas investigações, si possuíssemos, fóra das secretarias de Estado, depoimentos fundamentados de diplomatas como Penedo, Itajubá, Souza Correa, de ministros como os dous Rio Brancos, Uruguay, Pimenta Bueno, Cotegipe ou Carlos de Carvalho. Viram e souberam tanta cousa, nossa e alheia...

Felizmente de Oliveira Lima temos ininterruptas revelações durante quasi toda a sua carreira.

Sempre possuira mentalidade aguçada, curiosa, servida por solido preparo intellectual. Seu horizonte alongava-se principalmente para os phenomenos sociaes, de economia, e de relações entre os povos que aspirava approximar. Nunca seria um politico de lances theatraes, sim, o constructor honesto, sincero, incançavel, de um alicerce de comprehensão reciproca, sobre o qual se pudessem basear as affinidades nacionaes.

Por isso mesmo, em sua abundante collaboração jornalística, sempre teve : por assumpto, o Brasil e a America inteira : por méta, fortalecer e desenvolver sua solidariedade natural, traçada por todos os factores anthropogeographicos, em suas opposições e em suas harmonias.

Escrevendo *au jour le jour*, nunca se desviou desse polo attractivo : a integralidade das Americas, identicas e diversas, evoluindo conjunctamente para um ideal commun de entendimento e de cultura, não grado os tropeços da estrada. Factor fundamental de sua actividade, era promover melhor conhecimento mutuo, explicando a cada qual o que de melhor existia permanentemente no outro.

Não tomaria por modelo um de Blowitz, genial correspondente do *Times*, intimo de todos os dominadores da hora, capaz de publicar em Londres, no mesmo dia em que era assignado o tratado de 13 de Julho de 1878, oriundo do ultra-secreto congresso de Berlim, após a guerra turco-russa e a paz de San Stefano.

Nem o de André Tardieu, conhecedor profundo do ambiente internacional europeu, a crear opinião e deliberar, por vezes mesmo dirigir nas columnas do *Temps*, as directrizes francezas durante a phase pseudo-pacifica que precedeu a grande guerra, ministro sem pasta, na imprensa e perante o publico, das relações exteriores de seu paiz.

A acção de Oliveira Lima era outra. Os interesses que mirava não eram de molde, como na Europa, a separar as nações americanas ou a promover dissídios, contiuintaes. Muito ao contrario, considerava as pequenas controversias occasionaes, os ligeiros choques momentaneos, as divergencias transitorias, como puros anachronismos, residuos de conflictos de outras éras, quan-

do ainda não amanhecera a America, e os unicos trechos significativos na historia iberica se referiam ás rivalidades europeas entre Lisboa e Madrid.

Nos seculos de formação historica das duas nacionalidades, riquezas e territorios haviam sido grande e importante causa de luctas intensas e rudes. Ostentavam-se, agora, no Mundo Novo, elementos secundarios. Pleitos politicos, guerras e sangueiras sobre ambições territoriaes, como Jurumenha ou Olivença ou fronteiras das Gallizas, base do avito odio entre os dous povos peninsulares (tão unos, entretanto, na origem, e talvez tambem nos destinos) perdiam sua valia e seriam incompreendidos no continente colombiano.

As áreas da contenda na Europa, tornavam-se imperceptiveis na escala da vastidão americana: além do que, depois da independencia affectavam interesses que não mais seriam os das novas soberanias separadas das antigas metropoles.

O dever do momento, e de todos os momentos, era, pois, outro: depurar o ambiente internacional dos fermentos de antipathia, de malquerenças e de luctas, sobrevivencia de um passado definitivamente morto, e substituir taes factores de discordia pelo generoso predominio de sentimentos oriundos de mais intimo convivio, de melhor penetração reciproca das almas nacionaes, a fazerem mais equitativo juizo de cada qual, a proclamarem o facto, evidente para os estudiosos, que Saenz Peña formulou lapidariamente — tudo nos une, nada nos separa — entre todas as nações da America.

A esse ideal consagrou toda a sua vida, deu toda a sua actividade. Deu-a, é certo, a seu modo, dentro da mais accentuada e bravia autonomia mental.

Na America a tarefa a cumprir não tinha a complexidade, não era o entrechocar de interesses e o com-

bate formidável de tradições e de paixões, que a política internacional do Velho Mundo nos evidencia. Tal o motivo do diapasão mais moderado, mais em surdina, menos revelador de *panache*, dos artigos de Oliveira Lima na imprensa do Brasil.

Era o annotador avisado dos factos e das tendências que serviam sua propaganda de paz continental. Na economia pública, nos acontecimentos que podiam congregar povos distinctos, nos elementos aproveitáveis ao conjuncto deles, hauria a principal fonte de seus estudos.

Claro!... Personalidade muito accentuada, as opiniões emitidas eram dele; os conceitos, muitas vezes, contendiam com as idéas geralmente admittidas. Fosse como fosse, traduziam convicção sincera, sem refolhos, talvez demasiado franca, de seus pontos de vista exclusivos.

Por honra sua, de sua inteireza intellectual, sua obra de pensador nunca se dobraria ante conveniencias quaesquer. Seria discutível e discutido. Sofreria contradicções, fundadas ou não. Chocaria preconceitos, ou desarrumaria systemas aprioristicos. Criaria difficuldades. Tudo isso, entretanto, teria de se subordinar ao alvo mental e moral mais alto: dizer seu sentimento, o resultado de sua observação ou de seus estudos.

Por maior o desaccôrdo, uma coisa ficaria sempre de pé: o respeito pela sinceridade do juizo formulado. E é o maximo que se pôde exigir, dentro no ambito da capacidade espirital de cada um.

De seus livros, deriva a impressão de grande poder cerebral, fortemente influenciavel por paixões contradictorias, como sôe acontecer em todos os caracteres affectivos.

Natural, em taes condições, surgissem conflictos de rumos.

O dever precípua do pensador — a sinceridade — não raro contendia com as conveniências occasionaes. Honra a Oliveira Lima nunca haver fugido de enunciar seu pensamento verdadeiro, sem medir consequencias. Esse, o ambiente normal dos convencidos e dos apóstolos. E essa foi sempre, em sua actividade jornalística, a nota saliente. Valeu-lhe desgostos, que o não surprenderiam, pois devia saber ser este o fado inseparavel dos confessores sem disfarce do que lhes parece ser a Verdade. Nem pensaria em mascarar seus juizos, só porque lhe causassem incommodos.

Em tempos de applauso sem critica e de subordinação por servilismo ou vantagens, os espiritos livres devem aprender a soffrer em sua rota independente. A carreira do funcionario paga pela altivez do homem. Raras as mentalidades que comprehendem e respeitam as divergencias, e fiam na lealdade alheia.

Por outro lado, e para ser justo, sublinhe-se o conflicto immanente dos conceitos basilares.

O pensador, original, sem peias, estreitamente ligado aos phenomenos e sua exegese, agindo em atmosphera de pura liberdade, ethica e intellectual.

O diplomata, organo de execução de um pensamento politico superior collectivamente elaborado segundo tradições respeitaveis, vindas do fundo de nossa historia; forçado a obedecer a uma serie de antecedentes que condicionam o evoluir da acção nacional, como, na equação de uma curva, os parametros lhe determinam o traço.

Lucta permanente e intrinseca entre continente e conteúdo. Ave a esbarrar de encontro ás grades que a encerram. Tal, frequentes vezes, a situação de combate inevitavel entre a tendencia da livre meditação, e as exigencias egualmente dignas dos deveres pautados por forças politicas e sociaes de natureza outra.

E' auréola para os convencidos, não hesitar na escolha e servir a seu ideal. Também lhes nimbam a frente os sacrificios que dahi decorrem, e são o doloroso resgate inexoravel da independencia mental. Que espirito superior recuará ante os dictames do imperativo moral?

E' pecha que se não poderia lançar contra Oliveira Lima. Escolheu, e sobre sua selecção organisou sua vida, conhecendo-lhe os corollarios.

Appareceram os desencontros previsiveis, ampliados e envenenados pelo ambiente de bastidores de palco que reina em todos os ministerios de relações exteriores. Na desigualdade de valia entre os actores, procuram os mais praticos e mais intrigantes superar aos mais sabedores e de maiores prestimos. Na competição entre tenores e *prime-donne*, a arma predilecta não é a pureza do canto, sim outra, pertencente a diversa escala de valores.

Assim tambem nas secretarias de Estado, como em todos os meios politicos. Preciso é que surjam os casos serios, de interesse vital para o paiz, para que se appelle para as grandes e reaes culminancias nacionaes, invocadas então até por aquelles mesmos detractores que as queriam relegar, como no *theatro*, entre os accessorios inserviveis.

Assim aconteceu no Itamaraty. Fundamente dissimilhanes, embora, Rio Branco e Oliveira Lima estavam naturalmente fadados a serem collaboradores, taes as afinidades dos sentimentos motores de sua acção respectiva. Curioso seria saber a origem do trabalho de sapa esforçada, si bem que inutilmente feita junto a ambos. Sem exito, a intriga: eram intelligentes de mais para negarem o valor alheio.

Naturaes, as divergencias de methodos, de intenções, de processos: mas estreita consonancia de pareceres so-

bre a essência dos problemas. Forças paralelas, nunca oppostas. Quando muito, poderia lamentar-se não ter sido ainda mais íntima e constante a cooperação; mas de facto, a obra realisada revela o trabalho da resultante commum de duas intelligencias, patrioticas e altas.

Já Rio Branco havia desaparecido, quando Oliveira Lima attingiu o periodo, em que um diplomata pôde dar a plena medida de seu esforço.

Cabia-lhe, por todos os titulos, a legação de Londres. Certamente, para lá iria si ainda existisse o Grande Ministro, que tanto empenho ligava em apurar e favorecer os melhores valores de seu escó! de auxiliares. O decreto de nomeação chegou a ser lavrado.

Escusas manobras de candidaturas a cargos presidenciaes impediram que o acto se tornasse effectivo, contou em *O meu caso* o proprio diplomata interessado. Oliveira Lima só tinha uma resposta digna de si e do serviço: retirar-se da carreira.

Com isso soffreu o Brasil. De nenhum alcance o gesto. entretanto, para mentalidades primarias voltadas sómente para vantagens proprias e immediatas. Muito mais do que o mal feito aos interesses publicos, lhes causaria dissabor o mallogro das pretensões politicas a que haviam sacrificado um homem competente e digno.

Pertencia o ministro aposentado a uma categoria de servidores da nação, da qual a vida é dominada pela noção do dever, do amor patrio, do sacrificio ao torrão natal, atravez todas as agruras, *quand même*.

Havia-se esforçado lisamente, sem lances extraordinarios; não que para esses não estivesse talhado, mas simplesmente porque, como é tão frequente na vida, os acontecimentos não os tinham proporcionado. Graças a isto, pudéra, em outro terreno, trabalhar mais proficuamente para o Brasil.

Não figurava entre os que pensam consistir a diplomacia na futilidade da exhibição mundana. A esta supportava como um dos onus do cargo, mas sabia que, como as modas, os figurinos passam e soemem no nada em que se abysmam *les vieilles lunes*. Preferia agir, e sobreviver em suas obras.

O Brasil, tão desconhecido dos proprios brasileiros, ainda o é mais fóra de nossa terra. Duplice missão a cumprir, portanto: ensinar aos patricios a patria ignorada; dizer ao mundo que estuda, o que somos, e nosso ideal historico de fraternidade e de progresso continental.

Dahi a serie de suas investigações, historicas, economicas, sociaes. Essa, a summula de seus esforços intellectuaes. Em livro posthumo, *O Imperio Brasileiro*, vem a lista do que produziu. Do primeiro ao ultimo, os titulos cantam, em todos os tons, o Brasil que amou e serviu.

Delle se póde dizer tambem *ubique patriae memor*.

Sua critica, como seu affecto, sendo esclarecida e fundada, fazia restricções, tal o gageiro que da gávea anuncia perigos, ou o mestre aponta erros do passado, que o porvir tem o dever de corrigir e de evitar. E, por isso, como a tantos outros espiritos de mór quilate, o accusavam de despreço e de mentalidade deprimente. Esqueciam os censores que já ultrapassamos a phase da adulação cega dos fastos historicos. Amamos, sim, com tanto mais consciencia e energia, porque sabemos, e, máo grado fallas, reconhecemos a dignidade intrinseca e a belleza integral do escopo, realisado por nossos maiores.

Dos admiraveis *Capitulos de Historia Colonial*, do grande Capistrano, se disse serem obra inpatriotica, só porque fugia ao anseiolouvaminheiro dos prostrados adoradores de idolos, fructo que foi da mais aguda e brasileira das intelligencias, apaixonada pelo passado inteiro

da terra, alta também de mais, para, enaltecendo os deslumbramentos da luz, olvidar as sombras, vencidas ou por vencer.

A Martin Francisco, paulista e brasileiro na alma, se flagellava de impatriotismo, só porque um dia preconisára a separação. Não viam que era o lamento o grito dorido do grande coração extremo e bom, ardentemente patriota, que via espinhado e diminuído o Brasil que sonhava, ideal supremo pelo qual soffria e trabalhava.

Em boa companhia, portanto, está Oliveira Lima. E propositadamente citamos esses dous exemplos, de amigos que muito lhe quizeram, e pertencem á mesma familia espiritual.

De tal desamor benedito, precisamos, os brasileiros, para progredir e amar e melhor servir o berço natal.

E a essa diplomacia superior da intelligencia e da fraternidade universal, dedicou Oliveira Lima toda a sua nobre existencia.

(Julho de 1928.)

QUESTÃO ROMANA

Quem age na eternidade, pôde ser paciente.

E' a força insuperavel da Egreja, *quia aeterna*. Que são, para ella, os 59 annos de duração do erro de 1870 ? Sae da provação, maior, depurada, mais espiritual, a affirmar que seu reino não é deste mundo. Em toda a Historia, sua soberania material mais lhe perturbou e difficultou a existencia, do que a fortaleceu no desempenho de sua regencia das almas.

Porque se não despojou dessa tunica constrictora? Porque os tempos o não comportavam. Só o progresso espiritualista hodierno permite, na escala mundial, exercer o ministerio apostolico soberano sem a contingencia de uma vasta substructura material. Necessaria, esta, entretanto, como niêro symbolo, para que, nas relações internacionaes, o primado sobre as almas se não ache em nivel inferior aos governos temporaes ; sendo que, de facto, lhes é superior, na mesma proporção em que o espirito domina a materia.

A grande reconciliação está na propria essencia da Egreja, maternal e divina. E' o nobre reconhecimento do erro da campanha da unidade italiana, no tentar enfraquecer, quiçá destruir a fulgente aureola moral do Solio de Pedro. Mais uma eloquente affirmação do predomínio eterno das forças moraes, que emanam do Alto. Sublimha mais uma vez, que o reger das consciencias se acha intimamente entrelaçado nas preoccupações constantes dos homens de Estado.

Vem solver interminas e infinitas difficuldades nacionaes.

Em nosso proprio paiz, quem poderá olvidar o sempre renascente debate sobre a embaixada junto ao Papa? Olhando só para o preceito constitucional que veda a ligação com qualquer culto, e por hostilidade ao sentimento commum da quasi unanimidade dos brasileiros, todos os annos se discutia a legalidade de nossa representação no Vaticano e a base menos especiosa do combate era negar ao Vigario de Christo os requisitos internacionaes da soberania. Cessa, agora, a razão de ser do libello accusatorio. Vem justificado o proceder uniforme do Parlamento, a consignar os creditos para a embaixada do Brasil, accôrde com o sentir praticamente unanime de nossa terra, e com as necessidades de nossa politica exterior. Não mais pôde discutir-se tal orientação.

Nos paizes europeus ou americanos, onde o catholicismo não impera, mas onde se sente e proclama o immenso poderio das massas religiosas orientadas para Roma, aos governos acatholicos era difficil cuidar convenientemente dos interesses dessas minorias de crentes, que, em cousas de consciencia, só podiam guiar-se pelas instruções pontificias. Como fazel-o em verdade e sem hypocrisia, si ao Papa se não conhecia como soberano, e perante elle se não acreditavam diplomatas? E assim viam-se forçados a mentir, a faltar á sinceridade: não tinham representantes officiaes, mas agentes particulares, mais ou menos ostensivos: discutiam e tomavam compromissos auctorisados. D'ora avante, tudo se fará em plena luz meridiana, de soberano a soberano.

Nas nações catholicas, Italia e França, por exemplo, quanta vez a tranquillidade religiosa se não viu ameaçada, ou mesmo turbada, como consequencia de conselhos partidarios ou de intolerancia sectaria.

Agora, serenou o ambiente. E' na *comitas gentium* que o accordo se firma, assim eliminada a paixão dos adversarios da Igreja como causa extrinseca de luctas, de guerra e de perseguições.

À uma atmosphera de procella, vem substituída a suave bonança do respeito a quem, internacionalmente tambem, representa a Verdade do Catholicismo. Grande projecção de Luz, de Paz e de Piedade, na arena esbrazeada de nossos conflictos humanos.

Grande obra de apaziguamento dos espiritos assim foi realizada, a immortalisar seus auctores, egualmente nobres e previdentes.

Licção fecunda, no governo do Mundo, a noção se enraiza da equivalencia dos *imponderaveis* ás forças materiaes. E é licito prever o advento de um dia, no qual se proclamará que, acima dos mesmos elementos pragmaticos, domina, serena e pura, inerte e inexcedivel, a suprema auctoridade moral de Quem fala em nome de Deus.

(Abril de 1929).

GOVERNO DA EGREJA

De Aristoteles a Augusto Comte, passando por Montesquieu, numerosos pensadores versaram o problema do governo dos homens, da solução mais favoravel para lhes reger a vida collectiva, respeitadas e animadas suas características e iniciativas peculiares em beneficio dos alvos communs.

Curioso é descrever quanto a modelar organização do catholicismo serviu de norma ao sociologo positivista, no plano que suggeriu para o advento de uma dictadura scientifica. Semilhança tanta, que lhe valeu censuras por parte de innumerous agnosticos, para os quaes a grande construção philosophica padecia do vicio redhibitorio de ser "un catholicisme démarqué".

De facto, os pontos de contacto são frequentes.

Auctoridade permanente : dictadura, em um caso ; monarchia absoluta, na outra. Predominio indiscutido da mentalidade technico-social : a direcção dos mais preparados, scientifica e moralmente, na solução comtista, os mesmos órgãos inspiradores, na Igreja Universal, pela intervenção essencial, constante, e sujeita apenas á livre e superior decisão pontificia, das grandes congregações normaes, ou, em casos excepcionalmente graves, das agremiações extraordinarias consultivas chamadas a emitirem seu parecer.

O regime das commissões technicas, preparatorias das soluções. A deliberação, em mãos de um executivo independente e inamovível.

A differença específica reside nas forças motoras primeiras. Deus e o próximo, para os catholicos. A humanidade e o próximo, para os positivistas. A submissão e a humildade, no primeiro caso; a deificação do homem e o orgulho, no segundo.

E dahi, consequencia logica, nos apparatus governativos surgem pontos de vista antagonicos. A successão é monarchica, em ambas as hypotheses. Regula-se por livre escolha do substituendo no regime positivista; por livre escolha dos mais altos orgãos consultivos e technicos da hierarchia ecclesiastica, sob a invocada inspiração de Deus, no mundo dos fiéis.

Monarchia electiva, em ambos os systemas: designação do occupante do cargo, em um delles; no outro, por selecção entre membros do collegio cardinalicio, especialistas comprovados, portanto.

Sem entrar em parallelos minudentes, nem comparações incabiveis aqui, não ha como dissimular a espiritualidade suprema, a par das precauções de prudente conselho, do plano da Igreja.

Erros houve, e ainda pôde haver: conceitos e realisações podem ser criticadas no decorrer do tempo; individualidades nem sempre se podem louvar. "Quid inde?"

A lei é divina, mas seus executores são meros homens, com todas as contingencias das fraquezas terrenas. Mesmo assim, estabeleça-se o confronto no tempo e no espaço: a soberania papalina pôde, com serenidade, esperar o julgamento da historia.

Si limitarmos ao seculo XIX e aos dias que correm o relancear dos governos pontificios, ao observador se imporá uma homenagem de respeito, gratidão e admiração aos successivos occupantes da Cathedra de Pedro.

A critica já reduziu a proporções normaes as conhecidas anticipações de S. Malachias negando-lhes espirito

prophético. Interessa, entretanto, aproximar as prenoções do bispo de Armagh e as características de alguns dos Papas que exerceram o primado romano nestes últimos duzentos annos.

Pio VI, o grande perseguido e fugitivo dos tempos da Revolução, bem merece o "peregrinus apostolicus" da chamada prophécia.

Pio VII, o prisioneiro da Savona e de Fontainebleau, victima de Napoleão, "aquila rapax" ao qual bem julgá-ra em um de seus aspectos — "comediante... trage-diante..."

O grande Pio IX, "crux de cruce" despojado do poder temporal pela cruz de Saboya.

O genial Leão XIII, "lumen in coclo" apostolo cada vez mais triumphante de uma fraternidade social mais perfeita, fundada no Evangelho.

O santo Pio X, "ignis ardens" papa do amor ardente a Deus e aos homiens, morto de amargura pelo desencadear da tormenta de 1914-18.

O doloroso Bento XV, ferido em seu coração de pae das christandades pela "religio depopulata" da Grande Guerra, durante a qual seus serviços de dilecção ao proximo foram taes, que até os Turcos lhe prestaram a homenagem excepcional de um monumento em Constantinopla.

E chegamos a Pio XI, scientista e homem de gabinete a par de diplomata, e crente fervoroso cuja "fides intrepida" conquistou para a Santa Sé a gloria inmarcescível de pôr termo á questão romana, pela exaltação moral da Igreja, em seu imperio das almas. O grande Papa das missões, legitimo continuador de Bento XV, obreiro da Fé, solícito e indefesso defensor e propugnador da união das Igrejas, o auctor da "Ubi arcano Dei", a prégar a paz de Christo no reino do Senhor.

Em meio a tantas preocupações, uma das dominantes nos últimos pontificados, nos dois últimos ainda mais accentuada talvez, é a reconquista para a Cruz do bilhão de infieis existentes no mundo. A' tarefa missionaria deu Pio XI seu esforço maximo.

O desenvolvimento dos cleros nacionaes tomou surto notavel. A Exposição das Missões, em 1925, nos jardins do Vaticano, revelou a immensidade do labor já realisado e sua continua expansão. Organizando a hierarchia catholica na China, impulsionou-a pela recente sa-gração de seis bispos chinezes, e assim preparou phase nova de irradiação.

Em toda essa admiravel floração de amor a Deus e ao proximo, Bento e Pio são inseparaveis. Delles se origina a majestosa e ampla ascensão da obra "de propaganda fide".

A' trisecular Congregação desse nome, centralisando a fama evangelisadora, se vem juntar novos órgãos. Não citemos todas as grandes Ordens, empenhadas nas missões, nem os gremios especializados para o mesmo fim. Lembremos, apenas, as sociedades auxiliares como a "Société de la Propagation de la Foi", que, em 1922, um seculo após ser fundada na França, mereceu ver sua séde transferida á Cidade Eterna, e ter dous de seus filhos permanentemente incorporados no Conselho central da Congregação. Nomeemos ainda a "União Missionaria do Clero", filha de Bento XV; a formação do clero indigena, tão recommendada por esse nobre pontifice e por seu successor, ainda reinante, estimulada pela "Obra de S. Pedro Apostolo" á qual Pio XI dedica seus melhores carinhos.

O renascimento religioso, a mentalidade catholica por toda parte, em todas as latitudes e em todos os ter-

renos, reage contra as investidas originarias dos seculos XVII e XVIII, da Encyclopedia e dos philosophos da negação.

Intensificaram-se os estudos. Sacudiram-se as inercias dos longos periodos de amodorrado triumpho, em que a Igreja descansava de passadas victorias, olvidada de que a regra da vida é luctar e sempre se esforçar na conquista de novos alvos religiosos, para merecer o nobre titulo de ecumenica.

Perseguições, revoltas, soffrimentos, uteis todos elles e conforme a Ordem Divina, para que, dentro no circulo do livre arbitrio, se depurasse e alcançasse a actividade humana da Filha Espiritual de Christo.

A' heresia dispersiva e destruidora de Luthero e de outros advogados do livre exame em materia revelada, o Concilio Tridentino, tão alto, sereno e immutavel no proclamar a Eternidade do Dogma, déra a resposta condigna.

Ao assalto de todos os negativistas, o broto renovado dos estudos exegeticos oppoz as affirmações da Verdade, sempre dentro na Palavra Eterna da Revelação.

E, sem discrepância, sem fraquezas nem rancores, com uma unidade sem faltas, "Roma locuta est" em verbos de amor ao proximo, de perdão e de suprema indulgencia e meiguice obediente ao Inegualavel Modelo, a se resolver em bençãos sobre todas as creaturas, fieis ou dissidentes, nos gremios da Fé ou involuntariamente nas trévas do erro: "in finem dilexit eos".

Junho de 1930

DIPLOMATAS MINEIROS

Nunca revelaram os homens publicos de Minas pensar notavel pelos problemas da vida internacional do paiz.

Salvo raras excepções, em um que outro occupante de postos diplomaticos, não excederam, em geral, o nivel de honesta mediocridade, mais burocratica do que evidenciadora de visão politica.

Talvez influxo da posição central da antiga provincia. O isolamento relativo punha seus filhos fóra do contacto com outras civilisações, com povos e interesses diferentes. E as excepções, ou antes a excepção unica digna de nota, o grande Felisberto Caldeira Brant Pontes, marquez de Barbacena, comprova a regra, pois foi no convivio europeu que se formou seu poderoso espirito; em Londres, principalmente, e após carreira militar em Portugal e Africa, e fructuoso tirocínio commercial. Ali aprendeu a conhecer os homens, a indagar e medir os moveis intimos dos conflictos entre nações, a avaliar os rumos fixos e as tradições historicas de cada qual.

A esse factor geographico é plausivel attribuir-se o ambito interno, local e nacional, das cogitações dominantes entre os mais eminentes filhos da antiga capitania do ouro, mentalidade prolongada no Imperio e, modernamente, na Republica.

Não se encontrava ali o escól dos parlamentares e de homens de governo, voltados para as relações exteriores do Brasil,

Os nomes tutelares de nossa historia diplomatica são de gente de beiramar: fluminenses, como o visconde do Uruguay; paulistas, como o marquez de São Vicente; bahianos, como o marquez de Abrantes, o visconde do Rio Branco, o conselheiro José Antonio Saraiva e o barão de Cotegipe. Do mesmo modo, na Republica: fluminense, Carlos Augusto de Carvalho; carioca de origem bahiana, o barão do Rio Branco; pernambucano, Joaquim Nabuco. Enumeremos.

MINISTROS DE ESTADO

Nos gabinetes do Imperio, citemos, *pro memoria*, João Severiano Maciel da Costa, marquez de Queluz, nascido em Mariana, ministro de estrangeiros durante dez mezes em 1827; o marquez de Paraná, Honorio Hermeto Carneiro Leão, durante cinco mezes detentor interino da pasta, em 1843; e João da Matta Machado, de junho a dezembro, de 1884.

Proclamada a Republica, tambem foi fugaz a passagem de mineiros pelo departamento do Exterior, com Fernando Lobo de novembro de 1891 a fevereiro de 1892. Excepção unica foi Olyntho de Magalhães, que ali permaneceu durante todo o quadriennio Campos Sales, de 1898 a 1902.

Dos ministros do Imperio, o unico que deixou traços de sua gestão foi Honorio Hermeto, mas este mesmo possui melhores titulos do que as Relações Exteriores para justificar seu merecido renome de estadista de primeira plana.

Olyntho de Magalhães, após largo estagio como ministro na Europa, teve de trabalhar no Itamaraty em periodo difficil de nossas relações internacionaes. No

decurso de sua administração agitaram-se problemas melindrosos: a escolha do arbitro na questão de limites entre o Brasil e a Guyana inglesa; a phase inicial da contenda com a Bolívia na região acreana. Póde-se dissentir dos alvites adoptados, e dos rumos seguidos, mas justo é confessar, sem favor, quanto se esforçou por obedecer á tradição da Secretaria de Estado e á letra dos documentos comprobatorios das theses brasileiras, bem como á dignidade da attitude de nossa chancellaria em todos os debates.

AS MISSÕES

Si relancearmos agora o campo das missões diplomaticas, quer ordinarias quer extraordinarias, uma observação preliminar se impõe.

Efeito das condições individuaes de cada funcionario, ou consequencia da natureza propria das missões, podem-se classificar em duas categorias os nossos agentes no exterior.

A mais elevada, e tambem a mais rara, rarissima mesmo, é a dos diplomatas homens de Estado. São os que conhecem as questões, as tradições, os pontos de vista antagonicos. Prevêem, calculam, assumem responsabilidades.

Mais numerosas occasiões se deparavam para seu apparecimento em épocas passadas, quando a escassez e a tardança dos meios de communicação forçavam o plenipotenciario a chamar sobre si o onus, a auctoria, a gloria, ou a culpa das soluções. Era o tempo em que as instrucções, por mais strictas e severas, tinham de soffrer o contrastear continuo dos acontecimentos e de ser obedecidas ou violadas, expondo o mandatario a todos os riscos da censura governamental, ou aos problemati-

cos louvores de quem se via desobedecido para melhor servido ser.

Hoje, o perigo minguou, si não desapareceu: telegrapho, telephone, aviação, substituiram os antigos correios especiaes e as morosas correspondencias. O diplomata já se não sente isolado, perdido, abandonado em meio adverso perante o qual tenha de tomar sobre si o peso das soluções impostas pelos factos e acceitas por sua visão pessoal do interesse politico de seu paiz, ora de accôrdo, ora em opposição com a lettra de suas ordens. Hoje, enviado de seu governo, em permanente e intima ligação, agem synergicamente; eliminou-se a ameaça do *désaveu* e da fulminante ruina do emissario que ousasse ter iniciativas proprias. O valor do chefe da missão revela-se, então, nos conselhos dados a seus superiores; na previsão da róta dos acontecimentos, na argucia da penetração de todos os factos das negociações.

O MARQUEZ DE BARBACENA

Taes vultos, em todos os paizes, são excepcionaes e grangeiam fama e notoriedade universal. Desses, Minas aponta mercedamente um nome, talvez a maior figura do primeiro reinado, em todos os sentidos, o marquez de Barbacena. Nelle pouco se fala, e, entretanto, seu merito devêra, em todas as escolas do Brasil, ser apontado como modelar, o de um dos maiores servidores do paiz.

A Felisberto Caldeira Brant Pontes se deve o inicio da campanha pelo reconhecimento da Independencia e do Imperio, e nem siquer occupava então cargo official. Não lhe impediu essa total carencia de auxilio governamental de agir por si no Foreign Office, baseado exclusivamente em suas relações pessoacs com George Canning.

Em seguida, munido dos poderes mais amplos, entabou a negociação com Portugal, sob a mediação anglo-austriaca. Por tal fórma se houve que deu origem á missão de sir Charles Stuart ao Rio de Janeiro.

Em pleno dominio da Santa-Alliança, quando esta formava uma só frente contra a emancipação das colonias hispano-americanas, conseguira fazer do Brasil um caso especial, a bem dizer protegido pela Austria e, através desta, pelos demais governos obedientes aos acenos de Metternich, exceptuadas apenas a Russia e a Hespanha, interessada em suas possessões americanas.

Quando, nos debates do Rio, Stuart e os plenipotenciarios brasileiros se viam paralyzados, Felisberto, vindo propositalmente de Londres para auxiliar o exito da negociação, intervinha, suggeria modificações, aplainava difficuldades, approximava pareceres divergentes e extremados. Sem elle, o tratado de 29 de agosto de 1825 teria tardado muito mais, e seria diverso do que foi. Prevendo isso, Canning havia pedido ao diplomata americano voltasse ao Rio, pois nelle depositava plena confiança. Stuart, prevenido a principio, acabou rendendo-lhe inteira e absoluta justiça.

Taes feitos foram, entretanto, por elle proprio excedidos em 1828, quando de sua ida á Europa, para levar a pequena rainha de Portugal, d. Maria da Gloria, á côrte do avô Francisco I d'Austria, com o fito de ser educada em Vienna até a época de seu casamento com d. Miguel e sua subida ao throno. Suas instrucções, muito strictas, baseavam-se na convicção do governo do Rio de que d. Miguel cumpriria a palavra empenhada, de que Metternich e os Habsburgos collaborariam nesse sentido e de que o gabinete inglez, como antigo alliado do reino lusitano, sustentaria a abdicção da corôa portugueza na pessoa da primogenita de d. Pedro I,

Ao aportar em Gibraltar, a 2 de setembro, recebeu Brant as aterradoras notícias que lhe derruíam todos os elementos da missão. D. Miguel, trahindo seu irmão e sua sobrinha e noiva, usurpára o throno em Lisboa. A Austria o sustentava occultamente. Ferrando VII de Hespanha auxiliava por todos os modos aos absolutistas de Portugal, a d. Miguel e d. Carlota Joaquina.

Para maior tornar o desastre, Canning, o grande espirito liberal com quem Felisberto teria podido contar no apoio aos direitos da rainha-menina, Canning tinha morrido e sua orientação fóra substituida pelo ideal *high tory* do duque de Wellington e de lord Aberdeen para os quaes o oraculo era Metternich.

Nessas condições, levar d. Maria da Gloria á côrte de seu avô, era destruir o unico elemento de resistencia á usurpação; valia por entregar em refem ao alliado escuso do usurpador a soberana legitima do reino. Voltar ao Brasil era offender, sem razão ostensiva, ao imperador austriaco. Zarpar para a Madeira, que não havia reconhecido como legal a ascensão de d. Miguel, seria empresa arriscadissima e aleatoria e sujeita aos embates das tropas miguelistas, que, de facto, conquistaram a ilha a 22 de setembro.

E una solução urgia, pois ainda havia o grave perigo do aviso hespanhol a Lisboa, e da captura pelos cruzeiros portuguezes da creança coroada e desthronada.

Ahi deu Felisberto Caldeira Brant a plena medida de seu valor como estadista.

Os acontecimentos haviam annullado suas instrucções. Da decisão que tómasse pendiam: a successão da corôa de Bragança, legitima em um caso, usurpada no outro; o reconhecimento dos direitos de d. Maria da Gloria; o triumpho absolutista ou o governo liberal na terra das quinas.

Instantanea foi sua deliberação. Não voltaria ao Brasil, nem rumaria para a Madeira, como aconselhavam Antonio Telles, visconde de Rezende, e Gameiro Pessoa, barão de Itabayana. Iria para Londres, a fazer valer os direitos da victima da ambição de d. Miguel. E partiu de Gibraltar no mesmo dia em que ali chegára.

O gesto do brasileiro salvou o governo legitimo de Portugal, manteve a Carta e resguardou a pessoa de d. Maria II. Quebrou a arnia que Metternich queria brandir para forçar a reinstalação absolutista á beira do Tejo.

Em Londres, a opinião britannica era contrária a d. Miguel, protegia a pequena rainha trahida, que o primeiro *gentleman* da Europa, o rei George IV, acolheu com as honras devidas aos soberanos.

Sósinho, por sua intelligencia, seu tino de estadista, seu *savoir-faire* de diplomata, Barbacena vencêra Metternich, Wellington, Aberdeen, Carlota Joaquina, d. Miguel, Fernando VII e aos absolutistas do reino.

Ainda achára tempo para concluir o tratado matrimonial que fez de Amelia de Leuchtemberg a segunda imperatriz do Brasil. Novo triumpho sobre o chanceler austriaco, cujas manobras, comprehensíveis do ponto de vista nacional e legitimista, haviam conseguido trazer a d. Pedro I o desar de oito recusas, inclusive a de uma princeza de Napoles que não chegára a ser pedida.

Accrescente-se a tudo isso que, graças a seu esforço, o Brasil se armára e iniciara estaleiros; inaugurára navegação a vapor; firmára o seu credito. No Concelho de Estado eram acatadissimos os pareceres do marquez, que na guerra prestára os mais altos serviços; nas finanças se mostrára ministro capacissimo. Sua visão politica o levára a delinear e pôr em pratica o regime constitucional representativo, que o imperador vivia a violar. Prophe-tisára a abdicação forçada de d. Pedro.

Em troca de seus inauditos serviços, recebêra como paga a ingratidão de seu soberano, a calúnia por este posta em circulação de malversações de fundos publicos, quando, no invéz da audaciosa inverdade, as contas tomadas pelo Thesouro provavam ser o marquez credor do Estado por avultadas sommas.

Por mais severo seja e deva ser o cuidado em apontar homens de Estado, este grande mineiro satisfaria a todas as condições.

Foi o unico que, com tal benemerencia, Minas poude até hoje sagrar estadista excelso nas fainas internacionaes do Brasil.

O MARQUEZ DE PARANA'

Outro caso de collaboração mineira foi a missão do marquez de Paraná no Prata, em 1851-52.

Desde d. João VI, as duas margens do caudal viviam em estado de continua agitação revolucionaria. Exacerbaram-se com a annexação ao Brasil da Cisplatina. O tratado de 1828 parecia ter solvido o problema, mas o partidario local, amparado pela politica de d. Juan Manuel de Rozas em Buenos Aires, renovou as cruentas contendas e fez correr rios de sangue no Uruguay.

Com os entendimentos entre Farrapos e grupos orientaes, vinham brasileiros envolvidos em conflictos, ora em territorio rio-grandense, ora na Republica vizinha. Generalisavam-se os tumultos. A fronteira era theatro de escaramuças e de *montoneras*. As tentativas por pacificar a região e resguardar vidas e propriedades de patricios nossos, mostravam-se improficuas.

E o mais grave era que as aggressões partiam tanto de umas como de outras forças adversarias. Foi o sentir

profundo de tal situação que mais poderosamente influíu na pacificação de Caxias, em 1845, pois todos se confessavam brasileiros ante as ameaças partidas de Buenos-Aires e de Rozas, de quem Oribe era méro commandado.

Chegaram as cousas ao roupinimento entre Brasil e Argentina, em 1850.

A aliança com os adversarios de Oribe, no Uruguay, e de Rozas, na outra banda do Prata, impunha-se como necessidade logica. Cumpria, além disso, coordenar esforços para a campanha contra o ditador de Buenos Aires, e preparar a lucta que desfecharia em Monte Caseros.

Essa, a missão de Honorio Hermeto.

Não foi facil, nem poude evitar serios attritos com o nosso alliado, d. José Justo de Urquiza. Baptista Pereira, em sua *Civilização contra Barbarie*, narra um dos episodios mais violentos.

Teve exito, entretanto, a incumbencia dada a Paraná, cuja energia não conhecia limite, e, por seus excessos lhe valéra até o appellido de malcriado-mór do Imperio.

DIPLOMATAS JURISCONSULTOS

A segunda categoria de diplomatas a que nos referimos ha pouco, é a dos jurisconsultos. Não que desprezem ou abandonem os aspectos políticos dos casos; sim porque as missões peculiares de que vão incumbidos se desenvolvem em gráo precipuo em outros meios; nos tribunaes arbitraes, por exemplo.

Em 1871, em Genebra, se reunia o Tribunal Arbitral incumbido de solver a grave contenda que surgira entre os Estados Unidos e a Inglaterra, em consequencia de

actos praticados por diversos navios durante a guerra de Secessão, as celebres reclamações do *Alabama*.

Cinco arbitros decidiriam o caso, um de cada paiz interessado, e os outros tres nomeados pelo Rei da Italia, pelo Presidente da Confederação Suissa, e pelo Imperador do Brasil.

Pela Princeza Imperial Regente foi escolhido Marcos Antonio de Araujo e Abreu, então barão de Itajubá, para desempenho do melindroso encargo. Era mineiro o diplomata, ignorando-se, segundo Xavier da Veiga, em que cidade nascêra.

De como se houve, fala melhor do que nos o Relatório do Ministerio dos Extranjeros de 1872. Em torno do parecer de Itajubá, fez-se o consenso dos juizes, calando quaesquer divergencias anteriores. Seus serviços foram louvados e agradecidos pelas duas nações litigantes. Dentro em pouco, foi o distincto arbitro promovido a visconde.

A guerra do Pacifico, de 1879 a 1882, do Chile contra o Perú e a Bolívia, havia dado logar a numerosas reclamações contra o primeiro desses paizes, por parte da Italia, da Grã-Bretanha, da França, da Allemanha, da Suissa, da Belgica e da Austria-Hungria.

Commissões mixtas internacionaes foram organisadas, com tres membros: um chileno, um representante de nação reclamante, e um terceiro nomeado pelo Imperador do Brasil. De maio de 1885 a dezembro de 1886, foi nosso representante no Tribunal, e seu Presidente, o conselheiro senador Lafayette Rodrigues Pereira. Parece desnecessario fazer elogios a este grande vulto de nossa terra. Na especialidade das relações exteriores, do ponto de vista juridico, seu *Tratado de Direito Internacional* é classico e justamente acatado como auctoridade.

Em outra missão, muito mais política e delicada, esta, ainda foi convidado a prestar sua cooperação o conselheiro Lafayette na chefia da Delegação Brasileira em Washington, em 1889, para se fundar a Primeira Conferência Internacional Pan-Americana, a grande idéia de Blaine.

A proclamação da República, a 15 de Novembro, levou-o a se demittir do cargo a 17 do mesmo mez, decisão irrevogavel, apesar do Governo Provisorio lhe ter pedido continuasse no desempenho da incumbencia.

GASTÃO DA CUNHA

Por tribunaes arbitraes, tambem, ingressou na carreira diplomatica, a titulo temporario a principio, definitivamente em seguida, um dos mais altos talentos de Minas, Gastão da Cunha.

Situação algo paradoxal, pois o extremo brilho de suas qualidades de intelligencia, de espirito e agudeza de visão, não tinha o limite ou o temperamento, imprescindível em diplomata, da reserva e da discreção.

Capacidade notavel de trabalho; conhecimento profundo das questões; alicerces scientificos fortes, fortemente assimiladas as doutrinas correlatas; exposição notavelmente lucida, clara e persuasiva; trato encantador; *causeur* inimitavel; juiz sem jaça; sua actividade diplomatica no Parlamento (1900-1905) e nos Tribunaes Brasileiro-Boliviano e Brasileiro-Peruano (1905-1908), o sagrou figura de primeira plana entre os conhecedores de nossos negocios exteriores.

Dava o convivio com Gastão da Cunha a impressão de um caleidoscopio, de esfusiante fogo de artificio, de uma orgia de côres e de sons, de scintillações de pala-

cio de fadas, de taça de champagne a borbulhar de gaz e a refrangir a luz. Era um seductor.

Não o julgassem por esse unico aspecto, entretanto, por mais admiravel fosse. Sob taes roupagens de sumptuoso luxo intellectual e esthetico, pensava um: cerebro dos mais solidos, mais praticos e mais nutridos de estudos classicos e scientificos.

Foi grandemente admirado, invejado e censurado tambem.

Por conta delle, corriam ditos mordentes de percuciente visão psychica. Poucos contemporaneos possuiram, como elle, a faculdade de apprehender a silhueta integral de seus interlocutores, e, nella, o traço pittoresco ou mesmo ridiculo. E sabia dizel-o com a mais graciosa desenvoltura.

Muita ferida de vaidade d'ahi se originou. Caluniaram-no por isso, dando á sua mordacidade o caracteristico de detracção systematica.

Nada mais injusto. Nunca inventou. Seguia os processos dos caricaturistas, exaggerando as linhas dominantes. Nem se exercia sua *vprve* sinão sobre aspectos secundarios, menos importantes das personalidades. Isso mesmo alanceava fundo certos temperamentos, mais aptos a perdoarem uma accusação fundada do que a tolerarem uma pilheria; epidermes mais sensiveis ao remoque e á ironia, do que á censura procedente.

E a prova de que nada havia de inveja, de maldade, nesse feitio mental, está em que sabia admirar todas as superioridades e cultivar innumeradas affeições.

E' incontestavel, por outro lado, que esse extraordinario poder de realçar a face risivel dos factos ou dos homens lhe trouxe dissabores e difficuldades. Era-lhe irreprimivel a tendencia de divulgar um dito de espirito, um conceitq attico. A esse gososo mental, sacrificava por

vezes feições mais graves dos problemas. Não sabia limitar-se, quando lhe sorria aos olhos scintillantes de graça intelligente o successo de um *bon mot*.

Como sempre, o detalhe na imaginação publica supera ao essencia!. E, no admiravel juiz dos tribunaes arbitraes, no diplomata que nos representou dignamente nos mais altos cenaculos internacionaes, esqueçiam o lettrado, o scientista, o bom brasileiro que servia com brilho a seu paiz em todos os sentidos, para só rememorarem o crystal facetado de sua mentalidade e de sua cultura, a despedir chispas de graça e commentar, beliscando, acontecimentos e actores da eterna comedia humana.

Uma grande figura, de que Minas se pôde orgulhar.

Seu fim foi tragico, a relembrar a inominavel violencia dos dramas de Eschylo e de Sophocles. Fulminado por um insulto apoplectico, por quatro annos continuou a viver, emmudecido esse eximio artista da palavra, com a cerebração integra sem se poder exteriorisar, a alma pristina de intelligencia e de luz murada em um corpo que lhe nao interpretava mais os surtos...

DAVID CAMPISTA

Diplomata por emprestimo, David Campista quasi não teve historia em nossos negocios internacionaes. Não é este o aspecto pelo qual se devem avaliar os meritos desse illustre mineiro adoptivo. Seu campo de acção preferencial era a economia nacional, que perfeitamente conhecia e que dirigiu com apuro, energia e competencia.

Cousa menos rara do que se pensa, entre esses maneja-dores de cifras avultam alguns que alliam á comprehensão profunda desses estudos aridos o poder de lhes descobrir uma essencia de belleza. De alguns grandes parlamen-

tares europeus, Gladstone entre outros, Poincaré hoje em dia, consta que seus discursos financeiros foram ouvidos como peças litterarias, nas quaes a forma burilada vestia um arcabouço da maior precisão technica e rijidez de sciencia.

Dessa alta linhagem era o talento de Campista.

Inspiravam seus trabalhos respeito pela exactidão e pelo alcance dos conhecimentos, admiração pela elegancia do dizer e pela graça e acerto das affirmações e dos revídes, sympathia pela notavel pureza da linha intellectual e moral do *debater*, funda surpresa pela ausencia de esforço apparente com que se empenhava em taes torneios.

O abastardamento de nossos processos políticos, gy-rando em torno de homens em vez da defesa de idéas, afastou-o da politica interna militante.

Brilhante recruta, possuindo dotes peregrinos de intelligencia, de saber e de character, não poude dar de si medida alguma, tão cedo a morte o arrebatou, menos de dous annos após sua nomeação para Copenhague, já então removido para Paris, que lhe seria seguramente melhor campo de actividade para as excepçionaes qualidades de coração, de cultura e de energia de que dispunha.

* * *

Para completar a enumeração, deveriamos ainda mencionar o marianense José Joaquim da Rocha, ministro na Santa Sé, durante um anno, de fevereiro de 1834 a fevereiro de 1835, e Felisberto Caldeira Brant de Oliveira e Horta, segundo visconde de Barbacena, filho do marquez, encarregado de negocios na Haya, em 1841.

Delles, nada ha que dizer.

HOJE

Aos mortos devemos respeito, justiça, verdade e gratidão.

Serenadas as paixões, mais fácil se torna julgá-los.

Dos vivos, em pleno tumultuar da vida diária, mais espinhosa se ostenta a tarefa crítica.

Menos raros, hoje em dia, são os filhos de Minas que terçam armas na diplomacia. Já um grupo ahí moureja, nos postos iniciais, no qual ha possivelmente valores aproveitáveis. Mas é nos chefes de missões que se devem procurar os homens capazes de succeder e de continuar aos guias de outr'ora.

Deixemos de lado, por ininteressantes, algumas embaixadas, de méra cortezia internacional, sem significado político.

Na esphera de trabalho real, dous nomes occorrem, ambos de temperamento conciliador, capazes de largo esforço, consciente e continuo, accessiveis ás divergencias de opiniões, aptos a comprehenderem dissídios e habeis em compôrem choques de interesses, prestigiados nos cargos que tecin occupado.

Afranio de Mello Franco teve de agir tanto na Conferencia Pan-Americana de Santiago, em 1923, como na embaixada brasileira junto á Sociedade das Nações de 1924 a 1926, em condições extremamente precarias. Tudo lhe era adverso. Heterogeneidade no pensar dos delegados; instrucções contradictorias; indisciplina por parte de certos companheiros de trabalho; hesitações na orientação governamental; flagrante discordancia entre as deliberações do Rio e os interesses permanentes e a immutavel tradição diplomatica do Brasil.

Sómente á habilidade, ao *savoir-faire* maneiroso de nosso representante, devemos não terem sido os desastres mais graves do que foram.

Helio Lobo representa um legitimo filho espiritual da escola que o barão do Rio Branco formou no Itamaraty, e da qual, por felicidade nossa, já se podem contar varios discipulos de valor nos serviços superintendidos por esse Ministerio.

E' preciso não olvidar nunca essa preocupação do nosso grande Chancellor, de preparar continuadores que servissem com amor, clarividencia, dedicação e patriotismo, a alta lição politico-internacional do Imperio, concretizada em d. Pedro II e no Concelho de Estado, politica de que elle, Rio Branco, desde moço, se tornára o expoente luminoso.

Para esses dous homens, que já deram provas de si dignas de auctorisarem esperanças maiores, Minas deve olhar com carinho.

A elles caberá contribuir para firmar a continuidade dos élos que deverão ligar, em conjuncto unico, a diplomacia do passado e a de hoje, a grande tradição uniforme, progressiva, liberal e pacifica, do Brasil de sempre.

(Junho de 1927).

REVISÃO CONSTITUCIONAL

EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

Com verdadeira noção liberal de governo, o Poder Executivo, em 1925, quiz instituir uma sorte de livre exame das reformas que iam ser propostas no texto vigente da Constituição Federal de 24 de fevereiro de 1891.

Assim, a 28 de junho de 1925, a imprensa do Rio de Janeiro divulgava, mais ou menos commentadas, as modificações suggeridas. Era um corpo de setenta alterações, que abaixo transcreveremos.

Ao ser apresentada ao Legislativo, soffreu tal iniciativa alguns reparos, pois foram setenta e seis as corrigendas incluídas no projecto de reforma posto sobre a Mesa da Camara, a 2 de julho de 1925, e subscripto por cento e treze deputados.

Em nosso estudo, baseámo-nos no primitivo elenco de setenta.

REFORMA CONSTITUCIONAL

(Jornal do Brasil — 28/6/925)

N.º 1 — Substitua-se o n.º 2 do art. 6.º pelo seguinte:

2 — Para assegurar a integridade nacional, manter a forma republicana e o respeito aos princípios constitucionaes da União.

N.º 2 — Substitua-se o n.º 3 do art. 6.º pelo seguinte:

3 — Para assegurar o livre exercicio dos poderes publicos locais pelos seus legitimos representantes,

quando estes reclamarem o auxilio federal e para debellar a guerra civil, independente de requisição.

N.º 3 — Substitua-se o n.º 4 do art. 6.º pelo seguinte:

4 — Para assegurar a execução das leis e sentenças federaes e reorganisar financeiramente o Estado que pela cessação de pagamentos por mais de dois annos, demonstrar a sua insolvabilidade.

N.º 4 — Supprima-se o paragrapho 3.º do art. 9.

N.º 5 — Substitua-se o n.º 1 do art. 11.º pelo seguinte:

1 — Crear impostos especiaes sobre productos de um Estado no territorio de outro, e impostos de transito pelo territorio de um Estado, ou na passagem de um para outro, sobre os mesmos ou estrangeiros, e bem assim sobre vehiculos de terra e agua que os transportarem.

N.º 6 — Substitua-se o art. 12.º pelo seguinte.

Art. 12.º — Além das fontes de receita discriminadas nos arts. 7.º e 9.º, é licito á União e aos Estados, cumulativamente ou não, crear impostos sobre a renda, e outros quaesquer, não contravindo o disposto nos arts. 7.º, 9.º e 11.º n.º 1.

N.º 7 — Substitua-se o art. 17.º pelo seguinte:

Art. 17.º — O Congresso reunir-se-á na Capital Federal, ou, em caso de impossibilidade absoluta, verificado pelas Mesas de ambas as Camaras, no lugar que ellas conjunctamente designarem, independente de convocação, a 14 de Julho de cada anno, e funcionará quatro mezes da data da abertura, podendo ser prorogado, adiado ou convocado extraordinariamente.

N.º 8 — Substitua-se o art. 18.º pelo seguinte:

Art. 18.º — Salvo para a abertura da sessão legislativa e apuração da Eleição de Presidente e Vice-Presidente da Republica, a Camara dos Deputados e o Senado trabalharão separadamente e, quando não se resolver o contrario por maioria de votos, em sessões publicas. As delibera-

ções serão tomadas por maioria de votos, achando-se presente em cada uma das Camaras a maioria absoluta de seus membros.

N.º 9 — Substitua-se o n.º 1 do art. 26.º pelo seguinte:

1 — Entrar no gozo dos direitos de cidadão brasileiro e ser alistavel como eleitor.

N.º 10 — Substitua-se o n.º 2 do art. 26.º pelo seguinte:

2 — Para a Camara, ter mais de dez annos de cidadão brasileiro, e para o Senado, ser brasileiro nato.

N.º 11 — Substitua-se o paragrapho 1.º do art. 2.º pelo seguinte:

Paragrapho unico — O numero de deputados será fixado por lei na proporção de 1 por 150.000 habitantes, não podendo diminuir a representação actual dos Estados.

N.º 12 — Supprima-se o paragrapho 3.º do art. 28.º.

N.º 13 — Substitua-se o art. 29.º pelo seguinte:

Art. 29.º — Compete á Camara a iniciativa do adiantamento das sessões legislativas e de todas as leis orçamentarias e de impostos, das leis de fixação das forças de terra e mar, da discussão dos projectos offercidos pelo Poder Executivo, e a declaração da procedencia ou improcedencia da accusação contra o Presidente da Republica, nos termos do art. 53.º e contra os ministros de Estado co-réos aos crimes de que elle fôr accusado.

N.º 14 — Substitua-se o n.º 1 do art. 34.º pelo seguinte:

1 — Annualmente orçar a receita e fixar a despeza federal e tomar as contas da receita e despeza de cada exercicio financeiro, ficando prorogado o orçamento vigente quando até 31 de Dezembro o Congresso não tenha votado o novo.

N.º 15 — Substitua-se o n.º 5 do art. 34.º pelo seguinte:

5 — Regular o commercio internacional, e interno, podendo auctorizar as limitações exigidas pelo bem publico, e tambem o alfandegamento de portos e a criação ou suppressão de entrepostos.

- N.º 16 — Substitua-se o n.º 6 do art. 34.º pelo seguinte:
6 — Legislar sobre o uso e a navegação dos rios que banhem mais de um Estado ou se estendam a territorios estrangeiros.
- N.º 17 — Substitua-se o n.º 17 do art. 34.º pelo seguinte:
17 — Fixar annualmente as forças de terra e mar, considerando-se prorogada a fixação vigente, quando até 31 de Dezembro o Congresso não tenha votado a nova.
- N.º 18 — Supprima-se o n.º 20 do art. 34.º.
- N.º 19 — Substitua-se o n.º 23 do art. 34.º pelo seguinte:
23 — Legislar sobre o direito civil, commercial, criminal e processual, sem prejuizo da competencia dos Estados para organisarem a sua justiça e proverem os cargos judicarios.
- N.º 20 — Substitua-se o n.º 24 do art. 34.º pelo seguinte:
24 — Estabelecer leis sobre naturalisação..
- N.º 21 — Substitua-se o n.º 30 do art. 34.º pelo seguinte:
30 — Legislar sobre a organisação municipal do Districto Federal e os serviços que na Capital a lei reservar para o Governo da União.
- N.º 22 — Accrescente-se ao art. 34.º o seguinte:
36 — Legislar sobre o ensino superior, secundario, não podendo por lei especial conceder faculdade ou favores instituidos que não obedeçam ás regras e não se sujeitem ás obrigações geraes impostas pela lei commum, nem dar a institutos particulares o poder de conceder privilegios analogos aos que os estabelecimentos officiaes concedem.
- N.º 23 — Accrescente-se ao art. 34.º o seguinte:
37 — Legislar sobre licenças, aposentadorias e reformas, não podendo concedel-as por leis especiaes.
- N.º 24 — Accrescente-se ao art. 34.º o seguinte:
38 — Regular a administração dos territorios que deverão estar sempre sujeitos directa e immediatamente ao Poder Executivo.
- N.º 25 — Accrescente-se ao art. 34.º o seguinte:

39 — Decretar a intervenção nos Estados para manter a forma republicana e o respeito aos princípios constitucionaes da União (art. 6.º, n.º 2).

N.º 26 — Acrescente-se ao art. 34.º o seguinte:

40 — Conhecer dos actos praticados pelo Poder Executivo durante o estado de sítio ou a intervenção nos Estados.

N.º 27 — Substituam-se os ns. 3 e 4 do art. 35.º pelo seguinte:

3 — Criar instituições de ensino superior, secundário e profissional, e auxiliar, mediante accordo com os Estados, o ensino primário local.

N.º 28 — Acrescente-se ao art. 35.º o seguinte:

§ 1.º — A lei do orçamento não poderá conter disposições estranhas ao calculo das receitas das rendas já auctorisadas por lei e á fixação da despesa com o serviço anteriormente creados. Não se comprehende nessa exclusão:

a) — a auctorisação para abertura de creditos supplementares;

b) — a auctorisação para operações de credito com antecipaçào da receita;

c) — a determinação do destino a dar ao saldo do exercicio financeiro, ou do modo de preencher o deficit que se verificar na arrecadação da receita.

N.º 29 — Acrescente-se ao art. 36.º o seguinte:

§ 2.º — Os projectos creando ou augmentando despesas deverão crear tambem a receita correspondente.

N.º 30 — Substitua-se o § 1.º do art. 37.º pelo seguinte:

§ 1.º — Se, porém, o Presidente da Republica o julgar no todo ou em algumas de suas disposições inconstitucional ou contrario aos interesses da Republica, negará a sua sancção total ou parcial, dentro de dez dias uteis daquelle em que recebeu o projecto, devolvendo-o nesse mesmo prazo á Camara onde elle se houver iniciado, com os motivos da recusa.

N.º 31 — Substitua-se o art. 40.º pelo seguinte:

Art. 40 — Os projectos rejeitados ou não sancionados não poderão ser renovados na mesma

sessão legislativa, bem como não poderão ser iniciados novos projectos semelhantes aos não sancionados pelo Presidente enquanto o Congresso não se manifestar sobre o veto.

N.º 32 — Substitua-se o § 1.º do art. 41.º pelo seguinte:

§ 1.º — Substitue o Presidente em seus impedimentos ou faltas o Vice-Presidente da Republica.

N.º 33 — Substitua-se o § 2.º do art. 41.º pelo seguinte:

§ 2.º — Nos impedimentos ou faltas do Vice-Presidente, substituirão o Presidente da Republica:

1.º — O Vice-Presidente do Senado;

2.º — O Presidente da Camara;

3.º — O Presidente do Supremo Tribunal.

N.º 34 — Substitua-se o art. 42.º pelo seguinte:

Art. 42.º — No caso de vaga da Presidencia, antes de terminado o periodo presidencial, far-se-á nova eleição, exercendo o eleito a presidencia pelo prazo integral fixado no art. 43.º.

N.º 35 — Substitua-se o art. 43.º pelo seguinte:

Art. 43.º — O Presidente exercerá o cargo por quatro annos, não podendo ser reeleito nem eleito Vice-Presidente para o periodo presidencial immediato.

N.º 36 — Substitua-se o § 4.º do art. 43.º pelo seguinte:

§ 4.º — O Vice-Presidente será eleito pelo tempo que faltar para a conclusão do mandato do Presidente, quando vagar o cargo, salvo o caso de vaga simultanea dos dois cargos, em que ambos serão eleitos para preencher um periodo integral.

N.º 37 — Substitua-se o § 1.º do art. 47.º pelo seguinte:

§ 1.º — A eleição se realisará no dia 12 de Julho do ultimo anno do periodo presidencial, procedendo-se na Capital Federal e nas Capitães dos Estados á apuração dos votos recebidos nas respectivas circumscripções. O Congresso fará, com qualquer numero de membros presentes, a apuração geral, que será iniciada sessenta dias depois da eleição.

N.º 38 — Acrescente-se ao art. 48.º o seguinte:

17 — Intervir nos Estados quando o Congresso decretar a intervenção (art. 6.º n.º 2 e art. 34.º n.º 39); quando o Supremo Tribunal a reclamar (art. 6.º, n.º 4, e art. 59, 1 f); quando os poderes públicos locais a solicitarem (art. 6.º, n.º 3); e, independente de provocação, nos demais casos compreendidos nos ns. 1, 2, 3 e 4 do art. 6.º.

N.º 39 — Substitua-se o art. 51.º pelo seguinte:

Art. 51.º — Os ministros de Estado só poderão comparecer às sessões do Congresso quando a maioria de qualquer das Camaras o reclamar, ou quando o Presidente da Republica solicitar de uma dellas para isso permissão, que só pôde ser recusada pelo mesmo numero de votos.

N.º 40 — Substitua-se o § 2.º do art. 52.º pelo seguinte:

§ 2.º — Nos crimes communs e de responsabilidade serão processados e julgados pelo Supremo Tribunal Federal, e pelo tribunal competente para o julgamento do Presidente da Republica, nos casos de co-delinquencia com elle.

N.º 41 — Substitua-se o art. 53.º pelo seguinte:

Art. 53.º — O Presidente e o Vice-Presidente da Republica serão submettidos a processo e a julgamento, depois que a Camara julgar procedente a accusação, perante o Supremo Tribunal Federal nos crimes communs e perante o Senado nos de responsabilidade.

N.º 42 — Substitua-se o art. 57.º pelo seguinte:

Art. 57.º — Os membros do Supremo Tribunal e dos tribunaes regionaes e os juizes federaes de secção serão vitalicios e perderão o cargo unicamente por sentença judicial.

N.º 43 — Substitua-se o § 2.º do art. 57.º pelo seguinte:

§ 2.º — O Senado processará e julgará os membros do Supremo Tribunal Federal nos crimes de responsabilidade, e este os seus membros nos crimes communs, e os demais juizes federaes nos crimes de responsabilidade.

- N.º 44 — Substitua-se o n.º II do art. 59.º pelo seguinte:
 II — Julgar em grão de recurso as questões excedentes da alçada legal resolvidas pelos juizes de tribunaes federaes.
- N.º 45 — Acrescente-se ao art. 59.º o seguinte:
 VI — Reclamar do Poder Executivo a intervenção nos Estados, a fim de assegurar a execução das sentenças federaes (art. 6.º, n.º 4).
- N.º 46 — Substitua-se a letra a do § 1.º do art. 59.º pelo seguinte:
 a) — onde se questionar sobre a vigencia, ou a validade das leis federaes em face da Constituição e a decisão do tribunal lhe negar applicação.
- N.º 47 — Substitua-se a letra b do art. 60.º pelo seguinte:
 b) — os litigios entre um Estado e habitante de outro.
- N.º 48 — Substitua-se o art. 61.º pelo seguinte:
 Art. 61.º — As decisões dos juizes ou tribunaes dos Estados, nas materias de sua competencia não comprehendidas nas disposições do art. 59.º, § 1.º, letras a e b, porão termo ao processo, salvo quanto a:
- N.º 49 — Acrescente-se ao art. 62.º o seguinte:
 § unico — Nenhum recurso judicial é permittido contra a declaração do estado de sítio, verificação de poderes, reconhecimento, posse, legitimidade e perda de mandato dos membros do Poder Legislativo ou Executivo, federal ou estadual.
- N.º 50 — Acrescente-se ao art. 63.º o seguinte:
 § unico — São princípios constitucionaes para esse effeito:
 a) o regimen representativo;
 b) o governo presidencial;
 c) a capacidade eleitoral definida pela constituição, quer para ser eleitor, quer para ser elegivel;
 d) o regimen eleitoral que permita a representação da minoria;

- e) a independência e a harmonia dos poderes;
- f) a ineligibilidade dos presidentes ou dos governadores e a duração do seu mandato por tempo nunca superior ao do Presidente da Republica;
- g) a duração do mandato legislativo não poderá exceder á do mandato para a Camara correspondente na União;
- h) a vitaliciedade, inamovibilidade dos juizes e a irreductibilidade de seus vencimentos;
- i) o respeito aos direitos politicos assegurados pela Constituição a todos os cidadãos brasileiros e ás condições de capacidade especial exigidas pela lei federal para o exercicio dos cargos (art. 73.º);
- j) a possibilidade de reforma constitucional, a competencia do Poder Legislativo para decretal-a;
- k) a incapacidade dos Estados e municipios para crearem novas vitaliciedades, diversas das que são asseguradas nesta lei;
- l) a autonomia dos municipios (art. 68.º).

N.º 51 — Supprima-se o § unico do art. 64.º.

N.º 52 — Substitua-se o art. 67.º pelo seguinte:

Art. 67.º — O Districto Federal será organizado por lei especial que discriminará as funcções do Conselho Municipal e as de um Prefeito, com poder de suspender os actos e as deliberações daquelle até que o Senado se pronuncie.

N.º 53 — Substitua-se o art. 68.º pelo seguinte:

Art. 68.º — Os Estados organizarão os municipios, assegurando-lhes a autonomia em tudo quanto fór de seu peculiar interesse. Poderão, porém, nessa organização:

- a) auctorisar o recurso, para o mais alto tribunal judiciario local, do reconhecimento de poderes das autoridades municipaes;
- b) dar ao Congresso ou a uma de suas Camaras a competencia para annullar os actos e deliberações que scírirem a Constituição da Republica e a do Estado, as leis federaes e as locaes e os direitos de outros municipios;

- c) crear uma organização especial para o município que fôr Capital do Estado ou porto marítimo importante e os que forem estações sanitarias e demandarem obras espezias para a realisação desse fim;
- d) intervir directamente na administração do município que se tornar insolvel e na daquelles que demandarem grandes obras de saneamento á custa dos cofres do Estado, até que estas estejam concluidas e liquidadas as suas responsabilidades, ou a situação financeira normalizada.

N.º 54 — Substitua-se os ns. 4 e 5 do art. 69.º pelo seguinte:

- 4 — Os estrangeiros que se achando no Brasil a 15 de Novembro de 1889 já tenham título declaratorio de cidadão brasileiro, ou o solicitarem dentro de um anno depois de publicada esta lei, e os que, casados com brasileira, tendo filhos brasileiros e possuindo bens immoveis no Brasil, já tenham um titulo.

N.º 55 — Substitua-se o n.º 6 do art. 69.º pelo seguinte:

- 6 — Os estrangeiros que, residindo no Brasil por tempo ininterrupto de mais de seis annos, se naturalisaram de accôrdo com as exigencias legais.

N.º 56 — Substitua-se o paragrapho 10 do art. 72.º pelo seguinte:

- Parag. 10 — Em tempo de paz qualquer pôde entrar no territorio nacional ou delle sahir com sua fortuna e bens, quando e como lhe convier.

N.º 57 — Substitua-se a segunda parte do paragrapho 17 do art. 72.º pelo seguinte:

- Parag. 17 — As minas pertencem aos proprietarios do sólo, salvo as limitações estabelecidas por lei a bem da exploração deste ramo de industria, inclusive a de sujeital-a á exploração pelo Governo Federal ou por concessão deste, reservada parte dos lucros ao proprietario, no caso delle não iniciar ou abandonar a exploração das mesmas. Não poderão ser transferidas a estrangeiros as minas e jazidas mineracs, bem como os terrenos em que as mesmas existirem.

N.º 58 — Substitua-se o parágrafo 22 do art. 72.º pelo seguinte:

Parag. 22 — Dar-se-á o habeas-corpus sempre que alguém soffrer ou se achar em imminente perigo e soffrer violencia por meio de prisão ou constrangimento illegal em sua liberdade de locomoção.

N.º 59 — Substitua-se o parágrafo 24 do art. 72.º pelo seguinte:

Parag. 24 — E' garantido o livre exercicio de qualquer profissão moral, intellectual e industrial, pela forma que a lei assegurar.

N.º 60 — Substitua-se o parágrafo 29 do art. 72.º pelo seguinte:

Parag. 29 — Os que allegarem motivo de crença religiosa com o fim de se isentarem de qualquer onus que as leis da Republica imponham aos cidadãos e os que acceptarem titulos nobiliarchicos ou condecorações estrangeiras perderão todos os direitos politicos.

N.º 61 — Accrescente-se ao art. 72.º o seguinte:

Parag. 32 — As disposições constitucionaes accretatorias de vencimentos não eximem da obrigação de pagarem os impostos creados geralmente sobre a renda.

N.º 62 — Accrescente-se ao art. 72.º o seguinte:

Parag. 33 — E' sempre livre ao Poder Executivo expulsar do territorio nacional os subditos estrangeiros perigosos á ordem publica ou nocivos aos interesses da Republica.

N.º 63 — Accrescente-se ao art. 72.º o seguinte:

Parag. 34 — Não poderão ser transferidos a estrangeiros as terras situadas a menos de sessenta kilometros de distancia das fronteiras do paiz ou a menos de vinte kilometros de distancia das margens dos rios navegaveis dentro do territorio nacional. As que já se acharem sob o dominio extranho poderão ser expropriadas pelo Governo da Republica ou dos Estados, com licença daquelle, quando fôr julgado opportuno e conveniente.

N.º 64 — Acrescente-se ao art. 72.º o seguinte:

Parag. 35 — Nenhum emprego publico pôde ser creado nem vencimentos a funcionarios publicos estipulados ou alterados senão por lei ordinaria especial.

N.º 65 — Acrescente-se ao art. 72.º o seguinte:

§ 36 — As garantias asseguradas aos estrangeiros neste artigo só se tornarão effectivas em caso de reciprocidade concedida aos brasileiros. A lei ordinaria determinará a que estrangeiros aproveitam e quaes dellas.

N.º 66 — Substitua-se o art. 74.º pelo seguinte:

Art. 74.º — Respeitados os dirctos adquiridos, não haverá cargos vitalicios alem dos da magistratura, magisterio, serventuarios da justiça e patentes militares, sendo os demais funcionarios de livre nomeação e demissão.

N.º 67 — Substitua-se o art. 75.º pelo seguinte:

Art. 75.º — A aposentadoria só poderá ser dada aos funcionarios publicos que, tendo mais de 30 annos de serviço á União, se tornem invalidos.

N.º 68 — Substitua-se o art. 80.º o seguinte:

Art. 80.º — Poder-se-á declarar em estado de sitio qualquer parte do territorio nacional, suspendendo-se ahí o habeas-corpus absolutamente, e as demais garantias constitucionaes especificadas no decreto, por tempo determinado, quando a segurança da Republica o exigir, em caso de aggressão estrangeira ou commoção intestina.

N.º 69 — Acrescente-se ao art. 80.º o seguinte:

Parag. 5.º — Na vögencia do estado de sitio, os tribunaes não poderão conhecer dos actos do Poder Legislativo ou Executivo praticados em virtude d'elle.

N.º 70 — Substitua-se o § 4.º do art. 87.º pelo seguinte:

§ 4.º — O Exercito e a Armada se comporão pelo voluntariado e pelo sorteio previamente organizado. Concorrem para o pessoal da Armada, a Escola Naval, e a de Aprendizizes Marinheiros e a Marinha Mercante.

I

Código de relações pacíficas e normas, preferiríamos vêr a revisão debatida em ambiente calmo, de reflexão e de estudo da licção experimental dos trinta e quatro annos decorridos de 1891 até hoje. Já estamos com um anno de guerra civil, com seu cortejo horrivel de paixões e de desastres. Dura seis mezes a situação extra-legal de cobrança de impostos, sem lei que a auctorisce. Como não influirem taes factores, na formação do meio politico, moral e intellectual, em que o problema se ventila?

Tal preliminar, entretanto, tornou-se inopportuna. Os responsaveis pela situação vigente transpuzeram o ponto critico, e resolveram levar por deante a tarefa. Aceitemos o facto, pois, e vejamos como reduzir ao minimo os inconvenientes do momento escolhido.

Desse ponto de vista, foi obra benemerita da imprensa a divulgação do projecto de emendas. Realmente o largo inquerito que é licito esperar, por parte da nação inteira, sobre sua lei basilar, orientará as soluções. Claro, cumpre seja sincero, leal e competente; não traduza rancores nem affeições; vise exclusivamente o bem publico, olvidadas as individualidades transitorias.

Só por tal preço, a reforma valerá como obra palpitante de vida e de progresso, e falará a todo o paiz, nelle despertando intenso interesse pela gestão das coisas publicas e pelo preparo das justíças futuras.

Um grave senão intellectual deve ser evitado: legislar de modo puramente livresco, de erudição, de méra copia ou symetria, quanto a alvitres adoptados alhures; inspirar-se exclusivamente em theses de philosophia politica; olvidar que o problema é topico, para nosso meio e nossa gente, com mais de um terço de seculo de pratica ininterrupta de uma Carta, na qual ha grandes conquistas a manter, e alguns defeitos a eliminar.

O descuido dessa precaução mental após o 7 de abril, foi a causa dos graves conflictos do periodo regencial. Pequenas deficiencias do admiravel Estatuto de 25 de março de 1824, que o Acto Adicional sanaria, si mais bem redigido e claramente definidas as competencias do Centro, das Provincias e dos Municipios, levaram assim, por fórma indirecta, ás perturbadas phases politicas da lei interpretativa, da maioridade, de 1842 e de 1848.

O exempló está a indicar o caminho, que se não deve percorrer.

II

Somos francamente partidarios da revisão, nos pontos em que a pratica de quasi sete lustros tem evidenciado falhas ou deficiencias do Estatuto de 1891.

Partidarios, entretanto, no sentido em que se tem feito a evolução nacional, isto é, no substituir progressivamente a noção de livre consenso ao preceito ferrenho de auctoridade, só porque é o poder. E, ainda, sem nos deixar illudir por phrases de méra declamação sobre liberdades e franquias, em casos claros nos quaes o bom senso indica que se trata de abusos, de licença, de menoridade politica ou de incapacidade governativa.

Queremos a federação dos Estados fortes, prosperos, bem administrados, solidarios no interesse da collectividade, dentro em uma União soberana e indissolúvel, a qual, respondendo pelo Brasil inteiro, possa assumir o peso de tão alto encargo.

Dentro na ordem, queremos o maximo de liberdade individual e os meios juridicos de a proteger. Pensamento livre. Culto livre, no sentido de se manter firmemente o Estado agnostico, mas sem impedir as praticas religiosas nos proprios edificios publicos, si assim solici-

tarem os interessados, que são os crentes, e sem exclusão de credo algum.

Muitos desses requisitos já compendiou a Constituição vigente. Alguns delles vêm formulados agora nas emendas divulgadas e constituem optimo trabalho constructor da nacionalidade, qual a almejamos todos, grande, poderosa, cheia de fé em seu porvir, capaz de agir para realisar seus ideaes. A' victoria destas contribuições progressistas, applaudimos e auxiliaremos, na analyse a ser encetada.

Outras modificações, porém não podem merecer igual apoio. Contrariam a tradição historica do paiz. Cerceiam seu desenvolvimento material. Amesquinham-lhe o patrimonio moral. Em vez de uma nação de homens, formariam bandos de escravos. Queremos cidadãos livres e consciós da dignidade humana, não collegiaes amedrontados pela férula do mestre.

A disciplina que sonhamos é voluntaria e clarividente. Não poderemos bater-nos pela volta de processos politicos que lembram os methodos prussianos do terror e das penas corporaes. A estes nos opporemos, na medida de nossas forças.

III

Nossa tradição é francamente federativa. Foi preparada pelas capitánias isoladas, mais tarde unidas sob o dominio dos vice-reis. A solução da Carta de 1824, sendo nesse ponto constrictora de mais, exigiu o respiradouro do Acto Addicional. Quando, no periodo regencial, explodiram a Republica Rio-grandense, a Sabinada e outros movimentos ao Norte do Brasil, a separação era temporaria e visava conquistar franquias novas, para então se reincorporarem as provincias revoltadas no grenio commum. A lei interpretativa não restringiu a verdadeira autonomia pro-

vincial: definiu, apenas, a significação e o âmbito de artigos do Acto que se interpretavam com divergencias tantas, de região a região, que dahi surgira o cháos, e todos os governos pediam um paradeiro á desordem, que feria aos proprios principios constitucionaes, quanto á competencia do Centro.

Os mesmos intuitos teve a Constituição de 1891. A primeira emenda, ora proposta, ainda consagra e esclarece a doutrina. "Manter a fôrma republicana federativa", diz o texto vigente. "Assegurar a integridade nacional, manter a fôrma republicana e o respeito aos principios constitucionaes da União", redige a modificação suggerida. Esta ultima parece melhor. Firma inicialmente a unidade nacional, lembrada, talvez, da discussão do direito de secessão. E o não dizer — federativa — ao falar em fôrma republicana, evita uma repetição, a do artigo 1.º, mantido integral; sendo que a allusão aos "principios constitucionaes da União" se refere, entre outros, aos elementos federativos.

Talvez não mereça o mesmo apoio a segunda emenda. Actualmente, a intervenção para restabelecer a ordem e a tranquillidade nos Estados, deve preceder a requisição dos respectivos governos. Propõe-se agora subdividir em duas essa modalidade: intervir, sem requisição alguma, para debellar a guerra civil; e intervir, para assegurar o livre exercicio dos poderes publicos locais pelos seus legitimos representantes, quando estes reclamarem o auxilio federal.

No Estatuto vigente, o ponto de partida é um facto verificavel — o governo local — o que prudentemente ressalva o principio de auctoridade. Com a nova redacção, abrem-se largas portas ao arbitrio. Guerra civil? Bastam grupinhos armados, com boa vontade de governos coniventes, para se figurar a hypothese. Poderes publicos lo-

caes? Bastaria uma camara municipal, de feição opposicionista ao poder estadual, declarar-se coacta no livre exercicio de suas funcções, para provocar uma intervenção federal, desde que assim conviesse ao partido dominante na União. Em taes circumstancias, nossa historia politica ratos casos apontará de escrupulosa abstenção. Legitimos representantes? Quem julga a legitimidade? O governo federal, naturalmente. E si fôr desabusado e prepotente?

Fabrica de conflictos, poderá ser este um programma de homens de Estado verdadeiramente conservadores?

IV

A emenda n. 3 visando manter a honestidade dos compromissos financeiros dos Estados, a qual influe directamente no credito federal, ultrapassa o alvo. Intervir é a excepção, de sorte que se devem precisar os termos della. "Cessação de pagamentos", é por demais vago. O que auctorisa a presença da União no processo, é um prejuizo immediato soffrido por ella, quer em seu bom nome, quer na previsão de uma ruptura de boas relações com outros paizes. E' o caso dos emprestimos externos.

Como é notorio, credores estrangeiros lesados pela irregularidade dos pagamentos, e governos que os protegem, voltam-se para o governo federal, unica pessoa internacional, e lhe endereçam suas reclamações. Ainda não é pacifica a doutrina de Drago, sobre a cobrança compulsoria das dividas. No periodo imperial, e no recente passado republicano, mais de um exemplo desses se tem registado.

Negar aos Estados a faculdade de contrahir emprestimos externos, é pol-os em nivel inferior aos particulares. Tornal-os dependentes da annuencia do Thesouro na-

cional, é pueril: as contingências políticas intervêm, e a fazenda federal não se pôde defender. A solução está na emenda proposta, restricta, entretanto, ás operações de credito fóra do paiz. Não se viola a autonomia do Estado, antes se procura fortalecê-la dando-lhe como base o credito. Ao mesmo tempo a União, supportando o onus financeiro, tem meios de não desembolsar recursos seus.

A emenda n. 4, útil também, abre um campo tributario novo, que hoje é privativo dos Estados. Seu fito é attenuar a iniqua distribuição de impostos de 1891, na qual o avanço das antigas províncias quasi despojou de reditos ao governo central.

Assim, igualmente, a emenda n. 5 cuja redacção apparelha melhor aos productores na lucta contra os justamente malsinados impostos de transito que asphyxiam o desenvolvimento economico dos Estados, e da União, por conseguinte, e que até hoje persistem máo grado os esforços empregados para abolil-os.

Applaudimos do mesmo modo a emenda n. 6. Não que, em nosso parecer, crêe direito novo, mas esclarece melhor a competencia de lançar impostos, e corta cerce a chicanas correntes. Nesse mesmo intuito, talvez, convenha, em vez de "imposto sobre a renda" redigir "impostos sobre as rendas".

Na emenda seguinte, ha duas idéas aproveitaveis. Prevê uma o caso da impossibilidade de se reunir o Congresso na Capital Federal (guerra, revolução, calamidade publica, etc.), e assegura promptamente a continuidade da função legislativa. E, quanto á abertura em 14 de julho, só podemos dizer que, na legislatura de 1897-99, propuzemos essa mesma data.

V

A nova redacção proposta para o artigo 18 da Constituição é melhor do que a actual.

As modificações suggeridas na emenda 10 para o artigo 26 podem ser defendidas, mas revelam um nacionalismo um pouco estreito. Um dos mais notáveis vice-presidentes dos Estados Unidos foi o naturalizado Carlos Schurz, allemão de origem. Em paiz de immigração, como o Brasil, parece mais razoavel manter o liberal preceito vigente. Quem sabe a immensa valia dos serviços prestados por esses prestimosos collaboradores de além-mar, não pôde sympathisar com sua ingrata exclusão no dirigir as coisas de sua patria adoptiva.

Parece-nos, tambem, incompleta a emenda n. 9. Ha uma dessas classes de candidatos e de congressistas ou de vereadores, que merece estudo particular: referimo-nos aos militares. Pedimos venia para, sobre esse ponto, repetir opinião anteriormente emittida.

“Tem a pratica provado a alta inconveniencia de serem investidos de funcções electivas militares em serviço activo, e parece desnecessario documentar o asserto. Por outro lado, não se justificaria impedir que as desempenhem officiaes de terra ou de mar, realmente capazes de occupar cargos de eleição, como tem havido tantos.

A logica exige a separação completa dos dois generos de actividade; a eleição deve ser permittida; a accettazione do cargo, entretanto, importaria, “*ipso facto*”, a reforma voluntaria do militar. Só assim poderá livrar-se o Exercito, ou a Armada, dos males causados pelo desvio de seus membros em rumos inteiramente extranhos á profissão.

Prejuizos nos accessos da carreira, aos que nella permanecem; favoritismo e criação de “*coteries*” em torno do

militar accidentalmente político, soffrendo o serviço profissional com as concessões feitas a pedido do congressista, federal ou estadual, ou do vereador; alheamento progressivo, quasi fatal, do conhecimento e da pratica dos mistéres de officio como consequencia de preocupações outras, assim prejudicada a especialização intensa que, cada vez mais, se exige na constituição das classes armadas; taes são, em rapida e incompleta summa e do ponto de vista exclusivo da defesa do paiz e dos legitimos interesses dos quadros, as objecções graves á simultaneidade das funções na mesma personalidade.

A solução proposta attende a todas as exigencias. Não cerceia a livre selecção por parte do eleitorado. Não diminue a capacidade politica do official. Resguarda a efficiencia das instituições militares, assim como os justos direitos do pessoal dos quadros, em verdadeiro serviço activo. Obriga o candidato a reflectir maduramente sobre a escolha preferencial, quanto ao melhor meio de servir o paiz”.

* * *

No artigo publicado a 4 do corrente, não se falou em “direito de successão”, e sim no de “seccessão”.

No artigo publicado a 7 do corrente, foi omittida uma linha que deixa a phrase sem sentido: tratando dos emprestimos externos dos Estados foi escripto: “as contingencias politicas intervêm, e a fazenda federal não se pôde defender. A solução está na emenda proposta restricta, etc. etc.”.

VI

Elevar a 150.000 a quota da população com direito a eleger um deputado, é manter a situação actual, já que possuímos uns trinta milhões de habitantes. O artigo

constitucional está mais bem redigido, pois não fixa o contingente de 70.000, mas declara: "proporção que não excederá" desse limite".

A ser aceita a modificação, conviria alterar a redacção no mesmo sentido, mais elastico, mais previdente, do que a rigidez do novo texto.

Preferiríamos, entretanto, ver subir a 300.000 p quociente eleitoral. Voltariamos, é certo, a camaras de 100 a 110 deputados, vantagem em todos os sentidos. Não abundam capacidades de legisladores, e o peso morto dos inúteis, nas assembléas, perturba e impede o trabalho real dos competentes e dos estudiosos.

A emenda seguinte é perfeitamente comprehensivel. O serviço de Estatística está organizado, e nelle se prevê a periodicidade dos Censos. Inútil, pois, figure na Constituição.

Na corrigenda n. 13 relativa ao artigo 29, esclarecida fica uma duvida, que por varias vezes se levantou no Senado sobre a iniciativa das leis-de impostos. Incluir nominativamente os orçamentos, faz cessar a controversia.

O mesmo serviço prestam as novas redacções das emendas ns. 14 e 15, no tocante á elaboração orçamentaria e ao modo de regular o commercio internacional e o interno. No primeiro caso, vem incluída a idéa pela qual já nos batemos em documentos publicos da prorrogação automatica do orçamento anterior, quando a 31 de Dezembro não estiver votado o novo. A formula, comtudo, é incompleta e de previsão insufficiente. Póde haver na lei anterior disposições imperativas, já cumpridas, e que não convenha renovar. Prorogando-as, ir-se-ia praticar um "bis in idem" desaconselhavel, talvez. Fôra prudente accrescentar: "tornando-se méras autorizações os dispositivos obrigatorios deste". Na segunda emenda, crêa-se o direito de

limitar o escambo conforme exija o bem publico. Não estará tal faculdade, necessaria aliás, abrangida no direito de regular o commercio?

Na emenda n. 16, amplia-se o direito de legislar, para os rios publicos sobre o uso e a navegação, em vez de restringil-o á navegação, como ora acontece. Merece apoio.

Na modificação immediata, sobre a fixação da lei de forças, vem inserta a mesma providencia de prorogar a lei anterior, quando não votada a tempo a do exercicio para o qual se estipula. Do mesmo modo, cumpre prever as disposições taxativas.

A emenda 17 é logica, e decorre da extinção da guarda nacional. Traz vantagens.

VII

Ao art. 34, oito emendas se apresentam. Duas melhoram a redacção do Estatuto, sem lhe alterar a essencia das disposições, as de numeros 20 e 21. Outra, que sinceramente devem applaudir todos os partidarios do Brasil uno, a de n. 19, consagra a unidade do direito processual. E cinco, de n. 22 a 26 são additivas.

Não é bem claro o que visa a providencia contida na primeira. O preceito de legislar sobre o ensino superior e secundario é comprehensivel. Tambem o é, do ponto de vista da officialisação, o prohibir a concessão por lei especial de faculdades ou favores a institutos que não obedeçam ás regras e ás obrigações geraes da lei commum: é um typo especial de ensino que se quer crear e manter. Si é vantajoso, ou não, tal paradigma official, ou é preferivel a concorrência de diversos padrões, é questão diversa. Confessamos nossa preferencia pela livre competição dos systemas. O trecho ultimo da emenda, porém, parece

obsuro: pela parte primeira, só pódem ser concedidos favores e faculdades a institutos identicos aos officiaes; só esses, pois, são os "institutos particulares" da parte final. Dos que se afastam de tal typo não cogita a reforma. Dado que aquelles sejam identicos aos estabelecimentos federaes, como negar-lhes o direito de conceder diplomas com o privilegio inherente aos titulos da União? Não parece justo.

A emenda seguinte, prohibindo licenças, aposentadorias ou reformas por leis especiaes, é de grande vantagem, e acaba com esta face da epidemia dos favores pessoaes. Conviria completar a providencia, prohibindo egualmente as reversões ao serviço activo de quantos deste se acham afastados.

O additivo n. 24 reflecte o facto novo occorrido depois de 1891: a aquisição do Acre. Justo, mas incompleto, deve ainda prever a elevação do mesmo á categoria de Estado.

Combinando a emenda n. 25 com a nova redacção do artigo 6.º e a emenda 45, que dá ao Supremo Tribunal a competencia para "reclamar do poder executivo a intervenção nos Estados, para assegurar a execução das sentenças federaes (art. 6.º, numero 4)", vê-se que o intuito é solver o problema posto desde a primeira intervenção: a quem cabe intervir? O poder executivo, pela nova redacção, só poderá fazel-o por si só nos casos dos ns, 1, 2, 3, e parte final do 4. Ahi, uma questão delicada surge. Nas hypotheses do n. 3, ficará excluida a competencia dos outros poderes? Será dar mãos livres aos excessos partidarios, quando despido de escrupulos o governo federal, ferindo de morte a federação.

O acrescimo do n. 26, theoreticamente justo e, como tal, merecendo approvação, tem alcance pratico quasi nullo, no regimen em que temos vivido, de congressos incapazes de resistir ao executivo. Melhor, portanto, apparelhar

as emendas, especialmente, a que se refere ao artigo 6.º n. 3, de modo a prevenir o abuso, de preferencia, depois de praticado, censurar e responsabilisar quem abusou.

VIII

Merece inteiro applauso a providencia da emenda 27, ao artigo 35. Vem solver problemas muito sérios, inclusive o da nacionalisação dos immigrantes nas zonas em que dominam, formando nucleos alienigenas, em vez de se incorporarem á nação. Ainda permittirá criar, por programmas bem estudados e com o auxilio imprescindivel de escolas primarias superiores, desconhecidas por erquanto entre nós, o professorado primario indispensavel para instituir, manter e diffundir a religião da Patria, tão necessaria para propugnar a unidade nacional.

As emendas ao artigo 36 serão verdadeiramente constitucionaes? Mais parecem de elaboraçao regimental das leis de meios. Nestas tem sido feita a legislaçao financeira do Brasil desde a Independencia. E as prohibiçoes, de que ora se querem fazer pontos de fé constitucional, perdem de valor, com a excellente proposta do véto parcial (emenda 30), á qual se associam, plenamente convencidos da utilidade da medida, quantos tenham conhecimento, ou experimentaram os effeitos, do que são as votaçoes de ultima hora na feitura dos orçamentos.

Vale a nova redacção lembrada para o artigo 40 (emenda 31) como processo de methodisar e melhorar o trabalho de confecção das leis.

As duas modificações do artigo 41 e a do artigo 42, connexas como são, levantam a questão; convém separar ou então solidarisar os dois termos do "ticket" eleitoral para o preenchimento dos dois primeiros cargos executivos?

Argumentos de valor podem ser adduzidos, lealmente, para ambas as soluções. Solidários os dois nomes, representam a opinião partidária do paiz em dado momento; facilitam e economisam, no processo sempre trabalhoso e difficil de consulta ao eleitorado. Evitaria, o novo systema, os curtos periodos presidenciaes dos eleitos para preencherem vaga, e assim fortaleceria o prestigio e a acção destes. Por outro lado, reduziria o vice-presidente a um méro funcionarió eleitoral, incumbido de presidir ao pleito de escolha. A' fraqueza inherente a todo governo interino e transitorio, accresceria a declaração constitucional de sua incapacidade de adinistrar de fórma definitiva. Má recommendação de um chefe de Estado, mesmo ephemero, o mal é maior do que o do processo actual. Além do que, não dá logar a que se revelem homens de Estado, e a pratica, em nossa terra, nos cita os exemplos de Floriano, Manoel Victorino e Nilo, para só falar nos mortos. Preferivel, parece, não mudar de methodo.

Vantajosa, a emenda 35. De accordo com seu intuito, e com as observações feitas linhas acima, não vemos utilidade na modificação immediata, de n. 37; antes a substituiriamos por outra, relativa ao paragrapho 1.º do artigo 43, na qual se estipulasse a inelegibilidade do vice-presidente para o periodo presidencial seguinte, quer ao mesmo cargo, quer ao de presidente, si tivesse exercido o governo no ultimo anno.

E quanto ao paragrapho 4.º seria simplesmente eliminado.

IX

Offerece melhoria e inconvenientes a mudança da data da eleição presidencial. A agitação politica que precede á escolha dos candidatos é um grande mal para o

governo no poder, e para o serviço publico, por diminuir a auctoridade do chefe da nação.

Passando de 1.º de março a 2 de julho, são quatro mezes de crise a menos. O perigo está em outro ponto: dados em 2 de julho, os votos se sommarão nas capitães dos Estados; chegarão as actas geraes ao Rio, e a 1.º de setembro, admittamos, começará a apuração geral pelo Congresso. Restariam menos de tres mezes para tal trabalho, que, os Annaes o provam, tem por vezes, em eleições renhidas, durado por prazo maior. Situação dessa ordem é inaccitavel para o prestigio do novo governo, ameaçado de não ser reconhecido a tempo, nem ter o prazo preciso para escolher auxiliares e definir seu programma de acção. Uma modificação parallela do regimento do Congresso será necessaria, para não assistirmos a novas apurações que durem dois ou tres mezes, além de 15 de novembro, portanto.

A emenda n. 38 decorre logicamente do plano traçado quanto ás intervenções. Sofre, a nosso ver, dos mesmos males, que apontamos no tocante ás modificações propostas na emenda n. 2.

Não nos parece aconselhavel a lembrança da emenda n. 39. Compromisso entre o presidencialismo e o parlamentarismo, é infecundo como todos os hybridos.

Pelo systema em vigor, o Executivo pôde entender-se com o Congresso por mensagens e officios informativos, e, além disso, sendo os ministros ouvidos pelas commissões e pela totalidade das Camaras, reunida cada uma em commissão geral, que os regimentos podem crear.

Nesse ponto, nada innova a suggestão. Si, entretanto, comparecem para debater e sujeitar-se aos votos, mais franco seria declarar-se o parlamentarismo. De facto, os ministros iriam ás Camaras nas peores condições: fóra dellas, tendo affrouxado os laços de collaboração dia-

ria, não disporem dos mesmos factores pessoais de persuasão e conhecimento psychologico do meio; mais vulneraveis, portanto, ás insidias dos "bons petits camarades", candidatos ás vagas que deixassem nos ministerios. Dariam origem a se multiplicarem os attritos entre governo e legislativo, desde que não fosse muito intimo o accôrdo entre elles, coisa que a Constituição actual attenua e resguarda.

São melhores do que as actuaes, as novas redacções propostas para o artigo 52 paragrapho 2.º e para o artigo 53.

X

Na emenda 42, além de melhor redacção dada ao artigo 57 da Constituição, vem solvido um problema delicado, no sentido propugnado por muitos dos melhores espiritos entre os estudiosos da nossa organização judiciaria: os tribunaes regionaes, como meio de alliviar a tarefa realmente exhaustiva do Supremo Tribunal, dado o processo hoje seguido. Na de n. 43, se preenche a lacuna existente quanto ao julgamento dos ministros dessa corporação. Actualmente só tem juizes para os crimes de responsabilidade: o Senado. E para os demais? Consequencia da primeira é a 44, que define o recurso para as questões julgadas por tribunaes regionaes e juizes. Todas as tres, portanto, optimas medidas complementares do nosso edificio politico.

A modificação seguinte, sob o n.º 46, melhora a redacção actual, eliminando a dualidade vigente "tratados e leis federaes". Os tratados, pela approvação do Congresso, tornam-se leis obrigatorias "erga omnes", nas mesmas condições destas. E, na hypothese do artigo 59 § 1.º, a), os casos previsiveis de conflicto são os enumerados na nova redacção.

Com a unidade processual, desaparece o choque entre as leis adjectivas dos Estados. Os litigios dão-se entre sujeitos de capacidade jurídica civil, habitantes, e não entre os de capacidade politica, cidadãos. Além do que, só temos cidadãos *brasilceiros*, não cidadãos *estadaoes*. Razões de sobra para approvar a corrigenda 47.

Propõe-se eliminar, no artigo 61, a antinomia entre elle e o 59 § 1.º a) e b), este permittindo e aquelle negando o recurso á justiça federal, nas mencionadas hypotheses a) e b). Vantajosa, pois, a emenda 48.

A experiencia demonstra não ser inutil a providencia da 49. Talvez, entretanto, vá longe de mais, no que diz respeito á perda do mandato representativo. Tal pôde fazer, tão sómente, o mandante, isto é, o eleitorado, o que votou no mandatario, e não outrem. Pela difficuldade pratica do processo de consulta, não figura a revocabilidade na lei eleitoral da generalidade dos paizes.

Dar, porém, o poder de cassar o mandato a outros que ao corpo eleitoral, é despropósito em que convém meditar, antes de o pôr em pratica. Si uma Camara, violenta e com maioria arbitraria, para suffocar vozes discordantes, inventar um processo ou um alçapão que as supprima, não deverá ser garantida a vontade dos que constituíram taes deputados da minoria?

XI

A definição dos principios constitucionaes, a serem respeitadas pelos Estados, parece completa. Certos dispositivos vão exigir se remodelem as Constituições estadaoes, taes os das letras f) e g).

A inelegibilidade do presidente e do vice-presidente, a duração do mandato por prazo não maior que a dos cargos correspondentes na União, estão ausentes em mui-

tas destas ultimas. Mas convém esclarecer o caso: inelegibilidade para que? para o periodo seguinte? mesmo si o vice-presidente não tiver exercido o poder no ultimo anno? para a presidencia da Republica? Ambas as prohibições serão vantajosas, e evitariam muitos conchavos contra o interesse nacional.

Do mesmo modo, a duração do mandato legislativo. Em varios Estados, é de quatro annos para a Camara e oito para o Senado. Será preciso modificar taes prazos portanto.

Bôa providencia a de n.º 51. Põe termo a reclamações ociosas, que, uma vez por outra, se fazem ao governo federal sobre os proprios nacionaes. Systematicamente a resposta se dá no sentido de que, votado o Estatuto, passou a oportunidade, mantendo-se a situação de facto daquelle momento. Tal indeferimento, a emenda sanciona e consolida, e vale esta por uma defesa da União contra o assalto de pretensões descabidas.

Pena é que se não aproveite a revisão para dar ao Districto Federal uma organização analoga á de Washington. Os males decorrentes da existencia do Concelho Municipal, de seus conflictos permanentes com os prefeitos, ha um seculo estão a pedir remedio radical. Este, só o modelo norte-americano pôde dar. Perde-se occasião admiravel de prestar á Capital da Republica o melhor e maior serviço que se possa imaginar.

Curiosa, a nova redacção do artigo 68. A Constituição vigente limita-se a assegurar a autonomia municipal, nos assumptos de seu peculiar interesse, e deixou ás circumscripções traçarem as linhas de tal organização. Agora, pela emenda 53, se cerceia tal autonomia quanto possível. Preliminarmente, parece ser isto ambito dos poderes dos Estados.

Em contrario á emenda 49, que véda recurso judicial á verificação de poderes dos membros do Legislativo, auctorisase o mesmo recurso quanto aos vereadores. O Congresso federal annullará actos e deliberações que firam a Constituição e as leis, quer federaes, quer locaes, e os direitos de outros municipios. Que mistura de competencias! Quantos conflictos em perspectiva! E' voltar ao Acto Additional com todos os inconvenientes que motivaram a sua lei interpretativa, ferida a federação pelo golpe vibrado em um de seus aspectos essenciaes, o município livre.

Na mesma emenda, as letras *c*) e *d*), uteis, é certo, embora a titulo excepcional, cabem antes na competencia dos Estados. Um pelo menos, Minas, já a exercitou nesse mesmo sentido, e com vantagem: Teria sido um acto inconstitucional? Não nos parece.

XII

Profunda, a modificação feita, ao enumerar os cidadãos brasileiros de origem estrangeira.

Actualmente, regem tal ponto os ns. 4 e 5 do artigo 69, pelos quaes bastava o silencio do estrangeiro para se inferir que, nas condições dos incisos, queriam naturalisarse. Os conflictos diplomaticos que dahi se originaram não foram poucos. Além do que, nacionalidade e patria não se inferem: derivam, "grosso modo" do nascimento, da lei local, da vontade do sujeito. Bem faz a emenda 54 em substituir a formula negativa vigente, por outra, affirmativa da expressa deliberação do naturalisando. Isso, para o futuro. Põe termo, por outro lado, aos casos duvidosos, pois exige ter o estrangeiro de origem o titulo declaratorio de naturalisação; e aqui alarga o conceito para os que se achavam no Brasil em 15 de novembro de 89; pois permite o solicitem dentro do prazo de um anno

a partir da promulgação da reforma. Melhora ainda, a menção do n. 6 do mesmo artigo, definindo as condições da naturalisação.

Caberia aqui, seguindo os artigos constitucionaes, suggerir uma providencia nova, quanto ao artigo 70, sobre a capacidade eleitoral. Presentemente, apenas se excluem do corpo de votantes: os mendigos; os analfabetos; as praças de pret, exceptuados os alumnos das escolas militares de ensino superior; os religiosos cujos votos implicam a renuncia de liberdade individual.

Quizeramos ver incluir um motivo de recusa: o dos brasileiros que, salvas as excepções legaes, não estejam quites com o dever nacional da defesa do paiz. A caderнета de reservista, de qualquer das tres categorias vigentes, deve ser elemento essencial para se conferir o titulo de eleitor. Quem sabe quantas irregularidades se commettem, por politicalha, nas juntas alistadoras militares, pôde avaliar o golpe de morte que, com tal medida, se daria nos abusos. Democratisa o exercito. Acaba com os refractarios. Interessa ao paiz todo, em que não haja insubmissos. Solidarisa a conveniencia das organizações politicas com a inilludivel exigencia de formar um exercito nacional.

Eleva o conceito do serviço militar, fazendo depender do respeito á lei, que define e institue, o privilegio de collaborar na direcção das coisas publicas. Em nada augmenta os effectivos, ou os deveres pessoases de presença na fileira, pois estes em lei especial se acham regulados. Assegura e normalisa o sorteio.

XIII

Na proposta reforma, recebeu a declaração de direitos dez emendas. Algumas são vantajosas. Taes as de numeros: 56, que exprime mais claramente a liberdade

de circulação e das pessoas e das coisas em tempo de paz; 59, que melhor define a liberdade profissional; 61, que firma a universalidade de incidencia dos impostos, e põe termo a extranhas excepções que, inda hoje, perduram; 64, que regularisa a organização dos serviços, e evita reformas impensadas ou de méro interesse pessoal.

Talvez, mesmo, nesse computo se possa incluir a 65, declaratoria de que as garantias asseguradas aos estrangeiros dependem da reciprocidade concedida aos brasileiros e que uma lei definirá a quem se poderão applicar.

Quanto ás demais, restricções muito serias convém sejam feitas.

Assim a emenda 57 vem levantar uma interrogação grave. Actualmente, salvas as limitações legais a bem da industria mineira, solo, sub-solo e minas pertencem ao proprietario do solo. Foi um erro da Constituição. Mas já está feito, e, pela garantia plena dada ao direito dominical, a concessão infeliz está incorporada ao patrimonio de cada qual. Para todas as terras, já em mãos de proprietarios legitimos, como estabelecer a nova restricção de direito que a emenda propõe: "inclusive a de sujeital-as (as minas) á exploração pelo governo federal ou por concessão deste, reservada parte dos lucros ao proprietario, no caso delle não iniciar ou abandonar a exploração das mesmas?"

Note-se que a medida seria boa, por ella nos bateriamos, si não houvesse uma situação juridica anterior, irremovivel, ao nosso parecer: a da Constituição vigente, pela qual a mina se tornou accessorio, em termos, da propriedade do solo.

Parece que o novo mecanismo proposto só se applicará aos terrenos sem dono, ás terras devolutas, isto mesmo si precederem accôrdo e annuencia por parte dos Estados. Nas terras do dominio da União, nada innova:

esta já é situação presente. Aos chãos no domínio particular não se estenderá, pois está garantida a plenitude da propriedade, esta intromissão violenta da União: só, indemnizados os donos da mina, se poderá realizar. Limitado alcance, portanto, que nada adianta no direito vigente.

Quanto á parte final, é simplesmente inexecuível: “Não poderão ser transferidas a estrangeiros as minas e jazidas mineraes bem como os terrenos em que as mesmas existirem”. Além de ser nova limitação ao direito do proprietário, á qual póde resistir enquanto não fôr indemnizado, como impedir as simulações? Como prohibir a compra por Companhias nacionaes, sendo depois as accções vendidas a estrangeiros?

E porque, tão estreito exclusivismo? Veja-se o quadro de nossa actividade mineradora: e responda-se, em consciencia, si não foi valiosa a collaboração alienigena?

Os intuitos inspiradores da suggestão — garantir para o paiz, determinados haveres mineraes — encontram meios de solução em outro rumo, no da legislação fiscal e no desenvolvimento da industria nacional.

Nunca, neste tacanho programma de xenophobia.

XIV

Sente-se que o motivo pelo qual se apresentou a emenda 58, relativa ao “habeas-corpus” foi restaurar o primitivo conceito do instituto, a liberdade de locomoção. Lícito é indagar si representa progresso, tal volta ao passado. O latitudinarismo da interpretação do Supremo Tribunal o transformou, não na essencia, mas em seus effeitos praticos, em uma quasi garantia possessoria para uma série de questões, politicas em sua maioria, ás quaes se não applicava o remedio legal. Foi deturpação eviden-

te. Mas, insistimos, valerá a pena regredir á pureza pristina?

Convém não olvidar que assim ocorreu, como defesa de direitos cujo desconhecimento, por parte do poder publico, trazia forte eiva partidaria e representava o excesso de periodos, em que paixões exaltadas ultrapassavam limites da lei e da moral.

Taes factos são eternos, e durarão enquanto viver a humanidade, sujeitos apenas ás oscillações do poder sobre si mesmo que conferem a educação social e a maioridade politica dos conductores de homens.

Que possibilidade de exito tem a nova formula? A doutrina hoje corrente em materia de "habeas-corpus" no Brasil partiu da mesma base, e o paragrapho 22 do artigo 72 da Constituição só encarava o liberal "writ" por essa face da liberdade de ir e vir. A construcção continua e uniforme que dá vida, altera, augmenta, diminue e golpeia de morte a todos os productos da intelligencia humana, o progresso, em summa, exerceu-se tambem nos tribunaes, e deu em resultado, neste caso, a interpretação conhecida. Não se dará o mesmo, com a nova redacção, quando se considerar o direito de locomoção elemento essencial, inherente á pratica ou a prohibição determinadas faculdades, politicas ou outras?

Não se vê bem a necessidade da emenda 62. Não é o direito de expulsar do territorio nacional a individuo indesejavel, um attributo de soberania? Como tal, precisará realmente figurar na Constituição? Mas, a ser conveniente ali incluil-o, convém dar aos requisitos para expulsão amplitude maior do que o perigo para a ordem publica, ou a nocividade aos interesses da Republica. Podem surgir casos outros: os de caracter internacional, por exemplo. E não deve o Executiyo ficar desarmado, em tal hypothese.

XV

Na emenda numero 60, a unica modificação feita no texto constitucional consiste em redigir "os que accitarem titulos nobiliarchicos ou condecorações estrangeiras" em vez de "os que accitarem condecorações ou titulos nobiliarchicos estrangeiros." Será para permittir accitar condecorações nacionaes. A idéa parece boa; mas, accitzando as nacionaes, porque repellir as outras? Pessoalmente, achamos egualmente desinteressante combater as ordens honorificas, e propugnar seu estabelecimento. Do ponto de vista de governo, porém, reconhecemos as vantagens dellas, desde que não envolvam concessão de privilegio ou de excepção.

Vantagem é o assignalarem aos que, por serviços prestados ao paiz, dentro ou fóra d'elle, mereceram prova publica de gratidão. Ainda, o provar o reconhecimento nacional a estrangeiros, aos quaes se não póde pagar em moeda a collaboração prestada. Constituem estimulo moral muito alto, pelo qual se fazem sacrificios sem conta.

Mesmo entre nós, indirectamente foram restabelecidas, com as medalhas militares, as humanitarias, os premios de varias categorias. Restabelecer, sem fóros especiaes nem privilegios, as antigas ordens, seria excellente acto de governo. Para isto, bastaria eliminar, no paragrafo 29 do artigo 70, todo o trecho referente a condecorações, e limitar a perda de direitos politicos aos que por allegadas crenças religiosas, se eximissem dos onus impostos aos cidadãos.

Não comprehendemos o additivo, sob numero 63, prohibindo transferir a estrangeiros terras situadas a menos de sessenta kilometros das fronteiras ou menos de vinte de margem dos rios navegaveis; podendo ser expro-

priadas as que actualmente estejam sob o dominio extranho.

Nesta ultima parte, ha redundancia e vicio de redacção. Redundancia, porque a Constituição prevê, de modo geral, a desapropriação por utilidade publica. Vicio de redacção, porque parece que só podem soffrer expropriação as terras pertencentes a estrangeiros; que não são a mesma coisa que o "dominio estranho", note-se de passagem.

Na primeira parte, nada se consegue e nada se innova. Realmente, sendo util á communhão, sempre se pôde desapropriar. E em vez de se transferirem taes terras a pessoas physicas, sei-o-ão a pessoas juridicas nacionaes, firmas, empresas ou companhias, cujas acções pertencerão a estrangeiros. Por outro lado, pensar-se-á, por acaso, em prohibir que alienigenas sejam proprietarios em Nitheroy, Rio, Santos, Recife, e outras cidades á beiramar, ou nas de beira-rio navegavel? A redacção da emenda assim estipula, pois fronteira é tambem a orla littoranea do Atlantico.

A solução é outra: occupar militarmente os pontos interessantes das fronteiras; instituir ahi servidões militares, e, acima de tudo, sermos fortes, de facto, e não em discursos ou no papel.

XVI

Com excellentes intuitos, embora, precisa ser corrigida a nova redacção proposta para o artigo 74 da Constituição. Nem só pôde entrar em conflicto com disposições legaes vigentes e reconhecidamente boas, como será embaraço, no ensino technico e profissional, a uma tendencia que, de annos a esta parte, se accentuou com o fito de vitalisar e tornar mais proximas á realidade da vida as investigações scientificas.

Nada a dizer quanto á magistratura e aos serventurios de justiça. Já quanto a patentes militares, casos ha em que ellas se perdem, e, por isso, talvez conviesse acrescentar "de accordo com a lei", afim de manter as excepções.

Relativamente ao magisterio, entretanto, ha restricções a notar. Já no ensino militar, as cadeiras technicas se preenchem por commissão quinquenal, e o fundamento está em que deve haver intercommunicação permanente entre a pratica e a theoria: o lente, indo para a fileira renovar o contacto com a tropa; o official de valor, passando pela cathedra para divulgar o que a experiencia do commando lhe ensinou, e para methodisar por uma nova revisão scientifica os conhecimentos antigos, e os novos que adquiriu.

Tal systema é certo se ampliará ás escolas technicas civis. Com a multiplicação de obras publicas, construcções, estradas de rodagem e vias-ferreas, portos, minas e outras, surgirá a necessidade de grupar, em organização estavel, os corpos de engenheiros de pontes e estradas, de minas e explosivos, de portos. Vê-se quanto será util, então, destacar periodicamente os profissionaes mais notaveis, para transmittirem aos discipulos das grandes escolas o cabedal por aquelles adquiridos na realização dos serviços. Passado certo prazo, voltariam a chefiar commissões praticas, e, com seus estudos scientificos renovados, imprimiriam aos trabalhos que dirigissem novo impulso, mais consentaneo com os progressos technicos que houvessem investigado.

Conviria, pois, resalvar esta hypothese. Bastaria, aqui tambem, fazer allusão á lei reguladora, e, nesta, distinguindo as cadeiras estrictamente profissionaes das disciplinas geraes, firmar o melhor regimen pedagogico.

Assim se fez para o ensino militar com vantagem para as forças armadas.

A alteração lembrada pela emenda 67, quanto ás aposentadorias, moralisa um instituto, em que tem sido demasiada a fraqueza na concessão de favores pessoaes.

XVII

O systema das emendas referentes ao estado de sitio, sob numeros 68 e 69, vale pela organização constitucional do despotismo.

Que haja quem, honestamente, as proponha, ainda se comprehende; não ha fronteiras mentaes para as opiniões, e illimitadas são as variantes no poder cerebral e na capacidade moral dos homens. Mas que, em torno dellas, se firmem a maioria dos pareceres e o consenso dos brasileiros, será realmente para admirar.

Não se discute a necessidade do estado de sitio. E' um mal, mas um mal indispensavel em determinados periodos. Por isso mesmo, convém cercal-o de precauções, que resguardem direitos imprescriptiveis, inherentes á dignidade humana.

Isto fez a Constituição, prevendo, com acertada psychologia, a tendencia natural do poder sem contraste para degenerar em abuso e tyrannia. Dahi, limitar as faculdades extraordinarias, e, no caso de perigarem interesses superiores, quer do individuo, quer da collectividade, armar estes do remedio juridico para serem respeitadas. O equilibrio, assim, é perfeito entre a razão de Estado, a exigir medidas de excepção, e a dignidade de homens livres, providos dos recursos para proscreverem violencias inuteis.

Que se propõe agora? Manter integralmente o appellido, repressor e preventivo, e isto é justo e prudente;

mas eliminar o systema equilibrador, destinado a evitar as demasias. É isto, do peor dos modos: "suspendendo-se ahi (em qualquer parte do territorio nacional) o "habeas-corpus" absolutamente, e as demais garantias constitucionaes especificadas no decreto", accrescentando-se: "na vigencia do estado de sitio, os tribunaes não poderão couhecer dos actos do poder legislativo ou executivo praticados em virtude d'elle". É a "inort sans phrase", do julgamento de Luiz XVI.

Ocioso, rememorar a facilidade com que se decreta e prolonga a vigencia do sitio. Não é gratuito, imaginar um quadriennio em que seja situação permanente. É durante todo esse periodo ficarão sem garantias os direitos individuaes? Inutil argumentar com o "praticados em virtude d'elle". Nisto se baseou São Paulo, em dias recentes e (aliás, com intuitos elevados), para alterar a distribuição das competencias em materia de administração municipal, para attender á crise de energia electrica. Revogou a Constituição, baseado no sitio. Não houve protesto, porque se tolerou o motivo invocado, de salvação publica.

Mas quando se tratar da vida de todos nós, na lucta diaria, será admissivel regimen tal, que só encontra paralelo na Russia dos tzares, ou na loucura sanguinaria da "tcheca" bolchevista?

XVIII

A ultima emenda de n.º 70, trata das forças armadas, e, melhor do que o texto em vigor, define o modo pelo qual se comporão.

Um ponto, entretanto, merece reparo.

Enquanto, em terra, o serviço de prazo curto permite formar soldados, a bordo é muito menor a percen-

tagem dos aproveitaveis pelo sorteio, tal a intensa especialisação hoje exigida pela marinha de guerra. Fainas ha, é certo, nas quaes em periodo curto se pôde preparar um sorteado. Mas para todas as especialidades, a aprendizagem é forçosamente longa. Neste decurso de tempo, o valor dos serviços prestados pelo aprendiz é bastante menor do que o custo de seu ensino; deve pois a indemnisação decorrer de uma permanencia mais longa nos effectivos. Tambem, ao contrario do que se dá no exercito, em que só ha vantagem de engajar e reengajar inferiores, nas machinas navaes de guerra é de toda conveniencia ficar o pessoal 12, 15 ou 20 annos.

Tudo, no presupposto de se tratar de gente já afeita ao mar, sabendo navegar a vela e a remo, resistente ás intemperies e ás agruras da vida embarcada. Exactamente, as characteristics de nosso numeroso pessoal de marinheiros natos, que são os pescadores, tão mal aproveitados até hoje.

Quando ministro o almirante Julio de Noronha, salvo erro de memoria, se deu começo á organisação systematica desse aproveitamento, sendo iniciada então a inscripção maritima. Idéa fecunda, que custa admittir tivesse sido abandonada, antes mesmo de ensaiada.

Não seria agora occasião opportuna de reviver a questão, e de incluir as populações praieiras, do mar e dos rios, como nucleos de inscriptos maritimos, elemento formador do pessoal da armada, a titulo igual ao da marinha mercante?

As escolas de aprendizes, por si sós, não bastam, e recrrer ao voluntariado nem sempre fornece a melhor gente e a mais disciplinada, quando, cada vez mais, a bordo, a condição essencial de eficiencia e de segurança reside no valor moral das tripulações.

XIX

Terminada esta summaríssima resenha das alterações, propostas para melhorar e corrigir pontos que a pratica mostrou mãos ou deficientes na Constituição, convirá olhar de mais alto, e encarar o principal defeito do apparatus governativo do Brasil: a falta de continuidade nas administrações.

Vivemos em crises periodicas quadriennaes. Quando o novo presidente conhece a administração federal, e o pessoal, politico, professional e administrativo, com que tem de lidar, começa realmente a trabalhar desde o primeiro dia da posse. Mas, sem falsas lisonjas, esta não tem sido a regra constante. Redobra a gravidade da situação, quando os auxiliares tambem vão fazer sua aprendizagem nas pastas, não estando para ellas preparados por fortes estudos anteriores: é o caso geral das escolhas meramente politicas. Chegando em vesperras da successão, nova crise se declara com a agitação das candidaturas. Feliz o paiz si, do quadriennio, tres annos são de facto aproveitados para tratar de seus interesses permanentes.

Onde a causa do mal? no regimen de crises e de discontinuidade, adoptado como processo normal.

No Imperio, o chefe da nação, O Senado e o Concelho de Estado eram institutos permanentes, creadores e mantenedores da tradição: senhores dos negocios publicos desde suas origens, e delles tratando com insuspeição, patriotismo e criterio, cada qual á luz de suas convicções. Os legados que nos deixaram, nos pareceres, nas consultas do Concelho de Estado são monumentos de erudição, clarividencia e senso politico.

Na Republica, onde tudo muda, é transitorio, em periodos reduzidos, mais do que em outro qualquer sys-

tema, um órgão que conservasse a tradição, accumulasse a experiencia adquirida nos governos successivos, viria dar contrapesos ás forças dispersivas que, com facilidade demasiada, proliferam em tal fôrma de governo. Viria fortalecer os factores de cohesão, que tanto diminuiram com o surto de liberdades de todo genero.

Hoje, o unico elemento permanente, élo entre as administrações que se revezam, são os "bureaux", dictadura anonyma, fortissima pela inercia, especializada de mais em suas funcções proprias para possuir a visão de conjuncto que deve caracterisar aos homens de Estado.

E' indispensavel crear um corpo méramente consultivo, em que convirjam as melhores e mais altas capacidades de governo, capacidades no sentido technico, no politico, e no da experiencia de conduzir os homens e de manejar os negocios publicos. Cercar este órgão de garantias de independencia dos poderes officiaes, com membros vitalicios. Delle deveriam ser membros natos os antigos presidentes e vice-presidentes da Republica; os demais, seriam nomeados pelo Executivo, com approvação do Senado.

A Republica não póde dispensar um Concelho de Estado assim constituido.

Nenhum, momento mais proprio para o crear do que o actual, em que se cogita de reformar a Constituição.

EMENDAS RELIGIOSAS

OS ELEMENTOS BASILARES DA NOSSA FORMAÇÃO

A recente agitação causada, dentro e fóra do Parlamento, pelas chamadas emendas religiosas, merece o maior respeito, principalmente por parte daquelles que lhes apontam os inconvenientes. Nada tem de artificial, tão evidente a sinceridade de suas origens e de suas manifestações. O que possam ter de improprio, talvez provenha de estarem, em parte, deslocadas.

Fornece tal movimento de opinião oportunidade preciosa, entretanto, para convidar á reflexão os homens de boa vontade, sobre o possivel desacerto que revela na visão politica e na orientação conductora de seus chefes.

Os homens de boa vontade e de animo religioso, devemos acrescentar: aquelles que sentem e comprehendem a significação profunda desse ultimo qualificativo, a que consiste em formar uma unidade completa, na vida do individuo como na regencia da sociedade, entre os sentimentos inspiradores, a elaboração mental directora e a actividade pratica realisadora. O duplice liame expresso no *religare*, de que deriva.

Em carta celebre escripta ao imperador Guilherme I, em pleno apogeu do kulturkampf, Pio IX lembrava que o baptismo bastava para incluir no vasto gremio catholico os

dissidentes das variações protestantes. Demonstrava, assim, a larga norma liberal, acolhedora e maternal da Igreja.

Não é missão espiritual, extinguir e matar; si não convencer, persuadir, aggremiar e unir. É a secular tradição *de propaganda fide*, na qual se inscreve o sublime martyrologio dos missionários da fé, que padeceram e tombaram por seu ideal.

Como duvidar, portanto, do animo apostolico, fraternal e despido de interesse terreno, dos que pugnam pela conquista moral das almas, pondo no Alto, e não nos appetites subalternos, á luz guiadora da existencia? Fraquezas individuaes pôde haver, e ha. Que valem, entretanto, ante a immensidade do escopo e a belleza da sua realisação? E que juizo se formulará, em consciencia, dos que só enxergam as falhas, esquecendo os triumphos? Criticos do sol, só porque tem quasi imperceptiveis manchas. A tarefa é divina; a execução, méramente humana com todas as contingencias da fragilidade.

Sem entrar na analyse dos meios empregados, dos quaes muitos repugnam á mentalidade religiosa e social vigente, lembremos que, a ferro e fogo, Portugal logrou firmar em seus dominios a unidade confissional. O grande valor que isto representa, a força immensa que dali decorre, bem o sabem apreciar os que conhecem a supremacia dos impulsos espirituaes na vida, a soberania dos "imponderaveis" de Bismarck.

São, seguramente, essa communhão de crenças e a lingua una, dois dos elementos basilares de nossa formação historica e politica, os mais importantes, talvez. Nelles repousa a integridade do paiz. Condicionam, em parte, nossos destinos.

Em taes circumstancias, obvio se revela o dever de em nada agir de modo a enfraquecer condição tão essencial

á collectividade nacional. Não nos pronunciamos sobre o assumpto, como sustentadores de convicções que são nossas tambem: mas, exclusivamente, do ponto de vista agnóstico de governo do paiz.

O AGNOSTICISMO COMO O ENTENDEMOS

O agnosticismo, de facto, não é, nem pôde ser, uma attitude de ironia superior, de duvida e de negação. Seria desconhecer as irreprimiveis e insondaveis energias latentes dos factores psychicos, como guias da existencia, quer individual, quer agrupada.

Ao contrario da abstenção, mas sem preferencias, um dos deveres moraes e politicos dos conductores de homens consiste em amparar, favorecer e propugnar essa constante preocupação idealista, que tão directa e immediatamente reage sobre o desenvolver diario dos acontecimentos.

Minas, certamente um dos mais catholicos de nossos Estados não procedeu por fôrma outra, quando, ao fundar-se Bello Horizonte, doou um terreno a uma seita protestante para ser edificada uma casa de oração. Com o mesmo fundamento, do ponto de vista governativo, se justifica a collaboração carinhosa com auctoridades ecclesiasticas de credos outros.

O ponto em que a laicidade se deve afirmar, está em dar igual amparo e cooperação a todas as convicções. Como organ da collectividade, o Estado não pôde ter sympathias ou antipathias, mas deve ser igual protector e igual propugnador de todas. Na pratica, é certo, as manifestações de tal norma se proporcionarão ás solicitações dos respectivos grupos de fieis. E', pois, obra constructora, nunca

de perseguição ou de luta, o agnosticismo como o entendemos.

Da mesma fórmula de visão política parece ser, por parte de uma Igreja qualquer, com intuitos universaes, transformar em crise ou em hostilidade, o que representa apenas cumprimento de dever do poder publico para manter essa equanimidade confessional, esse proposito de guardar inteira isenção e animo imparcial no conflicto das crenças.

Maior avulta o equívoco, em se tratando do catholicismo, quasi absoluto senhor da actividade religiosa brasileira. Attribuir a espirito de combate méras divergencias na esphera governativa, no dever de separar o Estado, como tal, de qualquer affirmação de preferencias, não parece um acerto, no tocante á direcção das consciências fieis, do Brasil quasi todo, podemos dizer, em suas relações com o roteiro pratico e as normas de agir do organismo temporal.

Vale por crear um dissidio, acirrar pruridos de luta, semear germens de guerra, provocar reacções, onde existe, por bem nosso, a mais sincera harmonia, a paz da unidade e da collaboração confiante.

Nesse sentido, nos abalançamos a classificar de menos ponderado o ambiente pugnaz em que se quiz enterreirar o debate: *pró* ou *contra* a Igreja catholica.

Oecumenica, isto é, universal, tem esta em si propria, pela verdade que encerra, a força conquistadora, pacifica e meiga, que lhe tem valido e continúa a assegurar-lhe o permanente triumpho. Occurrencias transitorias não a demoveriam da marcha geral da evolução dos espiritos, e de contar com o auxilio do tempo: *patiens quia aeterna*.

REFLEXÃO QUE SE IMPÕE

E mais se impõe tal reflexão nesta phase de nossa vida historica, em que se vêem os resultados lastimaveis do affrouxamento das cogitações idealistas no periodo immediato á proclamação da Republica. Sempre a mesma ficção: o creador inicial, o auctor, deturpado e trahido em seu pensamento, pela obra do commentador, sem a mesma largueza de visão.

A separação dos dois mundos, o espirital e o temporal, feita ao impulso generoso do respeito á liberdade humana, á autonomia de pensar e de crêr; guiada pela gratidão do catholicismo que fez o Brasil, com o intuito de o libertar das peias que lhe impuzera o regalismo gallicano herdado de Portugal e continuado no Imperio, com gravissimos prejuizos para a Igreja e para o Estado; a separação, obra de clarividencia e de acatamento, transformada em instrumento oppressor dos cultos, quando encarada por espiritos menos esclarecidos de subalternos sem horizonte.

Dahi no ensino, abolida a moral, a preoccupação exclusiva de um utilitarismo rasteiro. O ideal do bem, substituído por uma norma de interesse. O provento egoista, o progresso material do conforto e da riqueza, em lugar da noção grave e alta do dever para com o Creador e com o semelhante. Como evangelho, livros de deve e haver; no ponto de que deveria irradiar a luminosa lição do Sermão da Montanha.

Nesse ambiente de obscuro e nefando e duro sensualismo, se formou a geração que hoje chegou á idade viril, e está dirigindo o Brasil. Tal a origem da crise moral em que nos debatemos, em todos os terrenos. A utilidade immediata, o goso concreto, a repulsa do soffrimento redem-

ptor, a negação do espirito de sacrificio, a exaltação do *eu*, constituíram os artigos principaes do Decalogo da nova mentalidade. Ausencia de ideal, ou antes, ideal de *nouveau riche*.

Realmente, de certo ponto de vista, alcançaram-se notaveis successos. Sem favor se pôde dizer: no livro, na imprensa, nas sciencias nas artes, estamos assistindo a uma verdadeira e admiravel floração intellectual. Methodos de trabalho, processos de investigação, capacidade realisadora, avanços em todos os assumptos materiaes e intellectuaes, ostentam a victoria nesse rumo.

PRODUCTO DA EGOLATRIA

Victoria incompleta e dispersiva, entretanto. Como todo producto de egolatria, esquece o proximo para servir a propria individualidade. Ao bom e ao justo, sobrepõe o util. Torna mais intensa e menos ignorada a dominação material do mundo. Mas, como o novel de todo esse immenso e louvavel esforço não é o amor fraterno, sim a conquista de vantagens pessoas, vae, de gráo em gráo, exaltando as competições, aguçando os conflictos, collaborando para o advento de uma situação de luctas e de rivalidades, corporativas ou singulares, que certas escolas socialistas traduzem com exactidão. Guerra e negação de piedade humana, em vez da paz e da solidariedade que devem constituir o ideal.

E porque tão absoluto contraste entre a intellectualidade, ascendente, e a moral em declinio?

Porque cada qual trabalha para si ou para seu grupo. Não polarisa as sommas de parcelas individuaes largo alvo commum, um dever mais alto, acima do homem e da sociedade, sobre todos estendendo seu patrocínio espirital.

Desunião, rompimento, pulverisação e morte. Sobrevivência crua dos mais aptos. A dura lei do Faustrecht. Tal a méta do esforço material, sem a noção do dever moral.

A *entr'aide*, a solidariedade, a piedade, o altruismo, o justo, e, acima d'isto, o bom, taes os anseios pelos quaes trabalham aquelles, a quem anima sopro de humanidade superior, scintilla divina de luz.

Essa convicção profunda; o sentimento da continuidade histórica; a reverencia das crenças antigas que embalaram o berço de todos nós, e presidiram á formação do mundo occidental; tal conjuncto de factores permittiu reagir contra os excessos de adversarios, pouco numerosos mas audazes.

A OBRA DA EGREJA

A Igreja, hoje tão estranhamente accusada no Brasil de insufficientemente servida por seus ministros, não descansou, entretanto.

Máo grado difficuldades persistentes, pôde reavivar sentimentos religiosos amodorrados na quietude debilitante das situações adquiridas. E, graças a esse bene merito despertar espiritualista, pôde nossa terra, hoje, ostentar a ininterrupta progressão notada de 1889 para cá, periodo no qual tanto se caminhou para a fórmula conciliatória: as Igrejas livres no Estado livre. Não como adversarios, frente a frente; mas, como collaboradores sinceros, cada qual em sua orbita propria.

Deve o Brasil a esse indefesso labor, paciente e silencioso, de seu clero, quer o regular, quer o secular, a obra digna de veneração e de bençãos, que é o largo surto espiritualista crescente por todos os recantos de nossa terra. Reacção da qual, mesmo os pensadores nuenos sympathicos

á educação religiosa se devem regosijar, pois visa dar á vida normas mais elevadas do que a satisfação de interesses subalternos. Reacção que todo homem de governo deve aprovar conscientemente, por valer como elemento de paz, de ponderação, de fraternidade, de solidariedade social, em uma crença superior ao homem.

No desenvolver dessa reciproca intelligencia, fôra erro introduzir fermento de discordia. E, para o evitar, basta que se mantenha comprehensão mutua das missões de cada qual das duas sociedades perfectas, a espiritual e a temporal. Nos ultimos acontecimentos, parece, houve desconhecimento dos limites da segunda, por parte da primeira.

O ENSINO RELIGIOSO E A CONSTITUIÇÃO

Nada, na Constituição vigente, impede que, sem prejuizo dos programmas pedagogicos, e a pedido dos paes, seja ministrado nos proprios edificios escolares o ensino religioso. Certo, pôde ser dado nas egrejas, como correntemente acontece. Mas é preciso notar que os parochos, tão injustamente accusados em globo, em dias recentes, estão sobrecarregados de tarefas que mal lhes deixa tempo de cuidar com intensidade sufficiente de sua missão apostolica de doutrinar ás creanças. Congregal-os, nas freguezias do interior (porque um dos males da critica está em aferir todos os problemas pelas condições das grandes cidades), nem sempre é facil, com as distancias que separam as escolas dos povoados: Natural é, portanto, si os paes o solicitam, aproveitar a concurrencia normal ás casas de ensino, para, sem prejuizo dos cursos primarios, se divulgar o catecismo.

Tanto não o véda a Constituição vigente, que já essa norma é seguida em alguns Estados, em Minas, por exem-

plo. Não pareceria necessária uma emenda do texto, nesse sentido. Mas si se verificasse, acaso, que existem dúvidas sobre a orthodoxia constitucional de tal modo de agir, sem hesitação se deveria, então, approvar a exegese da lei, e tornar bem claro que é perfeitamente licito o que a emenda propoz. Sua formulação foi absolutamente liberal e respeitosa do agnosticismo constructor que defendemos: não ha privilegio para crêdo algum; a vontade das familias é acatada; a liberdade de pensar, longe de ser reprimida, antes vem fortalecida.

Da segunda emenda, que, entretanto, encerra verdade indiscutivel, não podemos fazer igual defesa.

Emquanto a primeira affirma theses constitucionaes — a liberdade de pensamento; a coexistencia das crenças e da organização leiga do Estado —, a segunda, ao declarar que a religião catholica é a da maioria, poderia mesmo dizer a da quasi unanimidade, dos brasileiros, enuncia apenas uma conclusão de ordem estatistica. E, francamente, não tem titulo para figurar em um texto constitucional.

PALAVRAS INUTEIS, SEM ALCANCE

Queixam-se, quantos estudam a lettra de nossas leis, da progressiva decadencia da lingua e dos preceitos technicos de sua redacção. Quem compara com os actos contemporaneos, as producções analogas da Assembléa Geral do Imperio, pôde medir a quêda experimentada, e malsinar a cacographia hoje em voga, em confronto com a *imperatoria brevitatis* de outros tempos.

A Constituição de 1891 é ainda um de nossos ultimos monumentos legislativos bem escriptos.

O princípio redaccional que faz da lei a traducção graphica de uma norma juridica obrigatoria, com a sancção

do poder publico, nella foi observada em alto gráo. Ha discussões, por certo; mas correspondem, entretanto, a modificações evolutivas dos conceitos, do que a obscuridades ou redundancias do Estatuto.

Uma emenda, como a que foi proposta, traria palavras inuteis, sem alcance por não corresponderem a preceito juridico algum.

Mais do que isso, induziria em erro sobre os intuitos constitucionaes. De facto, a liberdade de cultos não é questão numerica, quanto á massa dos fideis de cada um. Um pugillo destes vale tanto perante o agnosticismo constructor, quanto a esmagadora maioria dos demais. Isto, porque a Constituição consagra que o ponto sagrado a respeitar é a liberdade de pensar e de crêr, sem cogitar do numero de crentes. Alludir a taes grandezas relativas, é assumpto extranho ao texto.

Imagine-se fosse admittido o criterio numerico para fixar ou julgar theses espiritualistas. Não seria a morte das religiões? Não valeria por negar o principio pelo qual a Igreja sempre se bateu, quando progressivamente á auctoridade conciliar substituiu a supremacia do Papa? Não consagraria a morte da auctoridade, por fazer dos pontos essenciaes uma questão eternamente oscillante, á mercê de maiorias de occasião?

Nada aconselha, portanto, introduzir na Revisão as palavras verdadeiras, mas inuteis, por extranhas a qualquer these constitucional, da emenda em que se proclama a unidade confessional, quasi absoluta, de nossa terra.

Quem não vê, por outro lado, que insistir em tal debate, como insistir em solver um problema mal posto em equação, leva a desintelligencias, attritos, inconveniencias e conflictos, que só lograriam perturbar a admiravel harmonia reinante, na qual, Igreja e Estado têm vivido graças á

separação liberal, que o episcopado brasileiro aceitou e louvou, nos limites em que Roma tolera o regimen dualista?

Não será melhor, de todos os pontos de vista, deixar em paz, sob a digna direcção de seus pastores, desenvolver-se o rebanho catholico do Brasil?

(Outubro de 1925).

MAXIMAS BUDDHISTAS

Talbot Mundy acaba de publicar sob o título *Om*, um romance que está fazendo enorme successo na Europa.

Iniciamos hoje a publicação de algumas das maximas de Tsiang Samdup.

I

Quem deseja comprehender ás Planicies, deve ascender ás Serranias Eternas, donde os olhos humanos contemplan o Infinito. Mas quem quer usar sua intelligencia, deve descer ás Planicies, onde Passado e Futuro se encontram e os homens precisam de seu auxilio.



Os que conhecem o dia e noite, sabem que o Dia de Brahma encerra mil revoluções dos Yugas, e que a Noite abrange outras mil. Ora, o Maha-Yuga consta de quatro partes: a ultima, a Kali-yuga, é a menor e conta apenas quatrocentos e trinta e dois mil annos. A duração do Maha-Yuga é de quatro milhões trezentos e vinte mil annos, isto é, a millesima parte de um Dia de Brahma.

Havia, no inicio, um homem, não como hoje é, nem como virá a ser. Havia raças no mundo, cujos sabios conheciam todos os sete princípios, de sorte que comprehendiam a materia em todas as suas formas e a dominavam. Para elles, o ouro nada valia, pois o podiam fazer, e os ele-

mentos trabalhavam. E havia gigantes na terra daquelles dias, e também anões máos em sua maioria. Havia guerras, e destruíam.



Deveríamos elevar-nos acima da perversidade, como se ascende montanha desconhecida com o auxilio de guias sabedores. Ninguém, que encete ignorada viagem, estipula que o piloto com elle deva concordar no rumo a seguir, pois seria absurdo: o piloto presume-se que saiba: o conduzido, não. Ninguém, que suba uma serrania, imporá que o guia adopte esta direcção ou aquella: ao guia cabe dirigir.

E, entretanto, para a Jornada Espiritual, os homens elegem directores que lhes são mais desconhecidos ainda do que a terra ou o mar, e exigem que sigam tal ou tal rumo, accórde com suas proprias imaginações. E, em vez de lhe obedecerem, o abandonam e denunciam si os levam por forma outra.

Parece a essencia da perversidade.

II

Quem põe a mão no fogo, sabe o que o espera. Nem pôde censurar ao fogo.

Quem perturba a um vizinho, pode receber o que “não espera. Nem pôde o vizinho ser censurado.

Ao fogo não pôde advir prejuizo. Sim, entretanto, ao vizinho. E cada acto, de qualquer sorte, traz a seu fautor as consequencias correlatas. Podereis gastar mil vidas, pagando o mal feito a um vizinho.

Portanto, das duas indiscreções, preferi pôr vossa propria mão no fogo.

Ha, entretanto, a Via Média, pela qual se evita todo abuso.

* * *

Ensinam financeiros e estadistas e fazedores de leis e muitos fiéis que, de todas as coisas, o homem deve cuidar principalmente de sua segurança, a bem de sua vida, de seu dinheiro, de sua alma. Tenho por extranha tal doutrina, todavia. De todos os perigos do mundo, o maior está em preferir-se aos demais.

* * *

Vivemos no eterno Agora, e é Agora que creamos nosso destino. Desvalioso por isso, é deplorar o passado, perder tempo forjar planos para o futuro. Uma só ambição é sadia, e é: por tal forma vivermos, Agora, que ninguém se possa lastimar do vazio da existência, nem tenha de completar tarefa por nós deixada incompleta.

* * *

Quando o actor, despidos vestuários e disfarces, se retira, será um villão? Deveremos acaso lapidá-lo ou matá-lo, porque para divertimento nosso, representou villanias?

Si tiver de morrer em scena, porque assim o exija a decencia, deveremos queimar-lhe o corpo e amaldiçoar a memoria? E será uma viuva sua mulher?

Não será a vida uma representação? Os deuses, que superintendem o drama, sabem que alguém tem de fazer a parte do villão, e outro a do mendigo. Recompensam aos homens por sua acção. Quem representa papel inferior, por sua mercê receberá incumbencia mais alta, quando lhe tocar a vez de novamente renascer no mundo.

Aquelle que possuir a sabedoria, portanto, desempenhará seu papel de mendigo, de rei ou de villão, tendo em mente os deuses,



Concordam os homens em que a prostituição é um mal, e aquelles, que mais sabem do que eu, asseguraram que tal opinião é certa. Muitas formas de prostituição ha, entretanto, e póde ser que a das mulheres, por peor que seja, ainda figure entre as menos más. Vi homens vender suas almas, com motivos mais inexplicaveis do que as mulheres vendem seu corpo. Com consequencias mais desastrosas, tambem, para si e para quem os compra.

I I I

De todas as coisas, o Silencio é a mais importante. No Silencio fala a Sabedoria e entendem-na aquelles cujos corações estão abertos. A' mercê do cobarde está o valente; nas mãos dos ladrões o homem de bem; si não guardar silencio. Si o fizer, porém, estará seguro, porque não será comprehendido. E, então, sem que o saibam, lhes poderá fazer o bem, fonte de alegria e de contentamento.



O homem, que conhece sua propria ignorancia, em nada soffre si permittir a outro, que saiba, pensar por elle, pois o sabedor conhece que no ambito da sabedoria não entra nem vantagem a um nem prejuizo a outro, e nesse rumo agirá. Mas aquelle que procura ir além da propria sabedoria, á sua ignorancia allia presumpção, complicação que os deuses desamam.



Naturaes os designios dos deuses, artificiaes os dos homens, e nada de sobrenatural existe sinão isto: si um homem pratica acto inutil, ninguem lh'o reprova; si for

acto máo, poucos o combaterão; mas si quizer imitar os deuses e encorajar a seus semelhantes, todas as auctoridades o accusarão de corruptor. Assim, mais perigoso é ensinar a verdade do que, com archote acceso, entrar em um paiól de polvora.

• • •

A quem, de verdade, procura a Via Média, a Via Média se abrirá. Basta um passo para a frente.

• • •

Trahir, entre os homens, considera-se peor do que roubar, pois até os ladrões o desprezam. Quem trãe sua patria, julga-se passivel de morte. Mas eu vos digo quem trãe sua própria Alma não possui o mais fraco liame com a honestidade, e sobre elle nada ha de seguro, sinão que irá de mal a peor. E o mal crescerá pouco a pouco; quem não guarda fidelidade em coisas pequenas, virá finalmente a perder a honra por completo. Portanto, procura eternamente manter fidelidade não divulgando segredos nem indagando, sem convite, dos segredos alheios. A Grande Offensa baseia-se na infinidade das pequenas, assim como o Grande Merito é o total de actos innumeraveis de dominio sobre si mesmo.

IV

Quem quizer reformar o mundo, comece reformando a si proprio. A tarefa, honestamente cumprida, occupal-o-á por forma tal, que não lhe sobrarã tempo para criticar seu vizinho. Este, entretanto, beneficiará com o exemplo, assim como um homem no escuro se sente allumiado por luz alheia.

• • •

O sabio tem cuidado em não parecer virtuoso em demasia, pois poderiam aquelles que desamam a virtude desenvolver energia crescente em demonstrar que é mais vil do que elles proprios. A verdadeira virtude soffre com a ostentação.

* * *

Este pouco, eu sei: facil é offender, facil agradar; mas difficil, ignorar todos os sentimentos excepto a justiça, e mais difficil ainda julgar justamente a quem, ignorando tanto offensa, como agrado, deixa a apreciação de seus actos á lei Mais Alta. Portanto, julga sómente a ti mesmo, o que é difficuldade bastante, certo de que a Lei Mais Alta te julgará tambem.

* * *

Cedo ou tarde, possuiremos toda a sabedoria. Forçoso, pois, é começar. E, para isto, talvez seja um inicio o seguinte: "homens soffredores ou irados desviam-se de ambos os sentimentos ouvindo uma canção, e mais promptamente do que parece.

* * *

O segredo do encanto do lotus está em ser impossivel affirmar em que sua belleza consiste: uns dizem isto, outros aquillo, mas todos assentem em que é bello.

Assim, egualmente, as mulheres. Seu influxo é mysterioso; seu poder, occulto.

Pois os homens desprezam o que, certo ou errado, descobriram e explicaram. Mas ao que discernem, apesar de cegos seus olhos á essencia intima, admiram e reverenciam.

* * *

Si um homem frívolo vos quizer avaliar a virtude, tende cuidado. Elle a roubará em nome de Deus, e venderá vossa reputação na praça publica.

V

Filho, poucos são os sábios. Raras vezes, a Sabedoria agrada, e por isso poucos a procuram. A Sabedoria compelle quem a cultúa a fugir, ao egoismo e ao louvor. A Sabedoria selige aos dignos, descobrindo um aqui, outro alli, alheios á estupidez e á corrupção da lepra da hypocrisia. Com elles, conhecidos ou não, torna-se depois uma fortuna para os outros homens pisar o mesmo chão.

Isto, eu sei: quando os deuses em nós enxergam alguma utilidade, cégam-nos: si vissemos e comprehendessemos o alvo que servimos, tão vaidosos ficaríamos, que nem os Deuses nos poderiam salvar da destruição.

Vaidade, presumpção de virtude e peccado, são uma coisa só, cujos contrarios são meiguice, deminio sobre si-proprio e indifferença.

Mas, da modestia innata dimana a Sabedoria, porque na modestia pôdem os Deuses encontrar sua expressão.

Não corrompem a modestia os Deuses Sabedores com fortuna e fama, mas a recompensam com a actividade bemfazeja e com permittir a visão interior.

Nesse sentido temos a guarda de nossos irmãos: somos responsaveis pelo mal que lhes fazemos. Nosso dever, portanto, é nos domiuardmos tão vigilantemente que a nenhum prejudiquemos. E não ha substituto para isso: os demais

deveres occupam categoria inferior e são subordinados áquelle.

* * *

Um homem é o que é. Parte donde se acha. Póde progredir, ou póde regredir. Todo esforço em beneficio proprio é peso na balança contra si. Todo esforço por outrem, é beneficio para si; apesar do que, si primeiro se não aperfeiçoar, nada poderá fazer senão mal aos demais. Não ha poder no universo, nem forma de intercessão, que consiga separar una causa de seu effeito a acção da reacção, ou um homem da retribuição de seus actos.

(Novembro de 1925).

PALAVRAS DE UM VELHO

Prezados amigos do Centro Academico Horacio Lane.

Eu vos devo uma grande honra e um conforto moral inapreciavel; o de me terdes julgado digno de vos dizer algumas palavras de alcance geral na vossa excellente REVISTA.

Quando tiverdes alcançado minha idade, após uma vida de luctas e de trabalhos, combatido por muitos e a ninguem respondendo, sabereis o valor que toma um gesto de sympathia, a emoção que causa um pedido de conselho, por parte da fracção melhor da humanidade, a juventude.

Ainda não conhece dissabores nem ingratições: permanece virgem das máculas que sóe trazer o contacto de paixões inferiores. Aspira vogar em plena luz, aos impulsos do que de nobre e mais alto existe na natureza humana.

Conservae-vos sempre assim, nesse feitiço psychico, e nunca deixeis arrefecer vossa vida interior.

Cuidae sem desfallecimento de manter em vós o dominio absoluto do ideal. Um grande perigo vos aguarda: o contagio do chamado espirito pratico. E' o elemento lethal que ameaça aos povos que enriquecem, nos quaes aspirações de goso, appetites insoffridos, anseios subalternos de exigencias menos confessaveis, são o corollario da fortuna adquirida com demasiada rapidez, tonteando cerebros e almas fazendo-lhes perder o senso do equilibrio moral.

Pedistes algumas linhas sobre problemas geraes. Eil-as, sobre o mais geral de todos: a conducta da vida; os perigos

do estreitamento do horizonte da alma; o olvido dos princípios ethicos, directores supremos de quem se lembre, como o poeta, que o homem

“est un ange déchû, qui se souvient des cieux”.

Comte, salvo erro, notava que, com a complexidade crescente e a amplitude cada vez maior dos conhecimentos humanos, rareavam de mais em mais as intelligencias capazes de abranger a totalidade desses. Talvez, dizia, viesse elle a ser o ultimo philosopho que se pudesse basear no conjuncto das cousas sabidas de seu tempo.

Profundamente exacto o reparo. Nem se applica sómente ás cogitações mais altas: vae descendo de degrão em degrão, e hoje é regra dominante na especialisação de mais a mais intensa do ensino profissional. Mesmo nas grandes provincias carasteristicas das sciencias, já o campo a explorar é tão vasto e profundo, que ninguém o pôde abarcar por completo. Ha especialistas de estrelas ou da lua; de acustica ou de electricidade; de gases raros ou de constituição da materia; nervos ou de microbiologia. Cada qual explora seu cantinho localizado e preciso; quasi separado do complexo da sciencia correlata, em um meio onde se multiplicam os compartimentos estanques.

Tem-se a impressão de um poço em perfuração: cada vez mais fundo, mas com horizonte cada vez mais restricto. Consequencia: escassearem as idéas geraes, por falta de apprehensão dos liames entre os phenomenos.

Escapam a tal abastardamento intellectual raras e excepcionaes mentalidades, de quilate absolutamente fóra do commun.

Corre a cultura geral o grave risco de se tornar sempre mais sabedora do detalhe sem se poder alçar a niveis mais altos de connexão phenomenal. Materialisam-se os conceitos, e perdem-se de vista as causas motoras, os impulsos primeiros. O phenomeno, isto é, a apparencia, domina. O

noumeno, o mundo interior, mingua. Obscurece-se a noção de relatividade entre valores. Mudam e baixam os pontos de apreciação e as normas directoras da vida, quer individual, quer collectiva.

Torna-se com isto mais imperioso o predominio dos alvos mais proximos. Ora estes, consequencia normal das exigencias mais geraes e subalternas nas razões de viver, são os que se referem a appetites e a necessidades naturaes do ser humano. O immediatismo campeia, e as preoccupações mais elevadas, mais altruistas, mais moraes, são recalçadas pela soffreguidão de um egoismo de duvidosa valia.

Na organisação social vigente, o rumo para o qual tende tal conjunção de forças é o "make money, honestly if you can, but make money", ou ainda lo ideal do "nouveau riche".

Só uma vigorosa renascença idealista poderá vencer taes factores de animalidade. É, felizmente, symptomas della acodem de toda parte. De seu triumpho depende o porvir da humanidade. Creação de essencia divina, ou méro juguete de prazeres rasteiros, tal o dilemma que se impõe na meditação sobre o homem, a vida, os deveres e os direitos. Idealismo e materialismo a se confrontarem.

Não ha receios, nem duvidas quanto ao resultado final, pois razão de sobra tem o dictado francez: "un peu de science éloigne de Dieu; beaucoup de science y ramène".

O peor inimigo a combater é a indifferença, que entorpece as faculdades da alma. Claro, nem todos poderão alcandorar-se a páramos sublimados. Mas, cada qual ponha seu ideal onde alcança sua mente.

Ao architecto de um edificio não sejam moveis unicos inspiradores a rentabilidade do predio e a economia na construcção. Eleve um pouco seu pensamento. Obedeça, nas linhas e nos arranjos, a um sôpro vivificante de belleza, que agradará aos olhos, consolará os espiritos do tedio e da

mediania e das feiuras da vida diária. Dê lugar, em seus planos, a preocupações de hygiene e de conforto: a vida é triste, cheia de sacrificios e de soffrimentos, e é tão humano e fraterno melhorar, consolar, e combater vicissitudes da sorte alheia. E assim terá seguido a ordem moral do amor ao proximo. Foram grandes psychologos, medicos d'alma tanto quanto do corpo, os que proclamaram "divinum est opus sedare dolorem".

Num seculo como o nosso, em que prima a obsessão do utilitarismo, não recciem ser inactuaes e sonhar.

Num bello traçado de via-ferrea, é por certo interessante e louvavel cogitar de abrir novas regiões á expansão economica, approximar o interior do littoral em que se faz o escambo. A' obscuridade do viver sertanejo, entretanto, mais ainda importa levar elementos de civilisação, noções mais altas da solidariedade humana, palavras eternas de deveres mais alevantados.

Não temam ser crentes. Quanto mais se prolonga a existencia, para quem ama, soffre, medita e vê, mais se afervoram os sentimentos de gratidão, de humanidade, de sacrificio e de abnegação. Gravita naturalmente a alma para o Creador. Crescem indulgencia e piedade pelos que ignoram e erram, e, nas exigencias essenciaes da vida, dão primasia ás baixas satisfacções subalternas sobre as venturas depuradas e superiores do Bem, do Amor ao proximo no amor de Deus.

Vitalisem sua carreira, pondo-lhe a méta em nivel acima dos conflictos terrenos. Animem seu esforço, com um ideal immarcescivel. Leiam e sigam as licções da *Imitação de Christo*.

Quando o fogo da mocidade e da lueta tiver arrefecido, e a chamma juvenil lhes vier, nos olhos, substituida pela serena luz da idade madura, sentirão a pro-

funda verdade, a inegalavel quietude e a recompensa suprema dos que praticam a norma da invocação de S. Thomaz de Aquino: a vida começando em Deus, Nelle se desenvolvendo, e Nelle tendo fim.

(Novembro de 1927).

O PROBLEMA UNIVERSITARIO BRASILEIRO

Acudo ao convite dos organizadores do inquerito, como sondagem social tentada pela Associação Brasileira de Educação, no ponto especial do problema universitario.

A definição do assumpto, claramente posta no folheto expositor da questão, dá como solvidas as bases do edificio, na phase primaria e no estagio secundario. Será inatacavel tal premissa ?

Paiz de crescimento endogeno, pela sobrevivencia, e exogeno, pela immigração, como resolver taes difficuldades iniciais, quando 20% apenas da população sabem ler e escrever ? quando, ao serviço militar, tanto sorteado ainda se apresenta, desconhecendo quasi a lingua patria ?

Principalmente, como ter por definitivo o conceito vigente no periodo inicial do ensino, si este se limitar á mera alphabetisação do alumno ?

E' mais vasto o escopo. A escola, em seu complexo, deve formar valores sociaes, ensinar a viver, apparelhar a criança em todas as tendencias de sua psyché. Umas, pôde o Estado satisfazer, na parte referente a letras, artes, sciencias. Outras lhe escapam, pois se filiam ao problema eterno das relações do homem com o Infinito.

Longe de se contraporem, completam-se. Do mesmo modo pelo qual, em paiz onde coexistem crédos divergentes, seria violencia espiritual impôr um delles como official (donde a laicidade forçada do ensino do Estado), assim tambem grave erro seria deixar o governo inaproveitadas

as immensas reservas moraes da alma, não lhe proporcionando educação e resposta ao anseio religioso.

Dahi, sem limitação confessional, o imperioso dever moral e politico de não desperdiçar as illimitadas forças activas que invocam o auxilio do ideal divino.

Claro, o Estado é incompetente para ministrar tal ensino.

Mas o deve permittir e facilitar por todos os meios, em attitude de respeito, amor, funda gratidão e collaboração cordial, aos benemeritos auxiliares que levantam as cogitações humanas acima do pão nosso de cada dia.

Viver, em seu conjuncto, é um problema de energia integral.

Como deixar jazer inutil esse inexgotavel repositorio de esforços sublimados, que é a fé? Já não falamos do ponto de vista religioso, mas do simples plano da economia humana, da conjuncção dos impulsos para attingir niveis mais altos da existencia moral, da qual depende a existencia material.

Na escola, com razão, o Estado exige e applica a hygiene do corpo. Como recusar, e a que titulo, os cuidados da alma?

Na mesma aula, portanto, onde o governo se dirige ás intelligencias, é dever moral e de pura conveniencia collectiva educar o sentimento. Nella, portanto, inteiramente desprendida de qualquer liame official, parallelamente se deve exercer, a pedido dos paes, a direcção religiosa, sem exclusão de qualquer credo. E' tão facil, tão evidentemente liberal, consequencia tão directa da verdadeira liberdade de pensar!...

E então a escola, em vez de pretexto de conflicto entre intelligencia e sentimento, entre sciencia e espirituali-

dade, será o grande e fecundo campo de coliboração pacífica e amovável entre as exigências do finito e contingente e os anseios incompressíveis do infinito.

Solvido esse ponto, para o qual caminhamos e cujo advento urge apressar, a grande paz de Deus reinará nos espíritos e nas consciências. Mais energética, nas almas que sentem e pensam, a guiar a vida sob o influxo divino nascerá, crescerá e culminará a religião da Pátria.

Para coroar o edifício primário da formação da juventude virá simplificado o problema: formar os mestres, desses fazer o eio cultural entre todas as províncias de nosso paiz, criar e intensificar o sentimento de brasilidade.

A interrogação, quanto aos recursos necessários, terá resposta progressiva no auxílio crescente da União aos Estados, para o serviço e o dever *nacional* da eclosão e do fortalecimento da alma colectiva do *Brasil*. Por esses mesmos motivos, o ensino primário deve subordinar-se á direcção superior do governo.

Para exigência de tal gravidade, requisito vital de nossa terra, sempre será fácil achar meios de execução, em homens e elementos materiaes.

Já outro, o aspecto do problema no estagio secundário. Que o Estado tenha um modelo, um paradigma com o intuito real, e *realmente cumprido*, de ser um como limite superior para o qual tendam os esforços analogos da iniciativa não official, comprehende-se e justifica-se. A concorrência, pois, só apresenta vantagens.

Mas o essencial é que tal superioridade seja effectiva, constante. Quão differente tal situação do espectáculo a que hoje assistimos, de imperdoável libertinagem de espirito no meneio das graves incumbências relativas á formação da mentalidade juvenil!...

Programmas sem fixidez, alterando-se, em meio do curso, a sabor de irresponsaveis, ou de ignorantes do que seja responsabilidade em assumptos educativos. Livros a variarem, para servir a autores e editores, deslembrados de que o alumno em regra é pobre e não pôde sujeitar-se ás despesas de constantes acquisições. Ensino feito mais para provar os conhecimentos do mestre, do que para aproveitamento dos discentes. Falta de correspondencia psychica entre cathedra e aula, o que tira á prelecção o character apostolico que toda educação mental e moral deve possuir. Descaso dos resultados. Tal é o incompletissimo balanço actual.

Para corrigir taes vicios e erros, a concurrencia ainda será o melhor e mais prompto remedio.

Disso temos provas recentes.

Interesses subalternos e egoistas, que não queremos qualificar, fizeram o Brasil regredir ao erroneo e condemnado methodo dos exames preparatorios, abandonando o preparo seriado das mentes infantis. Emquanto os institutos officiaes, obedecendo á lei nefasta, voltaram as costas ao almejado exame de madureza, alguns collegios particulares procuraram remediar os inconvenientes do retrocesso preparatorio, e continuaram a ministrar o ensino seriado, embora os exames se fizessem pela malfadada norma novamente acceita.

Urge, coitudo, congregar esforços no sentido da aferição da madureza do alumno, e não do conhecimento isolados desta ou daquella disciplina. Ha nesse ponto bons modelos a adaptar no processo do bacharelado francez, no qual a mesma prova permite firmar juizo simultaneo sobre varias materias; uma prova unica, escripta, por exemplo, sobre historia, daria a medida dos conhecimentos referentes á historia, á geographia e á lingua patria. Para conseguir tal méta, a concurrencia dos institutos

particulares é vantajosa, desde que o processo de julgamento dos haclaretandos fosse o mesmo para todos.

Mae, para exercer, todo seu influxo benéfico, ao proprio estabelecimento official conviria dar mais largueza de acção, e permittir-lhe mover-se, dentro na regra geral para o paiz todo, com liberdade de iniciativas e sem constrangimento da intervenção continua e, *tâtillonne* da administração pública.

Nesse ponto, o collegio particular leva grande vantagem sobre o official. Uti, pois, seria conferir a este ultimo plena independencia de gestão no recrutamento do pessoal docente, de applicação de recursos, de normas pedagogicas. A concorrência eliminaria quaesquer demasias.

Parte dessas exigências vêm reproduzidas no ensino superior. Ahí tambem, por bem nosso, já começou a emulação entre fundações sinulares: academias estadoaes, e outras puramente privadas. A elevação do nivel profissional do paiz só pôde lucrar com tal concorrência.

Por ora, taes estabelecimentos, filhos da iniciativa individual ou da dos Estados, ainda precisam desenvolver-se, é certo. Mas a semente é boa e fecunda. Proliferará. Não é o Brasil ainda paiz de grandes fortunas. Virá dia em que estas surgirão, e é elementar prever doações e recursos affluindo para as casas de instrucção. Sua força, então, estará na liberdade, dentro na competição, de gerir taes elementos para o maior bem de sua missão educativa.

E é precisamente esse um dos grandes, senão o maior, obstaculo ao livre surto das academias officiaes. Obrigadas a mil e uma formalidades administrativas, sem amplitude para se moverem, têm normas rígidas que lhes peiam o caminhar para frente.

Querem um professor, excepcionalmente valioso para determinada especialidade, para cursos episodicos? são

necessarias installações urgentes ? precisam de collaboradores momentaneos ? Nada podem fazer. O recrutamento do pessoal têm de obedecer ás regras preestabelecidas, em condições invariaveis de remuneração e de assiduidade, e a ellas se não sujeitarão os mestres excepçionaes. Tal aula, para ser proficua, exige oito horas de trabalho ininterrupto, mas o governo só paga uma hora. Para adquirir ou alugar seja o que fôr, o processo tem de sujeitar-se á tortura chineza do Codigo de Contabilidade, a obra mais inintelligente desse ultimo decennio, que nem sequer tem o merito da efficiencia, que é de garantir a perfeita e absoluta legalidade do emprego de dinheiros publicos, dos quaes os gestores, através do Codigo, são sempre estellionatarios ou peculatórios presumidos.

Como voar, se se atam as asas? E é essa, sem exaggero, a situação real do ensino official superior e secundario.

Cumprе dar-lhe liberdade de expansão.

Vezo inveterado dos governos é governarem de mais. Inexplicavelmente convictos da competencia propria, não admittem a alheia; olvidados de que mais sabe o tolo no seu, do que o avisado no alheio. Nos estabelecimentos didacticos, então, não será extranhavel falta mental lhes desconhecer aptidão para se dirigirem em cousas de ensino e de organização de meios conducentes a ministrá-lo ?

Tudo é pretexto para perturbar a vida dos institutos. A doentia especialização das verbas manietta a acção. Ao lado de uma sobra em qualquer rubrica, surge um *deficit* em outra; para um particular, haveria compensação do excesso com a falta, e o trabalho continuaria. Mas com a tutela official e o famigerado Codigo de Contabilidade o systema é outro: a sobra é recolhida ao Thesouro, e onde ha insufficiencia de recurso, o trabalho não é feito,

ou espera, sabe Deus por quanto tempo, a concessão de um crédito ou uma suplementação.

Ainda se se adoptasse o que o bom senso logrou firmar nos orçamentos militares — o regime das massas — poderia attenuar-se o mal !...

Problemas novos surgem, ou indagações peculiares mais profundas se impõem e para isso conviria ter colaborações excepcionaes ? Tal coisa, ante o senso commum, deveria ser alvo de expediente corrente e a juizo da administração do instituto interessado. Com o systema que nos felicita, porém, deve mover-se pesado mecanismo, e até negociar internacionalmente.

Cada caso de convite assume aspectos de crise. E', em materia de educação, o processo dos cataclismos de Cuvier no estudo das faunas geologicas extinctas.

As exigencias pedagogicas impõem a certos professores longa permanencia nos amphitheatros ou nos laboratorios, e passagens rapidas a outros. O logico seria, á merito igual, remunerar em proporção aos docentes, e, áquelles que sacrificam seus redditos por amor ao ensino, dar as devidas compensações. Mas o Estado tem outras fontes de inspiração.

O paradoxo egualitario, ideal dos mediocres, não aduittre taes differenças de tratamento, e constrange todas as actividades a uma média niveladora, para baixo. Como si uma média, ente de razão talvez inencontravel na vida real, pudesse servir de norma para os casos fóra do commum!...

Haverá quem se anime a sustentar que dentro nas regras, que devem ser geraes e amplissimas, das leis sobre o ensino, o pensamento constructor será menos bem seguido e posto em pratica pelas congregações interessadas vitalmente nos institutos, do que por uma secção ou uma

Directoria de Ministerio, ou por um Ministro, todos alheios, de facto, a todas as minucias da existencia diaria e das exigencias das escolas impetrantes de uma providencia qualquer? E que, esses factos, têm apenas interesse distante e méramente theorico? A qual dos dois grupos, em consciencia, se applicaria o *res tua agitur*?

Libertem-se da oppressão official, constrangedora e iniqua, a vida diaria e o progresso material dos institutos didacticos. Nessas nasmorras de ar confinado e mephitico, abram-se janellas largamente rasgadas para o ar livre. Tirem as peias ao paralysado. Consintam á planta estiolada, respirar a atmospheria pura da criação.

E, como medida inicial, é tão facil applicar um remedio immediato.

Certo numero de principios geraes sejam compendiados em lei basilar do ensino. Quanto aos modos de os entender e pôr em acção, concedam ás escolas autonomia plena. Agirão e progredirão por si.

Em vez da consignação orçamentaria annual, estabeleça-se sua capitalisação, e della se constitua o patrimonio inalienavel do estabelecimento. Por exemplo: casa que recebesse 500 contos por anno, passaria a possuir, em apolices vinculadas, um patrimonio de 10.000 contos. No orçamento do Interior, mencionado o nome da escola, a dotação se traduziria por um cifrao; mas, no orçamento da Fazenda, se computaria, ou na verba geral para o serviço da divida interna ou em paragrapho especial a quantia correspondente aos juros respectivos. Nenhum onus novo, pois, sobrecarregaria a despesa publica.

Semestralmente, como outro qualquer possuidor de apolices, os institutos receberiam seus rendimentos. Organisariam sua vida economica, fixariam vencimentos e re-

munerações, regulariam suas aquisições e ampliações, dentro nos seus recursos, sem as peias das rhinezices burocraticas, com plena liberdade para viverem e se expandirem.

Seria a carta de alforria para o ensino, então, de facto, verdadeiramente livre.

O processo é applicavel tanto aos collegios officiaes de ensino secundario, como ás academias; tanto ás dependencias do governo federal, quanto ás dos Estados.

E ahí, mais livres para agirem e se conformarem ás exigencias peculiares do meio surgiriam as uniões, fusões, juxtaposições e consorcios de que resultariam as Universidades.

Corremos, pelos exemplos existentes, o grande risco da artificialidade das criações.

Para que uma universidade se funde, prospere e se torne factor de progresso social, é condição essencial, necessaria e sufficiente, seja ella obra de vida, fructo natural de uma aspiração collectiva. Surge dos acontecimentos, do reclamo de elementos que plasmem uma criação, dos anseios de agir e progredir, de germe fecundo a nascer e proliferar.

Haverá quem ouse affirmar que os molinos ensaios vigentes traduzem mais do que enfesado gesto do officialismo, bem intencionado sem duvida, mas sem competencia especial no caso e fóra da corrente vital de nossa terra, em crise de crescimento, prenhe do futuro?

E não obedecerão servilmente a um typo teratologico *homunculus* feito em cadinho do qual se acham ausentes os verdadeiros ensinamentos da Vida, mirrado filho de cogitações de laboratorio e de especulações cerebraes, sem ponto de apoio ou, quando muito, exiguamente baseado na realidade palpitante e vivente?

Levarão bastante em conta as características differencias de cada região? Não serão antes reprodução da mentalidade napoleonica, que ao Imperador permitia dizer -- hoje, em todos os lyceus de França, todos os alumnos estão estudando tal pagina, de tal compendio, de tal disciplina?

A seiva propria de cada fronde universitaria deve ser haurida no torrão local, em harmonia com as exigencias particulares de cada região e suas possibilidades. Bello Horizonte não é S. Paulo. Porto Alegre differa de Recife, e ambas as cidades divergem de Rio de Janeiro.

A originalidade é o fluido vital de cada grupo docente, como o é tambem de cada corpo discente. Só ella confere potencia mental criadora. Cópias, tiradas a dez ou doze exemplares, de um figurino official qualquer, serão tudo, menos órgãos propulsores da intelligencia, da moral e do espirito social.

Difficilmente surgirá, si é que lograr nascer viavel, construcção universitaria criada por decreto. Edificios serão erguidos. Apparecerão professores, que darão aulas sinceras e honestas e competentes. Mas faltará o essencial, o *quid divinum*, a alma inspiradora, a unica criadora de Vida.

Talvez lhe facilite e apresse a eclosão, entretanto, o libertar as instituções didacticas da tutela constructora da psyché propria de cada qual.

A compressão official, eis o inimigo.

Seja cada casa de ensino uma cellula a evoluir por si, desenvolvendo suas riquezas ethicas e intellectuaes proprias. Tenha cada qual sua finalidade peculiar. Obedecerão ao meio, a suas condições, a seus reclamos.

E, fortes e indestructiveis monumentos surgidos do mesmo sólo e do mesmo ambiente regional; alicerçados nas

longinquoas e profundas fontes históricas e antropológico-geográficas da raça; éio nacional entre todas as províncias do Brasil; a rede de templos universitários em breve se afirmará triunphante asserção do que podemos ser, e elemento precipuo para a conquista dos niveis mais altos de cultura, original e nossa, para os quaes aspiramos todos gravitar.

(Julho de 1928).

O SENSO DA VIDA

DISCURSO DE PARANYMPHO DOS ENGENHEIRANDOS DO COLLEGIO MACKENZIE, EM 1928, EM S. PAULO

Findou a phase de vossa vida, em que, guiados por vossos mestres, ieis adquirindo elementos de sciencia.

Tendes de aprender e de trabalhar agora com vosso proprio esforço, á vossa custa, sem auxilio sinão os dotes que vos concedeu a Providencia Divina, e os methodos de investigação, de analyse e de raciocinio que aqui assimilastes. Com taes factores tendes de construir o aparelho de vossa existencia mental e corrente, no suor de vosso rosto, á conquista do unico premio de real valia que é o "saber de experiencia feito".

Nenhum de nós sáe das escolas sabendo. Apenas, nos melhores casos, conseguimos consolidar noções de como e onde se estuda, se perquire, se induz e se deduz.

A obra d'arte, que é a visão meditada dos phenomenos, traduz longa elaboração intima, de nós mesmos dependente, somma de heranças psychicas modificadas por nossas faculdades innatas, mediante os impulsos sentimentaes, as directivas e os processos philosophicos de que o ensino e a educação nos revelaram os conceitos fundamentaes e os modos de os utilizar.

Aprendemos a aprender.

Deste momento por deante, deixaes de ser agentes meramente receptivos de conhecimentos alheios. Ides

iniciar vossa collaboração productora, na massa geral das tentativas por arrancar do universal mysterio ambiente as tenues parcelas de Verdade com que cada homem digno do nome, procura contribuir para espargir pelo orbe seu ideal inspirador.

Como traçareis vossa trajectoria ?

Em uma das passagens mais altas do divino sermão da Montanha, disse o Mestre: "*Ubi thesaurus tuus, ibi et cor tuum*". Onde poreis o vosso? Que méta escolheréis ?

Na sua preciosa obra, que já conta cerca de cincoenta edições, sobre o *Valor da Vida*, Ollé-Laprune analisa e busca o que seja o senso do dever, da obrigação, nessa coisa grave e seria que é a existencia humana, no conflicto perenne do que é, com o que *deve ser*.

Prendem-se ahi as noções sublimes dos imperativos das inexcediveis superioridades, Suprema Culminancia em todos os sentidos, já em pleno Absoluto.

Nesses pinaros vertiginosos, onde, como, achar e definir a Regra ? Com o problema ainda mais difficil tornado pelas variações psychicas e intellectuaes de homem a homem ?

Para uns, o limite é posto pelos factos em si, pela percepção pura e simples, pela só experiencia; esphera de apoucado raio.

Em gráo mais alto, encontra-se o ambiente das idéas, das abstracções: nelle se geram sciencia, arte, moral.

Finalmente, abre-se a região da realidade intelligivel, do pensamento pleno, total, estuante, indo além do meramente sensivel. Sob seu imperio a subjectividade scientifica transcende á natureza real e palpitante. A arte anima-se na propria vida, para a qual gravita sem cessar. A

moral, quer pratica, quer especulativa, ali vem inseparavelmente entretecida com a mesma existencia: faz-nos subir acima desta, para nos levar a um mundo mais alto e mais digno e mais vivo.

Como diz o philosopho, é a vida superior, plena, perfeita, excellente e soberana que regula a vida parcial, incompleta, deficiente e dependente, para erguer esta a paragens mais sublimadas, nas quaes o pratico e o concreto tendem a confundir-se com o Ideal. Nesses vertices dominadores, a natureza é Vida.

Não se attingem semelhantes niveis de chôfre, salvo em casos de predestinação. Lento e pertinaz labor é imprescindível para a ascensão. Mas para os crentes na submissão como factor de aperfeiçoamento, e no imperativo da vida interior voltada para o Bem, cada passo leva longe e mais alto, rumo do progresso da Alma.

Luctas sem conta decorrem das resistencias oppostas pelos elementos inferiores da criatura. Um combate se trava, quasi sem tréguas. O egoismo subalterno, as commodidades, as preferencias do *Ego*, revoltam-se contra as exigencias do sacrificio necessario e santificador. Nem todos comprehendem a norma purissima que Santo Agostinho formulou e Augusto Comte fez sua: "*Amenem te plus quam me, nec me nisi propter te*".

O peregrinar pelo mundo torna-se soffrimento, mas une e liga e depura os homens. Educação moral, combate e provação, solidariedade humana, formam o ambiente em que se exalta o esforço individual e se grangeia a recompensa excelsa de uma actividade mais viril, mais intensa, mais proveitosa e fraterna.

Approxima a humanidade do grande ideal que lhe define um pensador: uma pluralidade de almas destinadas ao amor. Realisa-se a sociedade dos espiritos, para a qual tende o aperfeiçoamento. Cresce a pessoa moral. Parallela-

mente, faz homens, cada vez mais homens, forças-agentes e directoras. Cria os chefes, os chefes indispensaveis, guias da evolução pelo exemplo e pelo agir, homens que são causas, honra suprema que o Doutor Angelico fortemente salienta, e de São Paulo mereceu appellidar taes vultos — os collaboradores de Deus, *Dei adjutores*.

Longe do nosso espirito a blasphemia de suggerir que o mundo será o que o nosso esforço o fizer. Os designios divinos pairam acima de tudo. Mas o cooperar das criaturas facilita e apressa o advento da Bondade, como a submissão e o amor á Lei Suprema tornam mais prompta a salvação individual.

Tudo, portanto, deve convergir no amor religioso, no amor em Deus pelos semelhantes. Amar, com energia, acção, abnegação, e sacrificio, o sacrificio que ennobrece, regenera e redime...

Para isto, agir sem descanso, inspirados na sinceridade absoluta, na verdade e na coragem. Não temer confessar suas opiniões, honestas, meditadas e profundas, nem que levantem um *tolle* geral. Christo, o modelo inolvidavel, foi só e venceu...

As correntes alternativas das marés do espirito, no fluxo e refluxo trazem as ondas demolidoras ao sopé dos monumentos indestructiveis, tanto quanto aos alicerces de argila dos ephemeros idolos de um dia.

O premente e agoniante mysterio da vida, a torturar a inquietude humana, ultrapassa as faculdades naturaes. Estas, na vertigem dos abysmos entrevistos; desequilibrados os cerebros pelo absoluto e pelo infinito, quando sóem meditar apenas dentro no relativo e no finito; esmagadas as mentes pela Revelação que não comprehendem ou não accitam: buscam systemas e explicações a seu alcance. Ao Espirito substituem a natureza, apesar dos desaprumos que sua propria sciencia inflige ao dogma negativista.

Em vez de comprehenderem pelo sentimento, pelo coração, recorrem apenas á razão contingente e limitada. E emparelham argumentos.

A eternidade da materia ? e a degradação da energia lhes acena com a fallencia. As conveniências humanas ? e o espirito de sacrificio as desmente. As unicas limitações do Código Penal, como fronteiras da Moral ? e os factos heroicos do soffrimento em holocausto, sem base em leis escriptas, todos os dias erguem seus admiraveis e esmagadores exemplos de protesto.

E' um feitio mental inferior, o que não tolera superioridade e para o qual repugna o submeter-se, o venerar e o ser grato. Na experiencia diaria, não são companhia constante os "déboullonneurs de statues" ? No mundo moral, da mesma fórma.

Insensiveis ao Bello e ao Bem, preferem apagar estrellas a reaccender astros ; quebrar resplendores, a venerar quem os mereceu ; derruir culminancias, a lhes agradecer o influxo purificador. Cegos á verdadeira apprehensão dos phenomenos, assentam em negar o mysterio immanente e ineluctavel. Pobres mentalidades simplistas !...

O seculo XVIII assistiu a um grande esforço nesse rumo. Já o seguinte testemunhou a reacção incipiente. E hoje não mais se nega, nem se occulta a vigorosa renascença revelada no predomínio espiritualista das doutrinas philosophicas de maior prestigio, mesmo fóra da orthodoxia christã.

Justificam-se deste modo as comedidas e prudentes respostas aos que julgavam esmagar o idealismo, apontando para a derrota do Bem em innumerous factos humanos: não havia durado a observação tempo bastante. Assim também a tranquilla affirmacão de Pasteur, quando lhe

diziam que suas descobertas haviam eliminado a intervenção divina: "*les microbes? ces bestioles du Bon Dieu*".

Digamos logo: não é responsável a sciencia por taes assertos descabidos; sim, certa feição intellectual que, a seu modo, e sem base, invoca o saber, relativo e falho, para o lançar contra a Sabedoria Eterna e Absoluta.

E' nessa phase social e philosophica, que vos cabe surgir e tomar posição de mando.

Valeis muito mais do que meros organismos, factos transitorios bio-physico-chimicos. Sois forças conscientes, fracos caniços, si quizerdes, mas caniços pensantes na phrase de Pascal. E isto vos cria innumeradas e immensas responsabilidades. E ahí volta a tremenda pergunta: como organizar a vida?

Não ha duvida: no mundo dos phenomenos puros, da experiencia em si, podeis adoptar apenas os factos que servem aos instinctos primitivos, ás exigencias basilares da conservação do individuo ou da especie. Satisfará tal méta ás ordens imperativas de vossa intelligencia e de vossa alma? Certamente, não.

Todos os impulsos generosos de vosso coração, tudo quanto ennobrece o esforço vital, dessa fórmula ficaria sacrificado. Levarieis vida de méra animalidade, consagrada ao que menos interessa nas relações com o semelhante, com o homem essencialmente um ser social, o *zoón politikón* de Aristoteles.

Nem siquer seria um programma consciente, pois só appetites e impulsos primarios viriam attendidos. Com maioria de razão se lhe negaria constituir um ideal, e menos um ideal de Homem, fadado a agir em rumo cada vez mais viril e mais dedicado ao Bem.

Ora, queiraes ou não, vossa passagem por este Instituto, vossa feliz formatura, vos sagram educadores praticos de outros homens, formadores de mentalidade e

de sentimentalidade alheias. Pesa sobre vós o formidavel onus moral de guias, de chefes. Criareis, por vossa actividade e pelos modelos que ireis dar aos que de vós receberam direcção e impulso.

Si commettesseis o erro grave de agir com indifferença pelo proximo, de vossa sciencia e vosso esforço colhendo apenas as vantagens pessoas presumiveis, incidiríeis na candente apostrophe de Bossuet: "ai da sabedoria esteril, que se não volta para o amor!..."

Do intimo de vossa consciencia se ergue a energia que vos impelliria a condescender, a auxiliar, a querer aos vossos irmãos. Sua força, invencivel, vos unguirá missionarios, soldados de uma convicção operante.

Luctareis, soffrereis para alcançar espheras mais altas de piedade fraterna, de sympathia por quantos precisem de vós. O interesse não vos moverá exclusivamente, sinão a divina incumbencia de acudir aos que penam, de enxugar lagrimas, de lenir dôres.

Tereis a coragem da audacia, a serviço do vosso pensamento. Vivereis dias de sinceridade, de obediencia a vosso ideal, de submissão a vossa fé. Compreendereis, então, o vacuo essencial do egoismo, a dôr da tarefa não cumprida, da vida desperdiçada, em que se resumem as vãs agitações dos que só laboram para si mesmos. E, em confronto, sentireis a plenitude de vossa propria missão, polarizada para outrem.

Sereis arautos de paz, pelo amor pacificando as luctas entre os homens e entre os povos, na justiça, na luz e na bondade.

Ao mandar seus discipulos a evangelisar, disse o Senhor: "ide e ensinac a todas as gentes; amae-vos uns aos outros".

O mandato divino transcende ao limitado cenaculo dos primeiros Apostolos. Desce sobre todos nós, sobre todos

vós, especialmente, que hoje recebeis solemne investidura de commando.

Cada um de vós detém uma parcela de auctoridade moral e pratica. Sois germens de acção fecunda na massa humana, que contribuireis a plasmar. Em vós scintilla uma faúlha do symbolico facho ardente, que, de mão em mão, se transmittiam os corredores da *course au flambeau*.

Concentram-se em vossas almas energias vitaes de toda ordem, e irradiam pelo mundo que vos servirá de palco. Da somma de todas essas forças e das resistencias encontradas, surgirá a resultante positiva, efficiente, superior, que caracterizará o exito de vossa tarefa terrena. A vós cabe o dever de a tornar maxima.

E, para o conseguirdes, basta que vossa vida revele a unidade intrinseca do ideal, dos propositos e da actividade, sempre voltada para o Alto, para o Supremo Amor, olhos fitos no qual amareis as creaturas e as servirdes.

Nessa vocação admiravel, religiosa e humana, Deus vos seja sempre guia, inspirador e amparo.

"Tu Duca, Tu Maestro e Tu Signore..."

(Janeiro de 1928).

eminencia sobre o grupo social, e quasi nada valem os imperativos moraes, só admittam e cuidem de conveniencias e vantagens immediatas de cada qual, em uma como apothecose de egoismo illimitado: é o caso do conceito bolchevista. Ahi se comprehende que a formação da familia seja combatida por todos os modos, e que se adopte por base una universalisação das funcções do Estado, abrangendo a paternidade official, equivalente praticamente ao abandono das creanças nascidas promiscuamente de uniões, que de facto não merecem o nome de casamentos.

A esse processo se deve reconhecer sua logica profunda, monstruosa e cruel, mas logica, derivada do conceito proclamado de que a vida sexual só pôde ser a troca de duas phantasias e o contacto de duas epidermes: o endeosamento do egoismo e dos instinctos que mais nos approximam da animalidade.

Pelos seus fructos, pôdem julgar-se taes normas.

Em una serie de artigos recentes publicados na REVUE DES DEUX MONDES, o conde Kokovtsoff estuda, entre outros aspectos, a situação da mulher e das creanças da Russia, bascando-se nos proprios documentos sovieticos e nos dizeres de seus theoristas approvados. A taes analyses intitidou a "ruína moral dos soviets". Oriundos de conceitos da Vida e do Mundo, inteiramente oppostos aos nossos, servem entretanto suas consequencias, officialmente declaradas, para nos esclarecerem os espiritos sobre os resultados sociaes a que nos conduziriam.

Onda formidavel de dissolução e de desastre, o bolchevismo arreventou, até por fim submergil-a, sobre a Russia inteira. Complexo de utopias extremistas occidentaes sobre economia politica; de orgulho individualista e de impulsos negativistas da Reforma; de obscuros rancores judaicos e maçonicos; de inexpressas reacções asiati-

eminencia sobre o grupo social, e quasi nada valem os imperativos moraes, só admittam e cuidem de conveniências e vantagens immediatas de cada qual, em uma como apothecose de egoismo illimitado: é o caso do conceito bolchevista. Ahí se comprehende que a formação da familia seja combatida por todos os modos, e que se adopte por base uma universalisação das funcções do Estado, abrangendo a paternidade official, equivalente praticamente ao abandono das creanças nascidas promiscuamente de uniões, que de facto não merecem o nome de casamentos.

A esse processo se deve reconhecer sua logica profunda, monstruosa e cruel, mas logica, derivada do conceito proclamado de que a vida sexual só pôde ser a troca de duas phantasias e o contacto de duas epidermes: o endeosamento do egoismo e dos instinctos que mais nos approximam da animalidade.

Pelos seus fructos, pôdem julgar-se taes normas.

Em una serie de artigos recentes publicados na REVUE DES DEUX MONDES, o conde Kokovtsoff estuda, entre outros aspectos, a situação da mulher e das creanças da Russia, baseando-se nos proprios documentos sovieticos e nos dizeres de seus theoristas approvados. A taes analyses intitidou a "ruína moral dos soviets". Oriundos de conceitos da Vida e do Mundo, inteiramente oppostos aos nossos, servem entretanto suas consequencias, officialmente declaradas, para nos esclarecerem os espiritos sobre os resultados sociaes a que nos conduziriam.

Onda formidavel de dissolução e de desastre, o bolchevismo arreventou, até por fim submergil-a, sobre a Russia inteira. Complexo de utopias extremistas occidentaes sobre economia politica; de orgulho individualista e de impulsos negativistas da Reforma; de obscuros rancores judaicos e maçonicos; de inexpressas reacções asjati-

cas contra os ideaes sociaes creados pela civilisação mediterranea, o novo crêdo dentro em pouco ostentou sua mystica de violencias e de horrores, entregues seus ritos cruentos a seus guardas lettões e seus algozes chinezes, senhores da Dôr e dos requintes da tortura. Suas victimas, quasi todos martyres, contaram-se por milhões. Um preamar de sangue alagou o antigo imperio moscovita.

Inspiraram-se os alvos em principios e doutrinas, aberrantes por completo das que nortearam nossas nações do Occidente, nutridas com as licções dos anhelos greco-romanos, sob o pallio do Verbo Divino. Por isso, lançaram-se com odio inexplicavel contra tudo quanto era acceto como assente e pacificamente admittido em nossos paizes christãos.

Si deixarmos de lado os phenomenos da economia, e nos limitarmos aos reclamos sociaes e, dentro destes, ás preocupações religiosas, veremos que estas foram a méta precipua das crudelissimas investidas bolchevistas.

Para nós, a familia é a cellula inicial da sociedade. As civilisações herdadas de nossos maiores fundam-se e se baseiam nas creanças que ali se formaram. Ora, precisamente, são esses os alvos dos ataques bolchevistas. As creanças? "o opio adormecedor das consciencias". A familia? "cumpre afastar as creanças do influxo pernicioso dos paes", affirma Litina, mulher de Zinovieff, uma das auctoridades mais em evidencia da pedagogia sovietica.

A abolição do poder patrio caracteriza a situação jurídica da creança nas republicas russas. Seu nascimento, por igual, independe de individuação, pois nem é obrigatoria a declaração de casamento, nem o divorcio é obrigatoriamente registado. A este ultimo tudo se fez para o facilitar; a provocação do aborto é permittida, e ás escancaradas, nos hospitaes de Petrogrado, tão sómente, no

primeiro semestre de 1927, foram 11.732 as intervenções desse genero.

Que póde, pois, haver de extranhavel que, na inominavel vergonha russa dos *besprisonnê*, da infancia abandonada, tão grande seja a contribuição trazida pela ruina moral do paiz ?

Certo, nos 8 ou 9 milhões de infelizes desvalidos, victimas de pavoroso cataclysmo, remorsos vivos e flageilos a um tempo na phrase de Mme. André Viollis, que os estudou, as causas formadoras principaes foram as guerras externas e as desordens civis, tanto quanto as fomes negras resultantes do desgoverno economico dos novos dominadores do dia.

Lembre-mo-nos de que, só a *American Relief Association*, a *Ara*, durante esses cyclos de penuria assistiu a cerca de 4.200.000 creanças. Miséria tal, que a anthropophagia se tornou phenomeno não extraordinariamente raro em certas zonas.

Mas, além desses corollarios do máo governo de Lenine e de seus comparsas, as causas moraes trouxeram seu largo contingente. E são os maiores do regime que o dizem, a viuva de Lenine, Mme. Krupskaya, Lunatscharsky, commissario da Instrucção Publica.

Estatisticas de 1927 mostram que 78, 8% dessa massa de miseraveis são filhos de operarios ou de camponezes; 15 % têm de 3 a 7 annos de idade, e 57 % de 8 a 13 annos, nascidos, portanto, em pleno dominio do regime bolchevista; 67% são orphãos de pae e mãe, e 27,5% ainda tem um dos parentes vivo.

Como extranhar, pois, seja esta uma escola do crime? Em 1924, excluido Moscou, o territorio da Republica Socialista Federativa dos Soviets Russos registou 29.527 crimes praticados por menores abandonados; nelles a maioria eram latrocinios que se explicam pela fome, pela ne-

cessidade de viver; mas houve, nesse numero total, 118 assassinatos praticados por creanças de menos de 10 annos (foram 22) e de 10 a 11 annos (sommaram 20); houve ainda 265 incendios voluntarios, que lhes foram attribuidos, 324 mutilações e 236 attentados ao pudor. E é a imprensa partidaria que affirma haver crescimento systematico nesses indices de criminalidade infantil. O uso de narcoticos é a regra nessas desgraçadas victimas de crimes alheios. A prostituição é corrente entre as meninas, e ha casos em que estas infelizes tinham apenas 8 annos de idade...

A perseguição, pois, vem dirigida intencional e systematicamente contra a familia e as creanças.

A não obrigatoriedade do registo de casamento e do divorcio, a facilitação deste ultimo, a socialisação da infancia, são, portanto, aspectos peculiares da mesma politica: a revolta da creatura contra Deus!...

Para todos nós, crentes, esse o grande, o supremo perigo da hora que passa: o bo'chevismo. Esse o dever imprescriptivel do momento: combater por todos os modos e estrenuamente a ameaça moscovita.

Póde acaso haver confissão mais clara e mais espontanea da fallencia de tal regime, do que os resumidissimos algarismos que acabámos de citar?

Mas será esta uma doutrina decorrente de conceito puro e exclusivamente material da vida, doutrina que os idealistas nunca poderiam aceitar. Em nossas almas, a dignidade eminente do homem e da existencia se funda na origem divina da criação e no concurso da creatura, que, por seu esforço e seu ideal, busca alcançar espheras progressivamente mais altas de civilisação.

Ora, precisamente, é essa noção de amor a Deus e ao proximo que nos afasta das soluções divorcistas, por se manifestarem contrarias ao bem da communhão, por offenderem ao proprio interesse dos conjuges, e principal-

mente, aos fructos innocentes do matrimonio. E é o que nos leva a condemnar taes legislações separatistas, em todos os meios formados pelo catholicismo. Mais ainda, vemos nessas tentativas méro grão attenuado da pratica do amor livre, assalto meditado á união conjugal, que a Igreja proclama um de seus mais altos sacramentos.

E o ponto de partida é um lemma falso; o direito individual á felicidade.

Tal direito não existe. Ou antes, só nos é licito achar a felicidade no cumprimento do dever. Si este fôr doloroso e impuzer toda sorte de sacrificios, offereçamol-os a Deus, sempre lembrados de que o soffrimento é o caminho da perfeição e de que nelle as almas de escól haurem energias para ascenderem seu Calvario.

Facil é enunciar o preceito de resignação e de heroismo, aos que são felizes — será o anargo revide dos infelizes. Si bem que, nessa attribuição de felicidade, convenha examinar até que ponto é ella exacta, e si não consiste justamente em cada qual acceitar e se sentir satisfeito com a sorte conferida pela Providencia, malgrado todos os percalços, ignorados pelo publico, não seria opportuno inquirir si ha outra solução mais vantajosa para o individuo, e que não prejudique a collectividade?

Si a ventura, do ponto de vista pessoal, é um direito absoluto e illimitado, cada individuo, na porfia de sua conquista, vae esbarrar contra aquelle ou aquelles que correm atraz de alvo identico; e, como nada ha que cerceie o anhele, degenera a concurrencia em méra applicação do *Faustrecht*. A guerra e a dissolução social surgem assim como consequencias directas do proclamado lemma da felicidade garantida a cada qual.

Barbarisa-se o mundo, e voltam os agrupamentos viventes ao nivel das sociedades quasi animaes, existentes

na aurora da éra humana. Ahí mesmo, uma limitação se evidencia — a força —, sob manifestações varias.

Não pôde triumphar, pois, nem os phenomenos socio-biologicos consentem tal retrogradação, que é a méta final da promiscuidade sexual.

E' opportuno, entretanto, reflectir que para ahí tendem, conscientemente ou não, todos os esforços que enfraquecem a cellula social que é o grupo familiar. Póde variar, e de facto varia, o conceito que se forme deste ultimo; inda assim, é o alicerce das nossas sociedades estaveis, no Occidente como no Oriente, fundadas todas no nexo de consanguinidade e nos deveres que d'ahi defluem.

Para os paizes de formação catholica, então, os preceitos devem ser mais rigorosos. Em nosso meio, de facto, o fim precipuo do casamento é religioso e social, formar uma associação entre conjuges para o aperfeiçoamento mutuo no amor de Deus, e na observancia de Sua Lei, sob o amparo sacramental, e a protecção da lei civil, que garante os direitos materiaes do casal e da prole.

Tudo quanto debilita tal systema mixto reduz a alta finalidade do instituto, quer minguando seu elevado escopo christão, quer attenuando a preeminencia dos factores moraes e espiritalistas da associação, ou desamparando a defesa da progenie, ferindo, portanto, a estirpe.

A essa orientação religiosa tão segura, se deve o facto de, nos paizes de legislação divorcista, se acharem entre os grupos catholicos os coefficients mais baixos da corrente separatista assim como os de maior natalidade e de menor illegitimidade nos nascimentos.

Para nos convenceremos dessa verdade, basta lerem-se as paginas eruditas do admiravel livro do Pe. Leonel Franca S. J., sobre A EGREJA, A REFORMA E A CIVILISAÇÃO, cada vez mais confirmado pelas estatísticas mais recentes.

Para o explicar, bastaria o facto de que os protestantes não consideram o matrimonio como um sacramento, o que explana sua facilidade em assentir na dissolubilidade do vínculo, méro contracto civil, alteravel segundo o livre consentimento dos interessados.

Ora, é nos paizes onde, lado a lado, convivem collectividades importantes pertencentes a confissões diferentes, que as comparações se pôdem fazer, e ostentam a superioridade inconcussa do austero crêdo romano sobre as phantasias e experiencias das varias denominações reformadas.

Estabelecidos os parallelos, evidencia-se o acerto dos que pensam e affirmam que não passam as receitas dissolventes do liame conjugal, por modos vários, de méra e sombria systematisação das uniões transitorias da polygamia. E isto, pungente ironia, entre os chamados povos civilizados, quando as próprias nações, ditas atrazadas, multiplicam esforços para conquistarem o *status* monogamico da familia.

E' dos insuspeitos Wappäus, Oettingen e Wernicke, a observação de que a dissolução do nexó matrimonial pelo divorcio se deve considerar como prova do estado vigente de immoralidade e de inicio de novos deslizes. Contra ella, reage e dá animo forte toda a doutrina da Igreja, e na frequencia dos sacramentos dá remedio e energia ás phases amargas da vida dos conjuges.

D'ahi, a lucta victoriosa do catholicismo, que nas variações protestantes não pôde ter parallelo, já que, nestas, não ha character sacramental na união unica sancionada pelos Evangelhos, e indissolúvel uma vez consummada.

Innumerous Algarismos cita Leonel Franca em abono de sua these. Para o periodo de 1876-90, na Suissa, congerie de parcelas de confissões diversas, nove dos cantões catholicos e um cantão mixto apresentam os coefficients

mais baixos dos divorcios por 1.000 matrimonios, variando de 0 a 1680; enquanto quinze dos restantes, mixtos e protestantes, fornecem valores que se elevam de 28,60 a 87,03. Oettingen, levando em conta o numero de fieis de cada religião, deduz que, sendo a população reformada de 50 % superior á catholica, os divorcios protestantes estão para os catholicos na proporção de 8 para 1.

Na Hollanda, os coefficients são de 0,55 e 0,56 nas provincias catholicas, e de 6,31 a 22,64 nas protestantes ou mixtas.

Na Prussia, taes proporções variam em ordem inversa da porcentagem da população catholica. Vão de 37 divorcios por 100.000 matrimonios na Posuania, onde os catholicos formam 67,84 % da massa popular; attingem 310 dissoluções pela mesma unidade em Berlim e seus arredores, onde a maioria protestante é de 84,18 %. Realizados os confrontos precisos, se verifica que os divorcios entre reformados são quasi tres vezes mais numerosos do que entre catholicos.

Renovam-se as indicações nos outros membros componentes do Reich. Na Saxonia, em 1906, por 1.000 casamentos, ha 6,7 divorcios entre catholicos, para 16,7 entre protestantes, 7,6 para os casos mixtos, 13,8 quanto aos judeus, e 34,9 para as outras religiões.

Na Baviera, em 1908-13, nas mesmas condições ha 15,4 separações entre catholicos, para 21,0 entre protestantes e 29,2 nos casos mixtos.

Na Austria, em 1901-05, para 6,7 divorcios entre catholicos, havia 12,7 entre acatholicos e aconfessionaes.

O paiz dos divorcios, entretanto, é a Republica Nort-Americana. Tomemos, no periodo de 1887-1926, os tres annos de 1887, a 1900 e de 1926. O numero de casamentos nessas tres datas foi de 483.069, 685.101 e... 1.202.574. Os divorcios correspondentes sommaram

27.919, 55.751 e 180.853. Proporcionalmente a 1.000 casamentos, as taxas separatistas foram 55,79 e 150, o que demonstra a rapidez da corrente divorcista. Mais de 80 % das separações foram concedidas nos quatorze primeiros annos; cerca dos dous terços das sentenças foram contra o marido culpado. Em quasi 40 % dos casos, havia prole; em 1926, por exemplo, 116.378 creanças viram sua existencia familiar despedaçada pelo divorcio dos paes.

A proporção do mal elevou-se: enquanto, nos Estados Unidos, a população crescia de 62 %, entre 1884 e 1916, a cifra dos divorcios se alteava de 258 % diz Leonel Franca. No Canadá, segundo a mesma auctoridade, em 1870, para cada 1.000 casamentos se registavam 28 separações, e, em 1.900, 73.

Em vinte annos, 1.318.000 creanças *yankees* foram victimas dessa perigosa e nefanda legislação. Dellas, larga parte está recolhida nos institutos publicos: 40 %, na California. Nesses infelizes abandonados o crime proliferava: em Chicago, capital mundial do crime, 4.478 menores, em 1901, eram delinquentes; já em 1917 eram ... 20.000.

Os mesmos phenomenos repetem-se na Europa, e já citámos o caso extremo da Russia.

Na França, parece ter-se iniciado uma repulsa. A par da liquidação dos erros e das desordens moraes consecutivas á Grande Guerra, occorrença commum em todas as convulsões sociaes, a reacção chegou. Em 1920 e 1921, houve respectivamente 29.115 e 32.472 divorcios; já no anno immediato, a diminuição começou, e em 1925 foram apenas 19.871. Paiz essencialmente catholico, na grande maioria de sua população, taes numeros evidenciam o ardor dissolvente das doutrinas de impiedade e do atheismo, e a vehemencia que inspira o combate que lhea move a Igreja. Nesse paiz, 40 %, em média, dos casam-

separados não tinham filhos; mas os 60 % restantes? Quantas victimas deixariam?

O problema é tão apavorante quanto ao destino dessa desventurada infancia, desamparada pelos paes, que já provocou movimentos de reacção nos paizes mais infectados pelo morho mortal. Não falemos na Russia sovietica, cujas condições já expuzemos, com seus 170.428 divorcios, em 1925, para uma população (na parte européa) de cerca de setenta milhões de habitantes, proporcionalmente mais do dobro do que se vê nos Estados Unidos. Ahi, o facto demographico é voluntario e favoreado pelo governo.

Na França, já alludimos á campanha anti-separatista.

Nos Estados Unidos, se está desenhando egual tendencia. E' notavel o esforço do clero catholico nesse rumo. Parece, entretanto, originar-se fundo abalo nas camadas profundas da sociedade norte-americana, e um dos symptomas mais eloquentes da regeneração parece encontrar-se na actividade literaria do paiz. Não é licito menosprezar esse signal dos tempos, principalmente para aquelles que se recordam do papel capital desempenhado na lucta abolicionista pela *UNCLE TOM'S CABIN*, de Mrs. Beecher Stowe, em 1851-52.

Uma nobre mulher, Edith Wharton, publicou recentemente um livro, *THE CHILDREN*, no qual, sob fórma romanceada, investiga o pungente problema desses filhos de divorciados.

A *REVUE DES DEUX MONDES*, sempre á procura das obras d'arte estrangeiras para as diffundir entre os leitores francezes, deu-lhe guarida em suas columnas, sob o titulo *LEURS ENFANTS*. Apoderou-se o cinematographo da chaga social escarpellada no romance; enfraqueceu-lhe o tragico das circumstancias, e, para agradar ás platéas inimigas de emoções contristadoras, modifi-

cou-lhe a contextura afim de dar ao drama desfecho que lisonjeasse a euphoria popular.

Ainda assim, sob o nome de *THE MARRIAGE PLAYGROUND*, ficou o bastante para mostrar a agudeza e a crueldade refinada e aterradora do problema moral e religioso agitado.

O traductor portuguez, com genial intuição psychologica, restabeleceu nos titulos a lancinante interrogação, e appellidou a peça *OS ORPHÃOS DO DIVORCIO*. Deste modo, restituiu ao romance a logica de sua verdadeira significação social, e perfeitamente exprimiu o horror da situação desses desventurados parias, orphãos creados, não pela morte inevitavel e fatal, mas pelo crime de paes egoistas e inconscientes, sinão fundamentalmente máos.

E' possivel que esse nobre livro renove, para as tristes victimas do divorcio, a cruzada moral de redempção que, para os escravos, se tornou victoriosa, grandemente graças á biblia abolicionista de Beecher Stowe.

Nesta resenha tão summaria, não cabe desenvolver outros problemas, derivados do principal: a legislação separatista. Assim, deixaremos de lado os que se referem á legitimidade da prole e á felicidade individual dos divorciados, tanto quanto as estatisticas do suicidio permitem avalial-a.

A primeira dessas indagações exigiria trabalho extensissimo, combinados os elementos todos com a licção das praticas criminosas, tão communs em certos paizes, da provocação do aborto e das antecipações do thoro.

Sahiriam as conclusões favoraveis ao catholicismo e em detrimento da moral de outros crédos. Mais accentuadas ainda, quanto aos excessos de desenfreada licença dos divorciados.

Quanto á segunda, concordam as estatísticas em apontar o suicidio como oito vezes mais frequente entre reformados do que entre catholicos, achando-se que a razão preponderante está na absolvição, que o sacramento da penitencia, peculiar aos catholicos, recusa aos que attentam contra a propria existencia.

Expressão de desfecho de uma longa vida de erros e de desordens moraes, na phrase de Masaryk, o suicidio flagella proporcionalmente mais aos conjuges separados, e é natural que assim seja. São vencidos prévios os que, não podendo supportar uma vida conjugal naufragada, vão buscar novo thalamo que os console dos desvios do anterior, sem se preoccuparem com os lamentaveis consecutarios moraes e religiosos da dissolução para os esposos e a próle. Que ha de extranhavel que um desequilibrio de tal natureza chegue ás consequencias ultimas da destruição intencional da propria vida?

Permittiu a Providencia em Sua Infinita Misericordia que o Brasil nascesse, evoluisse e se formasse sob o signo da Cruz, apesar dos erros dos homens e de todos os ohices que, por todo lado, lhe surgiram ao encontro.

A principal difficuldade — cumpre affirmar-o (*ne quid veri dicere não audeat* dizia o grande Leão XIII) — veio do proprio clero. Não por culpa propria, mas por influxo do execravel despotismo de Pombal. Este, nem só o exerceu como se sabe, mas impôz á Universidade de Coimbra suas doutrinas regalistas, dando logar á formação de um sacerdocio gallicano, que se transferiu para o Brasil.

Estes padres, tão respeitaveis por outros titulos, trahiam inconscientemente sua missão catholica, isto é universal, e sobre elles pesa a tremenda responsabilidade do véro Captiveiro de Babylonia, que foi a situação da Igreja durante o Imperio. Afrouxaram em sua missão apostolica.

Não se esforçaram bastante para que nossa terra, quer em numero, quer em idoneidade, tivesse os parochos e os regulares de que precisava e precisa.

Inda hoje, e apesar do renascimento espiritualista contemporaneo da libertação da Igreja, com a Proclamação da Republica, mal temos cinco mil sacerdotes, quando seriam necessários uns quarenta mil.

Immensa tarefa que o serviço de Deus impõe, para que nossos descendentes comprehendam, pratiquem, e realizem o alto conselho de *Omnia instaurare in Christo...*

(1930).

A ILLUSÃO MONETARIA

Na multiseccular historia monetaria de Portugal, e, depois, na do Brasil, valeram por tradição permanente o dóllo e a illusão.

Dóllo, na alteraçáo fraudulenta da moeda circulande com valor pleno, quer minguando-lhe o peso para o mesmo poder liberatorio, quer rebaixando o teor da liga em metal nobre, sem bolir no peso da medalha cunhada. Por vezes frequentes, ambos os processos se applicavam. Cessou esta phase em meados do seculo XIX.

Illusão, no julgar que a relação de valores, phenomemo essencialmente economico, podia fixar-se por acto de soberania, a golpes de alvarás, de cartas de lei, de decretos ou de deliberações legislativas. Tal processo mental ainda perdura em nossos dias.

Desde D. Affonso III (1253) começou a falsificação. Até D. João IV (1402), só se exceptuam D. Duarte (1433-1438) e D. João II (1481-1495) da pratica de tal deslise. Continuou este com o primeiro Bragança e seus successores, até D. Pedro II (de Portugal). Ahi, a descoberta das minas do Brasil trouxe momentaneo paradeiro á deshonestidade. A' antiga usança de cunhar peças nacionaes e peças coloniaes, estas de menor valor intrinseco e de circulação local, succedeu a cunhagem de moedas de valor pleno, que corriam no reino como na possessão americana. Tal foi o intuito da carta-régia de 31 de janeiro de 1702.

Em 1756, entretanto, voltaram a dominar os erros seculares, lembrando o governo metropolitano ás officinas no Brasil que ainda estava de pé a lei antiga, que marcava 10 % de differença entre o valor real e o nominal na circulação metálica da Colonia. A ordem, contudo, só em 1789, começou a ser observada na Casa da Moeda do Rio e em 1810 na da Bahia, e ainda sómente quanto á prata.

Limitado o poder liberatorio a 100 réis, o cobre circulava tambem, peças colonias em que a oitava de metal se cotava, acima do preço real, de 5 réis a 16 réis, embora o cunho mencionasse os mesmos algarismos nominaes, 5, 10, 20 e 40 réis, bastante superiores ao custo intrinseco da materia prima.

Processos ineptos, além de desleaes. Os negociantes e banqueiros, sabendo os excusos methodos do governo, já não contavam as peças: pesavam-nas e determinavam-lhes o toque, de sorte que o cambio se estabelecia sobre o peso real de metal nobre existente nas medalhas compradas e vendidas.

Herdou o Brasil tradição e pratica de moedagem falsa. Não quanto á prata e ouro, sim quanto ao cobre. A crise medonha, de circulação, e de economia, conhecida como crise do *xém-xém*, não foi sinão o resultado das emissões de moeda divisóitaria, cujo poder liberatorio já não tinha limites (pois o de 100 réis cahira em desuso), por populações ignorantes recebida sem restricções por seu valor nominal, que em realidade era de tres a seis vezes o seu valor intrinseco.

Complicado o phenomeno com emissões, clandestinas ou contrabandeadas, feitas por particulares, e com movimentos intermonetarios causados por uma falsa relação entre prata e ouro (de 12 $\frac{1}{2}$ a 13 $\frac{8}{9}$, quando era de 16 no mercado livre dos metaes), resultou um chãos, estudado pelos especialistas, e que foi a ruina do Brasil, tanto para

o governo, forçado a resgatar toda a massa, legitima e illegitima, de cobre em circulação, quanto para os particulares, que soffreram da disparidade de venderem seus productos por preços calculados pelo valor nominal do *xém-xém*, e de adquirirem mercadorias importadas por preços baseados nos valores reaes da moeda. Só por 1840 se normalizou a situação. As emissões, boas e más, tinham regulado por 40.000 contos.

O outro vicio monetario, a illusão de fixar cotações por acto de auctoridade, teve vida mais dura. Até hoje, persiste nas praticas governamentaes.

Quando começou a circulação forçada das notas do primeiro Banco do Brasil, a paridade legal relativa a Londres era 67 1/2 pence por 1\$000. A retirada de quasi todo o stock metallico que garantia o troco das cédulas, por occasião da volta de D. João VI a Lisboa, em 1821, as luctas da Independencia, as revoltas e motins no Norte e no Sul, a guerra da Cisplatina, a quebra do Banco, a insufficiencia dos valores produzidos para attender aos gastos geraes do paiz, todas estas causas juntas á desvalorisação crescente do *xém-xém*, iam provocando a baixa dos cambios. O elemento fiduciario da nota, baseado na sua conversão esperada em metal, ia envelhecendo as taxas, á medida que reuava a probabilidade do reembolso.

Caíam os cursos, por 1833, a 32 1/4 e 41 1/2 no Rio, a 30-33 na Bahia, a 38 1/6 no Recife e a 39-53 no Maranhão. A lei desse anno, tomando uma média, pensando fixar as fluctuações, marcou uma nova paridade de 43 2/10.

Ora, não se modificavam as falsas doutrinas dominantes. E, como consequencia, nenhuma razão havia, economica e psychologica, para deter a quéda. De 1836 a 1839, variou de 26 a 36. Aos poucos, ia sendo liquidado o acervo de responsabilidades anteriores. Pacificava-se o Bra-

sil; os últimos conflictos seriam a cabanagem do Pará, vencida em 37, a de Pernambuco, debellada em 40, e a revolta dos farrapos, no Rio Grande do Sul, terminada em 45. Guerras externas, não havia mais. Cessára a crise do *xém-xém*. Uma politica orçamentaria mais ponderada reduzia os *deficits*. De 1840 a 41, as taxas ainda oscillaram de 33 a 29 1/4, mas de 1842 a 1846 fixaram-se entre 24 1/2 e 28, com tendencias altistas.

Foi o momento escollido para o voto da nova paridade, que traduzia a situação do mercado, com experiencia de mais de cinco annos: 27 pence por 1\$000.

Estavam-se formando financistas entre os nossos homens de Estado. Domina o periodo o visconde de Itaborahy, cujo valor bem se pôde aferir pelo facto de que a elle se recorria sempre nos momentos difficeis do Thesouro. De 1846 a 1865, com intervallos curtos em que a taxa foi superior a 27 d., a média oscillou entre 24 1/2 e o par, mais proximo deste ultimo. De 65 em diante, quèda notavel, correspondente á guerra do Paraguay: chegou, transitoriamente, a 14 d., mas, de preferencia, variava em torno de 20 d. Terminada ella, voltaram os cursos a firmar-se entre 24 e 27, até 1875.

Começaram, então, os influxos da questão servil, da expansão dos gastos publicos, phase na qual os extremos cambiaes foram 17 1/2 (excepcionalmente) e o par, mas ficando o ponto médio nas proximidades de 20 a 21, até que o maximo de 27 d., e mesmo mais, fosse attingido em 1889.

Com a Republica, teve inicio a derrocada. Insegurança publica, motins, revoltas, expansão inconsiderada de gastos, más finanças, desconfiança generalizada, levaram as taxas a 15 d., em média, em 1891, a 10 3/32, em 1894, a 9 1/2 em 1895, a pouco mais de 7 em 1897, anno do primeiro *funding*. Entrou-se, então, em periodo de recons-

tracção. Já em 1902, o equilibrio quasi constante é obtido em torno de 12 d., e a progressão nos sete annos seguintes regista as médias de 12 $\frac{9}{32}$, 12 $\frac{7}{32}$, 15 $\frac{57}{64}$, 16 $\frac{3}{4}$, 15 $\frac{1}{2}$, e 15 $\frac{1}{4}$.

Com o advento de novo periodo presidencial em 1910, e a creação da Caixa de Conversão as taxas estabilisaram-se em 16. Pouco a pouco, com o desenvolvimento pacifico do paiz, completaram-se os depositos desse aparelho emissor, e attingiram o maximo legal. Liberto o cambio, logo manifestou sua tendencia ascensional, corollario logico do progresso evidente de nossa terra. Em breve, sem esorço nem intervenção, andavam os cursos pelas cercanias de 18 pence.

Assumiu o governo, então, o presidente Hermes. Sem falar na extranha politica financeira logo posta em pratica, começaram verdadeiros desatinos partidarios e administrativos, que comprometteram e arruinaram a obra de saneamento monetario levada a effeito pelos presidentes Campos Salles e Rodrigues Alves.

Coube ao quadriennio 1914-1918 liquidar o passivo das devastações realisadas no periodo anterior, e cumprir o segundo *funding*, a que taes loucuras haviam conduzido. O que foi o complexo de operações exigidas para cumprir tal programma, é cousa geralmente desconhecida, mas que, opportunamente, será contada. Tal a força immanente no paiz, entretanto, que, sem o menor artificio, regularisadas as contas, pagos os debitos e cumprido em menos de tres annos o contracto de moratoria, em plena guerra mundial, fechadas todas as antigas fontes de credito, subiram, ainda assim, as apolices de 691\$ a 840\$000, e o cambio de cerca de 11 d. ás proximidades de 14.

Finda a guerra, houve uma phase de alta em que as taxas voltaram ao nivel de 18 d. Mas logo retrocederão, pois em parte a alta relativa de cambio brasileiro se baseava

na depreciação das circulações monetárias da Europa. Melhorando estas, sem ascensão parallela no Brasil, era natural enfraquecer a relação contra nós.

Progredindo o regresso das cotações, por motivos que não é opportuno relatar, voltou a imperar a falsa noção dos valores fixados por auctoridade. Vimos, então, a paridade de 12 pence escanoteada sem debate, ao apagar das luzes, na reorganisação do Banco do Brasil. E já agora, para estabilisar a situação vigente, se aventa a idéa do cambio a 5 d.

Não bastará a experiencia de um seculo de vida independente, para capacitar aos nossos homens publicos da inanidade pueril de taes expedientes?

Não se comprehenderá que neste aviltamento monetario se encontra a causa primordial das difficuldades terribes em que se debatem todos?

União, Estados, Municipios, empresas com capitães ou dividas estrangeiras, pelas remessas crescentes a effectuar, tendo receita-papel e onus-ouro, vêem-se todos obrigados a augmentar impostos ou remunerações dos serviços que prestam.

O contribuinte, o funcionario, vendo preços augmentados e vida encarecida, pede a seu turno augmento de estipendios para poder manter-se; o que obriga os locadores de serviços a novas despezas, isto é, a pedir novas contribuições ao povo. Circulo fechado, no qual cada phenomeno é effeito, e se torna causa de novo effeito identico. Gravar sem fim para a miseria de todos. Chegou, entre nós, a ponto que a fome já não é figura de rhetorica em discursos eleitoraes, e sim terrivel soffrimento a esmagar as economias de milhares e milhares de lares pobres, na população urbana.

A solução está no rumo opposto, inverso do seguido até hoje.

Paz, ordem, governo, para restabelecer a normalidade na vida orçamentaria do paiz, tanto para as grandes unidades politicas — União, Estados, Municipios —, como para as empresas e os particulares. Equilibrio real das producções e das vendas, sem sacrificio dos melhoramentos que o progresso nacional exige, apenas com a condição restrictiva de proporcionar a velocidade realisadora com a capacidade de attender aos gastos sem comprometter o nivelamento do balanço economico. Não confiar tanto nos illusorios programmas de córtes, quanto no fecundo esforço por augmentar o poder creador e productivo da Nação.

Bom senso, calma, comprehensão, infinita indulgencia e possibilidade de perdão. Não basta a velha fórmula dos Whigs, na Inglaterra: *peace, reform and retrenchment*. Cumpre aggregar-lhe mais termos: intensificar a producção; afastar o Estado de tudo quanto é extranho á sua missão propria; competencia; energia; e a collectividade por alvo unico de todo o seu esforço.

Acima de tudo: dar a devida preeminencia aos *impoderaveis* que governam o mundo, os valores moraes, o amor ao proximo, o espirito de sacrificio, a abnegação, o culto da Patria acima do individuo.

Muita cousa, é certo. Mais ainda, entretanto, merece o Brasil.

(Julho de 1925).

PROJECTO MONETARIO

Com o intuito de combater o influxo deleterio das oscillações cambiacs em toda a produçãõ nacional, acaba o governo de apresentar como base de estudo um projecto especial, pedindo seja discutido e corrigido de quaesquer defeitos e inconveniencias.

Não regateemos encomios ao pensamento director, e collaboremos.

As principaes criticas merecedoras de attençãõ, até hoje feitas, attingem os pontos seguintes.

Liga a proposta, desnecessariamente, duas quaestões distinctas; estabilisaçãõ e paridade da moeda. Na primeira, todos estão de accôrdo, uns por meio de um instituto especial, outros por mēra acçãõ do Banco do Brasil. Per-tencemos a esta ultima categoria, mas estamos promptos a acceitar a outra soluçãõ, e, de accôrdo com ella, orientamos este artigo. Na segunda, allegam, e tem absoluta razão, todos os argumentos contrarios que o eminente sr. Leopoldo de Bulhões já citou de relance e em resumo, e que tambem se encontram nos excellentes artigos que, sobre a "Lucta pelo café", escreveu o distincto sr. Bouiloux-La font.

Em realidade, jungir os dois casos não é obrigatorio. O ideal seria obter unanimidade de opiniãõ e de esforços para a medida vital que o governo acertadamente collima: estabilisar. O remedio é simples: separemos os dois problemas. Solva-se já, com a possivel urgencia, o que limita as fluctuações, e não se prejudgue o outro, que requer meditaçãõ maior. O primeiro tem o assentimento quasi

unaníme do paiz; aproveitemos este feliz consenso para o realisar com o apoio de todos.

Não existe o mesmo accordo quanto á paridade, e interesses dos mais elevados e respeitaveis se sentem ameaçados. Adiemos esta questão para mais tarde. Em realidade, e isso é corrente, não é a taxa em si que impede a normalidade productora: é a dança fantastica das cotações. Essa, convém impedir.

Outra serie de censuras visa o conflito das circulações e o enfraquecimento previsível do Banco do Brasil. Têm ainda razão. O empenho de todos, governantes e governados, é, e deve ser, constituir o nosso banco o regulador central da moeda, e instituto de firmeza comparavel aos congeneres da Inglaterra, da França e da Alemanha. Dizem ainda que bolir sem prudencia em sua estrutura e funcionamento, representa, para a economia nacional, perigo igual a um brandão acceso em paiol de polvora.

Ha meios de corrigir o defeito apontado.

Com esse espirito constructor, aqui apresentamos um substitutivo ás medidas propostas, no qual procuramos obviar as falhas citadas.

Resulta de collaboração com o competente dr. Carlos Claudio da Silva, velho e respeitado amigo nosso, e cujo nome e valor moral são acatados por quantos se occupam de finanças brasileiras.

Não olvidemos, entretanto, que a base de todos os projectos é o saneamento da vida orçamentaria.

PROJECTO SUBSTITUTIVO

Art. 1.º — É instituida uma Caixa Estabilisadora do cambio destinada a receber moedas de ouro de curso legal, nacionaes e estrangeiras, e ouro em barra.

§ 1.º — Em troca do ouro recebido a Caixa entregará ao portador um certificado com seu valor em réis, calculado este pelo cambio fixado de accordo com a presente lei.

§ 2.º — Os certificados de ouro depositado não terão curso legal, mas serão trocados pelo seu valor em réis no Banco do Brasil, que entregará a seu portador notas emitidas por este banco.

Art. 2.º — Os certificados de deposito em ouro serão trocados por ouro, á sua apresentação, na especie e quantidade nelle designados, ou por outras moedas uma vez que a totalidade dellas produza o valor-ouro primitivamente depositado.

Art. 3.º — O ouro depositado na Caixa, por motivo nenhum poderá ser retirado, excepto para troco dos certificados, sendo por elle responsavel, civil e criminalmente, não só seu director como qualquer empregado, na fórma do artigo 241 do Código Criminal, condição essa que não poderá ser modificada por acto nenhum posterior.

Art. 4.º — Si a taxa cambial no mercado do Rio de Janeiro, attingir, durante tres mezes consecutivos, a 1/4 de dinheiro mais que a taxa fixada em vigor na Caixa, poderá o ministro da Fazenda elevar de 1/8 de dinheiro a taxa para os depositos de ouro, e assim successivamente na mesma razão até ser attingida a taxa de 12 dinheiros por mil réis.

§ 1.º — Alterada a taxa, o Thesouro Nacional depositará na Caixa, dentro em tres dias, ouro preciso para que todo o deposito responda pelos valores em réis constantes dos certificados, á taxa a vigorar, só operando a Caixa com a nova taxa logo que o Thesouro recolha ahí este ouro.

§ 2.º — Também poderá o Thesouro conseguir o mesmo fim, retirando e incinerando notas em valor total que corresponda á differença-ouro na circulação ás duas taxas consecutivas.

§ 3.º — Os dois processos poderão ser seguidos cumulativamente.

Art. 5.º — O Congresso Legislativo decretará na Lei da Receita uma verba especial para fazer face ao que preceitua o § 1.º do art. 4.º.

§ 1.º — O que fôr consignado para este fim ficará em deposito para sua applicação.

§ 2.º — Si a somma consignada para este fim não fôr sufficiente para o fim a que se destina, fica o ministro da Fazenda auctorisado a completal-a, solicitando, posteriormente, do Congresso, si na occasião não estiver funcionando o credito supplementar preciso.

§ 3.º — Não tendo sido applicada no exercicio financeiro toda ou parte da verba destinada a elevar a taxa cambial a que se refere o art. 5.º, será essa importancia total ou o saldo restante recolhido á Caixa de Amortização para ser incinerado como resgate do papel-moeda em circulação, fazendo-se com o Banco do Brasil as operações necessarias para resalva do Thesouro, visto cumprir a este Banco o resgate em virtude do Decreto n. 4.635 de 8 de janeiro de 1923.

Art. 6.º — Fica o ministro da Fazenda auctorisado a convencionar com o Banco do Brasil o recebimento dos certificados de deposito de ouro depositado na Caixa sobre as seguintes bases:

1 — O Banco do Brasil obriga-se a receber e pagar ao portador do certificado o valor em réis d'elle constante, equivalente ao ouro depositado na Caixa.

2 — O Banco do Brasil obriga-se a ceder a quem pretenda os certificados de depósito de ouro pelo valor em réis nelles contidos.

3 — O Banco do Brasil emittirá notas bancarias pela Carteira de Emissão, abrindo uma conta especial lastreada pelo ouro dos certificados; e, uma vez cedidos os certificados, incinerará as notas recolhidas.

Art. 7.º — O Poder Executivo expedirá regulamento para a organização administrativa da Caixa. O numero, classe, attribuições e vencimentos de seus funcionarios serão estabelecidos no mesmo regulamento, que, nesta parte, vigorará provisoriamente até definitiva approvação do Congresso Nacional.

Art. 8.º — Fica o Poder Executivo auctorisado a realisar, dentro ou fóra do paiz, as operações de credito precisas para os fins desta lei.

Art. 9.º — Revogam-se as disposições em contrario.

(Dezembro de 1926).

COOPERAÇÃO

Duas noções fundamentais presidem á obra genial de Raiffeisen, uma economica, ethica outra, ambas se inspirando no mais puro amor ao proximo.

A força operante nella immanente age em todos os paizes, sem distincção de raças, climas, ou continentes. O ponto é iniciar. Mas exige, para vencer, corações bem formados, espirito de caridade humana, sentimento innato da solidariedade do Criador e das criaturas.

Outros rememoraram aqui o progressivo surto das realizações. Disseram da primitiva confusão, incompletamente desfeita ainda, entre o credito hypothecario e o agricola. Narraram as difficuldades dos primeiros dias, o *vires acquirit eundo* a cujo abençoado desenvolver estamos assistindo.

Examinemos, de preferencia, o evoluir geral das fórmulas adoptadas para o custeio das actividades, baseadas na cooperação.

A não ser a precursora de Goyanna, que data de 1903, foi a lei de 1907 o ponto de partida do movimento associativo. Hoje, 124 Caixas existem. A rapidez com que o numero cresceu, é revelada pelo quadro seguinte:

| Annos | Numero | Annos | Numero |
|-------|--------|-------|--------|
| 1903 | 1 | 1917 | 17 |
| 1903 | 2 | 1918 | 17 |
| 1909 | 6 | 1919 | 18 |
| 1910 | 7 | 1920 | 23 |
| 1911 | 9 | 1921 | 27 |
| 1912 | 9 | 1922 | 30 |

| Annos | Numero | Annos | Numero |
|-------|--------|-------|-------------|
| 1913 | 9 | 1923 | 36 |
| 1914 | 14 | 1924 | 49 |
| 1915 | 14 | 1925 | Julho 84 |
| 1916 | 16 | 1926 | 24.7.26 124 |

A progressão assume aspecto quasi geometrico, bom prenuncio para o futuro.

Actualmente, são 38 na Bahia, 26 no Rio Grande do Sul, 25 no Rio de Janeiro; 10 no Paraná, 4 no Ceará, na Parahyba e no Rio Grande do Norte, 3 no Districto Federal, 2 em Minas, em Pernambuco e em S. Paulo, 1 no Acre, em Alagôas, no Espirito Santo e em Sergipe.

Do outro modo de attender ao problema creditorio, os bancos Luzzati, diz a estatistica serem hoje 76, todos de fundação recente, menos de dez annos, com uma excepção que data de 1915.

Sua repartição actual é a que vamos citar: 25 em S. Paulo; 16 no Districto Federal; 9 no Rio de Janeiro; 6 no Ceará e em Minas; 3 na Parahyba e no Rio Grande do Sul; 2 em Alagôas e na Bahia; 1 no Acre, em Matto Grosso, em Pernambuco e no Paraná.

Confrontando taes dados, resalta, do ponto de vista Raiffeisiano, a indiscutivel superioridade das organizações na Bahia, e no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Paraná.

Com pezar, acrescentemos a quasi inexistencia do movimento das demais circumscripções.

Nestas, é o modelo mais mercantil que social que triumpha com os bancos. Certo, estes são superiores, como conceito funcional, ao puro instituto commercial. Além de seus lucros limitados, as sobras se destinam a fins de utilidade geral; a preocupação do bem commum lhes é

familiar. Mas estamos longe do model ethico superior e absoluto que inspira, mantém e amplia as *Darlehenskassen*.

De ponto de vista puramente economico, o pensador só tem que bater palmas ao conjuncto. As necessidades do credito agricola, a modicidade delle, a solidez das operações e dos apparelhos fiduciarios, os pequenos lucros exigidos, tudo merece louvor, tanto como resultados, quanto sob o aspecto de escola para desenvolvimentos ulteriores.

Do angulo de visão social, porém, não pôde o moralista deixar de formular as mais sérias reservas. Quão attenuado, nos bancos, exceptuados os que representam federações de Caixas, vem o immortal lemma do Fundador, a fraternidade christan!...

Convenhamos, muito influem as condições locais. S. Paulo e Minas, onde, em grãos diversos, se faz sentir o affluxo de imigração italiana, têm preferéncia marcada pelo typo peninsular dos institutos Luzzatti. No Districto Federal, o meio urbano explica em parte a maior facilidade do appello ao banco em vez da Caixa; em escala menor, no Rio de Janeiro.

Mas, feito um leal exame de consciencia, serão estas as causas predominantes da predilecção dada a um, sobre outro feito de solução?...

Não parece. Grande parte da responsabilidade recae sobre um afrouxamento da propaganda, sobre a tendéncia natural a seguir a lei do menor esforço, em uma palavra sobre o entibiamento no animo apostolico que deve presidir a toda evangelisação: o lado humano, a sobrepujar o impulso divino. . .

Não se pôde exigir do commum dos homens alçarem-se ao nivel em que pairam os mais videntes. A maioria

só vê no credito o lado monetario intrinseco, suas facilidades, as condições favoraveis da concessão, as conveniencias collectivas da limitação dos lucros e o emprego das sobras a bem da communhão. Não faz mal, pensam, que a obtenção immediata de taes vantagens deixe de lado o organismo mais social e fraterno das Caixas; apressam os meios de acudir a difficuldades de dinheiro, pois o banco já está nos habitos, e o outro apparelho exige estudo, aprendizagem e esforço maior. Tem collaboradores espontaneos, nos possuidores de capitães á procura de collocação segura e rendosa; enquanto a Caixa é noção nova, uma victoria, sempre difficil, sobre o egoismo de espiritos imbuídos de individualismo excessivo, precisamente a feição reinante nos meios agricolas.

Entre um recurso facil e prompto e uma solução mais custosa, é natural e humano pender para o primeiro. Economicamente, ainda tem razão. Mas socialmente, christianamente, o aspecto é outro. Como sempre, a estrada mais aspera e cheia de sacrificios é a que leva á Verdade.

Já é muito conseguir o que Luzzatti ideou e fundou. Mas Raiffeisen foi mais alto e mais fundo: a par da necessidade material a que serviu, visou exercitar as almas na pratica do auxilio desprendido de contingencias egoistas. E a prova immediata, temol-a no estudo das operações, mesmo aqui no Brasil, na resumida e incompleta estatistica que compendia a actividade decorrente da lei de 1907.

| Anno | Operações | Valor global | Média |
|-------------------------|-----------|-----------------|------------|
| 1909 | 9 | 2:200\$000 | 244\$000 |
| 1910 | 32 | 15:300\$000 | 478\$000 |
| 1911 | 55 | 29:800\$000 | 542\$000 |
| 1912 | 63 | 35:000\$000 | 555\$000 |
| 1913 | 78 | 48:400\$000 | 621\$000 |
| 1914 | 72 | 47:500\$000 | 660\$000 |
| 1915 | 94 | 68:900\$000 | 733\$000 |
| 1916 | 115 | 96:200\$000 | 836\$000 |
| 1917 | 314 | 422:500\$000 | 1:345\$000 |
| 1918 | 611 | 744:000\$000 | 1:217\$000 |
| 1919 | 2.318 | 1.938:000\$000 | 836\$000 |
| 1920 | 4.482 | 3.548:000\$000 | 791\$000 |
| 1921 | 5.981 | 6.450:000\$000 | 1:075\$000 |
| 1922 | 6.914 | 7.425:000\$000 | 1:074\$000 |
| 1923 | 8.117 | 9.890:000\$000 | 1:218\$000 |
| 1924 | 10.413 | 17.385:000\$000 | 1:669\$000 |
| 1925 (1/7/25) | 13.211 | 35.850:000\$000 | 2:712\$000 |

Esse quadro permite tomar o pulso do movimento ascensional. Em inicio, a hesitação, o empréstimo mínimo, a timidez em realizar a operação. Pouco a pouco, a aprendizagem se faz: crescem as sommas mutuadas; estabelesam-se, provisoriamente, em torno de 700\$ a 800\$000; mais um passo á frente, e o nivel de 1:000\$ a 1:200\$ é attingido, até que em 1925 começam a funcionar as caixas bahianas, que servem a lavouras de alto valor, e a média se eleva a 2:700\$. De 1909, até o fim do primeiro semestre do anno passado, o terreno percorrido se mede por essa comparação: de 244\$000 passou a 2:712\$000 a média dos empréstimos; a intensidade do movimento, de 9, a principio, se elevou a 13.211 em meio anno de 1925. *Decuplicou* o valor das quantias. Tornou-se *tres mil* vezes maior o numero dos que recorreram aos institutos fiduciários.

Do ponto de vista da obediencia aos preceitos raiffici-seanos foi mantido o ideal primitivo: os prazos oscillaram

de um a cinco annos para as operações de custeio agrícola, de um a seis mezes para os pequenos descontos pedidos pelos lavradores.

E os bancos? Não se distinguem, quasi, seus balanços do que apresentam seus homonymos sem o fim social que Luzzatti quiz servir. E' nas applicações das sommas mecejadas que as differenças, e essas são valiosas e importantissimas, se fazem notar, em honra das instituições limitadoras dos lucros. Mas, quantias, prazos, natureza das transacções, confundem-se com os dos demais apparatus semelhantes. Não ha limite no vulto da operação, e esta só se baseia na capacidade commercial do devedor. Não se examinam intrinsicamente os negocios realizados, quanto á sua origem e fins: basta a solvabilidade das firmas que intervem nelles.

Certo, desenvolvem-se e espalham-se como é natural suppôr se dê com um apparatus sadio. Foi o Banco Popular do Brasil quem iniciou a marcha, em 1915, e de então para cá o progresso consta do seguinte resumo:

| Annos | Ns. de bancos |
|-------------------------------|---------------|
| 1915 | 1 |
| 1916 | 1 |
| 1917 | 1 |
| 1918 | 1 |
| 1919 | 6 |
| 1920 | 12 |
| 1921 | 18 |
| 1922 | 26 |
| 1923 | 29 |
| 1924 | 35 |
| 1925 (1.º semestre) | 44 |
| 1926 (1.º semestre) | 76 |

Sua actividade se traduz pelos numeros que vamos transcrever das estatisticas provisórias e inferiores á realidade, feitas no Banco do Districto Federal:

| Annos | Operações | Valor global | Média |
|---------------------------------------|-----------|-----------------|------------|
| 1915 | — | — | — |
| 1916 | — | 515:450\$000 | — |
| 1917 | — | 824:414\$000 | — |
| 1918 | 1.953 | 1.792:706\$000 | 917\$000 |
| 1919 | 2.792 | 4.285:460\$000 | 1:534\$000 |
| 1920 | 3.748 | 6.490:500\$000 | 1:731\$000 |
| 1921 | 4.892 | 9.350:000\$000 | 1:911\$000 |
| 1922 | 5.991 | 11.990:000\$000 | 2:151\$000 |
| 1923 | 7.840 | 23.400:000\$000 | 2:984\$000 |
| 1924 | 9.543 | 48.900:600\$000 | 5:184\$000 |
| 1925 (1. ^o sem.) | 11.935 | 79.800:000\$000 | 6:686\$000 |

De 1918 até fins do primeiro semestre de 1925, a média das operações passou de 917\$000 a réis 6:686\$000, quasi que sete vezes maior; o valor global dellas, de 515:450\$000 a perto de contos 160.000, isto é 320 vezes maior; o numero de empréstimos, de 1.953 a cerca de 25.000, ou doze vezes mais.

Comparando as duas séries de mutuos, nos dois sistemas, não é obvio que os devedores são outros em cada qual? que nas Caixas formam a clientela mais pobre e menos provida de meios de recorrer ao empréstimo commum? e que nos bancos se attende á faina costumeira do commercio, e, em alguns casos, quasi do grande commercio?

Nos prazos, a mesma contraposição: o prazo longo do cyclo productivo agricola, nas Caixas; a circulação rapida dos capitães em gyro de negocios nos bancos.

Ora, são precisamente os mais soffredores, os mais humildes, que mais exigem o remedio fiduciario, e os bancos, por sua essencia, menos commodamente lly'os podem fornecer. Remunerando accionistas, embora limitadamente, não tem no mesmo grão a elasticidade e a mira social preconizadas pelo grande Raiffeisen.

Em seu trabalhoso afan, propagandistas mais esclarecidos vão insistindo na formula allemã. Lentamente embora,

crece o numero dos institutos de solidariedade illimitada, e se amplia o vulto de suas operações.

Taes indices de progresso, dirão, reflectem apenas a base cooperativa saudavel do aparelho. Justa ponderação, mas incompleta. Na realidade, a multiplicidade dos pontos de contacto entre credito e elementos formadores da riqueza, — terra, homem, esforço —, torna a construcção fiduciaria inabalavel. Cresce a confiança e espalha-se como producto organico da propria criação. Mas avulta tambem, porque os iniciadores tiveram fé em si-propios, no alto ideal da empresa, no valor egual de seus semelhantes.

O que custa a comprehender, si se não soubesse quão fragil a contingencia puramente humana, é que tanto demorasse a nascer a fertil noção de que se um merece credito, a collectividade solidaria muito mais tem direito a elle. Constitue, até, o alicerce mais seguro que imaginar se possa. E então, si, conforme o intuito do Iniciador, a collectividade é pequena, de gente que se conheça, de relações entrelaçadas de todo genero, formando uma cellula economica e social, mais probalidades se offerecem de exito e de triumpho.

Está apenas em seu periodo inicial tal conceito, mas semente de immenso poder germinativo, já vae alcançando largos horizontes. A Allemanha, arruinada pelos erros propios e alheios, acaba de emergir do barathro do colapso de sua moeda, e da bancarrota, por uma applicação do mesmo principio.

A nota bancaria, pela exportação das reservas de ouro e pela desordem inimaginavel dos orçamentos imperiaes consecutivos á guerra, estava annullada em seu valor. A vida economica da Germania inteira era um chãos em que diariamente se mudavam tres e quatro e mais vezes

os preços das utilidades. Gréves permanentes reinavam para se obter equilibrio entre salarios, custo da vida e cambios.

Foi quando se propoz a criação do *rentenmark*.

Todas as propriedades passavam a ser hypothecadas por 50 % ao Estado, afim de servirem de base á nova moeda criada. Esta continuaria a paridade anterior, e viria garantida por novos valores indestructiveis: terras, fabricas, riquezas existentes, reservas inexploradas; penhor que só desappareceria globalmente si um cataclisma fizesse subverter a face do orbe. E a audaz tentativa, filha directa da idéa cooperativista, salvou o antigo Imperio dos Hohenzollerns, e deu novo fundamento estavel á sua renovada expansão em todos os rumos.

Tal exemplo, um dos maiores, por certo, ao lado do vulto sempre a dilatar-se do credito das Caixas e de suas Uniões, é méra prova de elasticidade intrinseca do conceito primitivo. Ninguem ainda, entretanto, por demais recente a criação genial, logrou prever toda a potencialidade realisadora desta. Sente-se, apenas, o ambito immenso em que tal principio póde applicar-se com vantagem, na producção material como nos mesmos empreheudimentos intellectuaes.

Esse o lado economico da solidariedade illimitada, a que, por seu extraordinario escopo e poderosos meios de realisacão, observadores insufficientes pensam poder restringir a cruzada raiffeiseana.

Olvidam, porém, a face mais alta, mais nobre, mais commovedora: o intuito moral e religioso.

Não entremos em controversias. Protestantes de todas as variações, tanto quanto orthodoxos romanos, pullulam em taes associações, a par de indifferentes e incréos. Não foi um grande Papa, Pio IX, que disse ser o baptismo a

larga porta de entrada pela qual todos os dissidentes se podiam incluir no seio forte e meigo do catholicismo?

Os moveis impulsores não serão os mesmos para todos: a força economica da collaboração, para muitos, talvez para o maior numero; a mesma razão, mais o predomínio moral, para outros. E nisto irmanaram-se todas as seitas. E' o que justifica e exige a presença, nos grupos directores locais, dos responsaveis maximos pela doutrinação e pela pratica do ideal evangelico: os parochos.

Desenvolver, propagar, assegurar o exito da lição de fraternidade humana, filha da doçura divina, transbordante no Sermão da Montanha e encerrada no programma das Caixas; mostrar como, mais essencial ainda do que o só fortalecimento do credito, é o inextinguivel amor ao proximo que as deve inspirar; tal a missão superior de quantos meditam nesses problemas.

Ficar apenas na phase economica, por mais valiosa que seja esta, é menos de meio caminho andado, falha tanto mais grave quanto é precisamente essa preocupação religiosa o cunho differencial entre o systema de Raiffeisen e as bellas construcções, pura e exclusivamente economicas, de Shulze-Delitsch, dos bancos escossezes, e outros.

Do grande pioneiro é a phrase: ser a base de sua obra "Die christliche Nächstenliebe", o amor ao proximo christão.

Por isto, quiz que cada cellula fosse um ambito familiar ampliado, no qual os directores agissem com conhecimento pessoal dos membros da communhão, conhecimento relativo ao valor moral do pretendente a auxilio, á sua capacidade de trabalho, ao fundamento e exequibilidade da operação projectada. Caracteristicamente, o modo de agir patriarchal do chefe de familia e do concelho de anciãos, afim de criar o liame solidario entre todos.

Desta fórma, nem só o empréstimo é julgado em si proprio, intrinsecamente, como sua origem, sua justificação e seus intuitos se esmiuçam. Tudo é puro no processo; a necessidade impulsora, o meio de a satisfazer, os recursos offercidos pelo devedor, o alvo inspirador do banqueiro, a finalidade dos productos do mutuo.

Ahi se encontra um grande ensinamento, que, multiplicado diariamente em milhares de reproducções, evidencia o movel primeiro de similhante actividade: não o lucro commercial, embora este se dê em moderadissima escala; sim o dever moral de auxilio fraterno, o pensamento altruista, a obediencia á licção divina.

Cada occurrencia destas, desempenhada em consciencia a missão de todos, é uoa prece pratica ao Altissimo, oblação do prestador; outra do beneficiado. A ambos, ensina, e, pela repetição, indelevelmente imprime na alma as maximas supernas: — Amæ-vos uns aos outros e a Deus, inspirador paternal de tudo.

Congressos como este têm fins multiplices. Rememoram o passado, para lhes fixarem os lineamentos. Notam os progressos e inscrevem as conquistas feitas. Mas, e quiçá seja este o lado mais directamente proveitoso, apuram fraquezas e causas de entorpecimentos, para, removendo-as, dar maior impulso ás energias criadoras. Esse, tambem, o aspecto constructor de certas criticas.

Nesse intuito se devem fazer algumas notas, quanto á evolução do organismo raiffeiseano no Brasil.

E' imprescindivel insistir muito mais no elemento espiritualista do funcionamento das Caixas. Vivemos em paiz de tendencias dispersivas, no qual cada um clama por seus direitos, sem se recordar de seus deveres. Precisamente as Caixas agem em nome dos deveres de solidariedade, instituidos pela Providencia, e nisto reside sua força: os direitos derivam apenas dos primeiros.

O que tem triumphado até agora revela, principalmente, o poder da cooperação. A solidez da base constituída pela integração de infinitamente pequenos, pela associação de recursos, pela somma de forças isoladas applicadas a um alvo commum, eis o que se ostenta no progressivo desenvolvimento traduzido pelos balanços. Não se nota, por egual, o pulsar cada vez mais vigoroso do sentimento divino.

* * *

Claro, a causa está na difficuldade da cruzada. Ainda se acha em inicio nossa educação cooperativista. Contraria toda ella a historia nossa, desde os tempos da Metropole e ainda depois da Independencia, tecido de actos individuaes a subjugarem e arrastarem, por vezes, multidões.

Mas é preciso reflectir que datam apenas de fins do seculo passado, entre nós, as primeiras cogitações sobre systemas de credito agricola, erroneamente confundido com o hypothecario; e que sahido das preoccupações puramente intellectuaes ou officiaes, o trabalho de propaganda realisadora começou com a campanha benemerita de Wenceslão Bello, de Ignacio Tosta, dos grupos de Friburgo e Petropolis, com Placido de Mello á frente e escolhido nucleo de auxiliares de real valia, em 1908, batalhadores todos de vanguarda aos quaes se vieram juntar novos entusiastas, crentes na obra abençoada de Raiffeisen. Poucos ainda, entretanto, e, centuplicados fossem, sempre poucos, tal o escopo a alcançar.

Para trinta milhões de brasileiros, a 1.500 socios conforme o preceito do Mestre, fôra preciso termos vinte mil caixas... e quão longe ainda estamos do primeiro milhar. Nem se diga isso por desanimo. Ao contrario, seja estímulo para redobrarmos de esforços conquistadores da alevantada méta.

Para lhe dar toda a significação, entretanto, bom seria systematisar a empresa. Apoio inegualavel poderia ser dado pelo clero, agindo serenamente, sem intuitos outros que não a fraternidade christã.

Pouco a pouco, parochia por parochia, o appello ao cumprimento do dever supremo de soccorrer aos que soffrem permittiria cobrir o Brasil todo de uma rêde creditoria, com suas uniões e bancos centraes reguladores, para melhor serviço das almas e dos reclamos terrenos, evitando entregar sem defesa interesses legitimos de nossos irmãos, principalmente dos pequenos e quasi desvalidos, em pasto á ganancia e ao funcionar brutal das leis impiedosas da lucta feroz pelo dinbeiro e pelo lucro. O dever, primeiro, antes do direito...

Sem programma confissional inutil em paiz quasi todo catholico, seria a melhor prova pratica da caridade, da obediencia ao amor, mais alto. Afervoraria as almas. Sentindo, faria pensar.

Do pão assim facilitado para os miseros e mesquinhos, viria o ensino. Mas o ensino essencial, a maior necessidade do mundo moderno, no qual a aânia de viver e de gozar fez esquecer os motivos de viver: a gratidão humilde da criatura pelo Criador, a illimitada conformidade com as leis inspiradas pela "Somma Sapienza ed Alto Amore".

Porque esta é a tarefa maxima e o dever do momento: não perecer na preamar utilitaria dominante; nella viver, olhos fitos no pharol eterno da Fé. No Brasil, missão simplicissima, pois si ha modorra em muitas almas, nellas não existe o vazio da descrença. O ponto está em despertal-as, e, pelo sentimento, reavivar-lhes a energia espiritalista.

Uma legião de missionarios para isto se impõe. Animos ardentes de amor e de fé, verdadeiros apóstolos, sabendo que servem a Deus, ao proximo, á humanidade inteira. De sua intima consciencia virá a recompensa de tanto labor.

E, pensando no egregio Fundador germanico, de cada um desses divulgadores da doutrina economica da solidariedade christã, se poderá então repetir o que o quarto livro dos Reis disse dos prophetas: "*Requievit spiritus Eliae super Elyseum*".

(Outubro de 1926).

TRANSPORTES ARCHAICOS

Certo esforço mental torna-se necessario para comprehender a circulação das mercadorias na primeira metade do seculo XIX. Então, como hoje, um dos problemas maiores da economia nacional era o dos transportes. Tão grande, que, salvo para o ouro e os diamantes cujo valor concentrado facilitava as remessas das longinquas minas do interior, a distancia do littoral condemnava ao abandono e ao descaso immensas zonas ferazes que só forneciam generos baratos.

Café, e assucar em grão menor, ainda permittiam certa internação das fazendas productoras.

Mas cereaes e coisas analogas ficavam no sertão e por muito tempo continuaram nossos patricios a justificar o conceito dos antigos chronistas, vivendo como caranguejos a arranharem a areia das praias.

O gado, tambem, caminhando por seu proprio pé, constituiria outra excepção.

Acostumados, nos dias que correm, aos serviços ferroviarios, custa um pouco imaginar que se movessem tão grandes massas, ha menos de oitenta annos, com os escasos e rudimentares recursos, vindos ainda do periodo colonial.

E não era, no entanto, insignificante o vulto do escambo.

Só o Rio exportava café até cercanias de 1830, e as quantidades já avultavam:

| | | | |
|------|-----------|------------|--------|
| 1818 | | 11.874.304 | libras |
| 1819 | | 8.600.548 | > |
| 1820 | | 14.910.240 | > |
| 1821 | | 16.861.892 | > |
| 1822 | | 24.318.304 | > |
| 1823 | | 29.599.168 | > |
| 1824 | | 36.688.673 | > |
| 1825 | | 29.291.664 | > |
| 1826 | | 41.690.900 | > |
| 1828 | | 58.871.360 | > |

Era um movimento ascensional, de 65.000 saccos em 1819, a 445.000 em 1828. A isto, cumpre acrescentar o consumo interno.

Não eram essas as únicas expedições. Rio, Santos e Bahia mandavam assucar. No primeiro desses portos, a mercadoria chegava em caixas de 50 arrobas, em caixotes de 20-25 arrobas, em barricas de 6 a 8 arrobas, e em saccos de 4 1/2 arrobas. Do segundo, não ha detalhes, mas da Bahia se sabe que as caixas pesavam 40 arrobas.

As quantidades constam do resumo seguinte:

| ANNOS | RIO | | | | SANTOS | BAHIA |
|-------|------------------|---------------------|-------------------------|-------------------------|---------|------------------|
| | C. de 50 arrobas | C. de 20-25 arrobas | Barricas de 6-8 arrobas | Saccos de 4 1/2 arrobas | Arrobas | C. de 40 arrobas |
| 1819 | | | | | | 29.775 |
| 1820 | | | | | | 33.658 |
| 1821 | | | | | | 48.814 |
| 1822 | | | | | | 35.660 |
| 1823 | 24.185 | | | 10 a 12.000 | | 10.271 |
| 1824 | | | | 10 a 12.000 | 450.000 | |
| 1825 | 21.538 | 1.650 | | 10 a 12.000 | 550.000 | |
| 1826 | 19.655 | 1.348 | | 10 a 12.000 | 600.000 | |
| 1828 | 19.126 | 465 | 13.667 | 10 a 12.000 | | |

Rio ainda embarcava pelles e tabaco:

| ANNOS | PELLES | TABACO |
|------------|----------------------|---------------------------|
| 1823 . . . | 273.540 pelles . . . | 26.896 rolos de 75 libras |
| 1825 . . . | 261.910 > . . . | 21.165 > > > > |
| 1826 . . . | 384.178 > . . . | 27.064 > > > > |
| 1828 . . . | 207.277 > . . . | 24.620 > > > > |

Rio e Bahia tinham tambem um pequeno commercio externo de algodão:

| ANNOS | RIO | BAHIA |
|----------------|-----------------------------|-----------------------------|
| 1819 | | 29.311 fardos de 150 libras |
| 1820 | | 41.708 > > > > |
| 1821 | | 41.146 > > > > |
| 1822 | | 34.720 > > > > |
| 1823 . . . | 8.898 fardos de 128 libras. | 8.302 > > > > |
| 1825 . . . | 3.401 > > > > | |
| 1826 . . . | 4.449 > > > > | |
| 1828 . . . | 2.440 > > > > | |

A todas estas estatisticas citadas por R. Walsh, accrescentemos as quantidades consumidas no paiz, e veremos que as tonelagens vehiculadas não eram minguadas, para a época.

Si exceptuarmos o Reconcavo bahiano, no qual a multiplicidade de rios navegaveis facilitava o emprego de verdadeiras esquadilhas de embarcações, o grande, quasi unico elemento de transporte utilizado foram os muarês.

Innumeras zonas mineiras, fluminenses, bahianas e paulistas, criavam mulas para transportes regionaes. Não bastavam, contudo. Do sul, tanto do Rio-Grande como da mesopotamia entre Paraná e Uruguay, vinham tropas rio-grandenses e correntinas, affluindo a Sorocaba que era o mercado distribuidor.

Amansavam-se os animais, óra para sella, óra para cangalha. Dos primeiros exigia-se muito: belleza de formas, isenção de qualquer defeito ou tara, andares e por vezes

requintes de apuro de doma; aos segundos, mais numerosos, pedia-se menos: saúde, fortaleza e resistência.

Com as montadas, percursos diários de seis a sete leguas (nas regiões accidentadas do Brasil Central) poderiam fazer-se durante semanas a fio, não havendo descuido com o lombo e os cascos, geralmente ferrados, e com o forrageamento. Contrário, pois, do que se dá no Norte, onde o cavallo domina e corre mais ligeiro e desferrado: e ainda em opposição com o Sul, no qual, na coxilha, a andadura é mais veloz e os animaes de muda são de regra.

Com os cargueiros, o escopo é outro. Não ultrapassam as marchas tres a quatro leguas por dia. O essencial é a resistencia ao peso. Em geral de oito a dez arrobas de 15 kilos, excepcionalmente, doze. Organisar e conduzir um lote requer talento especial e grande pratica para não inutilisar os animaes quer por excesso de peso, pisaduras dos arreios ou esforços demasiados. Cumpre acertar com precisão a cangalha, equilibrar o conjuncto, nem sempre symmetricamente repartido, recorrendo para isto a varios artificios, alceando desigualmente as cargas, ou usando dos contrapesos, a que chamam "dobros", — ou ainda com o "cambito ou arrox", dando o "aperto" do lado conveniente.

Cada lote contava sete, nove ou onze bestas, os de sete eram mais communs na antiga provincia do Rio de Janeiro; os de nove, em geral, caracterisavam a tropa mineira; os de onze, a tropa goyana. O "arrieiro" usualmente, ia montado, e os camaradas a pé. Quando varios grupos se juntavam, costumava haver um capataz.

Cada grupo de muares tinha "madrinha", que era ou um cavallo ou uma besta mais segura, a servir de guia na marcha, e centro de reunião dos animaes no apascentar nocturno. Era habito velho dar-lhes arreios especiaes, com fitas e pannos vistosos, e mais guisos e muita prataria nas cabe-

çadas. Pouco a pouco, a disciplina se firma e espontaneamente o lote se arruma atraz da madrinha, na estrada, ou ao alcance do "cincerro", campainha que se lhe ata ao pescoço, ao serem soltos á tarde nos pastos para descanso e alimentação.

Ahí dão-se manifestações curiosas da economia naturalista. Como na fazenda de gado, onde a vaidade e competição residiam no numero de cabeças possuidas, na riqueza de alfaias das capellas e das joias femininas; como na fazenda de cultura, onde sentimento igual se traduzia na extensão das terras e no numero de escravos; na tropa o ponto de honra e a superioridade se encontravam na uniformidade do pello dos animaes, na egualdade de porte e de resistencia das unidades componentes, nos ornatos dos arreios e especialmente dos da madrinha.

No conjuncto dos systemas de vehiculação, — carros de bois, barcos, muares — o tropeiro e seus auxiliares representavam uma aristocracia. Nos tempos do apogeu da tropa, seu dono era personagem de destaque. Não viajava com seus animaes: o capataz de confiança, escravo por vezes, guiava e cuidava dos lotes, enquanto o dono com uma "comitiva" escolhida de bestas de estimação, com numerosas mudas á destra, arreios faiscantes de prataria e mesmo com peças de ouro, partia dias ou semanas depois, e, viajando mais rapidamente, ia alcançar os primeiros já proximo a seu destino final.

Nem sempre coincidiam os itinerarios.

A tropa, aparelhada para viagem, no primeiro dia pouco marchava, apenas o sufficiente para acertar as cargas e se collocar nas condições normaes de seu trabalho. Do segundo dia em diante começava o rythmo constante que reinaria durante toda a expedição.

De madrugada, ia o camarada com o bernal de milho ou a cuia de sal buscar os animaes no pasto, ou no "encosto"

onde haviam sido soltos. Nas primeiras noites, para evitar que "puxassem para traz" pelo habito de voltarem a suas querências, ficariam peados, quando o campo não fosse fechado ou seguro. No fim de dois ou tres dias, alongando-se a viagem, amadrinhavam-se em torno do "cin-cerro" e assim o campeiro via sua missão facilitada.

Tocados para o rancho ou, quando este não existisse ou já estivesse occupado, para o acampamento improvisado na vespera atavam-se os animaes ás estacas que se transportavam muitas vezes entre o couro da coberta e a sobrecarga. Raspados, amilhados, recebia cada qual sua cangalha e as cargas respectivas, methodicamente empilhadas na vespera, formando corredores e recinto fechados, "suadouros" para o ar, para enxugarem do suor da marcha anterior, posta cada carga fronteira ao arreio respectivo, resguardado o conjuncto contra as intemperies pela cobertura dos couros. Ao amanhecer o dia, a tropa estava arreada e prompta. A camaradagem já tinha comido o feijão e tomado o café de coadouro preparados pelo cozinheiro. Um menino ou um tocador punha a madrinha na estrada, e a poder de gritos gutturaes, ordenava o sequito; aos recalcitrantes, com retumbantes golpes de arroxo no couro da cangalha, ou mesmo uma varada nas ancas, reduzida á obediencia.

Caminhavam legua e meia ou duas leguas, na fresca da manhã. Na calma do meio-dia, desarreavam á beira de uma aguada, para recommear o avanço de tardinha, até ás quatro ou cinco horas. E assim, durante semanas, percorriam de tres a quatro leguas por marcha.

Quando acontecia faltar agua no percurso, traziam-na em ôdres de couro, as "borrachas", e a distribuiam parcimoniosamente aos sedentes cargueiros, quando não preferiam viajar "de agua a agua", isto é cruzando sem pausa o trecho arido.

Descarregavam á tarde o lote, sempre com o mesmo methodo. O cozinheiro, personagem importante, temperava o feijão que já vinha cozido e fazia a "janta"; fincava em algum esteio do rancho o "mancebo" com o coadouro, e esperavam, para comerem juntos, que os canjeiros voltassem do pasto onde haviam deixado os animaes. Cahia a noite. Em torno do fogo, appareciam as violas ou as sanfonas, e davam largas á sua inspiração os cantadores, contemplativos ingenuos, poetas natos das estradas sertanejas. Ao lado, o cozinheiro punha ao lume na "trempe", o feijão do dia seguinte, e durante toda a noite o vigiava.

Essa, a vida monotonica, invariavel de sol a sol, do pessoal da tropa. Durava mezes. Accidentes ou imprevistos, quasi não havia. Travessias de rio. Atoleiros, onde animaes afundavam. Intemperies. Uma ou outra discussão, que por vezes desfechava em tiro ou facada, e, no chapadão ou na matta, uma cruz tosca assignalava o tumulo da victima que havia tombado.

Outra, a viagem do dono da tropa, do "tropeiro" propriamente dito.

Era um mensageiro da civilização. Era o homem que tinha ido á Côrte, ou, pelo menos, a logares nos quaes se tinha noticia do que se passava na Côrte. Nesse tempo em que raros jornaes circulavam, sem assignantes no interior, linhas postaes eram escassas, quando não inexistentes, a tradição oral do interior valia como meio quasi unico de contacto com os acontecimentos do littoral e do estrangeiro. Coisa muito semelhante ao papel que, na média idade, desempenhavam mercadores ambulantes ou os tropeiros.

Por elles, chegavam ao sertão longinquos rumores dos successos littoraneos, isto é, das alternativas politicas pelas quaes tanto se interessavam os chefetes regionaes, dos preços das mercadorias a comprar e dos generos a ven-

der. Por ellas se faziam encomendas, não sendo das menos importantes as incumbencias do elemento feminino das fazendas.

Por esses tempos, não havia bancos, nem meios de remessa de dinheiros sinão por "positivos", "proprios", portadores ou mensageiros especiaes. Ainda era o tropeiro, conhecido e abonado, o intermediario normal para taes operações.

Por seu negocio e suas relações commerciaes, tanto quanto pelo convívio social forçado, tinha de se aperfeiçoar constantemente. Novos meios, novos horizontes, intercambio em círculos sociaes mutaveis, tudo agia como fermento para seu progresso continuo, auxiliando e confirmando a superioridade psychologica que o tinha levado a trocar, por uma vida de intensa actividade e movimento incessante, a modorra da propriedade rural ou o quasi nenhum bulicio da existencia nos arraiaes. Tambem, em regra, pertencia á gente melhor da provincia: para compra das tropas, para registos e direcções de sua industria, era conveniente possuir certa instrucção e algum capital, exigencia que limitava o recrutamento dos membros de sua categoria e a fixava na classe dos mais abastados. Selecção profissional e social, portanto.

Ainda, para manter e largar influxo e prestígio, teria de convencer, captivar e aconselhar a quantos frequentava. Banqueiro dos fazendeiros, tinha de lhes merecer fé. De facto, esta era a base insubstituivel de taes relações economicas no sertão; a confiança reciproca entre vendedores e compradores, no interior e no mercado consumidor, atravez do tropeiro ouvido e respeitado. O ambiente em que se moviam era da mais estricta e rigorosa honestidade.

Comprehende-se, dest'arte, o ascendente social exercido. Hospede nas fazendas, querido e ansiosamente esperado, trazia as novidades, aviava as encomendas femi-

ninas, geria interesses financeiros do chefe da casa. Todos igualmente lhe votavam amizade, até os escravos de estimação aos quaes premiava os pequenos serviços.

Não ha como escurecer ou minguar a valia de sua missão progressista. Foram pioneiros de civilização social e de progresso economico. Desempenhavam funções do mais alto relevo, e não ha extranhar o destaque com que, na litteratura da época, são descriptos pelos melhores romancistas, por Bernardo Guimarães entre outros.

Em paiz falto de estradas, possuindo méros trilhos nas serranias e apenas, nas chapadas, as largas faixas de percurso do gado, facil é comprehender que os meios de transporte se adaptassem e experimentassem o influxo dos accidentes geographicos.

A tropa, por toda parte, prestava os maiores serviços. Mesmo correndo risco de pilherias intuitivas, não ha negar a immensa divida do Brasil para com o burro, elemento de prosperidade e de progresso de Norte a Sul do territorio. Mas onde sua influencia reinou sem contraste, foi na região amorrada das serras do Mar, da Mantiqueira, das Vertentes, no Brasil do Sul e do Centro, em summa. Tinha concorrentes nas demais zonas.

No littoral, nos rios navegaveis, nas bacias fluviaes, do Amazonas e mesmo do Paraguay, dominava a embarcação, da canoa ou "montaria", nome significativo, ao transatlantico e ao "gaiola" de hoje, no Rio-Mar.

Nos caminhos do planalto central — digamos, com exaggero, da margem occidental do S. Francisco para Oéste até a floresta amazonense — a largura e a horizontalidade das avenidas naturaes facilitavam o transito das boiadas e dos carros.

Do fundo de Matto-Grosso e de Goyaz até os contornos das serras das Vertentes e da Mantiqueira — e eram centenas e centenas de kilometros, milhares mesmo

em alguns casos, — não se cruzavam desnivelamentos apreciáveis, salvo na travessia dos valles erodidos pelas águas dos rios.

Solução ideal para o transporte do gado, tanguido a pé pelas comitivas do boiadeiro.

No prazo que precedia de um a dois mezes as águas, nos pontos iniciais da entrada para o sertão, iam se formando os magotes de camaradas com suas montadas e animais de custeio, sob a chefia do patrão. Penetravam terras a dentro, até os pantanaes matto-grossenses, por vezes, até Santa Rita do Paranahyba, o Araguaya, ou o sertão das Aboboras em Goyaz. Adquiriam o gado e voltavam em marchas pequenas, trez leguas em geral, amansando pelo trato as bravias manadas sertanejas, guiando-as. Recolhiam as cabeças tresmalhadas, luctando contra os "estouros", panicos subitos, por vezes inexplicáveis e irreprimíveis, que derramavam pela "caatinga" e pelo "cerrado" innumeros rebanhos, a exigirem dias para se aggremiarem de novo. Onde não havia pontes nos rios, ou balsas ou barcas de passagem, lançavam n'água os bois, orientados na travessia a nado por um camarada nadador perito, levando na cabeça uma grande armação, methodo já velho e descripto por Antonil como corrente nas fazendas bahianas do seculo XVII. De cada lado da boiada, no rio, canoas continham e congregavam as rezes que fugiam ou eram arrastadas pelas águas. Em breve passo, e com perdas pequenas, chegavam quasi todas á margem opposta.

No percurso da volta, até o ponto terminal, encontravam os "verdes", isto é, a vegetação nova, tenra e succulenta, dos campos já então adubados pela cinza das "queimadas". E, assim, na fresca da estação das águas incipientes, por itinerarios ricos de pastagens, e fugndo

cuidadosamente dos campos "hervados" (onde havia plantas venenosas), chegavam, para descanso e engorda, nas "invernadas". Podia-se contar com mais alguns mezes para a manada se refazer da "quebra" soffrida na viagem e se tornar mercadoria de valor venal mais alto. Em regra, boi comprado no sertão, só no anno immediato entraria para o consumo.

Ainda ali, surgia essencial o papel da tropa no campo do gado, em seu custeio, e na sua conducção.

Na zona do planalto, a chapada facilitou o advento do novo meio de transporte: o carro de bois.

Inteiramente construido de madeira de lei, pesada, com escassa ferragem além dos aros dos rodeiros cheios, eixo movel contido entre "cocões" rinchadores, podia carregar até cem arrobas. Era terrivel estragador de estradas, que não resistiam aos esforços de alavanca desenvolvidos nas curvas pelo conjuncto rigido do eixo e das rodas, sob o peso do rude vehiculo. D'ahi, pouco durarem as vias de communicacão naturaes, formando-se sulcos parallellos, e deslocando-se para o lado a nova trilha. Na planura intermina da chapada, constituíam-se por taes afastamentos successivos faixas de centenas de metros de largo, discerniveis de longe em meio da macéga alta.

Está ligado ainda ao commercio do sal, o desenvolvimento experimentado no transporte pelo carro de bois.

Na economia naturista, a fazenda, unidade economica, se suppre de tudo com a propria producção. Exceptua-se, quasi unico, o sal. Quando muito, e para os casos de consumo voluptuario, importa-se algum vinho e algum tecido mais fino; mas em geral o alcool é fornecido pela aguatdente de canna ou por minusculos vinhedos locais, e o vestuario pelos teares caseiros, tanto para algodão

como para lã. Cardas, fuso e roca encontram-se em todas as velhas casas sertanejas, e urucum, genipapo e páo-brasil, dão as substancias tinctoriaes.

Claro, a tropa pôde fazer taes movimentações, de vulto crescente com a ampliação da industria pastoril, a consumir chlorureto de sodio para a salga do gado. Era a maior importação. Hoje, encontra concurrentes na introdução de tecidos, de ferragens, de rolos de arame para cerca e de kerozene, á medida que desappareceram as industrias caseiras de tecidos, de azeite de côco, e se foram extinguindo os fogos das pequenas forjas de preparo do ferro, onde ferraduras, cravos, barras eram feitos para supprimentos regionaes. Convém notar que taes productos da rudimentar siderurgia da época se transportavam em lombo de burro.

Mas o carro de bois se revelou mais economico, nos chapadões, por effectuar transportes mais concentrados, exigir menos trabalho e melhor resguardar a carga contra as intemperies.

Na carga, uma vez arrumada, não se mexia mais até seu destino final. O couro da tolda protegia contra sol e chuva. A "mesa" do vehiculo, elevada acima do solo, impedia se humedecessem ou se sujassem as mercadorias.

Vesperando a entrada das aguas encaminhavam-se os carros pelas estradas. Iam puxados por juntas de bois, de cinco a doze.

Um menino, o "candieiro", com pequena vara de ferrão, collocava-se á frente dos bois de guia e, puxando-os pela "chifradeira", os punha a caminho. Atraz, o "carreiro", com ferrão maior, excitava as rezes, não lhes permitia descansar nem "anuar".

Sahiam, mal rompia o dia, e avançavam uma legua. Ahí paravam perto d'algum ponto d'agua. Descangavam as juntas, soltando os "ajoujos", mas deixando as chifra-

deiras para que os bois não se afastassem de mais. Empilhavam "cangas" com os "canzis", "cambões" e "tiradeiras". Almoçavam á moda dos tropeiros. A' tardinha, traziam de novo os animaes que haviam pastado, bebido e ruinado. A partir do "coice" e até a "gia", cangavam successivamente as juntas ligadas uma á outra canga pelo cambão e pela tiradeira: e reencetavam a caminhada por mais uma legua.

Ao entardecer, pousavam juncto á agua. Soltava-se completamente o gado na pastagem de beira-estrada. Escorava-se o cabeçalho do carro, e preparava-se a modesta refeição nos caldeirões equilibrados sobre as trempes. Coado e bebido o café, em torno do fogo se sentavam carreiro e candieiro. Sob a mesa, um couro crú servia de cama ao primeiro. No espaço entre o toldo e a carga, estendia-se o menino para dormir. Juncto á meia luz dos tições, um cão de guarda velava sobre todos.

Por vezes, pelo plaino seguiam em fila dezenas e dezenas de vehiculos, mais de cem em certas occasiões. Cada qual se distinguia, e era reconhecido por seu dono, pelo timbre especial de sua "cantiga", que era a nota estridula do eixo a attritar contra os cocões. A' noite, a linha dos fogaréos similhava a frente de extranho exercito acampado na chapada erma, taes quaes os tropeiros. Violas, violões, sanfonas sahiam dos bornaes que os guardavam. Ao longo da intermina columna, evolavam-se para as estrellas, sob o azul profundo do céo recamado de brilhantes, as canções dos carreiros, a melopèa dos chapadões, a mesma endeixa sentida de nostalgia, de magua e de amor, da poesia espontanea dos simples e dos solitários.

Algumas variantes locais. O typo paraguay, por exemplo, é dirigido de dentro da tolda. Longo aguilhão

suspensão em equilíbrio sobre a mesa, permite ao carreiro deitado espicaçar uma ou outra das juntas.

Não dependiam de ranchos, como a tropa. Insensível às intempéries, o toldo dispensava a arrumação diária das cargas sob cobertura enxuta. Exigindo pessoal menor que os lotes, o carro abrigava ao candieiro e ao carreiro, entre as rodas, sob a mesa, ou também no interior entre toldo e carga.

Assim milhares delles, de outubro a março, procuravam os centros distribuidores do sal, ali traziam os productos sertanejos e os escambavam com as mercadorias littoraneas indispensaveis á vida do interior.

* * *

Tendem a desaparecer todos esses processos archaicos, quasi peremptos. Mas a acção eliminatória e substitutiva não é uniforme.

A via-ferrea não extinguiu, apenas encurtou os percursos da boiada, do carro ou da tropa. Da estação terminal, ou do ponto da linha mais proximo do centro productor, partem como dantes as comitivas compradoras de gado, os carreiros de sal, de arame farpado ou de kerozene, as tropas transportadoras. E esta coexistencia do presente e do passado se mantém nas regiões montanhosas de nossa terra.

Não assim, no chapadão, no planalto central. Ali o auto-caminhão matou o burro e carro de bois. Goyaz, graças a isto, passou a distar do Rio de seis ou sete dias apenas, quando d'antes pedia mezes de viagem, e, em dias recentes exigia normalmente de quinze a vinte dias de transporte. Nem falemos de páramos mais longinquos, sinão para citar que Rondon, em momento de grande pressa, poudo com um Ford, no trecho matto-grossense, vir de Cuyabá ao Rio

em seis dias. Vê-se a degressão: mais de seis mezes em fins do seculo XVIII, mais de dois em fins do seculo XIX passando pela embocadura do rio da Prata; uma semana em 1926.

A esse rythmo de aceleração obedecem todos os problemas de transporte no Brasil.

(Outubro de 1927).

A MARCA DO SUL

Defrontando o bloco hispanoplatino, vae para século e meio, se ergue o Rio Grande do Sul, a marca do Brasil.

Na longa historia formadora da fronteira continental entre o Portugal e Castella, esse foi um dos capitulos mais modernos. Si lhe podemos traçar as origens desde os ataques ás reduções jesuiticas, do Guayrá para o Sul, e desde a fundação da Colonia do Sacramento, certo é que as feições decisivas são mais recentes: as luctas pela occupação dos Sete Povos das Missões do Uruguay, e o definitivo apossamento da região missioneira por Manoel dos Santos Pedroso, o conhecido Manéco, em 1801.

Discriminar nacionalidades nesse vasto oceano de coxilhas, aqui ou ali ponteados de pequenas serras, não foi obra exclusivamente ethnica nem geographica. A principio, do Chuy ao Quarahy, larga faixa se estendia de gentes mescladas, com o falar intermédio entre portuguez e hespanhol, habitos eguaes, alianças familiares de duplice proveniencia ibérica. Na unidade anthropogeographica do delta do Prata, pesar de divergencias notaveis, abundam factores communs, e mesmo nas differenças e opposições mais ha de quantitativo do que de qualitativo. E' o motivo pelo qual tão cntrelaçados se acham os annaes da actividade social, politica, economica, combativa, do amplo trecho que vae dos ultimos contrafortes andinos, a Oeste, a Sul do Paraguay, a Norte, e ao sopé da região da Serra-acina, a E'ste, no Rio Grande.

Impossivel é estudar-se a historia sulina, isolando qualquer de suas parcellas. Até hoje, as alianças raciaes

permauecem. Existe um dialecto fronteiriço commum. Nos conductores de homens das tres soberanias bem como nos seus subditos, encontra-se em cada uma nomes ancestraes das outras duas.

O principio differencial foi outro, portanto: social, politico. E para sua constituição avulta importantissimo o periodo de 1810 a 1842.

As vicissitudes da Cisplatina bem como a politica imperialista de D. João VI evidenciaram quanto eram diferentes os problemas e os alvos dos tres povos ribeirinhos, divorcios bem mais fortes que as analogias decorrentes do ambiente uniforme. As particularisações humanas falavam mais alto e dominavam as convergencias produzidas pelo viver a cavallo, na solidão da coxilha, dos plainos ou do pampa; pela alimentação quasi exclusiva de carne e pelo mattear.

Não foi obra de dias. Exigiu lustros para que as populações comprehendessem. Ainda hoje, decennios passados, quanta vez, nos momentos de exaltação partidaria, a fronteira convencionada se oblitera na conjuncção de esforços guerreiros de uma e de outra banda do linde?

1840-42 talvez seja o ponto culminante do processo dichotomico.

Até então, nas revoluções uruguayas entre partidarios de Lavalleya, de Rivera e de Oribe (com sua repercussão nas sympathias e nas antipathias dos governos de Buenos-Ayres), havia collaboração rio-grandense. Do mesmo modo na guerra dos Farrapos figuravam contingentes e auxilios da antiga Banda Oriental. A propria fixação do limite, em 1828, não apagára a interpenetração de elementos estrangeiros nos successos de cada nacionalidade.

Uma consequencia grave, entretanto, surgia dessa confusão. O grande numero de brasileiros residentes no territorio uruguayo, attrahidos pela excellencia das terras

e dos gados, participando nas contendas locais nem só influía no desfecho das luctas, como chamava sobre si retaliações e hostilidades. Ora, pelas ligações familiares aquem-fronteira, as perseguições iam ferir seus affins no Rio-Grande, e com maioria de razão quando taes vinganças vinham se exercer no proprio territorio da provincia imperial, nos raids devastadores que exterminavam rebanhos, roubavam os haveres, matavam a gente a Norte da divisa.

Tanto influíu o sentimento de um perigo commum, que determinou em larga parte, talvez a maior, a pacificação de Caxias, e com tanto mais exito quanto, na tentativa de 1835-1845, nos Farrapos, dominava a noção de autonomia incomparavelmente mais do que a da independencia.

Em 1845, haviam praticamente desaparecido as idéas separatistas, e a missão unificadora do Imperio se havia imposto, pelas mãos de seu principal obreiro, Luiz Alves de Lima e Silva, o immortal Caxias.

D'ahi em diante, o Rio-Grande foi atalaia da nacionalidade, não para a levar fóra de suas fronteiras, sim para a resguardar contra quaesquer investidas.

Toda a historia nossa convergia para exaltar a mentalidade cavalheiresca desses brasileiros de vanguarda: antecedentes bellicosos, desde o tempo das bandeiras e das luctas contra o adversario castelhano, na Europa como no Novo Mundo; os troncos ibéricos com suas noções de pundonor e de melindres; o ideal mediévo, até hoje dominante na psyche peninsular como na de seus descendentes ultramarinos, de honra e de sacrificio "pelo Rey, pola Ley e pola Grey".

E assim se constituiu um dos typos mais nobres e mais altos de nossa terra, dos que mais acatam e se sacrificam pelos imperativos moraes. Honra lhes seja.

Nem sempre foram comprehendidos. Da crise de 1835-1845 ficaram, no Imperio, resquícios apreciaveis. Facil é seguir a filiação do anseio de autonomia ao espirito regionalista puro, por vezes estreito em demasia. Quando Gaspar da Silveira Martins, trovejando no Parlamento, falava na barra do Rio-Grande e no dever de a melhorar, raros comprehenderiam que estava em discussão um dos problemas essenciaes do paiz inteiro: para a maioria, tratava-se apenas de uma questão local, de interesses restrictos, proclamados pelo vozeirão estentorico do tribuno, entre veladas ameaças.

Sejamos justos, comtudo. Nos recursos technicos e nas possibilidades financeiras do Brasil, até os primeiros tempos da Republica, seria difficil emprender obra de tanto vulto; mesmo hoje, apenas provisoriamente solvida. pois as areias continuam a descer da bacia hydrographica dos affluentes da Lagôa dos Patos, e crear obices á navegação.

Com aspectos peculiares, renova-se ali o phenomeno do areiamento ininterrupto do rio da Prata. Mão grado dragagens continuas, accentua-se precaria situação do canal balisado até Buenos-Ayres. Assim tambem, no litoral rio-grandense. A lagôa vae se aterrando. As corôas ampliam-se. A barra não é hoje a sahida franca, que foi, ha poucos annos, para os maiores calados. Até data recente, ainda existia e não sabemos si se removeu, um casco afundado logo na extremidade dos molhes, nucleo de nova corôa que obrigava os navios a difficeis manobras.

O programma a seguir é vasto. Lagôa dos Patos e Lagôa Mirim têm de se transformar com o tempo em vastos *polders*, com duplice alvo: concentrar as aguas fluviaes em secção de vasão menor, com velocidade augmentada e poder carreador de areias superior ao actual;

e também fixar as novas terras e valorisá-las pela ampliação de culturas industriais. Mas é tarefa longa e que se deve executar com continuidade. Nos molhes, que a sedimentação marinha assedia, cumpre chegar ás linhas bathymetricas onde as correntes litoraneas varrem os detritos para os grandes fundos oceanicos.

Tal como na embocadura platina e em Buenos-Ayres, taes soluções constituirão sempre pontos delicados, á mercê das violências incalculaveis dos elementos e das eventualidades bellicas. Causa de fraqueza, portanto. E comprehende-se que o espirito publico se preocupe com taes previsões, e cogite de estabilisar os exutorios da produção estadual. Espírito publico tanto no Rio-Grande como na União cumpre notar; pois é necessidade nacional da ligação ao Brasil, que a gravitação economica para Montevidéo tornaria menos intensa.

Ignoramos as condições naturaes do porto de Torres, o regimen local de correntes e de ventos, as facilidades da costa. Mas, em principio, a idéa é sadia e logica.

Quem conhece as possibilidades economicas do Rio-Grande, sabe que figura entre os Estados de maior future de nossa terra, com o qual poucos poderão emparelhar. Não pôde haver crises nesse abençoado-torrão, tão multiplicadas são as fontes productoras de riqueza. Como poucos ainda, ostenta energia de crescimento, intelligencia no aproveitamento de seus recursos, segura previsão do que pôde conquistar. Embora em inicio e constrangida pela defectuosidade dos transportes, ha real, verdadeiro e ir-reprimivel reserver de seiva estuante, do Uruguay ao Chuy.

No Rio-Grande economico reproduz-se um supplicio inventado nos pampas ao tempo das *montoneras*, o jaléco de couro. Com uma differença: no aparelho de tortura, a

pelle fresca do boi, ao seccar e encorrijar-se, asphyxiava a victima; no esforço creador o crescimento das utilidades produzidas congestiona e immobilisa a circulação. Morte, em ambos os casos.

Nem ha exaggero na previsão; já se acha em plena realidade o desvio para o Uruguay. Basta seguir, nas estatisticas exportadoras, as quotas representativas da contribuição brasileira. Quanto mais difficuldades surgirem ao escoamento pelos portos e pelas estradas nacionaes, mais importante será o derivativo para o estrangeiro. Convirá ao Brasil tal situação? Não é obvio que dar-lhe remedio é tarefa vital para o paiz? Missão, nem só de interesse economico, como de integridade politica.

Desse mesmo ponto de vista decorre a conveniencia de mellhorar os transportes ferroviarios do Estado. Urge religal-os aos dous embarcadouros, o existente na foz da lagôa dos Pátos, o vindouro, em Torres. Este ultimo élo, pouco mais de cem kilometros partindo do ramal da Taquára, deverá ser prolongado até Araranguá afim de utilizar tambem, em caso de necessidade, os portos catharinenses.

Acima de tudo, cumpre simultaneamente favorecer a producção regional e facilitar-lhe os movimentos.

Si tomarmos por eixo a linha de Porto-Alegre a Uruguayana, veremos, a Norte, formar-se em Santa Maria o vertice do largo angulo cujo segundo lado seria a linha que segue por Cruz-Alta e Passo Fundo para Marcellino Ramos e Santa Catharina; do mesmo modo, a Sul, encontramos em Cacequy o vertice do outro angulo traçado pela via ferrea que, por S. Gabriel e Bagé, segue por Pelotas até Rio-Grande.

Nessas duas áreas angulares não ha⁹ viação por trilhos, sinão a ligação de Montenegro a Caxias e Bento Gonçalves-Alfredo Chaves. E, entretanto, abrangem quasi

a metade do Estado !... e o que mais estupefaz é conjugar tal abandono com a natureza económica de taes regiões !...

O sector septentrional é o das mais florescentes colónias de Cima da Serra, dos municípios vinhateiros e industriaes, de cultivo de fructas de clima frio e de cereaes europeus. Sua produção encontraria mercado riquíssimo de Santa Catharina até o Rio de Janeiro. Não o tem, entretanto, sinão em escala limitada, porque teria de ser encaminhada por Porto-Alegre até o mar, com os onus do porto do Rio-Grande e das baldeações em todos os pontos de mudança, nesse systema mixto de transportes.

Urge organizar as vias de comunicação para o Norte. A construcção do trecho Taquara-Torres-Araranguá levaria cargas a todo o littoral até o de Santa Catharina. A do ramal Bento Gonçalves-Alfredo Chaves-Passo Fundo utilisaria o escoadouro pela S. Paulo-Rio-Grande. Finalmente, de Alfredo Chaves poderia sahir outra linha procurando o centro de Santa Catharina até a fronteira do Paraná.

O sector do Sul é, simultaneamente, o trecho mais rico do Estado em mineraes valiosissimos e zona ideal de cultura e de criação. Constitue um immenso triangulo curvilíneo, com o vertice em Cacequy e a lagôa dos Patos como lado opposto; cerca de 400 kilometros de altura, por 350 de base. Nesse mundo, não ha vias ferreas, sinão as insignificantes linhas das minas de S. Jeronymo e de Butiá !...

E, no entanto, ali se concentram as principaes camadas carboníferas do Rio-Grande, minerios de cobre, de estanho, de wolframio e de ouro. Ali se ostentam admiraveis campos cerealíferos; pastagens exímias para a criação de bovinos, de equinos e de porcinos; o carneiro ali prospera. Fatalmente, em futuro cujo advento é func-

ção dos trilhos, nelle se installarãt o mais denso parque industrial do Rio-Grande e as mais importantes centraes electricas para fornecer força barata pela utilização das moinhas e dos carvões inferiores. Será o nosso *pays noir*, e ao mesmo tempo o fornecedor de metaes, de gado para frigorificos e suas industrias accessorias. Que espera para desabrochar e florescer ? Capitaes e vias ferreas.

Não se póde esquecer que a abertura do porto de Torres obriga a modificações especiaes na orientação da rêde ferroviaria. Por assim dizer tem de ser bicipite, e applicar-se aos transportes tanto para o Sul (Rio-Grande) como para Norte (Torres). Não é admissivel que, congestionada a linha de Cacequy ao Rio-Grande, os productos da zona entre esta e a de Cacequy a Porto-Alegre fiquem presos no local de proveniência. Transversaes de S. Sebastião a Lavras, Caçapava e Cachoeira, da região de Candiota á Encruzilhada, de Pelotas por Camaquan á região de S. Jeronymo; encaminhariam para Norte as utilidades grangeadas. Viriam entroncar-se taes ramaes em um collector geral, com o duplice fito de servir a zona mineira e de dirigir todo o escoamento para a foz do Guahyba, da qual iria prender-se á estrada da Taquara e a Torres. Assim, das immediações do entroncamento do ramal de S. Pedro a Jaguaray, um dreno commercial se estabeleceria por S. Sepé, Caçapava, Encruzilhada e a zona do Guahyba, soldando-a ás transversaes vindas do Sul.

Com tal conjuncto, além das produções agricolas e pecuarias, se forneceria a todos os carvões rio-grandenses meios de vehiculação; as jazidas auríferas de S. Sepé, de Lavras; as de cobre de S. Sepé, Caçapava, Camaquan; as de estanho e as de wolframio de Encruzilhada; todos esses haveres mineraes, da mais alta importancia, viriam valorisados.

Resta considerar o espaço á Norte da E. F. Porto-Alegre á Uruguayana, limitada pelo Uruguay a Oeste e pela S. Paulo ao Rio-Grande a E'ste. Menos povoada, actualmente, ahí se desenvolvem já os antigos nucleos, hoje cidades, de S. Thiago, Ijuhy, Santo Angelo, São Luiz Gonzaga, S. Borja e Itaquy. E' a região por excellencia dos alfafaes; dos campos finos missioneiros, centro natural que já começa a ser, e se desenvolverá sem duvida, de grande actividade pastoril; bem como das mattas de beira-Uruguay.

Para a servir, o ramal de Jaguarhy deve prolongar-se até a linha, a bem dizer abandonada, de Itaquy a S. Borja, enquanto de Alegrete os trilhos deverão avançar até S. Luiz e Santo Angelo, deixando para mais tarde sua extensão até Palmira e a zona de Erechim.

Com esse systema articulado de vias ferreas e de embarcadouros, as necessidades de transporte do Estado estarão attendidas e poderão desafogar-se rumo dos dous portos rio-grandenses do littoral, assim como no dos ancoradouros do Sul de Santa Catharina.

Certo, tal programma é vital para o Rio-Grande. Mas é egualmente vital para o Brasil, afim de se não disseminarem trabalhos e esforços nossos pelos territorios vizinhos, e de se estreitarem cada vez mais os laços da União.

Que representaria semelhante empreendimento, como sacrificio? Uns dous mil e poucos kilometros, valendo uns duzentos e cincoenta mil contos. Compare-se isto com os gastos em pura perda, os desperdicios inexpiaveis da guerra civil, e de nós mesmos indaguemos qual das duas méas consulta o interesse nacional.

Convém notar que, no Rio-Grande, a estrada de ferro rende e exalta a producção desde os primeiros kilometros construidos de qualquer linha. Em geral as crises,

PANDIÁ CALOGERAS

ali, têm sido de congestionamento do trafego, que só começaram a ser logicamente combatidas quando a administração estadual assumiu a direcção da rede. E', pois, elemento de primeira ordem para basear empreendimento progressista na economia publica do fomento de riquezas e de sua circulação.

Que se impõe para lhe dar inicio? A collaboração cordial, patriótica, nacional, isenta de pensamentos reconditos, dos governos interessados, o do Estado e o da União. Homens de energia e clarividencia que saibam e queiram agir.

(Dezembro de 1928).



ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRES-
SO NA EMPRESA GRAPHICA DA "RE-
VISTA DOS TRIBUNAES" A RUA XA-
VIER DE TOLEDO, 72, EM S. PAULO,
PARA A COMPANHIA EDITORA NACIO-
NAL, EM OUTUBRO DE 1915.